

U N I V E R S I D A D E D O M I N H O

17/1
2 0 0 3

17/1
2 0 0 3

REVISTA DO
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

DIACRÍTICA

revista do centro de estudos humanísticos
universidade do minho

Série CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

DIRECÇÃO

MARIA EDUARDA KEATING
ANA GABRIELA MACEDO

COORDENADORA

MARIA ALDINA MARQUES

COMISSÃO REDACTORIAL

ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN
ERWIN KOLLER
JOSÉ TEIXEIRA
MANUEL SILVA
MARIA ALDINA MARQUES
MARIA DO PILAR BARBOSA

COMISSÃO CIENTÍFICA

ÁLVARO IRIARTE (U. Minho), AMADEU TORRES (UCP), ANTÓNIO MIRANDA (U. Aveiro), BRIAN HEAD (U. Minho), DIETER MESSNER (U. Salzburgo), EDUARDO PAIVA RAPOSO (U. da Califórnia), ERWIN KOLLER (U. Minho), FERNANDA BACELAR (Centro de Linguística da U. de Lisboa), HANS SCHEMANN (U. Minho), ISABEL ERMIDA (U. Minho), IVO CASTRO (U. Lisboa), JOAQUIM FONSECA (U. Porto), JORGE MORAIS BARBOSA (U. Coimbra), JOSÉ LUÍS CIFUENTES HONRUBIA (U. Alicante), JOSÉ LUÍS RODRIGUES (U. Santiago de Compostela), JOSÉ TEIXEIRA (U. Minho), MARIA ALDINA MARQUES (U. Minho), MARINA VIGÁRIO (U. Minho), MARY KATO (U. Campinas), PILAR BARBOSA (U. Minho), SÓNIA FROTA (U. Nova de Lisboa)

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELA
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Os artigos propostos para publicação devem ser enviados ao Coordenador.
Não são devolvidos os originais dos artigos não publicados.

DEPOSITÁRIO:

LIVRARIA MINHO
LARGO DA SENHORA-A-BRANCA, 66
4710-443 BRAGA
TEL. 253271152 • FAX 253267001

CAPA: LUÍS CRISTÓVAM

ISSN 0807-8967

DEPÓSITO LEGAL N.º 18084/87

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

OFICINAS GRÁFICAS DE BARBOSA & XAVIER, LIMITADA
RUA GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, 31 A e C — 4700-385 BRAGA
TELEFONES 253263063/253618916 • FAX 253615350

Nota de Apresentação

A presente edição da *Diacrítica*, o n.º 17 – Série Linguística, inicia um novo ciclo na vida da revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, com uma nova estrutura e uma nova direcção, tendo como principal objectivo continuar a «ser a voz credível das Humanidades na Universidade do Minho», segundo as palavras do seu fundador, Prof. Vítor Manuel de Aguiar e Silva, director do Centro de Estudos Humanísticos durante mais de vinte anos.

Dado o desenvolvimento e diversificação da investigação realizada no CEHUM ao longo dos últimos anos e a consequente consolidação do trabalho das diferentes linhas de acção do Centro, verificou-se a necessidade de reestruturar a revista *Diacrítica*, no sentido de uma maior coerência interna e de uma maior visibilidade das diferentes áreas de investigação. Foi então decidido que a revista passaria a organizar-se em três séries anuais – Linguística, Literatura, Filosofia e Cultura – de modo a permitir uma edição mais homogénea dos trabalhos de investigação, sem prejuízo do carácter eminentemente transversal e interdisciplinar da investigação em Ciências Humanas nos nossos dias e que desde sempre presidiu à orientação e à definição do CEHUM.

Assim, a esta primeira série dedicada às Ciências da Linguagem, seguir-se-á muito em breve a edição da segunda série – Filosofia e Cultura – e posteriormente a terceira série – Literatura.

Pretendemos manter o nível científico já alcançado pela Diacrítica a nível nacional e, dentro do possível, desenvolver uma maior implantação a nível internacional, incentivando a permuta de revistas congéneres e solicitando colaborações de especialistas nas distintas áreas. A Revista, através de cada uma das séries específicas, continuará a dar voz à investigação dos membros deste Centro e das suas linhas de acção, promovendo sempre, contudo, os saberes interdisciplinares.

MARIA EDUARDA KEATING
ANA GABRIELA MACEDO

Diathèse et aspect en français contemporain

SÍLVIA LIMA GONÇALVES ARAÚJO

Universidade do Minho
saraujo@ilch.uminho.pt

RESUMO

Não pretende este estudo ser uma abordagem geral da categoria 'aspecto', nem sequer constituir argumento sobre a controversa existência da diátese passiva em francês (sobre este assunto, ver Hugot 1981: 2-13). Queremos apenas, a partir de uma análise semântico-enunciativa de algumas estruturas pertencentes a uma mesma família parafrástica, mostrar que um estudo atento e pormenorizado de uma construção como a activa ou a passiva tem de dar conta de todos os valores em jogo (aspecto, tempo e determinação nominal). O nosso objectivo é precisamente descrever e analisar essas interacções e a forma como se manifestam nas relações que os argumentos de enunciados activos e passivos estabelecem com o predicado. Para tal, recorreremos a um quadro teórico específico, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de A. Culioli, que se mostra adequado para a descrição e análise dos fenómenos em questão, na medida em que fornece um modelo de explicação global, que integra e inter-relaciona as diferentes categorias e os valores que podem ter.

Palavras-chave: diátese passiva, aspecto, tempo, relação predicativa, termos de partida, complemento de grau zero.

1. Introduction

Trop souvent, l'acquisition et l'assimilation d'une catégorie grammaticale, en enseignement de français langue étrangère, est effectuée isolément, indépendamment des autres et on laisse à l'apprenant l'initiative de les mettre en œuvre et d'établir les liens. Et malheureusement, l'apprenant donne souvent de la langue seconde l'impression d'un objet compartimenté. Or, toute contribution à une globalisation de l'enseignement grammatical peut être considérée comme positive. Le rôle du professeur est bien alors de mettre en évidence les relations

cachées derrière les télescopages, les effacements, les enchevêtrements qui affectent la mise en forme linéaire.

Notre propos est ici de poser les bases d'une analyse des rapports entre la 'diathèse' et l'aspect', en faisant appel à la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives de A. Culioli. Après un rapide aperçu de la littérature qui tâche de faire ressortir les liens entre le passif et l'aspect, nous verrons de quelle façon on peut mettre en œuvre un système d'écriture qui permette de rendre compte des opérations de construction de l'énoncé, et plus spécifiquement, de l'orientation diathétique¹ du prédicat. Et c'est à partir de ces jeux d'orientation et des choix faits au moment de l'instanciation² d'un même schéma théorique abstrait que nous essayerons de décrire les variables définissant l'aspect. On verra de la sorte que le jeu des valeurs aspectuelles sous-jacentes aux différents membres d'une même famille paraphras-tique est largement tributaire de «l'organisation de la distribution des rôles de sujet et d'objet dans un prédicat» (Franckel 1994: 231).

2. Analyse «classique» des valeurs aspectuelles du passif

Nous n'avons pas pu nous livrer à une analyse approfondie des constructions passives du français, mais nous avons rencontré chez Gougenheim 1938, Klum 1961, cité d'après le compte-rendu de R. Martin 1965: 67-79, Wagner et Pinchon 1962 et Authier 1978 des observations convergentes qui ont orienté notre démarche.

Klum 1961 observe que la phrase (a) qui a un verbe fini «perfectif» n'est interprétable que comme une phrase au «passif d'action» paraphrasable par (b) tandis que la même phrase sans mention du complément d'agent (c) est interprétée comme une phrase au «passif d'état» ou «passif résultatif», donc non paraphrasable par (d)³:

- (a) *l'arbre est abattu par le bûcheron* ↔ (b) *l'arbre est en train d'être abattu par le bûcheron*

¹ Nous empruntons ce terme à Desclés et Guentchéva (1993: 83).

² L'**instanciation** est une opération qui consiste à remplir au moyen de notions spécifiques les places d'un schéma théorique abstrait que Culioli (1976: 64 et 76) appelle «**schéma de lexis**».

³ Gougenheim (1938: 222) signale en outre que ce type de valeur (qui exprime l'état résultant d'un procès antérieur) ne vaut que si *être* est conjugué au présent, à l'imparfait ou, selon lui, au futur. Il oppose ainsi: *cette maison est construite en pierres de taille* (≠ on **construit** cette maison en pierres de taille / cette maison **fut construite** en pierres de taille (≠ on **construisit** cette maison en pierres de taille).

(c) *l'arbre est abattu* ↔ (d) *l'arbre est en train d'être abattu*

(exemples repris de Martin 1965: 78)

Cette alternative liée à la mention du complément d'agent ne se présente pas pour les verbes «imperfectifs» qui ne connaissent pas de «passif résultatif».

Wagner et Pinchon (1962: 286-7) observent parallèlement que:

- (i) si une forme passive d'un verbe «perfectif» se présente dans une phrase élémentaire *sans* complément d'agent, la phrase décrit un état consécutif à une action achevée, par ex.: *le château est restauré* → *on a restauré le château* (*ibid.*: 286)
- (ii) si une forme passive d'un verbe «perfectif» se présente dans une phrase élémentaire avec complément d'agent, la phrase décrit le déroulement d'une action «perfective» (du point de vue du patient), par ex.: *le château est restauré par une équipe d'ouvriers habiles* → *une équipe d'ouvriers habiles est en train de restaurer le château* (*ibid.*: 287)
- (iii) que si une forme passive d'un verbe «imperfectif» se présente avec ou sans complément d'agent dans une phrase élémentaire, la phrase décrit toujours le déroulement d'une action «imperfective», par ex.: *ce chien est tenu en laisse (par son maître)* → *quelqu'un/son maître est en train de tenir ce chien en laisse*.

Les observations concordantes de Klum et de Wagner et Pinchon sont corroborées pour ce qui concerne l'interprétation aspectuelle des phrases passives sans complément d'agent par trois tests appliqués par Authier (1978: 160-1) à deux couples de phrases mettant en contraste une construction [on V] et une construction [SN est V-é]:

- (e) *on répare la serrure* vs *la serrure est réparée*.
- (f) *on surveille la gare* vs *la gare est surveillée*.
- (i) (g) *personne ne répare la serrure, elle est (déjà) réparée*

est acceptable à l'inverse de:

- (h) **personne ne surveille la gare, elle est (déjà) surveillée*.
- (ii) (i) *la serrure n'est pas (encore) réparée, on la répare*

est acceptable à l'inverse de:

- (j) **la gare n'est pas surveillée, on la surveille.*
 (iii) (k) *je voudrais savoir si on répare la serrure, ou bien si elle est (déjà) réparée*

est acceptable à l'inverse de:

- (l) **je voudrais savoir si on surveille la gare, ou bien si elle est surveillée.*

Authier en conclut que pour un type de verbe donné qu'elle appelle [B] (= «verbes imperfectifs» de Wagner et Pinchon 1962) «à un instant donné, si [on V y] est vrai, alors [y est V-é] l'est aussi», contrairement à un autre type de verbes qu'elle appelle [A] (= «verbes perfectifs»). Les expansions possibles déjà, encore (cf. *supra*, (g), (i), (k)) l'incitent à «caractériser la non équivalence de [on V y] et de [y est V-é] en termes de phases successives» (*ibid.*: 161) pour les verbes du type [A].

À la lumière de tous ces exemples tirés de certains travaux consacrés à la diathèse passive, on constate assez rapidement le caractère dissymétrique de celle-ci par rapport à la diathèse active. Si l'on ne peut nier, bien sûr, l'existence de liens très forts entre ces deux formes ⁴, on s'attachera à démontrer que la diathèse passive n'est pas

⁴ L'équivalence vériconditionnelle de l'actif et du passif est un point de vue traditionnel. Ainsi Martin (1976: 108), par ex., affirme que l'actif et le passif sont des paraphrases. De même, durant la période de la grammaire transformationnelle où l'interprétation sémantique s'effectuait sur la structure profonde, l'actif et le passif étaient considérés comme ayant la même structure profonde. Mais il y a de toute évidence des problèmes, surtout avec des phrases contenant des quantificateurs et des négations (cf. à ce propos Van Der Auwera 1987: 217-220, Desclés 1987: 205-209). En conséquence, les transformationnalistes ont peu à peu abandonné cette hypothèse traditionnelle. Chomsky ([1957] 1969: 48, 49, 87-91, 114) reconnaît, en effet, qu'il n'existe pas de véritable équivalence entre les deux formes. L'hypothèse selon laquelle «les transformations n'impliquent aucune addition ou modification du sens» (Dubois 1969: 16) n'est pas linguistiquement fondée, sauf à la limiter aux transformations obligatoires; et dans ce cas, le critère sémantique n'a aucune pertinence puisqu'il s'agit d'un simple réarrangement formel. Or, comme le fait remarquer Benveniste (1975: 6) qui se livre, lui aussi, à une réflexion sur les relations de synonymie: «*Au-delà des conclusions particulières où nous amène chacun de ces problèmes, notre démonstration vérifiera un principe simple: quand deux formulations vivantes fonctionnent en concurrence, elles ne sauraient avoir la même valeur*». Dans la formulation d'A, Culioli (1968: 7): «*Tout changement syntaxique entraîne un changement sémantique*». Il faut donc avoir à l'esprit

simplement un avatar de la forme active, mais dans de nombreux cas elle a une véritable autonomie par rapport à celle-ci.

Il convient donc de systématiser les multiples manifestations du passif et de souligner ce qui fait sa spécificité par rapport à l'actif, et aussi d'analyser quelles stratégies sont mises en œuvre par l'énonciateur à l'intérieur de l'énoncé produit, quand il fait porter l'attention du co-énonciateur sur un constituant particulier.

3. Cadre théorico méthodologique

C'est que nous allons voir maintenant en donnant un aperçu des opérations constitutives d'un énoncé, suivant le modèle théorique élaboré par A. Culioli

3.1. *Notions primitives – relations primitives ou relations ordonnées*

Précisons, d'ores et déjà, que l'un des concepts fondamentaux du cadre théorique de Culioli est le concept de *notion*. Tout individu ou groupe d'individus appréhende la réalité extralinguistique et la découpe en fonction de son expérience, de son environnement, de sa culture⁵. Il en tire des notions dites *primitives* qu'il traduit en sons, puis en mots écrits. Celles-ci appartiennent donc au niveau des représentations mentales (i.e., au domaine cognitif et non pas linguistique).

Dans l'activité langagière courante, le sujet énonciateur part d'une relation primitive⁶ entre deux notions de type lexical (a), /a/ et /b/ qui

qu'un énoncé passif n'est pas le résultat d'une transformation mécanique à partir d'un énoncé de base actif, ni une reformulation paraphrastique à contenu propositionnel constant.

⁵ On remarquera, par ex., qu'il y a des découpages, effectués par les énonciateurs, qui sont différents en anglais et en français: il est bien connu, par ex., que le même tas de bagages est vu par des anglais comme un tas insécable, continu (*luggage*) et comme un tas d'unités séparées par un français (*des bagages*), ce qui montre bien que la référence à la distinction unique/multiple ne saurait correspondre au codage immédiat des propriétés physiques de l'objet représenté par tel ou tel nom; ces derniers fonctionnent selon la vision qu'en ont les énonciateurs. C'est le «mode d'appréhension de l'objet» (cf. Charreyre 1980) qui fera que tel nom fonctionnera d'une façon ou d'une autre.

⁶ Notons que la relation primitive est une hypothèse de travail: elle n'a, à ce stade, pas encore reçu d'expression proprement linguistique. Bien qu'elle soit de nature prélinguistique, elle est indispensable pour comprendre des énoncés linguistiques réels

est spécifiée par une troisième notion, également de type a, /r/. Il s'agit d'une relation *ordonnée*, dans la mesure où on peut distinguer une notion source et une notion but.

Par exemple, entre *Jean* et *linge*, la relation est immédiatement perçue comme allant du *laveur* vers le *lavable* en ce sens où si on a «un laveur» et «du linge», dans quelque langue que ce soit, c'est le laveur qui lave le linge et non pas l'inverse. Cette relation va s'effectuer au moyen d'un relateur, la notion de *lavage*.

Nous voilà donc dotés d'une relation ordonnée, allant de la source *Jean* vers son but ou son point d'arrivée *linge*, au moyen de l'opération de *laver*. Il est donc bien clair que les notions symbolisées par **a**, **r** et **b** ont des propriétés primitives (animé humain/non humain/inanimé, prédicat à n-places, entres autres) qui, si l'on en croit Gauthier (1981: 223) «s'ordonnent les unes par rapport aux autres en fonction de critères qui ne sont ni linguistiques, ni spécifiquement langagiers, mais qui incluent certains aspects de la connaissance du monde (cf. Culioli 1976: 40). Ce sont ces associations données (entre *laveur/lavable*, *berger/moutons*, *joueur/jeu*, par ex.) qui vont permettre de construire l'énoncé et de le rendre interprétable. Mais l'énonciateur a cependant un degré de liberté qui fait que la production d'énoncés n'est pas un procédé mécanique de génération de parties de discours dont les relations auraient été pré-établies.

Comme nous le verrons, la diathèse passive donne justement la liberté (mais sous certaines contraintes) d'organiser l'ordre linéaire de l'énoncé à l'inverse de la relation primitive⁷. Avec les notions et

de type: (i) *Jean se lave tous les jours* ou (ii) *les nourrissons se lavent tous les jours*. Comme le remarque à juste titre Rivière (1995: 190), entre (i) et (ii), on constate qu'il y a une perte d'autonomie, une «chosification» du sujet. En (i), Jean est considéré comme un adulte responsable, ce qui permet la construction du «réfléchi» (a → a); en revanche, il est impossible de l'interpréter; en (ii), comme «réfléchi», car, bien qu'animés et humains, les nourrissons n'ont aucune autonomie: on a donc affaire ici à une construction en *se* de sens passif qui met en position de sujet syntaxique le terme but de la relation primitive (b → ()). Notons finalement que dans un énoncé du type (iii) *les enfants se lavent tous les jours*, l'interprétation n'est pas de «sens passif» de façon évidente. En effet, on hésite entre, d'une part, «sens passif», parce que la construction en question pourrait fort bien être énoncée comme un conseil par un pédiatre («les enfants, ça se lavent tous les jours»), et d'autre part le sens «réfléchi», dans la mesure où un enfant peut être autonome. Il est bien clair que l'on ne se trouve plus ici dans le cadre bien balisé d'une représentation rigide, immuable de la signification. La «déformabilité» (cf. Culioli 1986: 5), c'est-à-dire la possibilité de faire varier des structures dans un jeu interprétatif semble être une des propriétés du langage en acte.

⁷ Comme le fait remarquer Chevalier (1981: 34), la diathèse «est une architecture; elle n'est qu'une façon d'ajuster des éléments».

les relations primitives, on a donc affaire, dès le départ, à des faisceaux de traits et de propriétés hybrides, qui déterminent entre les termes un **ordre** compatible avec plusieurs **orientations** de la relation prédicative, et qu'on ne confondra pas avec l'ordre linéaire des agencements de surface.

3.2. De la relation primitive à la relation prédicative ou relation orientée

Pour quitter cette première étape prélinguistique qui reste du domaine du psycholinguistique, il nous faut, à présent, lexicaliser et catégoriser les notions qui composent, on l'a vu, la relation primitive. On procède ainsi à la constitution de termes qui vont remplir un schéma théorique abstrait⁸ dit *schéma de lexis*. Ce schéma relie une place de départ ξ_0 à une place d'arrivée ξ_1 par l'intermédiaire d'un opérateur π (cf. Desclés 1992: 211), selon la formule:

$$\langle \xi_0 \quad \xi_1 \quad \pi \rangle$$

Après l'instanciation de ce schéma par les termes-notions de la relation primitive, nous obtenons une **relation prédicative élémentaire**⁹ (du type < Djamel – vendre – tapis >) qui fonctionne comme une

⁸ Dans la mesure où ce schéma abstrait «à la fois contenu propositionnel et schéma vide» (Culioli 1985: 74) se situe en dehors du positionnement linéaire de surface, il évite, comme le remarque à juste titre Rivière (1977: 138), «l'écueil classique de la correspondance entre le schéma profond et le schéma de surface: l'écriture habituelle, qui ne dispose que d'un seul procédé, la concaténation de gauche à droite, empêche de distinguer l'ordre profond du positionnement de surface». Voilà pourquoi, nous nous démarquons de l'héritage des grammaires traditionnelles mais aussi des théories plus récentes qui traitent les phénomènes observables en surface comme des remaniements mineurs qui n'affectent l'ordre des constituants que dans un but rhétorique. Nous allons essayer de montrer comment à partir d'un même schéma abstrait, il est possible de ramener à une série d'opérations homogènes plusieurs phénomènes qui se manifestent à la surface.

⁹ Précisons, d'ores et déjà que la relation prédicative (ci-après λ) n'est pas un énoncé, puisqu'elle n'est pas prise en charge par un énonciateur. On ne peut lui assigner sa référence qu'en la repérant par rapport à une situation d'énonciation particulière (notée **Sit**). Cette opération est représentée par la formule: $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ où \in est l'opérateur de repérage et **Sit** est la variable d'énonciation (Culioli 1982: 10). L'opération s'effectue, comme on peut le voir, grâce à un **opérateur de repérage** (symbolisé par un epsilon souligné: \in) qui fait correspondre un terme repéré avec un terme repère: X

forme génératrice à partir de laquelle nous pouvons établir une famille de relations prédicatives, et, par conséquent, une quantité d'énoncés de *surface* différents¹⁰ comme:

- (1) Djamel vend des tapis
- (2) Djamel, il vend des tapis
- (3) Djamel (qui) vend des tapis!
- (4) (hier), Djamel a vendu les tapis en moins d'une heure
- (5) les tapis, Djamel les a vendus
- (6) c'est Djamel qui a vendu les tapis
ou bien encore:
- (7) ces tapis ont été vendus
- (8) ces tapis ont été vendus par Djamel
- (9) ces tapis sont vendus
- (10) ces tapis sont vendus à rabais
- (11) ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel

Comme on peut le constater, l'organisation syntactique des énoncés (1)-(11) qui sont, entre eux, en relation paraphrastique¹¹ varie en fonction du choix du **terme de départ**¹² (ou repère prédicatif)

(= repéré) \in Y (= repère). Le repérage correspond donc à la construction d'une relation binaire du type $X \in Y$ qui se lit «X est repéré par rapport à Y». Grâce à cette opération, X voit ainsi son degré de détermination accru (cf. entre autres, Culioli 1976: 107; 1982: 4-5).

¹⁰ Dans ce *corpus*, on ne prend que le français comme exemple et on s'est restreint à quelques formes, afin de ne pas compliquer ou alourdir un exposé volontairement schématique. Ce *corpus* doit donc se concevoir comme une illustration minimale. Il est destiné à être développé et approfondi tout au long de cette étude.

¹¹ Précisons que l'appartenance d'un énoncé à une famille paraphrastique n'est pas fondée sur une «intuition sémantique» ou sur des critères morpho-syntaxiques, mais par une succession d'opérations, qui, à partir d'un schéma d'énoncé instancié, permet de dériver les énoncés d'une même famille.

¹² Précisons que le **terme de départ** est au sens strict le **thème**, ou *ce à propos de quoi il est prédié quelque chose*. Notons, néanmoins, que l'étiquette «thème» pose problème, car elle confond deux opérations de niveaux différents (niveau prédicatif = organisation de la **relation**; niveau énonciatif = organisation de l'**énoncé**). Ces deux opérations sont pourtant distinctes et même distinguables en surface dans certaines langues. Tel est le cas en français, par exemple dans des structures thématiques du type: (20) *moi, mon frère, ses tapis, il les vend au marché* où, comme on le voit, les termes thématiques («moi», «mon frère» et «ses tapis») qui sont «sortis» de la relation prédicative ne correspondent pas au terme de départ de celle-ci: dans l'exemple (20), le terme de

à partir duquel s'organise la relation prédicative (cf. *supra*, < Djamel – vendre – tapis>): *Djamel* en (1), (2), (4) et (5), *les tapis* en (7) et (11), et la relation non saturée <()rb>¹³ en (6). En (3), aucun des termes est distingué, la relation prédicative est bel et bien repérée en bloc par rapport à la situation d'énonciation¹⁴.

La différence cruciale avec l'optique transformationnelle, c'est qu'aucune de ces structures n'est posée comme initiale ou canonique. Même lorsque le terme de départ coïncide avec le terme-source de la relation primitive, comme c'est le cas dans les exs (1), (2), (3) et (4) transcrits ci-dessus, il s'agit encore d'une structure dérivée, à savoir la construction dite «active» qui est plus simple et plus «naturelle» vu qu'elle respecte l'ordre primitif: < **a** \vec{r} **b** > (**a** est alors *source* et *terme de départ* et **b** est *but* et *arrivée* de la relation). Aussi cette construction est-elle attestée dans toutes les langues, et plus précocement acquise par l'enfant que les structures dites de passivation qui inversent l'ordre sous-jacent en prenant pour terme de départ le terme-but de la relation primitive: < **a** \vec{r} **b** > ou bien < **b** \check{r} **a** > (**b** peut être choisi comme *terme de départ*, mais il conserve son rôle de *but*), comme c'est le cas en (7)-(11). Il est donc clair qu'en choisissant un terme de départ, l'énonciateur se donne une contrainte qui va conditionner l'orientation de la relation prédicative¹⁵ et, par la même

départ est «il» dans «il vend des tapis». On remarquera que les termes qui sont posés en premier lieu ont leur représentant anaphorique dans la relation prédicative: *il* (pour «mon frère»), *les* (pour «ses tapis»). En ce sens, on peut dire que la construction de ces termes thématiques (que Culioli 1982: 16 appelle «repères constitutifs») marque une re-thématisation (ou thématisation forte) de certains éléments de la relation prédicative.

¹³ En effet, l'énoncé (6) ne peut être engendré qu'à la suite d'une question (du type: *qui a vendu les tapis?*) qui cherche à déterminer le déclencheur animé humain qui est à l'origine du processus *vendre les tapis*. Autrement dit, cette question est bel et bien le terme de départ de l'énoncé (6) qui n'est, en réalité, que la réponse donnée à cette question initiale. Il semblerait que l'unique terme qui instancie la place non saturée représentée par le marqueur *qui* soit «Djamel». C'est donc lui qui permet la validation de la relation prédicative (cf. Campos 1993: 52).

¹⁴ On notera que l'intonation est alors différente de celle qui correspondrait à l'exemple (1) mentionné ci-dessus: elle est facilement exclamative dans la mesure où l'énoncé prend, en (3), une valeur de surprise. Celle-ci tient au fait que l'énoncé est interprété comme un procès unique, ancré dans une situation spécifique qui peut se gloser par: *en ce moment, Djamel est occupé à vendre des tapis*. Il est clair que partout la prosodie (intonation et accent) joue un rôle très important dans l'organisation thématique de l'énoncé.

¹⁵ On ne peut pas prendre, en effet, n'importe quel terme pour être repère de la relation prédicative. Un élément but dans la relation prédicative ne peut devenir **Co** que si une opération de détermination quantitative a eu lieu. Ceci expliquerait l'acceptabilité

occasion, les variations possibles au niveau de l'assignation de valeurs référentielles (temps, aspect, modalité, etc.).

4. Approche sémantico-énonciative du *corpus*

En effet, les énoncés (1)-(11) donnés ci-dessus permettent, comme nous le verrons, de faire jouer conjointement variation diathétique et variation temporo-aspectuelle. Ces variations ne se laissent épinglez facilement que si l'on apporte, tout d'abord, une réponse claire à la question suivante: comment décrire des occurrences aussi diverses, et comment mettre en évidence ce qu'elles peuvent avoir en commun? ¹⁶

douteuse de séquences telles que: (a) **de la viande est mangée par les tigres*. La phrase — générique: (b) *les tigres mangent de la viande* ne peut pas être passivée car avec la phrase active (b), on prédique quelque chose de «tigres»: on dit que les tigres ont une certaine propriété, alors qu'en (a), la phrase passive, ce sont les propriétés de «viande» qui se retrouvent au centre de l'opération de prédication. On a donc bien compris que:

- (i) la thématization d'un terme ne peut pas être considérée «comme une opération qui viendrait se surajouter, elle est liée à la quantification, à l'orientation du prédicat, et toutes ces opérations sont liées entre elles» (Culioli 1976: 67);
- (ii) le choix d'utiliser le passif n'est pas une simple manipulation syntaxique, mais un choix énonciatif, celui du thème sur lequel centrer le propos. La nécessité de la détermination de l'argument terme de départ de la relation prédicative à la diathèse passive bloque l'application d'un schéma mécaniste qui consisterait à opérer la permutation.

¹⁶ Lorsqu'on cherche à examiner les phénomènes aspectuels et diathétiques en se fondant sur de telles classes paraphrastiques ou quasi-paraphrastiques, on peut admettre, en effet, qu'on se propose toujours comme but premier d'exhiber à la fois les **propriétés différentielles** qui distinguent les uns des autres les membres d'un paradigme donné et les **propriétés communes** qui constituent ces membres en une classe paradigmaticque unique. D'où la double contradiction fondamentale de l'énonciation, entendue au sens de production et reconnaissance interprétative de textes; d'un côté, «il n'existe pas d'énoncé isolé: tout énoncé est un parmi tant d'autres, épinglez par l'énonciateur dans le paquet des énoncés équivalents possibles» (Culioli 1973: 86); de l'autre, «il n'existe pas d'énoncé qui ne soit modulé, c'est-à-dire qui ne soit un phénomène unique» (*ibid.*: p. 87). C'est cette dialectique entre appartenance à une famille et unicité que nous proposons de considérer dans cette étude. Notre intérêt se portera en priorité sur tout ce qui peut constituer une variation. Il y a, nous semble-t-il, plusieurs façons de les faire apparaître. La première consiste à mettre le *corpus* en relation avec lui-même. Nous comparerons alors les différents opérateurs qui sont successivement associés aux occurrences d'un même lexème. Cela nous amènera, par ex., à nous demander pourquoi un verbe répété plusieurs fois (tel est le cas du verbe *vendre* dans notre *corpus*) apparaît d'abord avec l'auxiliaire *être*, puis avec l'auxiliaire *avoir* ou bien encore avec les deux

Si l'on décrit les énoncés (1)-(11) transcrits ci-dessus du seul point de vue des formes verbales, en laissant de côté toute référence à des catégories, on constate, d'ores et déjà, des similarités entre quatre groupes d'énoncés:

- Groupe I:

- (1) *Djamel vend des tapis;*
- (2) *Djamel, il vend des tapis*
- (2) *Djamel (qui) vend des tapis!*

qui se caractérisent par une absence d'auxiliaire (nous parlerons d'«auxiliaire zéro», noté **AUX** \emptyset) et par la forme nue du verbe (que nous considérerons comme une «désinence zéro», et que nous noterons **V- \emptyset**);

- Groupe II:

- (9) *ces tapis sont vendus*
- (10) *ces tapis sont vendus à rabais*
- (11) *Ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel*

qui se caractérisent par l'auxiliaire *être* (noté **AUX** **E**) et la désinence du participe passé sur le verbe (que l'on notera **V-u**);

- Groupe III:

- (4) *Djamel a vendu les tapis en moins d'une heure*
- (5) *les tapis, Djamel les a vendus*
- (6) *c'est Djamel qui a vendu les tapis*

auxiliaires en concomitance. La seconde procède à l'inverse. Une fois repéré un marqueur récurrent, il s'agira de distinguer les différences de valeurs qui résultent de ses emplois. Cela nous amènera, par ex., à essayer de voir quelles sont les opérations qui permettent d'investir une même forme de plusieurs significations: par exemple, la présence des mêmes marqueurs être + «participe passé» dans le passé composé (*il est venu*), et dans le passif présent (*il est cassé*) (cf. Vassant 1980: 144 ou Okiwelu 1981: 131). Dans les deux cas (les répétitions de lexème avec changement d'opérateurs tout comme les répétitions d'opérateurs avec changement de valeur), le linguiste doit avoir une nette idée des présupposés, des points de vue, et des raisons qui ont guidé l'énonciateur dans ses choix (aspectuo-temporels et diathétiques), ses jeux d'écriture et ses agencements.

qui se caractérisent par l'auxiliaire *avoir* (noté **AUX A**) et la désinence **V-u**.

Par ailleurs, seules constructions à deux auxiliaires de notre *corpus*, les énoncés:

(7) *ces tapis ont été vendus*

(8) *les tapis ont été vendus par Djamel*

qui se caractérisent par **AUX A**, suivi de **AUX E**, lui-même affecté de la désinence -é (soit: **AUX E-é**), suivi de **V-u**. On considérera que cette construction définit un groupe IV.

Si l'on convient de noter **Co** le sujet de l'énoncé pour éviter toute interférence¹⁷, on peut caractériser les quatre groupes comme suit:

- groupe I: **Co AUX Ø V-Ø ...**
- groupe II: **Co AUX E V-u ...**
- groupe III: **Co AUX A V-u ...**
- groupe IV: **Co AUX A AUX E-é V-u ...**¹⁸

Nous allons nous interroger sur les contraintes qui font que le sujet énonciateur se trouve obligé de choisir l'un de ces quatre types en fonction de ce qu'il a à dire, et des règles de la langue. Se poser une telle question, c'est tenter de dégager le sémantisme propre à chacune des formes rencontrées dans notre *corpus*, c'est-à-dire celui de chacun des trois auxiliaires **Ø**, **E** et **A**, ainsi que celui de chacune des deux désinences **-Ø** et **-u**.

¹⁷ En effet, pour éviter d'avoir recours à un système hétérogène mêlant propriétés interprétatives de l'objet, construction énonciative, paramètres syntaxiques, Culioli (1968: 10) ne parle pas de sujet (ou de complément d'objet) mais de complément de rang 0 (**Co**) (et de complément de rang 1, **C1**). On a ainsi, au niveau strictement positionnel, un ordonnancement déterminé par la seule linéarité de la phrase: de gauche à droite, **Co**, puis, (éventuellement) **C1**, puis **C2**.

¹⁸ En jetant un coup d'oeil sur les quatre groupes présentés ci-dessus, on constate que notre *corpus* comporte deux marques principales de morphologie: l'auxiliarisation et la sur-auxiliarisation. L'auxiliarisation est portée par *avoir* ou *être* (formes simples) et la sur-auxiliarisation est assurée par *avoir été* (forme composée de l'auxiliaire *être*).

4.1. Auxiliaires être et avoir et valeurs du participe passé

L'auxiliaire, dans le modèle proposé par Culioli, n'occupe à aucun moment de place privilégiée ni ne fait l'objet d'une étude autonome. En ce sens, il serait envisagé, au même titre que l'article, comme marqueur d'un certain type de détermination des valeurs référentielles. Cette détermination se fait en surface sur le prédicat plus précisément, mais concerne en fait la relation prédicative tout entière dans sa «prise en charge» par un sujet énonciateur. Qu'il s'agisse de l'orientation de cette relation (problèmes de diathèse), ou du marquage du temps, de l'aspect ou de la modalité, on s'aperçoit assez rapidement que, chez Culioli, l'«auxiliation se rattache aux phénomènes plus fondamentaux que sont les opérations prédicatives et énonciatives, c'est-à-dire la mise en relation par repérages successifs des différents éléments-arguments et prédicat- qui vont constituer une relation prédicative et la mise en relation par d'autres repérages de la relation ainsi constituée avec les coordonnées énonciatives» (Chuquet 1987: 103).

On notera, par exemple, que l'on passe de l'emploi de l'auxiliaire *avoir* dans:

(4) *Djamel a vendu les tapis en moins d'une heure*

à l'auxiliaire *être* dans:

(9) *ces tapis sont vendus,*

et que si dans l'énoncé (4) l'auxiliaire **avoir** marque intrinsèquement un changement d'état, il n'en va pas de même pour (9). En effet, la forme en *être*, en (9), correspond à un état détaché de ses conditions d'apparition. Un tel état marque donc une indépendance par rapport aux facteurs agentifs du changement d'état dont il peut par ailleurs être considéré comme une conséquence: il y a eu franchissement de frontière à un moment indéterminé, et l'énonciateur n'envisage pas d'autre franchissement de frontière, d'où la valeur stative, et l'utilisation du participe passé avec une valeur adjectivale. *Être vendu* correspondrait donc à une homogénéisation de l'intérieur¹⁹ (ci-après **I**) du

¹⁹ Voyons, très rapidement ce que signifie ce concept en imaginant le domaine notionnel à partir de la notion **chien**. Rappelons seulement que cette notion, qui est une entité purement pré-lexicale, ne peut être appréhendée qu'à travers des occurrences de cette notion. C'est donc en construisant autour de cette notion ce que Culioli (1981: 66-

domaine notionnel du vendu, excluant tout ce qui n'est pas vendu. Il n'y a donc **temporalisation que de I**, en ce sens que *autre que I* n'a aucun statut sur la classe des t²⁰.

En d'autres termes, le participe passé (*vendu*) marque, dans ce cas, une homogénéisation qualitative du domaine notionnel associé au procès (ci-après **P**), et du même coup l'auxiliaire *être* marque une identification de ce domaine homogénéisé à la classe des t, ce qui n'est point le cas, on s'en doute, lorsque le participe passé se compose avec l'auxiliaire *avoir*: dans ce cas, il y a d'emblée temporalisation de ce qui n'est pas **I**, en ce sens «qu'il y a temporalisation du passage du notionnellement non structuré au notionnellement structuré (stabilisé, homogénéisé)» (Franckel, 1989: 105).

Sur le plan conceptuel, *avoir*, employé dans les temps composés, apparaît de la sorte en premier lieu comme l'auxiliaire de l'antériorité (cf. De Kock 1969: 32; Okiwelu 1981: 126) pour tous les verbes aussi bien intransitifs (ex.: *il a couru*) que transitifs (ex.: *il a vendu tous ses tapis*). Il s'oppose à un auxiliaire de forme zéro dans les temps simples

-67) appelle un domaine notionnel que l'on va pouvoir la délimiter et que l'on va pouvoir ainsi distinguer «ce qui est **chien**», c'est-à-dire l'**Intérieur** du domaine, noté **I**, «ce qui n'est pas **chien**», l'**Extérieur**, noté **E**, et «ce qui n'est pas tout à fait **chien**» et qu'on appelle la **Frontière**, notée **F**. On a ainsi un domaine qui localise toute occurrence dans une zone (centre, intérieur, frontière, extérieur). Il n'est pas sans intérêt de souligner que certains verbes autorisent de telles variations à l'intérieur du domaine. C'est ce qui se produit dans des énoncés comme: *la maison n'est pas encore entièrement construite* ou *la maison est presque construite*, où *pas encore entièrement* et *presque* indiquent qu'on est à l'extérieur du domaine, très proche de la frontière, mais qu'on n'est pas à l'intérieur. Dans ces deux énoncés, la localisation du procès dans le temps peut s'interpréter comme **pas encore I** (susceptible de correspondre à **pas encore fini de**) ou à **pas vraiment I**: *la maison qui est en train d'être construite n'est pas encore (tout à fait) construite*. Si l'on prend, à présent, des exemples comme ceux qui suivent: *la maison, il a fini de la construire; ça y est! Il l'a construite sa maison; il a enfin construit sa maison*, on remarque qu'il y a, au contraire, coïncidence entre l'attendu, le souhaité, le visé (le à construire) et l'effectivement réalisé (le construit). Cette conformité du procès **P** à **I** valable correspond ici à une forme de «réussite», entendue dans un sens très large. Il est donc bien clair que l'intérieur **I** n'est validé que dès lors qu'il n'existe plus de t localisant autre chose que **I**, c'est-à-dire dès lors que le domaine notionnel associé à **P** est **au-delà** d'une non structuration.

²⁰ Culioli 1980 préfère ce concept à celui plus classique d'axe temporel, parce que rien ne prouve que les instants qui repèrent les procès soient ordonnés sur un axe (à moins de confondre temps linguistique et temps chronique), et parce que la structuration est au moins autant aspectuelle que temporelle: il s'agit non seulement d'un repérage par rapport à l'instant-origine (To) mais aussi de la construction d'inter-valles correspondants aux valeurs aspectuelles obtenues.

(ex.: *il vend des tapis*). Son absence dans les formes passives (dans les temps composés du passif, **avoir** est seulement auxiliaire de **être**) fait en outre que cet auxiliaire n'accompagne que des **Co** agentifs qu'il contribue de la sorte à désigner. Il ne faut donc pas s'étonner si c'est l'auxiliaire **avoir** qui prévaut dès lors que le procès est construit relativement à une finalité, comme en témoigne assez bien l'énoncé (4) ci-dessus. Cette forme en **avoir** constitue, en effet, la trace d'un état indissociable du changement qui l'engendre. Étant donné que cet état est repéré relativement à un sujet humain (cf. *supra*, *Djamel*), il y a agentivité: il y a, en fait, une corrélation directe entre la présence de l'hétérogénéité sur la classe des t telle que la marque le temps T_2 ²¹ de l'événement linguistique décrit en (4) et l'apparition d'une valeur agentive. On notera, néanmoins, que celle-ci n'est pas totalement incompatible avec la forme en **être**. Bien que l'état marqué par cette forme échappe, on l'a vu, à tout contrôle agentif, cela n'empêche pas des constructions secondaires permettant, de façon dissociée, une articulation à un changement d'état,

– soit à travers des jeux d'inférences extra-linguistiques:

(14) *les tapis sont vendus, le magasin est vide,*

– soit par mise en relation à un agent:

(15) *les tapis sont vendus, c'est ton frère (qui les a vendus)*

ou (16) *les tapis sont vendus par M. Dubreuil au marché de Brétigny sur Orge.*

Comme on peut le constater, l'introduction d'un certain type de détermination (*c'est ton frère, par M. Dubreuil*, etc.) sur cette construction en **être** la fait basculer de la valeur de «passif d'état» à celle

²¹ Précisons que le passage de la relation prédicative à l'énoncé correspond à la construction de valeurs référentielles (de temps, aspect, mode, etc.), et plus précisément à la construction d'un événement linguistique (auquel correspond un temps abstrait que nous noterons symboliquement T_2) repéré par rapport au paramètre énonciatif situation d'énonciation-origine (So, To) – ou **Sito**, défini par les paramètres énonciatifs énonciateur-origine **So** et temps d'énonciation-origine **To**. Il s'agit de paramètres abstraits et non de situations, sujets ou temps historiquement déterminés.

de «passif d'action», ce qui prouve qu'il ne s'agit pas d'un simple état, mais d'une construction dont la dynamique est double ²²:

–vers un état résultant ²³ (||), sans agent ou réalisation zéro du SN sujet que nous noterons (∅) (soit: < ∅, (),]vendre[> ∈ tapis (cf. Culioli 1968: 21; Culioli, Fuchs et Pêcheux 1970: 21) ⇒ i.e. «les tapis sont vendus à l'heure qu'il est = ils ne sont plus à vendre») et

–vers un processus imperfectif (||]) à la diathèse passive avec agent spécifié (soit: < M. Dubreuil, (),]vendre[> ∈ tapis fi i.e. «M. Dubreuil vend des tapis = les tapis sont vendus par M. Dubreuil»).

On notera qu'un «passif d'état» peut être également réassocié à un agent lorsqu'un circonstant de localisation:

(17) *ces tapis sont vendus à Auchan* ²⁴

ou un circonstant de manière:

(10) *ces tapis sont vendus à rabais*

est présent dans l'énoncé: on a alors un présent à valeur ouvert. Le fait que le participe passé soit associé à l'auxiliaire *être* n'entraîne donc

²² On voit donc bien qu'un verbe ne renvoie pas de façon permanente à un état ou à un processus, mais à l'un ou l'autre, en fonction d'une série de facteurs dont le principal est la présence ou non d'un terme à valeur agentive.

²³ Vogüé (1991: 52) définit ainsi l'état résultant: «Les paramètres sont: (i) l'attribution de propriétés à l'objet (ce que marque la copule *être* appliquée à l'objet); (ii) la stabilisation de ces propriétés (ce que marque le participe passé)». Si le verbe est téléique et si l'auxiliaire *être* n'est pas lui-même à une forme composée, le passif peut prendre, en effet, une lecture résultative: (9) *ces tapis sont vendus* décrit l'état du sujet passif qui résulte du procès évoqué par la phrase (7) *ces tapis ont été vendus*, mais détaché des circonstances de sa production. Alors que la phrase (9) peut être précédée de la forme *ça y est* marquant l'aspect «parfait» du procès – elle répond, en effet, aux questions du type: *ces tapis sont-ils toujours en vente?* –, la phrase (7) renseigne certes sur l'état du sujet, mais elle ne le fait qu'indirectement (par inférence) et répond à des questions événementielles telles que: *que s'est-il passé? qu'est-il arrivé* (aux tapis)? L'addition d'un complément d'agent associe automatiquement à la phrase (9) une lecture processive (cf. *supra*, (11) *ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel*) qui en fait une paraphrase de la phrase active correspondante: (21) *Djamel vend des tapis (en promotion)*; la même addition ne modifie pas l'interprétation originellement processive de la phrase (8) – cf. *supra*, *ces tapis ont été vendus par Djamel* –, mais y introduit l'identification du référent qui jouerait le rôle de sujet dans la phrase active correspondante: *Djamel a vendu ces tapis*.

²⁴ La présence du circonstant en caractères gras peut, en effet, être analysée comme la trace d'un agent par inférence.

pas nécessairement que l'on aboutisse à l'interprétation non-événementielle ou adjectivale²⁵, même si nombreux linguistes s'accordent pour reconnaître que «le fonctionnement fondamental des adjectifs et des participes est le même» (Dubois 1967: 15).

Comme le remarque très justement Rivière (1990: 166), «l'interprétation dépend des relations marquées par: le type de procès exprimé par le verbe, la présence ou l'absence d'un complément d'agent, les circonstants présents».

Le point commun entre ces deux emplois du participe passé (celui qui correspond à un état résultant dans l'énoncé dans (9) *ces tapis sont vendus* et celui qui est lié à un processus imperfectif dans l'énoncé: (10) *ces tapis sont vendus à rabais*) est que tous deux ne semblent considérer que le résultat du procès: soit le résultat après achèvement du procès (dans l'énoncé (9)) soit le résultat qui se développe au fur et à mesure que le procès se développe (dans l'énoncé (10)).

Aussi pensons-nous que la valeur passive du participe passé dans l'énoncé (10) résulte de la présentation comme un procès accompli de ce qui n'est dans les faits que la partie accomplie d'un phénomène en cours. Le mécanisme est bien mis en lumière par la présence d'un quantificateur: *à demi-digérées, à moitié peignées* (exemples repris de Chevalier 1969: 142) qui montre l'arrêt de **P** (*digérer/peigner*) dans son développement, mais comme dans l'énoncé (10), **P** a été simplement effectué et interrompu sans atteindre son terme (il est possible de poursuivre plus loin l'action de digérer ou celle de peigner): il s'agit donc d'un **P** simplement accompli (mais en aucun cas achevé). Par contre, dans (9), le participe passé signifie que **P** (*vendre*) a atteint tout naturellement son état final (tous les tapis sont effectivement/bel et bien vendus): il s'agit donc d'un **P** accompli et achevé.

Après ce petit détour sur *être* et *avoir*, force nous est de constater que l'auxiliarisation des énoncés présentés ci-dessus reflète d'une

²⁵ En effet, comme le remarque très justement Culioli (1971: 13), le participe passé peut renvoyer aussi bien à une **agentivité** qu'à une **propriété**. Les valeurs sont proches de celles de l'adjectif lorsque la propriété est prédiquée hors agentivité, ce qui exclut, en portugais ou en espagnol par ex., la forme avec l'auxiliaire *ser*. Afin de pouvoir rendre compte de ces valeurs, le français comme l'anglais ne possède qu'un seul verbe qui est «complètement neutre» (Culioli 1985: 106) (*être* ou *be*). A ce sujet, nous rappelons qu'en espagnol ou en portugais, pour les formes d'accompli sans agent explicité, c'est l'auxiliaire *estar* qui rend compte du résultatif, en ce sens qu'avec la combinaison «*estar* + pp», «l'état décrit est vu comme le résultat d'une vision descriptive: '*la casa está construida*' (la maison est construite, on l'a construite antérieurement)» (Dabène 1979: 64).

certaine manière les différentes opérations de détermination (donc de repérage) intervenues dans leur constitution. On s'accordera pour reconnaître qu'elle se trouve plongée dans des analyses portant sur les domaines plus vastes de la diathèse et de l'aspect. Il ne nous reste plus maintenant qu'à poser les bases d'une analyse des rapports entre ces deux domaines en poursuivant l'étude de notre *corpus* dans une perspective de l'énonciation.

4.2. Construction des valeurs aspectuelles et des valeurs diathétiques

Dans la troisième partie de cette étude, nous avons montré que le problème de la diathèse était, en premier lieu, lié au choix d'une orientation de surface, c'est-à-dire à une opération définissant **a** ou **b** comme **Co**. Nous avons surtout cherché à montrer que la forme passive n'est pas, à vrai dire, la transformation de l'actif et que, par conséquent, l'énonciateur choisit, au départ, la voix active ou la voix passive en fonction du message qu'il veut transmettre.

Si, par exemple, l'énonciateur veut faire de la *source* de la relation primitive le **Co** de son énoncé, il aboutit alors à des énoncés du type «commentaires sur la source» tels que:

(18) *Djamel est vendeur de tapis*

ou (19) *Djamel est un bon vendeur de tapis,*

où l'attribut du sujet 'vendeur' correspond à ce que Culioli-Atwood (1992: 31) appelle «nom d'agent ou de métier». En fait, dans des phrases de ce genre, on construit une propriété que l'on attribue au sujet de l'énoncé. Le **Co** est **thématisé**²⁶; il sert de terme de départ à la relation prédicative.

²⁶ On remarquera que la thématization du **Co** se traduit par une réduction sur le choix des déterminants possibles sur **C1**. En effet, l'énoncé se présente, dans la plupart des cas, sous la forme: **Co être** {Ø/un} **V-eur** (de Ø tapis), où Ø indique l'absence de déterminant, et où les parenthèses (qui isolent le complément du nom *de tapis*) indiquent que ce dernier peut éventuellement être supprimé (ex.: *Djamel est vendeur*). Si, au contraire, on a un repérage par rapport à une situation unique, on peut avoir sur la classe désignée par la notion-but des opérations d'**extraction** et de **fléchage** (pour une description de ces concepts, cf. Culioli 1976: 165 ou Campos 1993: 56-60) *il vend/est en train de vendre un tapis* (on extrait un élément unique avec l'article *un*); *hier, il a vendu quelques tapis* (on peut aussi extraire plusieurs éléments); *ce matin, il a vendu trois tapis* (avec

De façon moins technique, c'est dire que le sujet de l'énoncé, dans ce cas, est le terme à propos duquel on dit quelque chose.

On notera au passage qu'une phrase comme: (1) *Djamel vend des tapis* renvoie, elle aussi, à une propriété. Dès lors *Djamel* fonctionne comme thème (et terme de départ), on ne parle que de *Djamel*. En revanche, la propriété *vendre des tapis* est donnée comme une caractéristique (et donc comme une **des** caractéristiques) de *Djamel*. C'est dire que *Djamel* est éventuellement caractérisable par d'autres propriétés que celle de vendre des tapis. Mais (1) peut également être interprétée comme un procès unique, ancré dans une situation spécifique qui peut se gloser par: *en ce moment, Djamel est occupé à vendre des tapis*; dans cette seconde interprétation, la relation prédicative est bel et bien repérée en bloc par rapport au repère situationnel (ou par rapport à une autre relation, dans un enchaînement interpropositionnel). Dans ce cas, il n'y a **pas de terme de départ** dans la relation prédicative. On notera que l'intonation est alors tout à fait différente de celle qui correspondrait au cas précédent: elle est facilement exclamative dans la mesure où l'énoncé prend, dans ce cas, une valeur de surprise. À ce mode de repérage pourrait, en effet, correspondre une forme du type: (3) *Djamel qui vend des tapis!* ou (3') *il y a Djamel qui vend des tapis!*

Il est clair que les énoncés du type de (1) sont à la frontière de deux fonctionnements puisque l'itération ne peut qu'être itération d'une situation spécifique (i.e. *en ce moment, Djamel vend des tapis* = événement imperfectif concomitant au temps d'énonciation To) et que, d'autre part, elle fonde en même temps une propriété du sujet validée à la fois pour toute situation et hors situation (i.e. *en général, Djamel vend des tapis* = construction d'une classe ouverte d'événements).

C'est pour cette raison que nous introduisons ici une valeur aspectuelle neutre (notée *) qui peut correspondre soit à (i) une thématisation de **a** pris comme **Co** (= renvoi à un énoncé à valeur habituelle),

un numéral, on peut faire une extraction multiple quantifiée objectivement). Quant à l'emploi de *le/les* (tapis), il peut être justifié: (i) soit par le contexte (fléchage à situation contextuelle): *une vente de tapis a eu lieu hier. Les tapis se sont vendus comme des petits pains*; (ii) soit par la situation (fléchage à justification situationnelle): *il est en train de vendre le tapis que tu vois là*. Il semblerait donc que la construction d'un procès unique, ancré dans une situation spécifique autorise un nombre plus grand de déterminants sur **C1**. Comme on peut le constater, les repérages aspectuels et les opérations de quantification portant sur **C1** ne sont pas indépendants les uns des autres.

soit à (ii) un traitement **en bloc** de la relation prédicative (= renvoi à un énoncé spécifique à «valeur de procès en cours») ²⁷.

Une même structure peut donc visiblement renvoyer à plusieurs modes de repérage qui fondent des énoncés différents, relevant de contextualisations nettement discriminables. Et comme on vient de le voir, les énoncés au présent simple font apparaître l'une des propriétés essentielles du présent simple, à savoir son extrême malléabilité, ou, pour mieux dire, son ouverture à une très grande variété de spécifications temporelles et aspectuelles. A ce stade de notre raisonnement, on peut déjà tirer des conclusions en ce qui concerne la compatibilité de l'opposition procès hors situation (référant à une propriété ou à une itération)/procès en situation (qui correspond en gros à un déroulement) avec les phénomènes de la diathèse. Les 'énoncés de propriétés' du type de (1) *Djamel est vendeur de tapis* sont incompatibles avec le passif²⁸ (cf. à ce propos Lanc 1981: 196), alors que la valeur de procès «envisagé dans son déroulement» est compatible non seulement avec

²⁷ L'interprétation (ii) dite «spécifique» ou «événementielle» est celle selon laquelle est évoquée l'occurrence effective du procès dénoté par le verbe. L'anglais, dans ce cas, a recours à la forme *be + ing*. L'interprétation (i), diamétralement opposée, n'est pas soumise à la condition de moment: elle permet d'évoquer *Djamel* comme vendeur de façon générale. Il ne s'agit pas à proprement parler, selon certains, d'une phrase «générique», mais d'une phrase «habituelle»; en tout état de cause, elle est étroitement associée à la généralité, pour autant qu'elle exprime, en effet, l'existence d'une «pluralité ou classe d'occurrences, d'une itération, d'une répétition événementielle, présentée comme générale ou comme événement type» (Kleiber 1987: 11). Le jugement qu'elle exprime concerne, non pas des événements spécifiques, mais, comme le dit Kuroda (1973: 88) dans sa définition globale de la généralité, «un certain état de choses, général, habituel ou courant». Elle porte, par conséquent, non seulement sur les occurrences actuelles, contingentes, mais également sur les situations potentielles et contrefactuelles. On remarquera que l'interprétation habituelle de (1) présente une difficulté aspectuelle cruciale: elle nécessite le passage d'un verbe intrinsèquement non statif (*Djamel vend des tapis*) à un SV qui exprime peu ou prou une propriété (*Djamel est (un) vendeur de tapis*) du type de celle qui apparaît dans (18) *Djamel est vendeur de tapis* ou (19) *Djamel est un bon vendeur de tapis*. On peut donc dire que l'interprétation habituelle de (1) implique nécessairement une forme de *compactisation* du procès, dans la mesure où la manifestation de ce dernier n'est plus fondée que sur son seul sujet (cf. *supra*, Djamel) qui fonctionne, dans ce cas, comme le support de *vendre*.

²⁸ Cela semble pouvoir s'expliquer de la façon suivante: la propriété $\langle \xi_0 (\pi + \xi_1) \rangle$ consiste à fabriquer, à partir d'un prédicat binaire $\pi (\xi_0, \xi_1)$ un prédicat unaire $\pi (\xi_0)$. Dès lors, le passif devient impossible: on ne peut plus inverser la relation source \rightarrow but, puisqu'il n'y a plus de but (cf. l'impossibilité de construire un passif avec les verbes intransitifs: *marcher, dormir*, etc.).

l'actif (par ex., (1) *Djamel vend des tapis*) mais aussi avec le passif (par ex., (11) *ces tapis sont vendus par Djamel*).

Si l'on considère, à présent, l'exemple (11) qu'on vient tout juste de transcrire, force nous est de constater que l'énonciateur peut, en conservant à peu près le même matériel lexico-morphologique que dans les énoncés actifs précédents, décider de prendre comme terme de départ le terme *but* de la relation primitive; il aboutit, dans ce cas, à des structures du type «commentaires sur le but», comme celle qui suit:

(9) *ces tapis sont vendus (ça y est, c'est terminé),*

qui est «perçue comme un au-delà» (Blanche-Benveniste 1984: 10) de:

(20) *moi, mon frère, ses tapis, il les vend au marché*

ou de:

(21) *Djamel vend ces tapis (en promotion).*

On parlera ici de non concordance d'aspect entre la formulation active et la formulation passive (cf. à ce propos Blanche-Benveniste (1984: 9)). On remarquera que ce décalage ne s'observe:

– ni au passé:

(4) *Djamel a vendu les tapis en moins d'une heure* ^a (8) *les tapis ont été vendus par Djamel (en moins d'une heure)*

– ni au présent, si l'on ajoute à l'énoncé:

(9) *ces tapis sont vendus*

un circonstant expressément discriminant (pour reprendre une expression de Milner 1986: 36), par ex., un complément d'agent:

(11) *ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel*

L'énoncé est alors très proche de la formulation active correspondante:

(21) *Djamel vend ces tapis (en promotion).*

On parlera, dans ce cas, d'une concordance d'aspect entre les deux formulations, l'active et la passive. On constate, en effet, que, du point de vue de l'aspect, l'agent (introduit, en (11), par le marqueur *par*) a pour propriété de filtrer une valeur d'inaccompli (c'est ce qui

permet, d'ailleurs, à l'énoncé (11) de se rapprocher aspectuellement de (21)) alors qu'à l'aspect accompli, on la possibilité d'effacer l'agent, mais dans ce cas on obtient des énoncés du type de (9) *ces tapis sont vendus* qui s'éloignent alors de l'interprétation aspectuelle de la phrase active (21).

Comme on peut voir, la différence entre les énoncés (9) *ces tapis sont vendus* et (11) *ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel* est que, dans (11), la place $\xi\sigma$ est instanciée ($\langle \mathbf{b r a} \rangle \mathbf{a} \rangle$) et on a affaire ici à un énoncé décrivant un événement linguistique imperfectif, tandis que dans (9), la place $\xi\sigma$ n'est pas instanciée ($\langle \mathbf{b r} () \rangle$)²⁹ et la valeur de **P** est, dans ce cas, un parfait au sens de Benveniste (1966: 246): cette séquence montre clairement que c'est la situation actuelle (*les tapis sont vendus*) consécutive à l'événement (*X a vendu les tapis*) qui importe.

On notera, toutefois, que la relation d'implication posée ci-dessus entre le schéma d'instanciation ($\langle \mathbf{b r} () \rangle$) de (9) et l'aspect «parfait» sous-jacent à ce même schéma n'est plus valable dès lors que l'on situe ce dernier dans un contexte narratif où chaque procès (excepté le der-

²⁹ A la suite Desclés et de Guentchéva (1993: 76) – pour qui «la construction de base du passif n'est pas la passive longue, mais la passive courte» –, nous posons que le schéma de base du passif doit laisser une place non instanciée: $\langle \mathbf{b r} () \rangle \in \mathbf{Sit}$ représentée ici par des parenthèses vides () qui permettent de poser l'existence d'une classe d'agents. S'agissant de la diathèse passive, c'est donc le terme-but de la relation primitive qui instancie la place $\xi\sigma$ dans le schéma de lexis: au lieu d'avoir une relation: **source** → **but**, nous avons une relation: **but** → (**source**) ou **but** → (). C'est ce que Roggero (1984: 36) décrit de la façon suivante: «Il faut donc penser que l'essentiel de la diathèse est (...) dans les inversions de rôle». Mais contrairement à ce qu'on pourrait croire, ce n'est pas dans l'échange des positions des arguments du verbe, sujet et objet, que réside l'unité du passif, mais plutôt dans le fait que cette inversion tend à évincer l'agent de la relation prédicative de base sans pour autant supprimer l'affirmation de son existence. Lyons (1970: 289) peut ainsi écrire que «s'il existe, pour le passif, une fonction commune à toutes les langues qu'on décrit habituellement comme ayant une voix passive (et pour certaines, il semble que ce soit son unique fonction, en turc par exemple), c'est de permettre la construction de phrases sans agent: «*Bill a été tué*». C'est ce que Touratier (1984: 87) décrit, lui aussi, en ces termes: «il est manifeste que le morphème du passif a avant tout une fonction d'intransitivant (...) mais, précisons-le, c'est un intransitivant particulier: il ne supprime pas le second actant comme dans les emplois intransitifs ou absolus *il lit*, *il mange* des verbes transitifs *lire* ou *manger*, mais il supprime le prime actant» (cf. aussi Joffre 1984: 43): cf. *supra*, ex. (7) *ces tapis ont été vendus*. Milner (1986: 31) reprend exactement la même idée: «le comportement en par n'est pas, malgré l'apparence, une caractéristique nécessaire du passif verbal. Il n'est là qu'au titre du circonstant», en ce sens qu'il n'est pas nécessaire à la bonne formation d'un énoncé passif.

nier, bien entendu) sert de repère au suivant, créant ainsi une séquence chronologiquement ordonnée:

- (22) *aussitôt après l'ouverture des portes, les tapis sont pris d'assaut, ils sont aussitôt vendus, en quelques instants, le magasin est vidé.*

Sans que le complément d'agent (i.e. la notion-source) soit présent dans l'énoncé, la forme *sont vendus* est interprétée comme un procès à bornes fermées, non comme un procès à bornes semi-ouvertes, i.e. comme un état résultant. Comme on peut le constater, il y a des cas où la présence d'un focus temporel exclut une lecture statique. C'est le cas, par ex., d'adverbiaux séquentiels comme *puis* ou *aussitôt après* (cf. à ce propos Vikner 1985: 111-112).

En tout cas, il est bien clair que les énoncés passifs donnés antérieurement (par ex., (11) *ces tapis sont vendus (en promotion) par Djamel* ou (8) *les tapis ont été vendus par Djamel*)₂ conviennent à l'expression d'un procès à deux actants, avec la possibilité d'en omettre un, à savoir l'agent, comme en témoignent les énoncés qui suivent:

- (9) *ces tapis sont vendus*

et (7) *ces tapis ont été vendus*

qui sont parfaitement naturels. Ce n'est évidemment pas le cas pour les constructions pronominales du type de:

- (23) *ces tapis se vendent bien cette année*

qui conviennent à l'expression d'un procès où seul le patient est nommé ou envisagé. L'agent a, en effet, dans cet énoncé, quelques difficultés à trouver sa place, du moins sous la forme institutionnalisée du complément prépositionnel avec *par*:

- (23') **les tapis se vendent bien par X cette année*

«et ceci malgré le fait que l'action dénotée par le verbe [vendre] exige la participation d'un agent (la vente suppose, bien sûr, un vendeur)» (Lyons 1989: 178). On ne peut donc avoir ensemble la mention de la source et du but.

Avec ce type de constructions passives en *se* (selon les termes de Desclés et Guentchéva 1993: 93), on est dans le domaine qualitatif: on prend en compte les qualités intrinsèques d'un sujet; le sujet joue un rôle dans l'action, n'étant pas simplement affecté (ou «patient») comme à la diathèse passive «classique». Dans:

(23) *ces tapis se vendent bien cette année,*

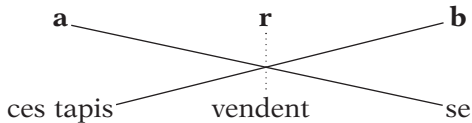
l'adverbe de manière *bien* introduit une opération de qualification (Gross 1975: 102) par opposition à :

(23'') *?les tapis se vendent,*

qui impliquerait une propriété inhérente (attribuée hors de toute agentivité) au **Co**. Pour que l'ex. (23'') devienne acceptable, il faudrait une situation particulière instituant le **Co** repère constitutif, thème de l'énoncé. Tel est le cas dans la séquence qui suit :

(23''') *Tiens, les tapis se vendent ici.*

En fait, dans l'exemple (23), on ne dit pas que les tapis ont pour propriété de pouvoir être vendus, mais on construit une relation qui est du type: «pour tout X vendeur, alors la relation prédicative <y – vendre> a de grandes chances d'être validée». Cette relation (que l'on interprétera ici comme «ces tapis sont bien vendus par quiconque vend des tapis») met en évidence la présence d'un agent implicite distinct du terme de départ **b**: elle permet donc d'introduire une agentivité marquée, dans (23), par un *se* qui est «la trace de l'argument source de la relation primitive» (Rivière 1995: 192). Par ailleurs, le terme de départ de la relation est bel et bien **b** (ce qui correspond au passif), dans la mesure où il a subi un repérage préalable qui lui confère ce statut. La projection sur le schéma de surface donne:



Cette présentation rend compte du fait que l'orientation du prédicat ne se trouve pas modifiée. La place de la source (ξ_0) étant instanciée par *se* (cf. à ce propos Rothemberg 1974: 63-64 ou Rivière 1995: 198-199), l'une des règles pour le retournement du relateur (la source de la relation n'est pas instanciée) n'est pas remplie. Il faut en effet bien distinguer la non instanciation de la source qui aboutit au retournement du relateur (forme passive du verbe dans l'énoncé de surface), de l'instanciation par une image, ce qui est le cas de *se*, qui bloque le retournement. Si un énoncé comme:

(23) *ces tapis se vendent bien cette année*

est interprété comme passif, c'est que d'une part **b** (but de la relation) est instancié alors que la source n'est pas lexicalement présente et que d'autre part **b** remplit en surface la place **Co**, ce qui correspond au remplissage du schéma de surface au passif³⁰ (cf. Rivière 1995: 189). Aussi n'est-il pas étonnant qu'il y ait entre l'emploi du passif périphrastique et celui du passif en *se* deux grandes différences:

(i) «le passif conserve l'interprétation événementielle, le moyen [le passif en *se* dans notre terminologie] est intégralement non-événementiel³¹. Empiriquement, cela se marque au contraste entre la possibilité et l'impossibilité de l'agent en par (...)» (Milner 1986: 55): que le passif en *se* soit non-événementiel, cela se marque, notamment, aux formes de sujet qui est préférentiellement un nom générique (d'où la fréquence de l'anaphorique générique ça): par ex., *le pain, ça se mange frais*. Ce n'est pas tout à fait ce qui se produit dans (23).

S'il est vrai que les formulations:

(9) *ces tapis sont vendus*

et (23) *ces tapis se vendent bien cette année*

ont en commun de ne pouvoir impliquer grammaticalement de manière directe un second actant (la notion-source) dans le procès, il est vrai aussi qu'à la différence de (9) qui correspond, on le rappelle, à un état résultant, le procès exprimé dans (23) est considéré comme non arrivé à son terme, dans la mesure où il est défini par rapport à une situation élargie, contrastée avec un état de fait permanent: *cette année* marque,

³⁰ Si au lieu de choisir **b** comme terme de départ, ce qui aboutit à une construction personnelle (passive), on choisit **Sit** comme repère de la relation prédicative, on obtient un impersonnel du type: (*tous les jours*), *il se vend une centaine de tapis à la Foire-fouille*. L'énoncé de surface garde la trace de cette opération: *il*, image de **Sit**, est en **Co** et **b** (*une centaine de tapis*) est en **C1**. On notera que dans ce cas, on ne commence ni par «le vendu», ni par «le vendeur», mais par ce qui n'est ni «vendu», ni «vendeur», et comme le remarque Culioli (1976: 66), «dans les langues où il y a des passifs impersonnels c'est très souvent ainsi». En effet, on peut dire que dans ce genre de constructions, il y a, à l'instar de qui se produit dans les énoncés de prédication existentielle avec valeur de surprise (du type: *il y a Pierre qui mange un gâteau!*), repérage en bloc de la relation prédicative par rapport au repère situationnel **Sit**.

³¹ Il est toutefois beaucoup plus important de noter avec Zribi-Hertz que cette caractérisation aspectuelle de Milner rencontre de nombreux problèmes. Elle (1987: 349) signale, en effet, des énoncés comme *la question se traite actuellement à l'Assemblée; la question s'est discutée hier dans la salle du conseil*. Ils rapportent un fait ponctuel et ne sont dès lors pas génériques ou habituels. On distinguera donc deux types de passif en *se*: l'un événementiel et l'autre non événementiel, c'est-à-dire générique ou habituel.

en effet, un contraste implicite avec les conditions de vente habituelles (i.e. d'habitude, ces tapis ne se vendent pas aussi bien); un adverbe du type *bien* n'est d'ailleurs compatible qu'à cause de ce contraste. Dans un énoncé comme (24) *Djamel vend beaucoup en ce moment*, la quantification *beaucoup* porterait encore sur ce contraste ((24) contrasterait avec la façon dont Djamel vendait auparavant). Par ailleurs,

(ii) «dans le moyen, il n'y a qu'un seul verbe et, dans le passif, deux» (Milner 1986: 55): comme on l'a vu, cela tient au fait que, dans les constructions pronominales personnelles de sens passif, le prédicat n'est pas retourné puisque la place de l'agent est instanciée par l'image *se*. Évidemment, pour mettre le verbe de la construction pronominale passive:

(23) *ces tapis se vendent bien cette année*

à un temps composé, le français fait appel à l'auxiliaire *être*:

(25) *les tapis se **sont** bien vendus cette année.*

Il semblerait, en effet, que, dans les formes pronominales composées, *être* soit signe d'antériorité (cf. De Kock 1969: 33) face à l'auxiliaire zéro dans les temps simples (cf. *supra*, (23)). Il y a donc incohérence. En prenant l'auxiliaire *être*, les formes pronominales satisfont au système «actanciel», mais elles se servent d'un auxiliaire inusuel dans l'expression de l'antériorité³². Si elles prenaient l'auxiliaire *avoir*, comme le système «chronologique» l'exigerait³³, dans la mesure où *être* «est par excellence l'auxiliaire de la voix passive (...)» (Joly 1977: 27), elles feraient appel à un auxiliaire qui partout ailleurs n'accompagne que des **Co** agentifs. Il y a donc incohérence quel que soit le choix. En choisissant *être*, le français donne la priorité à la cohérence de l'expression de l'actance (i.e. au fait que la position de **b** en tête de l'énoncé entraîne nécessairement l'emploi de *être*) sur celle de la chronologie.

Jusqu'à présent, nous avons travaillé avec **a** ou **b** comme terme de départ. Mais il nous faut encore raisonner sur des exemples qui impli-

³² La différence a été soulignée par Benveniste (1974: 186 ss), et appelée par lui «dissymétrie», sans que, toutefois, les mêmes conclusions aient été tirées.

³³ Rappelons, en effet, qu'en français, «on obtient l'accompli par le jeu d'un auxiliaire qui est, pour la majorité des verbes, *avoir*, et pour une faible partie, *être*» (Perrot 1981: 110-111).

quent le repérage **en bloc** de la relation prédicative par rapport au repère situationnel **Sit**. Tel est, par exemple, le cas dans l'énoncé qui suit:

(4) *hier, Djamel a vendu les tapis en moins d'une heure*

dans lequel n'est mise en œuvre qu'une simple localisation du procès sur la classe des t. Cet énoncé s'opère, en effet, en dehors de toute stabilisation sur le plan qualitatif: il y a simple construction d'une occurrence quantitative («*hier il y a eu événement de vendre des tapis*» ou bien encore «*il y a eu vente de tapis hier*»), qui est d'ailleurs localisée temporellement («*hier*»).

Dans la construction de cette occurrence, le repère ultime est bel et bien la situation d'énonciation **Sit**, qui sert de repère à la relation prédicative elle-même: < Sit \ni < Djamel vendre tapis >>. C'est pourquoi, on parle classiquement de ce type de construction en terme «d'événement». Celui-ci n'a d'autre détermination que celle que lui confère sa survenue. Ce type de détermination (purent spatio-temporelle) est évidemment bloqué dès lors que le passé composé (ci-après PC) exprime les conséquences actuelles d'un événement passé et implique un état résultant en cours à To³⁴. C'est ce qui se produit, par ex., dans:

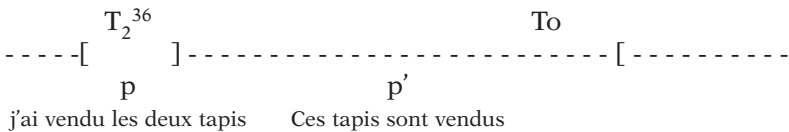
(26) *ça y est, il a vendu les deux tapis*

qui permet de renvoyer à une intentionnalité, en ce sens que la quantité de tapis fait nécessairement l'objet d'une double construction: elle est d'une part délimitée, du fait de la présence de *les*, comme quantité de tapis à **vendre** et fonctionne dès lors comme délimitation hors-temps du procès dans la mesure où (26) signifie que *les deux tapis* étaient, dans un premier temps, déterminés comme *tapis à vendre*, indépendamment de tout ancrage temporel du procès; d'autre part,

³⁴ On utilise souvent le terme «parfait» pour se référer à la valeur aspectuelle illustrée par l'ex. (26) *ça y est, il a vendu les deux tapis* (voir Benveniste 1966: 248-49) qui décrit le parfait comme un «passé subjectif», et l'oppose à l'aoriste de cette manière: «*il fit* objectivise l'événement en le détachant du présent; *il a fait*, au contraire, met l'événement passé en liaison avec notre présent» (cf. aussi Brunot 1936: 458). On est donc obligé de poser, pour le PC, deux valeurs aspectuelles distantes (cf. à ce propos Perrot 1981: 112), valeurs que révèle très clairement le choix de l'adverbe temporel qu'on lui adjoint: *hier, il a vendu tous ses tapis*; *A l'heure qu'il est* (ou *maintenant*), *il a vendu tous ses tapis*, «car si à lui seul le temps verbal est capable de modifier la valeur aspectuelle d'une situation, c'est encore plus vrai lorsqu'il se couple avec un adverbe temporel (...)» (Borillo 1991: 100).

du fait du PC, comme quantité de tapis **effectivement vendue**: nous dirons, à la manière de Franckel (1989: 34), qu'il y a construction d'une **occurrence de procès** fondée par la délimitation extrinsèque introduite par *les deux tapis*. L'énoncé définit ici aussi un état résultant, et permet la **prédication d'une propriété**: les deux tapis **sont** vendus, ou, plus précisément, les deux tapis sont **effectivement** vendus, bel et bien vendus. Ainsi non seulement le **C1** («*les deux tapis*») est affecté par le procès (il se trouve dans l'état résultant de P), mais, par un effet en retour, le **C1** définit la quantité **-l'extensité-** de procès en jeu: c'est ce qui définit d'ailleurs le concept d'«*achèvement*».

On a affaire, en même temps qu'une vente accomplie, à une vente **qualitativement stabilisée**. Comme le souligne à juste titre Culioli (1980: 188), l'interprétation résultative du PC implique un intervalle fermé à gauche (= jusqu'à l'achèvement du procès) et indéfiniment ouvert à droite (= début de l'état résultant), ce que l'on peut représenter comme suit³⁵:



On ne peut parler d'«*état résultant*» qu'à la condition où en T_o , on est dans une situation où l'événement a été stabilisé et où cet état provient de la clôture de l'événement antérieur: voilà pourquoi, nous représentons l'événement situé en T_2 au moyen d'un intervalle p' fermé, et l'état résultant au moyen d'un intervalle p semi-ouvert (i.e. ouvert à droite) qui est **adjacent** à l'intervalle p (Campos et Xavier 1991: 317). Nous avons donc affaire à la construction d'une valeur aspectuelle

³⁵ Un tel schéma risque, cependant, d'être trompeur parce qu'il est incomplet: il présente un ordre linéaire qui ne l'est que partiellement. En effet, la valeur p' validée en T_o résulte bien du franchissement de la borne marquant la clôture du procès p (pour avoir fini de vendre, il faut avoir été en train de vendre), mais le rapport de consécution entre p et p' n'est, en T_o , que *reconstruit* par le sujet énonciateur. Le temps de l'énonciation T_o marque ici deux faits qui ne sont pas sur le même plan et qui sont pourtant indissociables: d'une part, on valide p' en T_o , d'autre part, on reconstruit l'intervalle de déroulement de l'événement et le franchissement de la borne, nécessaires pour que l'on soit passé de p à p' . En T_o , on est à droite de la borne parce que l'on est passé de la gauche à la droite, mais ce passage est reconstruit depuis la droite, depuis T_o .

³⁶ Cf., *supra*, note 21.

imperfective: To est un des instants de l'intervalle p'. On peut donc dire que l'énoncé:

(4) *hier, Djamel cousin a vendu les tapis en moins d'une heure*

construit une **occurrence situationnelle** de procès dans la mesure où la quantité de tapis vendue n'est ici déterminée qu'à travers la localisation temporelle du processus de vente (d'où le traitement en bloc de la relation prédicative), alors que l'énoncé:

(26) *ça y est, il a vendu les deux tapis*

construit une **délimitation notionnelle** de procès (d'où la thématisation de **b** choisi comme **C1**): on passe donc d'une simple **localisation** de **P** dans le temps (cf. (4)) à un accomplissement qui s'interprète comme le **centrage d'une propriété**³⁷ (cf. (26)).

5. Conclusion

Dans cette étude qui aborde le phénomène capital de la *transcatégorialité*, nous avons pu graduellement constater que ce qui nous apparaissait, tout d'abord, de façon un peu naïve, comme une opération bien établie et claire (partir de tel ou tel terme pour aboutir à une relation orientée) s'avère fort complexe et éclatée en une multiplicité de phénomènes spécifiques. Ceci tient surtout au fait que l'orientation diathétique du prédicat ne détermine pas seulement les valeurs classiques de la diathèse (actif ou passif, entre autres), mais encore, et simultanément, celles de l'aspect (imperfectif ou perfectif). Comme nous l'avons vu, cette orientation fait apparaître en français, selon les cas, l'auxiliaire *être* ou *avoir*. Du point de vue du marquage des temps et des aspects, nous aurons donc, selon les cas, repérage d'un procès (perfectif ou imperfectif) par rapport à une situation déterminée avec un agent identifié ou bien, avec un procès terminatif, l'assertion d'un état résultant à propos de l'argument but. Il est clair que la construction d'une stabilisation qualitative est plus grande à la diathèse passive

³⁷ Il semblerait, par conséquent, que les différences aspectuelles notées entre (4) et (26) ne dépendent pas exclusivement du verbe mis en œuvre dans l'énoncé, mais aussi de la structuration syntaxique globale et même de la situation énonciative. Pour une présentation plus détaillée des différents paramètres qui déterminent le comportement d'un prédicat au sein de l'énoncé, voir Araújo (1998-1999: 420-426).

qu'à la diathèse active³⁸, et cela pour plusieurs raisons, comme nous avons essayé de le montrer:

(i) passiver, c'est inverser l'ordre des relations primitives (animé > inanimé) en mettant le but de la relation primitive en position de terme de départ au niveau de la prédication;

(ii) passiver, cela veut dire passer d'un schéma transitif à un schéma non transitif et on retrouve alors nécessairement l'auxiliaire *être*. Avec ce marqueur de repérage à valeur d'identification, on prédique une propriété d'un **b** qui est ici choici comme **Co**, c'est-à-dire que l'on reconnaît l'existence d'une propriété par rapport à un **Co** qui n'est pas source de la relation primitive. Le **Co** est alors caractérisé par une propriété distinctive;

(iii) passiver permet donc d'énoncer l'**état résultant** d'un processus dont le terme a été atteint, mais rappelons que l'on peut éventuellement adjoindre l'agent qui a provoqué ce nouvel état, en nous livrant à un repérage supplémentaire dont le représentant peut être la préposition [*par* ou *de* (a)] ou bien un circonstant de localisation ou de manière.

Comme on peut le constater, une opération, à première vue fort simple, (celle qui consiste à effacer **a** et à inverser l'ordre de la relation primitive) a un certain nombre de conséquences, en particulier sur le temps-aspect et sur la thématization. En faisant de **b** le terme de départ et le thème de son énoncé, l'énonciateur opère, en effet, un choix vérifiable. Et il est rare qu'il y ait latitude de choix entre la forme active et la forme passive. De plus, un énoncé ne peut pas être actif ou passif selon le contexte. Par contre, il peut arriver qu'un «même énoncé» renvoie, selon la situation, tantôt à une thématization de **a/b**, tantôt à un traitement **en bloc** de la relation prédicative par rapport à **Sit**. C'est, par exemple, le cas des énoncés qui renvoient à une ambiguïté aspectuelle du type: valeur générique/valeur situationnelle du procès.

Comme on peut le voir, l'articulation entre l'aspect et la diathèse ne va pas de soi, bien que tout semble se ramener, en fait, à un schéma

³⁸ C'est ce que Vassant (1980: 148) décrit de la façon suivante, en reprenant les termes de Moignet d'**opérativité** pour dénommer la phase dynamique du processus verbal et celui de **résultatativité** pour dénommer sa phase statique: «A l'actif, nous avons affaire à l'expression d'une opérativité verbale; au passif, à celle de l'opérativité (*être*) d'une résultatativité verbale (participe passé)».

d'analyse où *source* (relation primitive), *terme de départ* (relation prédicative) et *thème* (en surface) jouent un rôle essentiel. En tout cas, il est bien évident que si l'on tient vraiment à procéder à une étude des liens d'affinités et des contraintes d'exclusion qui existent entre les deux catégories grammaticales en question, il nous faut nécessairement prendre en compte tous les indices aspectuo-temporels (temps morphologique(s), types de circonstanciels temporels et/ou aspectuels, différence qui apparaît entre la valeur prise par les formes en *être* et en *avoir*, lorsqu'elles sont toutes deux possibles pour un même verbe au participe passé, etc.) et diathétiques (présence ou absence du complément d'agent, orientation du prédicat, etc.,) contenus dans l'énoncé.

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- ARAÚJO, S., 1998-1999, «Temps, aspect et types de procès. À propos du passé composé», *Diacrítica* 13-14 (revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho), 413-428.
- AUTHIER, J., 1978, «Points de contact entre traits sémantiques, aspect, voix passive, entre linguistique et extra-linguistique: remarques informelles», *DRLAV* 16, 159-176.
- BENVENISTE, E., 1966, ««Être» et «avoir» dans leurs fonctions linguistiques» in *Problèmes de linguistique générale*, vol. 1, Paris, Gallimard, 187-207.
- 1974, *Problèmes de linguistique générale*, vol. 2, Paris, Gallimard.
- 1975, *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*, Paris, Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien – Maisonneuve.
- BERTHONNEAU, A.-M., 1987, «La thématization et les compléments temporels», *Travaux de linguistique* 14/15, 67-81.
- BLANCHE-BENVENISTE, C., 1984, «Commentaires sur le passif en français», *Travaux du CLAIX* 2, 1-23.
- BORILLO, A., 1991, «De la nature compositionnelle de l'aspect» in C. Fuchs (éd.), *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 97-102.
- BOUSCAREN, J.; CHUQUET, J., 1987, *Grammaire et textes anglais. Guide pour l'analyse linguistique*, Paris, Editions Ophrys.
- BRUNOT, F., 1936, *La pensée et la langue: méthodes, principes et plan d'une théorie nouvelle du langage appliquée au français*, Paris, Masson.
- CAMPOS, M. H. C., 1993, *Semântica e enunciação. Conteúdos programáticos, métodos, referências*, Universidade Nova de Lisboa.
- CAMPOS, M. H. C; XAVIER, M. F., 1991, *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

- CHARREYRE, C., 1980, Nombre et groupe nominal: modes d'appréhension de l'objet et repérages, *Bulletin de l'AFLA*, n.° 7-8, 1-13.
- CHEVALIER, J.-C., 1969, «Remarques comparées sur l'infinitif espagnol et l'infinitif français», *Bulletin hispanique* 71, n.°1-2, 140-173.
- 1981, «Présentation de thèse. Verbe et phrase (Les problèmes de la voix en français et en espagnol)», *L'information grammaticale* 8, 28-36.
- CHOMSKY, N., [1957] 1969, *Structures syntaxiques*, Paris, Éditions du Seuil.
- CHUQUET, J., 1987, «L'auxiliaire dans la théorie des opérations énonciatives d'A. Culioli», *La question de l'auxiliaire. Travaux linguistiques du CERLICO*, Rennes 2, Presses Universitaires, 103-111.
- CULIOLI, A., 1968, «La formalisation en linguistique», *Cahiers pour l'analyse* 9, 106-117.
- 1971, «A propos d'opérations intervenant dans le traitement formel des langues naturelles», *Mathématiques et Sciences Humaines* 34, Paris, Gauthier-Villars, 7-15.
- 1973, «Sur quelques contradictions en linguistique», *Communications* 20, 83-91.
- 1976, *Notes du Séminaire de DEA 1975-1976*, Paris, Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris 7.
- 1980, «Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique» in J. David et R. Martin (éds.), *La notion d'aspect*, (Colloque, Metz, 1978), Paris, Klincksieck, 181-193.
- 1981, «Sur le concept de notion», *BULAG* 8, 62-79.
- 1982, «Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe» in *Communication présentée à la session plénière du XIIIème Congrès International des Linguistes*, Tokyo, 29 août-4 septembre 1982, Université de Paris 7, Collection ERA 642, 1-30.
- 1985, *Notes du Séminaire de DEA 1983-1984*, Poitiers, Département de Recherches Linguistiques de l'Université de Paris 7.
- 1986, «Stabilité et déformabilité en linguistique», *Études de lettres, langages et connaissances*, (revue de la Faculté des Lettres de l'Université de Lausanne), 2-10.
- CULIOLI, A.; FUCHS, C.; PÊCHEUX, M., 1970, *Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage*, Documents du Centre de Linguistique Quantitative n° 7, Paris, Dunod, 1-49.
- CULIOLI-ATWOOD, M.-H., 1992, *Opérations Référentielles. Analyse de la Détermination en Français en vue d'un Traitement Automatisé*, Paris, UFRL.
- DABÈNE, L., 1979, «La relation «être + Vpp» et ses équivalents dans les différentes langues enseignées», *Études de linguistique appliquée* 34, 47-67.
- DESLÈS, J.-P., 1987, «La paraphrase n'est pas une relation d'équivalence mais une relation asymétrique» in C. Fuchs (éd.) *L'ambiguïté et la paraphrase. Opérations linguistiques, processus cognitifs, traitements automatisés*, Centre de Publications de l'Université de Caen, 205-209.
- 1992, «Au sujet des catégories grammaticales» in *La théorie d'Antoine Culioli-Ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 203-212.
- DESLÈS, J.-P.; Guentchéva, Z., 1993, «Le passif dans le système des voix du français», *Langages* 109, 73-102.

- DE KOCK, J., 1969, «Avoir et Être, auxiliaires des formes actives, passives et pronominales», *Travaux de linguistique* 1, 13-69.
- DUBOIS, J., 1967, *Grammaire structurale du français: le verbe*, Paris, Larousse.
- 1969, *Grammaire structurale du français: la phrase et les transformations*, Paris, Larousse.
- FRANCKEL, J.-J., 1989, *Etude de quelques marqueurs aspectuels en français*, Genève-Paris, Librairie Droz.
- 1994, «Facteurs lexicaux dans l'organisation de la diathèse» in Yaguello (éd.), *Subjecthood and Subjectivity. The Status of the Subject in Linguistic Theory*, Paris, Ophrys, 231-250.
- GAUTHIER, A., 1981, *Opérations énonciatives et appropriation d'une langue étrangère en milieu scolaire: l'anglais à des francophones*, Thèse de Doctorat d'État, Université de Paris 7.
- GOUGENHEIM, G., 1938, *Système grammatical de la langue française*, Paris, D'Artrey.
- GROSS, M., 1875, *Méthodes en syntaxe, régime des constructions complétives*, Paris, Hermann.
- HUGOT, J.-P., 1981, «Y a-t-il un passif en français?» in *Actants, voix et aspects verbaux. Actes des journées d'études linguistiques de l'Université d'Angers (22-23 mai 1979)*, Angers, Presses de l'Université d'Angers, 2-13.
- JOFFRE, M.-D., 1984, «Les voix verbales chez Césaire d'Arles», *L'information grammaticale* 20, 41-44.
- JOLY, A., 1977, «Les auxiliaires Avoir et Être: approche psychosystématique», *Le français dans le monde* 129, 22-28.
- JOLY, A.; Hirtle, W. H. (éds.), 1981, *Langage et psychomécanique du langage, Études dédiées à Roch Valin*, Lille-Québec
- KLEIBER, G., 1987, *Du côté de la référence verbale. Les phrases habituelles*, Berne, Peter Lang.
- KLUM, A., 1961, *Verbe et Adverbe. Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*, Uppsala/Stockholm, Almqvist & Wiksell.
- KURODA, S. Y., 1973, «Le jugement catégorique et le jugement thétique: exemples tirés de la syntaxe japonaise», *Langages* 30, 81-110.
- LANC, M., 1981, «A propos de quelques problèmes relevant de la relation entre aspect et voix», in Joly, A. et W. H. Hirtle (éds.), *Langage et psychomécanique du langage, Études dédiées à Roch Valin*, Lille-Québec, 195-200.
- LYONS, Chr., 1989, «L'aspect générique et la voix moyenne», *Travaux de linguistique* 19, 171-186.
- LYONS, J., 1970, *Linguistique générale, introduction à la linguistique théorique*, Paris, Larousse.
- MARTIN, R., 1965, «Temps et Aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées par la lecture de Verbe et adverbe de M. A. Klum», *Travaux de linguistique et de littérature*, III, 1, 67-79.

- 1976, *Inférence, antonymie et paraphrase*, Paris, Klincksieck.
- MILNER, J.-C., 1986, *Introduction à un traitement du passif*, Université de Paris 7, Collection ERA 642 (UA 04 1028).
- OKIWELU, B., 1981, *Le processus d'auxiliarisation en français à travers le «courrier» et les interviews du «Nouvel Observateur» du 8 janvier au 8 juillet 1979*. Thèse de Doctorat de troisième cycle en linguistique et didactique du français.
- PERROT, J., 1981, «Du latin au français: temps et aspects. La langue et la saisie du temps» in *Actants, voix et aspects verbaux. Actes des journées d'études linguistiques de l'Université d'Angers*, 109-120.
- ROTHEMBERG, M., 1974, *Les verbes à la fois transitifs et intransitifs en français contemporain*, Mouton, La Haye.
- RIVELIN-CONSTANTIN, E., 1992, «La thématization en français et en anglais: une étude contrastive» in Guillemain-Flescher (éd.), *Linguistique contrastive et traduction*, Tome 1. Gap: Ophrys, 157-205.
- RIVIÈRE, N., 1977, *L'impersonnel en français*, Thèse présentée à l'Université de Paris VII.
- 1990, «Le participe passé est-il verbe ou adjectif?», *Travaux de Linguistique et de Philologie XXVIII*, 131-169.
- 1995, «Le sens de *se*» in J. Bouscaren et alii (éds.), *Langues et langage. Mélanges offerts à Antoine Culioli*, Paris, P.U.F., 185-199.
- ROGGERO, J., 1984, «Passif, causatif et autres formes assez étranges», *Travaux du CLAIX* 2, 25-37.
- TOURATIER, C., 1984, «Il y a un passif en latin; mais de quoi s'agit-il?», *Travaux du CLAIX* 2, 75-92.
- VAN DER AUWERA, J., 1987, «L'actif et le passif sont-ils vériconditionnellement équivalents» in C. Fuchs (éd.), *L'ambiguïté et la paraphrase. Opérations linguistiques, processus cognitifs, traitements automatisés*, Centre de Publications de l'Université de Caen., 217-222.
- VASSANT, A., 1980, «Lexique, sémantique et grammaire de la voix verbale en français», *Hommage à la mémoire de Gérard Moignet, Travaux de linguistique et de littérature* 18, 1, 143-164..
- VIKNER, C., 1985, «L'aspect comme modificateur du mode d'action: à propos de la construction être + participe passé», *Langue française* 67, 95-113.
- VOGÜÉ, S. de, 1991, «La transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des Positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d'A. Culioli», *LINX* 24, 37-65.
- WAGNER, R.L; Pinchon, J., 1962, *Grammaire du français classique et moderne*, Paris, Hachette Université.
- ZRIBI-HERTZ, A., 1987, «La réflexivité ergative en français moderne», *Le français moderne* 55, 23-54.

Is ‘meaning’ public property or internal? An examination of Putnam’s (1975) arguments against a psycho-individualist conception of meaning

PILAR P. BARBOSA

(ILCH – Universidade do Minho)
pbarbosa@ilch.uminho.pt

RESUMO *

O argumento da Terra Gêmea de Hilary Putnam (1975) constitui uma das principais objeções apresentadas na literatura contra as teorias do significado de pendor mentalista ou internalista. O argumento tem a forma de uma experiência mental da qual se conclui que a teoria tradicional acerca da natureza do significado das palavras é falsa na medida em que não se pode defender simultaneamente: (i) que saber o significado de uma palavra consiste em apreender a sua intensão, ou seja, estar num determinado estado mental ou psicológico; (ii) que a intensão de um termo corresponde à sua extensão. Putnam defende uma versão de (ii), mas rejeita (i). Neste artigo, defende-se que nenhum dos argumentos de Putnam é estritamente incompatível com uma teoria semântica que mantenha (i) e abandone pelo menos uma versão «forte» de (ii).

Palavras-chave: Internalismo e Externalismo, Mentalismo, Psico-individualismo, Tipos Naturais, Argumento da Terra Gêmea, Predicados de Indivíduo e Predicados de Estádios do Indivíduo, Estados Mentais, Extensão, Intensão, Referência, Esterotipo, Indexicalidade.

* This article is a version of a term paper written for Noam Chomsky’s Spring 1991 Course on *Philosophy of Language*. As such, it reflects the vision of a first year linguistics graduate student on the highly complex issues discussed by philosophers of language. I thank my classmate Daniel Stoljar, our teaching assistant Robert Stainton and Noam Chomsky for very helpful discussion.

1. Introduction

One of the most interesting features of natural languages is the fact that they are simultaneously a product of social environment and a product of the individual mind. Since the mid-1950s, with the advent of Generative Linguistics, the focus of inquiry has shifted from the study of language conceived as a system that is external to the individual and fixed by convention to the study of «the system of knowledge of language attained by the individual speaker and internally represented in his mind/brain (Chomsky 1986)». On this view, the standpoint of linguistic inquiry is that of individual psychology and cognition.

Regarded from the perspective of psychological individualism¹, knowledge of *meaning* shouldn't depend on anything outside of the mind of the speaker, such as the opinion of experts or the surrounding physical environment. However, a number of arguments have been presented in the philosophical literature against a psycho-individualist conception of semantics. One central argument concerning the meaning of words has been put forward by Hilary Putnam in his 1975 paper «The Meaning of 'Meaning'». In this article, Putnam argues that the traditional accounts of meaning and reference are untenable because they rest on two assumptions that are mutually incompatible:

- (i) that knowing the meaning of a term is just a matter of being in a certain psychological/mental state;
- (ii) that the meaning of a term (in the sense of 'intension') determines its extension (in the sense that sameness of intension entails sameness of extension)².

These two assumptions taken together predict that it is not possible for two speakers to associate the very same mental representations with a term and yet use that term to refer to different species or substances. However, Putnam's thought experiments show that this is possible at least in principle and the reason is that two external factors

¹ See Larson and Segal (1995) for a discussion of psychological individualism and a review of the literature on the topic.

² The terms *intension* and *extension* (or *Sinn* and *Bedeutung*, to use Frege's (1892) terminology) correspond to an old distinction drawn by philosophers between the two senses of the ordinary concept of meaning. The *extension* of a term is the set of things the term is true of. The *intension* of a term is the 'concept' associated with it. The classic examples used to illustrate this difference are the terms 'evening star' and 'morning star', which have the same extension, namely the star called Venus, but different senses.

(independent from the minds of individual speakers) contribute to the fixing of reference, namely society and the physical world. Having shown that assumptions (i) and (ii) cannot be jointly satisfied by any notion, he chooses to give up (i) and hold to (ii). According to him, the extension of a term is a component of its 'meaning vector', which includes the individual speaker's mental representation of the word (*the stereotype*) plus the extension of the term (though this may not be known to the speaker or even society). This move makes (ii) trivially true, while abandoning (i): «Meaning determines extension – by construction, so to speak. But (i) is given up; the psychological state of the individual speaker does not determine 'what he means' (p.270)».

In this paper, I will argue that none of Putnam's arguments are strictly incompatible with a theory that maintains assumption (i) while abandoning at least a strong version of (ii). I will claim that holding to (i) is in effect needed if we want to give a principled account of certain facts about meaning that seem to be cross-linguistic. I will try to show that, although meaning (in the sense of 'intension') does not fix reference in the cases of the natural kind words whose extension is fixed socially (the 'elm', 'beech' examples), it creates the conditions for reference, a fact that, I will argue, allows us to keep (ii). This narrows down Putnam's objections to the cases in which extension is determined by the physical world. Here, we will have to abandon (ii), but since we are not interested in a theory of the world, but rather in a theory of meaning, these examples introduce no real motivation for rejecting a mentalist account of meaning.

2. Why at Least Some Meanings are in the Head

Consider the well known contrast between the copular verbs SER and ESTAR in languages such as Portuguese and Spanish. Certain adjectives, like *inteligente*, select SER only; others, like *morta*, 'dead', select only ESTAR; others select both, depending on whether they are predicated of an individual or a stage of an individual – a spatio-temporal instance of an individual (this terminology is due to Carlson (1977)). Hence, both (1a) and (1b) are possible sentences in Portuguese, but (2b) and (3c) are unacceptable:

- (1) a. A Maria é alta.
 «Maria is a tall person»
 b. A Maria está alta.
 «Maria is tall now»

- (2) a. A Maria é inteligente.
 b.* A Maria está inteligente.
- (3) a. A Maria está morta.
 «Maria is dead»
 b.* A Maria é morta.

(1a) means that Maria has the property of being tall, but (1b) carries the presupposition that Maria is still growing up: at this stage of her growing up, she is tall. Now, if we ask why (2b) and (2c) sound awkward, the answer is to be found in the meaning of the adjectives *inteligente* and *morta*, and in the properties of the copular verbs SER and ESTAR. Since people are not likely to change their degree of intelligence as time goes by, *inteligente* is a property of individuals, not a property of spatio-temporal instances of individuals. Since people go from the stage of being alive to the stage of being dead, the adjective *morta* denotes a set of stages of individuals and not a set of individuals. Descriptively, SER links an individual and a property; ESTAR links a spatio-temporal instance of an individual and a property (Carlson 1977)³.

Although English speakers learning Portuguese find it extremely difficult to master the SER/ESTAR distinction, linguists have shown that this phenomenon is also operative in English (see Carlson (1977), Kratzer (1995), Diesing (1992)). They have attributed the ungrammaticality of (4b), (5a), and the different readings (generic and existential) of the bare plural in (6) to the same semantic distinction:

- (4) a. John is cutting bread in the kitchen.
 b.* John is knowing the answer.
- (5) a.* There are some people intelligent in the garden.
 b. There are some people sick in the garden.
- (6) a. Firemen are available. (Diesing:1989)
 a'. There are firemen available now.
 a''. Generally, there are firemen available.
 a'''.* All firemen are available.
 b. Firemen are altruistic
 b'. All firemen are altruistic.
 b''.* Some firemen are altruistic

³ Although Carlson didn't specifically discuss SER and ESTAR, his framework fits the Portuguese/Spanish contrast rather neatly.

The assumption that the same semantic distinction accounts for such a wide variety of facts leads to the following two hypotheses:

- I. that this semantic difference correlates with some linguistic phenomenon that is responsible for the wide range of facts mentioned (an hypothesis that has been put forward is that these two kinds of predicates differ in argument structure, a fact that has consequences in the syntax (Kratzer 1989), Diesing (1989));
- II. that this linguistic phenomenon (whichever it might turn out to be) is cross-linguistic, thus probably a linguistic universal.

These two hypotheses taken together, however, only make sense if we assume that the phenomenon in question is somehow mentally represented. Unless we want to say that both the Portuguese and the English judgements are mere coincidence (in which case there is no point in going any further), we can only unify them under the same generalization once we are committed to the idea that they stem from the same source, namely the particular way the human mind represents aspects of meaning.

One might argue that the claim that the stage-individual contrast is a meaning universal is not incompatible with Putnam's position. Putnam's proposal is that the 'normal form' description of the meaning of a word should be a 'vector', whose components include: (1) the syntactic markers that apply to the word, e.g. noun; (2) semantic markers, such as 'animal', 'period of time'; (3) a description of the additional features of the stereotype; (4) a description of the extension. For him, «the components of the vector all represent an hypothesis about the individual speaker's competence, except the extension (p.269)». Putnam could say, then, that the specification that an adjectival predicate takes spatio-temporal instances of individuals as arguments and not individuals, would be part of the individual speaker's competence. However, it is not very clear to me how this can be done in his framework of assumptions, and I will show why.

In his discussion of individual competence, Putnam is very clear in rejecting the idea that 'learning the meaning of a word' is coming to possess a concept:

...the question 'does he know the meaning of the word 'tiger'?' is biased in favor of the theory that acquiring a word is coming to possess a thing called its 'meaning'. Identify this thing with a concept,

and we are back at the theory that a sufficient condition for acquiring a word is associating it with the right concept (or, more generally, being in the right psychological state with respect to it) – the very theory we have spent all this time refuting. So, henceforth, we will ‘acquire’ words, rather than ‘learn their meaning’ (p. 248).

In Putnam’s terms, acquiring a word is coming to know something about a conventional idea (stereotype): «I am suggesting that just such a conventional idea is associated with ‘tiger’, with ‘gold’, etc., and, moreover, that this is the sole element of truth in the ‘concept’ theory (pp. 249-250)».

For him, stereotype is a function of the notion linguistic obligation:

«The theoretical account of what it is to be a stereotype proceeds in terms of the notion linguistic obligation; a notion which we believe to be fundamental to linguistics and which we shall not attempt to explicate here. What it means to say that being striped is part of the (linguistic) stereotype of ‘tiger’ is that it is obligatory to acquire the information that stereotypical tigers are striped if one acquires ‘tiger’, in the same sense of ‘obligatory’ in which it is obligatory to indicate whether one is speaking of lions in the singular or lions in the plural when one speaks of lions in English (p. 251)».

Now, if concepts are reduced to conventional ideas determined by «linguistic obligation», then the universality of the specification that a given predicate is stage or individual level is probably a function of three things: the world, stereotype and linguistic obligation. Speakers would be required to know of a given verb or adjective if it is stage or individual level, and the judgements above for both Portuguese and English would result from the connection between this component of the meaning vector and facts about the grammars of these languages.

However, I see an immediate problem with such an approach, for it is not at all clear to me how the stage-individual contrast (a theoretical notion) can be reduced to any kind of stereotypical or conventional idea that comes to be acquired by linguistic obligation. The fact that the typical speaker of Portuguese assigns an asterisk to (2b) and (3b) shows that he knows that the meaning of *inteligente* differs from the meaning of *morta* in the way specified above. However, no typical speaker of Portuguese will describe the facts to you as I did. Suppose you are a speaker of a foreign language who is interested in learning Portuguese and ask a native speaker (or even a trained teacher of Portuguese as a foreign language) when to use SER or ESTAR. He would say to you, «Well, SER applies to permanent properties, whereas

ESTAR applies to temporary properties». But then «what about (3)?», you would ask. Is *morta*, 'dead', temporary? This would leave him puzzled, wondering what it is that he knows and yet cannot explain. And here is where we have evidence that there is some kind of knowledge that native speakers have that has to do with «knowing the meaning of words» which lies beyond the notion *stereotype*, for how can a conventional idea escape the consciousness of those who have complied with the linguistic obligation of acquiring it?

Suppose we seriously entertain Putnam's proposal, and that, upon some reflection, the speaker of Portuguese realizes that his partial stereotypes for SER and ESTAR are the following:

- (7) ESTAR – verb that links descriptions of states of individuals with individuals.
- SER – verb that links properties of individuals with individuals.

Now consider the adjectives in the examples in (4-6) above and suppose that a similar distinction, 'description of a state of an individual' *versus* 'intrinsic property of an individual' is operative there as well.

To start with, it is unclear how the stereotypical notions mentioned can interact with the grammar of English in such a way as to yield the judgements in (4-6). The contrast between (5a) and (5b) is particularly difficult since it regards sentence structure, and these stereotypical notions fall short from establishing any links with syntactic projection.

Setting aside the problem of the interaction with syntax, I believe that there are other problems with the stereotypical notions entertained. Consider now the use of the Portuguese word for 'altruistic', *altruista*, in the following sentences:

- (8) a. Os bombeiros são altruistas.
'Firemen are altruistic'
- b. Tu costumavas ser egoísta mas hoje estás muito altruista!
'Usually you are very selfish but today you are altruistic!'

These examples show that if the stereotypes associated with the words SER and ESTAR are as mentioned above, then the adjective *altruista* is at least ambiguous or vague in Portuguese. However, the hypothesis was that every predicate (verbal or adjectival) would be

associated with the stereotype ‘description of a state’ *versus* ‘property of an individual’. If the notion in question is ‘stereotype’, it is odd, to say the least, that the word *altruista* should be optionally associated with a ‘state’.

Now consider the word *alto*, (‘tall’/‘high’) and the paradigm below:

- (9) a. *Os edifícios em Manhattan estão altos.
 ‘The buildings in Manhattan are high (now)’
 b. Os edifícios em Manhattan são altos.
 ‘The buildings in Manhattan are high’
 c. A Maria está alta.
 ‘Maria is tall (now)’ (She is growing up)
 d. A Maria é alta.
 ‘Maria is tall’

If the hypothesis in (7) is to be taken seriously, then some adjectives, like *alto* (‘tall’, ‘high’) (and many others) can be descriptions of «states of individuals» when they are predicated of certain objects, but not when they are predicated of other objects. *Alto*, when predicated of «os edifícios em Manhattan» cannot be a description of a state, but this is not so when predicated of adolescents. So, we have two kinds of problems: on the one hand, we have to say that in Portuguese but not in English (cf. (6)) *altruista* can be a «state», which is counter-intuitive if the concept we are dealing with is ‘stereotype’; on the other hand, we have to say that this fact about Portuguese is a function of the individual in question. I can’t see how the stereotype theory can get away with these two problems, while maintaining that the stereotypes for SER and ESTAR are as above.

In effect, what seems to be going on here is that the verb ESTAR takes spatio-temporal instances of individuals as arguments – it might be the case that it contains an implicit locative, thus differing in argument structure from copulative *ser* and behaving more like ‘stand’, the unaccusative verb to which it is etymologically related (see Barbosa 1989 for a proposal along these lines). In (9c) *alta* can be a property of a space-time bound instance of the individual Maria. This is not possible in (9a) because *alto* is not likely to be a property of time bound instances of the buildings in Manhattan. This account involves assumptions about the lexical representation of ESTAR that lie beyond the level of conscious knowledge of the speaker (remember that the best we could do as far as stereotypes go was (7), which has been

argued to be insufficient). Since, for Putnam, «conventional ideas» are the sole «element of truth in the 'concept' theory», and conventional ideas don't help us much here, I take this to show that Putnam's position is inadequate, at least with respect to the examples at hand. Moreover, our account of the facts in (8-9) crucially relies on the idea that knowing the difference between SER and ESTAR is knowing (although unconsciously) that the latter maps individuals into spatio-temporal instances of individuals, whereas the former merely links individuals and properties. This account is still vague, and we might want to investigate how exactly ESTAR happens to perform this mapping, but whatever we do, while doing it, we are being committed to the idea that «knowing the meaning of a word is associating it with the right concept» or «being in the right psychological state with respect to it», the theory Putnam refutes in this article.

Having argued that we cannot account for native speaker intuitions concerning the contrast between SER and ESTAR in Portuguese, or, more generally, the cross-linguistic stage-individual contrast unless we assume that at least some aspects of meaning are in the head, I will now proceed to an examination of Putnam's arguments to the contrary. My aim will be to show that nothing in his argumentation entails the rejection of (i).

3. Putnam's Twin Earth Examples

One of Putnam's objections against the idea that two terms cannot differ in extension and yet have the same intension (a prediction made by the joint assumptions (i) and (ii)) is the Twin Earth example involving the term «water». Twin Earth Oscar and Earth Oscar are in exactly the same psychological state with respect to the term water in although «water» has different extensions in Twin Earth and Earth. His claim is that, because natural kind words are **indexical** (water at another time and another place has to bear the relation «same» to the stuff we call water here), the extension of the term 'water' is not a function of psychological state, but a function of what the environment is like.

This is an indisputable fact, and we don't wish to argue against it. What we want to say, however, is that the only thing this example shows is that extension is not a function of psychological state (or, in other words, intension does not determine extension). From this it

doesn't follow that meanings are not mental entities. As Putnam himself recognises:

The theory that natural-kind words like 'water' are indexical leaves it open, however, whether to say that 'water' in the Twin Earth dialect of English has the same meaning as 'water' in the Earth dialect and a different extension (which is what we normally say of 'I' in different idiolects), thereby giving up the doctrine that 'meaning (intension) determines extension'; or to say, as we have chosen to do, that difference in extension is *ipso facto* a difference in meaning for natural kind words, thereby giving up the doctrine that meanings are concepts, or, indeed, mental entities of any kind (p. 245).

Putnam's motivation for making extension part of the 'meaning vector' of a term is to preserve meaning in science: the only way we can attribute at least some true beliefs to Bohr when he talked about electrons in 1900 is by assuming that he was talking about the same objects we refer to now as 'electrons'. In other words, for Putnam, the term 'electron' in Bohr's lips in 1900 means the same as the term 'electron' uttered by a contemporary physicist, and this is so because extension is part of the 'meaning' of a term. However, I find this claim counter-intuitive. My intuitions are that if we asked Bohr if the meaning of the word electron had changed for him from 1900 to 1990, he would say yes, though he meant the word to refer to the same objects.

Be that as it may, this Twin Earth example succeeds in showing that sameness of intension does not entail sameness of extension, but, as long as we abandon assumption (ii) for these cases, we are not committed to rejecting (i). Moreover, so far, we have seen no evidence that (i) should be abandoned in favor of (ii).

We have seen that Putnam himself agrees that the Twin Earth 'water' example does not necessarily force us to the conclusion that meanings are not in the head. However, he claims that this is not so with his 'beech' and 'elm' examples, and his argument goes like this.

Take the English speaker Oscar who doesn't really know how to tell an elm tree from a beech tree, and his Doppelgänger in Twin Earth. Twin Earth is exactly like Earth, the only difference being that the words 'beech' and 'elm' are switched. Then, even though the two speakers have exactly the same mental representations, the word 'elm' in Twin Earth Oscar's lips will mean beech, whereas it will mean elm in Earth Oscar's lips.

In the first place, it is crucial for Putnam's example to work that the terms picked out be such that they can be vaguely represented in the heads of the average speaker. This is obviously not the case for a

great part of the terms of a language, but happens to be true of those that involve expertise of some kind. The fact that the average speaker of English can't tell elms from beeches doesn't affect his individual competence of the language (we wouldn't say that the majority of English speakers do not know English because of this fact), but this characteristic is not shared by other terms. In the second place, these are exactly the terms that preserve meaning across languages: the word 'elm' is translated into orme in French, but what about the word 'know'? Here we run into trouble. In other words, I may know the whole paradigm for names of trees in French, without knowing anything else about French, but I cannot know the difference between «connaitre» and «savoir», without knowing a great deal about the usages of these words in French.

What this means, then, is that this example simply shows that, for certain paradigms of words, which can independently be shown to be somehow special, reference is fixed by what the philosopher calls 'the division of linguistic labor'.

I have been trying to avoid the word 'meaning', because it is highly misleading. For Putnam, extension is part of the meaning of a word, so he is led to the conclusion that the psychological state of the individuals Twin Earth Oscar and Earth Oscar does not determine what they mean. On the one hand, his position captures the intuition that the characteristics that distinguish an elm tree from a beech tree are somehow part of the meanings of 'elm' and 'beech'. On the other hand, I find it very counter-intuitive to say that Twin Earth Oscar and Earth Oscar understand the term 'elm' differently, or mean different things when they utter this word: what they mean (intuitively for me at least) is exactly the same thing in both cases, namely «tree which belongs to a species which experts on whom I rely (at this time) call by the name 'elm'»⁴. That they end up referring to different objects is a function of social convention, but this doesn't entail that meanings are not in the head, it only implies that, in the case of certain words at least, reference is not in the head. If we want to grasp the intuition that extension is somehow part of the meaning of the word 'elm', I see no harm in doing that while maintaining that «knowing the meaning of a word is being in a certain psychological state», for in the case of the examples in question, Twin Earth Oscar and Earth Oscar simply don't know the meaning of the word 'elm' in the sense of meaning we

⁴ Here I am following Searle quoted by Putnam in *Representation and Reality*, p. 26.

have just defined (in this respect, intuitions differ for the ‘water’ and the ‘elm’ examples: that water is H_{2O} is not intuitively part of the meaning of the word ‘water’, but whatever characteristics elm trees have that distinguish them from other kinds of trees is intuitively part of the meaning of the term ‘elm’). Thus, even when we take the position that, for certain terms, reference is part of meaning (in the broad sense), we are not forced to abandoning the assumption that knowing the meaning of a word is being in a certain psychological state. (Earth Oscar and Twin Earth Oscar don’t know the meanings of the words in question in this broad sense!). All we are inevitably forced to conclude from this Twin Earth example is that individual concept doesn’t fix reference in the case of some classes of words in natural languages.

4. Mental Representations and Phonetic Shape

Putnam saw a major problem with choosing to omit the extension as a component of «the meaning vector», for this would lead to «the paradox that ‘elm’ and ‘beech’ have the same meaning but different extensions (p.270)». However, I wish to argue that the words ‘elm’ and ‘beech’ do not have the same meaning (in the sense of intension) for the simple reason that they are not associated in the mind of the speaker with the same concept. In my view, phonetic form is an essential part of the mental representation of a word. In the examples in question, the fact that the speaker knows that the words ‘elm’ and ‘beech’ belong to the same paradigm and have distinct phonetic forms is by itself a sufficient condition for him to be able to have a representation of ‘elm’ which singles out elms from other species (though reference is left for experts to fix). In other words, knowing that distinct phonetic forms belong to a paradigm that has certain properties (in this case the paradigm ‘tree’) creates the conditions for usage and distinctness of reference.

In general, the speaker’s expectation is that there are no synonyms, though he may later learn that two different words are synonymous. In effect, if we don’t assume that the child brings this expectation to the language acquisition task it will be very difficult to account for meaning acquisition (see Gleitman (1990) for a proposal along these lines).

This conception of mental representation of lexical items departs from Putnam’s, for he holds that meaning is something that exists independently from phonetic shape: «An important part of the purpose of the notion of meaning is precisely to abstract away from the pho-

netic shape of the name. To say that the phonetic shape of the name («elm», or «Ulme,» or «orme») is essential to the meaning is to confuse precisely what we want to abstract away from in meaning talk (*Representation and Reality*, p.27)» This is the philosopher's point of view, but, as linguists, we know that, although it is easy to abstract away from phonetic shape in the case of the words Putnam discusses, for they directly refer to substances or objects we can point to in the real world, this is not so with other words, whose meaning in the broad sense (including reference) is most often determined by the formal relations that are established within a given semantic space.

Take the already mentioned word «know» in English. In Portuguese, there are two words for English 'know', *conhecer* and *saber*, but how can we abstract away from phonetic shape in this case? It is the very existence of two phonetic forms dividing up the semantic space in question that determines the meaning of each. When talking about the meaning of *conhecer*, it is impossible to abstract away from the fact that this word coexists with *saber*. Likewise, when talking about the meaning of 'tall' in English it is impossible to abstract away from the existence of 'high' (other languages don't make this distinction). Therefore, phonetic shape is essential to meaning. Note that what I am claiming is essential to meaning is not the particular phonetic shape (say [kuñser]) in question, but the fact that distinct phonetic forms coexist within the same paradigm in the speaker's mind, or stand in particular formal relations with respect to one another. This is the old Saussurian view, according to which the relation between the phonetic shape of a linguistic sign and its «signifié» (thing signified, or meaning) is necessary, though the relation between linguistic sign and referent is arbitrary.

Summing up, Putnam's concern that abandoning assumption (2) leads to the paradox that 'elm' and 'beech' have the same meaning but different extensions is not motivated, for this problem only arises in a conception of meaning that takes it that we can abstract away from phonetic shape in «meaning talk». Such an abstraction seems possible in certain classes of words, but problematic in the case of the words whose meaning in the broad sense (including reference) is determined by formal relations established within a paradigm. As regards the former class, in some cases, meaning (in the sense of intension) does not fix reference, but creates the conditions for reference. In the latter case, we can and in fact must hold to the assumption that meaning (in the sense of intension) determines reference. In the next section, I discuss another example that illustrates this fact.

5. SER and ESTAR Revisited

Consider again the paradigm in (1), repeated here as (10), and the English sentence in (11):

- (10) a. A Maria é alta.
 b. A Maria está alta.
- (11) Mary is tall.

The adjective *alta* in (10a) denotes a set of individuals, but in (10b) it presumably denotes a set of spatio-temporal instances of individuals, for (10b) carries the presupposition that Mary is either growing up or standing on high heels or something to that effect. Hence, it seems that reference in this case is a function of choice of copular verb, which leads us to the conclusion that extension is not just fixed by the world or by the linguistic division of labour. Here at least, reference is fixed by linguistic representation. This fact is clearer when we introduce a Twin Earth example.

Assume that Twin Earth is exactly like Earth except that there English is similar to Portuguese in that it has two kinds of copula, the individual level copula and the stage-level copula, call them 'be' and 'stee'. Then, Twin Earth Oscar would have the choice of saying «Mary is tall» or «Mary stis tall». The latter sentence, but not the former would carry the presupposition that Mary is growing up, so 'tall' in the latter sentence would denote a set of stages of individuals, whereas in the former case it would denote a set of individuals. Notice that the world and the 'stereotype' are held constant in Twin Earth and Earth. However, reference has changed. Therefore, in this example at least, reference is a function of something other than the environment or society: it is a function of the availability of choice of terms in a particular language. This is an indication that at least in some cases reference is fixed by intension.

5. Conclusion

We have seen that the philosopher's objections to the mentalist accounts of meaning only arise in connection with two classes of terms: substance terms (like 'water'), and natural kind terms that involve expertise of some kind. Each class raises a different issue, as we have seen, but both hinge on the problem of knowledge of the world (scientific knowledge, on the one hand; and specialized knowl-

edge, on the other). In section 4, we have claimed that, in the case of the 'elm' and 'beech' examples, intension does not fix reference, but creates the conditions for reference (thus determining uniqueness of reference). In addition, we have shown in the last section that extension is not merely fixed by the environment or society, as Putnam argued, but is also determined by linguistic representation. Hence, it seems that all we are left with is the problem raised by substance terms, or scientific knowledge: for these cases, we have to give up the assumption that meaning (intension) determines reference. However, is this a sufficient reason to abandon a mentalist account of meaning? In section 2 I have tried to show that a non-mentalist theory of meaning would lead to very unsatisfactory results, and, most importantly, it would leave many potentially interesting questions unanswered. Once they are put in a mentalist perspective, these questions can be answered in an enlightening way and rather obscure facts concerning speaker's individual competence can be related cross-linguistically, while linguistic universals are isolated. Should we give up such a promising line of enquiry on the grounds of the need for incorporating reference into meaning in the restricted area of scientific meaning?

REFERENCES

- BARBOSA, P. (1989), 'Secondary Predicates and the Stage-Individual Contrast in Portuguese', paper presented at the 'Workshop' sobre Gramática Generativa, Associação Portuguesa de Linguística, Óbidos, Portugal, Julho de 1989.
- BRANQUINHO, João e DESIDÉRIO MURCHO (orgs.), *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. Lisboa: Ed. Gradiva.
- CARLSON, G. (1977), «A Unified Analysis of the English Bare Plural» in *Linguistics and Philosophy* 1, p. 413-456.
- CHOMSKY, N. (1986), *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- DIESING, M. (1992), *Indefinites*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- GLEITMAN 1990), «The Structural Sources of Verb Meanings». *Language Acquisition* 1: 3-55.
- KRATZER, A. (1995), «Stage-Level and Individual-Level Predicates» in Carlson, G. & Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Workbook*. Chicago: The University of Chicago Press, p.125-175.
- LARSON, Richard e GABRIEL SEGAL (1995), *Knowledge of Meaning – An Introduction to Semantic Theory*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

- PUTNAM, H. (1975) «The Meaning of 'Meaning'», in *Mind, Language and Reality: Philosophical Papers 2*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PUTNAM, H. (1988) *Representation and Reality*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- SAUSSURE, F. de (1915) *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica de T. de Mauro. Paris: Payot. 1975.

As Palavras e o Tempo: Empréstimos Lexicais no Inglês Médio

ISABEL ERMIDA
(Universidade do Minho)
iermida@ilch.uminho.pt

ABSTRACT

Words and Time: Lexical Loans in Middle English

The first section of this paper aims at presenting a brief historical framework of Middle English, by showing the main social and political events that gave rise to this intermediate linguistic phase. It is also intended to briefly discuss its geographical diversity, as well as its main phonetic, morphological and syntactic features as opposed to Old English. Then, the paper focuses on the lexical characteristics of Middle English, giving an account of the word borrowings – mainly Latin, Scandinavian and French – that took place at this stage.

The second part of the paper consists of a lexico-semantic analysis of a poem by Cotton Nero, «Pearl» (lines 1-60), which dates from the end of the 14th century. The main objective underlying the analysis is to spot the lexical loans present in the extract and trace back their roots. Emphasis is laid on extra-grammatical words (nouns, adjectives, verbs and adverbs) and, among these, on nouns and adjectives, given their predominance. The richness of the data provides an interesting insight into the diversity of lexical influences that have survived in English until the present time.

Key-words: History of the English Language, Linguistic Phasing, Lexical Loan, Middle English.

Introdução

In English tonge I schal 3ow telle
 zif 3e wyth me so longe wil dwelle.
 No Latyn wil I speke no waste,
 But English, ꝑat men vse mast,
 ꝑat can eche man vnderstande
 ꝑat is born in Ingelande.

William of Nassyngton (c.1325) ¹

Embora a definição de períodos linguísticos seja forçosamente mais vaga do que a de períodos na história política, dado o carácter constante da evolução da língua enquanto organismo vivo e a consequente ausência de marcos temporais nítidos, a história da língua inglesa encontra-se dividida em três estádios principais. São eles o Inglês Antigo, Médio e Moderno. Esta compartimentação não é alheia, no entanto, a uma estreita interligação entre os factores linguísticos e político-sociais. Com efeito, inúmeros factos de natureza política pautaram a historiografia da língua inglesa. Por exemplo, os registos de Inglês Antigo que chegaram até nós correspondem em larga medida à língua-padrão falada e escrita no reino de Wessex, sob a predominância política do Rei Alfredo ². A invasão normanda de 1066 viria alterar consideravelmente o panorama linguístico em Inglaterra nos séculos seguintes, o qual comporta um reconhecido interesse sociolinguístico. É justamente sobre este período intermédio, geralmente considerado entre o século XII e finais do século XV, que aqui nos debruçaremos. Será de notar, no entanto, que os filólogos apresentam ligeiras divergências quanto à sua delimitação: enquanto O. F. Emerson estabelece as datas 1100-1500, Burrow e Turville, mais flexíveis, apresentam os limites 1100-50 e 1450-1500, e B.Strang, seguindo critérios diferentes, aponta para 1170-1570 ³.

¹ Leia-se: «Em língua inglesa passo a falar-vos, / Se comigo algum tempo vos detiverdes. / Nenhum latim falarei nem gastarei, / Mas inglês, o qual se usa mais, / E o qual qualquer homem compreende / Se tiver nascido em Inglaterra.» Excerto de *Speculum Vitae or Mirror of Life*. *Apud* Baugh e Cable (1993:141).

² Por outras palavras, a predominância política reflecte-se na predominância linguística. Embora muitos outros dialectos se encontrassem activos ao nível da oralidade, a norma escrita, tanto em prosa como em verso, pauta-se pela variedade linguística do sudoeste. Cf. Burrow e Turville (1992:3).

³ Ver, respectivamente, Emerson (1932:xiii), Burrow e Turville (1992:3) e Strang (1970:10).

É nosso propósito, neste trabalho, enquadrar historicamente o Inglês Médio e discutir, ainda que sucintamente, as suas características principais. Concentrar-nos-emos, então, no plano léxico-semântico, dada a riqueza dos fenómenos vocabulares registados nesta fase. Neste sentido, ilustraremos os pressupostos teóricos apresentados com a análise de um texto datado dos finais do séc. XIV, de título *Pearl*, atribuído a Cotton Nero.

PRIMEIRA PARTE

1. Contexto Histórico

A vitória de Guilherme o Conquistador em solo britânico foi não só um marco fundamental na história política de Inglaterra como também um importante ponto de viragem na sua história linguística. A colonização normanda que sobreveio a 1066 trouxe consigo diversos factores que ditaram de um modo decisivo o futuro da língua inglesa: a substituição da velha nobreza inglesa (substancialmente dizimada em Hastings) por nobres normandos fiéis a Guilherme e, por outro lado, o controlo dos altos cargos clericais pelo povo dominador⁴ tiveram uma influência determinante no estatuto da língua invasora. Com efeito, uma clara situação de *diglossia* cedo se delineou: o francês, falado pelas classes altas, era a língua de prestígio, ao passo que o inglês, relegado para o uso das massas, rapidamente perdeu qualquer tipo de relevância sociopolítica. Como referem Baugh e Cable (1993:113), «English was now an uncultivated tongue, the language of a socially inferior class». Daí a sobrevivência da língua inglesa ao nível essencialmente oral, uma vez que a literatura cortesã passou a ser produzida, em larga medida, em francês.

Com o dealbar do séc.XIII, no entanto, assistiu-se a uma significativa alteração deste panorama. A perda da Normandia, em 1204, viria a marcar o início de um processo em que a consciência nacionalista dos ingleses se desenvolveria, contrariamente à progressiva perda de identidade e orgulho nacionais por parte dos normandos. O afrouxamento dos laços territoriais com o Continente e, paralelamente, o

⁴ Cf. Baugh e Cable (1993:109-10).

carácter dialectal do francês falado pela nobreza normanda em Inglaterra foram, gradualmente, colocando em perigo a prevalência da língua estrangeira sobre o inglês. Como B.Strang (1970:217) faz notar, o «Norman-French» já era, por esta altura, «essentially a distinct language, Anglo-Norman». A natureza provinciana do falar normando, motivo de um certo escárnio por parte das elites continentais, deu, de facto, um contributo importante para o declínio do francês além-Mancha. Entretanto, sobretudo na segunda metade do séc.XIII, a língua inglesa foi fazendo avanços: Baugh e Cable (1993:132) dizem-nos que «English was becoming a matter of general use among the upper classes». O estatuto de língua culta estava ainda, contudo, reservado ao francês, apoiado pela tradição oral e pelas convenções político-administrativas. Esta fase, como veremos depois, foi particularmente rica em empréstimos lexicais.

Um outro acontecimento político viria a ser relevante para a definitiva aceitação da língua nacional. A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) transformou o francês na língua do inimigo, e os sentimentos de hostilidade para com os rivais continentais ajudaram à consolidação do inglês. Com efeito, o séc. XIV assistiu à adopção generalizada da língua inglesa, tanto nas classes cultas como incultas, tal como sugerem diversos testemunhos de contemporâneos ⁵. Dois passos decisivos neste processo foram, sem dúvida, a introdução do inglês nas escolas (1348-9) e nos tribunais (1362) ⁶. A crescente ignorância do francês no séc.XV, em termos de comunicação oral, foi acompanhada pelo progressivo uso do inglês ao nível da produção escrita. Com o reconhecimento literário do idioma anglo-saxónico atingir-se-ia o degrau que faltava ao domínio absoluto da língua nacional.

2. Diversidade

Quando Chaucer lamentou o facto de existir «so gret diversite / In Englissh, and in writyng of oure tongue» ⁷, estava certamente a referir-se à ausência de um padrão nacionalmente reconhecido de orto-

⁵ Veja-se o poema citado em epígrafe. Baugh e Cable (1993:140-2) citam outros autores.

⁶ Cf. B.Strang (1970:219) e Baugh e Cable (1993:145-7).

⁷ Leia-se «uma tão grande diversidade /No inglês e na escrita da nossa língua». Cf. Geoffrey Chaucer, *Troilus and Criseyde* (texto escrito por volta de 1385-90). *Apud* Baugh e Cable (1993:185).

grafia do inglês. Com efeito, a notável variedade que caracteriza a língua inglesa deste período – problemática tanto para os contemporâneos como para os estudiosos de hoje – deve-se em larga medida à falta de uma norma escrita, cuja função é camuflar as variações regionais e individuais que todas as línguas manifestam. No Inglês Médio, a riqueza dialectal e as profundas mudanças operadas pela coexistência de comunidades bilingues viram-se, de facto, favorecidas pela secundarização que o inglês escrito sofreu, tanto a nível literário como político-administrativo. Por outro lado, o papel dos escribas é aqui de salientar: contrariamente ao que acontecera no período anterior, uma espantosa flexibilidade na ortografia teve lugar a partir do séc. XII, o que contribuiu para o relaxamento do carácter conservador inerente à escrita.

A diversidade da língua inglesa nesta «linguistically malleable age»⁸ ocorre então, em grande parte, no plano regional. Como B.Strang (1970: 224) sublinha, «Middle English is, par excellence, the dialectal phase of English». A tripla divisão em «Northern», «Southern» e «Midland» data já do séc. XIV⁹, mas ainda hoje vigora, com maiores ou menores especificações. O dialecto «Midland», sobretudo, tem sido frequentemente subdividido em Leste e Oeste, considerando-se o «East Midland» como aquele que formou «the basis of the modern language of standard speech and literature»¹⁰. Algumas diferenças fundamentais entre os dialectos do Norte, Centro e Sul são sucintamente apresentadas por Baugh e Cable (1993:185-7). A terminação do plural no presente do indicativo, por exemplo, era no Norte *-es*, no Centro *-en* e no Sul *-eth*, enquanto que o particípio presente assumia, respectivamente, as seguintes formas: *-ande* (empréstimo escandinavo), *-ende* e *-inde*¹¹. Não nos deteremos aqui a enunciar as peculiaridades gramaticais, fonéticas e lexicais que distinguem os três dialectos, porque numerosas. Gostaríamos, no entanto, de salientar a posição intermédia ocupada pelo dialecto central, o qual adoptava ora umas ora outras das formas dialectais mais próximas.

Mas se as variações diatópicas são no Inglês Médio consideráveis, a variação diacrónica também deverá ser tida em consideração. Com

⁸ Cf. B.Strang (1970:214).

⁹ Ver Burrow e Turville (1992:6).

¹⁰ Cf. Emerson (1932:xv).

¹¹ Assim, por exemplo, existiam as formas *loves* no Norte, *loven* no Centro e *loveth* no Sul, ao passo que, anteriormente à adopção generalizada do sufixo *-ing* como norma do gerúndio, as realizações eram, respectivamente, *lovande*, *lovende* e *lovinde*.

efeito, o factor «tempo» traduz-se em diferentes estádios evolutivos da língua inglesa neste período medieval. A alteração da conjuntura socio-política por volta do séc.XIII contribuiu, como acima observámos, para o seu desenvolvimento e enriquecimento, de tal modo que é possível falar de dois tipos de inglês médio: um «early» e um «late». Como Burrow e Turville (1992:6) salientam, os escritos de poetas e prosadores do séc.XII terão parecido sem dúvida arcaicos aos olhos dos seus sucessores quatrocentistas.

3. Diferenças entre o Inglês Antigo e o Inglês Médio

Alguns historiadores da língua inglesa, como Baugh e Cable (1993: 154), defendem que as transformações linguísticas sofridas neste período intermédio são mais profundas e abrangentes do que quaisquer outras registadas antes ou depois. A explicação deste carácter inovador do Inglês Médio prende-se em parte com o facto de a invasão normanda ter libertado a língua nacional das tendências conservadoras que afectam qualquer língua quando intensivamente usada na forma escrita e falada por uma classe culta influente. Com efeito, as notáveis inovações ao nível do léxico e da gramática operadas nesta fase fazem-nos compreender a importância do Inglês Médio como base do inglês moderno. Façamos, então, uma muito breve referência às principais características do Inglês Médio, que justificam considerá-lo um período substancialmente diferente daquele que o precedeu.

A tendência a apagar as distinções vocálicas nas sílabas átonas finais, reduzindo muitas delas para o som [Ĕ], foi um fenómeno fonético largamente responsável por uma acentuada alteração na morfologia: a simplificação do sistema inflexional¹². Com efeito, o obscurecimento das terminações das palavras, sobretudo substantivos e adjetivos, para a chamada «vogal indeterminada»¹³ causou a perda de muitas distinções de número, caso e, muito particularmente, de género. Este último sofreu uma das mais decisivas inovações do período do Inglês Médio: o género gramatical sucumbiu em favor do natural. Ao nível dos verbos, a tendência geral de nivelamento das inflexões também se fez sentir, acompanhada, por um lado, de sérias perdas na

¹² Sobre este assunto, ver, por exemplo, Burrow e Turville (1992:20-37).

¹³ Cf. Baugh e Cable (1993:155).

conjugação forte e, por outro, do «enfraquecimento» de verbos inicialmente fortes, fenómeno motivado sobretudo pelo princípio da analogia ¹⁴. A tendência simplificadora desta época, de que a monotongação é outro exemplo flagrante, foi no entanto bem mais rápida no dialecto do Norte ¹⁵. Efectivamente, a retenção de um grande número de inflexões e do som átono final [R] ainda eram assinaláveis na zona Sul durante o séc.XIV, ao passo que o Norte, já no fim do século anterior, assistira à redução da maioria dos substantivos e adjectivos para uma única forma inflexional.

Mas se a passagem, numa língua, de um estágio sintético (bem patente na carga sufixal do Inglês Antigo) para um estágio analítico implica uma simplificação da morfologia, o mesmo não se poderá obviamente dizer da sintaxe. De facto, a função das palavras na frase, anteriormente determinada pelas inflexões, passou a ser ambígua no Inglês Médio, ou seja, as relações sintáctico-semânticas tornaram-se obscuras. Como consequência, a ordem sintáctica passou a desempenhar um papel preponderante, sendo substancialmente reduzido o grau de liberdade nas combinações e posicionamento das palavras na frase. Como Baugh e Cable (1993:162) fazem notar, «the most direct way to avoid (...) ambiguity is through limiting the possible patterns of word order» ¹⁶. A rigidez sintáctica daí resultante torna-se, na verdade, necessária quando, por exemplo, as funções nominativa e dativa de dois substantivos contíguos se perdem a nível morfológico.

Mas as mais surpreendentes, porque numerosas, novidades deste período registam-se, sem dúvida, a nível vocabular, e é precisamente este aspecto que agora abordaremos.

4. Influências Lexicais

O carácter vivo de uma língua e as constantes mudanças que daí decorrem são mais facilmente detectáveis ao nível do vocabulário. O caso da língua inglesa, ponto de encontro de diversas influências, confirma-o. Na verdade, a riqueza dos contactos lexicais que o inglês absorveu ao longo do seu processo evolutivo fá-lo merecer um adjec-

¹⁴ Por verbos fortes e fracos, os autores entendem, respectivamente, os verbos irregulares e regulares. *Idem*, p.159.

¹⁵ Cf. Emerson (1932:xvi). Sobre a monotongação, p.xli.

¹⁶ Sobre a questão da inflexibilidade sintáctica como forma de obstar à ambiguidade, ver também B.Strang (1970:210-2) e Burrow e Turville (1992:53).

tivo tão longo quanto o que o escritor Daniel Defoe usou em 1702 ao referir-se ao «Roman-Saxon-Danish-Norman English»¹⁷. A dupla raiz românica e germânica da língua inglesa confere-lhe um carácter cosmopolita que a torna familiar aos ouvidos dos falantes de ambos os ramos linguísticos¹⁸.

O período do Inglês Médio marca uma fase imensamente interessante na história léxico-semântica do inglês. A situação de bilinguismo entre a comunidade nativa e as comunidades invasoras – normanda e nórdica – revelou-se particularmente fecunda, numa época em que, como vimos, a língua nacional foi ensombrada por uma conjuntura de sujeição política. O número de empréstimos vocabulares registados sobretudo na segunda parte do período é espantoso, o mesmo se podendo, todavia, dizer das perdas. Com efeito, como B.Strang (1970: 251) explica, muitos vocábulos importados vieram substituir palavras já existentes, ao invés de, como frequentemente se supõe, suprir uma carência. Seja como for, a profusão e a heterogeneidade de palavras novas no Inglês Médio justificam considerá-lo um período de singular inovação (e renovação) léxico-semântica.

4.1. *Influência Latina*

O latim era, no período medieval que estamos a analisar, uma componente básica dos estudos secundários (privilégio, por seu turno, de uma faixa estreita da população), mas o seu uso efectivo estava reservado à religião, à literatura, à filosofia e a outros domínios igualmente elevados. No período do Inglês Antigo, empréstimos directos do latim já haviam ocorrido, processo que continuaria na fase seguinte, se bem que, de início, numa escala modesta¹⁹. Durante o século XIV, no entanto, a actividade dos tradutores acentuar-se-ia, devido ao florescimento da cultura clássica. O culminar da influência latina, no

¹⁷ *Apud* G.Hughes (1989:5).

¹⁸ Atente-se nas palavras de Baugh e Cable (1993:10): «English is classified as a Germanic language. That is to say, it belongs to the group of languages to which German, Dutch, Flemish, Danish, Swedish, and Norwegian also belong. It shares with these languages similar grammatical structure and many common words. On the other hand, more than half of its vocabulary is derived from Latin. Some of these borrowings have been direct, a great many through French, some through the other Romance languages. (...) All of this means that English presents a somewhat familiar appearance to anyone who speaks either a Germanic or a Romance language.»

¹⁹ Cf. Burrow e Turville (1992:18).

período renascentista, registaria um enorme caudal de empréstimos, especialmente do foro científico.

Segundo Baugh e Cable (1993:180), a diferença entre os empréstimos latinos e franceses é a de os primeiros serem menos populares e terem sido adoptados por intermédio da linguagem escrita. Também B.Strang (1970:186) se refere à utilidade de uma distinção entre os empréstimos resultantes de contactos linguísticos orais – acessíveis, em pé de igualdade, a todos os falantes de uma língua – e aqueles que resultam do contacto, via canais escritos, com línguas cultas. A natureza erudita e, logo, elitista do latim seria propositadamente explorada pela estilística quinhentista. No Inglês Médio, entretanto, o registo da língua latina era já nitidamente elevado e formal. Como G. Hughes (1989:17) defende, o grau «informal» era ocupado pelos elementos anglo-saxónico e nórdico, ao passo que o latim, o grego e, nesta acepção, o «Norman French» conferiam formalidade ao discurso. A divisão que Baugh e Cable (1978:182) apresentam entre os níveis «popular, literário e culto», a que correspondem respectivamente as línguas nativa, francesa e latina, corrobora largamente esta posição.

Apesar da óbvia conotação do latim com cultura, ciência e erudição, a identificação genealógica dos empréstimos lexicais de ressonância latina não é sempre clara. Como B.Strang (1970:186) faz notar, «we cannot always be certain whether a word is a direct loan from Latin or mediated through French». Com efeito, em muitos casos as palavras latinas eram assimiladas pelo francês ao mesmo tempo que a língua inglesa as absorvia, facto que torna o inglês ambiguamente devedor do impacto de ambas as línguas.

4.2. *Influência Escandinava*

A importância da influência românica no léxico do Inglês Médio tende a votar ao esquecimento o papel desempenhado pela presença escandinava em território inglês. No entanto, muitas palavras que sobreviveram até aos nossos dias têm origem no «Old Norse». O contacto com a língua nórdica deveu-se às incursões que os «Vikings» foram efectuando nas ilhas britânicas. O tratado que, cerca de 886, os confinou à área designada por «Danelaw»²⁰ determinou igualmente a zona em que os contactos linguísticos directos se estabeleceriam.

²⁰ «(...) an area of England to the East and North of the Walting Street, the old Roman road from London to Chester.» See G.Hughes (1989:42).

Numa primeira fase, a distribuição geográfica dos elementos nórdicos viu-se, por conseguinte, limitada à área de colonização «viking». Tal facto explica o carácter regional e mesmo dialectal que alguns empréstimos escandinavos conservaram até hoje: *kay*, por exemplo, sobrevive no dialecto de Cheshire com o sentido de *left*.

Contudo, os empréstimos nórdicos não se realizaram apenas ao nível directo ou regional. Através de um processo secundário de empréstimo interno, a influência escandinava foi sentida noutras, ou mesmo em todas, as partes da nação. Deste modo, palavras tão comuns como *die*, *knife*, *law*, *skin* e *take* cedo foram adoptadas a nível nacional²¹. Mas o exemplo mais marcante é o dos pronomes – hoje *they*, *them*, *their* – que gradualmente substituíram as formas nativas em «h-»²², fenómeno que é tanto mais notório quanto são raros os empréstimos pronominais entre línguas.

Uma outra questão a referir é a dificuldade em averiguar se estamos ou não na presença de um empréstimo escandinavo. O parentesco da língua nativa com a língua nórdica, ambas membros da família germânica, resulta numa problemática semelhança de formas e sentidos. Por outro lado, as «traduções fonémicas» a que B. Strang (1970: 255) faz referência agravam o problema, na medida em que palavras estrangeiras eram assimiladas a um padrão fonológico familiar e tratadas como sendo nativas. Uma dificuldade adicional reside na existência de palavras homónimas em que o sentido da palavra escandinava prevalece sobre o nativo – como acontece com *dream* (em Inglês Antigo, *music*, *joy*).

De assinalar, ainda, que os empréstimos nórdicos são de natureza oral, não-literária e quotidiana. Como G. Hughes (1989:43) afirma, «their unrefined directness and generality place them naturally in the neutral or lower register».

4.3. *Influência Francesa*

A ocupação normanda do território anglo-saxónico teve repercussões ímpares na história lexical da língua inglesa. O influxo de palavras francesas foi incomparavelmente intenso, e a sobrevivência de grande parte deste legado até aos dias de hoje atesta bem a sua relevância. Efectivamente, crê-se que dos cerca de 10.000 vocábulos absorvidos

²¹ Cf. Burrow e Turville (1992:16).

²² Veja-se, por exemplo, as formas perdidas do Inglês Antigo *hie*, *hiera*, *him*.

pelo inglês no período do Inglês Médio, 75 por cento estejam ainda em uso corrente ²³.

No entanto, o caudal de importações foi bem mais acentuado no «late Middle English» do que no período inicial de convivência bilingue. Na verdade, como Baugh e Cable (1993:163-5) argumentam, dois estádios deverão ser considerados neste processo, cuja linha divisória aproximada é o ano 1250. Os empréstimos lexicais da primeira fase caracterizam-se por serem menos numerosos e por mostrarem mais frequentemente as peculiaridades da fonologia anglo-saxónica. Com efeito, palavras como *change*, *just* e *gentle* evidenciam uma adaptação da pronúncia francesa ([ʃ] e [ʒ]) aos sons africados nativos ([tʃ] e [dʒ], respectivamente), facto que de imediato os distingue de empréstimos posteriores. Por outro lado, as circunstâncias que rodearam esta primeira fase explicam largamente a escassez de permutas. De facto, a segregação social entre as classes dominantes normandas e as massas nativas subjugadas deixava pouco espaço ao convívio linguístico. Mesmo assim, as cerca de 900 palavras que deram entrada no inglês durante este período revelam bem a natureza das relações sociais entre as classes baixas inglesas e a aristocracia normanda (*baron*, *noble*, *dame*, *servant*, *feast*, *largess*, etc.).

No período que se seguiu a 1250, a língua inglesa, como acima vimos, foi progressivamente reconquistando a primazia que lhe tinha sido negada desde a derrota em Hastings. Este fenómeno reveste-se de particular significado entre as classes superiores que, na tentativa de adopção da língua nativa, transportam para ela um grande número de palavras francesas. Com efeito, o domínio imperfeito do vocabulário inglês e a cedência ao impulso natural de recorrer a termos familiares levou os normandos a efectuar uma quantidade espantosa de transferências vocabulares. Os termos emprestados pertencem aos mais variados domínios: governamental, administrativo, eclesiástico, jurídico, militar, artístico, científico e, igualmente, ao domínio das actividades quotidianas, tais como a alimentação, a moda e a decoração doméstica ²⁴. Esta mais que generosa contribuição francesa para o

²³ Cf. Baugh e Cable (1993:174).

²⁴ As listas de importações francesas apresentadas por Baugh e Cable (*idem*, pp.165-9) são surpreendentemente longas e incluem muitos termos fulcrais no léxico actual do inglês. Ao nível do vocabulário administrativo-governamental, veja-se, por exemplo: *crown*, *state*, *empire*, *reign*, *royal*, *authority*, *sovereign*, *majesty*, *scepter*, *tyrant*, *court*, *council*, *parliament*, *treaty*, *alliance*, *tax*, *subsidy*, etc. No domínio eclesiástico, atente-se nos seguintes exemplos: *religion*, *theology*, *sermon*, *homily*, *sacrament*, *baptism*, *confession*, *prayer*, *clergy*, *prelate*, *cardinal*, *dean*, *chaplain*, *pastor*, *vicar*, etc. No plano das

vocabulário inglês não confunde, porém, os estudiosos, para quem a língua inglesa é ainda, e sê-lo-á sempre, essencialmente germânica. Como G.Hughes (1989: 23) faz notar, «it is [the] Germanic core of basic words, many writers have insisted, which preserves meaning most surely; for them the less familiar areas of Norman and Latin refinement are suspect.» As conotações do léxico francês com «requinte, boas maneiras e sofisticação» opõem-se, na verdade, ao carácter «primário, básico e neutro» do vocabulário anglo-saxónico e nórdico.

O período do «late Middle English» constitui, por conseguinte, um momento de clímax nos empréstimos franceses. Um facto é, no entanto, de salientar: como B.Strang (1970: 252) aponta, «in the 13c and 14c the tide is at the flood; to some extent, Anglo-Norman is still a source, but Central French is now the major one». Nesta fase tardia, a influência do francês continental, mais prestigiado porque mais «puro», torna-se, de facto, notória não só no carácter culto dos empréstimos como também na sua pronúncia, não «poluída» pelos padrões fonológicos nativos. Tal é o caso, por exemplo, de palavras como *chaperon*, *jabot*, *rouge* e *machine*, em que a prevalência da pronúncia francesa é manifesta ²⁵.

SEGUNDA PARTE

O texto que passamos a analisar intitula-se «Pearl» e faz parte de um conjunto de quatro obras atribuídas a um mesmo autor, Cotton

leis, o panorama é ainda mais avassalador; pois não só palavras como *justice*, *judgement* e *crime* são empréstimos franceses, como o é uma grande parte da terminologia jurídica: *plea*, *suit*, *plaintiff*, *defendant*, *attorney*, *advocate*, *bill*, *petition*, *complaint*, *juror*, *evidence*, *proof*, *bail*, *ransom*, *verdict*, *sentence*, etc. Os nomes de muitos crimes são também franceses: *felony*, *trespass*, *arson*, *fraud*, *libel*, *perjury*, *adultery*, etc. Quanto à vida social, o que dizer do facto de os próprios termos *fashion* e *dress* serem franceses? O mesmo acontece com uma imensa variedade de termos de vestuário, como *gown*, *robe*, *cloak*, *frock*, *coat*, *veil* e *petticoat*, ou como *lace*, *embroidery*, *button*, *plume* ou, ainda, *kerchief*, *garter*, *galoshes* e *boots*. O mesmo se aplica aos campos semânticos da alimentação, das pedras preciosas e da decoração de interiores. Por outro lado, como acima ficou dito, também as artes (como a arquitectura e a literatura) e as ciências demonstram bem a influência decisiva do léxico francês.

²⁵ De facto, os exemplos apresentados denunciam a presença de fricativas alveolares (surdas e sonoras, respectivamente [ʃ] e [ʒ]), ao invés das africadas palatais [tʃ] e [dʒ], mais próprias do falar anglo-saxónico para as grafias <ch>e<j>/<g>.

Nero²⁶. A temática moral e religiosa, comum aos outros trabalhos da tetralogia, está bem patente no relato místico de um pai a quem a filha falecida ensina a doutrina da graça e da redenção. Crê-se que o manuscrito data dos finais do séc. XIV e provém da zona noroeste do dialecto «Midland». Estes dados são corroborados pela extrema riqueza vocabular do poema, característica da fase tardia do Inglês Médio, e por elementos morfo-fonéticos que o situam numa zona dialectal intermédia.

O excerto aqui em análise consta das sessenta linhas iniciais do texto. Na tradução de que dispomos (cf. Burnley 1992), igualmente apresentada em anexo, as inversões sintácticas exigidas pela métrica surgem suavizadas, e algumas palavras originalmente repetidas aparecem desdobradas em sinónimos enriquecedores (*dere*, por exemplo, que ocorre 5 vezes no original, é traduzido, sequencialmente, por *splendid*, *rich*, *noble*, *rich* e *glorius*). Em contrapartida, a versão original exhibe por vezes uma profusão lexical (sinal de uma certa tendência pleonástica) que não é acompanhada pela tradução: no primeiro verso, por exemplo, *spot* e *space* – virtualmente vizinhos semânticos – são aglutinados numa única palavra, *place*.

A beleza estilística, a precisão descritiva e a sensibilidade conceptual da passagem devem-se em larga medida à sua heterogeneidade lexical. O leque de influências que aí se manifestam constitui um perfeito exemplo do que acima ficou exposto teoricamente: o latim, o nórdico, o francês e, ainda, o holandês (ou «Middle Dutch» – veja-se o substantivo *schore* na linha 47 e o verbo *trylle* na linha 18) atestam bem a pluralidade de fontes lexicais presentes ao longo do texto. De notar que a presença nórdica se faz sentir para além do vocabulário: a preposição *fro* (linha 1) e a terminação do particípio presente em «-ande» (*glemande* – linha 10, *flaumbande* – linha 30, *stremande* – linha 55), por exemplo, são claros empréstimos escandinavos.

A pesquisa léxico-semântica do extracto, baseada naquele que é considerado por excelência o dicionário etimológico da língua inglesa, o *Oxford English Dictionary*, restringiu-se obviamente, dada a correspondente riqueza, às palavras de significação extra-gramatical – substantivos, adjectivos, verbos e advérbios. Neste grupo, contudo, a escassez adverbial não justificou uma análise individualizada. Além disso, os cerca de meia dúzia de advérbios presentes não constituem emprés-

²⁶ A reprodução do texto, e respectiva tradução, de que dispomos (veja-se anexo) faz parte, entretanto, de uma colectânea de textos editada, e comentada, por David Burnley (cf. *The History of the English Language. A Source Book*, 1992, p.143).

timos mas heranças do Inglês Antigo (exs.: *neuer* – linha 11 = IA *naéfre*; *fayre* – linha 28 = IA *faegre*; *þerof* – linha 39 = IA *þær of*; *swete* – linha 51 = IA *swéte*). Relativamente aos verbos, a situação é bastante diferente, e o motivo por que não os apresentamos em quadro prende-se com questões de extensão, pois o número de ocorrências eleva-se a cerca de 60. De entre todos, no entanto, apenas 11 constituem empréstimos, e é justamente a esses que passamos a fazer referência:

- Linha 4 – *meuen* = FA, MOV-OIR (*to move*) – mover
 Linha 6 – *keste* = NA, KASTA (*to cast, set down*) – atribuir um lugar
 Linha 8 – *dyscreuen* = L, DĒSCRĪB-ĒRE (*to describe*) – descrever
 Linha 10 – *glent* = NA, GLANZ (*to gleam, to shine*) – brilhar
 Linha 18 – *trylle* = HM, TRILLEN (*to tremble, to shiver*) – tremer
 Linha 26 – *garten* = FA, GARTIER (*to tie with a garter*) – atar com uma liga
 Linha 32 – *retrete* = FA, RETRAITER (*to withdraw*) – recuar
 Linha 35 – *gete* = NA, GETA (*to get*) – conseguir
 Linha 39 – *deuyse* = FA, DEVISER (*to talk*) – falar
 Linha 56 – *staren* = NA, STJARNNA (*to star*) – brilhar
 Linha 59 – *lmed* = NA, LJÓMA (*to shine*) – brilhar

Resta-nos, agora, o campo de análise mais fecundo: os substantivos e os adjectivos. Dos primeiros, registámos 43 casos de empréstimos (de entre 91 ocorrências) e, dos segundos, verificámos que 16 (de entre 32) são de origem não-inglesa. Passemos, então, a ilustrar estes números por intermédio de dois quadros sinópticos, mas não antes de algumas explicações metodológicas:

- a) As palavras que surgem repetidas no texto original só são mencionadas uma vez, e a linha citada é a da primeira ocorrência;
- b) Os empréstimos apresentam-se assinalados a negrito;
- c) Sempre que se justifique, remetemos o leitor para informação lexicográfica adicional sob a forma de nota de rodapé.
- d) As abreviaturas usadas (tal como acontece na listagem de verbos acima efectuada) são as seguintes:

IA = Inglês Antigo
 L (pop.) = Latim (popular)
 NA = Nórdico Antigo
 FA = Francês Antigo
 F = Francês
 HM = Holandês Médio

AMB = Alemão Médio Baixo
 adj.ppl = adjetivo participial
 v = verbo

QUADRO I
Substantivos

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
SPOT	1	Duvidosa ²⁷	?	piece of ground	pedaço de terra
SPYRYT		FA	esperit, -ite	spirit	espírito
SPACE		FA	espace, aspace	proper place	lugar apropriado
BODY	2	IA	bodiȝ	Body	corpo
BALKE		IA	balca	ridge, bank	margem
SWEUEN		IA / NA ²⁸	swef(e)n / svefn	sleep, dream	sono, sonho
GOSTE	3	IA	gást	ghost, spirit	espírito
GODE ₃		IA	god	God(s)	(de) Deus
GRACE		F / L ²⁹	grâce / gratia	grace	graça
AUENTURE	4	FA	auenture ³⁰	voyage	viagem
MERUAYLE ₃		FA	merveille	wonders	maravilhas
WORLDE	5	IA	weorold	world	mundo
KLYFE ₃	6	IA	clif	cliffs	penhascos
FORESTE	7	IA	forest	forest	floresta
FACE		F / L pop.	face/faccia ³¹	face	rosto

²⁷ O *Oxford English Dictionary* (doravante, *OED*) apresenta várias fontes possíveis do termo *spot*, entre elas «Middle Dutch», «Middle Danish», «Norwegian», etc.

²⁸ A palavra *sweuen* («sleep, dream») encerra um curioso caso de substituição lexical, a que B.Strang (1970:255) faz referência. O seu desaparecimento deve-se à prevalência de um outro termo, *dream*, que também já existia no Inglês Antigo, mas com um significado diferente (*dréam* = «joy, mirth, music»). O uso da palavra *dream* com o sentido que hoje lhe atribuímos (e que data do séc.XIII) resultou de uma influência escandinava, facto que constitui um interessante caso de empréstimo, não lexical (dado que a palavra já existia em solo britânico), mas semântico. Embora a palavra que aparece no texto, *sweuen*, existisse também no Nórdico Antigo, acabaria portanto por se perder face a *dréam*.

²⁹ Aqui temos um exemplo de dupla absorção: segundo o *OED*, o termo *grace* tem a dupla origem francesa e latina, a primeira devendo-se provavelmente à transmissão oral e a segunda à escrita. Vários outros casos estão presentes neste extracto, como se poderá verificar (ex.: *face*, *schene*, *fortwne*, etc.).

³⁰ A presente grafia do termo *adventure* (linha 4) explica-se não pela origem francesa (FA, *auenture*) mas pela influência latina, facto que se tornaria frequente sobretudo depois do Renascimento (L, «aventura»).

QUADRO I
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
ROKKE ₃	8	FA / IA	roke,ro(c)que /stanroc ³²	rocks	pededos
LY ₃ T	9	IA	léoht ³³	light	luz
GLORY	10	FA	glorie	glory	glória
WEBBE ₃	11	IA	web(b)	woven fabrics	tecidos
HALF	12	IA	healf	half	metade
ADUBBEMENTE ³⁴		FA	ad(o)ubement	adornment, decoration	adorno, decoração
DOWNE ₃	13	IA	dún	hills	dunas, montes
SYDE ₃		IA	síde	sides	lados, ladeiras
CRYSTAL	14	FA	cristal	crystal	cristal
KYNDE		IA	gecynde ³⁵	kind	tipo, natureza
HOLTEWODE ₃	15	IA	holt+wod ³⁶	woods	bosques
BOLLE ₃	16	IA	bolla	trunks	troncos
BLE		IA	bléo	colour, hue	cor, matiz
YNDE		F / L	Ynde / India	India	Índia
SYLUER	17	IA	siolfor, seolfor	silver	prata
LEF		IA	léaf	leave	folha
TYNDE	18	IA	tynder	branch	ramo
GLEM	19	IA	glæm	gleam, light	raio de luz
GLODE ₃		Obscura	glade?	clear patches of sky	partes luminosas do céu
SCHENE	20	F / L	scène/ scéna	brightness	brilho
GRAUAYL	21	FA	gravelle	pebbles	gravilha
GROUNDE		IA	grund	ground	chão, solo

³¹ A etimologia do termo *face* (linha 7) é incerta ao nível do latim: alguns estudiosos reportam-se a «facPre» (fazer), outros à raíz «fa-» (aparecer, brilhar). Ver *OED*, p. 945.

³² A existência do termo *stanroc* no Inglês Antigo sugere uma adopção da palavra românica anterior à influência do francês.

³³ O substantivo *léoht* parece ter sido a forma neutra do adjetivo *leuht* (brilhante). Cf. *OED*, p.1620.

³⁴ O termo *addubement(e)* encontra-se simetricamente repetido ao longo do poema, constituindo a última palavra de cada estrofe.

³⁵ Em Inglês Antigo, já se manifestavam ocorrências de *cynd*, mas o prefixo «ge-» perder-se-ia definitivamente só no Inglês Médio.

³⁶ Ambas as palavras significam, no Inglês Antigo, «bosque», pelo que o termo «holtewode» constitui uma redundância.

QUADRO I
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
PERLE ₃	22	FA	perle	pearls	pérolas
ORYENTE		F / L	orient/ oriens	Orient	Oriente
SUNNBEME ₃	23	IA	sun(n)béam	sunbeams	raios de sol
RESPECTE	24	L	respect-us (f.pl. da raíz respicere)	respect	respeito
GREFFE	25	FA	grief, gref	grief	mágoa, dor
FLAUORE ₃	27	FA	flaur, fleiur	frangances	fragrâncias
FRYTE ₃		FA	fruit	fruits	frutos
FODE	28	IA	fóda	food	comida
FOWLE ₃	29	IA	fuþel	birds	pássaros
FRYTH		IA	(ge)fyrþe	(Significado incerto) wood?	bosque
FERE		IA	(ge)féra	company	companhia
HWE ₃	30	IA	híew, híw	hues, colours	matizes, cores
SYTOLE	31	FA	citole	citole	cítara
STRYNG		IA	streng	string	corda
GYTERNERE		FA	guiterne	player of the giterne	tocador de guitarra
MYRÞE	32	IA	myr(i)þ	music, melody	melodia
BRYDDE ₃	33	IA	brid	birds	pássaros
WYNGE ₃		NA	vængir ³⁷	wings	asas
ASENT	34	FA	accent	musical harmony	harmonia musical
GLE	35	NA / IA	glý / glíw, gléo	entertainment	entretimento
ASYSE	37	FA	asise, assise	manner, fashion	maneira
FORTWNE	38	FA / L	fortune/ fortuna	fortune	fortuna, sorte
DERÞE	39	NA	dyrð	glory	glória
TONGE	40	IA	tunge	tongue	língua, fala
WYSE	41	IA	wise	manner, mode	maneira, modo

³⁷ Este é mais um caso de substituição lexical: a palavra escandinava *vaengir*, que deu origem a *wing* (linha 33), tomou o lugar do termo existente *feþra* (pl. de *feþer*, que veio a dar, por seu turno, *feather*).

QUADRO I
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
BONK	42	NR	bankeñ	bank, slope	encosta
PLAIN	44	FR	plain	meadow	plankie
PLONITE ₃		L/D	plants/plante	plants, shrubs	arbustos
SPYSE		FR	espice	essence of herb	erva aromática
PEPE ₃		D	pere, peru	pears	peras
RUWE ₃	45	D	râw	hedgerows	sebes
RANDE		D	rând, rond	bank	margem
REUERE ₃		FR	rin(j)ere	rivers	ribe
PYLDOR	46	F	fil d'or	thread of gold	fiio de ouro
WATER	47	D	water	water	água
SCHORE		AMB HMA ³⁸	schon(e) schaer schon ₃ se ha re	bank	margem
LORDE	48	D	hláford ³⁹	Lord	Senhor
DEPE	49	D	déop	depth	profundidade
BERYL	50	FR	beryl, beril	beryl	pedra preciosa transparente
ROUDE	52	D	reced	sound	som
FOUNCE	53	FR	font, fura	bottom	fundo
STONE ₃		D	stân	stones	pedras
GLENTE	54	NR ⁴⁰	gla(n)ç	gleam, light	luz, brilho
GLAS		D	glas	glass	vidro
STERNE ₃	55	NR	stjarna	stars	estrelas
MEN		D	man(n), mon(n)	men	homens
WELKIN		D	wale(n), waken	sky	céu
WANTER	56	D	winter	winter	inverno

³⁸ A influência dos Países Baixos e doutros parentes germânicos do Continente, para além dos escandinavos, não é de desprezar no Inglês Médio, como Baugh e Cable (1993:183) defendem. Aqui temos um exemplo.

³⁹ O OED (p.1663) explica-nos que o termo *hláford*, antes *hláfwearð*, significava «the head of a household in relation to servants who 'eat his bread'». Daí *hláf-æte* (*bread-eater*) querer dizer «servant».

⁴⁰ A origem escandinava do termo *glente* (linha 54) é incerta, pois a raiz «glanz» também aparece em «Old High German». O significado primitivo, entretanto, era «movimento»; só mais tarde se aplicaria ao campo semântico de «luz».

QUADRO I
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
NY ₃ T		IA	niht, nyth, neath	night	noite
POBBEL	57	Obscura ⁴¹	?	pebble	pedra
POLE		IA	pól, pull, pyll	pool	lago
EMERAD	58	FA	e(s)meraude	emerald	esmeralda
SAFFER		FA / L	safir / sapphir-us	sapphire	safira
GEMME		F / IA	gemme / gim ⁴²	precious stone	gema
LO ₃ E	59	FA	loseigne	pool (with the shape of a lozenge)	lago

QUADRO II
Adjectivos

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
RYCH	8	IA / F ⁴³	ríce / riche	rich	rico
GLEMANDE	10	IA	adj. ppl. do v. glæm	gleaming	brilhante
DERE	12	IA	déor	splendid, noble	esplêndido
CLER	14	FA	cler	clear, bright	claro, brilhante
BRY ₃ T	15	IA	beorht	bright	brilhante
BLWE	16	FA / IA ⁴⁴	bleu / bláw	blue	azul
BORNYST	17	FA	burniss (do v. brunir)	burnished, polished	polido

⁴¹ A ocorrência de *pobbel* (linha 57) dava-se sob muitas formas, algumas remontando ao Inglês Antigo.

⁴² Este é mais um caso de empréstimo repetido ou cíclico: embora já tivesse existido no Inglês Antigo, «in Middle English the word was adopted afresh in (or refashioned after) the French form *gemme*». Ver *OED*, p.1125.

⁴³ A existência do termo «rich» (linha 8) já se verificava no Old English («ríce»), mas o seu uso no Middle English foi reforçado pela palavra francesa «riche», a qual é também, curiosamente, de origem teutónica. Isto explica o desaparecimento precoce da forma nortenha «rike». Cf. *OED*, p. 2540.

QUADRO II
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
PIKE	18	IA	þicce	thick	espesso
SCHYMERING	20	IA	adj.ppl.do v. scymrian	shimmering	reluzente
PRECIOS	22	FA	precios	precious	precioso
BLO	23	NA	blá	dull, leadened- coloured	acinzentado
BLYNDE		IA / NA	blind / blinde	pale, dim	pálido, ténue
FRECH	27	FA	freis	fresh	fresco
FLAUMBANDE	30	FA	adj.ppl. do v. fla(u)mber	flaming	crepitante, fogososo
SMALE		IA	smæl	small	pequeno
GRETE		IA	gréat	great	grande
REKEN	32	IA	recen	beautiful, gay	belo, alegre
SWETE	34	IA	swéte	sweet	doce
GRACIOS	35	FA	gracious	gracious, delightful	gracioso, delicioso
DUBBET	37	FA	adj.ppl. do v. aduber	adorned	ornamentado
WORDÉ	40	IA	wyðre, wurð	worthy	merecedor
WELY	41	NA ⁴⁵	viljugr	willing	disponível
BYG	42	NA ⁴⁶	?	big	grande
FYN	46	FA	fin	fine	fino, elegante
BRENT		IA	brant, bront	high, steep	íngreme
DERWORTH ⁴⁷	49	IA	déore; werþ, wurþ	dear; worthy, costly; valuable	merecedor; valioso

⁴⁴ A forma «bláw» já existia no Inglês Antigo, mas este facto é frequentemente ignorado. A grafia «blue» é muito rara no Middle English, e só se tornou comum depois de 1700. Cf. *Idem*, p.236.

⁴⁵ É possível que a forma «willic» tenha existido no Inglês Antigo. Cf. *Idem*, p.3782.

⁴⁶ Diz-nos o *OED*, p.214: «Probable Norse origin; derivation unknown». D.Burnley (1992:143) confirma esta opinião: «There are words, too, of uncertain ('byg', 42) [...] origin.»

⁴⁷ Aqui temos um caso muito interessante de redundância: dois adjectivos praticamente sinónimos são aglutinados num terceiro.

QUADRO II
(continuação)

	Linha	Origem	Forma original	Significado (no texto)	Tradução
SPOT	1	Duvidosa ²⁷	?	piece of ground	pedaço de terra
SPYRYT		FA	esperit, -ite	spirit	espírito
SPACE		FA	espace, aspace	proper place	lugar apropriado
BODY	2	IA	bodīȝ	Body	corpo
BALKE		IA	balca	ridge, bank	margem
SWEUEN		IA / NA ²⁸	swef(e)n / svefn	sleep, dream	sono, sonho
GOSTE		IA	gást	ghost, spirit	espírito

Conclusão

Em face dos quadros acima apresentados e da análise que lhes subjaz, impõem-se algumas reflexões finais. Desde logo, vemos confirmados alguns pressupostos teóricos que guiaram a presente discussão, nomeadamente a marcada influência estrangeira no léxico da língua inglesa no período Médio, a pertença de um número considerável de empréstimos franceses a uma esfera não-popular e a filiação por vezes duvidosa de elementos que evoluíram paralelamente em diferentes idiomas, sinal de intersecções e parentescos complexos.

O texto em foco mostra ser, de facto um perfeito exemplo do estágio lin-guístico em análise neste trabalho. O Inglês Médio patente no extracto analisado exhibe, antes de mais, uma assinalável diversidade de influências lexicais. Não obstante a brevidade do texto – apenas sessenta linhas em formato estrófico – o número de empréstimos vocabulares detectados eleva-se a setenta. De entre estes, e em síntese, o Francês Antigo assume nítida preponderância, exibindo trinta e sete casos contra os treze do Nórdico Antigo e apenas dois do Latim (o verbo *dyscreuen* e o substantivo *respecte*). De lembrar também os exemplos muito pontuais de Holandês Antigo (o verbo *trylle*), por vezes atribuíveis em simultâneo à influência do Alemão Médio Baixo (cf. *schore*).

Os restantes empréstimos assinalados constituem casos limítrofes cuja origem exacta se desconhece. Tal é o caso dos sete substantivos compatíveis com uma dupla origem, nomeadamente francesa e latina, os quais podem constituir empréstimos tanto directos como mediados

pela língua invasora (*grace, face, Ynde, schene, oryente, fortwne, saffer*), e de outros quatro vocábulos atribuíveis tanto ao Nórdico Antigo como ao Inglês Antigo (os substantivos *sweuen* e *gle* e os adjetivos *blynde* e *strophe*). De registar ainda a ocorrência do substantivo *plontteʒ*, que aponta duplamente para o Inglês Antigo e para o Latim. Note-se que a indefinição do traçado etimológico de algumas palavras se deve, não raro, a filiações comuns de línguas aparentadas. A raiz germânica do inglês e do nórdico é disso um claro exemplo, tal como o é a raiz latina do francês, partilhada por mais de cinquenta por cento do vocabulário inglês⁴⁸. Como ilustração do segundo caso, atente-se nos vocábulos *rokkeʒ, gemme, rych* e *blwe*, relativamente aos quais os filólogos hesitam entre a probabilidade simultânea de origem no Inglês Antigo e no Francês Antigo. Quão longe é possível recuarmos para averiguar a verdadeira origem de uma palavra? Se esse percurso for bem-sucedido, é provável que a fonte seja uma só, ao longo dos tempos desdobrada em idiomas paralelos⁴⁹.

Uma questão atinente aos dois grupos maioritários de empréstimos – franceses e nórdicos – apela a outras considerações. Trata-se do grau de formalidade e/ou sofisticação que os vocábulos importados de ambas as línguas exibem. Dizíamos acima que os empréstimos escandinavos tendem a ser de natureza oral, não-literária e quotidiana, ao passo que as importações francesas se inscrevem sobretudo numa tradição cortesã e em registos social e culturalmente elevados. Os exemplos facultados pelo texto em análise confirmam estes pressupostos, mas não sem ligeiras ressalvas.

No caso do francês, é notório o facto de todas as referências (quatro) a pedras preciosas – cujas implicações socioeconómicas são claras – se reportarem ao contacto normando: *perleʒ, beryl, emerad* e *saffer* (este um caso de sobreposição com a raiz latina). A própria referência hiperonímica a *gemme* é atribuída à influência francesa (ainda que a par de um possível Inglês Antigo). O mesmo acontece com termos como *crystal* e *fyldor* («fio de ouro»), de óbvias conotações de classe; com vocábulos ligados à esfera musical, como *sytole* e *gyternere*; ou ainda com o termo *adubement* («adorno, decoração»), mencio-

⁴⁸ Veja-se, acima, a nota n.º 18.

⁴⁹ Note-se o caso do substantivo *spot*, que abre o poema, a respeito do qual o *OED* não admite quaisquer certezas. Como dizíamos acima, várias origens possíveis – o Holandês Médio, o Dinamarquês Médio e o Norueguês – são apontadas pelo *OED*, mas acrescenta-se na p. 2980: «It is doubtful whether the word is original in all these languages.»

nado paralelamente ao longo do texto, o qual aponta subtilmente para o refinamento dos invasores normandos. É também significativo notar que a maioria dos restantes substantivos de origem francesa é de carácter abstracto, o que de algum modo os eleva a uma esfera cultivada e mesmo literária: *spirit*, *grace*, *meruaylleȝ*, *glory*, *schene* (*brightness*), *greffe* (*grief*), *flauoreȝ* (*fragrances*), *assent* (*musical beauty*) e *glente* (*gleam*).

Em contrapartida, poder-se-ia argumentar que a ocorrência, igualmente registada, de substantivos concretos de teor quotidiano importados do francês – como *face*, *rokkeȝ*, *grauayl* (*pebbles*, ou «gravilha»), *fryteȝ* (*fruits*), *playn*, *reuereȝ* (*rivers*) e *founce* (*bottom*) – invalida tais asserções. No entanto, a presença destes casos é nitidamente minoritária, sendo ofuscada, também ao nível dos adjetivos, pela prevalência de empréstimos normandos que evocam sensibilidade e sofisticação: *precious*, *gracios*, *dubbet* (*adorned*), *fyn* (*fine*) e *gente* (*precious*). Compare-se estas e outras realizações adjetivais de origem francesa com adjetivos absorvidos via «Old Norse»: se aquelas encerram sugestões positivas e de um discreto requinte – veja-se também *cler* (*bright*), *bornyst* (*burnished*, *polished*), *frech* e *flaumbande* (*flaming*) – estes inscrevem-se claramente num registo negativo ou neutro: *blo* (*dull*, *leadened-coloured*), *blynde* (*pale*, *dim*), *byg*, *strode* (*marshy*). Algo de semelhante ocorre relativamente aos (aliás escassos) substantivos de origem escandinava presentes no poema: *wingeȝ* (*wings*), *bonk* (*bank*, *slope*) e *sterneȝ* (*stars*) remetem, igualmente, para o carácter «primário, básico e neutro» que, como acima referíamos, G.Hughes (1989:20), entre outros autores, atribui aos empréstimos nórdicos por oposição aos franceses.

A análise textual efectuada merece-nos, ainda, uma última observação. O registo literário, em particular poético, desenvolvido no texto propicia, entretanto, uma grande riqueza conceptual e imagética que, ao nível lexical, se traduz na profusão nominal e adjectival acima relevada. De reiterar, igualmente, um certo cariz barroquizado, manifesto na tendência pleonástica a que acima nos referíamos. Veja-se, por exemplo, a quantidade de termos relativos à esfera da luminosidade – omnipresente em toda a passagem – que duas linhas apenas (19-20) exibem, com efeitos suavemente aliterativos: *glem*, *glodeȝ*, *glydeȝ*, *schymeryng*, *schene*, *schrylle*, *schynde*. Em paralelo, recorde-se também como, por vezes, é no seio da própria palavra que esse culto da redundância se adivinha: em *derworth* («precioso»), dois parentes sinónimos, que viriam a ser *dear* («caro, prezado») e *worthy* («merecedor» e, por extensão, «valioso»), surgem aglutinados, do mesmo modo que,

em *holtwodez*, ambos os étimos, *holt* e *wod*, significam «bosque, floresta».

Em suma, esta breve investigação atesta bem a riqueza e o interesse do legado lexical, ainda hoje sobrevivente em larga escala, que a fase linguística Média deixou ao inglês vindouro. A abordagem aqui efectuada permitiu ainda assinalar, uma vez mais, a multiplicidade de contactos, influências e mudanças de que é feito o tecido vivo de uma língua.

BIBLIOGRAFIA

- BAUGH, Albert C. & CABLE, Thomas (1993), *A History of the English Language*, London-New York: Routledge, 4.ªed. (1.ª ed. 1951, 3.ª ed. revista 1978).
- BURNLEY, David (1992), *The History of the English Language. A Source Book*, London-New York: Longman.
- BURROW, J. A. & TURVILLE, Thorlac (1992), *A Book of Middle English*, Oxford and Cambridge (USA): Blackwell.
- EMERSON, O. F. (ed.) (1932), *A Middle English Reader*, London: MacMillan.
- HUGHES, Geoffrey (1989), *Words in Time. A Social History of the English Vocabulary*, London: Basil Blackwell.
- STRANG, Barbara (1970), *A History of English*, London-New York: Routledge, 1991.
- The Compact Edition of the Oxford English Dictionary*, Oxford: Oxford University Press, 1971.

ANEXOS

1. Fro spot my spyryt Þer sprang in space;
My body on balke Þer bod in sweuen.
My goste is gon in Godez grace
In auenture Þer meruaylez meuen.
5. I ne wyste in Þis worlde quere Þat hit wace,
Bot I knew me keste Þer klyfez cleuen;
Towarde a foreste I bere Þe face,
Where rych rokkez wer to dyscreuen.
Þe lyzt of hem myzt no mon leuen.
10. Þe glemande glory Þat of hem glent;
For wern neuer webbez Þat wyzez weuen
Of half so dere adubbenente.

- \ Dubbed wern alle þo downe sydeȝ
Wyth crystal klyffeȝ so cler of kynde.
15. Holtewodeȝ bryȝt aboute hem bydeȝ
Of bolleȝ as blwe as ble of Ynde;
As bornyst syluer þe lef on slydeȝ,
þat þike con trylle on vch a tynde.
Quen glem of glodeȝ agaynȝ hem glydeȝ.
20. Wyth schymeryng schene ful schrylle þay schynde.
þe grauayl þat on grounde con grynde
Wern precious perleȝ of oryente;
þe sunnebemeȝ bot blo and blynde
In respecte of þat adubbenment.
25. The adubbenmente of þo downeȝ dere
Garten my goste al greffe forȝete .
So frech flauoreȝ of fryteȝ were,
As fode hit con me fayre refete .
Fowleȝ þer flowen in fryth in fere.
30. Of flaumbande hweȝ, boþe smale and grete;
Bot sytole-stryng and gyternere
Her reken myrþe moȝt not retrete;
For quen þose bryddeȝ her wynges bete.
þay songen wyth a swete asent.
35. So gracios gle couþe no mon gete
As here and se her adubbenment.
- So al watȝ dubbet on dere asyse
þat fryth þer fortwne forth me fereȝ.
þe derþe þerof for to deuyse
40. Nis no wyȝ worþe þat tonge bereȝ
I welke ay forth in wely wyse;
No bonk so byȝ þat did me dereȝ.
þe fyrre in þe fryth, þe feier con ryse
þe playn, þe plontteȝ, þe spyse, þe pereȝ;
45. And raweȝ and randeȝ and rych reuereȝ.
As fyldor fyn her bonkes brent.
I wan to a water by schore þat schereȝ –
Lorde, dere watȝ hit adubbenment!
- The dubbemente of þo derworth depe
50. Wern bonkeȝ bene of beryl bryȝt.
Swangeande swete þe water con swepe ,
Wyth a rownande rourde raykande aryȝt.
In þe founce þer stonden stoneȝ stepe,
As glente þurȝ glas þat glowed and glyȝt,

55. As stremande sterneȝ, quen stroȝe-men slepe
 Staren in welkyn in wynter nyȝt;
 For vche a pobbel in pole Per pyȝt
 Watȝ emerad, saffer, oȝer gemme gente,
 Pat alle ȝe loȝe lemed of lyȝt,
 60. So dere watȝ hit adubbenment.

My spirit sprang up from that place; my body remained asleep on the mound. Through God's grace my spirit went on a marvellous voyage where wonders exist. I do not know where in this world it was, but I knew I was set down where cliffs cleave [the sky]; and I turned my face towards a forest, where splendid rocks were to be seen. No one could believe their light, the resplendent glory that shone from them; for never were fabrics woven by man of half so splendid decoration. Those hillsides were all adorned with crystal cliffs of such a brilliant nature. Bright woodlands are set around them, with trunks as blue as indigo; like burnished silver the leaves slide and quivered together, thick on every branch. When the light from clear patches of sky falls on them, they shone quite dazzlingly with a gleaming brightness. The pebbles that crunched on the ground were precious Eastern pearls. Sunbeams were dull and dim compared to that splendour. The splendour of the rich hills made my spirit forget all grief, and so refreshing were the fragrances from the fruits that I was restored as well as if I had eaten food. Birds flew there together in the wood, both large and small, and of flaming colours. But neither citole-string nor a player of the giterne could reproduce their happy music. For when those birds beat their wings, they sang in sweet harmony. You could not have such delightful entertainment as to hear and see their splendour. Thus all adorned in a noble fashion was that wood where fortune has transported me. No one who can speak is worthy to describe its glory. I kept walking forward in pleasure; no slope so rough that it might hinder me. The further I went into the wood, the fairer grew the meadow, the shrubs, the scented herbs, the pear trees; and the hedgerows, the edges of the streams, and the splendid water meadows with steep banks like pure gold thread. I came to a stream that ran swiftly past its banks. Lord, its splendour was rich! The adornments of those precious depths were pleasant banks of bright beryl. Swirling sweetly, the water swept along, flowing directly with a murmuring sound. In the bed there stood bright stones that glowed and gleamed like a beam of light through glass, like the streaming stars that shine in the sky on a winter's night when the men of this earth are sleeping. For every pebble set there in the pool was an emerald, a sapphire, or other precious stone, so that all the pool gleamed with light, so glorious was its embellishment.

O funcionamento discursivo das comparativas condicionais independentes

JOAQUIM FONSECA
(Universidade do Porto)
jofonseca@netcabo.pt

ABSTRACT

Using as a basis a wide variety of examples taken from a large corpus, the analysis is proposed of the semantic-pragmatic properties of the independent comparative conditionals (from within the model *as if p / como se p*) in Portuguese. Such an analysis highlights the discursive agility and communicative-argumentative rendibility of these constructions, in which salient modal values (which are also characterized) are dominant.

Key-words: comparison; conditionality; argumentation; modality; text-forming virtualities.

0. Este estudo (cujo objecto está suficientemente anunciado no título, mas que só mais adiante, em 0.1.2.-0.2., ficará mais exactamente recortado) constitui uma secção de um trabalho de âmbito mais largo em que pretendo analisar a organização e o funcionamento discursivo das comparativas condicionais realizadas em *como se p* (ou em *como se não p*). Trata-se, como se vê, de um sector das comparativas condicionais – justamente o que respeita ao formato da comparação de igualdade¹. Em tal trabalho venho explorando dados de proveniência variada, a saber: enunciados (ENs) colhidos em produções discursivas do quotidiano ou, ocasionalmente, por mim construí-

¹ Por vezes, juntam-se em contiguidade imediata a *como*, precedendo-o, elementos como *tal, tal qual, quase*. Vejam-se alguns dos exemplos que serão apresentados, e também 1.7.

dos; segmentos de discursos de opinião publicados no diário «*Público*» (ano de 2001) e no semanário «*Expresso*» (ano de 2002); extractos do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) ²; e ainda ENs recolhidos em *Os Maias* de Eça de Queirós ³. É, naturalmente, sobre este mesmo corpus que assenta o presente estudo.

0.1. As comparativas condicionais vazadas em *como se p* ⁴ surgem actualizadas em esquemas construcionais diversos – imediatamente, como ENs sintacticamente independentes ou como segmentos integrados em EN ⁵.

0.1.1. Actualizadas como segmentos inscritos em EN, as comparativas condicionais aparecem ou como termo nuclear (cf. (1))⁶ ou como termo não nuclear/extranuclear – fazendo-se, neste último caso, a sua integração segundo padrões sintáctico-semânticos variados ⁷ (cf. (2), (3), (4) – e também, mais abaixo, (5), (6) e (7)):

² Projecto desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a responsabilidade de Fernanda Bacelar – a quem agradeço a amabilidade de me ter disponibilizado uma larga amostragem das construções em estudo, integrantes do subcorpus literário, e também do subcorpus oral, de português europeu.

³ É conhecido o largo recurso que faz Eça de Queirós – e não apenas na obra referenciada – a processos comparativos, de todos os tipos e vazados em soluções muito variadas. Anoto que em *Os Maias* contei oitenta e três comparativas moldadas em *como se (não) p*. Nas citações desta obra utilizo a edição de «Livros do Brasil», Lisboa, s/d. Observo, entretanto, que, em *Os Maias*, é quase nulo o número de ocorrências de comparativas condicionais do subtipo aqui em estudo. Para um tratamento alargado das comparativas condicionais (de vários subtipos) neste romance de Eça de Queirós, ver FONSECA, J., 2003.

⁴ Adopto, a partir daqui, este modo de referência genérico, que valerá, segundo os casos, por *como se p* ou *como se não p*. Nos exemplos que serão fornecidos, as comparativas condicionais surgirão sublinhadas quando não ocorrem isoladamente.

⁵ Não serão considerados os casos em que o verbo de *p* (de *como se p*) está representado em participípio passado, como nos dois exemplos seguintes, retirados do CRPC:

(i) – «O gatarrão achava que o performer, no dia da estreia, deveria surgir rápido e esmagador; do lado nascente, como se caído do nada.»

(ii) – «mas susteve-a uma inexplicável hesitação, e quando Jorge abriu a porta, ainda a encontrou na sala. O olhar de Jorge desviou-se de Berta, como se contrariado com a sua presença.»

⁶ O exemplo ilustra *como se p* como predicativo do sujeito – mas o carácter nuclear, na constituição de EN, das comparativas condicionais não se esgota nesta situação. De qualquer modo, é, sem dúvida, uma zona mais restrita que a que ocupam os outros esquemas construcionais.

⁷ Ver, entretanto, 0.1.3.

(1) – «–Sinto-me *como se a alma me tivesse caído a uma latrina!* Preciso um banho por dentro!» (Eça de Queirós, *Os Maias*: 290)

(2) – «Acabara-se tudo; sim, iria dar ao nosso amor um remate irreparável ‘à tout jamais’, *tal como se Adriano houvesse morrido ou eu morrido.*» (CRPC)

(3) – «Um pastor que ouvira a conversa, de uma riba próxima, largou a correr a espalhar a nova; e no alarido que fazia a velha, gritando *como se a matassem*, o rebate espalhou-se logo pelas hortas à roda, pela ribeira onde se levava o pão, e quando chegou ao moinho já se lá sabia...» (CRPC)

(4) – « Diante do canapé das senhoras lá se achava também o fiel amigo, o doutor delegado, grave e digno homem, que havia cinco anos andava ponderando e meditando o casamento com a Silveira viúva, sem se decidir – contentando-se em comprar todos os anos mais meia dúzia de lençóis, ou uma peça mais de bretanha, para arredondar o bragal. Estas compras eram discutidas em casa das Silveiras, à braseira: e as alusões recatadas, mas inevitáveis, às duas fronzinhas, ao tamanho dos lençóis, aos cobertores de papa para os conchegos de Janeiro – em lugar de inflamar o magistrado, inquietavam-no. Nos dias seguintes aparecia preocupado – *como se a perspectiva da santa consumação do matrimónio lhe desse o arrepio de uma façanha a empreender, o ter de agarrar um toiro, ou nadar nos cachões do Douro.* Então, por qualquer razão especiosa, adiava-se o casamento até ao S. Miguel seguinte. E aliviado, tranquilo, o respeitável doutor continuava a acompanhar as Silveiras a chás, festas de igreja ou pêsames, vestido de preto, afável, serviçal, sorrindo a D. Eugénia, não desejando mais prazeres que os dessa convivência paternal.» (Eça de Queirós, *Os Maias*: 69-70)

Convirá registar que a colocação canónica da comparativa condicional é, no interior do EN de que faz parte, a *posposição* ao segmento a que se aplica – o que se vincula à presença do conector comparativo *como*, que, tipicamente, convoca como disponível no cotexto precedente um termo correlativo.

No entanto, a *anteposição* é também possível, embora muito menos corrente. Veja-se:

(5) – «alheado a tudo o que não fosse a sua obra, quase sonâmbulo, continuava escrevendo, lendo em voz alta as páginas escritas. Porém de súbito, *como se acordasse dum sono hipnótico*, estremeceu, e voltava a si, voltava a sofrer.» (CRPC)

(6) – «Contudo, e paradoxalmente, o Governo parecia estar a acertar agulhas, tomou algumas iniciativas, mostrou alguma coordenação, venceu batalhas parlamentares. Até que, *como se tivesse saudades do desastre*

sem o qual já não conseguia viver, avançou para um inevitável orçamento rectificativo.» (E. Prado Coelho, «Dias difíceis», in «Público», 12 de Junho de 2001)

(7) – «Ega no entanto, *como se a sua missão estivesse finda*, abotoara a sobrecasaca e recolhia os papéis espalhados sobre a Bíblia. Depois, serenamente, fez a última declaração de que fora incumbido.» (Eça de Queirós, *Os Maias*: 555)

Quase regularmente é anteposta a comparativa condicional vazada no molde, largamente padronizado, que encontramos no exemplo, esquemático, seguinte⁸:

(8) – Como se Y fosse pouco/(já/ainda) não bastasse/(já/ainda) não fosse suficiente, ...

0.1.2. Atualizadas como sintacticamente independentes, as comparativas condicionais distribuem-se por dois subtipos (I e II), radicalmente diversos, que os seguintes exemplos ilustram ((9) e (10) vs (11) e (12)):

(9) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*

(10) – Como se eu tivesse paciência para te aturar!

(11) – «Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo de uma grande superioridade física. *Tal qual como se não tivesse alma*. A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...» (Eça de Queirós, *Os Maias*: 63)

(12) – «Começa a chover. Isto é, se não estava a chover antes. As luzes das lojas e dos candeeiros parecem novinhas em folha. *Como se estivessem a brilhar. Como se fossem estrelas ou outras coisas que não há.*» (CRPC)

Em qualquer dos casos, as comparativas condicionais independentes são regularmente pospostas ao segmento a que se aplicam. Por outro lado, obtêm de imediato um assinalável destaque, um vincado efeito de *focagem*: é que, por força do conector comparativo *como*

⁸ A comparativa condicional vazada neste esquema também ocorre muitas vezes como sintacticamente independente (Ver 5.3.) – caso em que regularmente é posposta ao segmento a que se aplica; tal, de resto, e como assinalarei já em seguida, é típico das comparativas condicionais independentes.

que as encabeça, elas estão orientadas por natureza para surgirem no interior de EN, em articulação com outro constituinte, a que se subordinam sintacticamente; actualizadas como independentes, elas rompem com este quadro típico.

As comparativas condicionais do subtipo II, exemplificado em (11)/(12), recolhem a sua individualidade própria precisamente na circunstância indicada; delas direi que constituem *variantes estilísticas* das comparativas condicionais termo (habitualmente, extranuclear) de EN: por opção do Locutor (Loc), em ordem à obtenção de efeitos expressivo-estilísticos, elas são projectadas em separado, como sintacticamente independentes.

Por sua vez, as comparativas condicionais do subtipo I, exemplificado em (9)/(10), juntam ao que acima ficou apontado alguns outros traços – a analisar –, que, no seu conjunto, as configuram com marcada especificidade.

0.1.3. Importa registar que no seio das comparativas condicionais inscritas em EN (a que já me referi, sumariamente, em 0.1.1.) há que reconhecer dois casos específicos – em que, como se verá, *como se p* apresenta um funcionamento discursivo similar ao das comparativas condicionais independentes do subtipo I, ilustrado em (9) e (10).

Um primeiro caso respeita a comparativas condicionais realizadas como *incisos*, sinalizados na escrita ou por travessão ou por parêntesis (a que corresponde, na oralidade, uma pausa e/ou uma inflexão entoacional saliente); nessa qualidade, tais comparativas condicionais detêm, em rigor, uma total autonomia sintáctica no quadro do EN – pelo que devem ser tomadas estritamente como comparativas condicionais independentes⁹. Veja-se o exemplo (13):

(13) – «Mas se a Justiça realizada 17 anos depois já dificilmente pode ter pretensão de ser justa, não é só estranho o baixo valor das indemnizações entregues às vítimas – é estranha toda a sentença, com a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos, mesmo a coberto da falta de provas (*como se não fossem estes a doutrinar os primeiros!*). Ficámos a saber que os «danos colaterais» não são apenas exclusivos da linguagem da NATO.» (Graça Franco, «Erros Que Nenhum Contexto Desculpa», in «Público», 10 de Abril de 2001)

⁹ Ver, adiante, 11.

Um segundo caso respeita, por sua vez, a algumas comparativas condicionais projectadas como *adjuntos* de EN, que nele se destacam por propriedades semântico-pragmáticas convergentes com as que serão apresentadas para as comparativas condicionais independentes do subtipo I (Cf. (9)/(10)) – e também, como acabei de apontar, para as que se realizam como incisos. Junto, de imediato, um exemplo ¹⁰:

(14) – «Sintomaticamente, os bispos asseveram que as referidas medidas, determinadas pelas ditas ideologias importadas, «difícilmente escondem a intenção de impor linhas culturais que contradigam a posição da Igreja sobre as matérias em discussão». Esta frase não poderia ser mais elucidativa sobre a concepção subjacente aos nossos bispos, *como se os promotores dessas alterações legislativas não tivessem outro desiderato senão, cavilosamente, «contraditar a Igreja».*» (Vital Moreira, «Tradição Cultural e Xenofobia Ideológica», in «Público», 01 de Maio de 2001.)

0.2. É exclusivamente do subtipo (I) de comparativas condicionais exemplificado em (9) e (10) – e também, atentas as observações já avançadas, em (13) e (14) – que me ocuparei neste estudo. Não serão, pois, tratadas as comparativas condicionais independentes (II) ilustradas em (11) e (12) – no essencial já apresentadas em 0.1.2 ¹¹.

1. O funcionamento discursivo das comparativas condicionais em estudo será caracterizado com a conveniente demora nos números seguintes.

Condensando, entretanto, em 1.1.-1.7. alguns dos seus traços mais imediatamente salientes. Como se verá, não raro a apresentação de alguns destes traços suscita a consideração, ainda que breve, de aspectos (também) relevantes para as comparativas condicionais actualizadas noutros esquemas construcionais.

1.1. Começo por apontar que as comparativas condicionais independentes são, tipicamente, marcadas, na oralidade, por uma entoação característica, genericamente de tipo exclamativo (na escrita, ocorrem muitas vezes com «!») – índice imediato de valores modais, matizados, que carregiam ¹².

¹⁰ Ver, adiante, 12.

¹¹ Ver, entretanto, 13.

¹² Ver, mais adiante, 3.

1.2. Elas veiculam regularmente um *comentário* sobre o denotado pelos segmentos a que se conectam ou sobre a enunciação desses segmentos – que, de modo igualmente regular, seguem.

Este carácter comentativo do que se contém em *como se p* independente constitui, verdadeiramente, o traço central da natureza e do funcionamento discursivo destas comparativas condicionais, que revelam, assim, uma índole *metadiscursiva* ou *metaenunciativa*, que importa caracterizar adequadamente.

Fundamentalmente, esse comentário é de ordem avaliativa e inscreve-se no desenvolvimento do discurso como momento de *desacordo* com uma enunciação e/ou com o seu conteúdo, que são *contestados* – sendo que tal contestação se matiza, de modo vincado, de outros valores modais, que, na maior parte das vezes, vêm a primeiro plano.

Nesta base, avulta no funcionamento discursivo das comparativas condicionais em referência o seu marcado carácter *dialógico/interactivo* – traduzido na circunstância de trazerem para o discurso uma específica *conjugação de vozes*, que se desenha, quase regularmente, como um *conflito*¹³. Nos casos do tipo ilustrado em (10), estamos perante uma articulação directa a uma intervenção anterior de um outro Locutor (que designarei de Loc0); nos casos do tipo exemplificado em (9), (13) e (14), a articulação a essa intervenção anterior de Loc0 faz-se mediante a referenciação ou a retoma condensada, segundo modalidades diversas, dessa mesma intervenção.

1.3. Um outro aspecto saliente respeita à circunstância de que os estados de coisas que as comparativas condicionais em estudo capturam se situam regularmente no domínio do *contrafactual/irreal* – no que contrastam com as outras comparativas condicionais, em que ficam vazados estados de coisas que podem ser tanto *contrafactuais/irreais* como *hipotéticos/potenciais*.

1.3.1. Como se sabe, o conector condicional *se* é um *operador modal epistémico de virtualidade*, que assinala uma mudança na construção do sentido, correspondente à instrução (objectivável em «supõe/suponhamos que p»/«imagina/imaginemos que p», em que, justamente, figuram verbos criadores de universos de referência virtuais) para a convocação de um estado de coisas de índole fictiva, a partir do qual, ou à luz do qual, se referencia um outro (q) – tomado como via-

¹³ Ver, porém, 5.3.

bilizado por aquele primeiro, segundo diversos graus de probabilidade/plausibilidade ¹⁴.

Este semantismo básico (ou melhor, *prototípico*) do operador *se* matiza-se, projectando ou uma virtualidade aberta à plausibilidade, embora marcada por incerteza – a que corresponde o valor de *hipótese*, típico das *condicionais potenciais*, em que é desenhado um mundo possível –, ou uma virtualidade reconhecidamente bloqueada, como *pseudo-hipótese*, porque de antemão resolvida pela irremediável falsidade do estado de coisas referenciado, tendo em conta as evidências inscritas no universo de saberes, nos dados contextuais-situacionais ou no universo de discurso – situação própria das *condicionais irrealis*, marcadas por contrafactualidade, em que fica vazado um mundo virtual antecipadamente visto como falso (e não raro impossível).

1.3.2. Os traços do semantismo de *se* são, naturalmente, carreados por inteiro para as comparativas condicionais – sendo que o agregado de sentido por elas veiculado é fortemente penetrado pelos valores modais acima referenciados, a que não raro se juntam ainda outras indicações modais, de variado tipo (que podem mesmo sobrepor-se àqueles valores de base – o que é notoriamente saliente nas comparativas condicionais objecto deste estudo, imediatamente por força da contrafactualidade que as marca).

1.4. A contrafactualidade/irrealidade das comparativas condicionais independentes correlaciona-se fortemente com a actualização do verbo que nelas ocorre no pretérito imperfeito ou mais que perfeito do conjuntivo (marcando este último tempo as chamadas ‘condicionais irrealis do passado’) ¹⁵.

Registarei que nas comparativas condicionais (potenciais ou irrealis) actualizadas como termo da construção de EN, o verbo pode surgir em indicativo (tipicamente, no pretérito mais que perfeito simples) – em

¹⁴ Ver, entretanto, 1.6.

¹⁵ Não se ignora, porém, que a contrafactualidade/irrealidade também surge vazada em condicionais de indicativo (nas condicionais, algo periféricas, ditas ‘ex-absurdo’, que apresentam um funcionamento discursivo particularmente marcado – quer pelo seu carácter *temático* ou *resumptivo* quer sobretudo pelo sarcasmo a que dão expressão). Ter-se-á também presente que as condicionais em que o verbo surge no pretérito imperfeito do conjuntivo nem sempre veiculam o valor de contrafactualidade/irrealidade, pois podem actualizar-se como potenciais.

bora tal seja relativamente pouco corrente. Dou alguns exemplos (retirados de CRPC) ¹⁶:

(15) – «...pressentira Leonel o dedo do Aio. E – coisa muito curiosa! – o certo é que a sua leitura lhe provocara uma espécie de tranquilização obscura, irracional, *como se o Aio soubera muito melhor do que ele mesmo o que lhe estava acontecendo*; ou *como se o príncipe real de que aí se tratava fora, não ele próprio, mas alguém sobre cujo estado pudera ter as apreensões que se tem por outrem.*» (CRPC)

(16) – «E, com um sobressalto íntimo, o pajem Leonardo reparou que também, sob os passos do rei, nenhuma pegada ficava no chão, *como se também El-Rei seu amo se reduzira já a puro espírito.*» (CRPC)

(17) – «julgara tratar-se de um fantasma, porque, recuando, ela atravessara o tronco da magnólia que passava através dela como de fumo. Nem por isso deixava de a ver *como se tivera corpo material.*» (CRPC)

Esta situação é paralela à que encontramos nas condicionais não conjuncionais vazadas na solução marcada por inversão sujeito-verbo em conjugação com a introdução da apódose q por *e* ou por *que* – em que justamente se empregam as referidas formas quer de conjuntivo quer de indicativo (sendo este último também de uso muito menos corrente). Esquematizando, e de modo breve, teremos ¹⁷:

(18) – Fosse/Fora eu/ele aplicado *e/que q*.

(18') – Fosses/foras tu aplicado *e/que q*.

(19) – Tivesse/Tivera eu/ele ido a Paris *e/que q*.

(19') – Tivesses/tiveras tu ido a Paris *e/que q*.

1.5. O conjuntivo, que, como aponte, é o modo em que se vaza o verbo das condicionais que nos ocupam – de resto, do núcleo padrão das condicionais ¹⁸ –, apresenta aqui, naturalmente, o seu valor prototípico de «não factualidade», podendo ser caracterizado com pertinência como o modo da «não asserção».

¹⁶ Ter-se-á presente que o subcorpus do CRPC que mais utilizei é integrado por textos literários.

¹⁷ Para as afinidades e conexões entre as soluções agora apresentadas, as condicionais paratáticas e o funcionamento discursivo das formas de conjuntivo independente, ver Fonseca, J., 1993 a.

¹⁸ Deixo de lado a esfera, matizada, das condicionais construídas com indicativo (factuais, mas também potenciais ou mesmo, como registei na Nota 15, contrafactuais).

Nas comparativas condicionais independentes, este valor básico de «não asserção» do conjuntivo dá, porém, lugar, regularmente, à projecção, por implicação, de uma asserção de polaridade inversa/contrária à originária. Este é também um traço saliente das comparativas condicionais em estudo – e conecta-se especificamente com a contrafactualidade do estado de coisas que veiculam. Acontece até que aquela asserção, obtida por implicação, traz consigo – pelo contraste imediato com a contrafactual de que se desprende – um efeito de ênfase, que faz dela uma asserção forte, que, do ponto de vista comunicativo, prevalece sobre aquela primeira.

1.6. Como se sabe, as construções condicionais articulam prótase e apódose, segundo o esquema típico, de índole implicativa, *se p*, (*então*) *q*¹⁹. A relação assim traduzida é, basicamente, de natureza causal, dada a profunda imbricação que tem lugar entre condicionalidade e causalidade – pois que a condicionalidade tem no seu âmago a indicação de uma «razão/condição suficiente», que conduz, não como causação determinante, antes como convocação probabilística, a um mundo correlato²⁰.

Interessará apurar como se comportam as comparativas condicionais no que tange à presença e à realização do segmento correspondente à habitual apódose suscitada por *se p*. Importa, entretanto, desde já assinalar que, no domínio que especificamente nos ocupa (o das comparativas condicionais independentes), a apódose está regularmente ausente – e a sua reconstrução /explicitação (que nos outros esquemas construcionais das comparativas condicionais é, quando também está ausente, generalizadamente possível) não conduz, como oportunamente se verá, a solução equivalente, que, de resto, seria, do ponto de vista sintáctico-semântico, mal formada – ou, pelo menos, demasiado artificial ou estranha²¹.

1.7. O elemento *como* mantém em *como se p* o seu semantismo básico de conector comparativo – assinalando uma conexão de igualdade, cujo teor terá de ser devidamente caracterizado. Correlativa-

¹⁹ Este esquema vale igualmente, no essencial, para os outros marcadores de condicionalidade.

²⁰ Ver, acima, 1.3.1. Como é sabido, esta indicação de «razão/condição suficiente» desliza, tipicamente, por implicatura, para a de «razão/condição necessária».

²¹ Ver, adiante, 4.

mente, há que definir o estatuto dos termos *comparante* e *comparado* que correspondem, de um lado, a *como se p*, e, do outro, ao segmento a que *como se p* se conecta ²².

Observarei, de momento, que, tipicamente, o processo comparativo (ou de índole comparativa) marcado em *como* denota um movimento de aproximação (eventualmente reforçado por expressões como «tal qual», «exactamente», ou mitigado, designadamente por «quase»), entre estados de coisas (justamente articulados por *como*) – movimento esse que se dá sempre no quadro de uma similitude, de uma analogia, de uma afinidade ou de uma mais ou menos apertada conveniência semântico-pragmática, com a necessária salvaguarda de verosimilhança ou de congruência com o conhecimento do mundo e as expectativas e possibilidades referenciais a ele basicamente conformes ²³.

Verifica-se, entretanto, que os estados de coisas virtuais construídos em *se p* são muito correntemente detentores de alguma ou de vincada exemplaridade (representando, até, por vezes, uma ‘situação extrema’), em roda da qual se edifica aquela conexão. Dá-se, então, que, justamente em virtude dessa circunstância, *como se p* está decididamente ao serviço do encarecimento, mais ou menos enfático, ou mesmo hiperbolizado, de uma dada propriedade ou constelação de propriedades, que é/são endossada/s ao que se denota no segmento sobre que se aplica. Este traço, quando presente – o que, registe-se, nem sempre acontece –, inscreve as comparativas condicionais no conjunto, matizado, das *comparações emblemáticas* ²⁴.

2. Tendo como pano de fundo os traços apresentados antes – alguns dos quais carecem ainda de complementos importantes –, proce-

²² Sobre estes tópicos, ver, adiante, 4.

²³ Ver, entretanto, 4. Quero deixar anotado que a *assimilação comparativa* assim desenhada não raro alberga também uma *assimilação metafórica*. Sobre este último aspecto, ver os elementos propostos em Fonseca, J., 2003. Ver também a sequência da exposição e a Nota seguinte.

²⁴ Ver a sequência da exposição. Sobre este tipo de comparações, ver Fonseca, J., 1993b – estudo em que deixei apontada esta perspectiva também para as comparativas condicionais. Avancei, então, alguns exemplos retirados de *O Malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro – exemplos que, em parte, aqui retomo:

- «Dali em diante quem me conheceu e me via achava-me tão outro, *como se o génio se me tivesse virado do avesso.*»
- «Os pinheiros tinham ar zaranga, malucos, *como se fossem todos eles pinheiros que se levantam na nossa cabeça quando se está a delirar, nunca vistos ou sonhados.*»

derei nos números seguintes a uma análise mais circunstanciada das comparativas condicionais independentes que nos ocupam.

3. Retomo, então, o exemplo (9), que agora numero como (20):

(20) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*

No funcionamento discursivo da comparativa condicional independente inscrita em (20) congrega-se um matizado conjunto de dimensões que passo a apresentar:

- (i) *como se p* veicula um *comentário* feito pelo Loc (designêmo-lo por Loc1) ao mesmo tempo sobre a enunciação de, e o denotado por, o segmento precedente (que retoma, em representação condensada, uma intervenção de um outro Loc: Loc0 – aqui, o Alocutário de Loc1); *como se p* tem, pois, um carácter *metaenunciativo e metadiscursivo*;
- (ii) esse comentário serve-se da referenciação (em p) de um estado de coisas que revela uma propriedade muito particular: ele é tido por Loc1 como *dado a entender* por Loc0, ao insistir num dado tópico discursivo – insistência que, na óptica de Loc0 (a quem, de imediato, compete calcular e gerir a adequação do seu discurso a condições relevantes da sua produção, a começar pelas condições de ‘boa recepção’, a que *como se p* alude), se revelaria ajustada;
- (iii) através de *como* fica estabelecida a *conformidade* da enunciação e do enunciado de Loc0 com o quadro referenciado em p (de *como se p*) – visto, por Loc1, e em consonância com (ii), como o único que tornaria aceitável, ou mesmo legítima, a produção de Loc0: nesse quadro, e só nesse quadro, a intervenção de Loc0 seria procedente, revelar-se-ia adequada, seria tomada como vindo a propósito;
- (iv) como decorrência de (iii), em *como se p* a condicional dá expressão a uma *condição necessária* para que a enunciação de, e comunicado em, o segmento a *como se p* se aplica possam revelar-se adequados e mesmo legítimos ²⁵;

²⁵ Ver, entretanto, mais abaixo, (vii)/(viii), e também 4.3., 4.3.1. e 4.3.1.1.

- (v) no entanto, o quadro a que se refere (iii) é imediatamente indicado (por força do predicado «surdo», que surge no seu desenho) como excessivo – sendo que, por obra deste excesso, a intervenção de Loc0 é imediatamente vista, por Loc1, como desajustada e mesmo ofensiva, desqualificadora, pois *implicita* uma imagem negativa de Loc1;
- (vi) esse mesmo quadro fornece, assim, também uma *medida* daquela inadequação ou mesmo despropósito da intervenção de Loc0 – medida essa que vale ainda como elemento de caracterização intensiva, de sentido negativo, dessa mesma intervenção, dada a dimensão de excesso que envolve (cf. (v));
- (vii) por outro lado – e acima de tudo –, *como se p*, por força da contrafactualidade de *p*, estabelece como falso o estado de coisas sobre que se ergue o referenciado quadro;
- (viii) a circunstância especificada em (vii) tem largas e decisivas repercussões: tal falsidade, (a) por um lado, estabelece como não preenchida a condição necessária referenciada em (iv) – o que, por sua vez, determina (por uma via diversa da apontada em (v), e mais fortemente operante que ela) a inadequação, o despropósito e mesmo a ilegitimidade da enunciação de, e do que é comunicado em, o segmento sobre que *como se p* incide –, e, (b) por outro lado, arrasta, por implicação, a verdade/factualidade da contrária/con-traditória de *p*, que é recortada, por contraste, como fortemente asseverativa;
- (ix) paralelamente, e pela mesma via, Loc1 *implicita*, na/pela enunciação de *como se p*, que dá por garantido que Loc0, no momento da sua enunciação, sabe daquela falsidade (daquela factualidade/verdade) – o que o deveria ter conduzido a um comportamento verbal que evitasse *dar a entender* que o estado de coisas referenciado em *p* efectivamente se verificava; o facto de Loc0 o não ter evitado conta, na óptica de Loc1, como factor particularmente agravante da inadequação, e do carácter ofensivo, da sua produção – aspectos, de resto, já configurados na base do excesso apontado em (v);
- (x) por obra dos elementos referenciados, *como se p* desenha um movimento discursivo – tão saliente e eficaz quanto é condensada a sua expressão – de *desacordo* frontal, orientado para a *contestação* e a *refutação*; este complexo de desacordo/contes-

tação/refutação²⁶ aplica-se especificamente (nos termos fixados acima) sobre a insistência, que é indicada como excessiva, não pertinente, despropositada e mesmo inaceitável, de Loc0 sobre um dado tópico discursivo; *como se p* surge, assim, com o teor de *réplica*, enquanto *sequência não preferida* no encadeamento discursivo;

- (xi) *como se p* veicula ainda, por força dos traços assinalados – ou, mais exactamente, por derivação ilocutória a partir das dimensões de desacordo/contestação/refutação mencionadas em (x) – um compósito de *crítica/censura/lamento/reprovação / protesto* vinca-dos (matizados de indignação), que é dirigido a Loc0, visto como tendo procedido a, e adoptado, cálculos reconhecidamente erra-dos ou desajustados acerca de condições de adequação da sua intervenção (cf. (ii)) – cálculos esses que Loc1 considera gravosos para a sua imagem ou face positiva;
- (xii) os valores modais registados em (x) e (xi) vêm aqui a primeiro plano – intensificando um efeito comunicativo central de *como se p*, que é, por um lado, o de *rejeição* da enunciação/intervenção de Loc0, e, por outro, o de *desqualificação /desvalorização* acentuada dessa intervenção e do seu proferidor – sendo que, por esta via, Loc1 tenta também recuperar a sua imagem/face, desqualificada /desvalorizada nessa, e por essa, mesma enunciação/intervenção de Loc0 (cf. (v));
- (xiii) esses valores modais envolvem, ou estão também orientados para, por um lado, a convocação de uma ajustada *reparação* e de uma *rectificação / correcção* da parte de Loc0, e, por outro, a concretização de um apelo (que traz ao discurso uma mais ou menos acentuada dimensão de *injunção*) à *evitação* de procedimentos /comportamentos do mesmo teor em futuras interações.

Este conglomerado de dimensões – que, como veremos, se projectam ainda com algumas matizações na diversidade dos discursos – faz,

²⁶ Convirá observar que o valor ou função semântico-pragmática de *refutação* se aplica, na sua modalidade mais específica, sobre o conteúdo proposicional de um dado acto ou sobre um estado de coisas ou uma situação estabelecidos ou referenciados no segmento a que *como se p* se articula – onde são avançados / propostos como verdadeiros e/ou como elementos relevantes para, ou afectados a, um dado papel numa determinada relação argumentativa. No exemplo em foco, não é este exactamente o caso – tratando-se, então, de uma refutação aplicada sobre condições de boa execução de um acto ilocutório.

sem dúvida, da construção em estudo um recurso ao mesmo tempo particularmente económico, de assinalável agilidade e de ampla rendibilidade comunicativo-argumentativa.

4. Uma das linhas avançadas na caracterização de (20) tem a ver, directa ou indirectamente, com o estatuto da comparação vazada em *como se p*.

4.1. Esse estatuto ficou caracterizado em 3. (iii) como respeitando à *conformidade* da enunciação e/ou do enunciado correspondente à intervenção de Loc0 (ao segmento a que se aplica a comparativa) ao quadro desenhado em *se p*. Por outras palavras: a comparação apresenta-se aqui como um movimento de aproximação, que promove a compatibilização ou a harmonização entre, de um lado, o mundo capturado no segmento sobre que a comparativa incide, e, do outro, o mundo ficcional/virtual recortado em *se p*²⁷.

A respeito desta aproximação/compatibilização ou harmonização importa sublinhar dois pontos:

(i) – por um lado, ela centra-se em torno de uma *medida*, que também é avançada em *se p* (cf. (vi), em 3.): encontramos, pois, aqui a projecção da função típica do *comparante* num processo comparativo – justamente, a de constituir uma medida, um padrão relevante, que é tomada/o como referência na aproximação entre comparante e comparado, servindo ao mesmo tempo de elemento de caracterização (não raro intensiva, como em (20))²⁸ deste mesmo comparado;

(ii) – por outro lado, essa mesma aproximação/compatibilização ou harmonização envolve – e remete para – uma *dupla regularidade implicativa* ou *de índole implicativa*: a primeira corresponde à *implicação* (nas mais das vezes, convencional) activada na/pela enunciação de Loc0 (cf. 3.(ii)); a segunda respeita à correlação entre prótase (*se p*) e apódose da condicional – a que, na sequência da anotação contida acima, em 1.6., me referirei de seguida.

4.2. No domínio em apreciação, *se p* captura um mundo virtual que é proposto como quadro de referência que, dentro de uma racionalidade mínima (incluindo a racionalidade que comanda, ou opera em, a interacção verbal), *ocasionaria* ou *levaria a aceitar, a tomar como*

²⁷ Ver também 4.3.

²⁸ Ver 1.7. Anoto, mais uma vez (ver a Nota 23), que esta caracterização intensiva pode também advir do teor metafórico do conteúdo de *como se p*.

plausível ou mesmo a *legitimar* a ocorrência e o teor do segmento a que a comparativa se aplica.

Nesta base, este segmento surge como a ‘verdadeira’ apódose de *se p* – a este se vinculando por uma relação de causalidade, que, como já sublinhei acima (e como a formulação que acabei de utilizar evidenciar), percorre ou penetra a condicionalidade.

4.2.1. Convém esclarecer devidamente este último aspecto.

Nas comparativas condicionais padrão (ou seja, na sua actualização no interior de EN, como termo nuclear ou extranuclear) está generalizadamente ausente, por economia/elipse, a apódose correlativa de *se p*, embora ela seja, também generalizadamente, reconstruível – e isto na base das próprias circunstâncias que permitem, ou exigem mesmo, a sua economia/elipse. Para o ilustrar, retomo o exemplo (1):

(1) – «- Sinto-me *como se a alma me tivesse caído a uma latrina!* [...]»
(Eça de Queirós, *Os Maias*: 290)

A reconstrução/explicitação da apódose economizada/elidida (que surge sublinhada em (1')) conduz à solução, claramente equivalente,

(1') – Sinto-me *como me sentiria* se a alma me tivesse caído a uma latrina! [...]

Verifica-se que a ausência, em (1), da apódose confere de imediato ao EN uma forte compactação ou integração (via condensação ou compressão sintáctica), afectando *como se p*, em bloco, a uma *incidência* directa sobre o segmento a que a comparação se aplica – como se mostra em

(1'') – Sinto-me \Leftarrow como (*me sentiria* \Leftarrow) se a alma me tivesse caído a uma latrina!

Mas, acima de tudo, essa ausência ocasiona a transferência, por inteiro, da conexão de causalidade/condicionalidade para a relação que, em superfície, entre si estabelecem, de um lado, *se p*, e, do outro, a oração principal («Sinto-me»).

No quadro acabado de traçar, o que vem particularmente a primeiro plano é que as comparativas condicionais actualizadas com a economia/elipse em foco assinalam que os efeitos decorrentes de ou induzidos por (no sentido probabilístico já acima especificado para a condicionalidade-causalidade) *se p*, em vez de se apresentarem como estrita virtualidade/plausibilidade (cf., em (1')), o condicional «me sen-

tiria»), são dados como consumados, efectivos (cf., em (1), o indicativo «Sinto-me»). Ou seja: a comparativa acciona aqui, directamente, a convergência entre, de um lado, o virtual (expresso ou exprimível no segmento economizado/elidido) activado como ‘apódose estrita’ de *se p* (e ao mesmo tempo como termo de comparação ou comparante imediato convocado por *como*), e, do outro, o mundo real/factual capturado no segmento (construído sobre um verbo em indicativo) a que se aplica.

4.2.2. Esta mesma situação pode ser vista também nas comparativas condicionais independentes em estudo, com a anotação suplementar de que nelas a ausência regular da ‘apódose estrita’ de *se p* não surge como resultado de economia/elipse, antes como padrão estabilizado na estrutura da língua – isto é, como *gramaticalizado* –, definido como recurso para a expressão do complexo de dimensões já suficientemente caracterizadas. Ter-se-á aqui na devida conta que, como já apontei em 1.6., a reconstrução/explicitação daquela ‘apódose estrita’ se revela como impraticável, conduzindo a soluções que surgem como mal formadas – ou, pelo menos, como estranhas ou muito artificiais – e, sobretudo, como não equivalentes às soluções de partida. Veja-se (20') – em que (?/*) pretende assinalar, a um tempo, essa má formação e a não equivalência a (20):

(20) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*

(20') – Já repetiste n vezes a mesma coisa. (?/*) Como *repetirias/farias se eu fosse surdo.*

4.3. Sem prejuízo do que ficou exposto, interessa, entretanto, sublinhar que o processo comparativo marcado em *como* nas comparativas condicionais independentes deve, acima de tudo, ser visto como assinalando o estabelecimento – que é atribuído por Loc1 a Loc0 (na base da já caracterizada *implicação* activada na intervenção de Loc0) – de uma *equivalência* entre a enunciação e/ou o enunciado correspondente à oração a que a comparativa se aplica, de um lado, e, do outro, o estado de coisas moldado em *p* (de *se p*). Importa, entretanto, acrescentar a esta formulação um complemento indispensável: a circunstância de Loc1 invocar em *p* um estado de coisas falso determina, de imediato, que essa equivalência está, de raiz, bloqueada. Tal tem por efeito, deveras saliente, a contestação e a rejeição/recusa dessa mesma equivalência, que resulta qualificada de pretensão excessiva ou exorbitante – sendo que aquelas contestação/rejeição/recusa se vêm acom-

panhadas ou penetradas pelos (outros) valores modais a que já antes me referi.

Aplicando o acabado de propor a (20), e economizando a explicitação desses (outros) valores modais, teremos, então, a seguinte glosa:

(20") 'repetires n vezes a mesma coisa *equivale* a estabeleceres que sou surdo; ora, é falso que eu seja surdo – pelo que contesto/rejeito esse comportamento, que se revela excessivo, não pertinente e até ilegítimo, e, por isso, inadequado e mesmo inaceitável'.

4.3.1. Torna-se claro – mas convirá anotá-lo – que as considerações acabadas de propor, e a ilustração a que conduziram, retomam (numa outra perspectiva), ou absorvem, o que está contido em (iii), (iv), (vii)/(viii), e também em (ix)-(xii), de 3.. Talvez seja, entretanto, esclarecedor disso mesmo avançar com uma formulação alternativa a (20") que ponha em evidência o estatuto de condição necessária de *se p* – inerentemente marcada, como apontei já, como não preenchida (dada, como sabemos, a contrafactualidade da condicional) – para a adequação, a pertinência e até a legitimidade da enunciação e do enunciado a que *como se p* se conecta; tal formulação dará também, naturalmente, conta das incidências específicas (que foram sublinhadas em (viii) de 3.) da apontada contrafactualidade da condicional. Uma dessas formulações alternativas, equivalentes de (20"), poderá ser (20"a) – em que surge destacado o marcador de condição necessária *só (...)* *se*:

(20"a) 'repetires n vezes a mesma coisa *só* seria adequado, pertinente e mesmo legítimo *se* eu fosse surdo; ora, é falso que eu seja surdo – pelo que contesto/rejeito esse comportamento, que se revela excessivo, não pertinente e até ilegítimo, e, por isso, inadequado e mesmo inaceitável'.

4.3.1.1. Deverei, entretanto, juntar uma outra observação – e sublinhá-la devidamente: dada a contrafactualidade/falsidade de *se p*, a *condição necessária* que ela, nos termos antes apresentados, carrega, pode, e deve, ser directamente tomada como *condição suficiente* para a contestação/rejeição/refutação/reprovação e crítica/censura da enunciação e/ou do enunciado a que *como se p* se aplica.

5. Ficou devidamente caracterizada em 3. a natureza interactiva de *réplica* que marca *como se p*. Tal se traduz, como anotei, no estatuto que a comparativa condicional independente obtém de *sequência não preferida*, orientada para a *contestação / refutação / rejeição / reprovação* – sendo, então, que ela traz, tipicamente, consigo a abertura de um

espaço discursivo em que se inscreve a fundamentação dessas mesmas dimensões ²⁹.

Esta fundamentação não é, porém, correntemente avançada pelo Loc – pois que ao optar por *como se p* ele joga, decididamente, com a força do que toma como evidência, dando por garantida a verificação dos estados de coisas correspondentes à contrária / contraditória de *p*. Devo assinalar que esta evidência, que é tida como partilhada, respeita não raro a uma *verdade geral* ou mesmo a uma *doxa*, uma e outra tomadas como reconhecidas e irrefutáveis – o que vem juntar ao diálogo/interactividade com que *como se p* marca, nos termos já acima referenciados em 1.2., o discurso uma outra dimensão saliente de *heterogeneidade enunciativa* ³⁰.

Acontece, entretanto, que não raro o Loc insiste explicitamente nessa evidência. Tal é feito muito correntemente com o recurso a expressões, introduzidas pelo contrastivo «mas», que a sublinham – tais como «mas é falso que *p/não* é verdade que *p*», eventualmente reforçadas por segmentos (onde figuram *lexias factivas*) que a assinalam como partilhada/reconhecida por todos (como «é sabido que...», «todos sabem que...», «(é) claro/evidente que...»). Retomando, uma vez mais, (20), teremos:

(20'') – Já repetiste *n* vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!* (Mas)
É claro /Claro/Sabes bem que eu não sou surdo...

Observo que este prolongamento ou acrescento nunca é, em rigor, irrelevante, se bem que tendencialmente ele seja redundante (e até, de modo imediato, tautológico) – e isto porque representa uma insistência com pronunciado rendimento argumentativo.

Não raro, aquele prolongamento estende-se ainda pela afirmação explícita, e enfatizada, da contrária/contraditória de *p*, muitas vezes precedida da expressão correctiva, com largo poder de *focagem*, «(antes) pelo contrário», como em

(20''') – Já repetiste *n* vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!* (Mas)
É claro/Claro que eu não sou surdo... Antes pelo contrário: (até) ouço muito bem...

²⁹ Como é sabido, as *sequências não preferidas* apresentam, tipicamente, uma estruturação mais complexa que as *sequências preferidas*. Essa maior complexidade revela-se, em particular, na circunstância de serem acompanhadas de segmentos de índole justificativa – precisamente orientados para a fundamentação de uma dada posição ou atitude.

³⁰ Ver Fonseca, J., 1994a.

Ter-se-á em conta que muito correntemente aparecem em *como se p* predicados axiologicamente marcados, de cariz negativo (cf. «surdo»), cuja rejeição vale bem uma redundância do tipo apontado, de que o Loc retira dividendos argumentativos em ordem também à reposição da sua boa imagem ou à salvaguarda da sua face positiva, contra a qual atentam os predicados daquele tipo, *implicitados* ou *dados a entender*, aos olhos do Loc (Loc1), na/pela intervenção de Loc0, a que aquele replica.

5.1. De acordo com o exposto, o *conflito de vozes* instaurado em *como se p* é resolvido a favor da que aí se faz ouvir explicitamente. Não se ignorará, porém, que a *réplica* de Loc1 nela vazada abre também um espaço discursivo, onde poderá ter lugar ou uma *contra-réplica* – que relançará, de um modo ou de outro, o conflito – ou, como *solução preferida*, um movimento (que não deixa de ser convocado por Loc1 – cf., em 3., (x)) de ajustada *reparação* e de *rectificação /correção*, orientadas, uma e outra, para o apaziguamento ou a reconciliação e para a reposição das imagens dos inter-actantes do discurso.

Tal se verifica, em particular, nas interações travadas em discurso dialogal – que é o lugar por excelência, ou típico, para trocas deste género.

Posso ilustrar com exemplos como os seguintes, a partir de (20) – em que (ii) surge como reacção a (i):

- (20a) (i) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*
 (ii) – Não estavas a dar a mínima atenção ao que eu te dizia...

- (20b) (i) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*
 (ii) – Tens razão; desculpa (mas não estavas a dar a mínima atenção ao que eu te dizia...).

Em (20a – (ii)), o Loc (=Loc0) replica (contra-replica) a Loc1 com uma intervenção de cariz justificativo, que, ao mesmo tempo, dá conta da ofensa à sua face (que também crítica/censura – justamente, em jeito de contra-réplica) que vê no comportamento, marcado por alheamento/desinteresse, de Loc1, que referencia, e também, mais directamente, na enunciação de *como se p*.

Em (20b), temos uma *sequência* (conversacionalmente/discursivamente) *preferida*, em que Loc0 (em (ii)) acata o protesto/a contestação de Loc1 (em (i)) e desenvolve um movimento de reparação – não sem juntar, muitas vezes (cf. o segmento entre parêntesis), um acrescento de ordem justificativa do mesmo teor do que encontramos em (20a – (ii)).

5.2. Há, entretanto, um aspecto central para que se direccionam as considerações avançadas em 5. e 5.1.: é que, por obra do desenho, que activam, de um quadro interactivo ou de encadeamentos específicos, as comparativas condicionais estão orientadas para a configuração não apenas de *movimentos discursivos* mas também de *sequências discursivas*. Contam-se, assim, com vincada especificidade, entre os recursos, de largo espectro, para a *textualidade* – designadamente, no plano *macroestrutural* (intermédio) ou no plano *sequencial* ³¹.

Este aspecto do funcionamento discursivo das comparativas condicionais – isto é, a sua capacidade de conformação de movimentos discursivos e de configuração, ou mesmo *pré-desenho* ou *pré-formação*, de sequências discursivas – dá-se de modo específico, nos casos das comparativas condicionais independentes do tipo que nos ocupa: por um lado, os prolongamentos ou acrescentos de ordem argumentativa a que acima me referia estão em estreita sintonia com a contrafactualidade de *se p* – que representa, sem dúvida, uma inultrapassável restrição (vinculada à necessária salvaguarda da *coerência* do discurso) ³² ao teor desses acrescentos/prolongamentos; por outro lado, *como se p* veicula, como vimos, uma *réplica*, com um conteúdo de cariz metaenunciativo ou metadiscursivo, orientada, essencialmente, para a contestação/refutação /rejeição – sendo ainda que essa réplica abre caminho a, gera a expectativa forte de, ou uma *contra-réplica* ou uma *reparação* e *rectificação/correção*. Esta última será, como acima registei, a *solução preferida*, que conduzirá à resolução, pela positiva, da situação conflitual.

5.3. Os casos que vêm sendo focados (em que *como se p* surge como *réplica*) são, sem dúvida – como se tem vindo a ver – os que, tipicamente, definem o funcionamento discursivo da construção em análise.

Devo, entretanto, registar um caso de natureza diferente, que exemplifico com (21) – retoma de (8), acima introduzido:

(21) – Como se Y (ainda) fosse pouco / (já / ainda) não bastasse / (já / ainda) não fosse suficiente!

³¹ Ver a sequência da exposição. Em Fonseca, J., 2003, ocupar-me-ei desta dimensão das comparativas condicionais – consideradas nos seus diferentes esquemas construcionais (apresentados acima, em 01.).

³² Atinente aqui à condição/exigência de *não contradição*. Ver Fonseca, J., 1992a e Fonseca, J., 1993b.

O comentário assim manifestado veicula agora, tipicamente, não uma *réplica* – com os valores já indicados –, antes um composto de lamento e de solidariedade ou, pelo menos, de vincada empatia, perante algo (Y) de cariz negativo, que afecta alguém, que o não pôde ou não soube controlar, como vítima. Em casos deste tipo, *como se p* não traz, pois, para o discurso – ao contrário do que mais correntemente acontece – um *conflito de vozes*; a comparativa condicional surge, então, claramente, como *sequência preferida*.

No entanto, (21) pode também, naturalmente, ocorrer como *réplica* – como no exemplo seguinte:

(21') – O Zé não pára com as suas exigências. *Como se Y (ainda) fosse pouco/(já/ainda) não bastasse/(já/ainda) não fosse suficiente!*

6. Retomo agora, ainda que brevemente, o exemplo (10) acima introduzido, que renumero como (22):

(22) – Como se eu tivesse paciência para te aturar!

Os aspectos centrais do funcionamento discursivo desta comparativa condicional independente são perfeitamente similares aos focados para (20).

Bastará anotar que o comentário (metaenunciativo/metadiscursivo) contido em (22) é particularmente negativo e forte: através desta *réplica*, o Loc (Loc1) exprime, com indignação, a sua falta de disponibilidade (aqui enfaticamente encarecida em «paciência para te aturar») para atender a, ou acatar, os propósitos de Loc0 (dados como expressos numa intervenção imediatamente precedente, a que directamente se conecta *como se p*), que se vê fortemente desqualificado e censurado – sendo ainda claramente desenhada nessa mesma *réplica* uma *medida* (como sabemos, tipicamente envolvida num processo comparativo) para a inadequação da produção de Loc0, vista por Loc1 como onerosa em excesso; esta medida, dados os termos que a realizam, revela-se como elemento de caracterização intensiva daquela inadequação. Nesta base, o processo comparativo aqui configurado (como, de resto, e como oportunamente apontei, o desenhado em (20)) inscreve-se bem no quadro das *comparações emblemáticas*³³.

Com relação ao estabelecido em 4.3., o processo comparativo contido em (22) traduzir-se-á na seguinte glosa aproximativa:

³³ Ver 1.7.

(22') – 'atender aos propósitos, que considero onerosos, de Loc0 *equivalaria* a mostrar/confirmar disponibilidade; ora, eu não tenho essa disponibilidade – pelo que recuso/rejeito/contesto esses propósitos, criticando/censurando ao mesmo tempo Loc0 por ter admitido essa minha disponibilidade'.

Por sua vez, a glosa (22'a) – em que figura a expressão explícita de uma condição necessária (marcada em «seria necessário») – pretende evidenciar os aspectos focados e ilustrados em 4.3.1., que aqui, como seria de esperar, cabem também por inteiro, como por inteiro cabe a anotação feita em 4.3.1.1:

(22'a) – 'para atender aos propósitos, que considero onerosos, de Loc0 *seria necessário* ter/confirmar disponibilidade; ora, eu não tenho essa disponibilidade – pelo que recuso/rejeito/contesto esses propósitos, criticando/censurando ao mesmo tempo Loc0 por ter admitido essa minha disponibilidade'.

7. Importa retomar uma outra das linhas propostas em 3. – também actuante no caso de (22): ter-se-á notado que recorri, em parte saliente, a dimensões típicas do ilocutório, ao assentar os comentários tecidos sobre o *implicitado* (quase sempre, convencionalmente) por uma dada enunciação.

Um largo sector das comparativas condicionais em análise apresenta um funcionamento discursivo cuja caracterização, nos seus aspectos basilares, se edifica, na verdade, com naturalidade e elegância, sobre a consideração das condições de boa realização e sucesso dos actos ilocutórios concretizados nos segmentos a que replicam. Isso mesmo ficou patente nos comentários avançados a propósito de (20) – que são também aplicáveis por inteiro a (22) –, sendo igualmente visível em casos ainda a considerar.

Como se viu também, aquele *implicitado* remete claramente para dimensões ameaçadoras da face ou das faces dos intervenientes no discurso. Como se sabe, em tese, todo o acto ilocutório é um acto ameaçador da ou das faces dos intervenientes no discurso – quer do Loc quer do Alocutário (Aloc). Daí que se surpreenda com larga regularidade nas comparativas condicionais em estudo uma inequívoca remissão para estas dimensões *dadas a entender* ou *implicitadas* na e pela enunciação.

Anotarei, entretanto, que esta remissão para o ilocutório abarca também dimensões *não implicitadas*, isto é, dimensões explicitamente *postas/propostas* – a saber, as que perfazem o conteúdo proposicional.

Por outro lado, essa mesma remissão para o ilocutório pode contemplar mais exactamente quer o *efeito ilocutório/perlocutório* pretendido/visado pelo Loc na enunciação a que *como se p* reage quer os encadeamentos convencionalmente estabilizados no quadro de *pares adjacentes* ³⁴.

7.1. Dado que os actos directivos (impositivos ou não) se apresentam, entre todos, como os mais largamente ameaçadores – exigindo do Loc um trabalho atento de gestão dessas ameaças virtuais (quer para si quer para o Aloc) –, não é de estranhar que sejam muito correntes os casos em que *como se p replica* a actos ilocutórios de índole directiva. Nessa *réplica*, o Loc de *como se p* problematiza, infirma ou invalida enunciações, justamente através da problematização, infirmação ou invalidação de condições que um dado directivo (*convencionalmente*) *implicita* como preenchidas. E regularmente se verifica que por tais *réplicas* o Loc *contesta* e ao mesmo tempo *protesta* (como acima se viu a propósito de (20) e de (22)), tomando em consideração aspectos relevantes do acto em curso ou já consumado – sendo ainda que tal contestação/protesto manifesta também uma *recusa* e sua *justificação*, tão marcantes quanto breves.

Essa contestação/recusa e esse protesto aplicam-se em particular sobre condições de boa realização ou de sucesso do directivo – erradamente admitidas, como já ficou sublinhado, por Loc0 como garantidas – que apontam quer (cf. (23)) para as disponibilidades/capacidades do Aloc (Loc1) quer (cf. (24) e (25)) para a legitimidade/autoridade de Loc0 ou de uma terceira pessoa/um Outro, referenciada/o como fonte da instrução directiva:

(23) – Como se eu pudesse/estivesse disposto a .../não me importasse de...!

(24) – Como se eu te/lhe reconhecesse autoridade/legitimidade para....!

(25) – Como se fosse(s) chefe/patrão!

Na área, conexas, ou em parte afins, os directivos, que é a das *críticas, censuras, avisos*, são muito correntes *réplicas* em *como se p* de teor similar ao das anteriormente focadas:

³⁴ Ver ainda a sequência da exposição. Anoto que esta dimensão está também ao serviço da configuração da textualidade, a que me referi em 5.2. Ver aí o estudo anunciado na Nota 31.

(26) – Como se eu me importasse/ralasse!

(27) – Como se eu tivesse paciência!

(28) – Como se eu tivesse a culpa!

7.2. Paralela é a situação referente a actos comissivos. Vejamos alguns casos de actos deste tipo – em que os comentários/réplicas se distribuem pela esfera do Loc0, do seu Alloc (Loc1) ou de uma terceira pessoa/um Outro:

(29) – Como se tivesse(s) capacidade/condições para prometer/cumprir!

(30) – Como se eu estivesse interessado!

(31) – Como se eu confiasse!

Mais especificamente na área das *propostas / ofertas / convites*, encontramos com frequência *réplicas* do tipo de

(32) – Como se eu quisesse / pudesse / tivesse disponibilidades para / estivesse interessado em...!

7.3. Também no domínio dos actos assertivos deparamos com *réplicas* da mesma índole ³⁵:

(33) – Como se eu já/ainda não soubesse!

(34) – Como se (não) fosse verdade!

(35) – Como se eu acreditasse/pudesse acreditar!

Neste último exemplo, o comentário realizado em *como se p* aplica-se, mais exactamente, ao *efeito ilocutório/perlocutório* tomado como visado na enunciação a que a comparativa condicional se conecta.

7.4. Não valerá a pena alongar-me na consideração de outros tipos ou subtipos de actos ilocutórios. Todos eles se prestam a *réplicas* da índole já amplamente ilustrada e comentada.

Acrescentarei, entretanto, que, como acima (no final de 7.) registei sumariamente, *como se p* referencia não raro um acto ilocutório que constitui com aquele a que reage um *par adjacente* – sendo, no entanto, que essa referência estabelece habitualmente a projecção da *sequência não preferida* do primeiro membro desse mesmo par. Sirvam de exemplo

³⁵ Ver também 7.5.

(36) – Como se eu aceitasse/pudesse aceitar um tal convite/uma tal proposta!

(37) – Como se eu respondesse/pudesse responder a uma tal pergunta!

(38) – Como se eu acatasse/pudesse acatar uma tal ordem/imposição!

7.5. As *réplicas* expressas em *como se p* aplicam-se também, naturalmente, sobre o conteúdo proposicional (considerado em si mesmo ou nas suas implicações, a vários níveis), que preenche um dado acto ilocutório. Os casos mais correntes, e paradigmáticos, dizem respeito a actos assertivos – sendo, então, que o comentário veiculado em *como se p* se apresenta com um manifesto teor de *refutação*; nele tem lugar a problematização/infirmiação ou a invalidação/anulação e a contestação/recusa do conteúdo proposicional³⁶ – a que se agregam habitualmente os valores modais já oportunamente indicados³⁷.

A sequência da exposição trará à consideração diversos exemplos. Registrarei, entretanto, que neste domínio algumas das *réplicas* são mais directamente aplicadas à orientação argumentativa da intervenção que é objecto do comentário ou ao papel ou estatuto que ao conteúdo proposicional cabe na ordem argumentativa. Vejam-se os seguintes exemplos (em que Y representa o conteúdo proposicional):

(39) – Como se Y estivesse provado/assente!

(40) – Como se o problema/a questão fosse Y!

(41) – Como se Y fosse/pudesse ser argumento/contra-argumento!

Não deixarei de observar que o comentário vazado em *como se p*, dizendo embora ainda respeito ao conteúdo proposicional, pode mais propriamente, em vez de o rebater / refutar de modo imediato, avaliá-lo negativamente sob um qualquer ângulo tomado como pertinente. É o que encontramos nos exemplos que seguem:

(42) – Como se Y fosse coisa de se exigir/ordenar/pedir/prometer/elogiar!

(43) – Como se Y fosse justo/aceitável/agradável!

Importa registar que pode também ocorrer uma avaliação positiva de Y – situação em que a *réplica*, vindo embora imediatamente em seu

³⁶ Trata-se aqui da modalidade central da refutação, ou seja, de *refutação proposicional*. Ver a Nota 26.

³⁷ Ver, acima, 3. (ix)-(xiii).

apoio, contraria, e rebate, uma outra avaliação, negativa, que lhe é/foi atribuída na interacção, e que agora é corrigida/rectificada. É o que ilustram os exemplos seguintes, construídos sobre (43):

(43') – Como se Y não fosse justo/aceitável/agradável!

(43'') – Como se Y fosse injusto/inaceitável/desagradável/censurável!

7.6. O objecto da *réplica* veiculada em *como se p* pode ainda ser constituído por variáveis diversificadas que se revelem envolvidas num dado acto ilocutório – tais como, oportunidade, dimensões circunstanciais de tempo, lugar, modo... E até a própria elocução do Loc ou o tom ou o registo (seguramente, enquanto reveladores, uma e outros, de dimensões modais) por ele usados são, não raro, focados no comentário actualizado na comparativa condicional. Vejam-se os exemplos, esquemáticos, seguintes:

(44) – Como se fosse oportuno/como se se pudesse fazer agora/no tempo especificado / aqui / daquele modo!

(45) – Como se aquele fosse o modo (adequado) de ordenar / exigir / pedir / convidar / propor/...falar!

7.7. Convém ainda salientar que as *réplicas* expressas em *como se p* se aplicam, de modo similar ao que vimos ter lugar nos casos anteriormente considerados, sobre uma qualquer actividade – e não apenas sobre a actividade ilocutória ou o exercício verbal/discursivo – ou sobre condições ou circunstâncias relevantes dessa mesma actividade.

Por razões de economia, forneço exemplos (mais uma vez) esquemáticos – em que recorro a «fazer» como *verbo geral* de actividade:

(46) – Como se eu (não) pudesse/(não) soubesse fazer Y!

(47) – Como se eu (não) gostasse de/(não) apreciasse/(não) achasse interessante fazer Y!

(48) – Como se (não) fosse adequado/justo/fácil/... (não) fazer Y!

Deverei mesmo generalizar: cabem em *como se p* comentários (metaenunciativos ou metadiscursivos) dirigidos a todos os tipos de situações (linguisticamente capturadas em predicados quer de estado quer de evento quer de actividade) – tomadas em si mesmas e nas suas implicações, nos actantes e circunstantes envolvidos ou em dimensões várias que se revistam de pertinência no quadro de uma dada interacção. Tais situações ocorrem efectivamente no contexto imediata-

mente anterior à intervenção do Loc que utiliza *como se p*, ou são por ele referenciadas, através de relato condensado.

7.8. Importa complementar a análise proposta do valor pragmático-funcional de *réplica* que cumpre *como se p* – em que se vaza uma *sequência não preferida*, orientada fundamentalmente para a *refutação/contestação* – com uma outra observação.

A *réplica* assim configurada integra não raro uma dimensão de imediata *rectificação /correção* – complementar da refutação/contestação –, que surge incrustada na comparativa condicional e aí sinalizada por marcadores específicos, tais como os que aparecem sublinhados nos exemplos seguintes:

(49) – O Zé está zangado comigo. Como se fosse eu, e *não* ele, o culpado do que aconteceu!

(50) – A Ana portou-se de modo incompreensível. Como se o que ela afirmou, e *não* o *contrário*, fosse a imagem do que se passou!

(51) – Como se Y fosse coisa de exigir, e *não* de pedir!

7.8.1. Os movimentos discursivos desenhados nas situações examinadas no número anterior revelam-se fortemente incisivos, dadas, por um lado, a *focagem* operada pelos marcadores discursivos da *rectificação/correção* (que recortam também um efeito de *contraposição* imediata), e, por outro, a compactação que obtêm – sendo ainda que aí a *rectificação/correção* constitui também elemento altamente potencializador da força argumentativa concentrada nos segmentos em que tais movimentos se moldam ³⁸.

8. Ficou largamente sublinhado nos números anteriores que, nas suas *réplicas* vazadas em *como se p*, o Loc *contesta e protesta contra* a gestão por parte de Loc0 de variáveis envolvidas na actividade ilocutória – expandindo essas atitudes/posições com outras indicações modais, em sintonia com elas.

É oportuno referenciar que estas *réplicas* constituem o *contra-pólo*, negativo, de uma estratégia adequada, marcada de cortesia/delicadeza, que se traduz em que o Loc toma providências em ordem ao controlo de variáveis pertinentes na sua produção discursiva – nomea-

³⁸ Ver também 11.1. e 12.4.

damente, elegendo a *indirecção* e/ou fazendo acompanhar a sua intervenção de *pré-sequências* (*preliminares, prefácios, pré-preliminares*) que indagam, segundo modalidades diversificadas, das possibilidades ou disponibilidades do Aloc, das suas eventuais resistências, e ainda da oportunidade, razoabilidade, legitimidade... do acto ilocutório a concretizar. No todo, o Loc cuida de se mostrar prudente e criterioso, procedendo de molde a minorar ameaças – e curando também assim da eficácia a obter na sua intervenção ³⁹.

Na concretização destas estratégias, ocupam um espaço de relevo formulações condicionais com um conteúdo que remete para as variáveis apontadas, cuja função é a de *qualificar* um dado acto ilocutório. Pois bem: as comparativas condicionais independentes em análise surgem, tipicamente, e não raro de modo muito próximo, como ‘homólogas’ dessas condicionais. Vejam-se, para breve ilustração, as ‘correlações’ desenhadas no conjunto (52), articuladas a diversos tipos de actos ilocutórios:

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------|
| (52)– Se puderes/não te importas... | VS – Como se eu pudesse/não me importasse!... |
| – Se achas bem/se não achas mal... | VS – Como se eu achasse bem/não achasse mal!... |
| – Se é oportuno/razoável... | VS – Como se fosse oportuno/razoável!... |
| – Se quiseres... | VS – Como se eu quisesse!... |

9. Retomo, em (53), um exemplo que já antes utilizei, e junto dois outros ((54) e (55)) para pôr em evidência – ainda que de modo breve – que as comparativas condicionais em estudo encontram equivalentes muito próximos em complexos (formalmente) interrogativos vazados nas sequências «*como p, se q?*» ou «*como não p, se q?*» – (cf. (53’), (54’), (55’)) – ou em soluções que lhes são aparentadas (cf. (53’), (54’), (55’)). Efectivamente, há que reconhecer uma forte afinidade, em aspectos basilares do seu funcionamento discursivo, entre as construções acabadas de referenciar e as comparativas condicionais que nos ocupam – afinidade que traduz uma inequívoca ‘semelhança de família’ ⁴⁰. Vejamos:

³⁹ Ver Fonseca, J., 1994b.

⁴⁰ Ver Fonseca, J., 1994c.

- (53) – Estás a repetir n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*
 (53') – Como me repetes/estás a repetir n vezes a mesma coisa, se eu não sou surdo?
 (53'') – Eu não sou surdo e tu estás a repetir/já repetiste n vezes a mesma coisa (?!)...
- (54) – Estás a elogiar X. *Como se apreciasses o que ele fez!*
 (54') – Como elogias/estás a elogiar X, se não aprecias o que ele fez?
 (54'') – Não aprecias o que X fez e estás a elogiá-lo (?!) ...
- (55) – Nunca estás feliz. *Como se não tivesses tantas coisas óptimas na tua vida!*
 (55') – Como podes nunca estar feliz, se tens tantas coisa óptimas na tua vida?
 (55'') – Tens tantas coisas óptimas na tua vida e nunca estás feliz (?!)...

São, na verdade, relativamente próximos os valores carreados nas soluções apresentadas – proximidade que, naturalmente, atinge, ou se prolonga por, as condições típicas do seu uso ⁴¹.

10. Como acima ficou referido, e ilustrado, o comentário (metanunciativo ou metadiscursivo) carreado (conjuntamente com os valores modais já analisados) por *como se p* pode aplicar-se directamente sobre, ou a propósito de, o conteúdo proposicional da intervenção de Loc0 – ou sobre um qualquer estado de coisas, referenciado no cotexto imediatamente precedente. Tal conteúdo/estado de coisas surge tomado quer em si mesmo quer nas suas implicações quer na orientação discursiva para que se direcciona quer ainda nos valores de que está impregnado ou de que dá testemunho.

A comparativa condicional *como se p* inscreve, então, estes dados no desenvolvimento do discurso. Fundamentalmente, eles trazem consigo elementos claramente *oponentes* às crenças, às atitudes, às acções ou omissões, às posições ou mesmo às motivações de Loc0, introduzidas ou referenciadas no cotexto precedente. Esta inscrição (que, como vimos já, traz também consigo, regularmente, indicações modais) ocasiona, em conjunto com o cotexto a que se articula, o desenho, já suficientemente caracterizado antes, de *movimentos* e de *sequências discursivas* específicas, de ordem eminentemente argumentativa.

⁴¹ Por razões de economia, não exploro aqui estas dimensões; remeto para o meu estudo referenciado na Nota anterior.

10.1. Os exemplos seguintes ilustram, uma vez mais (cada um a seu modo), isso mesmo, neles se destacando um movimento discursivo de contestação ou de refutação/contestação, aberto e logo fechado – sendo que esta condensação lhe dá uma força vincada. Mas igualmente vincados são ainda, por um lado, a indicação de uma contra-expectativa – e do espanto, crítico, que lhe fica associado –, e, por outro, e sobretudo, a censura/reprovação e/ou o lamento (quase sempre indignados), que são dirigidos a quem enuncia ou subscreve a posição contraditada, ou a quem é apresentado como agente de uma dada actividade, igualmente alvo de contestação. Acontece também que *como se p* carrega muitas vezes a problematização/invalidação dos fundamentos, das motivações e de circunstâncias relevantes daquelas posições/actividades – sendo que esses fundamentos, motivações e circunstâncias, umas vezes, estão patentes no cotexto que é comentado, outras vezes, estão, aos olhos de Loc1, disponibilizados por *implicação* (convencional ou não) activada nesse ou por esse cotexto. Vejamos:

(56) – «Repare-se como muita gente acha que Berlusconi será um bom primeiro-ministro porque é um eficaz patrão empresarial. *Como se gerir uma empresa e governar um país fossem a mesma coisa* – aí está mais um sintoma da actual, e preocupante, subordinação da política à economia.» (F. Sarsfield Cabral, «Berlusconi, um símbolo», in «Público», 19 de Maio de 2001)

(57) – «É por isso paradoxal que o Governo, apesar dos ensinamentos do passado, nomeadamente o fracasso que constituiu a aplicabilidade da Lei de Bases da Saúde de 1990, num contexto político de maioria absoluta, se dê agora ao luxo de desperdiçar um património já negociado, que mobilizou e envolveu vastos sectores dos profissionais da saúde durante quatro anos, e tenha a ilusão de que uma lei, este género de leis, seguindo a técnica do duche escocês, possa vir colmatar as lacunas e insuficiências por ele próprio criadas. *Como se aquela Lei de Bases tivesse constituído, nestes dois anos, a grande muralha contra a qual esbarraram, em sucessivas arremetidas, todas as tentativas de melhoria da gestão e funcionamento do sector.*» (Cipriano Justo, «Oito anos é muito tempo», in «Público», 16 de Junho de 2001)

(58) – «A notícia de sábado é breve. Diz apenas: «A Unita entregou as 60 crianças que levava consigo durante o ataque de há três semanas ao Caxito, a 60 quilómetros de Luanda». Cita o vice-presidente do movimento, António Dembo. E nada mais. Não confirma junto da Unicef, entidade que denunciara o crime (apesar de esta ter emitido um comunicado a congratular-se com a libertação dos menores e de dois adultos, basta consultar a Internet e, assim, afastar a dúvida), não diz em que condições foram libertadas nem porquê. Lacónica. Jornalisticamente o

assunto morreu ali. Contrariamente a outras vítimas da mesma guerra, a dos diamantes e do petróleo (os portugueses reféns de Cabinda), estas crianças não suscitam a curiosidade dos meios de comunicação social. O que é que lhes aconteceu? O que é que lhes vai acontecer? Ninguém perguntou. *Como se não houvesse depois. Como se se assumisse que em Angola não há futuro.*» (Dulce Neto, «Sacrificar o Futuro», in «Público», 28 de Maio de 2001)⁴²

(59) – «Em Portugal, aliás, campeiam nesta matéria os mais papistas do que o Papa. Com o dr. Fernando Rosas, no caso Bendit, a achar que este não deveria ter nada de que pedir desculpa ou de que se arrepender e o próprio dr. Mário Soares a dizer, a respeito do passado revolucionário de Fischer, «como se ter sido jovem revolucionário fosse um crime!». Depende do que se fizer enquanto tal, ou não? A prova é que o seu amigo terrorista foi condenado a nove anos de prisão!

Em Portugal, no entanto, qualquer argumentação em contrário continua a ser vista como discurso reaccionário. Prova-o bem a sentença proferida a semana passada no caso das FP-25.[...]

Mas se a Justiça realizada 17 anos depois já dificilmente pode ter pretensão de ser justa, não é só estranho o baixo valor das indemnizações entregues às vítimas – é estranha toda a sentença, com a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos, mesmo a coberto da falta de provas (como se não fossem estes a doutrinar os primeiros!). Ficámos a saber que os «danos colaterais» não são apenas exclusivos da linguagem da NATO.

Como se o contexto histórico desculpasse tudo e nas mesmas circunstâncias e com as mesmas idades não tivessem existido escolhas diferentes. Não é crime ter passado pela extrema-esquerda se não se pretender escamotear o erro de boa parte da sua acção e isso implica humildemente pedir desculpa, como fez a Igreja em relação à Inquisição, às cruzadas, etc. Há erros que nenhum contexto desculpa.» (Graça Franco, «Erros Que Nenhum Contexto Desculpa», in «Público», 10 de Abril de 2001)

Ter-se-á reparado que nestes exemplos o Loc se socorre, em *como se p*, de vezes que contrariam *verdades gerais*, ou mesmo *doxas*, de grande relevância e de acentuado significado ideológico: a contrafactualidade de *como se p* disponibiliza, e impõe, como já acentuei, a contrária/contraditória de *p* (que repõe, na positiva, essas *verdades gerais* ou essas *doxas*), a que o Loc junta, inequivocamente, a sua voz – num movimento argumentativo de grande ênfase; a resolução do conflito de vozes assim trazido ao discurso dá-se, sem dúvida, a favor

⁴² Como se nota, este exemplo tem a particularidade de ilustrar um encadeamento de *como se p* sobre uma ausência de intervenção de um Outro – sobre uma omissão –, referenciada em «Ninguém perguntou».

da voz do Loc. Ficam aqui também claramente recortadas, nos termos já acima (em 5.) propostos, situações específicas de *heterogeneidade enunciativa*.

10.2. É da mesma índole o exemplo (60), abaixo introduzido, em que *como se p* põe particular acento em representações sociais/valores, permitindo ao Loc uma tomada de posição forte contra o que indiciam «as indecorosas cenas a que nos começamos a habituar» – como referência o segmento sobre que se dá o encadeamento de *como se p*. A comparativa condicional constitui aqui um fecho deveras acutilante para todo o discurso – nela utilizando o Loc a invocação de um estado de coisas que, pelo seu carácter anti-ético extremo, não pode senão ser por todos reprovado e rejeitado; este estado de coisas serve também de medida (envolvida no processo comparativo marcado em «como») para o «indecoroso» «das cenas» referenciadas – e para o perigo, sobre que o Loc adverte com idêntica veemência, da sua naturalização entre nós (cf. «a que nos começamos a habituar.») :

(60) – «As migrações modernas transformaram-se num dos mais difíceis problemas da humanidade. São milhões as pessoas que, em qualquer momento, andam à procura, tentam instalar-se, são vítimas de preconceitos, provocam incidentes ou são preza do mais cruel banditismo. Andam por aí, sem eira nem beira. Agora batem à porta dos portugueses, que não têm a experiência de receber estrangeiros, mas que sabem tudo do destino dos errantes. Por isso deveríamos ser capazes de evitar as indecorosas cenas a que nos começamos a habituar. *Como se a miséria deles fosse o nosso orgulho.*» (António Barreto, «Somos todos imigrantes», in «Público», 22 de Abril de 2001)

Repare-se que aqui se torna também particularmente nítido o que acima, em 4.3. (e 4.3.1.), ficou escrito a respeito do processo comparativo sinalizado por *como*; (60') propõe uma glosa que dá conta disso ⁴³:

(60') – ‘não sermos capazes de evitar as indecorosas cenas a que nos começamos a habituar *equivalaria* a aceitar/sancionar que a miséria deles é o nosso orgulho – o que plenamente se rejeita/recusa, dada a insustentabilidade, do ponto de vista ético, generalizadamente subscrita, desta última ideia’.

⁴³ É claro que também aqui cabe por inteiro a anotação contida em 4.3.1.1. – que, por economia, não retomo agora.

10.3. As notas que venho formulando aplicam-se bem, embora com eventuais acertos de pormenor (que, por economia, me dispense de apresentar), aos exemplos que seguem:

(61) – «Vianello esperara tanto daquele encontro com Fazio! Mas esperara o quê? Nada havia a esperar. Procurara-o sem reflectir, como quem aguarda um milagre. *Como se do encontro com Fazio alguma coisa de muito grande pudesse suceder!* Mas que coisas muito grandes podem suceder? Nada. Nada.» (CRPC)

(62) – «mas não posso. Não posso! Desconcerta-o a minha fleuma. Ai, agora põe-se a contar-me tudo, os casos evidentes, «verdadeiras confissões por escrito». *Como se eu não soubesse.* Basta, basta!» (CRPC)

(63) – «Ela faz que sim com a cabeça e pousa o copo. «Pensei muitas vezes neste momento», diz ele. «Também eu. Achas que foi boa ideia?» «É um princípio...». *Como se os princípios, só por si, tivessem alguma coisa de especial.*» (CRPC)

(64) – «com o receio de comunicarem às mulheres as suas tarefas num partido político, acabam por não as politizar e viver com tipas reaccionárias. Libertar o Alves?... *Como se alguém neste país tivesse força para arrancar seja quem for das garras da P.I.D.E..* Só o Salazar, ou o Tenreiro, ou... ou o Tomás...» (CRPC)

(65) – Soube que te vais mudar para Lisboa. *Como se o Porto não fosse um lugar óptimo para viveres!*

11. Como acima, em 0.1.3., avancei (e como o exemplo (13), aí proposto, procurava ilustrar), os traços mais salientes que encontramos no funcionamento discursivo das comparativas condicionais independentes (do subtipo I) em estudo estão também presentes nos casos em que *como se p* se actualiza como *inciso*, que se revela portador de um acréscimo comunicativo de índole comentativa – com orientação nítida para a refutação/contestação mais ou menos indignada – ao contido em algum termo ou segmento do EN, ou a este no seu todo. Ter-se-á presente que essa natureza de inciso confere a *como se p* uma total autonomia sintáctica – similar à que se verifica nos casos antes analisados.

Retomo esse mesmo exemplo (13) – agora renumerado como (66) – e junto alguns outros, que comprovam, ou evidenciam, o acabado de anotar:

(66) – «Mas se a Justiça realizada 17 anos depois já dificilmente pode ter pretensão de ser justa, não é só estranho o baixo valor das indemnizações entregues às vítimas – é estranha toda a sentença, com a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos, mesmo a coberto da falta de

provas (*como se não fossem estes a doutrinar os primeiros!*). Ficámos a saber que os «danos colaterais» não são apenas exclusivos da linguagem da NATO.» (Graça Franco, «Erros Que Nenhum Contexto Desculpa», in «Público», 10 de Abril de 2001)

(67) – «...decidiram ser eles a comercializar, não é? Vão directamente às fábricas, compram os tecidos, e depois obrigam os pais –obrigam, que é mesmo o termo – com, até com a ameaça de não deixar ir as garotas fazerem a comunhão – *como se isso fosse uma coisa indispensável!* – com essa ameaça obrigam os pais a comprar lá, portanto a comprar-lhe a ele xis metros de tecido, o catecismo ou a cartilha ou a cruz que ele previamente já mandou fazer...» (CRPC)

(68) – «A violência, o carácter revolucionário da verdadeira poesia – *como se a poesia pudesse, sem se negar, não o ser...* – são dados não tanto pelo domínio exclusivo de uma linguagem nova como pela irresistibilidade de uma experiência própria.» (CRPC)

Neste último exemplo, o comentário tecido em *como se p* aplica-se, como se nota, a uma voz que o Loc pressente, e convoca – imediatamente a anulando –, como oponente à tese que está a defender, segundo a qual «a violência, o carácter revolucionário» é *constitutivo* da «verdadeira poesia». Observo que esta tese/posição surge já contida em «a violência, o carácter revolucionário da verdadeira poesia», onde é activada como pressuposição existencial a partir da descrição definida vazada nesse segmento. A comparativa condicional retoma essa tese/posição, que resulta, assim, reforçada.

É patente em todos estes exemplos a força argumentativa – da ordem da refutação /contestação mais ou menos indignada, como sabemos (e como acima quis relembrar) – contida em *como se p*, que abre e fecha, de modo tão sumário quanto vincado, um movimento discursivo de oposição, que se socorre, nos termos já antes introduzidos, do que o Loc toma como evidências partilhadas, que não carecem de fundamentação. Ao mesmo tempo, são notórios também os valores modais de crítica / censura / reprovação / protesto, e também de lamento, agregados com saliência ao uso da comparativa condicional – dirigidos aos que são convocados como defensores da tese contraditada, que, como eles, resulta desqualificada/desvalorizada.

11.1. Assinalei em 7.8. casos em que a *réplica* configurada na comparativa condicional independente integra uma dimensão de imediata *rectificação/correção* – complementar da refutação/contestação nela contida –, que surge incrustada em *como se p* e aí sinalizada por marcadores específicos.

O mesmo se dá no domínio em que *como se p* está actualizado como *inciso*. Veja-se (69), exemplo em que a rectificação/correção é, num primeiro caso, marcada por «e não o contrário» (que conduz a uma inversão dos termos), e, num segundo (que é duplo), obtida através do comparativo de inferioridade, que, dada a contrafactualidade/falsidade que o marca no seio da comparativa condicional, implica a asserção do comparativo de igualdade (como nível mínimo) e tendencialmente do comparativo de superioridade:

(69) – «Se o meu neo-realismo, onde existe, não é dos que se metem pelos olhos dentro, dos que satisfazem à vista desarmada os catalogadores e agrimensores da literatura e da vida – *como se fossem as categorias e classificações que fazem a realidade, e não o contrário; e como se a substância importasse menos do que as fórmulas e receitas, e a convicção e a acção menos do que a profissão de fé* – pergunto eu se não será preferível que eu dê uma nota dissonante, e permaneça fiel à minha maneira, sincero, espontâneo e laborioso, variado na minha unidade essencial?» (CRPC)

Resta acrescentar que também aqui se aplicam, por inteiro, os comentários que tive a oportunidade de tecer em 7.8.1.

12. Situação similar à caracterizada em 11. para as comparativas condicionais que se apresentam como *incisos* é a que desenham algumas das que se concretizam como *adjuntos* do EN⁴⁴. Trata-se, pois, de um sector das comparativas condicionais projectadas como segmentos sintacticamente marginais/periféricos na configuração de EN – a que se agregam, rematando-o, como prolongamento de cariz parentético. Tais adjuntos – que não raro surgem graficamente separados do corpo nuclear do EN por travessão – apresentam os traços básicos atrás analisados de *como se p* independente, com destaque para o teor comentativo, já devidamente especificado, do conteúdo que carregam.

12.1. No exemplo (70), o Loc comenta, negativamente, através de *como se p*, o acto directivo relatado (cf. «exigia»), assinalando o seu despropósito, ao mesmo tempo que, no segmento, de teor justificativo-explicativo, «onde pulsava uma petizada, ansiosa da rua e do sol», junta a indicação das circunstâncias – a que Loc0 não foi, como deveria ter sido, sensível – que ditam esse despropósito:

⁴⁴ Ver 0.1.3.

(70) – «Dizia-me Maurico (sic) , com a sua voz de estentor: – Tenho a pele grossa. A professora exigia um silêncio absoluto, *como se isto fosse possível, onde pulsava uma petizada, ansiosa da rua e do sol.*» (CRPC)

Considerem-se estes dois outros exemplos:

(71) – «Casos há em que a gestão de ateliers de tempos livres (ATLs) e cantinas é da responsabilidade de associações de pais, *como se uma estrutura sujeita a mudar de dois em dois anos, como acontece com as associações de pais, que vive na base do voluntariado de pessoas cujas formações escolares e profissionais são as mais díspares, conseguisse assegurar a continuidade de serviços tão importantes para uma escola quanto uma cantina ou um ATL.*» (Helena Matos, «Eles festejam o quê?», in «Público», 16 de Junho de 2001)

(72) – «Sintomaticamente, os bispos asseveram que as referidas medidas, determinadas pelas ditas ideologias importadas, «difícilmente escondem a intenção de impor linhas culturais que contradigam a posição da Igreja sobre as matérias em discussão». Esta frase não poderia ser mais elucidativa sobre a concepção subjacente aos nossos bispos, *como se os promotores dessas alterações legislativas não tivessem outro desiderato senão, cavilosamente, «contraditar a Igreja».*» (Vital Moreira, «Tradição Cultural e Xenofobia Ideológica», in «Público», 01 de Maio de 2001.)⁴⁵

É bem saliente, em qualquer destes dois últimos casos, o movimento refutativo ou de contestação – acompanhado das dimensões modais já acima devidamente caracterizadas – vazado em *como se p*. Em (72), é utilizada pelo Loc (em p) a invocação de um estado de coisas (que toma como disponibilizado pelo discurso alvo de refutação/contestação) que se apresenta inequivocamente como uma ‘situação extrema’ – com a qual estabelece como insustentável, e mesmo como perfeitamente desacreditada, a posição assumida nesse discurso.

12.2. No exemplo seguinte ((73)), que trata a mesma temática a que se refere (72), o movimento argumentativo, de ordem refutativa, moldado em *como se p* é reforçado ou ampliado não apenas pelo segmento (tendencialmente redundante – e até, imediatamente, tautológico –, mas não irrelevante na ordem argumentativa)⁴⁶ «Não é», como ainda com a convocação explícita (em «Pelo contrário») da contrária/contraditória da tese a que o Loc replica:

⁴⁵ Este exemplo retoma (14), introduzido acima, em 0.1.3.

⁴⁶ Ver, acima. 5.

(73) – «Vivemos hoje em regime de separação das Igrejas e do Estado. Este regime tem sentido porque historicamente se fez a experiência de uma confusão entre os dois poderes. As mais das vezes, com domínio do poder político, instrumentalizando a Igreja (que quase sempre consentiu e tirou disso partido): foi o regalismo. Doutras vezes, mais raras, com influência temporal desmedida da Igreja sobre a sociedade e o poder político: foi o clericalismo. Hoje ninguém deseja renovar qualquer dessas experiências. Já basta. Não obstante, o regime de separação não pode ser um regime de hostilidade contra a Igreja, *como se ela fosse um corpo estranho, anómalo ou prejudicial na sociedade civil. Não é. Pelo contrário.*» (Mário Pinto, «Crise de Sociedade, Crise de Civilização (2)», in «Público», 14 de Maio de 2001)

É aqui muito nítido o desenho de uma sequência discursiva, habitada, como acabei de referir, por um movimento argumentativo de refutação, que é fechado por um momento complementar de rectificação. E mais uma vez, aqui – como é, de resto, habitual, de acordo com os comentários que já produzi acima –, o Loc não cuida de juntar a fundamentação da sua posição: joga, em pleno, com o que toma como evidências partilhadas, o que lhe permite mesmo mostrar-se tão peremptório, como a sequência dos termos (destacados tanto pela sua brevidade quanto pelo seu formato sintáctico) «Não é. Pelo contrário.» torna patente – sendo que a última expressão, pelo seu semantismo forte de *inversor* ou de marcador discursivo de *inversão argumentativa* (em conjugação com a negação polémica actuante em «Não é», a que de imediato segue), introduz, implícita mas efectivamente, no discurso os contrários/antónimos dos predicados «estranho», «anómalo» e «prejudicial», no que justamente se consuma uma marcada rectificação/correção. Como se nota, também aqui, como noutros casos já analisados, o Loc recorre (em p) à referenciação de uma ‘situação extrema’ – capturada em «corpo estranho, anómalo ou prejudicial» – com a qual intende *des-legitimar*, anulando-a e desqualificando-a de modo definitivo, a tese contraditada (a saber, a identificação do «regime de separação» entre a Igreja e o Estado com «um regime de hostilidade contra a Igreja»), que convoca como disponibilizada no, e pelo, discurso a que se opõe. É claro que o recurso a esta ‘situação extrema’ – que, note-se bem, o Loc toma como *implicitada* na voz a que replica, onde é dada como operando como segmento de índole justificativa – é também factor decisivo na utilização da tonalidade fortemente asseverativa que acima foquei.

Convém acrescentar que se observa também muito claramente na comparativa condicional de (73) o que em 4.3. (e 4.3.1.) ficou apontado

a propósito do processo comparativo – e que tenho aplicado a outros exemplos; no caso, a glosa (73'), em que, por economia, não explico (todos) os valores modais disponíveis em (73), põe em destaque as dimensões que, a respeito, já foram oportunamente sublinhadas ⁴⁷:

(73') – 'tomar o regime de separação como um regime de hostilidade contra a Igreja *equivaleria* a admitir/reconhecer que ela é um corpo estranho, anômalo ou prejudicial na sociedade civil; sendo isto inequivocamente/comprovadamente falso, aquela identificação de separação com hostilidade é abusiva, e, por isso, insustentável e mesmo inaceitável'.

12.3. Não raro, o adjunto ocorre, como já ficou oportunamente anotado, graficamente separado, por travessão, do corpo nuclear do EN em que se inscreve ⁴⁸ – o que lhe confere, de imediato, algum destaque, ao serviço de um efeito de *contraposição*. É o que encontramos na tripla ocorrência de *como se p* no exemplo seguinte – em que esse efeito de contraposição é, sem dúvida, intensificado pela recorrência, em apertada vizinhança, e em final de parágrafos curtos e ritmados, da construção, que visivelmente carrega os eixos centrais do funcionamento discursivo que venho caracterizando ⁴⁹:

(74) – «É caricato.

Dá a ideia de que perdemos a noção da dimensão dos problemas. Agarramo-nos a miudezas e distraímo-nos do que verdadeiramente interessa.

Gastamos dias e dias a debater ninharias.

E, aqui, o PS poderia ter um papel pedagógico importante.

Poderia centrar a discussão.

Questionar o Governo sobre o modo como pensa resolver certos problemas – apresentando ao mesmo tempo as suas próprias soluções [...].

⁴⁷ Mais uma vez, por economia, não retomo a anotação contida em 4.3.1.1. – que aqui também tem aplicação plena.

⁴⁸ Importa observar que, como já se compreendeu, a presença de travessão não constitui critério de identificação do subtipo de adjuntos, realizados em *como se p*, em foco. Confrontem-se a este propósito os exemplos (74) e (75) a seguir introduzidos com o exemplo (4), avançado em 0.1.1., e, por outro lado, tenham-se presentes os casos, já antes exemplificados, de adjuntos do mesmo subtipo que não surgem separados por travessão do corpo do EN em que se inscrevem.

⁴⁹ Convirá anotar que nos dois primeiros casos (mais claramente no primeiro) do presente exemplo, *como se p* comenta/critica não exactamente uma produção discursiva, antes um comportamento (o que exigirá que se tome aqui como *extensão* do seu sentido estrito o carácter metadiscursivo/metaenunciativo de *como se p*). Observo que situações como esta estão já previstas no que deixei anotado acima, em 7.7.

Mas, em lugar de avançar com propostas para os grandes problemas, o PS tem optado por explorar os incidentes que vão surgindo.

Apoiou na rua a manifestação dos trabalhadores da RTP – *como se a situação da RTP se resolvesse com manifestações*.

Associa-se aos protestos dos sindicalistas da Função Pública – *como se fosse possível manter o actual número de funcionários públicos*.

Liderou o debate sobre as acções do Benfica – *como se tivesse melhor solução para o caso*. (José António Saraiva, «O sexo dos anjos», in «Expresso», de 08 de Junho de 2002).

Sobressaem aqui a forte crítica/censura e a vincada desqualificação que são feitas ao/do PS – sendo que nelas opera de modo saliente a selecção dos estados de coisas capturados em *como se p* (com que o Loc *desacredita* a opção tomada por esse partido de «explorar os incidentes que vão surgindo», referenciados nos segmentos a que as comparativas condicionais se aplicam); esses estados de coisas remetem para situações que são dadas como não tendo, ostensiva e reconhecidamente, nem cabimento nem consistência nem legitimidade, revelando-se mesmo constituir ‘situações extremas’ ou paradigmáticas⁵⁰ de ligeireza, de insustentabilidade e até de demagogia; tais dimensões, que marcam claramente o comunicado nestas ocorrências de *como se p*, muito potencializam ou ampliam, nos termos já antes oportunamente focados⁵¹, os dividendos argumentativos propiciados pela construção.

Por me parecer particularmente esclarecedor, junto, em (74’) uma glosa (como nos outros casos apresentados, bem menos rica, do ponto de vista comunicativo-expressivo, que a solução de partida com *como se p*) de (74) que destaca – fazendo uso do marcador de condição necessária *se e só se* – os aspectos focados e ilustrados em 4.3.1. (e também já utilizados noutros exemplos)⁵²:

(74’) – ‘*Se e só se* a situação da RTP se resolvesse com manifestações é que seria legítimo/credível apoiar na rua a manifestação dos trabalhadores da RTP.

Se e só se fosse possível manter o actual número de funcionários públicos é que seria legítimo/credível associar-se aos protestos dos sindicalistas da Função Pública.

⁵⁰ Ver, acima, 1.7. e 5.

⁵¹ Ver (de novo) 1.7. e 5., e também 10.

⁵² Ver também a anotação contida em 4.3.1.1.

Se e só se tivesse melhor solução para o caso é que seria legítimo/credível liderar o debate sobre as acções do Benfica’.

Situação idêntica à desenhada em (74), que acabei de comentar, é a que testemunha o exemplo seguinte:

(75) – «Necessitamos de mais reflexão sobre ideias fundamentais para a nossa vida pessoal e colectiva. Concordo com António Barreto, quando dizia, precisamente a propósito da Nota Pastoral, que a sociedade e a vida portuguesa estão a precisar da expressão pública de quem tem responsabilidades – e citava como exemplo a Igreja e outras instituições. Vozes houve, contudo, que me surpreenderam. Umas, por se terem limitado a demonstrar que a análise dos bispos não era irrepreensível e tinha referências e conceitos discutíveis – *como se estvéssemos perante uma enunciação dogmática de fé*. Com isso, não foram à questão que os bispos propõem, e fixaram-se no dedo que aponta a lua. Outras, por virem atacar directamente a Igreja e contestar a sua legitimidade para se exprimir e ensinar. Tal faz pensar no que sucederia se estas pessoas tivessem a vara na mão. Uma coisa é criticar as ideias expostas; outra é vir pôr em causa a dignidade de a Igreja ensinar publicamente.» (Mário Pinto, «Crise de Sociedade, Crise de Civilização (2)», in «Público», 14 de Maio de 2001)

Aqui, a desqualificação do adversário visado activada, nos termos já antes caracterizados, por *como se p* é particularmente pronunciada, pois que os subscritores da tese contraditada (e, do mesmo passo, diminuída e infirmada) são vistos como confundindo a esfera da opinião (de que releva «a análise dos bispos») com a esfera da «enunciação dogmática de fé» – confusão que é apresentada como os tendo conduzido a ficarem fora do elenco da disputa (da «questão que os bispos propõem»). Importa observar que a vincada desvalorização assim conseguida – que, de resto, se prolonga ainda, e se acentua fortemente, no segmento discursivo subsequente («fixaram-se no dedo que aponta a lua.») – remete para, e assenta imediatamente em, a utilização por parte desse mesmo adversário visado de uma *argumentação não pertinente*, desenvolvida na base do conhecido paralogismo/sofisma da *ignoratio elenchi*.

12.4. Nos três exemplos que seguem, encontramos ainda *como se p* actualizado como adjunto de EN; tal adjunto apresenta também os traços específicos que venho analisando – sendo ainda que nele se recorta uma situação similar à caracterizada acima, em 7.8. e em 11.1.: nesses exemplos opera um segmento rectificativo/correctivo (assina-

lado pelo marcador discursivo «em vez de», a que cabe também um papel de *focagem* e de sinalização de um movimento de *contraposição* imediata – como acima, naqueles mesmos números, deixei sublinhado), que surge amalgamado ou incrustrado na comparativa condicional e se vincula ao movimento refutativo, que complementa especificamente, nela contido:

(76) – «todos os utentes do Retiro Fechado tinham sido duplamente humilhados. Primeiro fora a afronta do Retiro fechado a cadeado; e agora comandados a desandar, *como se, em vez de pequenos burgueses da cidade, não passassem de simples trochas pagos a jorna.*» (CRPC)

(77) – «...que tivesse saída da porta duma caserna, começando a pronunciar insultos, entre os quais de forma abundante, avultava ‘porcos’ e ‘nojentos’, *como se, em vez de se referir ao atleta, se dirigisse a um grupo ou uma vasta comunidade.*» (CRPC)

(78) – «o Meu Poeta começou a aparecer mais vezes no Voz di Povo, embora relegado para cantinhos de páginas, algumas vezes mesmo despejado na secção desportiva *como se, em vez de poeta, ele fosse comentador desportivo.*» (CRPC)

13. Quero considerar um último caso a partir do exemplo seguinte:

(79) – «Mas nada existirá mais insidiosamente triste do que assistirmos a essa forma de o tempo nos dizer que o que não aconteceu jamais poderá vir a acontecer: foi apenas por não ter sido. E é precisamente dessa interminável despedida que se trata num filme como «In the Mood for Love», de Wong Kar-Wai, que se estreia agora em Portugal. «Disponível para o amor», é o que diz a tradução do título. Mas não creio que acerte. Não direi que está (ela – ou ele?) disponível para o amor, *como se o amor viesse depois, nem sequer voltada (voltados) para o amor que poderá vir, mas deslizando (os dois, geometricamente separados), lentamente, para dentro do amor, como se o amor tivesse corredores, portas, vozes do outro lado da parede, chuva lá fora, mesas com comida, néons, luzes violentas, imagens calcinadas, escadas, respirações suspensas, como se o amor fosse o dentro de um dentro que apenas se torna visível na superfície muda das coisas, na beleza siderante dos vestidos, na brancura austera das camisas, nas unhas geladas, no fumo dos cigarros, na melancolia absorta das vozes.*

E este dentro tivesse a cadência, passo a passo, de uma repetição infinita, a dimensão espectral de um não-acontecer que todos os dias acontece, a amargura de uma distância entre aqueles que talvez se amem (os ausentes, o outro, a outra) e aqueles que tombam silenciosa e cerimonialmente na sedução esplendorosa de um jogo infinito. [...] Se há uma espécie de apatia soberana nos dois amantes imobilizados de «In the Mood for

Love», ela corresponde a essa consciência excessiva de que nada, absolutamente nada, pode ser desfeito, e de que no entanto há uma beleza trémula no interior desse fazer adiado, uma beleza comovedora, terrível, convulsiva, uma beleza que não se explica, mas se dá, ou partilha, ou cicia, ou segreda.

Como se desde sempre tudo fosse amor – ou cinema.» (E. Prado Coelho, «Ou cinema», in «Público», 06 de Abril de 2001)

13.1. Como os itálicos mostram, encontramos neste trecho cinco ocorrências de comparativas condicionais: duas delas – a penúltima (ou quarta), que abre o segundo parágrafo, e a última (ou quinta), que preenche o parágrafo final – são sintacticamente independentes; as outras três estão inscritas em EN⁵³.

As sintacticamente independentes não se integram no subtipo (I) que constitui o objecto específico deste estudo – antes se enquadram no subtipo (II) acima, em 0.1.2., exemplificado em (11) e (12). Ambas representam soluções por que optou o Loc – em ordem à obtenção de efeitos estilístico-expressivos; no entanto, no que tange à penúltima/quarta (realizada em «E este dentro tivesse a cadência...», a tomar, inequivocamente, como «E como se este dentro tivesse a cadência...»), há que não ignorar o influxo de uma constrição sintáctica, a saber, a extensão considerável do segmento precedente, que terá, seguramente, intervindo na escolha pelo Loc da solução projectada em coordenação aditiva, em início de EN.

13.2. As três outras comparativas condicionais (a primeira, a segunda e a terceira) – localizadas no primeiro parágrafo – apresentam-se, como acima deixei registado, integradas em EN.

Acontece, entretanto, que a primeira («como se o amor viesse depois») tem, inequivocamente, um estatuto diverso do das duas seguintes («como se o amor tivesse corredores...» e «como se o amor fosse o dentro de um dentro que apenas se torna visível na superfície muda das coisas...»). Do ponto de vista sintáctico, todas constituem *adjuntos* do EN em que se inscrevem – mas a primeira, ao invés das duas outras, é marcada pelos traços basilares que ficaram analisados como específicos do funcionamento discursivo de *como se p* independente do subtipo (I) ilustrado e caracterizado ao longo do presente trabalho.

⁵³ Para uma exploração alargada de todas estas comparativas condicionais, e para a consideração do papel que desempenham na configuração da textualidade, ver Fonseca, J., 2003.

Mais exactamente, estamos perante uma ocorrência de *como se p* com o estatuto/modo de funcionamento discursivo fixado em 12. e aí devidamente apresentado com vários exemplos.

13.3. Vejamos, então, de um ângulo mais próximo, aquela primeira comparativa condicional do texto apresentado. Retomo, para isso, em (79'), o segmento inicial de (79), que a contém:

(79') – «Mas nada existirá mais insidiosamente triste do que assistirmos a essa forma de o tempo nos dizer que o que não aconteceu jamais poderá vir a acontecer: foi apenas por não ter sido. E é precisamente dessa interminável despedida que se trata num filme como «In the Mood for Love», de Wong Kar-Wai, que se estreia agora em Portugal. «Disponível para o amor», é o que diz a tradução do título. Mas não creio que acerte. Não direi que está (ela – ou ele?) disponível para o amor; *como se o amor viesse depois*, nem sequer voltada (voltados) para o amor que poderá vir, mas deslizando (os dois, geometricamente separados), lentamente, para dentro do amor; ...»

A comparativa condicional em foco carrega um comentário (meta-discursivo) em que o Loc manifesta *discordância* sobre o emprego, que considera inadequado, do predicado «disponível» (em «disponível para o amor») na tradução do título do filme referenciado: esse predicado contém na sua configuração sémica o traço /+ *perspectiva de futuro*/, a que se agrega este outro, de natureza modal, e de cariz negativo: /+ *incerteza*/, e recorta um intervalo de tempo a vir, não especificamente delimitado, em que se poderá consumir (ou não...) o objecto (introduzido pelo relator «para») a que se aplica a 'disponibilidade'. Justamente, «como se o amor viesse depois» problematiza e invalida (por força, como sabemos já, da contrafactualidade que marca a comparativa condicional) essa perspectiva – ao mesmo tempo que disponibiliza, por implicação, a contrária/contraditória («o amor não viria/vem/virá depois»). Aquela problematização / invalidação está, de resto, já antes, duplamente anunciada – nos contíguos «Mas não creio que acerte.» e «Não direi...», marcados por negação explícita, realizando a segunda uma negação ilocutória. Observo ainda que *como se p* apresenta também uma índole de *justificação*, precisamente aplicada sobre essas negações.

A sequência do discurso expande o eixo central de *discordância* acabado de referenciar – insistindo na inadequação da apontada 'perspectiva de futuro' e do seu correlato 'incerteza'. E introduz uma *rectificação/correção* (marcada em «mas»), que recorta, de modo suces-

sivamente mais próximo, a visão do Loc, para quem a matizada, e singular, experiência retratada no filme é (já), em pleno, (o) amor.

Como, seguramente, se reconhece, a caracterização proposta da comparativa condicional em foco (caracterização que não se aplica às outras comparativas condicionais de (79)) mostra que ela (embora não seja sintacticamente independente – como o não são as que analisei em 12.) se inscreve no subtipo dessas construções estudado ao longo deste trabalho – nomeadamente, pelo comentário metadiscursivo que veicula, pelo movimento de desacordo/recusa que desenha e exprime, pela afirmação forte da contrária/contraditória da proposição recusada (vinculando-se estes últimos dois aspectos à contrafactualidade que marca *como se p*). Por outro lado, o estatuto ou índole do processo comparativo vazado na comparativa condicional é bem o que acima, em 4., ficou caracterizado (embora nele não haja, como noutros casos, uma orientação para o encarecimento) – sendo ainda que nesse processo comparativo é bem visível o que em 4.3. destaquei, que traduzo na glosa seguinte ⁵⁴:

(80) ‘aceitar a tradução do título do filme por «Disponível para o amor» *equivaleria* a admitir/reconhecer que o «amor viria/vem/virá depois» (como estipula o sema /+ *perspectiva de futuro*/, marcada, negativamente, por /+ *incerteza*/, contido em «disponível») – o que de todo não se aplica à situação retratada no mencionado filme; por isso, rejeito / recuso / contesto aquela tradução’.

E não se ignorará – ainda – que nessa comparativa condicional se contém também (como nas outras comparativas condicionais que ficaram analisadas) uma *crítica/censura* (algo suave ou branda – sem dúvida, benevolente –, mas efectiva) dirigida, por *implicação*, aos que (a começar, por certo, pelos autores da tradução do título do filme), inadvertidamente crêem que (no filme/na vida...) «o amor viria / vem / virá depois» – sendo que dessa crítica/censura se desprende, por derivação ilocutória, um apelo ou incitamento (ou seja, uma dimensão de *injunção* ⁵⁵) ao abandono e à rectificação ou correcção dessa crença.

⁵⁴ Ver também 4.3.1. e 4.3.1.1.

⁵⁵ Ver, acima, 3. (xiii).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, J.

- 1992 – *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa.
- 1992a – «Coerência e coesão nas unidades linguísticas», in FONSECA, J., 1992.
- 1993 (2000) – *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto (Coleção Linguística/Porto Editora, n.º 1).
- 1993a – «Pragmática dos enunciados vazados nas sequências 'p! e q' e 'p! ou q'», in FONSECA, J., 1993.
- 1993b – «Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas», in FONSECA, J., 1993.
- 1993c – «Coerência do Texto», in FONSECA, J., 1993.
- 1994 – *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto (Coleção Linguística/Porto Editora, n.º 5).
- 1994a – «Heterogeneidade na língua e no discurso», in FONSECA, J., 1994.
- 1994b – «Dimensão accional da linguagem e construção do discurso», in FONSECA, J., 1994.
- 1994c – «Pragmática das perguntas 'como p, se q?' e 'como não p, se q?'», in FONSECA, J., 1994.
- 2003 – «As comparativas condicionais como elementos configuradores de textualidade» (no prelo).

O registo de variantes linguísticas no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611)

BRIAN F. HEAD *
(ILCH – Universidade do Minho)
brian@ilch.uminho.pt

In Memoriam
João Alves Pereira Penha

Introdução.

No século XVI inicia-se uma actividade de grande importância para a língua de uso comum em Portugal: a publicação das primeiras obras nos três domínios principais da codificação linguística – os tratados de ortografia, as gramáticas e os dicionários. Na elaboração das suas obras, os respectivos autores levavam em conta, necessariamente, as variantes observadas no uso da língua. Nalgumas das obras dos referidos tipos, há indicação explícita de algumas das diferentes opções no uso, com comentários não raramente de natureza normativa, em face da necessidade de registar padrões. É nas obras gramaticais e ortográficas que se encontram com maior frequência observações referentes à variação da linguagem. Assim, no primeiro tratado gramatical a ser editado em Portugal, Fernão d’Oliveira (1536) revela a clara consciência de diferenças linguísticas relacionadas quer com o âmbito social, quer com o meio geográfico; João de Barros (1540) também refere diferenças de uso segundo a região, mencio-

* Agradeço aos Doutores Aryon Dall’Igna Rodrigues e Virgínia Soares Pereira as observações feitas a uma versão prévia do presente trabalho.

nadas, por sua vez, por Duarte Nunes de Leão, num tratado de ortografia do mesmo século (1576).¹

Embora as diferenças de uso sejam igualmente de consideração obrigatória por parte dos lexicógrafos (pelo menos, implicitamente), os trabalhos sobre os primeiros lexicógrafos portugueses dão pouca atenção a este aspecto, devido em parte, talvez, à falta de indicações explícitas das variantes linguísticas nos primeiros dicionários de grande difusão: os de Jerónimo Cardoso e de Bento Pereira. Por outro lado, os primeiros estudos sobre as obras lexicográficas de J. Cardoso, A. Barbosa e B. Pereira trataram-nas principalmente sob a perspectiva da lexicografia latina (Almeida 1959, 1965, 1967). É sintomático, porém, que, em relação ao *Dictionarium lusitanicolatinum*, A. Barbosa afirme: «... fazemos vocabulario em lingoagẽ» (col. 550), isto é, da língua comum, não do latim².

O objectivo do presente estudo é de examinar a indicação de variantes de uso na obra do segundo lexicógrafo português: o *Dictionarium lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa.

Agostinho Barbosa era natural de Guimarães e o seu *Dictionarium* foi editado em Braga. A obra teve só uma edição, provavelmente devido à forte concorrência comercial de outras obras lexicográficas: primeiro, da edição em conjunto, num só volume, a partir de 1570, dos dicionários português-latim e latim-português de Jerónimo Cardoso, e, depois, do *Thesouro* e da *Prosodia* de Bento Pereira, que incluíam uma parte de latim-português e outra de português-latim.

1. Variantes identificadas por região.

O *Dictionarium* inclui diversas palavras e expressões que Agostinho Barbosa considera de uso regional. Seguem-se alguns exemplos³.

¹ Silva Neto (1952: 490, 493-494) examina trechos das obras de F. Oliveira, J. Barros e D. Nunes de Leão, em que os referidos autores destacam o conservadorismo de Entre-Douro-e-Minho. Na obra estudada no presente trabalho, nota-se que A. Barbosa menciona algumas variantes que considera típicas desta região.

² Antes de estar estabelecida a denominação «língua portuguesa», era frequente, especialmente durante os séculos XV e XVI, o uso da palavra *linguagem* para designar a língua comum (em contraste com o latim). A este respeito, vejam-se os usos do termo *linguagem* em D. Duarte (1435?), F. Oliveira (1538) e J. Barros (1540), entre outros.

³ Nas citações do *Dictionarium lusitanicolatinum* para os fins do presente trabalho, procura-se manter, tanto quanto possível, a representação ortográfica empregada

- «Abarcar he o mesmo que abraçar, lingoagem muyto vsado entre Douro, & Minho» (c. 4).
- «Bucho cheo de carne, como lingoíça. ... chamase Payo em entre Douro, & Minho» (c. 168).
- «Consogro. ... Chamase parceiro em entre Douro, & Minho» (c. 240).
- «Copo de Roca. ... Chamasse no nosso entre Douro, & Minho Manelo de laã, ou de estopa» (cc. 256-257).
- «Coroça, ... Vsase em entre Douro, & Minho, ...» (c. 261).
- «M[o]rtuorio, aliàs saymento como dizem em Antre Douro, & Minho» (c. 751). (A palavra *saimento* é antiga em português, documentada desde o século XIII na forma da variante *seymento*; a palavra *mortuório* é posterior e de via erudita).
- «Palha de camelo, erva, ... chamase em entre Douro & Minho lestras» (c. 803).
- «Torna nas vessadas, ... Palavra usada em entre Douro, & Minho, aonde semeão milho» (c. 1043).

Observa-se que o *Dictionarium* de A. Barbosa traz a indicação da região de uso da variante citada. Tais referências revelam sensibilidade a diferenças de uso regionais, especialmente às variantes associadas à linguagem típica de Entre Douro e Minho. Alguns dos termos atribuídos ao Norte de Portugal no *Dictionarium* continuam a caracterizar a linguagem regional. Por exemplo, usa-se até hoje no Norte de Portugal e no interior do Brasil o tratamento de «parceiro» entre cônjuges, enquanto o termo «Manelo de laã», assim como «Manela de laã», se emprega tanto no Norte de Portugal como na Galiza. Embora Cândido Lusitano incluía «sahimento» entre as «vozes antiquadas», a palavra continua a ser usada na linguagem regional até hoje (Freire 1863: 26).

2. Variantes identificadas como «melhor lingoagẽ».

Num número apreciável de entradas empregam-se expressões tais como «melhor diremos ...» e «... que he melhor lingoagẽ» (ou outras,

por A. Barbosa. Os trechos citados são seguidos pelas referências, entre parênteses, às respectivas colunas.

equivalentes a estas) para indicar a variante considerada de uso preferencial. Seguem-se alguns exemplos, com breves comentários.

«Arraya do reyno. ... Melhor diremos, Raya» (c. 108). A forma *arraia* está amplamente documentada na linguagem regional e popular: no Algarve, por exemplo, por Leite de Vasconcellos (1896: 334). Encontram-se as formas *arrayada*, *arrayado*, *arrayados*, etc. no *Livro das obras de Garcia de Resende* (1545/1994) e outros textos do século XVI e anteriores. Trata-se da prótese do *a-*, documentada até hoje em várias formas típicas da linguagem popular do Minho; veja-se, por exemplo, Gonçalves (1988: 14, 19, 57-62), que considera o emprego do *a-* protético especialmente comum antes dos sons representados por *r-*, *l-* e *s-*. A palavra *raia* é do latim **radia*, derivado de *radiu-*. Neste caso, como em outros, A. Barbosa não escolhe a variante popular, que se caracteriza pela prótese, para a entrada principal, mas antes opta pela forma mais próxima à palavra latina de origem. No *Vocabulario na lingua brasilica* (ms. 1621), dicionário português-tupinambá, há duas entradas, a principal na letra A – «Arraya», e na letra R – «Raya ou Arraya... uide in verb. Arraya», o que indica que a forma mais comum entre os colonizadores do Brasil no início do séc. XVII era *arraia*.

«Catiuar. ... melhor diremos Captiuar» (c. 208). As formas *cativar* e *cativo* (assim como as suas respectivas variantes gráficas com valores fonéticos correspondentes) estão bem documentadas nos séculos XII-XV. N'Os *Lusíadas*, Camões emprega só *cativo* (IV.52) e uma das formas do paradigma de *captivar* (I.79), mas alterna entre *captiveiro* (I.97, IV.53) e *cativeiro* (VIII.46). Garcia de Resende (1545/1994) emprega sete vezes formas como *captivar*, *cativo*, etc., e sete vezes formas como *cativar*, *cativo*, etc., o que indica, como também indicam outros textos, a alternância entre tais formas durante o século XVI. O étimo de *cativar* e de *captivar* é o latim *captivare*. Neste caso, como em outros, A. Barbosa opta pela forma erudita (o cultismo *captivar*) em vez da forma comum (*cativar*), que entrou na língua por via popular.

«Deformidade, aliàs disformidade. ... Vide, disformidade, que hé melhor linguagem» (c. 325). No século XV, documentam-se as variantes *disforme*, *desforme* e *diforme* (Cunha 1994: 51). N'Os *Lusíadas*, Camões emprega *disforme* (V.39) e *disformemente* (V.81). O prefixo *dis-*, do latim *dis-*, que exprime a noção de negação, é típico, nesta

forma, de vocábulos portugueses provindos do latim por transmissão erudita, sendo que, por via popular, *dis-* evoluiu normalmente para *des-*, prefixo de grande vitalidade e diversidade de sentido na formação de derivados na linguagem comum. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma culta, com o prefixo na forma *dis-*, em vez de *des-*.

«Desemuergonhada cousa. ... *Vide* Desauergonhada cousa, que hé melhor linguagem» (c. 363). A forma *desavergonhado* (representada pela variante gráfica *desaavergonhado*) encontra-se na *Vida de Sam Bernardo* (52.32), do século XV. Garcia de Resende (1545/1994) emprega quatro vezes formas do verbo *envergonhar*, mas nenhuma vez qualquer forma do verbo *avergonhar*. No fim do século XVI, Frei Pantaleão d'Aveiro emprega a palavra *desenvergonhado* no *Itinerario de Terra Santa* (f. 36 v., de acordo com Pereira 1913: 94). O uso do verbo *vergonhar* com o prefixo *a-* em vez de *em-* é menos comum, e por isto talvez sentido como mais culto, sendo possivelmente por este motivo que A. Barbosa dá preferência à forma *desavergonhada*, em vez de *desemvergonhada*. (Por outro lado, as formas *en-* e *em-*, em vez de *in-* e *im-*, e a forma *des-*, em vez de *dis-*, indicam transmissão por via não culta; vejam-se os comentários referentes a «Deformidade, aliás disformidade...» c. 325, *supra*, e «Enquirição, ... *vide* Inquirição», c. 452, *infra*).

«Encorrer. ... Melhor lingoagem he cair: assi como, ... cair em algum peccado. ... cair em doença. ... cair nas mãos do inimigo &c.» (c. 437). A palavra *encorrer* é forma divergente antiga de *incorrer*, do latim *incorrere*. A alternância entre os sons representados por *en-* (ou *em-*) e *in-* (ou *im-*) em posição inicial é comum na linguagem antiga, sendo mantida, actualmente, esta alternância na linguagem popular e regional. A antiga forma *encorrer* não se encontra em *Houaiss* 2001, mas ainda era empregada no século XVI (por exemplo, por D. Frei Amador Arrais, *Diálogos*, III, capítulo 23: «Em quanto ódio e miséria encorreram os Judeus...»), sendo preservada na linguagem regional (por exemplo, no Alentejo, segundo Pires 1906: 174). A substituição da vogal, ou ditongo, que se representa por *en-* (ou *em-*), em favor da vogal nasal alta anterior (representada por *in-* ou *im-*) é comum na linguagem popular do Minho (Gonçalves 1988: 23, 86-89), onde *in-* também substitui *am-* nalgumas palavras («imparo» por *amparo*, por exemplo) e ocorre como prefixo em formas típicas da linguagem regional popular («inligar» por *ligar*) e, por vezes, no lugar de *e-*,

ex-, *i-* e *i(l)-* (por exemplo, «inducado» por *educado*, «incelência» por *excelência*, «ingual» por *igual*, «inlusõ» por *ilusão*, etc., *ibid.*). N'Os *Lustadas*, Camões emprega as formas *emparo* (por *amparo*, II.96 e IV.90), *empede* (VIII.92) e *empedem* (V.96), *emperador* (VII.36 e 57; IX.79), *incurta* (IX.20), *infiado* (I.37 e II.49) e *infia* (VI.87), embora também use formas de *impedir* (em sete casos), *imperial* (III.78) e *império* (17 vezes, sem exceção), *enfia* (VI.98), mantendo, porém, sem alternância a maioria das palavras iniciadas por *en-* (e *em-*) ou *in-* (e *im-*). Em vez da forma antiga e popular *encorrer* (que era comum na sua época e região), A. Barbosa opta por outra entrada, *cair em ...*.

«Enquirição, ... *Vide* Inquirição, que he melhor lingoagem...» (c. 452). A julgar pelas informações em Cunha (1982: 438), as formas em *en-* desta palavra eram mais comuns nos séculos XIII-XIV, as em *in-* (ou outra variante gráfica representando a vogal nasal alta anterior) a partir do século XV. As formas da respectiva família lexical provêm do latim *inquirere*, de *quaerere*, e de derivados destas, por via semi-erudita. Como de costume, A. Barbosa opta pela forma mais semelhante à palavra latina (neste caso, como se encontra na forma mais moderna, com *in-* em vez de *en-*).

«Reuogar. ... Desdizerse he melhor linguagem» (c. 943). Encontra-se em textos a partir dos séculos XIII e XIV a palavra *revogar*, do latim *revocare*, por via semi-erudita, assim como *desdizer* (de base latina, *dicere*) e outros derivados afins (*desdizador*, *desdito* e, no século XV, *desdizimento*). Talvez por causa do elevado uso de derivados baseados em *dicere*, A. Barbosa dá preferência, como forma de entrada principal, a *desdizer* (não obstante a forma não erudita do prefixo *des-*), em vez de *revogar*.

«Tanoeyro. ... Melhor diremos Tonoeyro, de Tonel» (c. 1018). Em português, a palavra *tonel* provém do antigo francês *tonel*, hoje *tonneau*. Neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma do derivado que mais se assemelha à raiz do étimo.

3. Variantes seguidas por *vide*, que aponta para a forma da entrada principal.

Num outro conjunto de entradas, encontra-se uma referência a uma segunda forma, sem emprego de qualquer descrição para indicar

qual o tipo de variante tratada como preferível: basta a simples referência remissiva, *vide*, às outras formas, evidentemente consideradas preferíveis, visto que A. Barbosa as emprega como entradas principais, em geral. Seguem-se alguns exemplos.

«Abayxar, *Vide* Abaxar» (c. 2). Considera-se que a forma *baixo* provém de um étimo teórico (não conhecido na documentação), **basseu-* por *bassu-*. As formas com *a-* resultam da aglutinação de *a-*, como prefixo. É de notar que, n'Os *Lusíadas*, Camões emprega só formas com a vogal simples na raiz desta palavra, indicada por *a*, em vez do ditongo, indicado por *ai*: *abaxar* (X. 41) e palavras afins, *abaxa* (VIII.11, X.78), *abaxe*, (X. 78), *abaxão* (VI.63) *abaxarão* (IV.56) *abaxando* (X.22 e 34). De modo semelhante, A. Barbosa dá preferência à forma com vogal simples (em vez do ditongo), provavelmente por corresponder à pronúncia mais comum, além de ser mais de acordo com a forma documentada do vocábulo correspondente latino: *bassare* em vez de **basseare*).

«Abranger, aliàs abarcar, ou abraçar. *Vide*, Abraçar» (c. 8). Veja-se a entrada «Abranger... » (col. 4), acima citada (na secção 1). Neste caso, ao contrário de outros, A. Barbosa dá preferência, como forma de entrada principal, a uma palavra que considera típica de determinada região.

«Acredor, ã empresta dinheiro. *Vide* Crèdor» (c. 19). Como em numerosos outros casos, A. Barbosa dá preferência à forma sem a prótese do *a-*, típica da linguagem popular e regional, não justificada pela forma da palavra latina de origem, *creditor* (sendo que *credor* se formou, por via semi-erudita, através de **creedor*, como revela a pronúncia semi-aberta da vogal pretónica, comum em Portugal).

«Acunhar, *Vide* Cunhar» (c. 20). A forma *acunhar* representa um caso de prótese, processo formativo de grande vitalidade e típico da linguagem popular e regional. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma sem prótese (isto é, sem a vogal *a-* no início), de acordo com a forma da palavra latina de origem (*cunear*).

«Açugentamento. *Vide* çujamento» (c. 26). A palavra *sujo* provém do latim *sucidu-*, que significava «úmido». No século XIV, havia variantes gráficas da forma verbal derivada deste adjectivo: *ensuzar*, *enxuzar*, *emçujar*, etc., além de variantes gráficas que

correspondem ao substantivo *sujidade* (*çugi-*, *çogi-*, etc.); *çujamento* é do século XV. É a esta forma que A. Barbosa dá preferência, em vez da outra, «açugentamento», com a prótese típica da linguagem popular.

- «Adobes, aliàs ladrilhos. ...*Vide*, Ladrilhos» (c. 29). A palavra *adobe*, que provém do árabe *aṭ-ṭub*, figura entre as entradas principais na obra do primeiro lexicógrafo português, J. Cardoso (1563). É certamente anterior na língua portuguesa a palavra *ladrilho* (uma vez que se documenta desde o século XIV, inicialmente com a variante gráfica *ladrillo*), do castelhano *ladrillo*, de um diminutivo de documentação não conhecida, do latim *later*, *lateris*. Assim, como forma da entrada principal, A. Barbosa dá preferência à palavra de origem mais antiga, provinda do latim (embora através do castelhano).
- «Afigurarse algũa cousa. ...*Vide*, figurarse» (c. 36). De acordo com o critério seguido geralmente, A. Barbosa dá preferência, para a entrada principal, à forma sem a prótese típica da linguagem popular e regional (não justificada pela forma latina de origem: *figurar* provém de *figurare*, por via erudita).
- «Alembrear, alembrase. *Vide* lembrar» (c. 57). As formas *alembrear* e *alembrear-se* representam o emprego do *a-* protético, processo formativo comum na linguagem popular e regional. A palavra *lembrar* vem do latim *memorare*, através de *nembrar*, do português antigo, por dissimilação. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma sem a prótese típica da linguagem popular.
- «Aleuantarse donde esta assentado. ... *Vide* Leuantarse, *littera* L» (c. 59). A palavra *levantar* provém do latim **levantare*, verbo formado com base no particípio presente *levante*, de *levare*. Neste caso, como em muitos outros, A. Barbosa dá preferência, como entrada principal, à forma sem a prótese típica da linguagem popular e regional.
- «Aliuiar. *Vide* Desaliviar» (c. 62). É de grande produtividade em diversos tipos de linguagem comum, popular e regional a formação de derivados com o prefixo *des-* (que se distingue da forma *dis-* do mesmo prefixo, típica de palavras transmitidas do latim ao português por via erudita). Nalguns casos, típicos da linguagem popular e regional, é redundante o prefixo *des-*, cujo uso resulta de uma associação a algum elemento negativo do significado da raiz,

como neste caso – e em formas tais como «desinfeliz», «destrócar» e «desvorciar», actualmente correntes em linguagem popular e regional (ou simplesmente coloquial). Mas é, sem dúvida, mais expressiva a forma *desaliviar*, com o prefixo *des-*, do que a forma simples, *aliviar*. Talvez por causa da sua maior expressividade, A. Barbosa dá preferência a forma *desaliviar* como entrada principal neste caso. (Veja-se, porém, «Desaliviar, *Vide*, Aliuar», c. 343, *infra*).

«Amazóna. *Vide*... Almazona» (c. 74). Documenta-se *almazona* nalgumas formas de linguagem popular (por exemplo, no Alentejo, segundo Pires 1903-1905: 95). O *al-* deve-se à incorrecta associação com substantivos de origem árabe, muitos dos quais têm o artigo *al-* aglutinado (no caso dos que começam com letras «lunares», de acordo com a terminologia tradicional árabe; nos que começam com letras «solares», a lateral do artigo sofre assimilação à consoante seguinte, como no caso de *açúcar* e muitas outras palavras; sobre a distinção entre letras «solares» e letras «lunares», veja-se Wright 1964: I,15). O substantivo *amazona* vem, através do latim, do nome grego de um grupo de mulheres guerreiras lendárias, sendo introduzido no Brasil pelo capitão espanhol Francisco Orellana que, depois de descer o rio Nhamundá em 1541, encontrou uma tribo de índias guerreiras com a qual travou luta. Assim, a palavra entrou no português, no Brasil, só em meados do século XVI. (Veja-se Nascentes 1932, II, *q.v.*). Na obra do Padre António Vieira, tanto nos sermões como nas cartas, encontra-se com frequência o uso de «almazonas» por *amazonas*. Neste caso, ao contrário de muitos outros, A. Barbosa dá preferência à variante popular, que não se justifica pela etimologia. (É possível que o jovem estudioso, na sua única obra de lexicografia, tenha sido influenciado, neste caso, pelas muitas palavras de origem árabe que começam com *al-*. Por outro lado, é comum na linguagem popular e regional a troca de *ar-* ou de *a-* por *al-*: «almário» por *armário*, «almazem» por *armazém*, entre outros).

«Aa manhã. *Vide*... Aa manhã» (c. 75). A palavra *manhã* provém do latim imperial tardio popular *maneana*, redução de *hora maneana*, «em hora matutina». No português medieval usava-se o advérbio *cras* (do latim *cras*), que foi substituído por *amanhã* (e variantes) no século XVI. Até hoje permanece a variante «amenhã», típica da linguagem popular e regional. Em muitos casos, observa-se na linguagem popular e regional a substituição do som representado por *an* (e outras grafias) pelo som representado por *en* (e outras

- grafias): «jentar» por *jantar* (no Algarve, Vasconcellos 1896: 335; no Alentejo, Pires 1907: 92; no Douro, Azevedo 1929: 193), «adiante» por *adiante* (por exemplo, em Barroso por Barreiros 1917: 137, em Turquel por Ribeiro 1930: 222, no Minho por Pereira 1933: 292, entre outros), etc. Neste caso, como na maioria dos outros semelhantes, A. Barbosa dá preferência à forma mais próxima à latina.
- «Arrazoar, i. usar de razões. ... *Vide Razoar littera R*» (c. 107 [=108b]). Vejam-se os comentários referentes a outras palavras com a prótese típica da linguagem popular e regional.
- «Arrabeca. *Vide Rabeca*» (c. 108). A vogal inicial de «arrabeca» resulta de prótese, processo típico da linguagem popular (vejam-se os comentários anteriores referentes a «acunhar» e «alembrear»). A palavra *rabeca* vem do árabe *rabab*, através do francês antigo, ou do provençal antigo, *rebec* (segundo Nascentes 1966). Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma sem a vogal protética.
- «Arreuzadamente. *Vide Reuezadamente*» (c. 112). O verbo *revezar* é composto pela base *vez* (do latim *vice*) com o prefixo *re-* e a desinência *-ar*. *Arrevezar*, *arrevezado* e *arrevezadamente* são formas com a vogal *a* protética, típica da linguagem popular e regional. Como de costume, A. Barbosa dá preferência, neste caso, à forma sem a prótese típica da linguagem popular e regional.
- «Arrazoar. *Vide Razoar*» (c. 112). Segundo Nunes (1911: 76), *razoar* vem de uma forma hipotética (de documentação não conhecida) do latim popular, **rationare* > *razōar*, cuja ressonância nasal já havia desaparecido no século XV. O referido autor afirma: «Hoje, além de *razoar*, usa-se com mais frequência *arrazoar*». Como outras formas com a vogal *a* protética, *arrazoar* é típica da linguagem popular e regional. Como em outros casos semelhantes, A. Barbosa dá preferência à forma sem a referida prótese.
- «Arrigar. *Vide Arrancar*» (c. 112). A forma *arrigar* é típica de linguagem popular e regional, sendo encontrada na Beira Alta (Pereira 1909: 312), no Douro (Azevedo 1929: 12, 105, 190), etc. É antiga a forma, sendo documentada num manuscrito dos *Diálogos de São Gregório*, de fins do século XIV ou princípios do século XV (Nunes 1928-1929: 12). A palavra *arrancar*, de origem controversa, tem as variantes «arrencar» e «arrincar», típicas da linguagem popular e regional, sendo documentadas no Alentejo (Vasconcellos 1896: 234, com a variante «arrenquer»), na Beira Baixa (Santos 1897-

-1899: 171), em Trás-os-Montes (Pereira 1912: 333), etc. Tais formas são vulgares no Minho e também encontradas na Galiza. Para a entrada principal, A. Barbosa escolhe neste caso, como de costume, uma forma não associada à linguagem popular e regional: *arrancar*, em vez das variantes «arrencar» e «arrincar» ou a palavra *arrigar*, que provém do latim *eradicare* (evidentemente, por via popular).

«Assocegada cousa. Vide Socegada cousa» (c. 125). Segundo Nascentes (1966, *q. v.*), o verbo *sossegar* provém, através da forma arcaica *sessegar*, do latim vulgar **sessicare*, calcado em *sessu-*, «assento». A. Barbosa dá preferência, como entrada principal, à forma sem prótese e mais próxima ao étimo, não obstante a falha na representação no *Dictionarium*, com *c* em vez de *ss*.

«A tirar com pedras. ...Vide Apedrejar» (c. 130). Neste caso, A. Barbosa dá preferência, em vez da locução, à forma derivada, cujo prefixo *a-* se justifica plenamente.

«Auentagem. ...Vide Ventagem» (c. 134). Neste caso, como de costume, A. Barbosa dá preferência à forma sem a vogal inicial, representada por *a-*, que se associa comumente à linguagem popular e regional (embora, neste caso, tal vogal se justifique pelo étimo, o francês *avantage*, sendo que *vantagem*, com a variante «ventagem», evoluiu através da forma antiga *avantagem*). Por outro lado, a forma escolhida apresenta a vogal pretónica tipicamente popular e regional, representada por *e*, em vez da vogal representada por *a*.

«Ausente. Vide Absente ...» (c. 134). No *Itinerario de Terra Santa* (século XVI), Frei Pantaleão d'Aveiro emprega a forma *absentia* (f. 295 v., segundo Pereira 1913: 91). N'Os *Lusíadas*, Camões usa duas vezes *ausência* (IV: 98, VIII: 30). O latim *absente* é étimo de *ausente*, que entrou no português por via semi-erudita, com vocalização do *b*. A forma *absente* é um latinismo, evidentemente por via erudita. A. Barbosa dá preferência à forma culta, mais semelhante ao étimo.

«Autor nas demandas. Vide Actor...» (c. 134). A palavra *autor* é do latim *auctore-*, «o que produz», por via semi-erudita (através da forma antiga *outor*, substituída pelo modelo latino), enquanto *actor* provém do latim *actore*, «o que fazer mover», também por via semi-erudita. O sentido de origem justifica a preferência por *actor*, no contexto «... nas demandas», em vez da outra palavra, *autor*.

- «Auelar, aliás secar. *Vide* secar» (c. 136). Emboa conste de dicionários modernos, a palavra *avelar* tem algo de antiquado e popular. Encontra-se com o sentido de «murchar» em Trás-os-Montes (Pereira 1908: 293). A *origem* é controvertida, estando talvez ligada ao substantivo *avelã*. O verbo *secar* vem do latim *siccare*, por via comum. Há palavras afins de origem erudita, tais como *exsicar*, de *exsiccare*, e *exsicante* (Morais 1858). A variante «assecar» representa a prótese de *a-*, processo muito comum na linguagem popular e regional, documentado na Minho, por exemplo, em formas como «assentar» por sentar, «assubir» por *subir*, «assuceder» por *suceder*, «acipreste» por *cipreste*, etc. (Gonçalves, 1988: 14, 62). Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma sem prótese (a qual, na maioria dos casos, não contribui em nada para modificar ou enriquecer o significado).
- «Aver misericobia. *Vide* Misericórdia» (c. 137). Por ser a forma «misericobia» uma deturpação popular, que ocorre em expressões como «pedir misericórdia» ou na simples forma abreviada do próprio pedido, com só uma palavra. A. Barbosa dá preferência, para a entrada principal, à forma *misericórdia*, muito semelhante ao étimo latino *miseriordia*, formado a partir de *miser* + *cord-*.
- «Avogado. *Vide* Aduogado» (c. 138). São formas divergentes provindas do latim *advocatus*. A forma *avogado* é antiga (Vasconcellos 1892: 267, Nunes 1911: 77, Pereira 1913: 92), actualmente típica da linguagem popular e regional. A. Barbosa dá preferência à variante culta, *advogado*, mais semelhante ao étimo.
- «Aziumarse... he o mesmo q̃ Fazerse azedo. *Vide* ...» (c. 140). O verbo *aziumar* foi formado a partir de *aziume*, forma sincopada de *azedume* (resultado da queda, em posição intervocálica, da consoante representada pela letra *d*). As formas *aziume* e *aziumar* são documentadas, respectivamente, na linguagem popular de Barroso (Barreiros 1917: 142) e do Minho (Pratt 1911: 148), por exemplo. A palavra *azedo* provém do latim *acetu-*, «vinagre», e é de uso geral, no sentido que evoluiu a partir do significado original. A. Barbosa dá preferência a uma locução com esta palavra, em vez da palavra antiga e típica da linguagem popular e regional.
- «Bexiga. *Vide* Vexiga» (c. 155). A palavra *bexiga*, usada actualmente, provém do latim **vessica*, forma alterada de *vesica*. Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência à forma em português mais semelhante ao étimo latino.

- «Borcelo de pão, he o mesmo, que bocado de pão. ... *Vide supra*» (c. 161). A forma «borcelo» representa uma deturpação de cunho popular da palavra *morcelo*, talvez por associação com *boca* ou *bocado* (ou então pelo processo fonético da simples desnasalização da consoante inicial). Na selecção da entrada principal, A. Barbosa evita, como de costume, a forma marcadamente popular.
- «Borracho. *Vide Bebado*» (c. 162). O português *borracho* provém do castelhano *borracha*, de origem incerta. Originalmente, o termo designava um odre de couro para conter líquidos; posteriormente, por simples analogia, passou a designar semelhante objecto feito de látex. O adjectivo formou-se a partir deste substantivo; no sentido de «ébrio», já consta da segunda edição de Morais (1813). O sentido que associa *borracho* com *borracha* resulta aparentemente da noção de *bêbado* como «amigo da borracha». Como se vê, não é muito recente o uso do termo «borracho» no sentido de «bêbado», embora se inclua comumente no dicionários da gíria contemporânea. O verbo *beber*, de *bibere*, é palavra do património latino tradicional do léxico do português, documentado desde o século XIII (com a variante *beuer*, «bever»); a forma *beuedo*, «bevedo», também se encontra em textos do século XIII. Considera-se que a forma da vogal postónica *bêbado*, do latim *bibitu* (através do antigo *bevedo*), resultou de dissimilação, em relação às vogais média e alta na mesma forma (podendo, haver, também, uma influência assimilatória por parte da consoante precedente). A. Barbosa dá preferência a esta palavra, mais própria do que o coloquial «borracha», como lema da entrada principal.
- «Catorze. *Vide Quatorze*» (c. 208). Tanto *catorze* com *quatorze* provém do latim *quattuordecim*. A variante com *c-* inicial ([k]) representa a evolução por via popular; também exemplificada por formas antigas e populares tais como «corta-feira», «coresma», «cando», «cantidade», «calidade», em vez de *quarta-feira*, *quaresma*, *quando*, *quantidade*, *qualidade* (em *caderno* de *quaternu-* mantém-se, porém, na língua moderna, o [k] inicial em vez de [kw], não obstante o cultismo *quaterno*, do século XVII). Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência à forma mais semelhante ao étimo, neste caso, *quatorze*, com a sequência inicial *qu-*.
- «Clamar, ou dar vozes. *Vide*, Gritar» (c. 342). A palavra *clamar*, por via erudita ou semi-erudita, é forma divergente de *chamar*, visto que ambas provém do latim *clamare*. Nota-se que *clamar* mantém um

sentido mais próximo ao do étimo; por outro lado, é frequente *clamar* em formas derivadas tais como *reclamar*, *declamar*, etc. A palavra *chamar* é mais antiga em português (século XIII) do que *clamar* (século XV, salvo erro). Neste caso, A. Barbosa opta por *gritar* (do latim **critare*, por *quiritare*), que terá entrado no português só no século XVI.

- «Cobrir. *Vide* cubrir» (c. 215). Segundo Cunha (1988: 69), a forma *cobrir* (com variantes gráficas, do mesmo valor fonético) documenta-se a partir do século XIII, *cubrir* a partir do século XIV. A forma «cubrir» encontra-se em Arrifes (São Miguel, nos Açores, segundo Vasconcellos 1890-1892: 304). O verbo *cobrir* é do latim *cooperire*. N'Os *Lusíadas*, Camões emprega formas das duas variantes, *cubrir* (II.15, VII.37) e *cobrir* (II.37 e 95, VII.37, IX.60), *descobrir* (22 vezes) e *descubrir* (2 vezes), mas *coverto* (5 vezes) e *descuberto* (13 vezes), sem usar nem a forma *descoberto*, nem *coverto*, uma única vez. Ao contrário de outros casos (em que dá preferência à forma mais semelhante ao étimo), A. Barbosa escolhe para a entrada principal *cubrir*, cuja grafia corresponde à pronúncia mais comum.
- «Conseg[u]inte cousa. *Vide* consequente cousa» (c. 239). A palavra *consequente* vem do latim *consequente-*, por via erudita. A palavra *consequinte* é forma divergente, com influência de *consequir* e de *sequinte*, do verbo *seguir*. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma erudita, mais semelhante ao étimo.
- «Coresma. *Vide* Quaresma» (c. 260). Por via popular, foi comum a mudança da sequência /wa/ a /o/: *corta-feira*, *cortavó* (ou *cortabó*), *contia*, e *coresma* são formas preservadas na linguagem popular e regional até hoje (Vianna 1887-1889: 209; Gonçalves 1988: 73). A. Barbosa dá preferência à forma erudita neste caso, como em outros.
- «Cós de molher. *Vide supra* corpinho» (c. 267). É do provençal *cors* «corpo» a palavra *cós*, usada nos séculos XIII e XIV, antes de cair em desuso. É também do século XIII, a palavra *corpo*, com a variante *coorpo* na época. Está bem formado o derivado *corpinho*, não havendo motivo para rejeitá-lo como entrada principal, em vez da forma antiquada. Na linguagem popular do interior do Brasil, empregam-se as palavras *corpinho*, *corpete* e várias outras no sentido de *sutiã* (APFB, Carta 68, e Cardoso & Ferreira 2000: 145), artigo do vestuário feminino bem posterior à época do *Dictionarium*.

- «Cosso, i. a cosso. Tomar a cosso. *Vide*, Acossar» (c. 268). Com o prefixo *a-* e a desinência *-ar*, está bem formada a forma verbal derivada do antigo *cosso*, documentado a partir do século XIII, por via popular, com evolução normal, sendo forma divergente de *curso* (forma alatinada, cada vez mais comum a partir do século XIV, com a variante gráfica *curssso*; comparem-se as formas divergentes o antigo *osso* e o moderno *urso*). Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência ao simples verbo (derivado, neste caso), em vez da locução, como entrada principal.
- «Deformidade, aliàs disformidade. ... *Vide*, disformidade, que he melhor lingoagẽ» (c. 325). Veja-se «Desforme cousa. *Vide* disforme & disformidade» (c. 367), *infra*.
- «Desacompanhar, i. apartar. ... *Vide* Apartar» (c.341). Neste caso como em outros referidos a seguir (cc. 342, 343, 344, etc.), A. Barbosa dá preferência a uma palavra simples, em vez de um antónimo formado com o prefixo *des-*, típico das palavras transmitidas por via popular ou semi-erudita.
- «Desafrontarse assi mesmo. ... *Vide* Vingar» (c. 342). Veja-se o comentário a «Desacompanhar ...» (c. 341).
- «Desaliviar, *Vide*, Aliuar» (c. 343). A palavra *aliviar*, vem do latim *alleviare*. No século XIV, havia a variante *aliuar*, ligado ao latim *allevare*. O prefixo *des-*, do latim *dis-*, é de grande vitalidade em português, mas é desnecessário neste caso – aliás, como no caso de outras palavras, em que, não obstante isso, se fixou, como por exemplo, «desinfeliz» na linguagem popular do Minho (Gonçalves, 1988: 76), além de outras variedades regionais. Para a entrada principal, A. Barbosa dá preferência à forma sem o prefixo *des-*. A presente entrada é o inverso da entrada anterior «Aliuiar. *Vide* Desaliviar» (c. 62), acima citada. O aparente lapso evidenciado pelas entradas contraditórias poderá resultar, talvez, de hesitação entre dois critérios distintos: um que favorece *aliviar*, como lema principal, e outro que dá preferência a *desaliviar*.
- «Desanimar, i. espantar. ... *Vide* Espantar» (c. 343). Veja-se o comentário a «Desacompanhar ...» (c. 341).
- «Desapayxonar. *Vide* Espantar a alguem, aliàs consolalo, & tirarlhe a payxão» (c. 344). Neste caso, A. Barbosa dá preferência como entrada a uma locução em vez de um antónimo com o prefixo *des-*. (Veja-se o comentário a «Desacompanhar ...», c. 341).

- «Desapossar. *Vide* Desempossar, ...» (c. 345). O substantivo *posse* vem do verbo latino *posse*, «poder, ser capaz», mediante a mudança da classe gramatical da palavra. Os verbos derivados do substantivo português *posse*, *apossar* e *empossar*, encontram-se em textos do século XVI. Neste caso, A. Barbosa dá preferência à variante mais comum, como lema da entrada principal.
- «Descrição. *Vide* Discrição» (c. 354). É antiga a alternância entre variantes com o prefixo *dis-*, típico da transmissão por via culta, e *des-*, de cunho mais popular. A alternância entre as variantes *discriçom* e *discreçom* encontra-se no manuscrito das *Fábulas de Esopo*, século XV, descoberto, editado e estudado por Leite de Vasconcellos (1906: 18). Observa-se que a variante com *e* na raiz, em vez de *i*, está mais próxima da forma do étimo latino *discretionē*-. Tal como fará o terceiro lexicógrafo português de um dicionário português-latim (B. Pereira 1634, *q.v.*), A. Barbosa dá preferência, como entrada principal, à forma com o prefixo *dis-*, típica da transmissão por via erudita, em vez de *des-*, deixando a representação de vogal pretónica por *i*, mais representativa da pronúncia comum, em vez de *e*, que corresponde à forma do étimo.
- «Desforme cousa. *Vide* disforme & disformidade» (c. 367). As variantes *disforme*, *desforme* e *diforme* encontram-se em documentos do século XV (Cunha 1994: 51). Camões emprega, n'Os *Lusíadas*, *disforme* (V.39) (e *disformemente*, V.81). A. Barbosa dá preferência às variantes com a forma culta do prefixo *dis-* do latim *dis-*: *disforme* e *disformidade*.
- «Desmiiçar. *Vide* Esmiiçar» (c. 373). Os dois verbos citados formam-se do prefixo *des-* ou *es-* + *miuça* (do latim *minutia*) + a desinência *-ar*, sendo que, até ao século XV, era comum a forma *desmiiçar*. Não havendo, porém, diferença de significado, A. Barbosa dá preferência como forma da entrada principal correspondente à forma *esmiiçar*, a evitar, mais uma vez, a variante com o prefixo *des-*. (Observa-se, porém, que o prefixo *es-* é típico da transmissão por via semi-erudita ou popular, em confronto com *ex-*, que é típica da transmissão por via erudita).
- «Desonesta cousa. *Vide* Deshonesto cousa» (c. 373). A palavra *honesto* vem do latim *honestu-*, por via erudita. Portanto, justifica-se o emprego do *h* por motivos etimológicos. Neste caso como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma que mais se assemelha ao étimo.

- «Desonrra. *Vide... Deshonrra*» (c. 373). A palavra *honra* é forma verbal de *honrar* (étimo: o latim *honorare*, por via semi-erudita). Na linguagem antiga havia formas como *onrrar*, *desonra*, *desonroso*, etc., sem o *h-* inicial que a etimologia justifica. N'Os *Lusíadas*, as palavras *honra*, *honrado*, *honrar* e *honroso* sempre ocorrem com *h-*, sem exceção. No caso de *desonesto*, *desonra* e *desonrado*, porém, há alternância na representação ortográfica: *Desonesto* sempre sem *h* (três ocorrências), *desonra* três vezes sem *h*, uma vez com *h*; *desonrado* sem *h* (uma ocorrência). A. Barbosa dá preferência à variante com *h*, de acordo com a forma do étimo, e com *rr* depois de *n* (forma gráfica redundante), em vez de *r*, mas com o prefixo comum *des-*, de grande vitalidade na língua portuguesa, em vez da forma culta *dis-*. Só posteriormente ficará estabelecida a convenção pela qual se escreve sem *h-* a radical quando precedida pelo prefixo *des-* (portanto, *desonesto*, *desonrado*, etc., em vez de *deshonesto*, *deshonrado*, etc.).
- «Desposouros. *Vide Esposouros*» (c. 379). O verbo *esposar* vem do latim *sponsare*; é palavra do património lexical tradicional do português, presente em numerosos documentos desde o século XIII. É também de documentação antiga o substantivo *esposório* (com as variantes *esposoyro* e *esposoiro* nos séculos XIII e XIV, respectivamente, segundo Cunha 1982: 325). A forma *esposouro* representa outra variante de *esposório*. Além de *sponsare*, havia no latim *desponsare*, com o mesmo significado de «prometer casamento». Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma sem o prefixo *des-*, de cunho popular ou semi-erudito, que não reforça nem modifica o sentido da palavra).
- «Desque, he o mesmo, que depois que. *Vide supra*» (c. 381). Provém da redução de *desde* a forma *des-* em *desque*, que ainda se encontra na linguagem popular do Baixo Alentejo (Delgado 1951: 112) e do Minho (Gonçalves 1988: 76), além de outras variedades regionais. A conjunção *desque*, forma truncada da locução *desde que*, encontra-se n'Os *Lusíadas* duas vezes (IV.70, X.141). Como palavra principal de entrada, A. Barbosa dá preferência à forma plena.
- «Diciprina, diciprinar, *Vide*, Açoutes, Açoutar» (c. 393). Para o sentido considerado, A. Barbosa prefere a palavra de significado mais específico à palavra de significado mais genérico. São de notar duas particularidades da representação ortográfica no *Dictionary* exemplificadas pelas formas *diciprina* e *diciprinar*: o em-

prego de *c* diante de vogal anterior para representar o som que era de facto uma simples sibilante (e não um grupo, posteriormente representado por *-sc-*) e *pr-*, em vez de *pl-*, de acordo com a pronúncia popular, fruto de uma alternância de longa data. Vejam-se os comentários referentes a «Praneta, *vide* Planeta» e «Pranta, *Vide* Planta, plantar» (c. 848) *infra*.

«Direyto. *Vide* Dereyto» (c. 397). A palavra *direito* provém do latim *directu-*, através da forma antiga e popular *dereito*, refeita eruditamente. A forma divergente, *direto*, é por via semi-erudita. A variante *dereito* (com nove ocorrências: I.76, II.22, III.83, IV.24, V.4, VII.39, 77, 86; VIII.43) é um pouco mais frequente n'Os *Lusíadas* do que *direito* (sete ocorrências: I.36, VI.48, 99; VII.7, 49; VIII.77, IX.28). A forma *dereito* é bem mais comum tanto na linguagem antiga (Michaëlis de Vasconcellos 1920: 26, em três contextos distintos; Leite de Vasconcellos 1906: 17) como na linguagem popular e regional (documentada em Ervedosa do Douro por Azevedo 1929: 191 e em Turquel por Ribeiro 1930: 228, entre outras localidades). Neste caso, em vez da forma erudita, *direito*, mais próxima à forma do étimo, A. Barbosa dá preferência, como entrada principal, à forma mais antiga e mais popular, *dereito*. (Encontra-se o contrário no *VLB*: «Dereito – uide Direito»).

«Empedir. *Vide* Impedir» (c. 427). A forma «empedir» constitui uma variante típica de linguagem popular e regional, que resulta da alternância entre os sons representados por *in-* (ou *im-*), de transmissão erudita, e por *en-* (ou *em-*), de transmissão popular ou semi-erudita. A palavra *impedir* vem do latim *impedire*, por via erudita. Como em outros casos parecidos, A. Barbosa escolhe, para a entrada principal, a forma mais próxima ao étimo.

«Enjuriar. *Vide* Injuriar» (c. 451). O verbo *injuriar* ou vem do latim **injuriare* ou é derivado do substantivo português *injúria*. No léxico português, documenta-se o substantivo a partir do século XIV, o verbo a partir do século XV. É comum a alternância entre as vogais nasais anteriores médias e altas (representadas respectivamente por *in-* ou *im-* e *en-* ou *em-*) na linguagem popular e regional. Cunha (1982: 429) considera as variantes com *en-* ou *em-* típicas de vocábulos semi-eruditos ou de cunho popular. Camões emprega n'Os *Lusíadas* as formas *injuriar* e *injúria* (seis e nove vezes, respectivamente), sem excepções. De acordo com o tratamento de outros casos semelhantes, A. Barbosa dá preferência à forma com a variante mais culta do prefixo.

- «Enquirição, *Vide* Inquirição, que he melhor lingoagem ... *Vide* ..., Deuassa» (c. 452). O verbo *inquirir* vem do latim *inquirere* (de *quaerere*), por via semi-erudita, e faz parte do léxico patrimonial português de origem latina, sendo documentado com variantes em *em-* desde o século XIII e em formas como *inquerir* e *enquerir* no século XVI. Camões não emprega este verbo n'Os *Lusíadas*. Encontram-se as formas «enquerer», «enquerições» e «enquirições», que exemplificam as variantes *en-* do prefixo e *eli* da vogal da raiz, no *Livro das obras de Garcia de Resende* (1545, de acordo com a edição crítica de E. Verdelho, 1994). São típicas da linguagem popular e regional tais variantes (sendo documentadas, por exemplo, no Alentejo, em «enquerir» e «enquerida», com sentido modificado, por Pombinho Júnior 1939: 286). Como em outros casos semelhantes, A. Barbosa dá preferência à forma mais culta, mais semelhante ao latim.
- «Entupir. *Vide* Atupir» (c. 462). Veja-se o comentário referente a «Desmuergonhada cousa... *vide* Desauergonhada cousa...» (c. 363), na secção 2 do presente trabalho.
- «Erdar. *Vide* Herdar» (c. 467). Neste caso, como em outros da mesma natureza, A. Barbosa dá preferência à representação ortográfica de acordo com a etimologia: *herdar* vem do latim *hereditare*, através de **herdidar*, com haplogogia.
- «Erdade, *Vide* Herdade» (c. 467). A palavra *herdade* vem do latim *hereditate-*.
- «Erguer a outrem, i. aleuantar. ... *Vide* Levantar» (c. 467). Como em outros casos semelhantes, A. Barbosa dá preferência à forma sem a prótese típica da linguagem popular e regional.
- «Espidir. *Vide* Despedir» (c. 492). As formas *espidir* e *espedir* são típicas da linguagem antiga. A forma *despedir* é derivada de *espedir*, com a troca do prefixo, por ser *des-* mais expressivo. *Espedir* vem do latim *expetere*, de *petere*, com o prefixo *ex-*. N'Os *Lusíadas*, Camões emprega sempre a forma *despedir* (seis vezes, sem variante, e *despedimento* uma vez), nunca *espedir* ou outra variante desta. A preferência de A. Barbosa por *despedir*, em vez de *espidir* (ou outra variante desta), justifica-se pela maior frequência de uso desta forma.
- «Esperiencia. *Vide* Experiência» (c. 493). A palavra *experiência* vem do latim *experientia*. A evolução do prefixo *ex-* para *es-* é típica de

vocábulos transmitidos por via popular ou semi-erudita. Como em outros casos semelhantes, A. Barbosa escolhe, para a entrada principal, a forma mais próxima à palavra original latina.

- «Espirar. *Vide* Expirar» (c. 495). A palavra *expirar* vem do latim *exspirare*, mantendo a forma culta do prefixo. Vejam-se os comentários anteriores, referentes a «Esperiencia. *Vide* Experiência» (c. 493).
- «Estreuer. *Vide* Atreuer» (c. 510). A palavra *atrever* vem do latim *attribuire*, por via semi-erudita, com modificação do sentido original. A forma *estrever* representa uma variante popular, com um prefixo que não se justifica historicamente. Como em outros casos semelhantes, a forma escolhida por A. Barbosa para a entrada principal é a mais próxima à forma latina de origem.
- «Estruir. *Vide* Destruir» (c. 510). A palavra *destruir* provém do latim *destruere*. A forma *estruir* é antiga, ainda preservada na linguagem popular regional (no Alentejo, documentada por Pires, 1907: 88; Pratt, 1915: 122, também afirma a ocorrência de *estruir* na linguagem popular). Neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma com prefixo mais expressivo e de maior vitalidade (tanto que foi esta a forma que se implantou no uso geral).
- «Filosomia, *vide* fisionomia» (c. 542). Em vez de «filosomia», forma deturpada aparentemente popular e com cruzamento com (ou, como dizem alguns, contaminação de) alguma palavra iniciada por *filo-*, talvez *filosofia*, A. Barbosa dá preferência à forma mais próxima ao étimo grego, *physiognomia*, por via erudita, através do latim.
- «Fiusa. *Vide* Confiança» (c. 547). A palavra *fiúza*, encontrada em textos antigos (por exemplo, no *Boosco Deleitoso* e na *Demanda do Santo Graal*), veio, por via popular, do latim *fiducia*, sendo portanto forma divergente de *fidúcia*, que entrou na língua portuguesa por via culta no século XVII. Poderia haver, já na época do *Dictionarium*, algo de antiquado e ultrapassado na palavra *fiúza* (de uso típico dos romances regionais no Brasil; Penha 1971: 139-141), sendo possivelmente por isso que A. Barbosa dá preferência como entrada principal à palavra *confiança*, derivada de *confiar*, do latim *confidere*, com mudança de conjugação e o sufixo derivacional comum *-ança*. É de formação moderna esta palavra. Como entrada principal, A. Barbosa dá preferência neste caso à forma mais moderna, sem sabor antiquado e regional.

- «Fome. *Vide Fame*» (c. 550). São formas divergentes provindas do latim *fame*. Em português, a forma *fame* é típica da linguagem antiga (Nunes, 1895: 263, Leite de Vasconcellos, 1906: 23, Nunes, 1929: 38) e popular (Leite de Vasconcellos, 1903-1904: 58, entre outros). A vogal *o* da forma *fome* deve-se possivelmente à influência da consoante bilabial seguinte, ou ao cruzamento com alguma outra palavra (possivelmente *come*). A base *fam-* manteve-se nas formas derivadas, como *faminto* (cujo sufixo tem a vogal alta, em vez de média alta, talvez por influência de *pedinte*, segundo Leite de Vasconcellos). Neste caso, A. Barbosa escolhe como entrada principal a forma portuguesa antiga, *fame*, que coincide com a forma do étimo latino. Compare-se «Linda cousa. *Vide Ferosa cousa ...*» (c. 669)
- «Iuntar. *Vide Ajuntar*» (c.640). As palavras *juntar* e *ajuntar* provêm do latim *junctu-*, por derivação verbal. Ambas são antigas em português. Neste caso, A. Barbosa escolhe para a entrada principal *ajuntar*, que é de formação derivacional comum e, por ser de uso comum enquanto palavra do património lexical tradicional, não terá sabor de forma popular ou regional.
- «Lascarim, *Vide Velhaco. Aziuieyro*» (c. 653). A forma «lascarim» é variante popular de *lascarinho*, termo que se tornou mais típico da linguagem regional (Moreno 1897-1899: 95, Trás-os-Montes; Pires 1907: 93, Alentejo; Pereira 1911: 86, Murça; Pereira 1919: 24, Arcos de Valdevez). Para a entrada principal, A. Barbosa dá preferência à palavra que se tornou de uso mais geral, *velhaco*, do castelhano *bellaco*.
- «Lião. *Vide Leão*» (c. 664). Do latim *leone*. É de notar que, n'Os *Lusíadas*, Camões emprega exclusivamente a forma *lião*, quer como nome comum (II.87, III.129, IV.34 e 80, X.43, 69 e 147), quer como topónimo (III.19 e 70, VI.56), sendo esta a forma que corresponde à pronúncia comum. Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência à variante ortográfica que mais se assemelha à forma latina.
- «Linda cousa. *Vide Ferosa cousa, que he o mesmo*» (c. 669). Nota-se que, neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma antiga *feroso* na indicação da entrada principal. A palavra *feroso* vem do latim *ferosus*, por via erudita, mas através do antigo *feroso*, feito.
- «Luminar. *Vide Illuminar*» (c. 680). As palavras *luminar* e *iluminar* provêm respectivamente do latim *luminare* e *illuminare*, por via erudita. Neste caso, A. Barbosa escolhe, para a entrada principal,

- a palavra *iluminar*, numa forma latinizada, «illuminar» (com dois *ll*), por motivos de estilo: linguagem mais requintada.
- «Luzir. ... *Vide* suprâ. Lustrar» (c. 681). A palavra *luzir* provém de *lucere*, por via popular, enquanto *lustrar* (documentado a partir do século XVI, provém do latim *lustrare* (documentado a partir do século XIII), Neste caso, como em outros, A. Barbosa opta pela palavra de relação mais evidente com o respectivo étimo.
- «Malditosa cousa, *Vide* Desditosa cousa» (c. 688). A forma, no sentido indicado pelo latim, corresponde a *desditoso*. N'Os *Lusíadas*, Camões emprega *desditoso* (IV.44) e *maldito* (IV.100, 102), mas não «malditoso».
- «Marmanjo, he o mesmo, ã tolo. ... *Vide* Tolo» (c. 707). Sendo que o termo «marmanjo» é de linguagem chula (ou, pelo menos, bastante ofensiva), A. Barbosa dá preferência a uma palavra de uso geral para a entrada principal.
- «Menencoria cousa, aliàs agastada, ... *Vide* Agastada cousa» (cc. 724-725). A forma «menencoria» é variante antiquada. Por isso, A. Barbosa opta por *agastado* (embora com alguma diferença de significado) para a entrada principal.
- «Oca cousa. *Vide* Oqua cousa» (c. 779). A palavra *oco* como o castelhano *hueco*, é derivada do latim **occu-*, de *occare*. Como há muitas palavras na linguagem popular e regional com *c* no valor fonético de oclusiva velar surda ([k]) provenientes de palavras latinas com *qu-* no valor fonético de ([kw]), tais como «coresma» por *quaresma* e «cando» por *quando*, é possível que A. Barbosa tenha considerado *oqua* como uma variante mais culta (mais próxima ao latim). Trata-se, porém, de um falso latinismo.
- «Oje. *Vide* hoje *cum aspiratione*» (c. 783). A forma escolhida para a entrada principal, neste caso e nos seis seguintes, está de acordo com a etimologia.
- «Omeme, omenzinho, omizio, *Vide littera H*» (c. 788). A palavra *homem* vem do latim *homine-*, através da forma antiga *homêe*, sendo portanto historicamente justificado o emprego da letra *h-* em posição inicial. As outras duas referidas são palavras afins à mesma raiz.
- «Onesta cousa. *Vide littera H*» (c. 789). A palavra *honesto* vem do latim *honestu-*, por via erudita. Assim, a forma preferida por A. Barbosa justifica-se historicamente.

- «Onra, &c. *Vide littera H*» (c.789). A palavra *honra* é forma deverbal de *honrar*, que provém do latim *honorare* por via semi-erudita.
- «Ontem. *Vide*, hontem, littera H» (c. 789). A palavra *ontem* vem do latim *ad nocte(m)* através de *anoite*, **ãoite*, *õoite*, *õote*, *õte* (sendo típica da linguagem regional e popular; até hoje, a variante que corresponde a esta última forma, sem nasalidade na vogal final), com prolação da nasalidade, *ontem*. Assim, não se justifica historicamente (embora pareça mais erudito o emprego da letra *h* no início desta palavra). Não obstante a origem (dificilmente conhecida ou identificada pelo jovem estudioso), A. Barbosa dá preferência a uma forma com *h* inicial como entrada principal neste caso, talvez por associação com *hoje* ou com o latim *heri*, que deu origem, por exemplo, ao francês *hier* e ao italiano *ieri*.
- «Ora, *Vide Hora*» (c. 790). A palavra *hora* provém do grego *hóra*, através do latim *hora*.
- «Ospede, ospedar, *Vide littera H*» (c. 794). A palavra *hóspede* provém do latim *hospite*, por via semi-erudita. O verbo *hospedar* deriva do substantivo. Assim, justifica a representação gráfica com *h* inicial em ambos os casos.
- «Ostinada cousa. *Vide* Ostinada cousa, ...» (c. 794). São típicas da linguagem popular e regional formas como «ostinado» e outras afins. Documenta-se «ostante» por *obstante*, por exemplo, no Alentejo (Pires, 1907: 97) e em Montemor (Pombinho Júnior, 1939: 249). O étimo de *obstinado* é o latim *obstinatu-*, por via erudita. No século XV estão documentadas as variantes *abstinado* e *austinado*. Como em outros casos semelhantes, A. Barbosa escolhe como palavra da entrada principal a forma que mais se assemelha ao étimo latino: neste caso, *obstinado*.
- «Parabem e dar o parabem. ... *Vide* Pera bem» (c. 808). É forma antiga *pera*, que sobrevive na linguagem popular dalgumas variedades regionais. Como no caso de algumas outras entradas, A. Barbosa dá preferência neste caso à forma antiga.
- «Parceyro em officio. *Vide* companheyro» (c. 809). Numa outra entrada, A. Barbosa aponta *parceiro* no sentido de *consogro* como uso típico de Entre Douro e Minho (c. 240, citada acima, secção 1). No caso do sentido mais amplo, porém, dá preferência à palavra *companheiro* («companheyro») para a entrada principal.

- «Porfia. *Vide* Perfia» (c.860). O substantivo *perfia* é forma antiga (cf. Nunes 1895: 261), registada no glossário do *Cancioneiro da Ajuda* por Michaëlis de Vasconcellos (1920: 67, dois exemplos), que a identifica como «substantivo posverbal de *perfiar*, de *per* + *fidare*, em vez de *fidere*» e num manuscrito do século XV do «Fabulário português» por Leite de Vasconcellos (1904: 34, dois exemplos). A forma é comentada no *Elucidário* de Viterbo (Leite de Vasconcellos 1929: 261). Por outro lado, *porfia* ocorre em diversas formas (*porfia*, *purfia*, etc.) no guineense (Barros 1902: pp. 87, 167, 270), além de outras variedades, sendo corrente actualmente em Portugal e no Brasil. A. Barbosa dá preferência à variante *perfia*, mais próxima à forma do étimo latino.
- «Praneta, *Vide* Planeta» (c. 868). A forma «praneta» é antiga e popular, preservada na linguagem coloquial em diversas regiões de Portugal e do Brasil. Vejam-se, por exemplo, *APFB*, Carta 2, e *ALPb*, Carta 036. N'Os *Lusíadas* (II. 1, III. 19, V. 24), Camões emprega só a forma culta, *planeta*, preferida também por A. Barbosa. (Veja-se também o comentário seguinte).
- «Pranta. *Vide* Planta, plantar» (c. 868). N'Os *Lusíadas*, Camões emprega *pranta* (X.70 e 136) em vez de *planta*, o verbo *prantar* (I.49), em vez de *plantar* (embora use, sem alternância, algumas outras palavras iniciadas por *pl-*, tais como *plácido*, *planeta*, o latinismo *plúmbeo*). Considera-se a evolução *pl* > *pr* típica da transmissão por via semi-erudita (sendo por via popular a evolução *pl* > *ch*, por via erudita a manutenção do grupo inicial *pl-*). Preservam-se na linguagem popular e regional muitas formas com *pr-* < *pl-*, tais como «pranta», «prantar», «praneta»; por exemplo, «pranta» em Turquel (Ribeira 1930: 237), Xalma (Leite de Vasconcellos 1933: 178), no Minho (Gonçalves 1988: 34, 99), entre muitas outras variedades regionais do português europeu, e «pranta», «prantar» e «praneta» em diversos lugares no Brasil, sobretudo na linguagem popular rural: na Bahia (*AFPb*, Cartas 2 e 24), Sergipe (*ALS*, Carta 25), Alagoas (Santiago 1977: 185), Minas Gerais (Teixeira 1938: 22), Paraná (*ALPn*, Carta 13). Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência, como entradas principais, às formas que entraram na língua por via erudita: *planta* e *plantar*, além de outras, como *planeta*, etc.
- «Fazer proueyto. *Vide* Aproueytar» (c. 887). À locução, A. Barbosa prefere, como entrada principal, o verbo *aproveitar*, de formação

derivacional comum, e, como o substantivo *proveito* (do latim *profectu-*), antigo na língua portuguesa, sendo ambos encontrados em documentos a partir do século XIII.

- «Quécer, ou estar quente. ... *Vide infra*» (c. 898). A entrada «quécer» tem algum interesse, visto que representa uma forma truncada da palavra *aquecer*. A palavra *aquecer* (forma moderna) provém do latim *calescere*, incoativo de *calere*, através de *acaecer* (século XIV) e *aqueecer* (século XV). É antigo, portanto, o uso do prefixo *a-* na formação da palavra. Não obstante as formas antigas com *a-* protético, A. Barbosa dá preferência, para a entrada principal, a *quécer*, forma truncada, mas mais próxima à forma latina de origem.
- «Raspar. ... he o mesmo, que rapar. *Vide*» (c. 908). Enquanto *rapar*, documentado a partir do século XIII, provém de uma palavra gótica (**hrapon*), é obscura a origem de *raspar* (documentada a partir do século XIV), sendo de considerar a hipótese de serem palavras afins ou mesmo formas divergentes. Para a entrada principal, A. Barbosa dá preferência à palavra mais antiga, e, actualmente, de uso comum no Norte do País (como, aliás, no interior do Brasil).
- «Reconualecer. *Vide* Conualecer» (c. 915). O prefixo *re-*, de grande vitalidade em português e nas outras línguas românicas, emprega-se com a noção de «retorno», «repetição», etc. Neste caso, o uso de tal prefixo é redundante. Como em outras entradas, A. Barbosa dá preferência à forma sem o prefixo.
- «Refião. *Vide* Rufião» (c. 920).. A variante «refião», com *e* em vez de *u*, é típica da linguagem popular e regional. Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência à forma sem carácter popular e regional (embora, deve-se notar, seja incerta a origem de *rufião*).
- «Renço. *Vide* Ranço» (c. 929). É típica da linguagem popular o uso da variante com a vogal representada por *e* em vez da vogal representada por *a*. A palavra *ranço* é do latim *rancidu-*, por via popular, sendo portanto forma divergente de *râncido*, do mesmo étimo, por via erudita. Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência, como entrada principal, à forma sem propriedade marcadamente popular e regional (assim, *ranço* em vez de «renço»), também mais semelhante à forma do étimo latino.
- «Repayrar ou reparar. ... *Vide* Renouar» (c. 930). J. Leite de Vasconcellos registou a forma *repairar* em Cabanas da Conceição, no

Algarve (1896: 336), considerando a forma do latim **reparear*. Trata-se de uma forma antiga, preservada nalgumas variedades regionais da linguagem popular. Por sua vez, *reparar* provém do latim *reparare* e é a forma mais comum. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência a outra palavra, sem variante notável, como entrada principal. (O *VLB* abona «Repario, ou carreto do tiro», para o reparo do canhão).

«Resposta. ... *Vide Reposta*» (c. 938). A palavra *reposta*, do latim *reposita*, representa o caso comum em que a vogal imediata a seguir à tónica cai na passagem ao português. Nunes (1895: 255) considera *reposta* «melhor», em vez de *resposta*. A forma arcaizante *reposta* ainda se preserva na linguagem popular e regional, especialmente em áreas rurais: por exemplo, foi registada por J. Leite de Vasconcellos, 1896: 232, no concelho de Avis, Alentejo, por A. Pires, 1906: 240, também no Alentejo, por A. Azevedo, 1908: 204, na linguagem popular de Baião, por A. Pereira, 1909: 121, em Barroso, por F. Barreiros (1937: 277) e em diversas outras localidades. Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à forma mais próxima ao étimo.

«Rezão. *Vide Razão*» (c. 944). A forma «rezão» é forma popular e antiga, sendo que «rezão» e «rezom» ainda são frequentes no Norte (documentadas, por exemplo, no Minho por Gonçalves 1988: 103). Azevedo (1929: 110) regista «rezão», como variante de *razão*, em Ervedosa (Douro); a forma «rezão» está registada em diversos sentidos no distrito de Vila Real (Pereira, 1908-1909: 121, 1912: 350). Era comum na literatura antiga a forma *rezão* como variante de *razão*: Leite de Vasconcellos, que considera *rezão* «Vulgaríssimo no continente e na literatura antiga» (Vasconcellos 1890-1892: 305), observa que na representação da linguagem culta, Gil Vicente usa ora *razão*, ora *rezão* (Vasconcellos 1890-1892: 342). Durante alguns séculos, era comum em posição pretónica a alternância entre vogais não só de diferentes graus de levantamento da língua mas mesmo de diferentes séries («jinela» por *janela*, entre muitos outros exemplos) A. Barbosa dá preferência à forma *razão*, mais próxima (na qualidade da vogal da primeira sílaba) ao étimo latino *ratione(m)*.

«Rinchar, aliás rir demasiadamente. *Vide Rir*» (c. 947). A palavra *rinchar* é forma divergente de *relinchar*, sendo mais apropriada como entrada principal o termo genérico, *rir*, do latim *ridere*.

Neste caso, como em outros, A. Barbosa dá preferência à palavra de sentido mais geral, para a entrada principal.

- «Ruym cousa. Vide Roym cousa» (c. 957). É forma antiga *roym*, ou *roim*, que se encontra em textos do século XV e até em Herculano (*Monge de Cister*, II, 15, 28). Como mais tarde fará o grande lexicógrafo Bluteau (1712-1728, *q. v.*), que emprega *roim*, em vez de *ruim*, como entrada principal, A. Barbosa dá preferência a *roym* em vez de *ruym*, como forma principal de entrada (O *VLB*, da mesma época que o *Dictionarium*, inclui *roim* e *roindades*).
- «Seue. ... Vide Sebe» (c. 990). A palavra *sebe* provém do latim *sepe*. Sendo que a variante representada por «seue» deve resultar da alternância «entre o *b* e o *v*» (como se costuma dizer), tão típica da linguagem popular do Norte do País, A. Barbosa dá preferência à forma *sebe*, que está de acordo com a evolução mais comum nas circunstâncias.
- «Supita cousa. Vide Súbita» (c. 1012). A palavra *súbito* provém do latim *subitu-*, por via erudita. São anteriores a *súbito* e *subitamente* as formas *supito* e *supitamente*, que aparecem em documentos do século XV (e mesmo do fim do século XIV). Segundo parece, tais formas tiveram amplo uso ainda nos princípios do século XVI; veja-se a documentação ditada por Machado (1977, *q.v.*). Empregam *supito* e *supitamente*, por exemplo, Fr. Pantalão d'Aveiro (segundo Pereira 1913: 99) e Garcia de Resende (1545/1994: 834), mas, já na segunda metade do século XVI, n'Os *Lusíadas*, Camões usa só as formas com *-b-*, em vez de *-p-* (*subito* e *subitamente*, em vez de *supito* e *supitamente*). Na linguagem popular e regional estão documentadas as formas «supito» e «supitamente» em Trás-os-Montes (Pereira 1909: 126), no Minho (Pereira 1925-1927: 297) e no Alentejo (Pires 1907: 293). Da perspectiva diacrónica, põe-se o problema de encontrar a melhor hipótese para explicar a mudança *-b-* > *-p-* nesta palavra, já que a evolução comum era o contrário. Será por assimilação parcial à consoante surda da sílaba seguinte, ou então devida a uma formação regressiva falsa? Na documentação dos séculos XIV e XV, pode ser sintomático não haver alternância de *supito* e *supitamente* com *subito* e *subitamente*, o que desfavorece a hipótese de formação regressiva. Além disso, a hipótese de assimilação é favorecida pela variante «sup'to» (documentado no Minho por Pereira 1925-1927: 297), que pode ter vindo de **sub'to*, resultado plausível da queda da

vogal postónica em *subitu-*, de acordo com uma mudança muito comum no latim tardio. A. Barbosa escolhe para a entrada principal a forma que passou a ser mais comum, também mais próxima à forma de origem.

- «Tauoa. *Vide* Taboa» (c. 1021). A palavra *tábua* provém do latim *tabula-*. A variante representada por «tauoa» no *Dictionarium*, deve resultar da alternância comumente indicada com a expressão «entre o *b* e o *v*», acima referida, «Seue ... *Vide* Sebe» (c. 990). Neste caso também, A. Barbosa dá preferência à forma não marcadamente regional ou popular, para a entrada principal⁴.
- «Treladar, ou tresladar. *Vide* Trasladar» (c. 1053). A palavra *trasladar* é derivado de *traslado*, do latim *translatu-*, por via semi-erudita. São populares as formas «treladar» e «tresladar». Encontram-se «traladar», «treladar» e formas afins no *Leal Conselheiro* (D. Duarte 1435?/1998: 311, 331, 362). Neste caso, como em outros, A. Barbosa escolhe uma forma não marcadamente popular para a entrada principal.
- «Trincado. ... *Vide* Astuta cousa, ou Sagaz cousa» (c. 1055). Sendo *trin-cado*, no sentido em questão, um termo da gíria, A. Barbosa escolhe palavras de uso mais geral (e não típicas de linguagem especial) para as formas das entradas principais.
- «Vm, vm dia antes, vm dia depois, vm soo, allião Hum. *Vide littera H*» (c. 1199 [= 1099]). É curioso o caso da representação ortográfica do primeiro numeral e do artigo indefinido, sendo sem fundamento histórico a representação com *h-*. No Brasil, muitos no comércio (nos bancos, etc.) escrevem-nos com *h-*, havendo alguns pretextos pouco convincentes. Em face das contradições na representação de algumas palavras (*úmido* de *humidu-*, por exemplo) e a especial dificuldade que parece haver em torno dos artigos

⁴ Embora exemplifiquem «a troca do *b* pelo *v*», segundo a expressão comum para indicar a alternância sincrónica de carácter diatópico e diastrático (segundo factores ainda não suficientemente observados, analisados e descritos) entre [v] e [β], tipicamente a favorecer a ocorrência desta última variante ([β]), nos casos de *sebe* ~ «seve» e *táboa* ~ «távoa» (referidos, entre outros, no *Dictionarium*) são diacronicamente distintas as alternâncias nos dois casos citados: *sebe*, com *b* [β], como resultado da lenização do *-p-* latino, é anterior à variante «seve», enquanto «távoa», com ([v]), como resultado da lenização do *-b-* latino, é anterior em português, à forma *táboa*, com ([β]). Assim, é enganoso o uso da expressão «a troca do *b* pelo *v*» para indicar todo e qualquer caso de alternância entre /b/ e /v/, independente das relações diacrónicas.

indefinidos, não é especialmente de estranhar o facto de que A. Barbosa os remeta para a letra H. Evidentemente, o problema da substância gráfica reduzida de algumas palavras comuns de apenas uma ou duas sílabas constitui tradicionalmente um caso à parte, nem sempre tratado de acordo com o critério geralmente adoptado em relação a palavras com étimos que começam ou não começam com *h-*. Na edição original d'*Os Lusíadas*, Camões representa a palavra *ombro* (de *humeru-*) quatro vezes com *h-* (II.21, III.102, VII.44, VIII.28), apenas uma vez sem *h-* (VI.17).

«Vmano, vmido, vmilde. Vide littera H» (c. 1199 [= 1099]). A palavra *humano* vem do latim *humanu-*, por via erudita; *úmido* do latim *humidu-*, também por via erudita; embora de origem controversa (por causa da dificuldade em explicar a evolução), a palavra, *humilde* deve estar relacionada, assim como *humildade* e *humilhar*, com o latim *humiliare* e, de forma indirecta, com *humus*. Assim, A. Barbosa dá preferência, como entradas principais, às formas ortográficas destas palavras que mais se assemelham às formas dos seus respectivos étimos.

4. Variantes introduzidas pela locução «outros dizem».

No caso de algumas das variantes, a respectiva entrada limita-se à indicação «outros dizem ...», sem indicar o meio social ou regional dos que usam a outra palavra. Basta, porém, esta indicação para mostrar que as palavras e expressões assim introduzidas não correspondem às formas escolhidas para as entradas do *Dictionarium*. Seguem alguns exemplos, com breves comentários.

«Afilar aliàs afirir medidas. ... outros dizem afinar» (c. 36). Existem as três formas no sentido de «tornar fino, adelgaçar».

«Astroso, alias argel, ou mofino. ... outros dizem Estroso». *Astroso* (nascido sob um mau astro), provém do latim *astro-su-*; *estroso* é forma analógica, formada a partir de *estrela* em vez de *astro*, com o mesmo significado que *astroso* (hoje, *desastroso*).

«Capitel da coluna. ... outros dizem chapitel» (c. 195). A palavra *capitel* é de *capitellum*, diminutivo do lat. *caput*; *chapitel* (séc. XIII), actualmente desusado, foi derivado do francês antigo *chapitel*, hoje *chapiteau*. A serem exactas estas etimologias, seriam formas divergentes, das quais só vingou *capitel*, a forma preferida por A. Barbosa, ligada mais directamente ao latim.

- «Choupana. ... outros dizem pouchana» (c. 303). *Choupana*, de etimologia controversa (talvez relacionado com *choupa*, segundo A. Coelho apoiado por A. Nascentes), é a forma comum e actual. *Pouchana* é evidentemente uma deturpação popular, resultado de uma metátese. Leão (1604: 116) inclui a forma «pouchana» entre os «vocabulos que vsaõ os plebeios, ou idiotas que os homẽs polidos naõ deuem vsar».
- «Dobar fiado, ... outros dizem Debar (c. 405)». A palavra *debar* é de **depanare*, derivado de *panus* (veja-se C. Michaëlis 1885, § 15). A forma «debar» evoluiu para «dobar», com mudança da vogal da primeira sílaba por influência da bilabial /b/ seguinte. A palavra *debar* é típica de linguagem antiga, popular e regional.
- «Dobadoura ... Outros dizem Debadoura» (c. 405). Veja-se o comentário anterior. Também se encontra «debandoira» na linguagem popular regional (por exemplo, em Castro Laboreiro, segundo Leite de Vasconcellos 1916: 278).
- «Esposouros. ... outros dizem Desposouros» (c. 496). Vejam-se os comentários a «Desposouros. *Vide* Esposouros» (c. 379) acima.
- «Folgo. ... outros dizem folego *Vt., supra*» (c. 579). É típica da linguagem popular a redução de palavras proparoxítonas a paroxítonas (o padrão acentual mais comum na língua), sendo antiga a queda da vogal postónica, documentada já no latim imperial.
- «Gargarejar ... outros dizem gorgolejar» (c. 579). *Gargarejar*, formado a partir do lat. *gargarizo*, do grego, é forma comum; *gorgolejar* é forma popular documentada com outra variante, «gangorejar» no Alto Minho (Pereira 1917:251). Freire (1863: 77-78) dá preferência a outra variante: *gargarizar*.
- «Laude, instrumento musico ... Outros dizem Alaúde» (c. 654). Ambos do ar. *al-haud*, «lenha», sendo a variante *laúde* o resultado de aférese. Existe também a variante *lude*.
- «May ... Outros dizem Mãe» (c. 686). São frequentes em documentos do século XII a XV formas desta palavra sem indicação de ressonância nasal na vogal. A forma sem nasalidade apreciável no núcleo da sílaba preserva-se em linguagem popular e regional (por exemplo, no Norte de Portugal, no concelho dos Arcos de Valdevez, segundo Pereira 1933: 297, e em Castro Laboreiro, de acordo com Leite de Vasconcellos XIX: 276) em variedades das antigas colónias (no indo-português do norte e em Cabo Verde, segundo Dalgado: 1906, 222), e em empréstimos do português do período

da expansão (por exemplo, no malaio, segundo Viana 1904: 24). Na Galiza, além de *nai*, a forma mais comum, também se empregam nalgumas localidades as formas *mai* e *mamai*, ambas sem nasalidade na vogal tónica (Crespo Pozo 1982: III, 86). Neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma antiga, mais comum no Norte no século XVI, e mais próxima ao étimo latino, *mater*.

«Mayor cousa. ... Outros dizem mor» (c. 687). Por via popular, *majore* > *maor* > *moor* > *mor*. Como em outros casos, A. Barbosa dá preferência à forma mais próxima à origem latina.

«Ortiga. ... outros dizem Vrtiga» (c. 793). A forma *urtiga* provém do latim *urtica*, por via erudita, sendo comum a alternância entre vogais altas e médias, tanto da série anterior como da posterior, tanto na linguagem antiga como na coloquial e popular correntes. *Ortiga* também vem do latim *urtica*, mas por via comum: o *u* breve latino dava *o* e não *u* no latim imperial (que corresponde, *grosso modo*, ao proto-romance); comparem-se o galego *ortiga*, o espanhol *ortiga*, o francês *ortie*, o italiano *ortica*, o provençal *ortiga*, o catalão *ortiga*. Neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma que provém do latim pela evolução comum.

«Trosquear. ... Outros dizem Tresquear» (c. 1058). *Trosquear* (ou *trosquiar*) é forma antiga, sendo a forma actual comum *tosquiar*; *tresquear* resulta da associação (análogica) com palavras que começam com *tres-*. Actualmente, a forma *trosquiar* é típica da linguagem popular regional (documentada, por exemplo, em Turquel por Ribeiro 1930, 242). O étimo, segundo A. Nascentes é *tosquilar*, do espanhol antigo. Neste caso, A. Barbosa dá preferência à forma *trosquear* (da qual *trosquiar* é simples variante ortográfica, mais de acordo com a pronúncia da vogal anterior átona diante de *a* tónico). (No *VBL*, encontram-se *trosquiar* e *trosquia*).

«Velisco. ... Outros dizem biliscar, bilisco» (c. 1073). O verbo *biliscar* (ou *beliscar*) é de um étimo latino não conhecido em forma documentada: **vellicare*, de *vellicare*. Assim, as formas *velisco*, *veliscar*, etc. são mais próximas ao étimo. A alternância entre /v/ e /b/, tipicamente em favor da bilabial, é característica do Norte desde o século XVI (pelo menos), sendo a primeira referência a esta propriedade, em Portugal, de Duarte Nunes de Leão (1576, fol. 4 r.). Actualmente, ouve-se com frequência a uso de /v/ no lugar de /b/, como uma espécie de hipercorreção, tanto no Norte como no Centro. Nas formas das entradas, A. Barbosa dá preferência a variantes não típicas de linguagem regional.

«Vezarse. ... Outros dizem Avezarse» (c. 1084). Ambas em desuso actualmente. Também havia a variante antiga *desvezar*. Em princípio, A. Barbosa dá preferência às variantes sem o *a*-protético, típica da linguagem popular e regional.

5. Conclusões.

O *Dictionarium lusitanicolatinum* inclui variantes de diversos tipos (regionais, sociais e históricas), indicadas de diferentes maneiras, nem sempre explícitas, no que se refere ao tipo em questão. No entanto, A. Barbosa revela uma sensibilidade a esta propriedade da linguagem não manifestada de forma tão extensa por J. Cardoso e B. Pereira. Neste sentido, o *Dictionarium lusitanicolatinum* representa uma contribuição especial à lexicografia portuguesa dos séculos XVI e XVII.

Quando aos critérios na selecção, entre variantes, das formas que representam as entradas principais do dicionário, A. Barbosa dá preferência, em geral, às formas consideradas mais próximas às palavras latinas de origem, rejeitando, entre outras, formas típicas da linguagem popular, sempre que haja outra variante representativa de linguagem mais culta.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (1959). Justino Mendes de Almeida, «O primeiro lexicógrafo português da língua latina», *Euphrosyne*, II (1959), 139-152.
- ALMEIDA (1965). Justino Mendes de Almeida, «Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina», *Revista de Guimarães*, LXXV (1965), 31-40.
- ALMEIDA (1967). Justino Mendes de Almeida, «Lexicógrafos portugueses da língua latina, 3: A Prosódia de Bento Pereira», *Revista de Guimarães*, LXXVII (1967), 5-17.
- AMARAL (1982). Amadeu Amaral, *O dialecto caipira*, 4.^a edição, Prefácio de Paulo Duarte, São Paulo.
- ALPb = *Atlas Linguístico da Paraíba*, M.^a Socorro de Aragão & C. Menezes, 2 vols., Brasília, 1984.
- ALPI = *Atlas Linguístico de la Península Ibérica*, v. I, parte 1: *Fonética*, Madrid, 1963.
- ALPn = *Atlas Linguístico do Paraná*, V. Aguilera, Curitiba, 1944.
- ALS = *Atlas Linguístico de Segripe*, C. Ferreira et al., Salvador, 1987.

- APFB = *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, N. Rossi et al., Rio de Janeiro, 1963.
- AZEVEDO (1908). Alvaro de Azevedo, «Apontamentos sobre a linguagem popular de Baião», *Revista Lusitana*, XI (1908), 181-209.
- AZEVEDO (1929). C. M. Soares de Azevedo, «Ervedosa. Linguagem popular de Ervedosa do Douro», *Revista Lusitana*, XXVII (1929), 86-197.
- BARBOSA (1611). Agostinho Barbosa, *Dictionarium Lusitanicolatinum ...*, Braga.
- BARREIROS (1917, 1937). Fernando B. Barreiros, «Vocabulário Barrosão». *Revista Lusitana* XX (1917), 137-161; «Bocabulário [sic!] Barrosão» (continuação do estudo iniciado no vol. XX), *Revista Lusitana* XXXV (1937), 239-297.
- BARROS (1540). João de Barros, *Grammatica da Língua Portuguesa*, seguido de *Dialogo em Louvor da Nova Linguagem*, Lisboa.
- BARROS (1902). M. Marques de Barros, «O Guineense. Capítulo III, Vocabulário português-guineense», *Revista Lusitana* VI (1902), 81-96, 166-188, 268-282.
- BLUTEAU (1712-1728). R. Bluteau, *Vocabulário Portugues et Latino...*, 10 v. Coimbra, Lisboa.
- CARDOSO (1563). Jerónimo Cardoso, *Dictionarium ex Lusitanicum in Latinum sermonem ...*, Lisboa, 1562-1563.
- CARDOSO & FERREIRA (2000). Suzana A. M. Cardoso & Carlota da Silveira Ferreira, *O léxico rural. Glossário. Comentários*. Salvador.
- CHAVES (1916). Luís Chaves, «'Folklore' de Sta. Victoria de Ameixal (Extremoz)», *Revista Lusitana*, XIX (1916), 292-333.
- CRESPO POZO (1972, 1979, 1982, 1985). J. Crespo Pozo, *Nueva contribución a un vocabulario castellano-gallego...*, v. I: A-F, v. II: F-J, v. III: L-P, v. IV: Q-Z, A Coruña.
- CUNHA (1980). António G. da Cunha, *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*, 2.^a ed., Rio de Janeiro.
- CUNHA (1982). António G. da Cunha, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, Rio de Janeiro.
- CUNHA (1986-1994), António G. da Cunha, *Índice do vocabulário do português medieval*, volumes 1-3, Rio de Janeiro.
- DALGADO (1906). Sebastião R. Dalgado, «Dialecto Indo-Português do Norte», *Revista Lusitana* IX (1906), 142-166 e 193-228.
- DUARTE (1435?/1998). Dom Duarte, *Leal Conselheiro*, edição crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro, Lisboa.
- FOKKER (1904). A. Fokker, «Malaio e Português», *Revista Lusitana* VIII (1904), 1-4.
- FRAZÃO (1939). F. Santos Serra Frazão, «Calão minderico. Alguns termos de 'Calão' que usam os cardadores e negociantes de Minde, concelho de Alcaneara», *Revista Lusitana* XXXVII (1939), 101-148.
- FREIRE (1863). F. Freire [«Candido Lusitano»], *Reflexões sobre a língua portuguesa*, Lisboa (1.^a edição 1842, ms. 1751).
- GONÇALVES (1988). Gabriel Gonçalves, *O falar do Minho. Subsídios para o seu estudo com um glossário de provincianismos e formas divergentes*. Oliveira de Azeméis.

- HOUAISS (2001). A. Houaiss, Mauro de Salles Vilar e F. M. de Melo Franco, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro.
- LEÃO (1576). Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da Lingoa Portuguesa...*, Lisboa.
- LEÃO (1606). Duarte Nunes de Leão, *Origem da língua portuguesa*. Lisboa.
- MACHADO (1977). José Pedro Machado, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3.^a ed., 5 vols., Lisboa.
- MICHAËLIS (1885). C. Michaëlis, *Studien zur hispanischen Wortdentung*, Florença.
- MORAIS (1813). António de Moraes Silva, *Dicionário da língua portuguesa*, [2.^a ed.], 2 vols., Lisboa.
- MORAIS (1858). António de Moraes Silva, *Dicionário da língua portuguesa*, 6.^a ed., 2 vols., Lisboa.
- MORAIS (1949-1959). António de Moraes Silva, *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.^a edição revista, corrigida e muito aumentada e atualizada... por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e J. P. Machado, 12 vols., Lisboa.
- NASCENTES (1966). Antenor Nascentes, *Dicionário etimológico resumido*, Rio de Janeiro.
- NASCENTES (1932). Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2 vols., Rio de Janeiro.
- NOGUEIRA (1960). Júlio Nogueira, *Dicionário e gramática de «Os Lusíadas»*, Rio de Janeiro e São Paulo.
- NUNES (1895). J. J. Nunes, «Fonética histórica portuguesa», *Rev. Lus.* III (1895), 251-307.
- NUNES (1911). J. J. Nunes, «Notas filológicas», *Revista Lusitana* XIV (1911), 62-78.
- N[UNES] (1928-1929). J. J. Nunes, «Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica», *Revista Lusitana* XXVII (1928-1929), 5-79.
- NUNES (1945). J. J. Nunes, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia)*, 3.^a ed., Lisboa.
- OLIVEIRA (1538). Fernão d'Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa.
- PENHA (1970). João Alves Pereira Penha, *A arcaicidade da língua popular brasileira*, tese de doutoramento, Franca (SP).
- PEREIRA (1634). Bento Pereira, *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum & Hispanicum digesta*. Évora, 1634. (A partir de 1697, *Prosodia in vocabularium bilingue Latinum, et Lusitanicum digesta*).
- PEREIRA (1647). Bento Pereira, *Thesouro da Lingoa Portuguesa...*, Lisboa.
- PEREIRA (1908-1909). A. Gomes Pereira, «Tradições populares e linguagem de Villa Real, Parte II, Linguagem popular». *Rev. Lus.* XI (1908), 268-310, XII (1909), 93-132
- PEREIRA (1909). A. Gomes Pereira, «Tradições populares e dialecto de Penedono», *Revista Lusitana*, XII (1909), 298-316.
- PEREIRA (1912). A. Gomes Pereira, «Vocabularios de varios concelhos do districto de Vila Real», *Revista Lusitana*, XV (1912), 333-350.
- PEREIRA (1913). A. Gomes Pereira, «Gramatica e vocabulario de Fr. Pantaleão d'Aveiro», *Revista Lusitana* XVI (1913), 81-100.

- PEREIRA (1916, 1917, 1919, 1923, 1925, 1925-1927, 1932-1933). F. Alves Pereira, «Glossário dialectológico do concelho dos Arcos de Valdevez (Alto Minho)», *Revista Lusitana* XIX, (1916), 163-216, XX (1917), 239-245, XXII (1919), 19-34, XXV (1923-1925), 181-204, XXVI (1925-1927), 281-297, XXXX (1932), 187-198 e *Revista Lusitana* XXXI (1933), 292-300.
- PIRES (1903-1905, 1906). «Vocabulário alemtejo», *Revista Lusitana*, VIII (193-1905), 92-98, 28-300, IX (1906), 167-176, (1907), 87-101, 238-254.
- POMBINHO JÚNIOR (1939). J. A. Pombinho Júnior, «Retalhos de um vocabulário (subsídios para o léxico português)», *Revista Lusitana* XXXVII (1939), 153-270.
- PRATT (1911). Oscar de Pratt, «Linguagem minhota», *Revista Lusitana* XIV (1911), 145-168.
- PRATT (1913, 1914, 1915). Oscar de Pratt, «Notas á margem do 'Novo Dicionário da Língua Portuguesa», *Revista Lusitana* XVI (1913), 207-000. XVII (1914), 338-000, XVIII (1915), 65-162.
- RESENDE (1545/1994). Garcia de Resende, *Livro das obras de...*, Edição crítica, estudo textológico e linguístico de E. Verdelho, Lisboa, 1994.
- RIBEIRA (1920). Emanuel Ribeira, «Palavras do Arquipélago da Madeira», *Revista Lusitana* XXIII (1920), 131-137.
- RIBEIRO (1930). José Diogo Ribeiro, «Linguagem popular de Turquel», *Revista Lusitana* XXVIII (1930), 87-244.
- SANTIAGO (1987). Paulino Santiago, *Dinâmica de uma linguagem (O falar de Alagoas)*, Maceió.
- SANTOS (1897-1899). F. dos Santos, «Linguagem popular de Tramoso (Notas para o estudo dos dialectos beirões)», *Revista Lusitana* V (1897-1899), 161-171.
- SILVA NETO (1952). Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA (1938). José A. Teixeira, «O falar mineiro», *Revista do Arquivo Municipal*, Prefeitura do Município de São Paulo, XLV (1938), 5-100.
- TEYSSIER (1980). Paul Teyssier, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, 41 (1980), 7-32.
- VASCONCELLOS (1920). Carolina Michaëlis de Vasconcellos, «Glossário do Cancioneiro da Ajuda», *Revista Lusitana* XXIII (1920), 1-95.
- VASCONCELLOS (1890-1892). J. Leite de Vasconcellos, «Dialectos açoreanos», *Revista Lusitana* II (1890-1892), 289-307.
- VASCONCELLOS (1890-1892). J. Leite de Vasconcellos, «Nota sobre a linguagem de Gil Vicente», *Revista Lusitana* II (1890-1892), 340-342.
- VASCONCELLOS (1896). J. Leite de Vasconcellos, «Dialectos Alemtejanos (Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)», *Revista Lusitana*, IV (1896), 215-246.
- VASCONCELLOS (1896). J. Leite de Vasconcellos, «Dialectos algarvios (Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)», *Revista Lusitana* IV (1896), 13-77, 324-338.
- VASCONCELLOS (1903-1904). J. Leite de Vasconcellos, «Dialectos Interamnenses», *Revista Lusitana* VIII (1903-1904), 51-62.

- VASCONCELLOS (1903-1904, 1906). J. Leite de Vasconcellos, «Fabulário português. Manuscrito do séc. XV», *Revista Lusitana* VIII (1903-1904), «Fabulário português. Vocabulário», *Revista Lusitana* IX (1906), 5-109.
- VASCONCELLOS (1916). J. Leite de Vasconcellos, «Uma excursão a Castro-Laboreiro», *Revista Lusitana* XIX (1916), 270-280.
- VASCONCELLOS (1928-1929). J. Leite de Vasconcellos, «Observações ao 'Elucidário' do P.^o Santa Rosa de Viterbo», *Revista Lusitana* XXVII (1928-1929), 243-276. (Continuação do trabalho iniciado na *Revista Lusitana* XXVI, 111-146).
- VASCONCELLOS (1933). J. Leite de Vasconcellos, «Português dialectal da região de Xalma (Hespanha)», *Revista Lusitana* XXXI (1933), 164-275.
- VASCONCELLOS (1935). J. Leite de Vasconcellos, «Emendas gramaticais. Para a história da língua portuguesa», *Revista Lusitana* XXXIII (1935), 193-213.
- VERDELHO (1994). Evelina Verdelho, *Livro das Obras de Garcia Resende*. Edição crítica, estudo textológico e linguístico. Lisboa.
- VIANNA (1903-1904). A. R. Gonçalves Vianna, «II Vocabulário malaio derivado do elemento português em língua malaia», *Revista Lusitana* VIII (1903-1904), 4-28.
- VIANNA (1897-1889). A. R. Gonçalves Vianna, «Materiais para o estudo dos dialectos portugueses», *Revista Lusitana* I (1887-1889), 158-166,
- VLB* = «Vocabulario na lingua brasilica», ms. datado de 1621, de um dicionário português-tupinambá, do qual há duas edições, a segunda organizada por Carlos Drummond e publicada no *Boletim* 137 (*Etnografia e tupiguarani*, n.º 23), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1.º vol. 1952 (A-H), 2.º vol. 1953 (I-Z).
- WRIGHT (1964). W. Wright, *A Grammar of the Arabic Language*, Translated from the German of Caspari..., Third edition, revised by W. Robertson Smith and M. J. de Goeje, 2 vols., Cambridge.

Textos de prosa literária escritos em português do século XV: a edição do *Tractado das Meditações* do Pseudo-Bernardo

AIDA SAMPAIO LEMOS
(Universidade do Minho)
Bolsreira FCT
alemos@ilch.uminho.pt

RÉSUMÉ

Le prestige et la fascination que Saint Bernard de Clairvaux exerça sur les hommes de son temps ont conduit plusieurs auteurs à publier des œuvres et à les lui attribuer. Le *Tractado das Meditações*, dont nous présentons ici l'édition (f73-f82v), est un de ces textes apocryphes écrit en portugais du XV^e siècle et qui fait partie du codex CCXLIV/211 de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne.

(Prosa literária quatrocentista. Edição de textos medievais. Normas de transcrição. Apócrifos. PSEUDO-BERNARDO. *Tractado das Meditações*)

Mots-clef: Prose littéraire du XV^e siècle. Edition de textes médiévaux. Normes de transcription. Pseudo-Bernard. *Tractado das Meditações*.

Na prosa literária do século XV escrita em português avultam, para além de textos historiográficos e de autoria real, traduções, sobretudo do latim, de obras de carácter religioso e filosófico, textos hagiográficos, ascéticos, místicos e espirituais. Não obstante o facto de se reconhecer a este tipo de discurso um papel preponderante em estudos histórico-culturais e linguísticos, pelo testemunho que são duma fase importante da história da nossa cultura e da nossa língua, a maior parte (salvo os historiográficos e os de autoria real) continua sem edição ou com edições muito antigas e de difícil acesso. Tal situação ficar-se-á a dever talvez às temáticas que versam, bem como à circunstância de frequentemente não ser possível determinar a localização e a autoria ou do texto ou da tradução. No entanto, pensamos que, por serem escritos em prosa, por apresentarem uma extensão considerável

e temáticas muito próprias das mentalidades da época, bem assim como por muitos serem traduções, estes textos permitem a análise de estruturas linguísticas¹ e culturais² cuja identificação se afigura indispensável para o conhecimento quer da gramática da língua quatrocentista, quer da história dessa época.

No período a que nos reportamos, as ordens religiosas desempenham um papel dominante. Dentre as existentes, a Ordem de Cister destaca-se no contexto europeu, nomeadamente em Portugal³ onde a sua importância ficou marcada também pelo lugar de destaque que o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça ocupou na Idade Média.

Bernardo de Claraval ficou na história como um dos nomes mais célebres dos monges cistercienses, porque imprimiu, à reforma iniciada por S. Roberto de Molesme em 1098, um carácter mais ascético e dinâmico de que resultou em grande parte a expansão por toda a Europa da Ordem de que era membro. A essa expansão não foi alheia a influência religiosa e política⁴ que detinha, influência cultivada por meio de um discurso fortemente retórico que inspirou os homens do seu tempo e de todas as épocas e «que marcou um lugar tão importante na evolução da mística ocidental, como traço de

¹ «Para o conhecimento da língua na sua fase arcaica é fundamental a produção em prosa literária. A documentação poética e a não-literária se complementam para o conhecimento do léxico do português arcaico. A prosa literária documenta abundantemente a morfologia nominal e verbal, as estruturas morfossintáticas dos sintagmas nominal e verbal. Sobretudo é importante para o estudo das possibilidades sintáticas da língua(...)». Rosa Mattos e Silva, *O Português Arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1995, p.38.

² Estes textos atestam, entre outros aspectos, a cosmovisão do homem medieval e o papel regulador de comportamentos e de transmissão do saber que as organizações religiosas detinham na época.

³ «Em nenhum outro país da Europa a Ordem de Cister exerceu uma influência tão profunda e duradoura». Dom Maur Cocheril in *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*. Nouvelle éd. revue, corrigée et annotée par Gérard Lerous. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1986, p.15.

⁴ Não obstante a Ordem de que era representante pregar o afastamento do mundo, S. Bernardo teve um papel importante nas questões político-sociais do seu tempo. Àqueles que lhe censuram tal atitude, ele responde-lhes que «Nenhum dos assuntos de Deus me é estranho». *Carta 20*. Cit. por Jacques Berlioz – «S. Bernardo, o soldado de Deus». In *Monges e Religiosos na Idade Média*. Apres. de J. Berlioz. Trad. portg. de Teresa Pérez. Liboa : Terramar, 1996, p.48.

A influência de S. Bernardo de Claraval fez-se sentir também em Portugal quer no apoio concedido a D. Afonso Henriques face ao seu desejo de independência, quer no envio dos monges que fundaram mosteiros cistercienses no nosso país, nomeadamente o Mosteiro de Alcobaça.

ligação entre a espiritualidade patrística e as tendências afectivas dos franciscanos»⁵.

Para além da pregação, o seu prestígio difundiu-se através dos seus escritos⁶ que tiveram um papel fundamental na renovação da espiritualidade ocidental. Homem religioso e místico, a sua preeminência sobrevive à morte que ocorre em 1153, embora a partir do século XVIII se assista a uma alteração da imagem que dele até então fora transmitida⁷.

O fascínio exercido pela figura de S. Bernardo (canonizado em 1174) levou vários autores, nomeadamente alguns dos seus discípulos, a publicarem obras próprias e a atribuí-las ao Santo, acto aliás bastante corrente na Idade Média em que não havia um sentido de propriedade autoral semelhante ao de hoje.

Testemunho do prestígio e da autoridade de S. Bernardo, as obras a ele imputadas e outras elaboradas a partir de obras suas são em número muito elevado, tendo estas também contribuído para a propagação das ideias ascético-cristãs por ele explanadas. Segundo o P. Mário Martins⁸, são cerca de sessenta as obras apócrifas de S. Bernardo⁹. Escritas em português existem várias, nomeadamente duas cartas¹⁰ a Afonso Henriques, o texto *Contemplaçom de sam Bernardo segundo as*

⁵ José Mattoso – «Leituras cistercienses do século XV». In *Religião e Cultura na Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, [1982], p.531.

⁶ Entre os seus escritos contam-se tratados e sermões, mas também cartas que, embora dirigidas a alguém particular, se destinavam a ser conhecidas publicamente e funcionavam como um forte meio de pressão. Bernardo de Claraval recorreu frequentemente ao discurso epistolar, conhecendo-se cerca de 550 cartas por ele escritas.

⁷ Nas palavras de Gérard Leroux, S. Bernardo «homem da Igreja, tão ardentemente empenhado na defesa da sua unidade, é apresentado pelos iluministas, hostis à vida monástica, como um fanático, quase um precursor da Inquisição. Com os românticos, em particular sob a influência de Rousseau, a vigorosa oposição de S. Bernardo às teorias de Abelardo – que a sua infeliz paixão por Heloísa colocara de certo modo num pedestal – é interpretada como uma resistência ao progresso da liberdade e da razão.» In *São Bernardo (1090-1990). Catálogo bibliográfico e iconográfico*. Introd., selec. e catalogação por G. Leroux. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991, p.15.

⁸ Mário Martins – «O «Tratado das meditações e pensamentos», do Pseudo-Bernardo». In *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956, pp. 266-272.

⁹ *Opusculum Bernardi abbatis in laudibus Marie; De consideratione; De precepto et dispensatione; Vita sancti Malachie episcopi; Epistola sancti Bernardi abbatis ad fratres qui in Hybernia sunt; De gradibus humilitatis* são algumas das obras que se encontram nos códices alcobacenses.

¹⁰ Cartas apócrifas, datadas do século XVII-XVIII, nas quais o Santo agradece a Afonso Henriques a doação de Alcobça e lhe prometeia que Deus faria com que a Portugal nunca faltassem reis portugueses.

*seis horas canonicas do dia*¹¹, [*Disciplina dos Monges*]¹², [*Pensamentos de S. Bernardo*]¹³, *Sentenças de São Bernardo*¹⁴ e o *Tractado das meditações e pensamentos de sam Bernardo*.

O *Tractado*, tradução de uma obra em latim – *Meditationes piissime de cognitione humanae conditionis* ou *De interiori homine*, putativamente de Hugo de S. Vítor¹⁵ –, encontra-se no códice¹⁶ miscelado alcobacense CCXLIV/211 da Biblioteca Nacional de Lisboa, escrito em letra gótica, com iniciais a vermelho, azul e violeta e algumas decoradas com filigrana, sobre pergaminho, 266x208 mm, contendo 104 fólhos.

Esta obra do Pseudo-Bernardo, que ocupa os fólhos 73 a 90v do referido códice, está escrita em português do século XV e apresenta, num discurso marcadamente moralizante que exulta a supremacia da alma sobre o corpo e incita à vida espiritual, uma interpretação místico-cristã da máxima socrática «conhece-te a ti mesmo».

O texto configura-se como um documento linguístico de grande interesse para a história da língua, mormente de uma fase que, numa perspectiva de periodização bifásica, se caracteriza por ser de transição. Cumulativamente, e como também já referimos, surge como um documento de indiscutível valor para a história da cultura medieval. Estes foram motivos suficientemente fortes para dele fazermos a edição que agora apresentamos¹⁷.

Nas normas de transcrição que elegemos para a edição¹⁸ do *Tractado da Meditações* tivemos em conta a opinião (com a qual concor-

¹¹ Texto datado do século XV, editado por José Pedro Machado em 1939.

¹² Este texto é a tradução, segundo Mário Martins (1961), do tratado *De institutione novitiorum* de Hugo de S. Vítor, contendo também vários excertos da Regra de S. Bento. Foi editado em 1940 por Henry Carter.

¹³ Tradução do século XV, atribuída a Fr. Francisco de Melgaço, monge da Abadia de Bouro, da obra *Meditationis piissimae*.

¹⁴ Conjunto de textos de sentenças, datados do século XVII, que se supõe terem sido retiradas dos tratados e da correspondência do Santo.

¹⁵ Cf. Mário Martins (1956), op. cit., pp.267-268.

¹⁶ Tal como é referido na folha de rosto do século XVIII, o códice contém os seguintes textos de índole cristã e ascética: *Catecismo da doutrina cristã; Livro intitulado Vergel de prazer, e consolação, dividido em 5.Partes, e subdividido em 18 capitulos; Medi-taçoes de S. Bernardo traduzidas no idioma portuguez; Hystoria de hum cavaleiro chamado Túndalo ao qual forão mostradas penas do Inferno, e do Purgatorio; e os gozos do Paraíso*.

¹⁷ A extensão do texto (fólhos 73 a 90v) afigurou-se incompatível com a sua publicação na totalidade na Revista; assim, apresentamos agora a edição dos fólhos 73 a 82v. Pretendemos publicar a segunda parte acompanhada de um estudo linguístico.

¹⁸ No Encontro «História da Língua e História da Gramática», que decorreu na Universidade do Minho em Novembro de 2000, tivemos oportunidade de, a propósito da

damos inteiramente) apresentada por Ivo Castro e Maria Ana Ramos, os quais defendem que a transcrição deve ser encarada como *fenómeno táctico dependente de razões estratégicas*¹⁹, pelo que seguimos o que denominamos por «razão do texto»²⁰. Esta decisão assentou em três razões fundamentais: a não existência, tanto quanto nos foi possível apurar, de nenhuma edição do texto; a convicção de que esta obra se institui como objecto de interesse para um público mais restrito de investigadores da língua e da cultura medievais; e o objectivo de, fornecendo o mais fielmente possível as características da língua em que o texto está escrito, proporcionar uma base filológica propícia para o seu estudo linguístico.

As normas de transcrição seguidas foram as seguintes:

- (i) O caldeirão presente no manuscrito não foi representado, tendo sido, no entanto, seguido como indicador de parágrafo.
- (ii) Não foram alvo de indicação especial grafemas próprios da escrita da época, tal como o «s» longo.
- (iii) O sinal tironiano correspondente à copulativa *e* foi transcrito por este grafema em itálico.
- (iv) Foram conservadas as vogais geminadas e as consoantes duplas, a distribuição do *y*, do *h*, do *c/ç*, do *u/v* e *i/j*, independentemente do seu valor vocálico ou consonântico.

edição deste texto – *Tractado das Meditações*: a edição de um texto apócrifo de Bernardo de Claraval», nos referimos sucintamente às nossas opções de transcrição do documento.

¹⁹ Ivo de Castro e Maria Ana Ramos – «Estratégia e Tática da Transcrição». In *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque*. Paris : Fond. Calouste Gulbenkian, 1986, pp.99-118.

²⁰ Numa comunicação, intitulada «A edição de textos portugueses da prosa literária do século XV», apresentada no XVe. Congrès International de la Societé de Rencessals, Poitiers, Agosto de 2000, utilizámos esta expressão por oposição a *razão do leitor*: «A *razão do texto* caracterizar-se-á pelo princípio de autoridade do texto, sendo este encarado como uma realidade histórica e como uma entidade com voz própria, na medida em que permite aceder a uma mundividência autoral, epocal e linguística que, distante no tempo, tem, por conseguinte, de ser salvaguardada. Argumento semelhante, mas posto ao serviço do leitor, é dado por aqueles que demonstram uma atitude modernizadora na edição dos textos antigos. Na verdade, para estes o trabalho de edição tem de ter em conta o público, diverso nos seus interesses, objectivos e formações, e que terá de ver facilitado o seu acesso ao texto. *Razão do leitor*, portanto, aquela que motiva as edições subjacentes às quais está uma atitude modernizadora de transcrição do texto original e que se pauta sobretudo pela alteração e adaptação de aspectos gráficos e linguísticos que dificultam o trabalho do leitor moderno perante um texto arcaico.»

- (v) A vibrante maiusculada foi transcrita por *rr*.
- (vi) A separação e ligação das palavras foi feita na generalidade pela norma actual, embora com poucas intervenções por parte do editor; em alguns casos foi seguida a escrita do manuscrito, nomeadamente no que diz respeito aos proclíticos cuja união com as formas verbais foi sempre seguida.
- (vii) As maiúsculas foram apenas introduzidas nos nomes próprios, tendo sido retiradas aquelas que, embora raramente, apareciam no interior das palavras. O manuscrito apresenta várias maiúsculas que, depois de caldeirão, foram mantidas na edição.
- (viii) Não foram introduzidos acentos segundo a norma actual, dado que a distribuição de formas susceptíveis de serem confundidas, tais como *a/ aa/ ha* ou *e/ he*, permite a distinção (*a* como artigo ou pronome; *aa* como contracção de artigo e preposição; *ha* como verbo; *e* como conjunção copulativa e *he* como verbo). Há ocorrências em número reduzido de *a* e *o* como interjeições; no entanto, não achámos imprescindível a indicação de acento ou a colocação de *h* nessas formas, porque facilmente se apreende a sua significação como interjeição pelo contexto verbal em que ocorrem. As plicas existentes sobre as vogais foram mantidas.
- (ix) As abreviaturas foram desenvolvidas, tendo as letras desdobradas sido transcritas em itálico; exceptuando as abreviaturas por letras sobrepostas.
- (x) O til como indicador de nasalidade foi mantido sobre as vogais que formavam ditongo com outros grafemas vocálicos e naquelas em que o texto não fornece outro testemunho, bem como em formas como *hũ*, *hũa*, *nehũu* e *nehũa*. Pelo contrário, o til foi desenvolvido em consoante nasal (*m* ou *n*, consoante o maior número de ocorrências no texto) nas palavras que, ao longo do documento, ora aparecem grafadas com til sobre a vogal, ora escritas sem til e com consoante nasal.
- (xi) Não foram introduzidos sinais de pontuação segundo as normas actuais, tendo sido mantidos os diversos pontos como indicadores de pausa²¹.

²¹ Cf. Jean Roudil – «Edition de texte, analyse textuelle et ponctuation». In *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*. n.º3. Paris : Klincksieck, 1978.

- (xii) O início de cada fólho foi indicado pelo respectivo número entre [].
- (xiii) As palavras separadas pela mudança de fólho foram inseridas no fólho onde se iniciam.
- (xiv) As letras ou palavras acrescentadas foram indicadas entre < >.
- (xv) Quando, por estarem palavras apagadas ou borraradas no manuscrito, não foi possível fazer a leitura, tal é indicado por (...) ou, como hipótese de leitura, transcritas entre ()*.

Tractado das Meditações do Pseudo-Bernardo

[f.73] *Aqui se começa o tractado das meditações e pensamentos de Sam Bernardo en o qual reprehende os homeens orgulhosos. e querençosos do mundo e negligentes e non conheedores de si méésmos. E tracta muy altamente en como a alma per sy ha conhecimento da Sancta Trindade*²².

Muytos homeens son en este mundo que saben muytas sabedorias. e conhecen muitas cousas e non sabem nen conhecen sy meesmos. catam e miram as fazendas alheas e leixam as suas perecer. buscam as cousas que pareçen de fora. desemparando as cousas de dentro. que son nas suas almas meesmas. nas quaes sta Deus.

*Aqui declara a materia que deuen os homeens téer. porende eu*²³ *das cousas de fora tornarey aas de dentro. que son na minha alma e das cousas que son dentro en mjn. subirey aas de suso que son em Deus. E per esta tal materia poderey conhecer. donde uenho e hu vou. e quem son. e donde son. e pelo conhecimento que acalçarey en esta guisa de mjn. poderey vjir ao conhecimento de Deus. Ca quanto eu mais for aproueitando en seruiço de Deus. e en conhecimento de mjn meesmo. tanto mais hyrey chegando ao conhecimento de Deus*²⁴.

*Segundo o homen (de fora)*²⁵ *e de dentro. acho na minha alma tres cousas pelas quaes me nenbro. e deseio a Deus. Estas cousas som.*

²² «*Sancta Trindade*». No ms. acrescentado na margem direita.

²³ «No ms. o pronome «eu» aparece sempre com letra maiusculada.

* Agradecemos ao Dr. Nuno Pizarro a ajuda valiosa que nos deu na resolução de dificuldades de leitura do manuscrito.

²⁴ No ms. parte da palavra «conhecimento» e «de Deus» encontram-se já na linha seguinte, margem direita, separado por caldeirão.

²⁵ No ms.] entrelinhado e pouco legível.

scilicet. Memoria. E entendimento. E voontade. Pela memoria. nenbro me de Deus. pelo entendimento. ueioo e conhoscoo. Pela uoontade. deseioo e abraçome con el. Quando me nenbro de Deus achoo na memoria e en ela méesima me deleyto en Deus e enquanto me el manda. pelo entendimento. paro mentes que cousa [f73v] he Deus en si meesmo. e que cousa he nos angeos. e que cousa he nos sanctos. e que cousa he nas outras creaturas e que he nos homeens.

Deus en sy meesmo. he non *comprehendiui*. Quero dizer. que Deus he en sy hũa tan alta cousa. que nenhũu entendimento criado. non o pode *comprehender*. ca he começo e fin. E he começo sen começo e fin sen fin. E en mjn meesmo posso entender. en como Deus en si he tan alta cousa. que se non pode *comprehender*. Quando eu que son hũa creatura que el fez antre muitas e diuersas maneyras e mjn meesmo non posso *comprehender*.

Deus nos angeos he hũu deseio. ca elles en toda hora deseiam teer os olhos fitados en el.

En os sanctos he hũu prazer. que he sobre todos os prazeres. ca quantos son no çeeo. toda hora se alegram en ele. e dele tomam todo solaz e toda a folgura.

Deus en as outras creaturas he muy marauilhoso. Ca todas as cousas cria muy poderosamente e gouernaas muy sagesmente e despensa suas graças con todos muy benignamente.

Deus nos homeens he e deue seer hũu amor sobre todo amor ca el he Deus deles e elles son seu poboo e el mora en elles assy como en seu templo. ca eles son seu templo. e todos el quer e per todos fez muyto e non despreça nenhũu e somos teudos de o amar de todo coração. Ca el primeyramente nos amou e aa sua figura e aa sua ymagen nos fez. a qual graça non quis fazer a nenhũa outra creatura.

Quem quer que se de Deus nenbra. e o conhece e o ama con el he.

Aa ymagen de Deus somos fectos. que quer dizer ao entendimento e conhecimento do Filho. que he sabedoria de Deus Padre. pelo qual conhecemos e entendemos o Padre. e auemos achegamento a el.

Tan gran diuido e parentesco he antre nos e o Filho de Deus e nos. que como el seia ymagen de Deus. E nos aa ymagen de Deus somos fectos. E por en conuen que o que he fecto aa ymagen. que concorde con a ymagen. e non traga consigo en uãão o nome da ymagen.

Pois que assi he demostramos que he en nos esta ymagen. deseizando (paz). fitando os olhos da alma na uerdade. encendendo os nossos desejos. em amor de uerdade e achemoslo sempre na memoria e tragamoslo sempre na consciencia e en todo logar lhe demos honrra.

A minha alma por esso he [f74] ymagen de Deus por que tal (don) el que pode todo caber en ella e pode seer parceyra del.

E *non* tan solamente a uoontade he (dicto) amor. e ymagen de *Deus*. por *que* se nenbra del e o ama e o entende. Mais por *que* se pode nenbrar del e conhocelo e o amar. ca el o fez tal. pero quando o faz sabedor el o he.

Non he cousa de quantas son tam semelhaul a alta sabedoria de *Deus* como a alma en *que* ha rrazon. Ca pela memoria. e pelo entendimento. e pela uoontade. sempre sta chegada e casada con aquela alta e *Sancta* Trindade. da qual con gram rreuerença falam os *sanctos* doctores. Empero *non* pode a alma ajuntarse con a *Sancta* Trindade. a menos de sse nenbrar dela e encenderse en ella e poer en ella todo seu amor e todo seu desejo.

E pois assy he nenbresse a alma do seu criador *que* he *Deus*. a cuiu ymagen he *fecta*. E conhoscao e ameo e honrreo con o qual pode seer ben auentuyrada por sempre. Certamente ben auentuyrada he a alma. na qual *Deus* folga. e en cuiu morada pouosa . E por tanto he ben auentuyrada. por *que* pode dizer con uerdade esta palaura. O *que* me criou folga en minha alma e en minha morada. *non* poderia *Deus* negar folgança atal alma. Pois esto²⁶ assi he gram (marauilha)²⁷ cousa he de nos desempararmos nos méésmos. e buscarmos *Deus* nas cousas de fora de nos. teendoo tan acerca de nos. E nos meesmos se quisermos. staremos con el e en el. Certa cousa he. *que* el *connosco* he. Mais he e sta *connosco* per *fe*. ataa *que* mereçamos de o uéer per uista.

E por en diz o apostolo. sabemos *que* *Ihesu Cristo* mora per se en os nossos corações. E *tragemos* esta rrazon (...) *Ihesu Cristo* sta en a fe. a fe sta na alma. ou na voontade. a uoontade sta no coraçõn. o coraçõn sta no peito. E assy parece *que* todas estas cousas stam no *homen*.

Por fe me nenbro como *Deus* criou todas as cousas. por fe adoro *Deus* *remijdor* do linhagen humanal e spero o saluador e *creo* de o ueer en todas as *creaturas* e auerlo en *mjn* meesmo. e a mayor alegria. e mayor ben auentuyrança he en *mjn*. conhocerlo en *mjn* meesmo en tal maneyra *que* se *non* poderia falar pela lingua. Penso conhocer o Padre e Filho e o *Spiritu Sancto*. Esta he uida perdurauil e acabada. e ben auentuyrada delectaçõn. Olho *non* o poderia ueer. nen orelha ouuir nen coraçõn cuidar (...) quanto plazer. quanta alegria nos sta atendendo en aquela deseitada uison [f74v] quando ueremos *Deus* face por face. o qual he lume de todos lumes. folgança de todos os trabalhos. vida dos uiuentes. coroa dos uencedores.

²⁶ No ms.] entrelinhado.

²⁷ No ms. entrelinhado.

En esta maneyra *que dicta he*. acha o *homen* na sua alma a *ymagen* da muy alta e *Sancta Trijndade*. E todauia *quem he* en este mundo. se deue a ordenar a esto *que se segue*. Esto *he. scilicet. que sempre se nenbre. e sempre entenda. e sempre ponha todo seu amor. e todo seu deseio. na Sancta Trindade*. Ca a alma *por esto he ymagen de Deus segundo dicto he. por que son en ella tres potencias. scilicet. Memoria. e Entendimento. E voontade*.

Aa memoria. encomendamos *aquelo que sabemos. ajnda que non pensemos en elo*.

Outrosy damos ao entendimento. todas as uerdades achadas. e encomendamoslas aa memoria de (*calvario*) pela memoria. somos semelhauijs ao Padre. Pelo entendimento ao Filho.

Mais ao *Spiritu Sancto non he cousa tan semelhaul*. como a uoontade. na qual sta o amor e o deseio. E a mais alta destas *tres potencias. he a uoontade. ou amor. que he mais excellente que a uoontade*. A rrazon *por que he esta. por que o amor de Deus he don de Deus. tal que nenhũ outro don. non he mais alto. nen mais acabado*. E falando *propriamente este he o Spiritu Sancto. pelo qual. a claridade de Deus he semeada en os nossos corações. E pela qual claridade mora en nos. toda a Sancta Trijndade*.

Aqui fala este sancto da culpa do linhagem humanal. e da pena que cada hũu padece quando morre e do dia do Juizo. E da ociosidade.

Segundo o *homen* de fora. uenho *daqueles parentes que me fezerom* ante dapnado *que naçido*. Ca elles eran peccadores e no seu peccado geerarom *mjn peccador e criaromme en peccado. eran mesquinhos. e adusserom hũu mesquinho*²⁸ na mesquindade desta luz e non acalcey deles al *senon mesquindade e peccado e este corpo mortal que trago*.

E uou muito a *gram pressa pera aqueles que se partirom daqui per morte. dos corpos. Quando paro mentes aos seus sepulcros e non acho hy senon bischos e cijnsa e fedor e auorecimento. O que eu son. forom elles. e o que eles son serey eu. Que son eu homen de terra rregalada que fuy concebudo* [f75] *de semente de homen e dhũa*²⁹ pouca despuma. qualhada. e pouco e pouco creçendo. fezesse carne.

Depois *que uijn a este mundo chorando e braadando. E a que me aqui hu moro cheo de peccados e de maldades e de auorrecimentos*.

²⁸ No ms.] «mesquinho» aparece entrelinhado na margem esquerda.

²⁹ No ms.] sem til.

E ora serey apresentado ante o muy alto aficado juiz *con* todas minhas obras *pera* dar conta delas.

Que *sera* de *mjn* mesquinho *quando* ueer o dia do juizo *e* forem abertos todos os liuros. nos *quaes* todos os *meus* pensamentos *e* os outros males. *seram* rrazoados ante *Deus*. Estonce starey ante o senhor *con* *gram* medo *e* spanto. como *aquele* *que* ten ante sy todos os *seus* peccados *e* todas suas *trayções*. E diramme ex o *homen* *que* fez estas estas obras. ex aqui as suas obras. En essa hora. eu mesquinho *tragerey* ante *mjn* todas as minhas *mjnguas* *e* todos *meus* peccados. E *por* uirtude de *Deus* *assi* *sera* *que* uerra na memoria de cada hũu todos os *beens* *e* todos os males *assy* como os obrou. *e* certo todos *en* hũa hora *seram* uistos. *por* *que* cada hũu sua consciencia o acuse. ou escuse. E *por* *que* todos *e* cada hũu deles *seram* julgados *en* hũu. E cada hũu *fara* *per* sy meesmo juizo de suas obras.

Todos os *segredos* *e* puridades de todos *seram* mostradas a todos. o *que* agora auemos uergonça de confessar. *enton* *sera* a todos demonstrado. E o *que* na *confisson* andamos apalpando. *e* afermosentando. todo o *queymara* a chama do fogo do *Inferno*. E *aquele* meesmo fogo. *reynara* entonce nos danados.

Enquanto mais longamente nos *spera* nosso senhor *que* nos *enmendemos*. tanto mais *asperamente* tomara de nos uingança se formos negligentes.

Pois *que* ia sabemos *que* estas cousas *assy* *passam*. *ben* damos aa entender. *que* nos *non* *guia* rrazon mais *guianos* uaydade *e* loucura. *quando* tan aficadamente *deseiamos* *e* tanto fazemos. *pelas* cousas desta uida mesquinha *e* falida. na *qual* *quanto* mais uiuemos. tanto mais peccadores nos tornamos. *quanto* a uida *he* mais longa. tanto o conto dos peccados *he* mayor.

Cada dia *crecem* os males. *e* apouquentansse os *beens*. Cada dia se *desordenam* os *homeens*. *tanben* nas boas auenturanças como nas tribulações. E *non* sabe *quando* morre. como a *strella* *que* corre pelo ceo. *e* uay a *pressa* *e* muy *aginha* falece. [f75v] E como a *faysca* ou *santilla* *que* saae do fogo *e* morre *aginha* *e* tornasse *cijnsa*. E *assy* se (*fijnda*) esta uida mesquinha. Ca no tempo *que* *homen* mora *en* esta uida *con* mais *plazer*. *e* *con* mayor *deseio* de uiuer *e* pensando *que* uiuera muito. *ordina* *que* faça muytas cousas. ora esto. ora *aquisto*. *e* uen a morte a *ssua* hora *e* *rroubao* *e* el *non* o pensando. *partexelhe* a alma da *carne*. *con* muy *grandes* *doores* *e* *grandes* *medos* *e* muy *forçadamente* se faz *aquelo* *partimento*. Veen os *angeos* *por* tomar *aquela* alma *e* *apresentarla* ante a (*seenda*) do muy alto juiz. E *enton* ela *nenbrase* das suas obras *maas* *e* *peores* *que* *maas*. as *quaes* fez dia *e*

nocte. *scilicet*. en todo tempo ou sempre. Começa de tremer e queria fugir delas e asconderse e demandar tregoa. E diz assy. Se al non. dademe hũa hora despaço. En essa hora as suas obras lhe falecen e dezerlhe. Tu nos fezeste. nos somos tuas obras e non desemparraremos e staremos contigo en juizo. Ali a acuserom os plazer e as plazentearias de muytos peccados. E ajnda diram muytos falsos testemunhos contra ela. como quer que os uerdadeyros abastaram (assaz)³⁰ pera sua condanaçom. Aly apareceram os demoes con rrostros e caras muy feas. e poerlheam grande espanto e perseguilaam con grande yra e prendelaham e apoderarseam dela. quanto eles mais poderen. e faram dela quanto eles quiseren. saluo se hy ouuer quem lha tire das suas mãos. E en esto a mesquinha que queyra tornar sobre sy. achara os olhos çarrados e a (boca) e os outros sisos. pelos quaes se ela soya delectar. E quando se ben catar acharsea soo e catiua e quebrantada e espartada. e uerra en gram desfalecimento e en ponto de desasperaçom. E por que ela desemparrou o amor de Deus por o amor do mundo e pelas plazentearias da carne ficara desemparrada de Deus como cousa mesquinha en ora de grande afrontamento. e de grande pressa. e sera ofereçuda aos demoes que a atormentaram muy crueuilmente e sen piedade nos jnfernos. E assy como dicto he a alma peccador no dia que ela non cuida e na hora que ela non sabe. rreuataa a morte. e partea do corpo e vay a mesquinha chea de espantos e de temores. E por que non acha nenhũa boa escusa. que por si ponha. nen por seus peccados. (espauorece e doesse)³¹ en si meesma e non ousa parecer ante Deus. Os muytos espantos a quebrantam [f76] e a esmeuçam e ueenlhe os desuayrados pensamentos que a corren toda e entendesse e sen seu grado da carne partensse dela todas as cousas que ela mal soya de husar. E non acha nen uee outra cousa a que se torne. se non a ssy meesma. Empero a pouca de peça acha o que non podera perder.

Aly a mesquinha pensa como uerra yrado aquel aficado juiz e que rrazões dara da sua uida no tempo de tan afficada justiça.

E ajuda que ela todas as cousas que entendia que eram maas ouesse esquiuidas en aquela hora de tam streyto juízo. as que non entendia lhe porram medo e pavor. e acrecentarselhea aquele medo. quando pensar que a carreyra desta uida mesquinha non a pode passar. sen culpa. Ca o tempo en que homen en este mundo melhor passe. non pode seer sen mazela de peccado.

³⁰ Ms.] Pouco visível; um pouco apagado

³¹ No ms.] pouco legível.

Aqui fala da consijrada de nossos feytos. E da uileza do corpo. E do preço das almas. E do amoestamento de ben fazer. E do desprezamento do mundo. E das penas do jnferno.

Que vem poderia pensar en quantos males caymos (en muy pouco tempo) e quanto leyxamos dos beens *que* poderiamos fazer(...)assi como fazer maas obras he peccado. assi leixar de fazer ben he (desfalecimento) (...) (perda) he *per* a alma e *gran* dano. quando non obramos ben. nen penssamos ben e (desemparamos) nossos coraçoes *que* (anden) uagando e pensando (...)sen proueito. Como *quer que* he graue cousa teer homen consigo sempre (...) .*scilicet.* guardarlo *que* non pense en algũas cousas *que* non compren.

(...) cousa. e perigoosa. *per* a alma. entremetersse o homen e enuo-luersse nos negocios terreaaes *por* estes taaes embargos. e *por* outros muytos. non ha homen *que* possa perfeytamente *comprender* sy meesmo. Ca el *xe* *trage* consigo seu embargo. *que* he os pensamentos maaos e uãaos. E *por que* passa sua uida e seu tempo. sen se *conhocer.* e non entende a carga *que* *trage* consigo.

Todas estas cousas e outras muytas son ocasyões *pera* acrecentar grandes pauores na alma. quando se parte do corpo. Ca ponhamos *que* o *que* soube todo o guardou e o *que* non soube lhe põe espanto e medo.

O tu alma muy noble pela ymagen de Deus *que* *trages* contigo. segundo he declarado e afermosado pela sua semelhança. esposada [f76v] na sua fe. honrrada. pelo Spiritu Sancto yguada aos angeos. Criada *pera* auer sempre ben auentuyrança. herdeyra da boondade. parceyra de rrazon. *que* teens de adubar *con* a carne. pela qual tu sofres estes males. pela carne todos estes males poenos a ti. E as tuas justiças. teenas *por* taaes como o pano *con que* alimpa hũa uil suzidade. E tu meesma pela carne es tornada como a nada. E assy te rrazoam. como cousa maa ou uãa.

A carne *con que* has *conuersaçon.* non he outra cousa senon spuma tornada carne e uestida dhũa fraca fremosura. E vijnra tempo *que* sera hũu comer de bischos. podre e mesquinho. Ca quanto *quer que* afeytes. ou honres a carne. carne he.

Se ben parares mentes. *que* he o *que* sáae pela boca. e pelos olhos e pelos narizes. e pelos outros logares *que* son ministros *pera* alimpar o corpo. nunca en este mundo uiste mais uil esterco.

Se *quiseres* catar a todas as mesquindades da carne e demais en como he carregada de (...) carregada de uiços. e en os prazeres. *compre-*henduda de (...) embargada de passiões e de fraquezas. ençuiada *per* enganos do *enmijgo* (...) baixada a peccados e a maldades. Carrega de muita confuson e de muitos doestos. Acharas *que* pela carne o homen

he fecto semelhauil a uaydade. Ca ali guaanha o homen peccado de cobijça. pelo qual sta posto e preso en (catiuidade) e abaixasse aas obras de uaydade e põe o sseu deseio e seu amor (...) en desyqualdade. escolhendo pera si a peor parte. Abre ben os olhos tu homen e (ve) que fuste ante que naceses e que es agora depois que ueeste ao mundo. ataa que te partas dele. e que seras depois daquesta uida. Primeyramente fuste o que agora non es. e depois formaronte dhũa uil materia e enuolueronte en hũa uil cubertura. e fuste criado no uentre de tua madre daquel sangue a que chamam mesterno, a ssaya primeyra con que naciste foy hũu manto que trouxeste do uentre de tua madre. a que chamam pellis secundina.

E assy uestido e honrrado ueeste a nos e non te nenbras. quam uil cousa foy a tua nacença. Mais eu te direy por que non.

A tua apostura e os lououres daqueles que te louuaminham e o fauor da tua mancebia. e as rriquezas tuas. Estas quatro cousas te fazem que uluidas e esqueeças a ti meesmo e non te [f77] conho<ças> nen te sabes nen uees que es homen e que cousa he homen. homen non he outra cousa. senon semente çuia e uil. sacco de sterco. e mamar de uermees. depois de homen uerme. depois de uerme fodor e auorrecimento e assy todo homen he tornado en non homen.

Pois por que en (sobreueces) poo e cijnsa. Ca o teu concebimento foy culpa. O nacimiento miseria. O uiuer pena e trabalho. O morrer angustia. por ergo engrossas tua carne con uiandas delectosas e escolheitas e perçadas. e afeitadas e enlouquecela con uestiduras fermosas e argulhosas e ponposas. Empero sabes que a poucos dias a comeram bischos no sepulcro. e a tua alma non honrras de uirtudes. nen a enriquentas de boas obras. nen a afeytas con boos costumes. Empero sabes que a criou Deus pera a fazer herdeyra da gloria do ceo. consigo e con os angeos. se a per ti non perder. E por que despreças a tua alma e teensla en pouco. e a carne preçares. e a teeres per muyto. Quando a manceba he senhora. e a senhora he manceba. mal ordinada he a casa. E Deus non quis dar a ssua alma. por todo o mundo. Empero deua pela alma do homen. E por esto nos deu aa entender. que de gram preço e de gram ualor he a alma que non pode seer comprada nen remijda. se non pelo sangue de Ihesu Christo. pois que preço ou que ualor daras tu. pela tua alma. quando a assy leixas perder por nada. O Filho de Deus sendo no seo de seu Padre defendeo das rreaes seedas por ela uaa liure do poder do diaboo. E quando uiu que staua enlaçada en rredes de peccados e era posta en poder dos demoes. que a dannassem per morte pera sempre. chorou sobre ela o que non soya chorar e non tan solamente chorou. mais leixoussse matar. per tal que a remijsse pelo

preço do seu sangue. E paramentes *homen* mortal. *que* por ti foy dado hũu preço tal. Vees *homen quam* nobre cousa he a tua alma e *quan graues* foram as suas chagas *que nunca* poderom saar ataa *que Ihesu Christo* fosse chegado aa morte. Se *aquelas* chagas non foram mortaaes e merecedores de morte *por sempre*. nunca o Filho de *Deus* morrera *por sempre*. *Homen*. pois *que* assy he. non despreces a paixon *que* por ti foy ofereçuda pera saar a tua alma. quando uees *que* tan alto senhor ouue dela tan *gran* compaixon. chorou o senhor [f77v] lagrimas por ti. laua tu cada noyte o teu leito. *con* lagrimas de conpunçon e de door. E espargeo nosso senhor o sseu sangue pela tua rredemçon. espargue tu o teu *por* el sofrendo affliçon.

E se tu non podes poer o teu sangue en hũa hora *por Ihesu Christo* assi como el pos o sseu *por* ti. poeno sofrendo cada dia e *per* prolongado tempo. *marteyro* e affliçon.

Non pares mentes ao *que* a carne quer. Mais ten mentes ao *que* demanda o *spiritu* cheo e *comprido* de gloria. quando stara *con* o sseu criador ajuntado e alongado das cousas *terreaes*. en tal maneyra *que* non tenha consigo *nenhũa* cousa de pecunia. e uay limpo e seguro de toda sua uida.

Se me tu dizes. dura he esta palaura. ca non posso despreçar o mundo *nen* auorreçer a minha carne. Ergo dizeme hu son os amadores do mundo *que* eram conosco pouco tempo ha. Se mo tu non dizes. eu to direy. Digote *que* non ficou deles outra cousa se non bischos e cijnsa.

Mais paramentes *que* foram e *que* son. Eles homeens foram como tu. comerom e (beberom) e passaram seus dias en plazeres. e en jograrias e en hũu pouco descenderom ao jnferno. A carne comemna bischos aqui e a alma *queymaa* o fogo ala. ataa *que* uenha o tempo *que* se ajuntem en hũu *por* seu mayor mal e os enuoluam nos entendimentos perdurauijs assi como se enuolueron aqui nos plazeres corporaaes.

Os *que* hũu amor de peccado juntou hũa pena os atormentara. Que lhes aproueytou a uãa gloria. e o breue plazer. o poder do mundo. o delecto da carne. as falssas rriquezas. A grande familia. a muita cobijça e maa. hu son os jogos. hu son os rrisos. hu he a gentileza e a nobreza. *por* pequena alegria grande tristeza. E grandes tormentos *por* poucos plazeres. O *que* a eles aquececo. podera aquecer a ti. Ca *homen* es e de humor e do limo da terra. E da terra uiues e en terra te has de tornar quando ueer o dia postumeyro. *que* uen muy aginha e muy arreuatadamente e pela uentuyra sera oie. Certo he *que* as de morrer. mais non he certo quando *nen* como *nen* hu. Esperate a morte. en todo logar. E tu se sabedor es. en todo logar. a *speraras*. se seguires a carne seras

atormentado con a carne. [f78] Se deseias uestiduras preçosas. faramte hũu strado de cijnsa e pelo afeytamento das uestiduras. aueras uestiduras de bischos. se tomares plazer na carne. na carne aueras e sofreras tormentos. Ca a justiça de Deus. non pode al julgar. se non *aquelo que as nossas obras merecerom. Quem mais ama o mundo que Deus. Mais deseja uiuer no mundo que na claustra. Mais faz pela garganta. que por abstinencia. Mais ama luxuria. que castidade. este tal segue o diaboo e hyra con el en tormentos pera sempre.*

Quem poderia pensar. *quantos choros. e quantos saluços. e quanta tristeza sera. quando os maos serem apartados dos boons. e dos justos. e da uison de Deus. e serom postos en poder dos demoos. con que hyram ao fundo dos jnfernos. en fogo perdurauil. chorando e gemendo. e muy arredados da beenta morada do parayso. e desterrados dela pera sempre. e nunca aueram luz. nen rrefrigerio. Sofreram tormentos per mil e mil milheyros de annos por sempre. sen conto e sen fin.*

Aly os atormentaram os atormentadores. nunca cansam. nunca morren. *Aquel fogo assy destruy (...).* Os tormentos assi atormentam. *que sempre son rrenouados.*

Cada hũu dos peccadores *seram juntos con seus semelhaijs nas penas. aly non aueram outros cantos senon choros e chantos e gimidos e apertamento de dentes.*

Ali non (apareceram) outra cousa se non uermes nos taaes rostros muy espantosos dos atormentadores e marauilhosos espantos de demoos.

Bischos (e uermjs morderam) os corações e as entradanhas. Aly doores ali spantos. aly gimidos. ali pauores. ali *quebrantos. Ali arderam os mesquinhos en fogo por sempre. e mais de sempre.*

Na carne sofreron tormentos de fogo e no *spiritu* os atormentara o uerme da *conciencia*. Ali *seram doores que elles sofrerom muy mal. scilicet. fedores sen comparaçon. medos e auorrecimentos (...).* morte do corpo e da alma. sen *sperança* de misericordia. e de piedade. e de *perdom*.

Pero assi uiueram. *que sempre morreram.*

Pois acima do pecador (...) sera atormentado no jnferno pelos seus *graues peccados. ou sera leuada ao parayso pelos seus boos merecimentos. E assy de duas cousas. escolhamos hũa ou (sempre) [f78v] seiamos alegres e con folguraçom os sanctos. ou sempre en tristeza e en tormentos com os maos e dannados.*

O ben e o mal A morte. e a vida. stan ante nos. A qual quisermos estendamos as mãos. E se o *que dicto* he dos atormentadores non nos

spanta. se non *que* deuemos afaagar e conuidar os boons galardões *que* aueram os sanctos.

Aqui nos demonstra a ben auentuyrança do parayso.

Galardom dos beens. he ueer *Deus*. uiuer con *Deus*. *que* he soma de todos os beens. Ali ha comprimento de bondade. e de toda alegria. e de toda liberdade. e de toda boa auentuyrança e segurança por sempre.

Aly ha sabedoria comprida. Ali he toda fremosfera. *scilicet*. paz. piedade. luz comprida. uirtude. honestidade. Aly son plazer e sabores. solazes dulcidõe. vida perdurauil. gloria comprida. lououres. (requeiem). doce amor. doce *concordia*.

Ali sera con *Deus* ben auentuyrado todo aquel. en cuja *conciencia* non for achado peccado. Veera *Deus* áa sua uoontade e auera *Deus* assy como el *quer*ra. E folgara en el. e esforçarsea en el. E outrosy esforçarsea na *Sancta* Trijndade. Morara com *Deus* e conhocerloa uerdadeyramente. e folgara pera sempre.

Todos os *que* ali foren seram cidadããos daquela *sancta* cidade. da qual os angeos son cidadããos. O templo he *Deus* Padre. E o Filho he rresplendor. E o *Spiritu Sancto* he caridade e amor. O cidade celestial. morada segura. Terra hu son todas as cousas plaziuijs e delectosas. Poboos sen murmuro. moradores alegres e pagados. homeens en *que* non ha sol hũa mijngua. O gloriosa cidade de *Deus* *que* cousas son (dídas) de ti. Tal morada es. *que* quantos en ti moram sempre son alegres e ledos. (en) aly he plazer e goyuo comprido. de dentro e de fora. hu se todos delectam en *Deus*. cuja *façe* he muy *fermosa*. o falar muy doce. Cousa he muy delectauil. muy plaziuil e muy doce de ueer *Deus*³². E he muy ligeyro a auer. husar con *Deus* he muy doce cousa. Ca el *per* sy meesmo plaz. *per* sy meesmo compre e abasta a todo merecimento. e a todo galardom. Quem *Deus* quer. non pode outra cousa *querer* se non ele. Ca en ele acha todo o *que* deseia. sempre lhe plaz en el teer ficado (...). [f79] Sempre lhe plaz de ueer e acatar e delectarse en ele e husar del. En el se esclarece o entendimento e se (apura) o desejo pera *conhocer* e amar a uerdade do seu criador.

Pois estas cousas uerdadeyramente assy son. *que* nos moue a loucura a deseiar as amarguras dos peccados e seguir e buscar os desejos e perigoos do mundo. e offerecernos aa desuentuyrada uida e poernos so poderio e senhorio crueuil e sen piedade. E non deseiamos mais uoar aa folgança e aa boa auentuyrança dos sanctos e aa companhia dos angeos e aa gran sollelnidade da festa acabada e ao goyuo da

³² No ms.] «Deus» entrelinhado.

uida contemplatiua. *per que* possamos entrar nas potencias do senhor e ueer as muy alegres rriquezas da sua bondade.

Aly entenderemos e gostaremos. *quam praziuil. quam doce. quam benigno he* o senhor. e como *he* muy grande a multidõe da sua dulcidõe. e veeremos outrosy a multidõe da sua gloria e o rresplendor dos seus sanctos. e a honrra do seu rreal poderio.

Conhoceremos a potencia de Deus Padre. E a sabedoria do Filho. E a muy benigna piedade do Spiritu Sancto. E assy aueremos conprida noticia daquela Sancta Trijndade. E agora *en* esta uida ueemos as cousas *que* ha corpos con estes sisos corporaaes. E as ymageens dos corpos. ueemos no Spiritu. Mais entonce ueeremos a Sancta Trijndade de *que he* pura uerdade. assi como *he con* o olho da alma.

Oo *que* boa uison *he* ueer Deus en sy meesmo. e veerlo en nos meesmos. e alegrarmosnos con el. con *ben* auentuyrada alegria. Quanto deseirmos. tanto ueeremos. Quanto uirmos. todo amaremos. e en este amor seremos *ben* auentuyrados. pela dulcidõe do amor. e pela contemplaçom.

Esta sera a soma. daquela *ben* auentuyrada alegria. *que* homen entendera en sua pura (ecencia) a diuinidad e *comprendera* a Trijndade assi como *he*. E mostrarsselheam todas as puridades da diuinal maiestade. Estonce sera Deus conhoçudo e uisto *per* seu deryto. Esta uison e este amor. enchera todo o coraçom do homen. e o fartara todo. Esto sera *perfeçom* e *comprimento* de bem auentuyrança. Hũa sera a linguagen de todos. Continuadamente alegria de coraçom. *que* nunca se destalha. hũu talento e hũu amor *perpetuu*. Amostrasse a uirtude. [f79v] E *comprirse*a a (karidade). O ajuntamento do corpo sera seguro. Rresplendecera assy como o ssol. a humanidade glorificada. A companhia das almas e (...) corpos e dos angeos. sera muyto auijnda e muito pagada. Ca o plazer (o sera) hũu. E o gouerno hũu e o amor nunca falece a dulçura nunca mjnguara. Todos os beens staram presentes. E *por* esso non sse podera nen hũu queixar. *que* lhe tarden ou sse lhe alonguen. E a presença da diuinal maiestade. sera a todos en todos os beens. e a todos sera comunal o poder e o saber. a paz. a justiça. o entendimento. En *aquela* paz non auera departamento de corações nen de linguas. Mais a concordia dos sisos e dos costumes hũa sera e muyto auijnda. En *aquela* auondamento de plazeres tam grande sera a fartura. *que* non auera hy nen hũu *que* mais queyra. Tantos seram hy os ajuntamentos das boas auentuyranças. tanta gloria. Tanta sobre-mesura alegria. e plazeres. Mais quem sera digno de auer estes plazeres e tantos beens e gloria. O uerdadeyro penitente. O companheyro leal. o seruo fiel.

Aqui nos demonstra este *sancto* do uerdadeyro penitente como faça peendenza. E como se deue auer *con Deus e con seus sanctos*. E outrosi (con o proximo) e como se aia de auer na *confisson. e no acatamento do coração. e na conpuçom do homen de dentro e no amor (no amor do proximo)*.

O uerdadeyro penitente sempre he en door e en trabalho. doesse dos peccados passados e trabalha por non cayr nos que son por vijn. Ca uerdadeyra penitencia non he senon door de cada dia dos peccados passados. O que uerdadeyramente faz penitencia. assy chora os peccados passados. que non cometa outros que chore ao adeante. Ca escarnidor he e non uerdadeyro penitente o que ajuda faz de que se doa. Se quiseres seer uerdadeyro penitente. cessa de peccar. Ca vãa he a penitencia que se depois ençuieta. per noua culpa.

O boon obediente da o sseu querer. e o sseu non querer. per que possa dizer a Deus. Senhor o meu coração prestes sta pera cumprir o teu mandamento. e fazer a tua uoontade. en qual quer maneyra que me deres aa entender.

Prestes pera entender en ti. prestes pera ministrar aos proximos. prestes pera guardar mjn meesmo e folgar na contemplaçon [f80] das cousas celestiaaes.

O companheyro pera seer leal. deue auer estas duas condiçõoes. que serua a todos e non seer referteyto a nenhũu. Serue a todos. por esso he deuoto a Deus. Sey benigno a teu proximo. Sey mesurado ao mundo. Sey seruo ao senhor. E sey companheyro ao proximo. Este tal he senhor do mundo. Ca as cousas celestiaaes son seu plazer con os yguaaes ha companhia. leixa as cousas baixas a seruiço.

Outrosy non he enbargoso nen rreferteyro a nenhũu. ca trage as cousas baixas. aproueyto das yguaaes. e aa honrra das altas e segue as baixas. Das altas he seruo e das baixas he senhor.

O seruo fiel. passa sua uida en contemplaçon de Deus. e guarda de sy meesmo. pera guardar ti meesmo. conuen que façás con gram diligencia. todo quanto poderes fazer. E depois que o fezeres. entendendo que nunca poderas abastar tu per ti pera te guardar. pera todo teu saber. nen per todas tuas forças. rroga a Deus aficadamente e procura (...) sua. per que tu possas entender en ti. a boa uoontade do criador muy plaziuil e muy acabada. E outrosy encomendate na guarda dos angeos. e rroga e demanda a ajuda de todos os sanctos. Curre per todos e humildate a todos e cada hũu chama e dize assy. Auede mercee de mjn e se al non meus amigos rrecebede o fugitiuo. Empero uosso jrmãao e uosso sangue (so) no sangue de Ihesu Christo rremijdor. O pobre sta aa

porta e chama e bate. Abrideme a porta e rrecededeme conuoso e poedeme hũa uez todauia ante o rrey. *por que* humildoso e abaixado lhe possa dizer e descobrir. ante a ssua presença. todas as minhas mesquindades e todas as minhas chagas *que* soffro de todo coração con toda tua geeraçon. Nunca fique peccado *que* todo non seia delijdo per pura confisson.

Ihesu Christo poeras sobre teu coração assi como seelo.

Quando Ihesu Christo gaarda as entradas do coração muito a gram pressa son con el mil milheyros de angeos uoantes aas portas dos sisos de fora e a gaardam en tal maneyra *que* os enmijgos non ousam nen podem rromper *aquelas* uozes tan fortes *por* rreuerencia do porteyro e pela guarda dos angeos.

Cada dia te escoldrinha e oolhate [f80v] na tua uida con gram diligencia. assi como aguçoso guardador. Examineate aficadamente *por que* conheças en certo e ueias todauia quanto aproueytas. ou quanto faleces e mjngoas. E *que* ueias qual es *per* costumes e qual *per* deseios. E *que* ueias quanto es achegado ou arredado e non *per* espaço de terras ou logares. mais *per* costumes e *per* deseios³³. Estuda e trabalha pera te conheceres en esta maneyra. ca muyto te sera melhor *que* assy te conheças. Ca se te non conheceres. non conheceras os cursus das estrellas. nen as forças das heruas. nen as naturas das animalias.

E ajnda *que* ouuesses a ssabedoria das cousas celestiaaes e terreaaes. Pois *que* assy he. *homen*. torne a ti meesmo (...). E se non poderes sempre. ou *per* muitas uezes. ao menos algũas uezes. Enmenda teus desfalicimentos e enderença tuas obras. Castiga teus errores e non fique en ti cousa *que* non seia enmendada. Põe teus trespassos ante teus olhos. Parate en juizo ante ti. assi como ante outro e (duuyte) de ti meesmo. E chora os teus peccados e as tuas maldades. con *que* fezeste desseruiço a Deus. Mostralhe os teus falicimentos e as malicias dos teus perseguidores.

E quando te assy atormentares ante Deus. rrogo-te *que* te nenbres de mjn. Ca eu depois *que* te conhoci. ameyte en Ihesu Christo. E *aquel* en *que* he uãa cuidaçõ e deshonesto. merece tormento. E a honestidade merece boon galardõ. *por que* quando eu peccador sacerdote chego ao altar de Deus. comigo sta a rrenenbrança de ti. E tu meesmo esso faras a mjn. se me amares e me deres parte nas tuas orações.

En *aquelo* lugar desejo *que* te nenbres de mjn. e me tenhas *por*

³³ Esta frase encontra-se como entrelinha no cimo do fólio com um símbolo em forma de cruz remetendo para a sua inclusão na linha 3.

sempre. quando enuias a *Deus* deuotas orações por ti.

Non te marauilhes por que dixes que me tenhas presente. ca por esso me amas. por que son ymagen de *Deus*. Tanben son presentes a ti. como tu meesmo a *mjn*. Ca esso méesimo que tu e. quanto en substancia. esso son eu.

Toda *creatura spiritual*. he ymagen de *Deus*. e demandandoa. achaa. Esta meesma ymagen conhoçe en todo homen. a uison da alma he o entendimento.

Pois se te en esta maneyra uéés. en uéendo ti. uéés *mjn*. Ca esso son eu que tu es. quanto he en esto que dicto he. Se amas *Deus*. amas *mjn*. que son sua ymagen. Eu en amando *Deus*. amo ti. E assy pois hũa cousa buscamos. e a hũa logar himos e sempre somos presentes [f81] o hũa ao outro en aquele en que nos amamos.

Aqui nos demostra como deuemos rrezar e orar. e pensar que os angeos presentes stam. no officio de *Deus* e da mente que continuamente contempla en *Deus*. en toda hora e en todo logar.

Quando entrares na egreja pera orar. leixa de fora todos os pensamentos uãos. que ueen assy como ondas. E leixa esquecer. todos os cuidados das cousas de fora por que possas entender en hũa soo *Deus*. Ca non pode seer. que o homen fale con *Deus*. o qual quando se cala. con todo o mundo fala. Ergo entende aquel que te entende. E ouue aquel que te fala. Ca el ben ouue o que nos falamos.

Esto lhe faras todauia. en todos os lououres que lhe deres. staras muy solícito e con gram rreuerencia. se as palauras da *Sancta Scriptura* entenderes.

Non te digo estas cousas por que as eu faça. Mais por que as queria fazer e por que me pesa por que as non fize nen as faço. Mais tu a que *Deus* outrogou mayor graça con teus sanctos desejos e con tuas deuotas orações. abaixa a ti as orelhas do Senhor e con lagrimas e con sospiros. chama a ti a ssua piedade. contra os teus peccados. e louuao. e glorificao. con canticos spirituaaes. em todas boas obras. Ca non he cousa que mais de grado ueiam nen speren. os cidadãos do ceo. nen que mais alegre seja ao muy alto senhor e rrey. Segundo diz o propheta pelo *Spiritu Sancto*. Com louuor de sacrificio me honrraras e (*cre*).

Como serias de boa uentuyra se (...) uez podesses ueer con os olhos da alma. como os princepes vão deante e os cantores uão em meo dos mancebos que tangen os adufes. ueerias sen duuida. con quanto afficamento. e con quanto prazer stam e como se chegam aos que oram. e como conselham os que contemplam. e como uelan. sobre

os *que* folgam. como *aiudam* os *proueedores*. e *enderençan* os *procuradores*. *por que* as potestades do ceo. *amam* os *seus* cidadãos. E *alegranse con* os *que* ham de *herdar* o *rreyno* do ceo.

E *confortamnos e ensinamos e defendennos*. e *proueen* a todos. *en* todalas cousas. Elles *stam* deseiendo a nossa *uijnda*. Ca *entenden* de *rrepayrar* conosco. as *mjnguas* da sua cidade.

[f81v] *Perguntam por* boas nouas de nos e *andan muy aguçosos e* cuidadosos ante *Deus e* nos. leuando muy de *grado* nossos *gimidos* ante *Deus*. Non *despreçam* seer nossos *conpanheyros*. ca *ia son* (fectos) nossos *ministros e* nossos *seruidores e* *alegransse* muyto conosco e nos *lhe* fazemos *grande alegria* quando somos *conuertudos* a penitencia.

Pois *que* esto sabemos. *aparelhemosnos con grande* *afficamento* en *conprir* a *sseu prazer con* nos meesmos.

Maldiçon *he* a ti quem *quer que* tu seias *que* *queres* tornar aa *peçonha que* tu *deytaste*. Cuidas *que* os *aueras* apagados no dia do *grande juizo*. *aqueles que* *queres priuar* do *plazer*. *que* tanto tempo ha *que speram*. *alegrandosse* quando *vijremos* a *rreligion*. ou a penitencia. assi como *aqueles que* *uãão*³⁴ *arredados* das portas do *jnferno*.

Mais *que* cuidas *que* (*sera se*) (...) *arredar* das portas do *parayso e* tornar *atras*. os *que* *ia hũu* *pee* *tijnham* no *çeeo* *por que* se os *corpos* *stam* *aca* en *fundo*. os *coraçõoes* *stam por* en *encima*.

Pois *corramos nos non con* *passos* do *corpo*. mais *con* *talentes* *boos e* *con suspiros e* *con* *deseios*. Ca *non* *tan* *solamente* os *angeos*. Mais o *criador* dos *angeos* nos *spera*. *Speranos Deus* *padre*. assi como *filhos herdeyros* *pera* nos *poer* *sobre* todos *seus* *beens*. *Speranos* o *filho* de *Deus*. asi como *herdeyros con* el *pera* nos *offerecer*. o *fructo* da sua *nascença*. e o *preço* do seu *sangue*. *Speranos* o *Spritu Sancto*. *que* *he* *pura* *benignidade*. na qual somos *scolheitos* ante do *começo* do *mundo*. E *non* *he* *duuida* ca *quer que* se *compra* *aquela* *enliçon*.

E pois *que* toda a *corte* do *çeeo* nos *spera e* nos *deseia* de *seermos* la nos (...) quanto *deseio* *podermos*. Ca *con grande* *confuson e* *con grande* *uergonha* *uerra* a *ella* *aquel que* *non* ha *deseio* de a *auer*. E *qual* *quer que* en *ela* *mora*. *per* *aficado* *coracon e* *oraçon e* *per* *cotidiana* *contemplaçon* *daqui* *hira* *seguro*. e *ala* *sera* *rrecebudo con grande* *alegria*.

Pois en *qual* *quer* *logar que* *steueres*. ora ante ti *meesmo*. E se *fores* longe do *oratorio*. ou da *egreia*. *non* *queyras* *buscar* outro *logar*. ca tu *meesmo* es *logar*. E se *fores* no *leito*. ou en outro *qual* *quer* *logar*. ora. ca *hy* *he* a *egreia*. *alçando* a *alma* a *Deus con* *humildade* do *coraçõon*.

³⁴ No ms.] sem til.

Assi como non passa [f82] hora nen termo. en *que* homen non use da bondade e da misiricordia de Deus. ben assi non deue a passar termo. en *que* o non aias na memoria.

Mais cuidas tu a dizer cada dia oro e non sento fructo da minha oraçon. ca atal como uou aa oraçon. atal me uenho non me rresponde nenhũu nen me fala. nen me da. ante parece *que* trabalho en uãõ. Assy fala a uaidade do meselo homen non parando mentes ao *que* Deus promete *que* he pura uerdade. dizendolhe e jurandolhe. por certo uos digo. *que* todo o *que* demandardes en oraçon *que* o acabaredes e uos sera comprido.

E poren non queyras tu despreçar tua oraçon. Ca *aquel* a quem tu oras non a despreça. Ca sen duuida. de duas cousas auemos sperar. *scilicet*. *que* ou nos dara Deus *aquelo que* lhe pedimos. ou nos dara al *que* el sabe *que* nos he mais proueitoso.

Pois pensa en Deus o melhor *que* tu poderes. E pensa de ti o peor *que* poderes. E deues creer en el e de ti muito mais *que* tu podes pensar. Todo tempo *que* de Deus non cuidas ou pensas. faze conta *que* o perdiste. todas as cousas son alheas. ca non nossas. O tempo en *que* uiuemos he nosso e pois despendeo ben. Em qual *quer* lugar *que* stueres (sta) hy todo teu (...) ³⁵ traucta ben teus pensamentos e sempre trage na memoria algũa cousa proueitosa.

Todo lugar he *conueniente* pera pensar. Ten sempre contigo o teu coraçõ e anda *per* sua largura e faze en el hũu *strado* a Ihesu Christo. Ca a alma do sabedor. sempre sta ante Deus. sempre o deues teer ante os olhos. Ca *por* elle somos e uiuemos e sabemos.

Por que somos. auemoslo *por* fazedor. *per que* sabemos. auemoslo *por* ensinador. *per que* seiamos ben auentuyrados. auemoslo de todas *graças e mercees por franco e partidor*. En esto conhecemos a ymagen de Deus en nos. *que* he a ymagen da Sancta Trijndade. E assy como el sabedor he e boo he. Assi en nossa uoontade. somos e sabemos quen somos e esso *que* sabemos husa *por* en de ti assi como de templo de Deus. *por que* *aquelo que* he en ti ³⁶ semelhauil he ³⁷ a Deus. Ca grande honrra he a Deus semelharlo e darlhe rreuerencia.

Semelharlo [f82v] se es piedoso. Templo *sancto* de Deus he a mente e a uoontade do piedoso e muy (boon altar) o sseu coraçõ. Honrras Deus se es misericordioso.

³⁵ Há aqui um sinal de referência para um entrelinhado; no entanto, a sua leitura não é possível, dado estar quase totalmente apagado.

³⁶ No ms.] entrelinhado.

³⁷ No ms.] entrelinhado.

Fazer ben a todos por Deus he hũa hostia que Deus de uontade rrecede. fazе todas as cousas. assy como filho de Deus que seias digno de aueres Deus que te fez digno de seeres chamado seu filho.

En todas as cousas que fezeres conhoce que Deus sta presente. E uee e para ben mentes a quanto fazes. e a quanto dizes. e a quanto pensas. Mester te faz que aias en ti grande guarda. Ca todas as cousas que fazes e dizes. todas fazes ante os olhos do juiz. que uee todas as cousas. Enpero. sempre staras seguro. se te tal aparelhares. que seia contigo aquel que te fez. E se non he contigo per graça. he contigo per uingança. Mais grande confuson he a ti. e gram mal. se non he contigo per graça. Aaquel se assanha Deus. ao que se non castiga quando pecca. O que se aqui non castiga. no outro mundo he danado.

BIBLIOGRAFIA

- BORGES NUNES, Eduardo – *Álbum de Paleografia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1969.
- CASTRO, IVO e RAMOS, Maria Ana – «Estratégia e Tática da Transcrição». In *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque*. Paris: Fond. Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-118.
- CEPEDA, Isabel Vilares – *Bibliografia da Prosa Medieval en Língua Portugues. Subsídios*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- COCHERIL, Dom Maur – *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*. Nouvelle éd. revue, corrigée et annotée par Gérard Lerous. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1986.
- Le Portugal du XV^e siècle. Actes du Colloque*. Paris, 12 Mars, 1987. In *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVI. Lisboa – Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1989.
- MARTINS, Mário – «O «Tratado das meditações e pensamentos», do Pseudo-Bernardo». In *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956, pp.266-272.
- MAITOS E SILVA, Rosa – *O Português Arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1995.
- ID. – *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1989.
- MAITOSO, José – «Leituras cistercienses do século XV». In *Religião e Cultura na Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1982].
- Monges e Religiosos na Idade Média*. Apres. de J. Berlioz. Trad. portg. de Teresa Pérez. Lisboa: Terramar, 1996, p.48.
- Phrases, textes & ponctuation dans les Manuscrits Espagnols du Moyen Age & dans les Editions de Texte. Actes du Colloque*. In *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*. n.º 7.bis. Sous la direction de Jean Roudil. Paris: Klincksieck, 1982.

- REGLÁ, Juan – *Historia de la Edad Media*. vol.2. Barcelona: Montaner y Simón Ed., 1979.
- REYNOLDS, L. & WILSON, N. – *Copistas y Filólogos. Las vías de transmisión de las literaturas griega y latina*. Trad. esp. de Manuel S. Mariana. Madrid: Gredos, 1986.
- ROUDIL, Jean – «Edition de texte, analyse textuelle et ponctuation». In *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*. n.º 3. Paris: Klincksieck, 1978.
- Saint Bernard et le monde cistercien* (direct. de Léon Pressouyre et Terryl N. Kinder). Paris: Caisse Nationale des monuments historiques et des sites, 1992.
- São Bernardo (1090-1990). Catálogo bibliográfico e iconográfico*. Introd., selec. e catalogação por G. Leroux. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.
- SARAIVA, António José – *Crepúsculo da Idade Média em Portugal. Partes I e II*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- VAN HECKE, Lode – *Le désir dans l'expérience religieuse. L'homme reunifié. Relecture de Saint Bernard*. Paris: Ed. du Cerf, 1990.

Renovação dos discursos – Novas formas de interacção e legitimação dos interlocutores

MARIA ALDINA MARQUES
(Universidade do Minho)
mamarques@ilch.uminho.pt

RÉSUMÉ:

L'instabilité des genres discursifs est l'origine et, en même temps, le résultat d'un mouvement continu dans la société. Étant donné que la mémoire sociale des discours se trouve, partiellement au moins, dans les genres discursifs, la variation sociale et culturelle, l'évolution, en général, des sociétés fait apparaître de nouvelles formes, voire de nouveaux genres, où les discours acquièrent de nouvelles configurations. L'INTRANET est un des facteurs de changement, de renouvellement qui a des conséquences au niveau de l'organisation globale des discours qui sont produits et diffusés par ce moyen de communication. L'analyse d'un *corpus* est le point de départ pour une réflexion sur l'évolution des genres discursifs.

Mots-clé: Interaction verbale, genres et types de discours, genre épistolaire, cadre communicatif, énonciation, discours électronique, construction discursive des interlocuteurs, relation interpersonnelle, intrusion.

*Toute interaction est tributaire du genre
de discours dans lequel elle s'inscrit.*

JÜRGEN SIESS, 1998 :7

A interacção verbal, dimensão fundamental em que se projecta a especificidade humana, é suporte da coesão comunitária, no sentido em que mesmo quando divergimos o fazemos numa determinada língua, e sinal da sua vitalidade.

As consequências desta centralidade revertem a favor da própria interacção verbal, modificada, diversificada, e por isso mesmo enriquecida, em cada momento histórico.

Todas as teorias linguísticas modernas, que têm como objectos os textos/discursos efectivamente realizados pelos falantes, encontram

nesta questão um dos fundamentos das suas investigações, enquanto uma das primeiras questões que se colocam ao investigador na definição do próprio objecto de análise. Com efeito, a actividade linguística realiza-se numa heterogeneidade de produções discursivas que tornam empírica e teoricamente necessária a determinação de tipos/géneros de discurso ¹ «relativamente» estáveis e recorrentes e em função dos quais se pode classificar cada discurso particular. Nesta perspectiva, a questão dos tipos/géneros discursivos impõe-se não como um ponto de chegada da investigação mas como ponto de partida para a própria actividade de análise que, na construção de diferentes tipologias, procura assim confinar a diversidade de produções discursivas.

É por isso que a necessidade de estudar e sintetizar, de algum modo, as características e regularidades de funcionamentos discursivos tem colocado a questão da tipologização discursiva no centro das discussões da análise linguística do discurso, numa preocupação que não é recente. Esta era já a perspectiva de Benveniste para quem o interesse pelos discursos passava necessariamente pelo estabelecimento de tipologia(s) que permitisse(m) passar da diversidade e heterogeneidade desses mesmos discursos realizados à «homogeneidade», ao paradigma, do tipo discursivo.

Abandonando ou completando a visão conteudística das tipologias tradicionais, a análise do discurso tem desenvolvido trabalhos que revolucionam a problemática em análise.

Desde logo interessa uma primeira questão da distinção entre *tipo* e *género*. Não sendo uma distinção adoptada por todos os investigadores e não partilhando sequer as definições propostas em trabalhos que os utilizam, «géneros» e «tipos» de discurso constituem matéria de discussão, que, no estado actual dos conhecimentos, mantém toda a pertinência. No entanto, têm-se registado avanços significativos e, se para alguns autores «tipos» e «géneros» de textos/discursos repre-

¹ Usaremos o termo «discurso» globalmente, sem considerar uma possível distinção relativamente ao termo «texto», entendendo-o como uma entidade linguístico-pragmática organizada segundo duas vertentes: sequencial e configuracional, um conceito que Jean-Micchel Adam (1990: 98) vai tomar de Paul Ricoeur: «Par la notion de “configuration” Paul Ricoeur a rendu essentiellement compte du fait qu’un récit possède, à la base de son intelligibilité, non seulement un caractère épisodique (venir après), mais également un caractère configuré (former un tout). Étendue à la textualité en générale, cette notion peut nous aider à théoriser linguistiquement le “tout de l’énoncé fini” (Bakhtine).»

sentam conceitos diversos e para outros são quasi-sinónimos ², há já um largo consenso sobre a necessidade de os distinguir. *Tipos e géneros* são modos diferentes de fazer funcionar a língua nos discursos.

Não significa, porém, que a reflexão sobre esta problemática se pautou pela unanimidade e consenso face aos resultados que vão sendo aventados. Bem pelo contrário, a pluralidade de pontos de vista tem dado origem a diferentes tipologias ora complementares ora divergentes.

São essencialmente duas as razões encontradas e avançadas como justificativas dessa diversidade. Por um lado, ela é fruto de perspectivas diferentes, de critérios tipológicos diversos e, por outro, da própria natureza heterogénea dos discursos, dificilmente redutíveis a uma classificação única e finita, o que leva Maingueneau (1984: 16) a considerar a imperfeição e desajuste de uma tipologia uma consequência intrínseca a qualquer tentativa de classificação:

«Rien d'étonnant si les typologies, dès qu'on les scrute d'un peu près et qu'on veut les app. liquer, volent en éclats, laissant app. araître un immense entrelacs de textes...»

Quanto ao conceito de género ³, com largos pergaminhos na história da Literatura, a centralidade que adquire nos estudos sobre a linguagem advém, em primeiro lugar, dos trabalhos de Bakhtine ⁴, onde repetidamente se discute a natureza complexa e heterogénea, da interacção verbal:

«Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d'autrui, nous savons d'emblée, aux tous premiers mots, en pressentir le genre (...) dès le début, nous sommes sensibles au tout discursif (...). **Si les genres de discours n'existaient pas et si nous n'en avions pas la maîtrise, et qu'il nous faille les créer pour la première fois dans le processus de parole (...) l'échange verbal serait quasiment impossible.**» (Bakhtine, 1984: 285) (negrito meu)

² É uma discussão que sai agravada pelo facto de, por vezes, subscrevendo a distinção de conceitos, o termo «tipo» ser englobante. Fala-se, então, de tipos funcionais e formais, por exemplo.

³ Também ele intrinsecamente heterogéneo, como lembra Maingueneau (1998: 56): «Les genres sont des institutions de parole socio-historiquement définies, leur instabilité est grande et ils ne se laissent pas ranger dans des taxinomies compactes».

⁴ A discussão actual sobre a autoria dos textos tradicionalmente atribuídos a Bakhtine tem levado alguns autores a optar pela indicação de Volochinov ou, mantendo uma neutralidade sempre discutível, pelo par Bakhtine/Volochinov. Continuaremos a usar aqui a referência a Bakhtine, ainda que cientes da problemática que levanta.

Bakhtine acentua a natureza sócio-histórica dos géneros, que pré-existent a cada acto discursivo, escolhas possíveis que a historicidade do uso da língua foi configurando, e o conformam e possibilitam, enquanto modos de dizer, de fazer discursivo, que interferem na produção e na interpretação do discurso, em interação com o sistema funcional da língua.

A oposição género/tipo de discurso é apresentada repetidamente como uma classificação externa e interna, respectivamente, a partir dos critérios seleccionados que têm por base a situação discursiva ou a arquitectura interna do discurso. A classificação externa ⁵ usa como critérios ⁶: (a) o modo de transmissão; (b) os interlocutores (c) o contexto linguístico-social e intertextual em que se inscreve e (d) a intenção do falante.

Assente a necessidade de distinguir «géneros» e «tipos» discursivos, a relação entre ambos e o lugar que ocupam nas construções discursivas não têm, de modo algum, sido sempre adequadamente apresentadas e evidenciadas. Tomados como exterioridade ao texto, os géneros discursivos foram repetidamente preteridos, em momentos fulcrais de análise linguística do discurso, em favor de uma tipologia interna, configurada em «tipos de discurso».

Essa é, aliás, a perspectiva adoptada por Bronckart (1996). Sublinha que os tipos discursivos entram na «composition des genres»

⁵ Os *tipos de discursos*, determinados a partir de uma classificação interna distribuem-se por diferentes tipologias. Se Isenberg marcou a discussão no seu início, ao apontar, entre outras características, a necessidade de homogeneidade tipológica, a proposta de Jean-Michel Adam, sem deixar de suscitar críticas, recolocou a questão em termos da heterogeneidade composicional dos discursos, negando, na verdade, o próprio conceito de tipo para lhe contrapor o de sequência. Sobre esta questão veja-se, por exemplo, Isenberg, 1987, Adam, 1992; 1996; Fillietaz e Grobet, 1999 e Fuentes Rodriguez, 2000.

Laurent Fillietaz e Anne Grobet (1999: 240) falam de tipos de discurso (distintos de géneros) como «représentations stables et sous-jacentes aux configurations discursives qui se manifestent dans les productions langagières» diversos das «sequências» que são as realizações dos tipos de discurso. Em nota de rodapé entendem sublinhar que esta estabilidade é considerada numa perspectiva sincrónica, porque numa perspectiva diacrónica estão, tal como os géneros, sujeitos à mudança.

⁶ Jean-Michel Adam (1998: 45), a propósito do género epistolar, apresenta as coordenadas de classificação dos géneros: «Les genres épistolaires sont, comme tous les genres, directement liés aux conditions de l'interaction: aux paramètres du temps et du lieu social, aux interlocuteurs engagés dans l'interaction, à l'objet du discours et, de plus, à une langue donnée. Cet ensemble complexe de paramètres pragmatiques complémentaires impose ses lois à la réalisation du texte particulier de chaque lettre.»

(p. 56), mas, acrescenta, «sont définissables indépendamment des «genres», justificando esta posição pelo facto de que «un segment de type narratif peut, par exemple, être identifié dans des textes relevant de genres aussi différents que l'éditorial, le roman, le fait divers, etc.» (p. 61). À mesma questão, onde incluem aliás este autor, se referem, também, Laurent Filliettaz e Anne Grobet (CLF, 21 :231)

«On a vu qu'Adam (1992), Bronkhardt (1996) et Roulet (1991b) écartent la problématique des genres de leur champ d'investigation, en soulignant qu'elle relève plutôt du contexte actionnel que du texte lui-même.»

Discordando de tal exterioridade ⁷, os autores avançam argumentos para justificar que «la prise en compte des genres constitue au contraire un aspect incontournable de l'étude de l'hétérogénéité discursive» ⁸, p.231, na medida em que afectam directamente quer os tipos de sequências dominantes quer a sua organização interna, enquanto determina, por exemplo, a ordem global das partes constitutivas, ou ainda, influenciam a percepção das próprias sequências. A opinião assim apresentada recolhe ainda o testemunho de diferentes investigadores a propósito dessa relação, que se exerce em três níveis:

«Premièrement, on peut relever que les propriétés génériques d'un discours exercent une influence sélective sur les types de séquences qui y seront dominants. Par exemple, les discours scientifiques privilégient les séquences délibératives, (...). Deuxièmement, (...) le genre constitue également un facteur influençant l'organisation interne des séquences. Par exemple, la forme particulière d'une séquence narrative varie selon le genre dans lequel elle se réalise roman, (...). Troisièmement, on peut souligner que les genres jouent un rôle important dans le repérage des séquences.» (pp. 231-232)

A precariedade das tipologias discutidas não invalida, como já foi referido, a necessidade da tipologia como ponto de partida para abordar a heterogeneidade composicional dos discursos. Apenas, a determinação e análise das produções discursivas, partindo desde logo do conceito de género, deverá prever a variabilidade no elenco dos géneros identificados e a variabilidade dentro de cada género.

⁷ Os próprios autores citados têm vindo a defender posições diferentes. Veja-se, a propósito, a nota anterior.

⁸ Os autores retomam na página 251 a mesma questão: «l'analyse générique ne relève pas directement de la question des typologies discursives ni de celle de la séquentialité, mais (...)elle n'est pas sans liens avec la problématique compositionnelle.»

Retomamos aqui a questão dos géneros discursivos, porque, ao definir um género de discurso como a configuração de escolhas que se cristalizam progressivamente no quadro de um grupo social/linguístico dado, o entendemos como cristalização temporária. Porque a instabilidade dos géneros – produto sócio-histórico – é factor e ao mesmo tempo consequência da mudança. Porque a memória social dos discursos está, pelo menos em parte, armazenada nos géneros. E desta forma a variabilidade social e cultural, a mudança em geral que se opera nas sociedades fará necessariamente emergir novas formas, mesmo novos géneros, onde os discursos ganharão também novas configurações.

A sociedade moderna tem posto em destaque uma nova forma de comunicação com suporte electrónico, de que o correio electrónico, vulgo *e-mail*, constitui um dos meios mais relevantes. Lembrando que o modo de transmissão é determinante na classificação dos géneros, poder-se-á falar de um discurso electrónico emergente?

É uma questão que levanta uma série de interrogações: de que modo as condições de produção interferem na construção destes discursos, ou seja, de que modo este novo parâmetro influencia a construção discursiva? Ou poder-se-á falar da Internet em geral, e do «e-mail» em particular, como potenciador de mais um género, neste caso um subgénero do género epistolar? Que especificidades o individualizam?

Interessam-nos as implicações que as novas situações discursivas têm em termos da construção enunciativa, da construção das imagens dos (inter)locutores, que se realiza no discurso e pelo discurso, num dinamismo interactivo a que Vion (2001: 350) se refere como «respiration énonciative». Pretendemos, assim, assinalar esse fenómeno particular do discurso em que «le positionnement énonciatif des sujets se modifierait de manière fréquente et affecterait le déroulement discursif au point de faire apparaître une sorte de pulsion interne.» (*idem, ibidem*).

O género epistolar – a que poderemos agregar, em termos de tipologias existentes, estas novas formas interaccionais em suporte electrónico – é uma forma discursiva complexa, ainda que com características muito específicas. O seu quadro comunicativo individualiza-se, face a outros géneros discursivos, por impor a ausência do alocutário e, daí decorrendo, ter como único suporte a escrita. No plano discursivo, numa perspectiva composicional, é marcado,

nomeadamente, pela explicitação dos interlocutores ⁹, em estruturas a que Jean-Michel Adam (1998:41-42) se refere como «constantes composicionais»:

«...la forme épistolaire présente un certain nombre de constantes compositionnelles. (...). Dans une perspective pragmatique et textuelle, il est nécessaire de partir de l'existence d'une macro-unité: *le texte dialogal*. Ce dernier comporte un plan de texte contraignant: des séquences phatiques d'ouverture et de clôture, d'une part, des séquences transactionnelles constituant le corps de l'interaction, d'autre part. (...) On distinguera donc, très simplement, dans toute forme épistolaire, le plan de texte de base suivant :

Ouverture	Exorde	Corps de la lettre	Péroration	Clôture
Termes d'adresse & Indications de lieu et de temps				Clausule & signature
<1>	<2>	<3>	<4>	<5>

Facultatives et plus ou moins développées, les parties du plan de texte <2> et <4> sont des zones discursives de transition (introduction-préparation et conclusion-chute) entre les moments initial et final à dominante phatique et le corps de la lettre proprement dit.»

A complexidade advém da diferente combinação dos elementos usados como critérios de classificação, originados em diferentes situações sociais de interacção:

«...c'est la nature même de l'ensemble des paramètres énonciatifs qui engendre des différences génériques majeures d'abord et l'infinie variété ensuite.» (Jean-Michel Adam (1998: 46)

As tipologias são, por isso, diversas e, por vezes, mesmo assumidamente inconclusivas ¹⁰.

⁹ A não explicitação discursiva do locutor implica um subgénero: a carta anónima.

¹⁰ Jürgen Siess (1998: 7-8), passe a diferente terminologia, aborda o «género epistolar» como: «un type de discours qui se diversifie en un certain nombre de genres de discours: lettre ouverte, lettre publicitaire; lettre privée, etc., eux-mêmes divisés en sous-genres: par exemple, pour la catégorie du privé, lettre amoureuse, amicale ou familiale». A não exaustividade explícita acaba por ser justificada, com uma citação: «en raison de leur nature sócio-historique les genres (...) sont instables et «ne se laissent pas ranger dans des taxinomies compactes» (D. Maingueneau).»

Também Kerbrat-Orecchioni (1998: 15) mostra a precariedade e complexidade do género: «La communication épistolaire constitue un «genre du discours» qui comporte

Para a questão que aqui nos ocupa, interessa-nos estabelecer alguns subgéneros fundamentais, determinados a partir de critérios que se organizam cumulativamente. A distinção entre carta pública e carta privada ¹¹, é talvez a classificação mais geral ¹² a partir da qual outros subgéneros se individualizam. Não sendo fácil estabelecer fronteiras, o quadro de recepção e o meio de comunicação usado ¹³ são os critérios de base, articulados com o «objectivo do locutor». E não é fácil estabelecer fronteiras porque uma carta privada, mais do que poder ser tornada pública – como é o caso da correspondência de escritores, políticos, etc. que tendo sido privada, foi, posteriormente, dada à estampa –, pode respeitar todos os parâmetros da carta privada e ser, no entanto, construída para publicação ¹⁴. A carta privada

nombreuses espèces: lettres personnelles, privées ou intimes, vs lettres d'affaires, administratives ou protocolaires ; lettres d'amour ou de rupture, de faire part ou de condoléances ; lettres de recommandation, de réclamation, de licenciement ; lettres circulaires, lettres anonymes, lettres ouvertes ... sans parler du fait que les correspondances «authentiques» ont inspiré ces simulations littéraires que sont les «romans par lettres».

¹¹ Ainda que outras tipologias se apresentem, com base noutros critérios, como o de Adam (1998: 46): «On peut probablement distinguer trois premiers grands genres épistolaires séparés par les frontières graduelles de l'intime et du social, c'est-à-dire par la nature des relations, d'une part, entre les correspondants et, d'autre part, de ces derniers aux objets de discours traités.» Este critério possibilita-lhe apresentar uma tipologia constituída por três subgrupos a que acrescenta outros dois com base na existência de um destinatário colectivo e da ficcionalidade da construção epistolar, que coloca este subgénero como «género segundo» na distinção proposta por Bakhtine: a) correspondência íntima; b) correspondência socialmente distanciada; c) correspondência de negócios; d) correspondência aberta; e) literatura epistolar.

¹² Estamos, obviamente, a fazer economia de uma vertente fundamental do género epistolar: o romance epistolar, que constitui um subgénero próprio.

¹³ É a este critério que Ruth Amossy (1998: 74) recorre quando afirma: «On peut distinguer entre la lettre au sens propre du terme telle qu'elle s'échange dans une correspondance livrée à la poste, et la lettre comme forme empruntée par un discours publié et diffusé dans des circuits étrangers au courrier ordinaire.» Mas são fronteiras graduais entre dois pólos: o íntimo e o social.

¹⁴ Neste caso, o meio secunda o objectivo. Os exemplos mais frequentes aparecem em época eleitoral. É de lembrar em passado recente a publicação, com fins obviamente políticos, de uma carta que, pelas características da relação interpessoal e conteúdo do texto, se classificaria como «carta de amor». Em sentido inverso, e mais frequente, está a carta de propaganda/publicidade que chega a cada eleitor levada pelo carteiro, em envelope fechado, fingindo uma relação interpessoal próxima que não existe. Tradicionalmente, o discurso jornalístico, discurso público com características fundamentais, dá espaço ao privado nas «cartas ao director» que assim abrem a porta a considerações pessoais, que não vinculam senão o próprio autor da carta. A formalidade da relação instituída é marcada na própria designação, aproximando este género discursivo das

engloba os subgéneros das cartas pessoais e das cartas oficiais, segundo o tipo de relação interpessoal construída e, pelo menos em parte, o conteúdo¹⁵, particularmente na forma de discursivização adoptada. Impôs-se como forma quase única, em tempos não muito recuados, de comunicação à distância.

A carta pública, por sua vez, implica uma abertura do quadro comunicativo, no seu formato de recepção, para usar a terminologia goffmaniana. Nas variantes de carta aberta, de carta publicitária ou de carta ao director, pressupõe sempre, a par de participantes não ratificados¹⁶, um destinatário colectivo, porque é um discurso destinado à difusão em comunidade alargada, mesmo quando «finge» um alocutário específico, que, na verdade, não passa de uma «désignation-prétexte ou postiche d'un interlocuteur unique. En fait, le destinataire véritable de la lettre ouverte est représenté par la communauté des lecteurs.» (Adam, 1998: 50). A relação interlocutiva é distante e formal, em consequência do estatuto assumido pelos interlocutores: «Dans la lettre ouverte, l'allocutaire direct et indirect représentent un groupe ou un courant d'opinion» (Amossy, 1998:75) e o locutor é uma instância social (o escritor, o intelectual, ...) a figura pública mais do que o indivíduo na sua unicidade. É um indivíduo porta-voz.

E por essa razão, ainda que o aceite, a verdade é que a carta aberta não prevê/exige uma resposta.

Neste caso específico, a contaminação de géneros parece inevitável, enquanto o seu objectivo, sempre consensualmente apresentado, é criar ou alimentar um debate público¹⁷. Tal particularidade coloca-a numa zona de «marginalidade» mas integra-a, de pleno direito, no chamado discurso público.

A análise do discurso¹⁸ tem vindo a interessar-se pelo género epistolar, colocando a questão do estatuto dialogal ou monologal da carta, numa análise contrastiva da carta e da comunicação face a face.

exposições a entidades abstractas. Por outro lado, em termos de formato de recepção, permanece o destinatário colectivo para além do alocutário formalmente convocado.

¹⁵ Reconhecendo que as variações de conteúdo não podem estar na base da construção tipológica, não podemos deixar de lhes atribuir, no entanto, alguma importância, em coordenação com outros parâmetros básicos.

¹⁶ São os «bystanders» que participando do quadro espaço-temporal da comunicação são, no entanto, dela excluídos.

¹⁷ Cf. Maingueneau, 1998: 58.

¹⁸ Estamos a fazer referência a uma área de estudos linguísticos que tem no discurso o seu objecto de análise, sem implicar nenhuma corrente teórica em particular.

Das opiniões e discussões conhecidas, poder-se-ia falar de posições extremadas, apoiadas ora numa ora noutra perspectiva:

«Autour d'une dominante qu'en dépit de l'absence de réplique, **on peut dire dialogale** – car elle ouvre sans cesse le discours sur le destinataire, par le biais d'incises interpellatives – le corps de toute lettre...» (Adam, 1998 :42, negrito nosso)

«[**el texto epistolar**] **Es monologal** y monológico» (Catalina Fuentes Rodríguez, 2000:167, negrito nosso)

«**La lettre, au même titre que le dialogue**, est un acte d'énonciation et, comme tel, les co[r]respondants doivent pouvoir co-référencer identiquement.» (Voisin-Atlani : 1998 : 100, negrito nosso)

Na realidade, estas afirmações não podem ser considerados senão pontos de partida opostos para análises que reconhecem e acentuam ora a diferença, ora a semelhança ¹⁹.

C. Kerbrat-Orecchioni (1998: 34-35) comenta esta aproximação entre a carta e o género conversacional para elencar os seguintes pontos:

1. «a carta é um objecto estranho, ao mesmo tempo completo e incompleto», porque:
 - a) Se apresenta como texto com sequências de abertura e fechamento, o que a aproxima da conversação.
 - b) é um texto que só tem sentido na relação que estabelece com um outro texto, anterior ou posterior, o que a aproxima de uma unidade da conversação: a tomada de palavra.
2. a carta é uma forma intermédia entre o dialogal e o monologal, característica heterogénea que lhe advém dessa apenas «meia ancoragem» no discurso conversacional.
3. A lentidão é a principal característica da comunicação epistolar relativamente à conversação ²⁰: «les mots se forment lente-

¹⁹ Juntamos ainda as palavras de Adam (1998: 44): «L'absence de l'interlocuteur et la nature spatio-temporelle de cette séparation sont assurément le trait propre à cette forme de *dialogue différencié*, de conversation écrite fondée sur une absence.» (itálico nosso)

²⁰ A autora analisa também outras características que a fazem divergir da conversação, nomeadamente o carácter premeditado, a situação não partilhada, a natureza simulada da intervenção do outro.

ment, ils s'acheminent lentement, et l'on peut prendre son temps pour y répondre. Lenteur qui peut être vue comme un inconvénient, mais aussi comme un avantage» (p. 35)

Ainda na perspectiva da análise do discurso, o género epistolar surge como área de particular interesse, exactamente pela dimensão de incompletude assinalada por Kerbrat-Orecchioni. Ao postular que o texto de uma carta só tem sentido na relação que estabelece com outro texto anterior ou posterior, revela um dispositivo enunciativo que a análise de outros géneros discursivos têm deixado na sombra²¹. A imagem que o locutor²² (L1) constrói de si e do outro, alocutário, completa-se, com a alteração de papéis comunicativos, na imagem que o outro, alocutário, tornado locutor²³ (L2) constrói em sentido inverso.

Vem a propósito analisar os jogos de relacionamento discursivo em ascensão na sociedade actual, a partir de um critério fundamental: o suporte de difusão do discurso. A sua importância tem sido reiterada com frequência enquanto factor de emergência e estabilização de um género²⁴.

Em termos do género epistolar, o suporte usado tem sido responsável pela sua evolução e diversificação, enquanto conjunto de subgéneros marcados pela relação interaccional. Não é, pois, uma questão recente, antes tem origem no «diferendo» entre o manual e o mecânico, como disse se apercebe Pedro Salinas:

«¿ Qué ocurrirá cuando se intente usar la máquina para una carta originada en el puro deseo de comunicación personal, intelectual y afectiva

²¹ O dispositivo enunciativo é tomado por Adam (1998: 45) como base da existência de subgéneros dentro do género epistolar: «Les variations entre genres épistolaires proviennent des différences entre situations sociales d'interaction.»

²² E que, por sua vez, se baseia na imagem que o locutor faz de si próprio e do alocutário e, ainda, na imagem que imagina que o alocutário tem dele próprio, locutor.

²³ Com base nos mesmos pressupostos que enunciámos na nota anterior, o que permite, nomeadamente, confrontar todas essas imagens que ambos fazem/dão de si e do outro.

²⁴ «Le support joue un rôle fondamental dans l'émergence et la stabilisation d'un genre (...)Le mode d'existence matérielle et le mode de diffusion d'un discours ne s'ajoutent pas à lui de manière contingente, ils interviennent dans sa constitution même: on ne peut pas séparer ce qui est dit des conditions matérielles et institutionnelles du dire.» Maingueneau, 1996: 44 e 55.

con otro ser? (...). Tanto pluma como máquina trazan letras; las dos llenen el papel de signos incluidos in un alfabeto idéntico. Y sin embargo, la distancia entre la persona y los caracteres trazados es incomensurablemente mayor en la escritura a máquina». (Salinas, *El defensor*, *apud* Alvarez, 1994:29)

A Internet avançou na democratização do discurso escrito, ao permitir o acesso a uma nova forma de Inter(net)-comunicação.

Designada pelo cliché de «auto-estrada da comunicação», introduziu, nomeadamente através do correio electrónico, novos dados fundamentais para a configuração do género epistolar:

«... je dirigerai plutôt ma réflexion vers l'hypothèse que l'ordinateur, ce médiateur particulier, modifie notre discours. Notre discours change, devient «autre», de ce fait, notre façon de communiquer à autrui est différente.» (Panckhurst, 1999 :308)

A euforia provocada por este novo meio de comunicação tem vindo, por sua vez, a despertar, no âmbito da análise do discurso, um interesse científico crescente por este domínio, pese embora o estado inicial das investigações. No entanto, é notório que se lhe atribui uma importância decisiva na renovação da comunicação verbal:

«[Ce mode] de discours [communication «médiée» par ordinateur] est plus qu'un moyen intermédiaire entre l'écrit et l'oral ou même plus qu'une synthèse des deux : c'est plutôt un moyen électronique unique qui tour à tour forme des habitudes et en entrave d'autres, ce qui prouve bien que les modes physiques de communication façonnent l'emploi du langage.» (ko, EJC/REC 1996, 6, 3, *apud* Pankhurst, 1999 : 327)

Da sociedade da escrita à sociedade do visual, há todo um percurso que se acompanha de uma deslocação similar da sociedade do privado, do particular, à sociedade do geral. E por isso o correio electrónico recoloca a questão referente ao género epistolar.

A comunicação via *e-mail* torna ainda mais indistinta a dicotomia oralidade/escrita, na medida em que obrigatoriamente em suporte escrito, é um discurso de quase – oralidade: os utilizadores «must use language as if they were having conversation, yet their message must be written.» (Spitzer, *apud* Pankhurst, 1998: 314)

Para além desta imediatez do contacto, que torna ainda mais fluida a distinção referida, distingue-se enquanto potencia uma nova forma de contacto multidireccional, os discursos são potencialmente

plurílogos ²⁵. Novas formas de discurso surgem. Entre a carta privada e o debate público, a ligação «intranet» alarga a comunidade de intervenção, alarga o contexto, nomeadamente os interlocutores.

Com efeito, a possibilidade de criação de listas é um dispositivo que altera significativamente a relação epistolar tradicional. O correio electrónico concentra a possibilidade da carta pessoal com a carta administrativa, e um novo tipo de carta pública que nos interessa em particular. Tal como a carta pública, e em particular a carta aberta, cria um quadro alargado de destinatários mas o suporte e como consequência – pelo menos em parte – o objectivo e a relação estabelecida são específicos.

Em primeiro lugar, o locutor não é necessariamente uma entidade pública reconhecida como na carta aberta e, portanto, não irá assumir necessariamente o papel de porta-voz. Além disso, a possibilidade de alguém se assumir como locutor está dependente de ser membro da lista. Cria-se um novo género de discurso, num espaço discursivo comum, a partir da constituição da lista de endereços em que a comunidade pré-definida se pode encontrar para debater questões ligadas por interesses comuns, designadamente interesses profissionais ²⁶, como veículo, desde logo, de divulgação de informação.

O contexto abre possibilidades para a construção de relações interpessoais pautadas por formalidade, ainda que a distância assim criada seja apenas uma «meia distância»: há um «conhecimento», mesmo que possa ser meramente institucional, do interlocutor.

Em segundo lugar, há obviamente uma falta de privacidade, que afecta os interlocutores envolvidos. Entre o privado do conhecimento do Outro e o público da divulgação, institui-se o risco de falar ²⁷. São discursos do quotidiano, alargamento das discussões tertulianas entre amigos: a conversa «amena», entre a carta e o debate, levada a uma comunidade mais alargada, ou seja, um *forum* de discussão.

²⁵ Esta complexidade interlocutiva é de particular interesse para os analistas da conversação: «l'intérêt s'est porté vers des échanges à plusieurs participants, et en particulier vers des trilogues, lesquels posent un certain nombre de problèmes inconnus des «dilogues», comme l'existence de destinataires distincts n'ayant pas forcément le même statut dans l'interlocution...» (Kerbrat-Orecchioni, 1996: 33)

²⁶ A Intranet é um conceito que surge no âmbito do uso das novas tecnologias pelas instituições e empresas.

²⁷ De que a presente análise é exemplo: o conhecimento do *corpus* em análise só foi possível porque a autora é elemento da lista e, neste caso, foi parte do alocutário colectivo convocado no primeiro documento, e destinatária, ou talvez até eavesdropper, nos dois últimos discursos.

Em terceiro lugar, há uma efectiva flexibilidade que permite a construção de subcomunidades e faz com que uma lista de *e-mail* torne cada elemento que a constitui receptor mas não forçosamente alocutário. A distinção de situações operada por estes conceitos sobrepõe-se e cria um quadro comunicativo²⁸ sobre outro quadro comunicativo, o que dá azo a jogos de interlocução motivados pela intrusão.

Usual em interações conversacionais, mas não em textos escritos, o carácter misto do discurso electrónico, entre o oral e o escrito, potencia o aparecimento de intrusões com consequências fundamentais em termos da construção discursiva. A intrusão é um sinal de desacordo. É o acto de assumir o papel de alocutário, e consequentemente de segundo locutor, em conflito com o primeiro locutor. É um conflito de atribuição de papéis, que resulta de uma incompreensão parcial da intenção do locutor e porque a nomeação do alocutário é o resultado de uma negociação, mesmo que seja implícita na maior parte das circunstâncias²⁹. A não aceitação desse acordo tácito implica polemizar, não o conteúdo discursivo, mas a relação interpersonal estabelecida.

Isto significa que, apesar de se configurar como um «novo» tipo de carta aberta, a comunicação não é indiscriminada, no sentido em que não seleccionaria nenhum «destinatário».

Identificar uma intrusão permite responder a um número significativo de questões relativas ao quadro enunciativo e não recuperáveis nos discursos monologais, onde a negociação com o alocutário é unilateral, ou pelo menos apenas parcialmente explicitada. Recuperando a partir do discurso a imagem que o locutor faz do alocutário, não é possível recuperar a dimensão inversa, só explicitada quando o alocutário se torna por sua vez locutor. A intrusão torna ainda possível conhecer a forma como é negociado o novo papel comunicativo assumido, dado que o novo locutor (L2) se outorga a si próprio uma função comunicativa para a qual não foi nomeado.

²⁸ O quadro comunicativo é constituído por três componentes inter-relacionadas: a) quadro espaço-temporal; b) objectivo da interacção; c) participantes. Quanto maior for o número de participantes, mais complexa é a gestão da interacção verbal.

²⁹ «Pertence ao alocutário o poder virtual da palavra, o poder de se investir, sempre que necessário, do papel do locutor: ouvir a mensagem não é suficiente para que qualquer indivíduo assumo o papel de alocutário. É contudo um poder outorgado pelo locutor; ou, pelo menos, negociado pelo alocutário.» (Marques, 2000: 96)

Entre a carta e o debate informal, a interacção via lista Intranet chega, por vezes, a um discurso polémico, onde a construção da relação passa pela obtenção do direito a ser locutor, porque, como na carta aberta, a intervenção de um elemento não obriga a uma resposta, ainda que a aceite. Quando existe, é reacção efectiva ao primeiro discurso e, por isso, a polémica é nestes casos a forma muitas vezes assumida de interacção.

Parece-nos ser possível ir mais além neste conhecimento a partir da análise de discursos produzidos em suporte electrónico, que usa o *e-mail* e a possibilidade de ligar via Intranet comunidades específicas. Seleccionámos um corpus constituído por uma sequência de três intervenções (três *e-mails*). São discursos exemplificativos de trocas verbais, numa comunidade universitária, constituída por funcionários docentes e não docentes. São, portanto, mensagens electrónicas em contexto universitário, que se caracteriza como um meio heterogéneo, congregando elementos com estatutos sócio-culturais e profissionais divergentes. O objectivo deste serviço electrónico é, em sentido lato, a difusão e discussão de informação relativa, preferencialmente, à vida universitária. Os géneros discursivos que aí ocorrem são, também por isso, variados, desde textos/discursos administrativos e informações gerais até à vertente discursiva aqui em discussão que, adoptando a estrutura composicional da carta, é uma variante da carta aberta, em suporte electrónico e com uma circulação relativamente restrita.

Na construção do dispositivo enunciativo, a definição prévia dos alocutários não é suficiente para estabelecer a rede comunicativa. Como já foi referido, a ligação Intranet institui um conjunto de receptores, introdu-los no quadro comunicativo, mas não faz deles forçosamente alocutários (e locutores). A legitimação do locutor e alocutário assume, pois, uma dimensão fundamental. E é ao nível da relação interaccional que podemos marcar essa negociação, porque é aí que a intrusão se manifesta. Uma boa parte dos esforços comunicativos estão dedicados à construção e confirmação da imagem dos interlocutores. Estas imagens são ainda mais complexas quando o papel interlocutivo não está imediatamente e tacitamente atribuído.

Constituído por três documentos, organizados numa sequência de: intervenção / resposta / réplica, o *corpus* que seleccionámos é um exemplo, interessante e elucidativo, da construção da imagem e legitimação dos interlocutores numa situação de intrusão. Mostra como podem ser negociados os lugares comunicativos. A presença explícita

dos interlocutores num discurso de polémica assumida permite analisar o processo de legitimação, de confirmação, dos papéis comunicacionais.

Deste desencontro sobressai a distinção entre as imagens que cada locutor constrói do outro.

Além disso, ao conjugar o privado e o público, o estatuto social dos interlocutores assume importância particular; não é apenas do que se fala mas de quem fala e, mais do que isso, quem fala torna-se uma questão metadiscursiva central, pela necessidade de se afirmar enquanto locutor de pleno direito.

Para cabalmente entender esta negociação, que progressivamente vai ocupando um lugar central na interacção, é importante considerar a primeira intervenção e o quadro comunicativo construído. (doc.1). O primeiro discurso constitui efectivamente o desencadear de um debate/troca de opiniões que o aproxima da carta aberta, disponibilizada, contudo, em contexto restrito.

Construindo um discurso epistolar, sem a fase <2> a que se refere Adam³⁰, o locutor inicia a sua intervenção com o recurso à modalidade declarativa, que assegura, pela generalização que implica, a presença de uma voz doxal e coloca a interacção a um nível geral, que claramente favorece o processo de argumentação assim iniciado. O locutor opta por um apagamento enunciativo que apoia a estratégia de 'des-subjectivização' ou objectivização do discurso, a partir desse enunciador universal ao qual, desde logo, são agregados nomeadamente os alocutários anteriormente explicitados na superfície discursiva:

- (1) «Uma universidade é acima de tudo o seu ensino e a sua investigação.»

É neste universo discursivo e relativamente a ele que o locutor (L1) se manifesta. E é também em relação a ele que a sua voz se afirma, na autoridade da consonância com esta voz doxal veiculadora de uma tese a defender com argumentos construídos na base do conhecimento e da atitude avaliadora de um enunciador individual a que o locutor se assimila:

- (2) «**Não conheço**, aliás, qualquer outra autonomia universitária, apenas a de um passo de dança no ensino e na investigação.»³¹

³⁰ Não serão alheias a esta ausência, duas ordens de motivos: a) a especificidade deste discurso epistolar que não exige resposta, b) o alocutário é colectivo e, por consequência, o acto de alocução é muito menos invasivo, logo menos necessitado de acto reparador.

³¹ Amarcação em negrito, no conjunto dos exemplos citados, é da nossa responsabilidade.

- (3) «Não **me** parece, no entanto, que o ensino e a investigação tenham na Universidade do Minho a mestria e a leveza de um passo de dança.»

O discurso desenvolve-se num processo recorrente de construção argumentativa: a manifestação da subjectividade deíctica ocorre como reforço de declarações gerais, pretendidamente objectivas, porque enunciadas por uma voz de autoridade, porque doxal, que o locutor convoca para o seu discurso. É uma estratégia de legitimação do locutor e da «bondade» do seu ponto de vista: na alocação a uma comunidade alargada, a credibilização e legitimação como (inter)locutor faz-se do geral para o particular, da modalidade assertiva com valor doxal à modalidade epistémica, com presença explícita do «eu»:

- (4) «**E não vejo** como possa tal autoridade radicar fora das Escolas e dos seus colégios de professores.»

Finalmente, o encerramento do discurso é feito, em primeiro lugar, pela aposição da identificação social do locutor. A «assinatura», sendo pessoal, leva, no entanto, apensa a funcionalização³² do locutor: é enquanto professor universitário que elabora o discurso. Não anulando a primeira vertente, constrói-se explicitamente uma dualidade (e desse modo se torna imperioso reinterpretar a partir daí todo o discurso) que concorre para a construção da imagem do locutor, no cruzamento de duas esferas: a pessoal e a funcional. Contudo, esta última dimensão parece sobrepor-se à primeira, na medida em que o próprio conteúdo referencial discursivo³³ aponta nessa direcção, ao ter como tema a situação na Universidade em momento de eleições. Corolariamente, a imagem do alocutário sai também reforçada, mais nítida, enquanto a construção da imagem de si e do outro se procura adequar aos objectivos da produção discursiva, de que é, aliás, componente fundamental.

³² A funcionalização dos interlocutores é um conceito apresentado por van Dijk: «Functionalization. Actors typically may be identified by what they do, by their profession or what function they have, such as immigrant, representative, chair-person, or teacher.» (*apud*, Marques, 2000: 244)

³³ «Les choix lexicaux ne s'opèrent pas dans la solitude du sujet parlant. Dans la mesure où tout discours est adressé, les choix lexicaux contribuent à construire une image de soi et de l'autre dans la relation.» (Vion: 338)

O ritual de abertura constitui um preâmbulo indispensável ao estabelecimento do contacto ³⁴ e, ao mesmo tempo, pela fórmula de tratamento usada, marca na superfície discursiva o alocutário:

(5) «**Caros colegas professores**»,

que vai sendo (re)nomeado ao longo do discurso:

(6) «Aqui e ali, **caro professor**, é a própria Universidade que lhe sai ao caminho.»

É sempre um alocutário colectivo, referido em (5) e (6), ainda que o uso de plural e singular respectivamente marque uma aparente dissonância. Em termos pragmáticos, há em (6) um TU que é na realidade VÓS.

O alocutário aí nomeado pelo locutor, sendo colectivo ³⁵, não coincide com o formato de recepção pré-estabelecido pela lista Intranet. E por isso, deve salientar-se pelas consequências que traz para a interação, só este alocutário está habilitado para o «direito a tomar a palavra» ³⁶. Um alocutário que é um igual entre iguais, pela relação de igualdade e convivência, ainda que formal, estabelecida ³⁷.

Está assim instituída uma comunidade de interlocução na qual o próprio locutor se insere, através de marcas deícticas diversas: pronomes, determinantes e formas verbais. A explicitação do valor referencial de «Nós» através do aposto «professores», em (8), permite evidenciar o estatuto profissional dos interlocutores e alargar essa identificação a todos os outros deícticos.

O exemplo (9), constitutivo da sequência de fechamento, é o contraponto da sequência inicial, em termos das vozes convocadas.

³⁴ Neste caso com mais acuidade, porque é um discurso construído com base na estrutura epistolar.

³⁵ É uma estratégia com tanto mais significado quanto a existência de mensagens sem qualquer fórmula de tratamento inicial é absolutamente recorrente.

³⁶ Mas, e como referido, porque a nomeação não é unilateral, tem uma negociação subjacente, é necessária a colaboração do outro, uma anuência quase sempre tácita. Aliás, recusar essa nomeação gera uma situação de confronto verbal violento, marcado em expressões como «não quero falar contigo!».

³⁷ Cf. Kerbart-Orecchini (1992: 15): «Les expressions ont généralement, en plus de leur valeur déictique (exprimer la deuxième personne, c'est-à-dire, référer au destinataire du message), une valeur relationnelle: lorsque plusieurs formes sont déictiquement équivalentes (...) elles servent en outre à établir un type particulier de lien social.»

Agora, obtida/pressuposta a adesão, marcada no uso do conector conclusivo «então», é a nova comunidade de opinião que é convocada.

- (7) «Nada tem, pois, de surpreendente que os interesses pedagógicos e científicos da **nossa** academia não sejam aqueles que mais se exprimam na assembleia eleitoral.»
- (8) «**Nós**, professores, Deus seja louvado!, **estamos** dispensados desta prova, não **temos** que falar de estratégia de gestão nem operação administrativa.
- (9) «**Demos**, então, as boas vindas ao Magnífico Senhor Reitor da **nossa** Universidade.

A continuação da interacção discursiva, em diferendo, é permitida por uma não coincidência entre os alocutários nomeados por L1 e o formato de recepção instituído pela lista Intranet. A delimitação operada não se revelou suficiente para efectivamente marcar o alocutário: a negociação dos papéis comunicacionais falhou.

Iniciar o acto de alocação configura-se sempre como um acto invasivo do espaço do outro, na obrigação que cria de aceder a escutar. É por essa razão que, ainda que de formas variadas, e para diferentes graus de «invasão», o locutor procede a um ritual inicial de reparação³⁸ – através de sequências de abertura –, justificadoras do acto de alocação, tanto mais necessárias quando mais do que invasivo o acto verbal se torna agressivo, como se configura no discurso polémico.

O novo locutor (L2) parte dessa justificação e, por isso, focaliza a relação interpessoal.

L2 constrói como sequência de abertura³⁹ um comentário meta-discursivo que verbaliza o processo de interpretação global realizado.

³⁸ Como refere Goffman (1973) estas sequências fáticas, são rituais de cortesia que pretendem «salvar a face» do interlocutor.

³⁹ Apesar de longa, transcrevemos uma citação de Kerbrat-Orecchioni (1992: 221): En ce qui concerne la séquence d'ouverture, ses fonctions que l'on regroupe un peu commodément sous le terme «phatique», sont en réalité multiples et diverses: il s'agit à la fois de rendre possible l'échange et de l'amorcer ; en détaillant un peu les diverses tâches que l'on a à accomplir: assurer l'ouverture du canal, établir le contact physique et psychologique, faire connaissance avec l'autre ou manifester sa reconnaissance de l'autre, « donner le ton », opérer une première mais décisive «définition de la situation » – c'est-à-dire que la phase d'ouverture comporte de nombreuses négociations, explicites ou implicites, en ce qui concerne les identités, la relation, le but de la

Permite-lhe, por um lado, realizar um acto de cortesia, face ao acto invasivo que inicia, particularmente lesivo da face do interlocutor (locutor prévio). Por outro lado, mostra-se como um alocutário privilegiado do discurso anterior, assume que o endereço – a chegada à sua caixa de correio – o ratifica como alocutário, credor do «direito a (re)tomar a palavra», que concretiza através de um movimento avaliativo que, marcado também numa estrutura contrastiva. «No entanto, apresso-me a confessar que não escrevo para queimar incenso em sua honra.», introduz no discurso uma vertente de desacordo, de crítica e, portanto, polémica, centrada no discurso de L1. Finalmente, pelo mesmo movimento discursivo, L2 subordina o discurso de L1 ao seu próprio discurso. Constitui-se como zona de transição para a polémica. Assegura uma base comum para a partir daí divergir.

L2 assume-se como locutor numa interacção que considera estabelecida e, por isso, inquestionável. A contra-argumentação tem por base o desacordo relativamente ao dito – que não ao dizer. A dissociação entre o dizer e o dito é uma estratégia para legitimar a sua intervenção: «salvar a face» do interlocutor e, por contraste, assumir a polémica, balizam o nível em que se situa a relação interaccional, justificando a explicitação e fundamentação de posições assumidas em diferentes momentos da interacção.

Entre o privado e público, o locutor constrói a sua imagem e a do Outro entre duas dimensões de proximidade/distância; familiaridade/formalidade, plasmadas no movimento antitético de funcionalização e pessoalização do outro. As imagens criadas pretendem adequar-se aos objectivos desta troca verbal, são parte integrante do processo de significação. Porque antagonismo e harmonia⁴⁰ são os dois eixos semânticos que suportam a construção polémica do discurso, de modo a preservar uma relação social não coincidente com a relação comunicacional. Mas recobre ainda uma outra dicotomia – a distância constitutiva entre o carácter privado da relação epistolar e o carácter público do seu modo de existência discursiva.

rencontre, son type et son style, et parfois, son existence même: lorsque l'initiative de la rencontre est unilatérale, son responsable a à se faire admettre dans l'espace de l'autre, et à « réparer » par des excuses ou des justifications l'incursion territoriale qu'il inflige à son partenaire».

⁴⁰ Deve estender-se à relação interaccional, o movimento de aproximação e de divergência que caracteriza a contra-argumentação (cf. Fonseca: 1998: 49).

L2 assegura uma imagem positiva e de convívência com o interlocutor, através do comentário inicial. Mas, é uma atitude de avaliação positiva que não tem continuação no desenrolar discursivo. A relação estabelecida é formal e distante:

- (10) «**Caro professor M.**,»
- (11) «**Caro professor**, se a Universidade é sobretudo os seus docentes...»
- (12) «Ora, nestes espaços, **Senhor Professor**, normalmente não há docentes...»
- (13) «Que faremos desta gente, **senhor Professor?**»
- (14) «Mas não se penitencie, **professor M.**»

A primeira nomeação (10) é a inicial, marca o alocutário, daí que use o nome completo aposto à designação funcional. Nos momentos sucessivos de marcação do alocutário na superfície discursiva trata-se unicamente da sua funcionalização. O exemplo (14) inclui uma forma de tratamento em que a distância pareceria atenuar-se não fosse o contexto de ocorrência em final de um enunciado que atribui, em antecipação, um hipotético acto de arrependimento ao alocutário. Um acto tanto mais gravoso quanto significaria, a existir, o reconhecimento e aceitação do ponto de vista de L2. Acresce que esta estratégia coloca o locutor em supremacia, numa pretensa magnanimidade que o alocutário não perdeu.

A fórmula de despedida e assinatura/identificação do locutor confirmam a distinção que temos vindo a apresentar:

- (15) «Aceite as minhas saudações académicas!
A.
Director de Serviços
Sócio n.º 1 da Afum

O locutor constrói uma imagem do seu alocutário inteiramente funcionalizada, porque serve os seus objectivos de contestação de um conceito que envolve precisamente as relações profissionais entre os interlocutores.

A discussão mantém-se, assim, no espaço académico, em que aliás desde o início foi colocada. É por isso necessário completar esta dimensão de representação do Outro com uma outra vertente da relação L – A, marcada no uso de «NÓS»:

- (16) «... como **catalogaremos** os cerca de 600 funcionários...?»
 (17) «...garantem o pagamento do **nosso** vencimento mensal?»
 (18) «Que **faremos** desta gente, senhor Professor?»

O locutor cria, pelo uso da «1.^a pessoa do plural» um grupo de referência que, parecendo englobar os interlocutores ⁴¹ é na verdade agregado ao alocutário, porque constituem actos de acusação/crítica que visam contestar o seu ponto de vista.

As estruturas interrogativas ⁴² acentuam a agressividade da alocação, do mesmo modo que o lugar ocupado pela explicitação do alocutário, gradativamente deslocado do início para o final do enunciado ⁴³.

Merece análise particular, a última ocorrência de «NÓS»:

- (19) «**Demos**, então, as boas-vindas ao Magnífico Senhor Reitor da nossa Universidade...»

O locutor retoma parcialmente a sequência de encerramento de L1 para a «corrigir», integrando-a num contexto que necessariamente lhe altera o sentido a favor da tese agora defendida.

A dimensão pessoal mantém-se contudo na relação «nominal» estabelecida entre os interlocutores. Definido o alocutário individual é também um locutor individual que se mostra, argumentando e, até, dando-se como exemplo da tese que defende:

- (20) «... **apresso-me** a confessar que não **escrevo** para queimar incenso em sua honra. Pelo contrário, **escrevo** desgostoso e triste por **me** sentir ignorado...»
 (21) «Que **serei eu?** Sim, **eu**, que **sirvo** a Universidade...»
 (22) «**Concordo** com o seu passo de dança...»

Mas é, sobretudo como porta-voz de um grupo – o dos funcionários não docentes – que polemiza o discurso. Identificado com o grupo, de que se mostra caso exemplar (21), duplamente se assume enquanto tal:

- (23) « Director de Serviços / Sócio n.º 1 da Afum»

⁴¹ A 1.^a referência discursiva está integrada numa estrutura diafónica, por sua vez enquadrada numa estrutura hipotética, criadora de um mundo alternativo.

⁴² Os dois primeiros parágrafos incluem nove estruturas interrogativas.

⁴³ Sobre a importância do lugar de ocorrência no enunciado, ver Marques (2000).

É por esta dupla identificação que reivindica o direito de falar, o direito de polemizar o discurso do adversário.

O quadro enunciativo não está, porém, completo. L2 não deixa de considerar um terceiro papel comunicativo, quando opta por um suporte de difusão público para uma questão que está fulanizada. A questão coloca-se quanto às características e natureza deste terceiro participante: o de um destinatário colectivo, se o discurso de acusação/crítica a L1 for também de persuasão para os outros, assim constituídos destinatários secundários, ou então o de eavesdroppers, desvalorizando um possível papel interventivo e que, pelo mesmo movimento, colocaria a questão de um quadro comunicativo restrito plasmado num quadro mais amplo, o que anula a relação privado/público.

No último discurso do *corpus* considerado, a dualidade mantém-se: o alocutário (anterior L2) é individual, mas o debate é público.

Este discurso é, em primeiro lugar, a questionação do direito à palavra, estrategicamente apresentada no encerramento do discurso. O locutor redirecciona a argumentação e valoriza a asserção final, como «palavra última» que inviabiliza a continuação do acto discursivo. É finalizadora para o locutor – porque é a tese que culmina todo o processo de argumentação que desenvolveu anteriormente – e para o alocutário, ao destituí-lo da sua função.

Mais do que refutar o discurso alheio, L1 recusa um quadro comunicativo para validar uma outra relação interlocutiva. A continuação discursiva só seria possível neste quadro de discussão, que o agora alocutário (L2) não poderia aceitar sem com isso aceitar também debater a sua própria legitimidade, o seu estatuto no quadro comunicativo.

A polémica nasce de um conteúdo, com L2, mas revela-se, uma questão de interlocução, de selecção do alocutário. O locutor contesta explicitamente a atitude de L2, ao mesmo tempo que apresenta esse desacordo como consensual (exemplos (24) e (25)), pelo uso reiterado da forma verbal «sabe». O resultado é uma imagem desfavorável, por incoerência, do alocutário:

- (24) «O meu amigo **sabe** que me dirigi explicitamente aos meus colegas professores.»
- (25) «Caro Dr. A, o meu assunto é todavia, como **sabe**, o ensino e a investigação»
- (26) «Indo então à única coisa que importa: não se abespinhe, meu amigo, **eu apenas fui ter à roda com o meu par.**»

A deslocação para esta dimensão da construção discursiva marca ainda o dissenso em termos relacionais, enquanto evidencia um conflito de interesses entre a relação interlocutiva e relação social pré-existente entre os interlocutores.

Se é preciso dar uma imagem de si e do Outro adequada aos objectivos específicos da interacção verbal, porque o sentido do discurso é indissociável da construção da relação interaccional, este discurso evidencia aspectos de uma actividade complexa de negociação, que, em muitas circunstâncias, passa despercebida.

L1 retoma a palavra explicitamente para discutir a relação interlocutiva criada, mas fá-lo a partir de uma relação social:

(27) «Dr. A, meu bom amigo»

O recurso a essa relação serve como estratégia de atenuação para a agressividade decorrente da relação interaccional que instaura, pela retoma diafónica ⁴⁴:

(28) «Entendi eu ir à roda com o meu par, e logo você me increpou: alto e pare o baile! Que ideia é essa, senhor professor, de invocar o ensino e a investigação, quando do que se trata é da eleição de um Reitor? Porquê agora os professores, apenas os professores, ...»

O locutor constrói a imagem de um alocutário hostil, nos verbos de comunicação que usa para retomar o seu discurso: «increpou»; «bramou»; «continuou a bramar»; «ameaçando» que justificam a avaliação da intenção comunicativa do seu interlocutor, destinada a «[l]he» pespegar umas fortes bengaladas». Daí a recorrência da marcação de uma relação social de proximidade:

(29) « ...bramou o meu amigo...»

(30) «Eu não escondo a simpatia que tenho pelo Director ...»

(31) «O meu amigo sabe...»

(32) «...como é de bom tom entre amigos...»

(33) « ...e o meu amigo confessava-se ..»

(34) «...o meu amigo saltou da dobra...»

(35) «...o meu amigo manifestamente não cabia em si...»

⁴⁴ Uma diafonia virtual.

- (36) «... Caramba, meu amigo, ...»
 (37) «não se abespinhe, meu amigo...»
 (38) «Receba um abraço do amigo de sempre»

A interacção faz-se contudo numa relação dupla de proximidade/distância ao serviço do tom polémico da interacção e do seu carácter argumentativo. Assumindo-se sempre como «professor», porque daí decorre exclusivamente a legitimidade para considerar o interlocutor como intruso, o locutor mantém actual a funcionalização própria e alheia:

- (39) «É verdade, eu professor me confesso...»
 (40) «Caro Dr. A., o meu assunto é (...) o ensino e a investigação. (...) não posso, pois, deixar de concluir sem colocar de novo o meu amigo na dobra do meu sobretudo»
 (41) « Receba um abraço (...),
 M. (Professor do InstitutoX)

Para o locutor, o discurso do Outro desaparece, secundarizado. Foi refutado isto é, tornou-se insustentável, e a razão fundamental é a ilegitimidade do locutor. Salvaguardada a dimensão do privado, aniquilou-se, por irrelevante, a dimensão pública, da interacção.

O *corpus* que analisámos abre caminho para a discussão de uma série de questões ligadas à interacção discursiva.

Os discursos são variação sobre um modelo ideal. Cada discurso exige/cria o seu próprio espaço e vice-versa. A natureza dinâmica da interacção verbal – lugar de construção do sentido, que não é, portanto, independente dos parâmetros discursivos – impõe ao debate teórico sobre tipologias de géneros discursivos uma atitude também ela dinâmica, que inclua na definição do conceito de «género» a necessidade intrínseca de mudança.

O género epistolar é ilustrativo dessa mudança, que a variação de suporte justifica. Da carta manual à máquina de escrever e ao computador, o espaço comum da NET potencia novas formas discursivas entre a carta aberta e a carta particular, entre o discurso escrito e o oral.

Esta nova forma de comunicação torna obsoleta a afirmação de Kerbrat-Orecchioni sobre a comunicação epistolar. Sobretudo, já não se pode «prendre son temps». O correio electrónico, nas variantes que assume, é mais uma forma de chegar «à imediatez da escrita», e à complexidade relacional do discurso plurilocutores. A intrusão, que aqui exemplificámos, justifica-se porque a indefinição de lugares, deri-

vada do enquadramento espacial e social, dá origem a dois quadros comunicativos, com intervenientes que assumem papéis comunicativos que se podem sobrepor, criando uma indefinição de lugares.

Estamos perante uma nova forma de comunicação que tomou como modelo a conversação face a face, mas lhe acrescentou o carácter público da difusão e a perenidade da escrita, com consequências ao nível da globalidade do discurso.

As novas técnicas de comunicação servem à renovação dos discursos, das relações humanas e, por isso, à renovação da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Jean-Michel. 1990. *Éléments de Linguistique Textuelle*. Liège: Mardaga.
- ADAM, Jean-Michel. 1992. *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- ADAM, Jean-Michel. 1996. «L'argumentation dans le dialogue». *Langue Française* 112. Paris: Larousse.
- ADAM, Jean-Michel. 1998. «Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives». In Siess, Jürgen (org.). *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.
- ALVAREZ, Miriam. 1994. *Tipos de escrito II: Exposición y argumentación*. Arco/Libros, S. L.
- AMOSY, Ruth. 1998. «La lettre d'amour du réel au fictionnel». In Siess, Jürgen (org.). *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.
- BAKHTINE, M. 1984. *Esthétique de la création verbale*. (trad. francesa). Paris: Gallimard.
- BRÈS, Jacques. et al. 1999. *L'Autre en Discours*. Montpellier: Université de Montpellier III.
- BRONCKART, J. -P. 1996. «L'acquisition des discours». *Le Français dans le Monde – le discours: enjeux et perspectives* (numéro spécial) Paris: Hachette.
- FILLIETTAZ, Laurent et al. 1999. «L'hétérogénéité compositionnelle du discours: quelques remarques préliminaires». *Cahiers de Linguistique Française* 21. Genève: Université de Genève.
- FONSECA, Joaquim. 1998. «'Elogio do sucesso': a força da palavra/o poder do discurso. In Fonseca, J. (org). 1998. *A Organização e Funcionamento dos discursos*. Tomo III: Porto: Porto Editora.
- FUENTES RODRÍGUEZ, C. 2000. *Lingüística pragmática y Análisis del discurso*. Madrid: Arco/Libros
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1992. *Les Interactions verbales*. Tome II. Paris: A. Colin.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1996. *Le Français dans le Monde – le discours: enjeux et perspectives* (numéro spécial) Paris: Hachette.

- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1998. «L'interaction épistolaire». In Siess, Jürgen (org.). *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.
- MAINGUENEAU, Dominique. 1984. *Génèse du Discours*. Bruxelles: Mardaga.
- MAINGUENEAU, Dominique. 1996. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Seuil.
- Maingueneau, Dominique. 1998. «Scénographie épistolaire et débat public». In Siess, Jürgen (org.). *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.
- MARQUES, Maria Aldina. 2000. *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar: a organização enunciativa no debate da Interpelação ao Governo*. Braga: Universidade do Minho.
- PANCKHURST, Rachel. 1999. «La communication 'médiée' par ordinateur, un discours autre?». in Brès, Jacques et al. 1999. *L'Autre en Discours*. Montpellier: Université de Montpellier III.
- SIESS, Jürgen (org.). 1998. *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.
- VION, Robert. 2001 « 'Effacement énonciatif' et stratégies discursives ». In ARABYAN et al. *De la Syntaxe à la narratologie énonciative*. Paris: Ophrys.
- VOISIN-ATLANI, Françoise. 1998. «L'instance de la lettre». In Siess, Jürgen (org.). *La Lettre entre réel et fiction*. Caen: Editions SEDES.

ANEXOS ⁴⁵

Doc. 1

«Caros colegas professores,

Uma universidade é acima de tudo o seu ensino e a sua investigação. Quer isto dizer que uma Universidade são sobretudo os seus docentes e os seus alunos. Mas entenda-se, do que deveria tratar-se sempre na Universidade era de um olhar e de um pensamento superiores, um olhar e um pensamento de liberdade inteira, regida pelo exclusivo princípio da autonomia. Não conheço, aliás, qualquer outra autonomia universitária, apenas a de um passo de dança no ensino e na investigação.

Não me parece, no entanto, que o ensino e a investigação tenham na Universidade do Minho a mestria e a leveza de um passo de dança. A Universidade tem hoje o andar canhestro de um pé de chumbo, com a ideia académica a esgotar-se em miudinha estratégia de gestão e em enleante operação administrativa. Por todo o lado, poderosas engrenagens aparelham a Universidade para confiscar, usurpar ou sonegar a autoridade ao ensino e à investi-

⁴⁵ Reproduzimos integralmente os textos, apenas ocultámos, por irrelevante para a análise, a identificação pessoal dos interlocutores.

gação. Apanhados entretanto no vórtice desta intrincada mecânica de produção de controle, as comissões de curso e os conselhos de cursos são desactivados por missão de um secretariado e de outros grupos dirigistas; os conselhos científicos são colocados umas vezes na roda, outras vezes no prego pelo Conselho Académico; as Escolas são sufocadas pelos cuidados intensivos da Reitoria. Nem sombra, pois, de um olhar ou de um pensamento livres. Nenhuma autonomia das Escolas. Nenhuma autonomia dos seus professores.

Entretanto, intimado a instruir o seu quotidiano por uma parafernália de regulamentos, o professor vê todos os instrumentos de assessoria converterem-se em órgãos de tutela, senão em tribunal. Em tribunal administrativo, também em tribunal de contas, e ainda em tribunal de tutela de menores. Há sempre à espreita um qualquer santo-ofício, aninhado num gabinete de serviços centrais, por exemplo nos serviços técnicos, e de um modo geral nos serviços da reitoria, de uma vice-reitoria ou pró-reitoria. E se não é um santo-ofício, é um qualquer engenho de acorrentar professores, uma qualquer maquinação de confiscação da autoridade e de inoculação de irresponsabilidade. Aqui e ali, caro professor, é a própria Universidade que lhe sai ao caminho, e é a bolsa ou a vida: se quer fazer um colóquio ou um seminário, só a troco de uns cobsres pode resgatar um anfiteatro; se quer ter a garantia de um lugar de estacionamento, tem que pagar para ver o espectáculo.

Passo de dança no ensino e na investigação. Um olhar e um pensamento superiores. A autonomia universitária não é outra coisa: é a autoridade pedagógica e a autoridade científica. E não vejo como possa tal autoridade radicar fora das Escolas e dos seus colégios de professores.

Vêm estas considerações a propósito de mais um Magnífico Senhor Reitor, que não tarda estará aí, quase sem a Universidade dar por isso. É muito sábia a Academia que apenas fala de estratégia de gestão e operação administrativa. Bem posta em sossego, a Universidade deve realizar tranquilamente o seu trabalho, deixando àqueles que desde sempre a dirigem o pesado encargo de decidir por ela. Esse não é assunto de que os professores devam ocupar-se. Nada tem, pois, de surpreendente que os interesses pedagógicos e científicos da nossa Academia não sejam aqueles que mais se exprimam na assembleia eleitoral. Nada há de intrigante no facto de nem sequer fazerem parte dessa assembleia aqueles que representam tais interesses ao mais alto nível de responsabilidade, os Directores dos Departamentos, os Directores dos cursos de graduação e pós-graduação, assim como os directores dos centros e núcleos de investigação. A constituição da assembleia eleitoral parece exactamente talhada à medida dessa sábia Academia. Nós, professores, Deus seja louvado!, estamos dispensados desta prova, não temos que falar de estratégia de gestão, nem operação administrativa.

Demos, então, as boas vindas ao Magnífico Senhor Reitor da nossa Universidade, com três vivas de saudação. Viva, Senhor Reitor! De novo: viva, Senhor Reitor! E ainda: tenha longa vida, Senhor Reitor!

M.

(Professor do Instituto X)

Doc. 2

«Caro professor M. ,

Li a sua mensagem com muita emoção Sensibilizou-me a musicalidade do texto, a mestria das entrelinhas, a sabedoria das lições subliminares, a coragem do autor. Abençoado momento de inspiração, o seu.

No entanto, apresso-me a confessar que não escrevo para queimar incenso em sua honra. Pelo contrário, escrevo desgostoso e triste por me sentir ignorado, varrido do seu conceito de Universidade.

Caro professor, se a Universidade é sobretudo os seus docentes e os seus alunos, como catalogaremos os cerca de 600 funcionários que, tal como muitos docentes, garantem uma ligação permanente à Universidade do Minho? Que serão os funcionários não docentes? Coisas? Serventes anónimos? Que serei eu? Sim, eu, que sirvo a Universidade do Minho há vinte e tal anos?

Concordo com o seu passo de dança no ensino e na investigação. Mas o baile académico não se confina ao silêncio de um gabinete de investigação ou às quatro paredes de uma sala de aulas. É mais grandioso do que isso. Decorre também nas bibliotecas, nas bancadas dos laboratórios, nos centros de informática, nas salas de estudo! Ora, nestes espaços, senhor Professor, normalmente não há docentes, há funcionários que servem, que apoiam, que orientam, que controlam, que diariamente ajudam a construir o ideal universitário. E não será Universidade também os esforços dos que garantem o pagamento do nosso vencimento mensal? Dos que organizam horários lectivos e elaboram pautas de exames? Dos que servem num bar ou num refeitório? Dos que garantem o cumprimento das regras de estacionamento nos parques? Que faremos desta gente, senhor Professor?

É evidentemente redutor o seu conceito de Universidade quando omite os funcionários não docentes ou os atira para uma dobra ignorada do seu «sobretudo» («...*uma Universidade são sobretudo os seus docentes e os seus alunos*»). Redutor e elitista. Mas não se penitencie, professor M. A sua omissão foi certamente involuntária. É o fruto de uma certa tradição académica portuguesa que teimosamente persiste, apesar da revolução dos cravos.

Demos, então, as boas-vindas ao Magnífico Senhor Reitor da nossa Universidade, desejando-lhe a força e a lucidez necessárias para promover na Universidade do Minho «... *a pluralidade e livre expressão de orientações e opiniões e a participação de todos os corpos universitários na vida académica comum*...» (art. ° 4. ° dos Estatutos da Universidade do Minho). Talvez assim se acabe de vez com o andar canhestro da academia e se consiga a mestria e a leveza do passo de dança que refere na sua mensagem.

Aceite as minhas saudações académicas!

A.

Director de Serviços
Sócio n. ° 1 da AFUM

Doc. 3

«Dr. A, meu bom amigo,

Entendi eu ir à roda com o meu par, e logo você me increpou: alto e páre o baile! Que ideia é essa, senhor professor, de invocar o ensino e a investigação, quando do que se trata é da eleição de um Reitor? Porquê agora os professores, apenas os professores, se o que importa é um lugar para todos na Universidade?

É verdade, eu professor me confesso, havia imaginado que os interesses primeiros de uma Universidade eram o ensino e a investigação. E na mesma ordem de ideias, confesso a minha culpa, julguei que uma Universidade são **sobretudo** os seus docentes e os seus alunos.

Como assim?! Senhor professor, bramou o meu amigo, logo me alfineando do alto do seu estribo na AFUM, você que é nesta Associação o sócio número um. Porquê agora os professores?, continuou a bramar, ameaçando logo ali rasgar o pano e saltar par fora do meu «sobretudo». Eu não escondo a simpatia que tenho pelo Director [de] (...) e também meu confrade na Associação dos Funcionários da Universidade do Minho (AFUM). Reparou bem, Dr. A. , é isso mesmo, o meu elitismo não me impede de pertencer, com muita honra, aliás, a esta Associação, embora esteja num lugar tão modesto que perdi a conta do meu número de ordem. O meu amigo sabe que me dirigi explicitamente aos meus colegas professores. Mas foi com prazer que o vi chegar ao portaló da minha casa, sem grandes cerimónias, como é de bom tom entre amigos, embora o tivesse feito para me pespegar umas fortes bengaladas. Que ideia era essa de um passo de dança que o excluía da roda a si, que digo eu, que excluía da roda todos os funcionários não docentes? Não senhor, o meu sobretudo era «reductor e elitista», era pano que na Universidade mal dava para umas mangas fanadas. Podia dar para professores, do que aliás você não tinha inteira certeza. Mas, e depois? E os funcionários não docentes, que ficavam todos a nu? É verdade, o pano não chegava para eles e o meu amigo confessava-se «desgostoso e triste». Não posso deixar de concordar, é acabrunhante ficar-se assim publicamente exposto a nu.

Eu falava de um passo de dança no ensino e na investigação, mas o meu amigo saltou da dobra do meu sobretudo para o meio da roda e logo ali quis fazer a demonstração de que, na Universidade, havia outros, muitos outros, que também sabiam dançar, e mais, que o queriam fazer. Aliás, «passo de dança no ensino e na investigação», era mesmo de professores que eu estava a falar? Lançando um olhar desolado pelas bibliotecas, pelas bancadas dos laboratórios, pelos centros de informática, pelas salas de estudo, «espaços onde normalmente não há docentes», o meu amigo manifestamente não cabia em si e, aí sim, por uma vez deu graças a Deus por ser pano de outro fato. Não chegou a dizê-lo, mas via-se que duvidava que a dança pudesse ser alguma vez um golpe de asa de professores.

Não duvido que há muitos professores a quem, definitivamente, lhes fuge o pé no ensino e na investigação. Mas esse não é aqui o ponto. É verdade, também, que não é de exigir o passo de dança apenas aos professores. Há que reclamá-lo de todos e por toda a Universidade.

Diga você, todavia, o que disser, não o levo a sério quando finge acreditar que para mim tudo o que na Universidade não seja professor se constitui em engenho de confiscação da autoridade e em maquinação de inoculação de irresponsabilidade. Conheço suficientemente esta Casa para não ter dúvidas de que mesmo nos seus serviços centrais são muitos os que são capazes de uma flor onde as flores não nascem. O santo-ofício e o tribunal de tutela de menores de que eu falo são figuras através das quais exorcizo engrenagens, funcionamentos (no caso, disfuncionamentos), que, a meu ver, enquistam e desvirtuam uma ideia superior de universidade. É claro que eu não tomo os meus amigos, Directores de Serviços da Universidade do Minho, por uma súcia de torcionários de professores num ninho de sacripantas. Quanta flor não brota em sítios, por vezes de grande aridez, com funcionários de humildade heróica, «que servem, que apoiam, que orientam, que controlam, que diariamente ajudam a construir o ideal universitário!»! Eu não saberia dizer melhor o labor de todos aqueles que, ao lado dos professores, ombro a ombro, com eles constroem a nossa universidade. Por isso limito-me a tomar de empréstimo as suas palavras.

Caro Dr. A, o meu assunto é todavia, como sabe, o ensino e a investigação. Por muito que me custe fazê-lo, não posso, pois, deixar de concluir sem colocar de novo o meu amigo na dobra do meu sobretudo. Insisto no meu ponto de vista: a autonomia universitária é, **sobretudo**, a autoridade científica e a autoridade pedagógica. E isto é ponto assente para mim, o que de melhor se pode exigir de um professor é um passo de dança no ensino e na investigação, ou seja, um olhar e um pensamento superiores. É essa, aliás, a promessa que, pela minha parte, todos os dias me esforço por realizar.

O Dr. A. vê, no entanto, como uma desconsideração que eu me dirija especificamente aos meus colegas professores, esquecendo-me do o convidar também a si para a roda. Diz mesmo que isso é coisa de antes da «revolução dos cravos». Caramba, meu amigo, você não faz a coisa por menos ... Mas eu não vou fazer-lhe a injúria de o imaginar a intimar-me diante de um tribunal político. Indo então à única coisa que importa: não se abespinhe, meu amigo, eu apenas fui ter à roda com o meu par.

Receba um abraço do amigo de sempre,

M.
(Professor do Instituto X)

Composicionalidade, assimetrias e dualidade de funções

VÍTOR MOURA
(Universidade do Minho)
vmoura@ilch.uminho.pt

ABSTRACT

Abstract: A classical way by which philosophers have tried to deal with the problem of propositional unity has been to consider the duality of function attributed to predicates. Predicates refer or introduce the concept into the proposition and are also capable of absorbing the predicative linkage. This function-duality is usually explained by connecting it to the different functions played by the subject and predicate. To explain the difference between the propositional role performed by subjects and predicates has commonly meant to search for some sort of asymmetry between the terms that would eventually explain their mutual dependence. This paper presents, compares and discusses two ways of explaining the propositional nexus by referring it to the subject-predicate asymmetries: Strawson's theory and the Nexus-Dependency theory.

Key-words: «Philosophy of Language; Semantics; Pragmatics; Strawson; Compositionality; Function Duality; Negatability; Compoundability; Nexus-Dependency.»

Uma das formas clássicas através das quais os filósofos têm procurado lidar com o problema da unidade proposicional tem sido a de considerar a dualidade de funções atribuídas ao predicado. O predicado refere ou introduz o conceito na proposição e é também responsável pela conexão predicativa. Esta dualidade funcional é normalmente explicada no contexto das diferentes funções desempenhadas pelo sujeito e pelo predicado. E explicar a diferença no seu desempenho proposicional significa habitualmente procurar alguma espécie de assimetria entre os termos, de modo a explicar a sua mútua dependência. De certo modo, o sentido é uma combinação de duas deficiências relativas, se considerarmos isoladamente o sujeito e o predicado. Eles devem funcionar como complemento um do outro e o cumpri-

mento desta complementaridade chama-se «proposição». Quer porque funcionam diversamente quer porque a sua assimetria proposicional corresponde a uma assimetria ontológica ou categorial naquilo que eles supostamente denotam (particulares ou universais), tem sido assumido que uma explicação cuidada da distinção entre sujeito e predicado constitui um passo importante na direcção da análise da proposição como totalidade.

Neste contexto, irei considerar e comparar duas explicações importantes para a unidade proposicional bem como três tipos de assimetrias por elas consideradas, as quais sustentam a diferença de funções entre sujeito e predicado. A primeira teoria provém do trabalho de Strawson e privilegia dois tipos de assimetrias: (a) a negação como possibilidade para o predicado mas não para o sujeito; (b) a existência de predicados compostos e a sua impossibilidade ao nível do sujeito. A segunda teoria é a chamada teoria da dependência de nexos, a qual se baseia numa assimetria de ordem pragmática. Strawson persegue uma espécie de perspectiva Russelliana sobre o assunto ao propor que a distinção entre sujeito e predicado seja um resultado das diferenças ontológicas entre particulares e universais. A teoria da dependência de nexos relaciona-se com as diferentes explicações causais para a ocorrência do sujeito e do predicado na frase ¹.

1. Termos negados e compostos

Segundo Strawson, a dualidade entre sujeito e predicado e o modo como estes se complementam entre si deve reflectir «algumas das características fundamentais do nosso pensamento sobre o mundo» ², o qual inclui a «dualidade primitiva» entre particulares espaço-temporais e conceitos universais. De modo a explicar a concatenação de sujeito e predicado enquanto diferentes papéis proposicionais, deveríamos, portanto, observar a natureza da relação entre particulares e universais. Assume-se, então, que a assimetria entre os elementos deste segundo par pode ajudar a explicar a necessidade da sua mútua imbricação. O que os particulares não puderem fazer tem de ser providenciado pelos universais, e vice-versa. Strawson também espera que

¹ Cf. M. GIBSON, «The unity of the sentence and the connection of causes», in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. LVIII, n.º4, 1998: p.832.

² P.F. STRAWSON, *Subject and Predicate in Logic and Grammar*, Oxford: Harper & Row Publishers, 1974: 20.

estas assimetrias possam ajudar a localizar qual das expressões é a responsável pelo nexos proposicional e, no limite, ajudar a clarificar a natureza da unidade proposicional.

Na apresentação das assimetrias, começamos por comparar os diferentes modos de posição e combinação dos objectos particulares no espaço físico e as diferentes posições e combinações dos universais naquilo que ele apelida de «espaço lógico». Antes de tudo, devemos reconhecer a noção de «exclusividade mútua no interior de uma gama» (Strawson, 1974: 18) quando falamos de universais, a qual constitui uma diferença essencial em relação ao comportamento dos particulares. Estes exemplificam e são capazes de partilhar entre si inúmeros conceitos gerais. O único limite lógico está no seu respectivo *hic et nunc*, i.e., no facto de nenhum particular poder partilhar o mesmo segmento de espaço e tempo com um seu congénere. Tal como os particulares no espaço físico, os conceitos também ocupam uma *posição* no espaço lógico, não podendo partilhá-la com nenhum outro conceito congénere. Contudo, para além disso, os conceitos também se encontram distribuídos ao longo de uma hierarquia de «gamas» conceptuais. A gama «mamífero» é uma subdivisão da gama superior dos «animais» e encontra-se, por sua vez, subdividida, em outras gamas inferiores, «felinos», «símios», etc.

Se a um particular é dado partilhar com outros um mesmo conceito ou conceitos (e.g., o «gato preto» e a «caixa preta», etc.) dentro de uma mesma gama conceptual, nenhum conceito poderá partilhar particulares com outros conceitos dentro da sua gama, i.e., os conceitos que ocupam as outras *posições* dentro do conceito mais vasto. Pelo menos dois particulares podem exemplificar simultaneamente o conceito «espécie-animal-felino» mas nenhum par de conceitos dentro da mesma gama conceptual «mamíferos» – e.g., «espécie-animal-felina» e «espécie-animal-símia» – poderá ser exemplificado simultaneamente por dois particulares. Consequentemente, se um particular exemplifica «espécie-animal-felina» segue-se que existem outros membros da gama conceptual «mamíferos» que esse particular está logicamente proibido de exemplificar. Contudo, do facto de um universal ser exemplificado por um particular não se segue que existam outros particulares que se encontram logicamente proibidos de o exemplificar. Os conceitos *competem* por particulares mas os particulares não *competem* por conceitos.

Portanto, para todos os conceitos existe sempre um outro que «cobre a totalidade do espaço lógico deixado desocupado pelo conceito de que é o complemento» (Strawson, 1974: 24). Por exemplo, dentro da gama conceptual «mamífero» o conceito-membro «animal com

pêlos» é complementado pelo conceito «animal sem pêlos». Nenhum particular possui um complemento deste tipo.

Existe ainda uma segunda divergência a ser considerada. Em relação aos particulares, um conceito geral pode *impedir* um outro de ocupar a sua *posição* na gama conceptual. Mas pode também implicar um outro conceito ao tornar-se sua condição necessária ou suficiente. Os particulares encontram-se envolvidos em relações de parte e totalidade. O braço de um corpo inclui o antebraço. O mesmo ocorre no espaço lógico. A região lógica ocupada pelo conceito «mamífero» inclui a sub-região da «espécie-animal-felina». Contudo, a semelhança queda-se por aqui. O facto de um particular exemplificar o conceito de ser um tigre constitui uma condição suficiente para também exemplificar o conceito de ser um mamífero, embora a contrária não seja, obviamente, verdadeira. E o facto de exemplificar o conceito de ser um mamífero constitui uma condição necessária para também exemplificar o conceito de ser um tigre. Resumindo: do facto de as regiões conceptuais se incluírem noutras e incluírem outras, segue-se que *a exemplificação de um conceito geral é uma condição suficiente para a exemplificação de todos os conceitos de nível superior dentro do mesmo eixo conceptual* (e.g., «felino» – «mamífero» – «animal» – «ser vivo», etc.), *embora a contrária não seja verdadeira, e uma condição necessária para todos os conceitos de nível inferior dentro do mesmo eixo*. No entanto, se considerarmos o que se passa no caso dos particulares, verificamos que o facto de um particular instanciar o conceito de ser um tigre *não pode* constituir condição suficiente, nem sequer necessária, para que um outro particular também o faça.

As assimetrias reveladas pela metáfora do «espaço lógico» irão ajudar a explicar por que a *negatibilidade* e a *componibilidade*³ apenas poderão ser atribuídas ao predicado, dado que o sujeito especifica o particular e o predicado especifica o conceito geral. Devido ao facto de os conceitos gerais possuírem conceitos complementares ao passo que os particulares não os têm, negar um conceito é obter o seu *anti-conceito*, «e não existe espaço lógico para um terceiro conceito incompatível com ambos» (Strawson, 1974: 24). Fazemos isto linguisticamente ao «afixar um signo de negação à expressão que especifica o conceito original» (Strawson, 1974: 24). A expressão complexa que daí resulta (e.g., «não-branco») subsiste como termo proposicional,

³ *Negatability* e *compoundability*. Cf. P.F. STRAWSON, *Philosophical Logic*, Oxford: Oxford University Press, 1967, pp. 69-88, 96-115.

nomeadamente, como «predicado negativo». Contudo, não existem, obviamente, «sujeitos negativos». Porque os sujeitos portam consigo a função de especificar o particular, e porque os particulares não competem com outros particulares da forma como o fazem os conceitos, ao negar um sujeito não estamos a produzir nenhum tipo de termo ou entidade proposicional. Porque não existe um «anti-João» de que «João» seria o termo contraditório, negar João constituiria o absurdo de produzir uma não-entidade (o que, em si, é já um oxímoro, algo que existe porque não existe) apenas porque o universal de «ser uma entidade» é já um atributo de João.

A segunda assimetria explica por que temos predicados conjuntivos e disjuntivos mas não sujeitos conjuntivos e disjuntivos. De facto, poderíamos ser tentados a falar de «sujeitos compostos» tal como falamos de «predicados compostos»⁴. Poderíamos considerar a ideia de um composto envolvendo dois particulares tais como «Tom e Jerry». Tal como um predicado composto do género de «mamífero e felino», o sujeito-composto determinaria uma «classe de caracteres tais que cada um dos dois indivíduos particulares, *independentemente do* outro, poderia ser consistentemente assignado a qualquer um dos caracteres dessa classe⁵. No caso de «Tom e Jerry» poderíamos ser tentados a dar um segundo passo e a definir o «carácter conjuntivo» de todos os caracteres (i.e., termos gerais) assignados a essa classe. Isto significaria que *qualquer* atributo de Jerry seria também um atributo de Tom, tal como qualquer particular que participe de ser «mamífero e felino» tem de ser, a um tempo, mamífero e felino. Mas isto não é válido para todos os conceitos atribuíveis quer a Tom quer a Jerry quer a ambos. Isto apenas poderia ser verdade se os particulares pudessem manter relações de incompatibilidade e envolvimento com outros particulares *vis-à-vis* conceitos em geral, o que, como vimos, é impossível. A admissão de sujeitos compostos iria conduzir eventualmente ao absurdo segundo o qual, de modo a tornar o composto «Tom e Jerry» um sujeito conjuntivo real e elegível como tal para exemplificar conceitos, «Tom» teria de estar na mesma posição espaço-temporal que «Jerry», pois tal constituiria uma condição necessária para determinar que os atributos assignados ao par seriam assignados independentemente a cada uma das entidades.

⁴ STRAWSON, 1967: 109.

⁵ Cf. Strawson, 1967, 109.

2. A dualidade de funções dos predicados

Regressamos agora à questão de saber a qual dos dois termos proposicionais deveremos atribuir a função de indicar a combinação proposicional. O argumento fundamental de Strawson é baseado no facto de podermos negar universais mas não particulares. Transpondo para termos proposicionais, isto significa que apenas é possível a negação de predicados. Quando queremos formar a contraditória formal de uma proposição dizemos, por exemplo, ou que «não é o caso que o gato seja branco» ou, mais comumente, que «o gato não é branco». Negar o predicado é igual a negar toda a proposição porque o predicado é o único termo que pode absorver a negação. Se seguirmos o isomorfismo de Strawson entre a construção proposicional e a relação dos particulares em relação aos universais, compreendemos porque negar o predicado também significa negar ao particular – a que se refere o sujeito – um *lugar* sob o universal – a que se refere o predicado. Isto significa, por exemplo, que «gato» não cai sob a alçada da posição lógica de «ser branco» mas que é, antes, colocado sob a posição que complementa «ser branco», i.e., «ser não-branco». Uma vez que não possuímos sujeitos negativos, a negação torna-se um atributo assimétrico do predicado. É significativo, a este respeito, que ao agir sobre o predicado, negando-o, também estamos a lidar com o sujeito, atribuindo-lhe uma posição relativamente ao espaço lógico. A negação do predicado estende-se a toda a proposição. É, por assim, dizer, a *vantagem categorial* dos universais quando comparados com os particulares – i.e., o facto de que possuem gamas de incompatibilidade e de envolvimento (cf. Strawson, 1974: p.23) – que, no limite, acaba por explicar a absorção da negação pelo predicado.

Deve ser realçado que a combinação proposicional é basicamente uma forma de mostrar como a combinação de um particular com um universal produz verdade sob um conjunto de condições e falsidade sob outro. Em termos Fregeanos, é através das proposições que nos referimos à verdade ou à falsidade. O facto de sermos capazes, através da negação, de inverter (Strawson, 1974: b31) a relação entre os valores de verdade e as condições de verdade explica muita da importância da negação ao nível da combinação proposicional. De novo em termos Fregeanos, a negação é a melhor maneira de mudarmos o referente da nossa proposição, da verdade para a falsidade, ou vice-versa. O argumento de Strawson resume-se então ao seguinte: (a) é porque existe uma «afinidade natural» entre negação e combinação proposicional (cf. Strawson, 1974: d31), e (b) porque a negação joga

com o predicado mas não com o sujeito que (c) o predicado pode absorver a função de combinação.

As assimetrias de Strawson podem ser desenvolvidas ainda mais. Poderíamos, por exemplo, analisar o modo como o facto de universais complementares *esgotarem* o espaço lógico sob um conceito de gama superior pode ser comparado ao modo como «sujeitos» e «predicados» se comportam entre si no interior da proposição. Para continuar esta hipótese de trabalho, apenas possuímos a *sugestão* lançada (provavelmente sem querer) por Strawson relativamente a uma analogia entre ambas as esferas quando escreve (e por mais do que uma vez) que expressões designando particulares e termos gerais se «complementam» entre si numa combinação proposicional⁶. Ora, como vimos, a complementaridade é uma característica do comportamento dos universais no espaço lógico. Não poderíamos então desenvolver a analogia entre estes dois usos de «complemento» de modo a prosseguir na demanda pela explicação da unidade da proposição?

A mais proeminente característica dos universais quando comparados com os particulares parece ser a da mútua implicação entre conceitos. Os particulares *subsistem* autonomamente ao passo que os universais não podem ser pensados sem os seus complementos. Esta implicação mútua dos universais encontra-se emulada na moldura proposicional. Strawson refere-se ao modo como o predicado contém em si a «maquinaria» que executa a função combinatória. Para começar a funcionar, ele apenas aguarda uma expressão justaposta – o sujeito – com a qual se combinar⁷. Kant parece ecoar aqui: o sujeito é cego sem o predicado e o predicado está vazio sem o sujeito. O facto de não podermos referir-nos à verdade ou à falsidade sem a justaposição de um sujeito e de um predicado é semelhante ao modo como não podemos pensar um conceito sem assumir o seu complemento.

A complementaridade também está ligada à incompatibilidade. Na acepção de Strawson, tornamo-nos conscientes da existência de relações de incompatibilidade entre conceitos quando verificamos como um conceito e o seu complemento *esgotam* o espaço lógico sob um conceito superior (e.g., como «branco» e «não-branco» esgotam o espaço lógico sob «cores») E verificamos isto quando mapeamos tais conceitos sobre o universo dos particulares: nenhum particular pode ser afirmado como «branco» e «não-branco» simultaneamente.

⁶ Cf. Strawson, 1974: 40.

⁷ Cf. Strawson, 1974: 30.

Uma incompatibilidade semelhante pode ser encontrada na relação entre sujeito e predicado no interior do espaço proposicional, nomeadamente, se nos recordarmos da teoria de Frege da dualidade de natureza entre sujeitos (argumentos) e predicados (funções). Segundo este autor, é impossível tratar o predicado ou elemento não-saturado de uma frase como sujeito saturado sem transformar a própria natureza do conceito que estamos a tentar denotar, i.e., «convertendo-o num objecto»⁸. Assim sendo, é impossível falar de funções e conceitos porque eles não conseguem funcionar como sujeitos lógicos, dada a sua natureza insaturada. De «Bucéfalo é um cavalo» não podemos, estritamente falando, afirmar «Cavalo é um conceito» porque estaremos, nesse passo, a destruir o papel do conceito *qua* conceito a que estamos a tentar referir-nos. Nesta segunda frase, «cavalo» sempre nomeará um objecto «apesar de a minha intenção ser a de nomear um conceito»⁹. Isto é, nenhum termo pode preencher simultaneamente o papel de sujeito e o de predicado. De certa forma, a proposição poderia ser comparada àquele conceito de gama superior sob o qual os sub-conceitos se envolvem em relações de incompatibilidade e de envolvimento.

Tal como os conceitos competem por particulares, assim também sujeito e predicado, enquanto funções proposicionais, competem pelos termos que sob eles caem.

Este é um modo de desenvolver a analogia entre «complementaridade» e «incompatibilidade» entre universais e a «complementaridade» e «incompatibilidade» entre sujeito e predicado. Se tiver sucesso, será que é capaz de se constituir como outro modo de suportar a dualidade de funções do predicado? Em sua defesa, registre-se que, enquanto expressão que refere o conceito, o predicado contém um elemento que participa dos mesmos atributos que são essenciais para o funcionamento das proposições, nomeadamente complementaridade e incompatibilidade.

Outra possibilidade de desenvolver o argumento de Strawson consiste no recurso à assimetria relativa à composição (*componibilidade*). Quando articulamos um predicado composto, tal como «peludo e negro», estamos a referir-nos a um conceito composto. Se for projectado sobre o universo dos particulares, tal conceito delinearé uma

⁸ G. FREGE, «On Concept and Object», P. Geach and M. Black (eds.), Oxford: Basil Blackwell, 1960.

⁹ Frege, «On Concept and Object», p.54.

gama de particulares que o exemplificam. Tal como vimos, nada de semelhante existe no caso dos particulares. Ora, uma proposição é também uma «combinação» e quando afirmamos «Tom é peludo e negro» e projectamos esta proposição sobre o universo de estados de coisas, também estamos a delinear uma gama específica de elementos que deverão ser considerados como condições de verdade da proposição. Qualquer particular subsumível por «negro e peludo» tem de ser negro e peludo. Qualquer estado de coisas subsumível por «Tom é peludo e negro» também terá de ser uma combinação de ser Tom, peludo e negro. Tanto os universais compostos como as proposições funcionam como *filtros* quando projectados sobre o domínio dos particulares ou estados de coisas, seleccionando uma gama de itens que ora exemplificam o conceito ora funcionam como condições de verdade da proposição. A analogia entre as condições de verdade de uma proposição e os particulares que exemplificam um dado objecto composto, pode ser também apresentada como uma forma de reforçar a dualidade de funções do predicado segundo a teoria Strawsoniana das assimetrias, uma vez que nenhuma combinação de sujeitos é possível.

3. Um problema envolvendo o argumento de Strawson

Um eventual problema com a teoria de Strawson deriva da sua escolha de uma espécie semântica de explicação para a unidade proposicional. A complementaridade entre universais, e portanto a explicação das relações de incompatibilidade e envolvimento, requer a consideração de um «espaço lógico» distinto e introduz, em particular, a noção de uma gama lógica superior que é subdividida em distintos *slots* ocupados e disputados pela gama imediatamente inferior de universais. A teoria de Strawson depende desta assumpção de modo a caracterizar a especificidade do espaço lógico relativamente à esfera dos particulares e, desse modo, a *vantagem* categorial dos universais – negatibilidade e componibilidade – que será em seguida incorporada no predicado e usada para explicar a dualidade de funções do predicado que garante a unidade da proposição.

Mas não constituirá tudo isto um fardo demasiado pesado colocado sobre a noção metafísica e para-aristotélica do «conceito de gama superior»? Poderíamos inclusive adoptar a terminologia de Aristóteles e falar da relação entre «género próximo» e «diferença específica» de modo a catalogar e a dispor ao longo de uma hierarquia o espectro dos universais através do espaço lógico. A «diferença específica» é, de

facto, o que nos permite distinguir os *slots* lógicos no interior de um género mais elevado, possibilitando deste modo a incompatibilidade entre os universais em relação aos particulares. A noção metafísica de «diferença específica» e o modelo Aristotélico de Definição metafísica foram questionados, por exemplo, no *Caderno Castanho* de Wittgenstein. Aí, encontramos uma explicação alternativa para a reunião dos particulares sob universais. Esta categorização já não é entendida como resultado de um *hypokemeinon* comum que serve para distribuir particulares sob universais e para distribuir universais sob universais de gamas superiores. A identidade é substituída pela ambiguidade de «ares de família» entre os fenómenos. Isto significa que a articulação do «espaço lógico» é sobretudo um feito linguístico, e não algo de metafísico e pré-estabelecido. Estabelecemos relações entre palavras porque fomos, em larga medida, treinados para o fazer. E quando questionados sobre o motivo por que o fazemos, somos capazes de apresentar razões mas não causas «categoriais».

4. A teoria da dependência de nexa

Se aceitarmos os argumentos de Wittgenstein, devermos procurar a causa da dualidade de funções do predicado e da unidade proposicional não na referência categorial entre os termos que especificam o particular e o conceito mas na forma como explicamos, i.e., damos razões para usar as palavras tal como as usamos. Isto significa perseguir um tipo de explicação pragmático.

Isto mesmo é o que a teoria da dependência de nexa se propõe alcançar.

A teoria relaciona a unidade da proposição com o «acto de fala» no qual ela é expressa. Tal compreende não apenas o acto de dizer algo mas também o «contexto» que rodeia a elocução. Isto permite-nos falar de um «sujeito pragmático» e de um «predicado pragmático» que não coincidem necessariamente com o sujeito e predicado gramaticais. Por vezes, eles podem mesmo «trocar de lugar» no interior da mesma frase¹⁰. Alguém diz: «O meu gato é branco.» O «sujeito pragmático» coincide com o sujeito gramatical se a elocução se seguir a uma questão tal como «De que cor é o seu gato?». Coincidirá, no entanto, com o predicado gramatical se se seguir a uma questão como «Existe um animal branco na vizinhança?». No primeiro caso, a

¹⁰ Gibson, 1998: 833.

«informação nova» – i.e., o predicado, i.e., o que está a ser dito de algo que já conhecemos – é transportada por «branco». No segundo caso, é transportada por «o meu gato».

A tese principal desta teoria está em que as diferenças funcionais entre tais termos «se encontram associadas com as explicações causais diversas para a sua ocorrência na elocução típica da frase»¹¹. E uma vez que as assimetrias entre o comportamento proposicional de sujeitos e predicados visam habitualmente explicar a unidade da proposição, segue-se que tal unidade deve surgir da forma como explicamos causalmente a elocução desses dois elementos.

Ora, estas «explicações causais» deverão ser entendidas mais à maneira das causas ontológicas de Strawson ou mais à maneira das «razões» Wittgensteinianas? Ou seja, qual é o *modo* de explicação que usamos para responder à questão de saber «como é que o predicado faz uma atribuição ao objecto referido pelo sujeito?».

Note-se que as assimetrias funcionais entre sujeito e predicado já não se encontram relacionadas com uma distinção metafísica. A assimetria é a assimetria entre as explicações respectivas para o sujeito e para o predicado. E tal assimetria consiste no facto de existir uma «variabilidade potencial num elemento predicativo em comparação com uma certa estabilidade do elemento do sujeito»¹². Se respondemos «O gato é branco» à questão «De que cor é o gato?» dizemos «O gato» porque este constitui o tópico. Não o dizemos porque acontece que o gato é branco. Mas dizemos «branco» porque acontece que essa é a cor do gato. Assim, a explicação causal do predicado está dependente da explicação causal do sujeito, mas não vice-versa. A dependência de nexos não é, portanto, simétrica. E mesmo no caso de enunciados falsos – tal como confundir, deliberadamente ou não, «branco» com «cinzento» ou «gato» com «esquilo» – continua a ser válido que a elocução do predicado tem de estar ligada causalmente à elocução do sujeito, ou arrisca-se a não ser sequer uma parte do mesmo acto de fala.

Há diferenças importantes entre este tipo de assimetria e as assimetrias propostas por Strawson. Em primeiro lugar, estamos a lidar com assimetrias entre elocuições. O facto de estarmos a lidar com a «causa do sujeito» e a «causa do predicado» e não propriamente com o «sujeito» e o «predicado» *tout court* significa que não estamos a

¹¹ Gibson, 1998: 832.

¹² Gibson, 1998: 835.

aludir às suas propriedades semânticas mas aos feixes de nexos que constituem o ambiente pragmático que envolve a elocução. Estamos, por assim dizer, um nível *abaixo* do metafísico, ao nível da explicação pragmática, pois é a este nível que é efectuada a conexão entre a expressão do predicado e o objecto a que nos referimos.

Não queremos dizer simplesmente que o objecto *gato* active o sujeito «gato» ou que a propriedade *ser branco* active o predicado «branco». É claro que ambas as entidades são importantes para a explicação da elocução. Mas são-no porque constituem parte do contexto de elocução, ou acto de fala. E é a este ambiente pragmático que nos referimos quando procuramos uma explicação para o sujeito e para o predicado na nossa elocução, e, no limite, pela unidade da proposição. A tese metafísica de que o particular constitui uma exemplificação do universal, e de que é esta exemplificação que se encontra reflectida na relação entre sujeito e predicado acaba por se tornar apenas um exemplo da relação em que os constituintes da dependência de nexos se podem colocar¹³. E se a causa do predicado estará inevitavelmente dependente da causa do sujeito, poderíamos acrescentar que a causa do sujeito – i.e., a introdução daquilo sobre o qual versa o enunciado – está dependente da causa de toda a proposição. Por exemplo, a questão posta pelo polícia: «Sabe se existem animais brancos na vizinhança?». Mais exactamente, a explicação causal do sujeito invoca todo o contexto de elocução do qual a dependência de nexos é um elemento, embora um elemento fundamental.

No caso de Strawson, a unidade da proposição está ligada à explicação causal da dualidade de funções do predicado na proposição. Porque especifica o universal, ele absorve a sua vantagem categorial – i.e., negatibilidade e componibilidade – e, portanto, é também capaz de assumir a responsabilidade pela ligação predicativa. No caso da teoria de dependência de nexos, a unidade da proposição está ligada à pragmática *dualidade de funções* da causa do sujeito. Porque explica a elocução do sujeito – i.e., aquilo de que estamos a falar, o que se liga directamente a todo o contexto de elocução – também é capaz de explicar a causa de elocução do predicado.

Significativamente, se considerarmos as assimetrias de ordem semântica, a causa da unidade proposicional é de ordem categorial e encontra-se reflectida na dualidade de funções do predicado. Se considerarmos as assimetrias de ordem pragmática, a causa é da ordem do

¹³ Gibson, 1998: 838.

nómico, do normativo, i.e., garante a dependência de nexos entre as causas pragmáticas do sujeito e do predicado.

Temos então, entre ambas as posturas analíticas, uma assimetria de assimetrias. Numa, o predicado tem uma função dual: refere-se à sua causa (o universal) e absorve por isso a função da conexão prediativa. O predicado é o elemento predominante. Na outra, a dualidade está na causa do sujeito: causa o sujeito e causa a causa do predicado. A causa do sujeito é o elemento predominante.

Seria possível reunir ambas as dualidades numa explicação unificada da unidade proposicional? Parece que a prioridade dada em cada teoria, relativamente, quer à causa do sujeito quer ao predicado é ilustrativa da dificuldade de tal tarefa. Não se trata apenas de duas apresentações de duas assimetrias diferentes mas diferentes modos de pensar o que é assimétrico.

No caso da teoria da dependência de nexos, a elocução do sujeito pressupõe um contexto específico (a questão do polícia, por exemplo) e a conexão assimétrica entre a causa do sujeito e a causa do predicado é apenas um constituinte dessa totalidade pragmática, i.e., um segmento do acto de fala. Porque o modo de explicação é pragmático, torna-se claro que a causa do sujeito tem de ter prioridade pois *impulsiona*, por assim dizer, toda a elocução, i.e., é aquilo de que estamos a falar.

No caso das assimetrias de Strawson, é o predicado que introduz ou especifica o todo proposicional de que o sujeito é apenas um ingrediente (e.g., «X é branco»). Estamos a inquirir propriedades semânticas e não ambientes pragmáticos. A vantagem ontológica dos universais em relação aos particulares é transformada na vantagem semântica da dualidade de funções do predicado.

Parece razoável concluir que, de um ponto de vista pragmático, é o predicado que depende do sujeito e que, de um ponto de vista semântico, é o sujeito que preenche o espaço vazio providenciado pelo predicado, dado o carácter mais dúctil do espaço lógico.

As duas teorias opõem-se entre si. Em termos de vantagens relativas, e porque não requer o aparato categorial da relação entre o espaço dos particulares e o espaço dos universais, a teoria da dependência de nexos torna-se metafisicamente mais económica que a tese de Strawson. Mas isto constitui, já, assunto para outros inquiridos.

BIBLIOGRAFIA

- S. CANDLISH, «The unity of the proposition and Russell's theories of judgment», in *Bertrand Russell and the Origins of Analytical Philosophy*, R. Monk e A. Palmer (eds.), St. Augustine's Press, 1996, 103-135.
- P. CARRUTHERS, «On concept and object», in *Theoria*, vol. XLIX, parte 2, Lund: Filosofiska Institutionen, 1983, 49-85.
- G. FREGE, «On Concept and Object», in *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*, P. Geach and M. Black (eds.), Oxford: Basil Blackwell, 1960, 42-78.
- G. FREGE, «On Sense and Reference», in *Perspectives in the Philosophy of Language – A Concise Anthology*, R. Stainton (ed.), Broadview Press Ltd., 2000, 45-64.
- M. GIBSON, «The unity of the sentence and the connection of causes», in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. LVIII, n.º4, 1998.
- H. P. GRICE, «Meaning», in *Readings in the Philosophy of Language*, J. Rosenburg e C. Travis (eds.), Prentice-Hall, Inc., 1971, 436-444.
- L. LINSKY, «The Unity of the Proposition», in *Journal of the History of Philosophy*, vol. XXX, n.º 2 (Abril), Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, 243-273.
- G. RYLE, «The Theory of Meaning», in *Philosophy and Ordinary Language*, C. Caton (ed.), Chicago: University of Illinois Press, 1963, 128-153.
- B. RUSSELL, «Descriptions», in *Readings in the Philosophy of Language*, J. Rosenburg e C. Travis (eds.), Prentice-Hall, Inc., 1971, 166-175.
- B. RUSSELL, *Principles of Mathematics* (Capítulo IV: «Proper Names, Adjectives and Verbs»), London: Routledge, 1992.
- B. RUSSELL, *Problems of Philosophy* (Capítulo XII: «Truth and Falsehood»), Nova Iorque: Galaxy Books, 1959.
- P. F. STRAWSON, *Subject and Predicate in Logic and Grammar*, Oxford: Harper & Row Publishers, 1974.
- P. F. STRAWSON, *Philosophical Logic*, Oxford: Oxford University Press, 1967.
- J. COOK WILSON, «The Distinction of Subject and Predicate in Logic and Grammar», in *Statement and Inference with Other Philosophical Papers*, Oxford: Clarendon Press, 1926, 114-137.

Apelidos Portugueses (Concelho de Braga)

«Vá pelos seus dedos»

ANTÓNIO PEREIRA
(Universidade do Minho)
acpereira@ilch.uminho.pt

ABSTRACT

Anthroponomical studies in Portugal still don't count with a meaningful number of interested researchers. Better times are coming ...

The paper hereby presented is concerned with the specific field of Portuguese surnames. Perusing the phonebook «Minho e Douro Litoral, 2002-2003» (phonebooks are the outstanding source in anthroponomical studies) the ten more frequent surnames in this region were collected in order to carry out a predominantly linguistic (etymological) study.

Despite the apparent insignificance of the sample (condoned to predefined regional and numerical body) it, however, seems to reflect the popularity of some of the national surnames and, above all, it may well serve as a starting point for further studies in the realm of onomastical studies.

Key-words: nickname, surname, Anthroponymy/Anthroponymus, Dictionary, Etimon/Etymology, Genealogy, First Name, Onomastic, Toponym.

1. Introdução

1.1. A Antroponímia em Portugal

Num artigo breve mas muito elucidativo («A investigação antroponímica em Portugal», em KREMER: 10-13), Ivo Castro chama a atenção para o começo auspicioso dos estudos antroponímicos em Portugal com Leite de Vasconcellos e a sua monumental *Antroponímia Portuguesa* (1928). Outros nomes se lhe seguiram como Antenor Nascentes, Joseph M. Piel e José Pedro Machado, mas, conclui Ivo Castro,

ainda «muito está por fazer no campo da antroponímia portuguesa» (*Ibidem*: 13).

Depois destas palavras publicadas em 1990, o que mudou no panorama onomástico português? Não muito, infelizmente, até porque o grande timoneiro continua a ser o próprio Ivo Castro, professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É verdade que novos investigadores vão surgindo e que alguns artigos se vão publicando, mas os resultados visíveis da investigação destes últimos anos são ainda escassos – um dos exemplos mais significativos é, provavelmente, a obra de Naidea Nunes intitulada *Antroponímia primitiva da madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)* de 1999¹. Talvez não seja pretensiosismo nosso referir um trabalho que concluímos em 1997 e que consiste na Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica apresentada à Universidade Católica Portuguesa – esse trabalho inédito tem como título *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci- Brancuti): Génese e Actualidade da Antroponímia nas «cantigas d'Escarho e de Mal Dizer»*.

Apesar deste panorama pouco abonatório, acreditamos que, à semelhança do que está a suceder um pouco por toda a Europa, também em Portugal a Antroponímia e a Onomástica em geral irão conhecer melhores dias².

1.2. *As Listas Telefónicas como fonte para os Estudos Antroponímicos*

Não tem sido novidade o recurso às Listas Telefónicas para o estudo da Antroponímia Portuguesa. M. Valentina Ferreira, por exem-

¹ Esta obra foi preparada com a colaboração de Dieter Kremer (Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1999).

² A Universidade de Compostela, por exemplo, tem sido um pólo aglutinador de eventos onomásticos ao mais alto nível. Basta recordar, primeiro, o «Congresso Internacional de Ciências Onomásticas», realizado naquela Universidade em Setembro de 1999 e que reuniu 306 especialistas procedentes de 38 países (Cf. *Actas del XX Congreso Internacional de Ciências Onomásticas*, ed. de Ana Isabel Boullón, Biblioteca Filológica Galega, A Coruña, 2002), e, depois, o recentíssimo «Congresso Internacional de Onomástica Galega Frei Martín Sarmiento», também realizado na Universidade de Santiago, nos dias 2, 3 e 4 de Setembro de 2002 e onde nós participámos com o texto «Génese e Actualidade da Antroponímia Galego-Portuguesa: Alguns dos mais antigos textos escritos em galego-português». Mais do que o número e a procedência dos participantes, agradou-nos assistir a comunicações entusiasmadas de investigadores muito jovens.

plo, num artigo intitulado «Colectânea de fontes para o estudo da antroponímia portuguesa (Subsídios)» (em KREMER: 180-188), reúne «fontes» já mencionadas por Leite de Vasconcellos, Joseph M. Piel, P. Cunha e Serra, Dieter Kremer e J. P. Machado, juntando outras da sua responsabilidade. Divide-as em «Fontes históricas» e «Fontes actuais» – é nesta segunda secção que ela inclui as Listas Telefónicas.

Para além da fácil acessibilidade, estas listas são, de facto, um importante repositório dos apelidos usados pelos Portugueses. Mas é claro que não cabe nos objectivos deste nosso breve trabalho um tratamento alargado de todos os apelidos que figuram nas Listas Telefónicas. Por isso, escolhemos a região do «Minho e Douro Litoral» (2002-2003), mais especificamente o concelho de Braga: primeiro pela razão anteriormente apontada – a dos objectivos modestos deste estudo –, e depois por causa daquilo a que Fernão Lopes chamava de «natural afeição» (eu sou natural do concelho de Braga). Além disso, pela experiência que fomos adquirindo, parece-nos que os apelidos mais usados nas várias regiões de Portugal não diferem muito entre si. Assim, procederemos ao apuramento dos dez apelidos mais frequentes no concelho de Braga através da contagem manual³ – daí a razão do subtítulo deste trabalho («Vá pelos seus dedos»). De seguida, faremos um tratamento linguístico desses mesmos apelidos, mas não só: para além da secção dedicada à etimologia, reservaremos uma à genealogia (no intuito de obter dados sobre os primeiros usos dos apelidos)⁴.

2. Apelidos do Concelho de Braga (2002-2003)

2.1. Apuramento de dados

Antes de procedermos ao levantamento dos apelidos e do número de ocorrências, convém recordar que as freguesias pertencentes ao

³ Depois de diversos contactos telefónicos com algumas instituições, como a «Páginas Amarelas, S.A.», verificámos que o acesso às listas informatizadas seria muito demorado e dispendioso. Daí termos optado por um «corpus» mais reduzido (o do Concelho de Braga) e por uma contagem manual do número de apelidos.

⁴ Apesar de parecerem pouco linguísticos, estes domínios (o da genealogia e o das personalidades) têm surgido nas publicações mais recentes. É o caso do *Diccionario dos Nomes Galegos* (Ir Indo Edicións, 1992), da responsabilidade de grandes especialistas galegos como Ana Boullón Agrelo e Xesús Ruibal. Para além do «Étimo», este dicionário refere para cada nome a «História ou lenda», a «Iconografia», a «Festa» e as «Correspondências» (em diversas línguas).

«Concelho de Braga» e que figuram na Lista Telefónica «Minho e Douro Litoral» (2002-2003) são as seguintes:

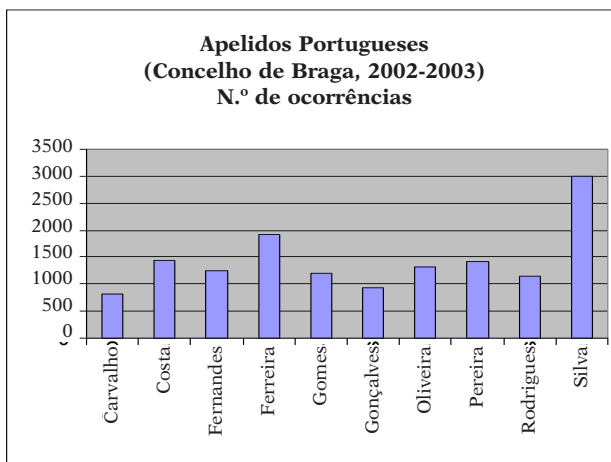
Adaúfe, Arentim, Aveleda
Braga⁵
 Cabreiros, Celeirós, Crespos, Cunha
 Escudeiros, Esporões
 Figueiredo, Fradelos
 Guisande
 Lamas
 Mire de Tibães, Morreira
 Navarra
 Padim da Graça, Palmeira, Panóias, Parada de Tibães, Passos (S. Julião) Pedralva, Penso (Santo Estêvão), Pousada, Priscos
 Ruilhe
 Santa Lucrécia de Algeriz, São Mamede Este, São Paio Merelim, São Pedro Merelim, São Pedro Oliveira, São Vicente Penso, Sequeira, Sobreposta
 Tadin, Tebosa, Trandeiras
 Vilaça, Vimieiro.

Feito o levantamento dos apelidos e fixado o número de ocorrências, verificamos que os dez apelidos mais frequente são os seguintes (por ordem alfabética):

Apelidos	N.º de Ocorrências
Carvalho	817
Costa	1437
Fernandes	1235
Ferreira	1913
Gomes	1192
Gonçalves	945
Oliveira	1313
Pereira	1415
Rodrigues	1161
Silva	3003

⁵ Nesta designação abrangente, incluem-se as seguintes freguesias: Arcos, Cidade, Dume, Espinho, Ferreiros, Fraião, Frossos, Gondizalves, Gualtar, Lamações, Lomar, Maximinos, Nogueira, Nogueiró, Real, Sé, Semelhe, S. João do Souto, S. José de S. Lázaro, S. Pedro Este, S. Vicente, S. Vítor e Tenões.

Apresentando graficamente estes mesmos resultados, facilmente depreendemos que o apelido *Silva* é de longe o mais popular (com 3003 «assinantes»), seguido de *Ferreira* (com 1913), *Costa* (com 1437), *Pereira* (1415), *Oliveira* (1313), *Fernandes* (1235), *Gomes* (1192), *Rodrigues* (1161), *Gonçalves* (945), e, finalmente, *Carvalho* (817).



Apesar da insignificância da amostra (apenas os dez apelidos mais frequentes de uma área geográfica e de um período restritos – «Concelho de Braga», 2002-2003), a verdade é que no total contabilizámos 14431 «assinantes».

Outros apelidos havia com um número significativo de ocorrências, como *Araújo* e *Ribeiro*, por exemplo, mas, como já foi referido, tínhamo-nos proposto contemplar apenas os dez mais frequentes.

2.2. Tratamento Linguístico

2.2.1. CARVALHO

a) *N.º de ocorrências*: 817

b) *Etimologia*: Antiga alcunha. Do s.m. *carvalho* (nome de árvore), de origem controversa, mas possivelmente pré-romana ⁶: *Carabali* em

⁶ Para além de MACHADO 1967, também os dicionários *Aurélio* (Ver FERREIRA) e *MICHAELIS* defendem uma origem pré-romana para o vocábulo *carvalho*. Já o *Dicio-*

1258, *carvalho* em 1387 («Gonçalo annes *carvalho*») (MACHADO 1967 e 1984). A propósito dos apelidos de origem geográfica e étnica, VASCONCELLOS (162,163 e 1264) refere que termos como *Carvalho* «na origem são geográficos»: «Johannes de *Carvalio*», um indivíduo de «classe modesta» (no ano de 1220). Quanto à presença da preposição *de* nos apelidos geográficos, acrescenta que ela tende a desaparecer. Desta apresentação se depreende que o topónimo *Carvalho* (também ele do s.m. *carvalho*) ocorre bem mais cedo que o apelido: *Carbalio* em 985, *Karualio* em 1128, *Caruallo* em 1129-1135 e *Carvalho* em 1141. Actualmente, quer no singular, quer no plural, o topónimo é muito frequente em Portugal. Atendendo a algumas das formas que o vocábulo *Carvalho* foi apresentando ao longo dos tempos (*Carbalio* > *Caruallo* > *Carvalho*), podemos realçar fenómenos de alteração fonética como a velarização da oclusiva bilabial [b] e a palatalização do grupo líquida-palatal [li].

c) *Genealogia*: De origem toponímica, este apelido figura já num documento de Junho de 1131: «a doação que fez Paio Gonçalves de tudo que tinha na Vila de Midões, com parecer de seus amigos Garcia Pais e Paio *Carvalho*» (VERBO *Edição Século XXI*, 6, cols. 156-176). É possível que, apesar da ausência da preposição (*Paio de *Carvalho*), o apelido tenha neste caso um significado marcadamente toponímico.

2.2.2 COSTA

a) *N.º de ocorrências*: 1437

b) *Etimologia*: Antiga alcunha, o apelido *Costa* provém do topónimo com o mesmo nome (frequente em Portugal, na Galiza e no Brasil). Na origem encontramos o s.m. *costa*, este do latim *costa* (*costa*, -ae, f.), «costela; fig., lado, flanco» (cf. GAFFIOT). Depois, nos idiomas românicos, aplicou-se às vertentes dos montes, às ribas junto ao mar e ao próprio litoral. Neste sentido, o vocábulo, inicialmente como alcunha, designaria não necessariamente uma povoação de nome *Costa*, mas o facto de a pessoa visada provir do litoral. A ser assim, terão sido os habitantes do interior os primeiros a aplicar a alcunha àqueles que, por oposição, estavam associados às zonas costeiras. Mantém-se ainda

a hipótese de se tratar de adaptação do apelido francês *Coste*⁷. Atendendo à origem etimológica do apelido, a forma *Costa* não sofreu alterações fonéticas significativas: *Costa* em 1265, por exemplo («Martim Mendiz da *Costa*»); *Costa* na actualidade (cf. MACHADO 1984).

c) *Genealogia*: Claramente de origem toponímica, ora a designar uma localidade de nome *Costa*, ora com o sentido de «litoral» ou até «encosta», o apelido *Costa* terá muito provavelmente dado nome a mais do que uma família. Em Portugal, a primeira pessoa com este nome terá sido Gonçalo da *Costa* que, em 1154, figura na escritura do couto do Mosteiro de Semide. Alguns estudiosos dão-lhe solar junto da *Costa*, em Guimarães, outros numa vila da *Costa* do concelho de Esgueira (cf. VERBO 8: 249-301).

2.2.3 FERNANDES

a) *N.º de ocorrências*: 1235

b) *Etimologia*: Antigo patronímico de *Fernando*, *Fernandes* é hoje um dos apelidos mais frequentes. Como formas mais antigas, contamos com *Fernandiz* (915 e 1265), *Fernandit* (926), *Frenandiz* (981) e *Fernandici* (1078). Segundo VASCONCELLOS (p. 113), os patronímicos em *-ici*, *-izi*, *-iz* (ou *-inz*, *-ins*), *-ez* e *-es* são muito frequentes a partir do século X. Todavia, os patronímicos em *-ez* (em pleno vigor ainda no século XV) e em *-es* acabaram por sobrepor-se aos primeiros. O topónimo *Fernandes*, muito frequente em Portugal, no Brasil e na Galiza (aqui com a forma *Fernandez*), terá surgido da forma antropónica. Quanto ao nome de baptismo *Fernando*, a origem parece estar na forma antiga *Fredenando* (*Fredenandus* em 915), esta por sua vez do gótico *Frithunanths* (de *frithus*, «paz», e *nanthjan*, «ousar, arriscar») ⁸.

c) *Genealogia*: Bastante vulgar na Idade Média, este apelido identificou (e identifica) muitas famílias portuguesas, sem terem obrigatoriamente entre si qualquer relação de parentesco. Um dos primeiros *Fernandes* que se conhece é Diogo *Fernandes* Correia, feitor de Portu-

⁷ A este respeito diz VASCONCELLOS: «Nos meados do século [XVII] fixou-se na nossa capital como livreiro João de *la Coste*, e o seu apelido foi aportuguesado em *da Costa*» (p. 289).

⁸ Para além de MACHADO 1984 e VASCONCELLOS (p. 39), ver também PIEL (pp. 132 e 141) e NASCENTES (p. 111).

gal na Flandres: «Em 1509 foi lavrado em Évora o traslado de uma carta do imperador Maximiliano I, rei dos Romanos (...), dando privilégios de nobreza a Diogo Fernandes de Correia (...) e aos seus filhos legítimos» (VERBO 11: 1102).

2.2.4 FERREIRA

a) *N.º de ocorrências*: 1913

b) *Etimologia*: Apelido muito frequente em Portugal e no Brasil, tem a sua origem no topónimo *Ferreira*, pelo latim *ferraria* (*ferraria*, ae, f., «mina de ferro»). Como topónimo, *Ferreira* em 959, 1059, 1109 ...; *Ferraria* em 991, 1128 ...; *Ferreria* em 1130 ... Do étimo (*ferraria*) à forma actual (*Ferreira*), ocorreu a assimilação completa progressiva da vogal central (*ferraria* > *Ferreria*) seguida da metátese (*Ferreria* > *Ferreira*). De acordo com VASCONCELLOS (pp. 158-159), os apelidos tirados directamente de nomes geográficos começaram, em geral, por designar locais de nascimento, residência ou procedência: por exemplo, «Tructemundo de *Ferraria*» (991) e «Gonçalo de *Ferreira*» (1439); e, já sem preposição, «Pero *Ferreira*» (séc. XIII).

c) *Genealogia*: Uma das mais antigas do país, esta família parece ter origem na família Herrera, proveniente das montanhas de Santander. D. Álvaro Rodrigues *Ferreira* é geralmente o primeiro com este nome a ser mencionado pelos genealogistas. Um dos filhos deste meirinho de Leão do século XII, D. Fernando Álvares *Ferreira*, viveu em Portugal ao serviço de D. Sancho I de quem foi rico-homem. Dele sucederão os *Ferreiras* de Portugal (VERBO 11: 1168-1196).

2.2.5 GOMES

a) *N.º de ocorrências*: 1192

b) *Etimologia*: *Gomes*, de *Gomici*, é o antigo patronímico de *Goma* ou *Guma*, este registado já em 924. *Guma* tem origem no gótico *guma*, «homem» (*gomo* em alto-al. ant.)⁹. *Goma* usa-se actualmente

⁹ Cf. NASCENTES, p. 127. PIEL (p. 144) informa que ao «lat. HOMO corresponde em godo *guma* 'homem'» e que além «de *guma*, que quer dizer 'homem', em geral (gr. *aner*), havia ainda o termo *manna*, que designava o indivíduo masculino (gr. *anthropos*)». Com o radical *guma-*, temos ainda o antropónimo também germânico *Gomesindo* ou *Gumesindo* dos séculos IX e X, «que em português quer dizer: homem (*guma-*) poderoso ou excelente» (Ver também VASCONCELLOS, p. 49 e NUNES, p. 157).

como topónimo, pelo menos na Póvoa de Lanhoso. Inicialmente apenas com valor de nome próprio, em Portugal e na Espanha (*Gomez* Garcia, abade de Valadolide, séc. XII; *Gomes* Eannes de Azurara, cronista do séc. XV ...), passou a usar-se paulatinamente com valor exclusivo de apelido – é o que acontece actualmente. Como formas antigas, conhecemos *Gomece* (974), *Gomez* (985), *Gomeze* (991), *Gomice* e *Gomize* (1050), *Gomet* (1187) ... É curioso salientar que das formas apresentadas só *Gomet* e *Gomez* tinham, na altura, valor de apelido (cf. CORTESÃO, p. 156 e MACHADO 1984, p. 726).

c) *Genealogia*: Tem sido difícil relacionar os *Gomes* modernos com os *Gomes* medievais «porque o apelido *Gomes* só aparece em épocas muito posteriores». Todavia em Castela, talvez no século X, muito antes dos patronímicos se terem transformado em apelido, houve uma família chamada «Beni-Gomez». Por outro lado, a mais antiga carta de brasão, onde estão representadas as armas dos *Gomes*, indicia uma origem galega do apelido (Ver *VERBO* 13: 846-864).

2.2.6 GONÇALVES

a) *N.º de ocorrências*: 945

b) *Etimologia*: A origem deste apelido encontra-se no antropónimo *Gonçalo* que comporta na sua composição dois elementos: o primeiro de origem germânica (*gunthi*, *gundja*, *gundi*, «combate»), o segundo (*salvus*) «de origem obscura, ou germânica ou romana»¹⁰. Tal como o nome de baptismo, também *Gonçalves* apresentou nos textos medievais várias formas, constituindo duas séries: a primeira com as formas em *Gundi-*, a segunda com as formas em *Gon-*. Em *Gundi-*: *Gundesalbis* (897), *Gundissalbiz* (985), *Gundisaluizi* (994), *Gundisalbiz* (1006), *Guntsalbiz* (1013?), *Gundissalbici* (1026) ... Em *Gon-*: *Gunzaluiz* (933), *Gunzalbiz* (1009), *Gonçaluiz* (1024), *Gunsalvici* (1049), *Gunçalbiz* (1080) ... Na escrita medieval, as grafias *Gonçalves* e *Gonsalves* coexistem, mas acabou por prevalecer a primeira, talvez por imposição de *Gonçalo*. Concluindo: a origem do apelido *Gonçalves* está na forma

¹⁰ Cf. VASCONCELLOS (p. 30) e NASCENTES (p. 127). NUNES (pp. 7-8) refere que *Gundisalvo* é um nome híbrido adiantando que o segundo elemento (*salvo*) é latino. *Gundisalvo* significa, portanto, «salvo do combate». *Gonçalvo* e *Gonçalo* seriam as formas populares. Para explicar a passagem «do grupo -d's- em -ç», remete para o advérbio *quiçá* (do latim *quid sa(pit)*): **Gundi* + *salvu-* > *Gundsalvu* > *Gunçaluu* > *Gonçalo*.

da baixa latinidade *Gundisalvici*, patronímico de *Gundisalvus* (> *Gonçalo*) (MACHADO 1984: 727).

c) *Genealogia*: Há famílias muito diversas que usam este apelido. Na primeira metade do século XV, em Portugal, conhece-se um criado do Infante D. Henrique, chamado Antão *Gonçalves*. Por ter comandado muitas explorações em África, foi armado cavaleiro (VERBO 13: 876-892).

2.2.7 OLIVEIRA

a) *N.º de ocorrências*: 1313

b) *Etimologia*: Antiga alcunha. Do s. m. *oliveira* ou, em alguns casos, do topónimo *Oliveira*, frequente em Portugal, na Galiza e no Brasil. Leite de Vasconcellos (*Opúsculos III*, p. 384) remete para a forma *ulveira*. De qualquer modo, apelido e topónimo têm a sua origem no étimo latino *olivaria* (*arbor*), «(árvore) que produz azeitonas». Segundo Machado (1967), a presença do *-l-* intervocálico leva a supor que estamos perante uma forma culta, já documentável como topónimo em 998 («In uilla oliueira uinea», *Dipl.*, p. 110). Os latinismos *olibaria* e *olivaria* são anteriores (992). A forma normal correspondente seria *Olveira* de que temos vestígios arcaicos mas só na toponímia (em 1131: «... et inde quomodo diuidit ulveyra», em *Chanc.*, p. 47). A primeira realização que se conhece como antropónimo é de 1473: «Pêro *Oliveira*» (MACHADO 1984).

c) *Genealogia*: A família dos *Oliveiras* é muito antiga em Portugal. Uma das figuras mais conhecidas é D. Martins de *Oliveira*, arcebispo de Braga, antecessor de D. João Martins de Soalhães. Segundo alguns estudiosos, D. Martins de *Oliveira* terá sido filho de Pedro de *Oliveira*, casado com D. Elvira Anes Pestana. O seu solar localizar-se-ia no Paço de *Oliveira*, na freguesia de Santa Maria de *Oliveira*, da vila dos Arcos. A acreditar nestas informações, temos mais uma vez a confirmação da origem toponímica do apelido *Oliveira*, um dos mais frequentes em Portugal (cf. VERBO 21: 687-711).

d) *Personalidades*: António Corrêa de *Oliveira* (poeta: 1921-1981), Fernão de *Oliveira* (gramático e escritor naval, autor da célebre *Gramática da Linguagem Portuguesa*, publicada em 1536: 1507-c.1581), José do Patrocínio Bacelar e *Oliveira* (filósofo jesuíta: 1916-1999), Manoel de *Oliveira* (cineasta: 1908-) ...

2.2.8 PEREIRA

a) *N.º de ocorrências*: 1415

b) *Etimologia*: Antiga alcunha. Do s.f. *pereira* (*pêra* + *-eira*). O nome comum *pêra* vem do latim *pyra* ou *pira*, pl. de *pyru-* ou *piru-*, «*pêra*» (no séc. XIV: «*maças e peras*»). Quanto ao nome da árvore, ele surge com a forma *peraria* em texto latino de 830 e *pereira* em 1139 (MACHADO 1967). Relativamente às realizações antroponímicas, elas surgem com a variante *Pireira* em 1387 («*Nuno alvarez pireira*», *Desc.*, I, p. 210) e 1418 («*joham pireira*», *Idem*, I, S., p. 94). O topónimo *Pereira* (frequente em Portugal e no Brasil) tem também origem no s.f. *pereira*: *Peraria* em 973, 978 e 1002 ...; *Pereira* em 1115, 1139 ... A relação entre a toponímia e a antroponímia é tão estreita que VASCONCELLOS (pp. 155-159) mais uma vez aponta para a origem geográfica de muitos apelidos portugueses – *Pereira* é um deles. E acrescenta: «há a certeza, ou quasi, de que os nomes precedidos de *de* significam pátria ou residência (...): Pero Rodriguez de *Pereira*, e Rodrigo Gonçalvez de *Pereyra*» (*Linhagens*, pp. 309, 284 ...). Mais: «Nem todos os apelidos, porém, que há, de aspecto botânico provêm de comparação ou metáfora (...). Abundam (...) apelidos como Carvalho, (...) Pereira, Silva e outros (...) que na origem são geográficos» (p.264).

c) *Genealogia*: Apelido de origem portuguesa. O primeiro que encontramos nos Livros de Linhagens é D. Rui Gonçalves de *Pereira*, filho de D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira, um dos corajosos companheiros de D. Sancho I. Casou com D. Froile Afonso de Celanova e nasceram D. Rui Gonçalves de *Pereira*, D. Gonçalo Gonçalves e D. Elvira Gonçalves de Palmeira. Desta família foi ainda D. Nuno Álvares *Pereira*, o célebre condestável do Reino no tempo de D. João I (*VERBO* 22: 720-741)¹¹.

2.2.9 RODRIGUES

a) *N.º de ocorrências*: 1161

b) *Etimologia*: *Rodrigues* é, na origem, o patronímico de *Rodrigo*. Tal como hoje, *Rodrigues* foi, nos textos mais antigos, um termo frequente, apresentando até inúmeras variantes: *Rodorigiz/Ruderigiz*,

¹¹ Os apelidos *Pereira*, *Rodrigues* e *Silva* ainda não estão presentes na Enciclopédia *VERBO XXI* (neste momento estão publicados os vols. 1-23). Por isso, tivemos de recorrer à edição «clássica» da Enciclopédia *VERBO*.

(946), *Rodoriquiz* (1009), *Roderigiz* (1016), *Rodoriquizi* (1048), *Rodrigiz* (1096), entre muitas outras. Depois perdeu o seu estatuto de patronímico. Tal como acontece com *Rodrigo*, também *Rodrigues* inicialmente é forma culta, ao contrário dos patronímicos de *Rorigo*. *Rodrigo*, antropónimo que está na base da formação de *Rodrigues*, é uma forma culta bitemática ou plena, com origem germânica: *hrod* (hroth), «glória, fama», e *ric-* (de *reiks*), «rei, poderoso», segundo o esquema morfológico substantivo + adjectivo (*hrod* surge geralmente como primeiro elemento dos nomes compostos)¹²: *Rodorigus* (850-866), *Rodrigo/Rodriguo* (919), *Rodorigo* (981), *Roderigo* (1004), entre outras variantes (MACHADO 1984). Embora nunca tenha deixado de se utilizar, o antropónimo *Rodrigo* ganhou novo fôlego nestes últimos anos em Portugal, sendo actualmente um dos nomes de baptismo mais apreciados.

c) *Genealogia*: Pode haver muitas famílias com este apelido sem terem qualquer ligação entre si. O primeiro Rodrigues encontrado é Gonçalo *Rodrigues*, mordomo-mor de D. Afonso Henriques. Era filho de D. Rodrigo de Trastamar e de D. Urraca *Rodrigues* de Castro. Rezam as crónicas que se salientou na tomada da vila de Moura, no Alentejo (VERBO 16: 736-747).

2.2.10 SILVA

a) *N.º de ocorrências*: 3003

b) *Etimologia*: Do s.f. *silva*, nome de planta. Em alguns casos, o apelido poderá ter vindo do topónimo *Silva* (frequente em Portugal e na Galiza), este também do s.f. *silva*, e, noutros casos, devido à invocação de Nossa Senhora de *Silva*. O substantivo *silva* tem origem latina (*silva*, ae, f., «floresta, bosque, parque; no pl., árvores, arbustos, plantas»), «se bem que seja estranha a manutenção do timbre do *-i-*, o que levou L. V. a ver nesse voc. o encurtamento da locução *spína *silvea*» (MACHADO 1967). Um exemplo de 1139 («pelagio gotierriz de silva») mostra a origem geográfica do apelido *Silva*, à semelhança de outros já mencionados como *Carvalho* e *Pereira* (Cf. VASCONCELLOS: 264).

c) *Genealogia*: Família de origem portuguesa. Diz a tradição que os *Silvas* procedem de Eneas Sílvio, dos reis de Albalonga. Dizem

¹² Piel, pp. 132, 141 e 143. Para Nunes (vol. XXXIV, p. 145), a significação de *Rodrigo* é *afamado* (*rode-* de (h)ruot) *príncipe* (*-rigo* de *ricu-*, latinização de *rich*). Ver ainda Vasconcellos, p. 30.

também que descendem do infante D. Ordonho, filho do rei de Leão D. Fruela II (924-925). De D. Ordonho terá nascido D. Pelaio Gutierre da *Silva*, este pai de D. Gutierre Alderete da *Silva*, rico-homem de Leão e de Castela, no tempo do rei D. Afonso VI (1072-1109), o primeiro conhecido com o apelido *Silva*. Terá pertencido a esta família a Torre das *Silvas*, entre Douro e Minho, perto de Monção, e ainda a Quinta da *Silva*, na província do Minho. Esta genealogia parece mais uma vez provar a origem toponímica destes apelidos (VERBO 17: 107).

3. Conclusões

Como forma de conclusão, pareceu-nos metodologicamente oportuno gizar um quadro que pudesse congregiar as informações mais importantes que fomos semeando ao longo deste trabalho (cf. Quadro Anexo: «Apelidos Portugueses (Concelho de Braga, 2002-2003): origem e actualidade»). Observando-o com atenção, podemos sem dificuldade adiantar algumas conclusões:

1. Foram contabilizadas (manualmente) 14431 ocorrências.
2. O apelido *Silva* é de longe o mais popular no Concelho de Braga. Estamos em crer que o será também a nível nacional. É razão para se dizer que Portugal é o país dos *Silvas*.
3. Predominam os apelidos de origem latina (5) e germânica (4). Se atentarmos na última secção do quadro («1.^a ocorrência como apelido»), verificamos que se confirma a ideia de que a antroponímia de origem germânica predomina na documentação anterior ao séc. XIII, ao passo que a latina se impõe na viragem do séc. XII para o XIII¹³.
4. Quanto à «Classe gramatical de origem», concluímos que há um número significativo de apelidos que na sua origem foram patronímicos, derivados portanto do nome do progenitor (*Fernandes, Gomes, Gonçalves e Rodrigues*)¹⁴; mas a gênese

¹³ Cf. «Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis», p. 30, de Ana Maria Martins, em *Caminhos do Português*, Coordenação de Maria Helena Mira Mateus, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.

¹⁴ A propósito da vigência dos patronímicos e das suas variantes, diz VASCONCELLOS (p. 112): «Nos Livros de linhagens, publicados nos *PMH*, que vão até o sec. XIV, encontra-se com frequência o uso regular de patronimicos em *-ez, -es* (e *-inz, -ins*): *Pero*

está principalmente nos topónimos e/ou nos nomes comuns que designam vegetais (*Carvalho, Oliveira, Pereira, Silva ...*), origem que revela bem a relação intrínseca entre o homem e a terra que habita ou que o viu nascer¹⁵. A presença dos nomes de árvores é tão marcante nos apelidos portugueses que nos vem à memória uma graça que, dizem, teve origem no Brasil: «Em Portugal todo o mundo é de madeira: Sr. Pereira, Sr. Carvalho, Sr. Oliveira ... Só o Machado é que é de ferro!»

5. Apesar da aparente insignificância da amostra, (os 10 apelidos mais frequentes do concelho de Braga, em 2002-2003), já o dissemos, este estudo acaba por ter alguma representatividade: primeiro, porque os apelidos em causa são na verdade muito usados no nosso país; e, em segundo lugar, porque este desprezioso trabalho funciona para nós como um pretexto para iniciarmos projectos bem mais profícuos e consistentes no domínio da Onomástica Portuguesa.

Rodrigues gerou Nuno *Pirez*; Pedro Malrrique gerou Fernam *Pirez* Malrrique; Soer Velho gerou Pero *Soares* (por *Soarez*); Martim Anes gerou Moor *Martins* (com *-s* por *-z*). Depois (p. 119) manifesta-se a propósito da perda do papel primitivo de patronímico: «Exemplos, como Bernardo *Rodrigues*, filho de Mestre *Antonio*, e Afonso *Télez*, filho de Rui Gomes, (...) pertencentes aos secs. XV e XVI, mostram que *Rodrigues* e *Télez* não eram já de nenhum modo patronímicos, pois que os pais de quem assim se chamava não tinham os nomes de *Rodrigo*, nem de *Telo*: eram meros apelidos».

¹⁵ Em relação às «Alcunhas expressas por comparação com o reino vegetal», diz VASCONCELLOS: «Compreende-se que, assim como ha alcunhas deduzidas da fauna, as haja da flora, porque muitas relações se estabelecem tambem entre o homem e os vegetais» (p. 253). E ainda: «Os apelidos e alcunhas tirados do reino vegetal referem-se pela mor parte a arvores de fruta, a frutas, plantas e produtos hortenses, e cereais, isto é, àqueles elementos da flora com que o homem está mais imediatamente em contacto, por serem base de alimentação (...). Nem todos os apelidos, porém, que há, de aspecto botânico provêm de comparação ou metáfora (...). Abundam, além d'isso, apelidos, como *Carvalho, Castanheira, Loureiro, Matos, Pereira, Silva* (...) que na origem são geográficos, como se reconhece de virem ás vezes acompanhados de *de (do, da)*» (p. 264).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORTESÃO, António Augusto (1912). *Onomástico Medieval Português*, Separata do «Archeologo Português», vol. VIII e seguintes, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001), uma realização da Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian, 2 vols., Verbo.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- GAFFIOT, F. (1934). *Dictionnaire Latin Français*, Paris, Hachette.
- KREMER, Dieter (1990). *Dictionnaire historique des noms de famille romans*. Actes do I.^{er} Colloque (Trèves, 10-13 décembre 1987), Publiés par Dieter Kremer, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Lista Telefónica – Páginas Brancas / Páginas Amarelas, Minho e Douro Litoral 2002-2003* (01.06.2002), Lisboa, Páginas Amarelas, S.A.
- MACHADO, José Pedro (1967). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, 2.^a ed., 3 vols., Lisboa, Editorial Confluência.
- IDEM (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Editorial Confluência.
- MICHAELIS: *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), São Paulo, Companhia Melhoramentos.
- NASCENTES, Antenor (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (Nomes Próprios), Rio de Janeiro.
- NUNES, José Joaquim (1933-1937). «Os Nomes de Baptismo – sua origem e significação», em *Revista Lusitana* (Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal. Dirigido por J. Leite de Vasconcellos, Livraria Clássica Editora, Lisboa), vols. XXXI-XXXV.
- PIEL, Joseph-Maria (1989). *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Estudos Gerais, Série Universitária, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1928). *Antroponímia Portuguesa – Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- IDEM (1931). *Opúsculos*, vol. III, *Onomatologia*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VERBO – *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 18 vols. + 4 vols. de «Suplemento» + vols. de ano (1991, ...).
- VERBO – *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura – Edição Século XXI*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 23 vols. (1.^o vol. – Janeiro de 1998; 23.^o vol. – Junho de 2002).

Apelidos Portugueses (Concelho de Braga, 2002-2003): origem e actualidade

Apelidos	N.º de Ocorrências (Concelho de Braga)	Origem etimológica			Classe gramatical de origem						1ª ocorrência como apelido (século)			
		Germânica	Latina	Obscura	Antropónimo	nome próprio	Topónimo	Animal	Vegetal	nome comum	outro	X-XI	XII-XIII	XIV-XV
Carvalho	817			+			+						+	
Costa	1437		+				+							+
Fernandes	1235	+			+									+
Ferreira	1913		+				+							+
Gomes	1192	+			+									+
Gonçalves	945	+		+	+									+
Oliveira	1313		+				+							+
Pereira	1415		+				+							+
Rodrigues	1161	+			+									+
Silva	3003		+				+							+

*Excessos del(a) linguagem: o manifesto estético como discurso panfletário*¹

M. EMÍLIA LOPES PEREIRA
(Universidade do Minho)
memilia@ilch.uminho.pt

RÉSUMÉ

Deux outils linguistiques font l'objet de cet article : la présence/absence du performatif explicite et la force illocutionnaire de l'acte accompli. Nous avons étudié le fonctionnement de ces concepts au sein de l'oeuvre d'Álvaro de Campos : l'*Ultimatum* et nous avons été amenée à reformuler certains aspects de ces mêmes notions. Ce manifeste esthétique constitue envers le récepteur un acte de provocation dont les relations discursives sont décrites en fonction du performatif : un des marqueurs illocutionnaires.

Notre travail repose sur l'étude de Marc Angenot concernant *la parole pamphlétaire*.

Mots clé: Pragmatique pour le discours littéraire; Subjectivité; Actes illocutionnaires; Performatif explicite et force illocutionnaire; Discours pamphlétaire; Manifeste esthétique.

O discurso panfletário é objecto de um estudo de Marc Angenot². São aí apontadas características formais e temáticas a uma classe abrangente de textos modernos. O livro debruça-se, de um modo privilegiado, sobre o panfleto, a polémica e a sátira – usos referenciais de linguagem e outras tantas instanciações do *constructo* «discurso pan-

¹ A base do texto aqui apresentado foi um trabalho para o seminário de Periodologia Literária Portuguesa, orientado pelo Professor Aguiar e Silva. Tal redacção (agora adaptada a publicação numa revista de Linguística) datava de 1992.

² ANGENOT, Marc. 1982. *La parole pamphlétaire: contribution à la typologie des discours modernes*. Paris. Payot.

fletário». Por contiguidade é referenciado o manifesto, tido como um discurso funcionalmente próximo já que partilha com os restantes, designadamente, a inequívoca tomada de posição, a intimação ao receptor; a dimensão performativa do discurso. Em palavras de Angenot: «Le parti qui est pris, la mise en demeure d'avoir à adhérer ou à expliciter son désaccord, le tour performatif du discours, qui est risqué et serment pour ces signataires, tout ceci fait du manifeste, qui peut présenter des moments agoniques ou réfutatifs, un discours fonctionnel proche de ceux que nous étudions».

A caracterização do autor é mais rica do que antes deixei esquematizado quando vê que a invectiva ao receptor leva consigo ou o comprometimento ou a ruptura e quando detalha a dimensão injuriosa ou refutativa de tal discurso.

A citação, como todo o livro de Angenot, permite uma leitura pragmática do manifesto estético *Ultimatum* de Álvaro de Campos. Particular ênfase tem a natureza da *relação interlocutiva* instaurada e depreensível em tal instanciação de discurso panfletário que é um uso de linguagem calculada ou estrategicamente excessivo. Haverá excessos *de* linguagem que atingem o *plano da interlocução* tanto pela injúria a entidades referenciadas e, como tal, visadas quanto pela interpelação violenta ao seu auditório. Há, ainda, excesso *da* linguagem no sentido em que todos os conteúdos codificados são extremos.

O manifesto – filosófico, político ou estético – é um exemplo de «genres doxologiques et persuasifs», Angenot, (1982:27). Estão, assim, em causa opiniões construídas por um locutor que, por um lado, se afirma e sustenta numa construção enunciativa plural e, por outro, visa conformar um alocutário (também plural e extenso)³ aos conteúdos por si codificados. Sendo estas as instâncias – enunciativa e receptiva – da comunicação, também correlativamente se denigre uma instância convocada e, por consequência, visada.

Estudando o panfleto, Angenot vê que a assunção de uma opinião é aí apresentada como generalizada. É levada a cabo, como tal, por uma enunciação colectiva. Correlativamente, o manifesto (estético, filosófico e político) desvaloriza as entidades que convoca de um modo tão abrangente, sob o ponto de vista referencial, que o seu auditório se

³ Assim definida, tal entidade receptiva é denominada *adresse* ou *destinatário directo*, C. Kerbrat-Orecchioni (1988:23). Está aqui em causa uma entidade receptiva alocutária plural («explicitement considéré par l'émetteur»). Ainda que tendo noção da referida desmultiplicação de instâncias enunciativa e receptiva, o corpo do texto usa mais generalizadamente o par de conceitos locutor/alocutário.

sente intimidado. Assim procede o *Ultimatum* assinado por Álvaro de Campos na revista *Portugal Futurista*. Por um lado, o texto mostra a sua enunciação estribada na pluralidade; por outro, desfere ataques também a alvos plurais. Tendo em vista esta última dimensão e, sobretudo, antecipando o vigor com que ela é executada⁴, tal enunciação plural é uma forma de legitimação.

A estratégia ameaçadora do alocutário é notada pelo autor que, comparando-a à interacção discursiva usual – caracterizada pela actualização da função fática – vê o *incipit* do Manifesto expresso em termos de *captatio malevolentiae* em vez de *captatio benevolentiae*⁵: «Dans bien des pamphlets modernes[...] on entre d'emblée en contact par la provocation, on recherche avec l'auditeur la distance maximum, l'effet le plus perturbant, comptant susciter ainsi un sursaut d'attention et de curiosité.», (1982:305).

No *Ultimatum*, tal estratégia ameaçadora é centrada em entidades visadas, reificando-se na vasta interpelação e injúria a personalidades internacionais. Destacam-se as inicialmente mencionadas:

Mandado de despejo aos mandarins da Europa! Fóra.

Fóra tu, Anatole France, Epicuro de pharmacopeia homeopathica, tenia-Jaurès do Ancien Régime, salada de Renan-Flaubert em louça do século dezesete, falsificada !

Fóra tu, Maurice Barrès, feminista da Acção, Châteaubriand de paredes nuas, alcoviteiro de palco da pátria de cartaz, bolor da Lorena, algibebe dos mortos dos outros, vestindo do seu commercio!

Fóra tu, Bourget das almas, lamparineiro das particulas alheias, psychologo de tampa de braço, reles snob plebeu, sublinhando a régua de lascas os mandamentos da lei da Igreja!

Fora tu, mercadoria Kipling, homem-practico do verso, imperialista das sucatas, épico para Majuba e Colenso, Empire-Day do calão das fardas, tramp-steamer da baixa immortalidade!

Fóra! Fóra!

Fóra tu, George Bernard Shaw, vegetariano do paradoxo, charlatão da sinceridade, tumor frio do ibsenismo, arranjista da intellectualidade inesperada, Kil-kenny-Cat de ti próprio, Irish Melody calvinista com letra da Origem das Espécies !

⁴ Esta uma dimensão performativa análoga às mais adiante esmiuçadas. Não uso o termo «performativo» aqui no sentido específico que toma na teoria accional da linguagem mas na acepção mais comum de execução ou desempenho verbal. A tradição retórica clássica designa-a *elocutio*.

⁵ «la stratégie classique de l'exorde exigeait en effect une mise en disposition favorable de l'auditoire.», (1982 :305).

Fóra tu, H. Q. Wells, ideativo de gesso, saccarolhas de papelão para a garrafa da Complexidade!

Fóra tu, G. K. Chesterton, christianismo para uso de prestidigitadores, barril de cerveja ao pé do altar, adiposidade da dialéctica cockney com o horror ao sabão influenciando na limpeza dos raciocínios!

Fóra tu, Yeats da celtica, bruma á roda de poste sem indicações, sacco de pôdres que veiu á praia do naufrágio do symbolismo inglez!

Fóra! Fóra!

Fóra tu, Rapagnetta-Annunzio, banalidade em characteres gregos, «D. Juan em Pathmos» (solo de trombone) !

E tu, Maeterlinck, fogaõ do Mysterio apagado!

E tu, Loti, sopa salgada, fria!

E finalmente tu, Rostand-tand-tand-tand-tand-tand-tand-tand!

Fóra! Fóra! Fóra!

E se houver outros que faltem, procurem-os ahi pra um canto!

Tirem isso tudo da minha frente!

Fóra com isso tudo! Fóra!

Pelo extenso fragmento se vê como são convocadas determinadas entidades a fim de serem alvo de injúria. Em todo o caso, reclamando-se de uma dimensão doxológica, o texto não pode deixar de prever uma certa cooperação com o seu alocutário. O *Ultimatum*, ao estar ancorado ao tempo e espaço social em que é produzido, actualiza esta estratégia ao aliar recriminações estéticas e filosóficas a acusações políticas, assim exprimindo preocupações coevas.

Ahi! Que fazes tu na celebridade, Guilherme Segundo da Allemanha, canhoto maneta do braço esquerdo, Bismarck sem tampa a estorvar o lume?!

Quem és tu, tu da juba socialista, David Lloyd George, bobo de barrete phrygio feito de Union Jacks?!

E tu, Venizelos, fatia de Pericles com manteiga, cahida no chão de manteiga para baixo?!

E tu, qualquer outro, todos os outros, assorda Briand-Dato-Boselli da incompetência ante os factos, todos os estadistas pão-de-guerra que datam de muito antes da guerra! Todos! todos! todos! Lixo, cisco, choldra provinciana, safardanagem intellectual!

E todos os chefes de estado, incompetentes ao léu, barris de lixo virados pra baixo á porta da Insufficiencia da Epocha!

Tirem isso tudo da minha frente !

Arranjem feixes de palha e ponham-os a fingir gente que seja outra!

Tudo de aqui pra fóra! Tudo de aqui pra fóra!

Tal estratégia procedente pela injúria generalizada à intelectualidade é uma forma vigorosa de agregar a si o auditório. Assim se actua-

liza a *captatio malevolentiae* que tem correlato psicológico no facto de a identidade de um grupo se poder construir mais pela diferença relativamente a terceiros do que propriamente por afinidades endógenas ao mesmo.

Se estes dados são interpretativos relativamente ao texto, também fica consignada na letra deste a junção do locutor ao seu alocutário. A dimensão doxológica ⁶ está explícitada ao nível da construção enunciativa num momento determinado do texto:

Proclajem bem alto que ninguém combate pela Liberdade [...]

Esta ocorrência verbal é a mesma que cumpre um acto assertivo **se** e **quando** flexionada na primeira pessoa do Presente do Indicativo (há exemplos frequentes ao longo do Manifesto em que tais asserções são explicitadas pelo uso verbal comentado ou explicitado por um prefixo performativo ⁷, também descrito na bibliografia específica como *illocutionary force indicating device*). Mas tais actos distinguem-se, sendo o acima transcrito um directivo inequívoco. Sequências anteriores no texto continham actos do mesmo tipo que visavam entidades explicitamente convocadas. Este não tem na sua vizinhança a referência à entidade visada. Um longo parágrafo inicial tinha cessado as invectivas contra personalidades, metonimicamente operando um desvio para as suas qualidades ou obras ⁸.

⁶ Faço uso do termo «doxológico» em afinidade total com Angenot: há traços doxológicos num texto quando é visível ou interpretável uma conjunção do locutor e do alocutário. Devo acrescentar que quando há uma leitura circunstanciada de determinado texto ou quando decorre um pleno entendimento na interacção verbal, os próprios conteúdos têm este traço doxológico. Seguidamente comento como mais estritamente tal junção é visível em itens linguísticos determinados.

⁷ Adiante transcritos e analisados.

⁸ «Tu, ambição italiana, cão de collo chamado César!

Tu, «esforço francez», gallo depennado com a pelle pintada de pennas! (Não lhe dêem muita corda senão parte-se !)

Tu organização britannica, com Kitchener no fundo do mar mesmo desde o principio da guerra!

(It's a long, long way to Tipperary, and a jolly sight longer way to Berlin !)

Tu, cultura alemã, Sparta podre com azeite de christismo e vinagre de nietzschição, colmeia de lata, transbordamento imperialoide de servilismo engatado!

Tu, Austria-subdita, mixtura de sub-raças, batente de porta typo K !

Tu, Von Bélgica, heróica á força, limpa a mão á parede que foste!

Tu, escravatura russa, Europa de malaios, libertação de mola desopprimida porque se partiu!

O enunciado directivo em análise («*Proclamem bem alto que ninguém combate pela Liberdade [...]*») constitui no texto um pedido de proclamação, antecedendo momentos nucleares em que as proclamações são assumidas pelo sujeito discursivo. Pelo teor dos enunciados assim construídos, este é o único momento em que, formal e explicitamente, o interlocutor colectivo previsto se pode ver em sintonia com o locutor.

Toda a extensa sequência do manifesto tem exemplos que permitem debater a questão da *assertividade* em conexão com a *prefixação performativa*. A explanação e instanciação referem-se a uma única classe de actos discursivos: os assertivos. Relativamente a estes é possível ver que a prefixação performativa se torna um indicador da *força ilocutória*, i.e., dificilmente um performativo explícito da classe dos *verbos de dizer* leva a cabo outro acto que não um assertivo. Assim, a questão da *indirecção* não é aqui pertinente. Não é despidianda a esta *transparência* do verbo relativamente ao acto o discurso em causa – discurso panfletário – e a particular visão e definição conceptual em curso ⁹.

Angenot avança que a afirmação do carácter enunciativo – assertivo, peremptório – de uma sequência pode ser acrescido pelo pendor assertivo clarificado que a mesma comporta: «L'assertivité peut être renforcé par la transformation performative de l'énoncé.» (1982:73). Tal princípio colide com instanciações como a que venho analisando, designadamente pela interpretação estilística de alguns fragmentos e por traços de uma leitura técnico-compositiva do texto em análise.

Tu, «imperialismo» hespanhol, salero em política, com toureiros de sambenito nas almas ao voltar da esquina e qualidades guerreiras enterradas em Marrocos !

Tu, Estados Unidos da América, synthese-bastardia da baixa-Europa, alho da assorda transatlântica, pronuncia nasal do modernismo inesthetico!

E tu, Portugal-centavos, resto de Monarchia a apodrecer Republica, extrema-unccção-enxovalho da Desgraça, collaboração artificial na guerra com vergonhas natu-raes em África!

E tu, Brazil, «republica irmã», blague de Pedro Alvares Cabral, que nem te queria descobrir!

Ponham-me um panno por cima de tudo isso!»

⁹ Designadamente explorando a dimensão dialógica, é bem possível encontrar valores particulares ao uso de um verbo de dizer que sejam «enganosos», i.e., que levem a cabo um acto ilocutório diferente da sua literalidade. Um verbo de dizer (orientado para a consecução de um acto assertivo, se considerarmos apenas o seu sentido literal) pode, de facto, realizar actos de diferente alcance intersubjectivo como sejam a ordem, a ameaça ou a sugestão.

Postulados teóricos vindos de outros autores invalidam tal generalização, permitindo relegá-la para a estilística ou refundi-la na especificidade pragmática do género em causa. Por esta ordem mesma se estruturam os seguintes pontos de análise.

A leitura e interpretação com base em recursos estilísticos de um extracto determinado do texto em análise é essencial ao percurso delimitado. Após um longo inventário de personalidades históricas cuja convocação é feita em libelo e finalizando uma súplica de invectivas contra «Poetas»; «Estadistas» e «Generaes», o texto apresenta o eu discursivo.

O que ahi está não pode durar, porque não é nada!
Eu, da raça dos Navegadores, *affirmo* que não pode durar!
Eu, da raça dos Descobridores, *desprezo* o que seja menos que descobrir um Novo Mundo!
Quem ha na Europa que ao menos suspeite de que lado fica o Novo Mundo agora a descobrir?
Eu, ao menos sou uma grande Ansia, do tamanho exacto do Possível!
Eu, ao menos sou da estatura da Ambição Imperfeita, mas da Ambição para Senhores, não para escravos!

Ergo-me ante o sol que desce, e a sombra do meu Desprezo anoitece em vós!
Eu, ao menos sou bastante para indicar o caminho!
Vou indicar o caminho!

A explicitação da dimensão assertiva da palavra é detectável no *Ultimatum* de Álvaro de Campos em três momentos fulcrais ao próprio desenvolvimento do texto. Estes são correspondentes à «*Lei de Malthus da Sensibilidade*»; à «*Necessidade da Adaptação Artificial*» e, à «*Intervenção cirúrgica anti-christã*» – modificações subjectiva e civilizacionalmente urgentes na clarividência de quem pretende indicar o caminho.

A lucidez de que o sujeito enunciativo se reclama está estribada num extenso auto-elogio prévio (acima integralmente transcrito) do qual um primeiro elemento lança o tom paradoxal: *Eu, ao menos sou uma grande Ansia, do tamanho exacto do Possível!*

O elemento presente à caracterização do «Eu» é de tal modo pertença a um domínio abstracto que tanto mais inusitado é vê-lo aparentemente dimensionado. Em todo o caso, esta derivação do abstracto ao concreto é duplamente enganosa: pelo adjectivo «grande»

aplicado a «ânsia» e pelo complemento determinativo que formalmente restringe sem, de facto, cercear o «possível». No sentido em que, no plano da sintaxe, se vê suceder a um elemento enunciado um elemento seu caracterizador, ambos provenientes de classes de palavras opostas, a sequência bipartida constitui um oxímoro ¹⁰.

A subsequente caracterização do «Eu» partilha de uma aparente contradição. Como tal pode ser lido o sintagma «Ambição Imperfeita»: o nome, contíguo a «Ansia» em termos de significado, é caracterizado restritivamente. Em linha de coerência com a sequência anterior, vem a definir-se a ambição como imperfeita na exacta medida em que é ancorada ao presente e não indefinidamente projectada. Assim me detendo nos conteúdos codificados fica visível o carácter excessivo antes apontado, tal carácter emerge aqui, como em cada linha do texto, em jorro conceptual e cultural ou enciclopédico.

A valorização do *eu* assim encetada convoca, neste ponto do texto, a mais acutilante censura ao(s) *outro(s)*. O eu discursivo assume a *identidade* em confronto aberto com a *alteridade*, fazendo uma das múltiplas referências a uma civilização condenável da qual não ressalva o seu leitor particular. A dissociação *eu/outro* faz com que esta última categoria englobe virtualmente tanto as personalidades que ataca quanto o seu auditório («*a sombra do meu Desprezo anoitece em vós!*»).

O pendor polémico é indiciado pela adversativa que determina a «Ambição». A fim de que se invalide o possível argumento denegridor do sujeito – que resulta deste se reconhecer «da estatura da Ambição Imperfeita» – a oração coordenada surge dilucidando o carácter superior da ambição em causa: «mas da Ambição para Senhores, não para escravos!»

Este trecho demonstra a consciência da instância receptiva uma vez que prevê uma actividade interpretativa activa (passe-se o pleonasma) quanto o é a atribuição de diferentes valores argumentativos a um dado item lexical. O elemento refutativo que se lhe segue – «*não para escravos*» – reenvia a caracterizações globais já encetadas que

¹⁰ Para esta dimensão paradoxal da leitura contribui a nominalização que o último conceito referido sofre. Actualizado usualmente como adjectivo, «Possível» é, aqui, esvaziado da sua condição de acidente para vir a denotar uma essência. Assim sendo os dois nomes assemelham-se pelo que a junção de «ânsia» a «possível» mais não procede do que a um extremar da *hybris* pela assunção de que a vontade é redutível ao factual.

censuram a civilização com base em nomes semanticamente idênticos, i.e., congregados na mesma isotopia:

Epocha vil dos *secundarios*, dos *approximados*, dos *lacaïos* com
aspirações de lacaïos a reais-lacaïos!
servos empoleirados da Hora

A superioridade do sujeito poético afirma-se em crescendo até à efectivação de um acto ilocutório cuja força foge a uma caracterização estanque em termos accionais pela sucessividade de actos de tipo diverso (assertivo; promissivo ou directivo) cujo encadeamento constitui também fenómeno de sentido. Designadamente em «Eu, ao menos sou bastante para indicar o caminho! Vou indicar o caminho!» pode ver-se um promissivo – cuja publicitação coloca o seu locutor na obrigatoriedade de levar a cabo aquilo mesmo que prometeu – ou, aplicando o *pendor performativo* que Angenot comentava como privativo ao género, pode encontrar-se o directivo indirecto, parafraseável por «sigam-me».

É enformada por este cotexto próximo que uma das asserções explicitamente formulada e correspondente ao primeiro momento interventivo referido surge.

A proclamação da «Lei de Malthus da Sensibilidade», tendo a antecedê-la o *prefixo enunciativo*, está mais ao serviço da assunção de um novo tom no discurso – de primado intelectualivo – do que de uma alegada «intensité assertive»¹¹:

Proclamo, em primeiro lugar,
A Lei de Matthus da Sensibilidade

Os estímulos da sensibilidade augmentam em progressão geometrica; a própria sensibilidade apenas em progressão arithmetica.

Comprehende-se a importância d'esta lei. A sensibilidade—tomada aqui no mais amplo dos seus sentidos possíveis — é a fonte de toda a criação civilizada. Mas essa criação só pode dar-se completamente quando essa sensibilidade esteja adaptada ao meio em que funciona; na proporção da adaptação da sensibilidade ao meio está a grandeza e a força da obra resultante.

Ora a sensibilidade, embora varie um pouco pela influencia insistente do meio actual, é, nas suas linhas geraes, constante, e determinada no mesmo individuo desde a sua nascença, funcção do temperamento que a hereditariedade lhe infixou. A sensibilidade, portanto, progride por gerações.

¹¹ A expressão de Angenot é equivalente à já enunciada: «assertivité renforcé».

A coexistência de discursivismo (caracterizado por encadeamentos lógicos e explicitamente marcados) e investidas emocionais é um recurso privativo ao manifesto em análise. Esta observação é importante e introduz algumas notas de discordância com a fonte bibliográfica mencionada: se o prefixo enunciativo teria a virtualidade de proceder a uma «intensité assertive», o texto, de facto, instancia por meio deste mesmo recurso um desenvolvimento razoado. Eventualmente se tomarmos a noção de «intensité assertive» ao nível estilístico, i.e., equacionando-o com a veemência que se põe no libelo, esta é mais bem exemplificada, no manifesto em análise, pelos momentos que preenchem as três primeiras páginas nas quais o poeta se insurge contra a intelectualidade e a política.

A função do *verbo assertivo* torna-se a de assinalar ao receptor a introdução de uma ideia cuja autoria e responsabilidade se esclarecem. A explicitude da tomada de posição pela palavra a que o verbo *proclamar* procede não constitui, a meu ver, um *intensificador enunciativo* neste fragmento particular.

Ainda que desprovido de *prefixo ilocutório*, parece-me mais veemente um outro fragmento afirmativo:

A Europa tem sêde de que se crie, tem fome de Futuro! [...]
 A Europa quer grandes Poetas, quer grandes Estadistas, quer grandes Generaes!
 [...]
 A Europa anseia, ao menos, por Theoricos de O-que-será, por Cantores-Videntes do seu Futuro!

Toda a sequência que assim se inicia e que se caracteriza por, anaforicamente, retomar ora o sujeito ora o verbo é enunciativamente mais forte do que a anterior. Ainda que a esta seja estranha a presença de um *performativo* similar ao que ocorre na outra sequência analisada, as afirmações aqui contidas ganham relevância pela multiplicidade de elementos associados em estruturas frásicas idênticas. O recurso faz com que a *força enunciativa* – de *assertividade*, de *peremptoriedade* – permaneça a mesma, sendo o conteúdo novo a polarizar a atenção. A frase é breve ¹²; reitera elementos antes avançados, procedendo a uma definição sequencial e cumulativa dos

¹² «A Europa quer Donos! O Mundo quer a Europa».

conteúdos¹³; tem uma estrutura bi ou tripartida, segmentando áreas semânticas distintas mas passíveis de aproximação no espírito do sujeito enunciativo; congrega sequências afirmativas e negativas axiologicamente reveladoras¹⁴; projecta conteúdos temporais em realidades espaciais¹⁵; actualiza conceitos em entidades físicas¹⁶.

Tanto o deslocamento de figuras passadas para um contexto futuro quanto a explicitação de anseios sob formas desviadas¹⁷ – ambos os processos denotando contiguidades referenciais – traduzem a modelação de linguagem a fim de que esta se adequue à visão do sujeito.

Não já assim procede o fragmento subsequente cujo valor assertivo é explicitado. Todo este se caracteriza por um discursivismo denotável nos liames lógico-semânticos que sustentam as ideias expressas. As conjunções adversativas; explicativas; conclusivas; causais e concessivas dissecam os conteúdos cognitivos a fim de que estes, nem mesmo por inusitados, fujam à razoabilidade.

De tal modo o desenvolvimento de ideias se esforça por ser lógico que o segundo dos postulados fundamentais avançados por este texto, decorrendo do primeiro, é introduzido por uma oração subordinante que reitera o verbo enunciativo e à qual se subordina determinado conteúdo expresso por uma oração final.

¹³ Dando conta das necessidades da civilização coeva, metonimicamente, a Europa é caracterizada como carecendo de poetas, estadistas e generais. Subsequente a esta explicitação, estão três movimentos de consciência independentes que exploram cada um destes vectores para que logo, todos sejam associados no período seguinte. Se a Europa – continente – tinha sido, por construção discursiva, representativa da civilização – conteúdo –, i.e., se a uma entidade geográfica correspondia uma referência humana, o deslize referencial metonímico continua quando se caracterizam faltas sob noções abstractas que não humanamente concretizáveis. Tal é o desenvolvimento discursivo seguinte, ainda assente numa estrutura tripartida, deixando supor uma correspondência aos três elementos já enunciados. Todavia, a partir do momento em que os anseios são exemplificados por nomes poéticos – Homero e Milton – o processo interpretativo anteriormente descrito não se afigura pacífico. Outro se prefigura, denotando a concessão da «Sensibilidade»; «Vontade» e «Inteligência» novas, por parte do poeta, estritamente aos seus pares.

¹⁴ «Quer o Poeta que busque a Imortalidade ardentemente, e não se importe com a fama, que é para as actrizes e os produtos pharmaceuticos!».

¹⁵ O exemplo é o da Europa.

¹⁶ Instaurando as entidades convocadas como símbolos na medida em que o valor que assumiram é projectado no futuro. Equacionando os «Theoricos de O-que-será» e os «Cantores-Videntes» em «projecções de Homeros e Miltons mas de uma nova era», o autor materializa, «tant bien que mal», as noções que pretende veicular.

¹⁷ Como sejam a Europa pela civilização coeva ao sujeito; a inteligência, a vontade e a sensibilidade por quem as encarne.

Para que a civilização não morra, proclamo, portanto, em segundo lugar,

A Necessidade da Adaptação Artificial

O que é a adaptação artificial? É um acto de cirurgia sociológica. É a transformação violenta da sensibilidade de modo a tornar-se apta a acompanhar, pelo menos por algum tempo, a progressão dos seus estímulos.

Sendo o primeiro movimento expositivo aquele que esclarecia quanto à assimetria existente entre os estímulos da sensibilidade e a própria sensibilidade – entre a inapreensível conjunção de criações individuais geradas por/ geradoras de estímulos culturais; científicos e políticos e uma dimensão perceptiva inata –, sobrevem-lhe a constatação da «desadaptação da sensibilidade ao meio» e a urgência da «adaptação artificial».

Sob o ponto de vista de construção do discurso (lógica e razoada), este fragmento é irrepreensível. O parágrafo inicial elucida quanto ao primeiro conceito em uso:

a sensibilidade (...) é a fonte de toda a criação civilizada; essa criação só pode dar-se completamente quando essa sensibilidade esteja adaptada ao meio em que funciona

À definição inicial acresce a que clarifica o valor do objecto criado. A articulá-las a conjunção adversativa *mas* assume relevância comunicativa na exacta medida em que o complemento de informação prevê um quadro intelectual rígido – aquele que o locutor instaura – a não ser obliterado pelo seu alocutário. A impositividade aqui constatada é tanto mais flagrante quanto o próprio conceito está em vias de definição não sendo o entendimento que dele faz Álvaro de Campos coincidente com a acepção comum. Qualquer tentativa de decodificação do sintagma «criação civilizada» é, desde logo, circunscrita ao sentido específico que o locutor lhe pretende atribuir e que prontamente avança. Neste sentido, a adversativa estabelece uma oposição não entre os dois conteúdos proposicionais – de resto, inoperante, uma vez que o segundo complementa o primeiro – antes «par rapport à un mouvement argumentatif mis en évidence par la conclusion r»¹⁸, esta última, uma possível conclusão concedida pelo argumento inicial.

¹⁸ Citação proveniente de um trabalho conjunto publicado em Oswald Ducrot et al. 1980. *Les mots du discours*, Paris, Éd. de Minuit, pp. 93 e ss.

De um modo perverso – *excessivo* –, o texto prevê um seu interlocutor apenas para que este veja os seus percursos interpretativos coarctados.

Sendo este o primeiro exemplo do desenvolvimento gradativo de Álvaro de Campos no tocante à expressão de uma arte civilizacional, ele mais não espelha do que uma dominância sobre os seus leitores conseguida intelectual, já não emocionalmente.

Todavia, o pendor emotivo característico das folhas iniciais do *Ultimatum* aflora o discursivismo desta passagem. Assim, duas conjunções funcionalmente equivalentes delimitam um período:

Temos, pois, que a uma certa altura da civilização ha de haver uma desadaptação da sensibilidade ao meio, que consiste dos seus estímulos – uma fallencia portanto.

Dá-se isso na nossa ephoca, cuja incapacidade de crear grandes valores deriva dessa desadaptação.

A afirmação é conclusiva pelo sentido que encerra face às premissas, reclamando-se do mesmo estatuto sob o ponto de vista formal. É inevitável aproximar esta demonstração de uma frase menos contida em que o agravo circunscrito à época do autor era ao mesmo:

Nem uma corrente literária que seja sequer a sombra do romantismo ao meio-dia! ¹⁹.

A preocupação de Álvaro de Campos é a da adequação inexistente entre a sensibilidade e o meio: expressa-a ora por um raciocínio consequente ora por invectivas em momentos distintos do Manifesto.

A anteceder o último postulado aduzido ²⁰, o *prefixo performativo* está também modificado por uma locução conjuncional conclusiva. A articulação de sentido entre «A Necessidade da Adaptação Artificial» e a «Intervenção cirúrgica anti-christã» fica explicitada sob o ponto de vista lógico-discursivo. O parágrafo anterior tinha antevisto uma relação de necessidade entre os dois postulados ao condicionar a

¹⁹ O tom acusatório esvazia o sentido, este é frágil porque paradoxalmente expresso. Dependendo da localização no globo e do calendário ou a sombra ao meio-dia é mínima ou inexistente. Tal investida verbal foi retirada das páginas iniciais do *Ultimatum* cujo pendor emotivo e paradoxal foi já antes apontado.

²⁰ «Proclamo, porisso, em terceiro lugar,

A intervenção cirúrgica anti-christã

Resolve-se ella, como é de ver, na eliminação dos trez preconceitos, dogmas, ou atitudes, que o christianismo fez que se infiltrassem n'a própria substancia da psyche humana».

«adaptação artificial» à «eliminação das aquisições físicas do espírito humano», lexicalizando esta relação, no mesmo período, através de uma conjunção conclusiva e de uma locução conjuncional condicional:

A adaptação artificial será portanto espontaneamente feita desde que se faça uma eliminação das aquisições fixas do espírito humano, que derivam da sua emergência no christianismo.

Pela análise encetada, é constatável que a atribuição de *ênfase enunciativa – assertividade, peremptoriedade* – é relativamente independente da explicitação do acto assertivo efectivado. Aquela não é indiciada por esta, sendo possível delinear uma aproximação entre a viragem racionalizante do discurso e a presença do prefixo assertivo. Obviamente que esta interpretação não retira valor estilístico à evidência assertiva, antes o perspectiva num momento estrutural da composição.

De acordo com a visão segundo a qual o contexto discursivo é relevante para a análise de determinado fragmento, assumem importância e modalizam a interpretação de uma sequência assertiva a proximidade de actos directivos, promissivos e expressivos.

No excerto textual já analisado, a asserção era antecedida de um promissivo que culminava um extenso elogio do sujeito de enunciação. O acto ilocutório promissivo partilhava da dimensão epidíctica anterior, sendo um dos processos de louvor do sujeito que valida os conteúdos a expor. Estes caracterizam-se pela radicalidade antevista para os domínios da arte, política e filosofia.

Ao filiar-se em entidades históricas que privilegia – «os Navegadores»; «os Descobridores» – leva a cabo uma asserção indicada como tal. No entanto, ela é apenas uma reiteração de um conteúdo imediatamente antes veiculado, omitindo, desta feita, o traço axiológico negativo.

O que ahi está não pode durar, porque não é nada!

Eu, da Raça dos Navegadores, *affirmo* que não pode durar!

Eu, da Raça dos Descobridores, *desprezo* o que seja menos do que descobrir um Novo Mundo!

A ênfase é obtida pela repetição do já dito e, por uma nova inserção contextual, aponta para a qualificação do locutor.

O segundo acto ilocutório levado a cabo neste fragmento inicia-se por uma ordenação sintáctica anafórica em relação à anterior, contudo este é um acto expressivo que clarifica o estado psicológico do locutor.

A presença em ambos dos performativos – um, prefigurando-se como intelectual; o outro, emotivo – menciona inequivocamente uma intenção enunciativa consentânea às invectivas anteriores. Ainda assim, estas sequências, bem como todas as restantes frases, constituem tomadas de posição, configurando um quadro discursivo imposto ao alocutário.

Esta mesma dimensão é extremada pela presença recorrente ao longo de todo o texto de actos directivos como sejam a questão ²¹; ou ordem ²²; ou exortação/convite ²³.

Multiplicando-se estes a todo o desenvolvimento do texto e mantendo até uma relação paratextual, confirmada por uma sequência prematura no texto

«Tudo de aqui pra fóra! Tudo de aqui pra fóra! Ultimatum a eles todos e a todos os outros que sejam como eles todos!»,

o tom que confere contágio os restantes actos linguísticos com uma forte dose de impositividade de modo a que estes não enunciem a realidade antes a *criem* aos olhos do seu interlocutor.

O acima escrito permite comentar, estilisticamente, o tom assertivo instaurado pelo discurso. Contudo, usos particulares a um texto, carentes e reféns de interpretação, colidem com um percurso claro em teoria linguística no que diz respeito à dimensão accional da linguagem. Tal percurso, inicialmente provindo da Filosofia da Linguagem, iniciou-se no reconhecimento de tal dimensão accional em verbos particulares (na nomeação dos processos *daquilo que se fazia ao dizer*

²¹ «Lixo guerreiro-palavroso! [...] / Quem acredita neles? / Quem acredita nos outros?».

²² Este tipo de acto directivo inicia o *Ultimatum* e ocupa grande parte do seu texto, tem como marca sintagmática frequente — que não exclusiva — o imperativo. Ex. «Mandado de Despejo aos Mandarins da Europa. *Fora.*».

²³ É difícil precisar o acto linguístico a que me pretendo reportar dado que este é um exemplo em que a indirectão deve ser levada em conta. Depois de um novo processo metonímico pelo qual os produtos e qualidades neles constatáveis estão por toda a civilização que os estimula e produz, surge a seguinte interpelação:

«Vem tu, finalmente ao meu Asco, roça-te tu finalmente contra as solas do meu Desdem, grand finale dos parvos, conflagração-escarneo, fogo em pequeno monte de estrume, synthese dinamica do estatismo ingenito da ephoca!».

O conteúdo proposicional mantém uma relação equívoca com o acto que é levado a cabo uma vez que a estrutura frásica indicia um convite ao passo que o enunciado constitui uma evocação denegridora. É bom lembrar que este «convite» encerra a extensa e generalizada injúria inicial.

algo). A distinção austiniana inicial *performativo/ constativo*, apenas operatória para elucidação do agir linguístico, veio a permitir que tais verbos fossem agrupados segundo classes particulares de actos discursivos (em Searle). Generalizou-se, depois, a toda a tomada de palavra, independentemente do acto particular levado a cabo. Especial relevância teve a noção de *juridismo ilocutório* de Ducrot ao descrever as obrigações acometidas aos interlocutores aquando da efectivação de determinado acto linguístico. Também a descrição específica do acto assertivo, designadamente com Attal, abaixo transcrito, veio a equacioná-lo como sendo a imposição de uma visão do mundo ao outro. Um papel semelhante é cumprido, então, pelo acto assertivo e pelos restantes:

«Ducrot a souligné les modifications entre locuteur et auditeur entraînés par la promesse, l'ordre, la question. Nous avons mis l'accent, de notre côté, sur un aspect correspondant de l'acte d'assertion: il modifie (ou cherche à modifier) la vision du monde de l'auditeur»²⁴.

Reportando-se ao mesmo percurso teórico, Marc Angenot sustenta que a anterior distinção deve ser mantida num estudo de discurso panfletário «discours qui n'est pas seulement une suite de jugements mais se donne pour un *acte* par lequel l'énonciateur s'engage, se porte garant de se qu'il constate et cherche à influencer l'auditoire en fonction du but qu'il se donne.»²⁵

Não será determinada *prefixação performativa* critério definitivo para a *interpretação ilocutória* – no limite, aquela pode estar omissa ou dela ser feito uso enganoso –, não sendo também a dimensão perlocutória privativa ao panfleto e textos afins.

Concedo, no entanto, que uma resenha estilística de textos compulsados denote a frequência destes elementos. Assim, quando algumas linhas decorridas, após a convocação de tal percurso da teoria linguística, Angenot evidencia a presença do locutor deste discurso pela inexistência de «énoncé neutre d'un jugement mais implication de l'énonciateur qui s'en porte garant: *le constatif tend à tourner au performatif*», parece-me que o *Ultimatum* plenamente o confirma. O teor da estilística levantada por Angenot é justo mas, coevamente, reenviar-se-ia o *tour performatif* em que insiste às características pragmáticas

²⁴ Pierre Attal (1976:11/12).

²⁵ Op. cit., p. 70.

estritas do género persuasivo e que procedem pela verbalização da relação discursiva: o comprometimento do *eu* perante *vós* com o que afirma, visando ao convencimento.

A análise retórico-estilística que foi sendo desenvolvida bem como a configuração textual de determinado estado de coisas filiam, de modo ambivalente, o *Ultimatum* na estética do Futurismo. Concretizando, a expressão do «eu» e um importante fragmento de índole lógica e expositiva parecem infirmar preceitos avançados nos manifestos da estética em consideração²⁶. No entanto, é importante ter em conta que o texto analisado partilha a dimensão programática com os de Marinetti referenciados (que permitiram uma corroboração das características privativas ao género discursivo *manifesto*). Assim sendo, ele é elucidativo tanto quanto exemplificativo²⁷ em momentos diferenciados.

A impositividade do género está tanto em:

«garanto absolutamente a vinda da humanidade dos engenheiros!»,

quanto em:

«Homens, nações, intuítos está tudo nullo!»,

²⁶ «Ensinai-vos a odiar as bibliotecas e os museus, para vos preparardes para odiar a inteligência despertando em nós a divina intuição, dom característico das raças latinas.»

E também «Morte do Eu literário», citações provenientes do *Manifesto técnico da literatura Futurista* e de *Destruição da sintaxe Imaginação sem fios Palavras em liberdade* de Marinetti in José Mendes Ferreira (org.), *Antologia do Futurismo Italiano*, Libos, Editorial Vega, 1979, p. 117 e 129.

²⁷ A primeira extensão individualizável de texto anterior às proclamações caracteriza-se por ser futurista pela letra e pelo espírito: a analogia da destruição congrega os três campos semânticos visados; os processos metonímico e simbólico desenvolvem as redes de analogias em imagens inusitadas. Diz Marinetti: «A poesia deve ser um cortejo ininterrupto de imagens novas sem o que mais não é do que anemia e esclerose.», «A analogia não é mais do que o amor profundo que une as coisas distantes, aparentemente diversas e hostis. Só por meio de analogias vastíssimas, um estilo orquestral, a um tempo polícrono, polifónico, e polimorfo pode abraçar a vida da matéria.» Exemplifica Álvaro de Campos: «E todos os chefes de Estado, incompetentes ao léu, barris de lixo virados pra baixo á porta da Insuficiência da Epocha [...] Arranjem feixes de palha e ponham-nos a fingir gente que seja outra!», ou, «E se houver outros que falem, procurem-os ahi pra um canto!», esta última imagem justapondo acções que são consecutivas e não simultâneas. A dimensão perlocutória fortemente agressiva mantém-se pretendendo a «força de estupefacção», p. 111.

o primeiro processo apenas juntando a um enunciado o *comentário metalinguístico* da sua própria enunciação.

BIBLIOGRAFIA

1.1. Bibliografia primária

FERREIRA, José Mendes (org.). 1979. *Antologia do Futurismo Italiano*. Libos. Editorial Veja.

Portugal Futurista (ed. facsimilada). 1990. Lisboa. Contexto. Pp. 30-34.

1.2. Bibliografia secundária

ANGENOT, Marc, 1982. *La parole pamphlétaire: contribution à la typologie des discours modernes*. Paris. Payot.

ATTAL, P., 1976. «L'acte d'assertion» in *Semantikos*. v. 1. n.º 3. pp. 1-12.

AUSTIN, J. L., 1983. «Performativo/Constatativo» in *Linguagem e Acção: da filosofia analítica à linguística pragmática*. org. e int. José Pinto de Lima. Lisboa. apáginastantas.

BERRENDONNER, A., 1988. *Éléments de pragmatique linguistique*. Paris. Éd. de Minuit.

BURGUER, Peter, 1993. *Teoria da Vanguarda*. Lisboa. Vega.

CALINESCU, Matei, 1991. *Cinco caras de la modernidad: Modernismo. decadencia. kitsch. posmodernismo*. Madrid. Editorial Tecnos.

COELHO, Jacinto do Prado, 1990. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 10.ª ed., Lisboa. Editorial Verbo.

COMPAGNON, Antoine, 1990. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris. Éd. du Seuil.

GARAVELLI, Bice Mortara, 1991. *Manual de Rétorica*. Madrid. Ediciones Cátedra.

JÚDICE, Nuno, 1992. *O processo poético*. Lisboa. INCM.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., 1988. *L'Énonciation. de la subjectivité dans le langage*. Paris. Armand Colin.

LEWANDOWSKI, Theodor, 1986. *Diccionario de Linguística*. 2.ª ed.. Madrid. Ed. Cátedra.

MAINGUENEAU, D., 1990. *Pragmatique pour le discours littéraire*. Paris. Bordas.

PARRET, Herman, 1986. *Les Passions. Essai sur la mise e discours de la subjectivité*. Bruxelas. Pierre Mardaga.

SEARLE, J. R., 1979. *Expression and meaning*. Cambridge. C. U. P.

Problemas de crítica textual no *Aegidius Scallabitanus* de André de Resende

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA
(ILCH – Universidade do Minho)
virginia@ilch.uminho.pt

RÉSUMÉ

Le texte dont il est question est une version un peu plus élargie de la communication présentée au colloque *Edição de Textos*, organisé par le Département d'Études Portugaises de l'Université du Minho, le 21 Mai 2002. Tout en prenant comme point de départ les problèmes suscités par l'édition critique du *Aegidius Scallabitanus* de André de Resende, on a essayé, alors et maintenant, de faire connaître les vicissitudes du texte Résendien, lequel a été objet de publication posthume et a été victime des préjugés de son époque et d'autres époques. On tâchera aussi de présenter les principaux critères qui ont présidé à ladite édition et de rappeler l'une des oeuvres les plus importantes et moins connues de la production du grand humaniste de Évora.

Palavras-chave: censura, Frei Gil de Santarém, Ordem dos Pregadores, António de Sena, Estêvão de Sampaio, Erasmo

*«Editing texts means interpreting them,
and for the task of interpretation
all relevant knowledge and experience is called into play.»*

E. J. KENNEY, *The Classical Text*, p. 151

0. Apresentação

André de Resende, natural de Évora, foi um dos maiores humanistas portugueses do século XVI e deixou uma obra vasta e marcante em áreas e actividades tão diversificadas como a de (ex-)frade dominicano, professor de príncipes, gramático, poeta, orador, teólogo, hagiógrafo, historiador e antiquário-arqueólogo.

No conjunto dessa sua vasta produção – constituem-na para cima de cem títulos escritos na sua maior parte em latim –, algumas obras ocupam uma posição de particular relevo e merecem, por isso, atenção especial. É o que acontece com o *Aegidius Scallabitanus*, um extenso e curioso diálogo (dedicado à vida de S. Fr. Gil de Santarém) que recentemente tem sido objecto de algum interesse por parte dos estudiosos de Resende e do quinhentismo português. E não é difícil explicar o motivo desse interesse.

Na verdade, e em primeiro lugar, trata-se de um texto que, embora estivesse concluído à data da morte de André de Resende, em 1573, nem viu a luz do dia em vida do autor nem teve, até há pouco tempo, publicação (integral) em Portugal.

Em segundo lugar – e a atestar desde já a importância que lhe era atribuída – o *Aegidius* foi particularmente recomendado no testamento do humanista, que considerava que, pelo seu conteúdo, a obra seria do maior interesse para a honra do herdeiro e para a sua própria memória. Como deixou aí exarado:

Mando que os meus livros de São Frey Gil [...] todo fique ao dito meu herdeiro, e ele tenha todo muito bem goardado, porque sam muito proveytosos para a sua onra, e minha memoria.

Em terceiro lugar, o *Aegidius* representa uma notável novidade no conjunto da produção resendiana, ao apresentar-se como um diálogo que se desenvolve em torno da vida de Fr. Gil, um frade dominicano do séc. XIII, considerado santo pelo povo e pela tradição, que dele fez uma espécie de «Fausto português»¹. Decorrendo numa quinta de Resende, em Évora, esse diálogo tem a participação de três humanistas (o próprio André de Resende e dois amigos, o jurista Inácio de Moraes e o médico Luís Pires) e está recheado de excursos que versam matérias diversas e alheias à biografia. O facto de conciliar estas duas vertentes distintas (a hagiográfica e a humanística, que lhe serve de moldura) insere-o na tendência geral do humanismo renascentista, que muito prezou a exposição de matéria e a expressão de opiniões através de uma forma literária específica e rica de possibilidades: o diálogo.

Finalmente, o *Aegidius* aborda, ao longo dos seus inúmeros excursos – propiciados exactamente pela técnica expositiva do diálogo –, um conjunto de questões (filológicas, históricas e teológicas) que eram não apenas inéditas no âmbito da produção resendiana,

¹ Sobre esta figura importante e enigmática do séc. XIII português veja-se, entre outros, NASCIMENTO, Aires A. (1991) e OLIVEIRA, João de (1973).

como objecto de debate mais ou menos aceso e polémico no século XVI europeu. Aí são abertamente tratados, entre muitos outros, o problema do livre arbítrio (e o da sua coadunação com a graça e a justificação do homem) e a questão da origem do culto dos santos – dois temas problemáticos que então dividiram a cristandade europeia e conduziram ao confronto entre a Reforma e a Contra-Reforma.

Com todos estes ingredientes – publicação póstuma, narrativa hagiográfica e excursos de teor humanístico-renascentista –, compreende-se bem que desde cedo tenham começado os trabalhos e as atribuições editoriais do *Aegidius Scallabitanus*, uma obra que, apesar da sua inestimável valia, foi deixada pelo autor, nitidamente, «na gaveta». Na verdade, uma análise das circunstâncias que terão determinado que a obra ficasse manuscrita induz-nos a pensar que o humanista não há-de ter querido dar à estampa um texto que trazia a debate questões filológicas e teológicas espinhosas e que poderia suscitar muitas perplexidades do ponto de vista de uma estrita ortodoxia religiosa. Depois do Concílio de Trento, os tempos tinham-se tornado pouco propícios ao livre exame religioso e André de Resende percebeu-o bem.

Apesar disso, o humanista entendia que o texto era importante e merecia ser salvaguardado do esquecimento. Daí a referida e especial recomendação feita no já citado testamento – cuja redacção terá sido concluída poucos dias antes da morte do humanista –, que, todavia, não só não foi suficiente para salvar o manuscrito resendiano das inúmeras vicissitudes a que a sua transmissão esteve sujeita desde o início, como não impediu, afinal, a sua definitiva (?) perda.

Dito isto, entremos no principal objectivo do presente trabalho, que consiste em recordar, por um lado, quais foram essas vicissitudes e em apresentar, por outro, os critérios que presidiram à realização da edição crítica do *Aegidius Scallabitanus* vinda a lume no ano de 2000 ².

² Para pormenores, veja-se essa edição em RESENDE, André de (2000), «*Aegidius Scallabitanus*»: *Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, em particular o cap. V. Aqui figura a bibliografia essencial sobre a matéria.

1. Os erros do autógrafo resendiano

Sem que se saiba como nem quando – mas seguramente pouco tempo depois da morte de André de Resende (em 1573)³ –, o MS. autógrafo do *Aegidius Scallabitanus* foi entregue ao convento de S. Domingos de Santarém. Diga-se desde já que foi neste convento que o frade dominicano biografado – o S. Fr. Gil – viveu durante muito tempo e ali foi sepultado. Entregue o autógrafo àquele convento, a odisseia da sua transmissão seguiu duas vias diversas – uma impressa, outra manuscrita – e foi bem acidentada, como veremos, em virtude da conjugação de factores de vária ordem.

No que diz respeito à tradição impressa, convém saber que ela está estreitamente ligada à situação política que se viveu em Portugal nos anos subsequentes à morte de André de Resende, em Dezembro de 1573. Por essa altura, nuvens de incerteza e angústia iam-se acastelando no horizonte político do país, criando um clima de instabilidade que veio a agravar-se em 1578, com a morte de D. Sebastião em Alcácer Quibir. Este infausto acontecimento deu origem a movimentações populares que iam no sentido de elevar ao trono D. António, Prior do Crato, numa tentativa quase desesperada de se afastar a possibilidade de ingerência castelhana. Ora entre os partidários de D. António encontravam-se muitos frades dominicanos, que o apoiaram indefectivamente, mas que, incapazes de suster o ímpeto da causa adversária, se viram perseguidos e forçados ao exílio. E é aqui que entram em cena dois frades dominicanos ligados à obra de Resende, que em tempos fora também dominicano. Um deles, António de Sena – que andava a recolher material destinado à redacção da *Bibliotheca* e do *Chronicon* da Ordem dos Pregadores –, passou pelo convento de Santarém, viu lá o MS. do *Aegidius*, extraiu uma cópia e levou-a consigo para terras de França, com o objectivo de a dar a lume. Mas morreu, em 1585, sem ter conseguido, como pretendia, dar à estampa o seu manuscrito, apesar de o ter deixado pronto para isso. Em que estado terá deixado o

³ Desconhece-se o papel que nisto coube ao referido herdeiro, um filho (ilegítimo) do humanista. Sabe-se, isso sim, que Diogo Mendes de Vasconcelos, discípulo de Resende, fora encarregado de recolher, à morte do humanista, o que de importante – em termos de espólio literário – ele tivesse porventura deixado em sua casa. Terá sido este Diogo de Vasconcelos a entregar o Ms. do *Aegidius* no convento de Santarém? Sobre Diogo de Vasconcelos e o espólio de Resende, veja-se a carta que o mesmo Vasconcelos dirigiu, em 15 de Janeiro de 1580, ao cardeal D. Henrique, então rei de Portugal, inserida na obra: RESENDE, André de (1996), *Antiguidades da Lusitânia*, pp. 59-63.

texto dessa cópia é que não é fácil saber. É provável que lhe tenha feito modificações (pois a veia irónica de Resende poderá ter-lhe parecido, em certos passos, muito acentuada e perigosa), mas não é possível saber ao certo que alterações terão sido essas, porquanto um outro dominicano, de nome Estêvão de Sampaio, se apoderou do manuscrito de Sena e o entregou ao prelo, mas não sem antes lhe ter feito – assim dizia – alterações, cortes e interpolações ⁴.

E o resultado final destas duas diligências foi a edição que veio a lume em 1586, em Paris, na casa impressora de Thomas Périer, a que se seguiram uma outra do mesmo ano e uma terceira em 1596 ⁵. Apesar das intenções de Estêvão de Sampaio, tudo leva a crer que o texto de Resende terá chegado quase na íntegra ⁶. Esta é, de resto, a opinião de Américo da Costa Ramalho, o primeiro estudioso que chamou a atenção para o interesse (e as vicissitudes editoriais) do texto resendiano em apreço ⁷.

Enquanto isto se passava, uma outra cópia do MS. resendiano era tirada no convento de S. Domingos de Santarém e levada para o convento de Benfica, em 1588, por um dominicano anónimo. E foi aqui que verdadeiramente se agravou a desventura do texto de Resende. Com a melhor e a mais pia das intenções, aquele dominicano, ao proceder a uma nova cópia manuscrita da vida de Fr. Gil de

⁴ O estado em que encontrou o manuscrito forçou-o a intervir. Eis as suas palavras, às quais não se poderá, no entanto, dar muito crédito (veja-se *Aegidius*, pp. 244-245): (...) *multa inuertere, addere, immutareque sum coactus*. Em certos casos, teve mesmo de recorrer ao trabalho da tesoura, se foi isso que quis dizer com as palavras enigmáticas com que, em dado passo, se referiu ao seu trabalho: *quibus antidotus solutionis appositus est* («aos quais foi aplicado o antídoto do corte»).

⁵ O estudo comparativo destas edições revela, no entanto, que serão, no fundo, apenas uma em três tiragens, a segunda e terceira sujeitas a pequenas alterações com vista a um eventual aproveitamento de anteriores edições, não vendidas. Sobre o trabalho tipográfico no séc. XVI e as hipóteses de se ir corrigindo o texto no decurso de uma edição e de se ir aproveitando o papel não vendido, veja-se, por exemplo, MOLL, Jaime (2000), pp. 13-27, em especial pp. 25-26.

⁶ Acrescente-se, a concluir esta breve história das edições do *Aegidius*, que, depois da edições de finais de quinhentos, decorre, por assim dizer, um século até reencontrarmos o texto de Resende editado (mas apenas parcialmente, pois só é contemplada a sua componente hagiográfica) no vol. de Maio dos *Acta Sanctorum*. Vd. *VITA B. AEGIDII ORD. PRAEDICATORUM em Acta Sanctorum Maii collecta, digesta, illustrata, a Godefrido Henschenio et Daniele Papebrochio e Societate Iesu*. Tomus III. Antuerpiae, apud Michaellem Cnobarum, Anno MDCLXXX (pp. 403-438).

⁷ Veja-se RAMALHO, Américo da Costa (1979), «A Conversão maravilhosa do Português D. Gil (...)».

Santarém, expurgou-a dos diálogos e das muitas digressões que animavam a biografia feita pelo humanista eborense e reduziu-a à sua componente hagiográfica. Entendendo que os seus confrades, gente pia e de gostos simples, não teriam capacidade nem instrução para apreciarem cabalmente a hagiografia egidiana de Resende, decidiu libertá-la das pérolas (a palavra é dele) humanísticas, visto que pouco benefício trariam aos monges dominicanos. Ele mesmo o afirma, utilizando palavras muito esclarecedoras quanto à forma como avaliava o valor da *Vita* de Fr. Gil elaborada por Resende:

In qua [sc. *Vita* de Fr. Gil] (ut sui moris fuit) doctis omnibus et antiquarum praelectionum amatoribus, multa praesertim Lusitaniae nostrae, diserte, et nitido sermone, ac polito stylo, e latebris uetustatis eduxit quae quidem et si magna, rarique ingenij sint, a piis tamen hominibus qui in sactorum gestis eorum exempla simplici orationis structura audire desiderant (ut pia ac simplex monachalis instituti fert consuetudo), uelut inutilia, et quandoque noxia facile exploduntur⁸.

Anos mais tarde – mais concretamente em 1611, no convento dos Pregadores de Benfica –, um outro dominicano, de nome Fr. Vasco de Lucena, decide extractar cópia deste manuscrito de 1588, já truncado e, como vimos, reduzido à componente hagiográfica, para enviá-la à Câmara de Vouzela, na região de Lafões, que era a terra natal do santo biografado. Se a cópia chegou a ser enviada ou não, desconhece-se. Mas tudo leva a crer que sim, pois por esses anos estava em curso um movimento que tentava, através de outras provas e através de uma vida de Fr. Gil recheada de milagres, convencer Roma a beatificar o santo Fr. Gil.

Finalmente, em 1798, e numa outra data próxima desta, surgem duas novas cópias da vida de Fr. Gil, feitas por Fr. Vicente Salgado e pelo Pe. José Lopes de Mira a partir do MS. datado de 1611. Foi, de resto, com base na análise dessas cópias – as únicas chegadas até aos tempos de hoje –, e dos seus paratextos, que soubemos da existência do manuscrito de 1611 e até mesmo do de 1588. Quer dizer: de uma cópia

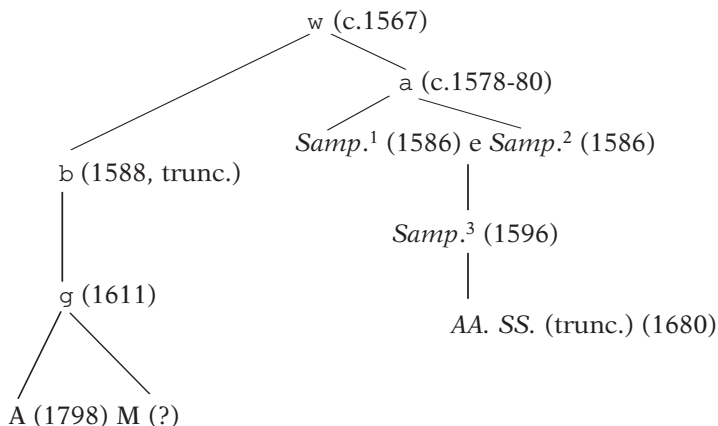
⁸ Isto é: «Nessa Vida – como era seu costume – [André de Resende] resgatou dos antros da antiguidade e deu a conhecer a todos os homens cultos e amantes de preleções antigas, de forma elegante, com linguagem requintada e estilo polido, muitas matérias, em especial sobre a nossa Lusitânia, matérias essas que, embora importantes e próprias de um raro talento, são todavia facilmente postas de parte por homens piedosos que, nos feitos dos santos, desejam ouvir os seus casos exemplares narrados num estilo simples (como é próprio da instrução dos monges, pia e simples), e consideram aqueles excursos inúteis e até mesmo, às vezes, prejudiciais.»

de 1588, expurgada do diálogo e dos excursos, fizeram-se outras cópias (de que se conhece apenas a de 1611), tendo chegado até nós as duas já referidas de finais do séc. XVIII ⁹.

Como se conclui do exposto, o manuscrito resendiano, entretanto desaparecido, deu lugar a duas linhas de transmissão, embora uma parte substancial do texto – a relativa ao diálogo e aos excursos – subsista apenas nas edições impressas quinhentistas acima referidas.

2. *Stemma codicum* (MSS. e edições):

Uma análise circunstanciada do texto oferecido por cada uma das tradições permitiu traçar o seguinte *stemma*:



Observando com atenção este *stemma* constituído por dois subarquétipos, vê-se claramente que as três edições assinaladas (*Samp. 1*, *2* e *3*) se reconduzem em linha directa a um dos subarquétipos (*a*), uma cópia do texto original de Resende. Por seu turno, os manuscritos existentes (*A* e *M*) têm como antepassado comum uma cópia de 1611 (*g*), que por sua vez ascende a um outro subarquétipo (*b*), o do ano de 1588. Acrescente-se que *A* e *M* são manuscritos irmãos e indepen-

⁹ Identificá-las-emos como (ms.) **A** (inicial de Academia das Ciências, onde se encontra o ms. de Vicente Salgado, com a cota Ms. 383, série vermelha) e (ms.) **M** (de Manizola, colecção da Biblioteca Pública de Évora, onde se encontra o ms. de Lopes de Mira, com a cota Ms. M – 20).

dentes entre si, o que significa que não são cópia um do outro e se constituem, por isso, como testemunhos textuais distintos.

3. Critérios e opções da edição crítica

Como acabámos de ver, o *Aegidius Scallabitanus* suscita variados problemas, alguns dos quais resultantes do facto de se tratar de um texto editado postumamente, o mesmo é dizer, sem interferência formal do autor. Antes de mais, o autógrafo do *Aegidius* percorreu, em cópias, um duplo caminho, dando assim origem a uma dupla tradição e transmissão, o que, para efeitos de edição crítica, coloca o editor na posição ingrata de quem está perante uma tradição bífida e, na falta do recurso aos códices, tem de fazer opções com base sobretudo na conjectura. Acresce que a versão integral (ou quase) do texto resendiano chegou até nós apenas mediante as edições de finais do séc. XVI, já que o texto oferecido pelos manuscritos ficou incompleto, em sujeição ao lema monástico do *inutilia truncat...* Quer dizer: de um lado, temos – em três edições que funcionam na prática como uma só – um texto completo, mas com inúmeras gralhas e no qual, confesadamente, foram introduzidas alterações, cortes ou interpolações. Temos, por outro lado – nos manuscritos –, um texto amputado, aqui e acolá adulterado, mas que surpreendentemente oferece, em certos casos, uma lição melhor. Na verdade, os manuscritos, apesar de apresentarem um texto truncado, fornecem pistas não apenas para se aqualitar da qualidade das edições quinhentistas, como para se corrigirem passos comuns a manuscritos e edições¹⁰.

Apesar de tudo, e estabelecida que foi a filiação ou relação de parentesco entre os testemunhos, torna-se possível, a partir do confronto entre o ramo unitário das edições, por um lado, e o ramo, aqui e ali bipartido, dos manuscritos, chegar a uma ponderada selecção das variantes e a um texto que se aproxime idealmente do verdadeiro original, para sempre perdido, segundo parece.

¹⁰ O cotejo dos manuscritos entre si revela a existência conjunta de erros comuns conjuntivos e de erros comuns separativos, o que permite concluir que ambos procedem de um mesmo exemplar de cópia, mas que não são cópia um do outro, isto é, que são independentes entre si. Trata-se, em suma, de códices «irmãos», para utilizar a terminologia de TIMPANARO, S. (1985), pp. 424 e 429). Sobre o sentido desta terminologia, veja-se ainda Alberto Blecua, *Manual de crítica textual*. Madrid, Editorial Castalia, 1983, pp. 49-57.

Perante o exposto, os critérios de selecção e edição adoptados na edição crítica do *Aegidius Scallabitanus* assentaram essencialmente no seguinte: 1. O «texto de base» foi, como não podia deixar de ser, o das edições quinhentistas, pois só estas contêm o texto de Resende praticamente na íntegra, ao passo que os manuscritos apresentam cortes evidentes, resultantes das (já mencionadas) pias preocupações do dominicano anónimo de finais do séc. XVI. 2. Mas também acontece que as edições contêm trechos (extraídos das *Vitae Fratrum*) claramente interpolados, em comparação com os manuscritos, e oferecem igualmente alguns casos de cortes. Daí que não tenha sido possível seguir cegamente nem as variantes das edições nem as dos manuscritos; pelo contrário, tiveram de ser analisadas caso a caso, umas vezes *ope codicum*, outras *ope coniecturae*. 3. Sempre que foi necessário recorrer ao *iudicium*, houve que atentar no valor relativo de cada testemunho. Por razões já expostas, a lição das edições apresentou-se, no geral, preferível. No que diz respeito aos manuscritos, o ms. **A** revelou-se mais cuidado do que o ms. **M**, pelo que, em caso de dúvida absoluta, e na falta de outro critério, foi dada preferência à lição de **A**. Assim se procedeu em casos particularmente difíceis de lições adiáforas ou indiferentes, como sejam as que se prendem com operações de alteração da ordem de palavras ou de segmentos frásicos (*transmutatio*) e de substituição (*immutatio*), quando nem o conhecimento profundo do *usus scribendi* do autor foi suficiente. 4. Finalmente, casos houve – relativamente poucos – em que se recorreu à chamada tradição indirecta, extra-estemática. Assim aconteceu quando foi necessário (e possível) corrigir o texto preservado, que se mostrava insustentável por apresentar uma lição manifesta ou supostamente errada.

4. Exemplificando:

Ope codicum

Numa tradição bipartida, o auxílio dos testemunhos em situações em que se pode decidir com base no argumento lachmaniano da quantidade, é reduzido. E na verdade isso só ocorre quando a tradição se transforma em tripartida – o que, na situação vertente, pôde acontecer em virtude de os códices A e M serem irmãos e independentes entre si (e não cópia um do outro). Tal foi o caso de:

- (1) p. 375: cum se lectioni dedisset A *Samp.*: cum se festinans, inquam, selectioni dedisset M

- (2) p. 295: praedari M *Samp.*: praedicari A
 (3) p. 419: pro comperta A *Samp.*: percomperta M

Em exemplos como os apresentados, o encontro ou coincidência de um dos MSS. com a edição é – não pode deixar de ser – critério seguro de selecção da variante, evidentemente.

Ope coniecturae

O problema afigurou-se maior sempre que essa tradição tripartida ofereceu três variantes. Situações destas não abundaram, mas ocorreram. Tal foi o caso de:

- (4) p. 415: Hermesenda A: Stremesenda M: Hermensa *Samp.*

Apenas a conjectura permitiu resolver, com base nos tipos de erros mais frequentes, esta situação. Considerando que A e M têm a mesma origem – donde se infere que uma das lições variantes não pode estar correcta – e que a lição impressa, *Hermensa*, parece estar truncada, afigura-se legítimo conjecturar que *Hermesenda* seria a lição original. De resto, a forma e estrutura do nome enquadram-no no género de onomástica, de procedência germânica, corrente na Idade Média ¹¹.

Seja como for, este é um caso especial e pouco comum. A maior parte das situações de maior ou menor dificuldade de solução decorre da tradição bífida, que obriga a decidir *ope coniecturae*. E esta requer, como se sabe, um amplo conhecimento linguístico e histórico-cultural, que permita estabelecer um texto credível e assente em fundamentos sólidos. Conhecer o *usus scribendi* do autor e as tendências da época é então imprescindível. Como escreveu E. J. Kenney: «Editing texts means interpreting them, and for the task of interpretation all relevant knowledge and experience is called into play.» ¹²

Os casos seguintes – (5), (6), (7) e (8) – são prova desta asserção. Estando em discussão questões de matéria linguística, importava conhecer o pensamento do próprio autor a esse respeito, a fim de dar solução às dificuldades. Ora o *Aegidius Scallabitanus* de Resende abunda em reflexões sobre a língua, que são resultado de um intuito

¹¹ Veja-se, por exemplo, o que diz o *Dicionário onomástico etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, vol. II, p. 574, s. u. *Ermesenda*.

¹² KENNEY, E. J. (1974), p. 151.

muito humanístico, por parte do autor, de apresentar – como ele mesmo afirmou no início da biografia de Fr. Gil –, um texto polido, elegante, caracterizado pela sua clássica *latinitas*, em oposição à barbárie dos textos anteriores em que se baseou para compor a vida de Fr. Gil. Por isso o *Aegidius* é apresentado, pelo próprio Resende, como uma reelaboração, em melhor estilo, de duas anteriores vidas de Fr. Gil: uma de um anónimo do século XIII, contemporâneo do santo, e outra de um autor mais recente, não identificado (talvez Fr. Baltazar de S. João). Na opinião do humanista, o texto de ambos caracterizava-se pela «barbárie» do seu latim e por um estilo absolutamente fradesco e sem brilho¹³. Cobia-lhe, portanto, compor uma vida de Fr. Gil mais consentânea com os tempos e os gostos do humanismo renascentista, que se preocupou em abrilhantar e «relatinizar» o latim medieval dando-lhe roupagens clássicas.

Deste ponto de vista, a lição oferecida pelas edições revelou-se, no geral, mais respeitadora do texto resendiano, o que se compreende, sobretudo se atendermos a que, como confessou o já mencionado dominicano anónimo, autor do MS. de 1588, foram muitas as intervenções a que procedeu – motivado por razões de pura *pietas* –, a saber: alterações de termos, sintagmas, frases ou trechos mais ou menos longos (como aconteceu com os diálogos e excursos que, interrompendo sistematicamente a exposição da vida do santo, falam de matérias alheias à narrativa hagiográfica). Mas também ocorreu, embora em menor escala, a situação contrária, isto é, a de a censura linguística se revelar no texto das edições. Vejamos os seguintes casos, ilustrativos do que acabou de ser dito:

(5) (*passim*): Scallabi *Samp.*: Sanctirenæ A M¹⁴

(6) (*passim*): Scallabitanus *Samp.*: Sanctirenensis A M

(7) p. 379, 9: post sanctifici libri solemne sacrificium A M: post sanctifici Corporis Christi solemne sacrificium *Samp.*
 («depois do solene sacrifício da santificadora libação» // «do Corpo de Cristo»)

¹³ Esta afirmação pode ser testada conferindo as palavras de Resende com o texto de Fr. Baltazar de S. João, publicado por NASCIMENTO, Aires A (1981: 113-220).

¹⁴ No aparato crítico da edição crítica do *Aegidius* (vd. n. 2), aqui retomado, *Samp.* é a abreviatura de Sampaio, o responsável pelas edições quincentistas, e representa globalmente essas três edições. Quanto a A e M, representam os MSS. da Academia e da Manizola, respectivamente (vd. n. 9).

- (8) p. 423: Id enim pallium, quod monachi cappam uocant *Samp.*:
Id enim pallium, quod nos cappam uocamus A M
(«Esse manto, a que os monges dão o nome de capa» // «Esse manto,
a que nós damos o nome de capa»)

Recordando os gostos de Resende e dos seus editores, transformados em princípio de selecção da variante, foi fácil encontrar solução para estes casos. Assim:

Nos casos (5) e (6), torna-se evidente que o autor do apógrafo de 1588 deu uma roupagem cristã (associando o topónimo Santarém ao hagiotopónimo *Sanctirena*, de *Sancta Irene*) a um nome de ressonância e tradição pagã (*Scallabis*, designação latina e clássica para Santarém)¹⁵.

No exemplo (8), o uso de *nos uocamus* em substituição de *monachi ... uocant* denuncia, claramente, um tique de quem exerce o ofício de monge.

Já no caso (7), a palavra *libum* revelou-se, aos olhos do editor Estêvão de Sampaio, um termo tão pagão que foi ele próprio – e não já o anónimo monge de Benfica –, que o substituiu por *Corpus Christi*. Note-se, contudo, que o próprio Resende recorreu, noutros passos, às expressões equivalentes, e perfeitamente canónicas, de *sanctificata hostia* e *Christi corpus*.

Aquele monge de Benfica, que procedeu a alterações e a cortes no texto de Resende, teve o cuidado de esclarecer – em dado momento da carta que dirigiu aos seus confrades e na qual justifica o teor das alterações introduzidas – que o fez de modo a que o texto narrativo da vida de Fr. Gil pudesse ser lido sem interrupções desnecessárias e sem que se desse conta de qualquer falha ou emenda. É o que sucede, de facto, nos exemplos seguintes, nos quais o corte coincide com um inciso perfeitamente dispensável:

- (9) p. 369: Ergo cum ex more uisitare locum ubi aegroti procurantur (monachi uocant infirmariam, aut, si uobis non displicet, nos ualetudinarium, νοσοκομείον aut νοσοτροφεῖον Graece dicamus) et *Samp.*: (monachi ... dicamus) *om.* A M
(«Ora, visitando ele, como era seu hábito, o lugar onde os doentes são tratados (os monges chamam-lhe enfermaria, ou então, se vos não desagrada, chamemos-lhe nós casa de saúde, νοσοκομείον ou νοσοτροφεῖον em grego) e ...»)

¹⁵ Sobre a questão da ligação entre *Scallabis* e Santarém, a que o próprio Resende dedica alguma atenção, veja-se *Aegidius* (pp. 314-317) e consultem-se as notas ao passo (nn. 67-69 ao Livro I, pp. 630-631) e bibliografia citada.

Em vez de se restringir ao uso do termo *infirmaria*, de cunho medieval e utilizado pelos monges – e que figuraria nas *vidas* antigas que o humanista consultou –, Resende preferiu revelar os seus conhecimentos recorrendo também a compostos gregos de antiga tradição ou ao latim clássico *ualetudinarium* para exprimir o conceito de «casa de saúde». Tratando-se, no entanto, de um claro inciso, para mais com marcas de diálogo, o anónimo de Benfica retirou-o do texto, talvez por ter dificuldade em perceber os termos gregos, ou simplesmente pelo facto de os considerar perfeitamente inúteis.

- (10) p. 553: incidit in paralysis alterum genus, quod a uobis, Pyrrhe, ἡμιπλεξίαν dici puto *Samp.*: incidit in paralysin A M
(«teve um ataque de paralisia – do género a que vocês, Pires, dão, creio, o nome de ἡμιπλεξία»)

Tal como no anterior, também neste exemplo a necessidade do corte ficou a dever-se, em princípio, quer à presença do grego (uma língua pouco apreciada pelos monges...), quer aos indícios e marcas de diálogo, que, como se sabe, foram sistematicamente retirados da versão dos manuscritos.

Problemas mais complexos, contudo, surgiram quando o editor dispôs de uma única lição, circunstância que se verificou em resultado de cortes ou acrescentos praticados em determinado manuscrito ou edição. E esses problemas revelaram-se duplamente complexos: por um lado, e em primeiro lugar, houve que decidir se certo trecho foi objecto de corte numa das versões (existindo, contudo, no original), ou se corresponde a um acrescento (sem existência, portanto, no original); por outro, houve que proceder a correcções, quando a única versão disponível se mostrava visivelmente deturpada pelo erro. Em que base assentaram, então, tais decisões e correcções? ¹⁶

Vejamos a seguinte situação:

- (11) p. 321: Ampla, mi Pyrrhe, hic historia manet, tamen quia magis curiosa quam utilis illam omittamus. *Samp.*: om. A M
(«Neste ponto, meu caro Pires, havia uma longa história a contar... Todavia, e porque tem mais de curioso do que de útil, deixemo-la de parte.»)

¹⁶ Nestes casos, como é evidente, movemo-nos no terreno da pura conjectura. Como adverte CONTINI, Gianfranco (1990-1992), p. 361: «Dell'evidenza dell'errore la miglior fonte è dopo tutto la comparazione».

Relativamente a este caso, a decisão foi simples, atendendo ao contexto. Resende falava da vida de estúrdia que Gil levava em Paris, antes da sua conversão. Pois bem: numa clara atitude censória, o monge anónimo de 1588 quis retirar do texto insinuações sobre possíveis falhas na vida do santo anterior à sua conversão. As edições, por sua vez, deixaram este comentário suspeito, mas bem ao estilo de Resende. Sabe-se, de resto, que os textos nos quais o próprio Resende se terá baseado (o de Fr. Baltasar de S. João, já referido, e um outro de Fr. António de S. Domingos) davam a deixa para observações deste género.¹⁷

Igualmente significativo foi o corte operado num passo em que Resende comenta o aumento de devoção de Fr. Gil pela Virgem (que lhe devolvera o *chirographum*, a cédula do pacto com o diabo); os MSS. apresentam a seguinte lição:

[...] in tantum, ut si rebus sacris ἐρωμανίαν adscribere liceret, non aliubi ea magis quam in uno Aegidio esse deprehenderetur, ita illum totum diuinae matris amor uelut ebrium ad se trahebat. Quin neque ab illa uicissim non speciali cura custodiebatur.

(«A tal ponto que, se fosse lícito aplicar a questões sagradas a designação de ἐρωμανία, se descobriria que em parte alguma a não ser em Gil, e só nele, se encontrava esse sentimento, tal era a atracção que o amor da divina mãe exercia sobre ele, como se estivesse ébrio; mais ainda: em sentido inverso, ela não deixava de o proteger com especial cuidado.»)¹⁸

Se confrontarmos com a lição das edições, verificamos que nestas foi omitido o texto sublinhado, possível sinal de que o editor terá recuado perante a comparação da fervorosa devoção de Fr. Gil com o

¹⁷ Para mais pormenores veja-se *Aegidius*, cap. III, pp. 116-117.

¹⁸ Neste mesmo passo (*Aegidius*, p. 241), por incompreensão ou gesto censório, ἐρωμανίαν foi substituído, nas edições, por ἐρωμαγίαν. Outras possíveis manifestações de zelo censório podem ver-se na substituição de *amuletum* por *monimentum*, embora o termo censurado ocorra mais adiante; na de *numen* por *nomen*, talvez pelo facto de o termo *numen* saber a paganismo; ou na omissão da frase a seguir sublinhada, que figura nos manuscritos a propósito dos efeitos de um milagre (*Aegidius*, p. 321): [...] *ut nullum praeteriti mali uestigium remanserit aut in posterum homo unquam senserit*, já que esta disjuntiva poderia indiciar dúvida sobre o real alcance do milagre atribuído à intervenção de Fr. Gil. São muito provavelmente obra do censor (que se batera pela causa portuguesa contra os Castelhanos) a omissão do termo *Hispanus* ou a sua substituição por *Lusitanus*, utilizados na identificação de Fr. Gil por um anacoreta de Roma (vd. *Aegidius*, p. 292).

estado de embriaguez, apesar de formulações congêneres ocorrerem em consagrados autores da Igreja ¹⁹.

No que se refere a situações de interpolação, elas ocorrem sobretudo no texto das edições de Estêvão de Sampaio e prendem-se, de um modo geral, com extractos das *Vitas fratrum*, um texto famoso que contém as primeiras vidas de frades da Ordem dos Pregadores e dos seus primórdios. Trata-se, não obstante, de um texto medieval (séc. XIII) cuja *latinitas* era deplorável e que, por isso mesmo, seria do manifesto desagrado de Resende. Um desses extractos tem a seguinte frase introdutória:

(12) p. 379, 7: *ante* in coenobio *add.* Si (Hic *Samp.*3) uero ut antea grossam (grossam *Samp.*3) patrum nostrorum Mineruam audire non graueris *Samp.*

Atendendo à estrutura da frase e às tergiversações das emendas, próprias de quem não está seguro do que escreve, só pode inferir-se que este passo constitui o início de uma interpolação clara, o que se comprova pela má qualidade do latim e pela referência à «sabedoria» *patrum nostrorum* («dos nossos padres») – uma expressão que Resende nunca teria usado, pois, quando isto se escrevia, já o eborense tinha despido as suas vestes de frade dominicano. Este mesmo passo serve, ainda, para corroborar (ou antes: desmascarar) duplamente uma longa interpolação anterior ²⁰, ao dizer *ut antea* («como anteriormente») e ao falar, em mau latim, da *crassa Minerua* para se referir ao latim das mencionadas *Vitas fratrum*. Em suma, foi a deficiente qualidade do latim da frase introdutória do extracto que, em nosso entender, denunciou essa mesma interpolação. Note-se, contudo, que continuamos no terreno frágil da conjectura...

Decorrente ainda do facto de em largos trechos o texto das edições ser o único disponível, houve que estar atento a eventuais sinais de erro e foi necessário proceder, com alguma frequência, a correcções a esse mesmo e único texto – o texto editado por Estêvão de Sampaio, que muitas vezes deixou muito a desejar. Foi o que se fez em casos como:

(13) *leuandi taedii causa ego*: *leunadi taedii causa Samp.*

¹⁹ Santo Ambrósio, por exemplo, escreve, no Hino 7. 24: *Laeti bibamus sobriam ebrietatem Spiritus*. (vejam-se esta e outras formulações em BLAISE, A. (1966), pp. 123-125).

²⁰ Veja-se o aparato crítico da p. 335 do *Aegidius*.

Uma simples alteração da posição de duas letras permitiu a restituição do original, uma operação que foi facilitada pela proximidade do termo *causa*, que introduz geralmente um genitivo de fim.

Também de fácil resolução, mas particularmente curioso, foi o caso seguinte:

(14) *sertam ego: certam Samp.*

A lição *certam* insinuou-se no texto de Sampaio em virtude da deficiente distinção, frequentíssima no acto de cópia, entre dois sons – a oclusiva gutural surda (em *certam*) e a africada dental surda (em *sertam*) – que a chamada pronúncia tradicional (a que vigorava então) confundiu num só, a africada dental. Em todo o caso, o passo reclamava outro vocábulo, pois era tradução (resendiana) do verso 73 do *Hipólito* de Eurípides, citado, de resto, pelo próprio Resende, e que diz assim:

Σοὶ τόνδε πλεκτὸν στεφάνον ἐξ ἀκηράτου
λειμώνος,

isto é:

«A ti <te ofereço> esta coroa entretecida de intocadas flores
Do prado».

Veja-se a tradução (para latim) de Resende:

«*Tibi hanc sertam coronam ex illibato
prato [...]».*

Como resulta evidente, a lição *certam* não fazia sentido por não traduzir o *πλεκτὸν* do texto grego; mas isso já não sucedia com o adj. *sertus*, *-a*, *-um*, pertencente ao verbo *sero*, *-is*, *-ere*, *serui*, *sertum*, que significa «entrelaçar», «entretecer».

Pode, portanto, considerar-se que esta solução foi possível porque a presença do texto grego funcionou, em relação à sua tradução, como uma fonte indirecta de informações.

E assim nos aproximámos de outros casos cuja correcção foi possível apenas por recurso a uma tradição indirecta. Foi o que aconteceu com os seguintes, todos eles resolvidos graças ao contributo inesperado de Tamayo de Salazar, um historiador natural de Badajoz que em 1655 publicou uma obra intitulada *Anamnesis, siue Commemoratio* dos Santos da Hispânia e que aí introduziu uma notícia

sobre a vida de Fr. Gil (para a redacção da qual se apoiou, como diz, no *Aegidius Scallabitanus* de Resende). O primeiro caso digno de nota foi o seguinte:

(15) p. 403: *omina fort.*, cf. Tamayo, *Anamnesis*, p. 205: *omnia A M Samp.*

Neste caso, absolutamente atípico, edições e manuscritos apresentam a lição *omnia*, manifestamente errada por não se coadunar com o contexto nem sintáctico nem semântico. Na verdade, o contexto refere-se, em discurso indirecto livre, a superstições e agouros, e diz o seguinte:

«... *nihil metuendum <esse> ex eo quod sternuisset ille, omina et auguria rem esse uanitas plenissimam...*»

(isto é:

«que nada havia a recear do facto de aquele homem ter espirrado e que presságios e agoiros não passavam de puro engano...»).

Para lá do auxílio prestado pelo contexto, que reclama esta lição (sem dúvida um caso de *lectio difficilior*), o texto (a lição *omina*) pôde ser estabelecido (ou antes: corroborado) também graças ao auxílio prestado pela já referida tradição indirecta constituída por um passo da Vida de Fr. Gil incluída na *Anamnesis* de Tamayo de Salazar, editada em meados do século XVII. Lida com atenção, a vida de Fr. Gil apresentada por Tamayo revela que este consultou um MS. com o texto de Resende, embora não seja possível dizer qual. Foi, contudo, um MS. muito anterior aos de finais do séc. XVIII (os que chegaram até nós). Acrescente-se que a correcção para *omina* é, com toda a probabilidade, da autoria do próprio Tamayo, que se terá dado conta do erro (*omnia* por *omina*) que constaria do manuscrito consultado.

Mas este não foi o único contributo de Tamayo para a edição do *Aegidius*. Apesar de se tratar de tradição indirecta, o mesmo Tamayo permitiu-nos reconstituir dois outros passos:

(16) p. 325: *diffibulariue fort.*, cf. Tamayo, p. 202 : *defibulariue A M Samp.*

Relativamente a este caso, convém esclarecer que o termo *defibulari* (que no texto vem seguido da enclítica *-ue*) não existe. Compreende-se, por isso, que se emende o texto de Resende, apesar de

se não saber em que momento da transmissão se terá insinuado o (suposto) erro no texto da vida egidiana de Resende.

Já no exemplo seguinte, tratou-se de suprir uma falha não imediatamente evidente, pois que a palavra *superos* não figurava nem nas edições nem nos manuscritos.

(17) p. 329: *frustra se adflictare, frustra precibus fatigare superos, occlusum sibi omnino caelum.*

(«que em vão se atormentava, que em vão massacrava os deuses do alto com preces, que o céu lhe estava irremediavelmente vedado.»)

O acrescento de *superos* («deuses súperos», «das alturas»), que sintáctica e semanticamente era necessário, sem dúvida, foi possível graças ao contributo prestimoso, ainda que involuntário, de Tamayo.

5. Concluindo:

Eis, em suma, alguns dos problemas e algumas das soluções encontrados para a edição do *Aegidius Scallabitanus*, na tentativa de alcançar um texto fidedigno e que não desagradasse ao autor. É que Resende, como humanista que era, sentia um sacro horror perante um texto *deprauatus* e *barbarus*, embora soubesse que encontrar um texto isento de erros era missão quase impossível. Na verdade, e apesar de todos os cuidados – como desalentadamente confessou nas palavras ao leitor que antecedem a errata da edição do *Breviarium Eborense* de 1548, uma obra monumental organizada por ele próprio –, sempre lutou com os tipógrafos ignaros e descuidados como contra uma serpente (pensaria talvez na hidra de Lerna...), acrescentando mesmo que nem três Argos²¹, com os seus mil olhos, seriam capazes de evitar tantos erros..., os inevitáveis e pululantes erros de cópia.

²¹ Como diz na *Carta a Quevedo*, a respeito do mesmo *Breviarium* e das gralhas que nele pululam. Relativamente a estas preocupações constantes de Resende, que nunca estava satisfeito com o produto final impresso, veja-se: RESENDE, André de (1988), pp. 138-139 e n. 192.

BIBLIOGRAFIA

- Aegidius*: vd. RESENDE, André de (2000), «*Aegidius Scallabitanus*».
- BLAISE, A., *Le vocabulaire latin des principaux thèmes liturgiques*. Turnhout, Brepols, 1966.
- BLECUA, Alberto (1983), *Manual de crítica textual*. Madrid, Editorial Castalia.
- CARDINI, Eugenio Garin et alii (1985), *Tradizione classica e letteratura umanistica*. Per Alessandro Perosa. Roma, Bulzoni Editore.
- CONTINI, Gianfranco (1990 e 1992), *Breviario di Ecdotica*. Torino, Giulio Einaudi Editore.
- MOLL, Jaime (2000), «La imprenta manual», in Francisco Rico (Dir.), *Imprenta y crítica textual en el siglo de oro*. Valladolid, Universidad de Valladolid.
- KENNEY, E. J. (1974), *The Classical Text: Aspects of Editing in the Age of the Printed Book*. Berkeley – Los Angeles – London, University of California Press.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário onomástico etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, vol. II.
- NASCIMENTO, Aires A. (1981), «A vida do Bem-Aventurado Gil de Santarém por Fr. Baltazar de S. João» [Texto latino, tradução e comentário]: *Didaskalia* 11 (1981) 113-220.
- NASCIMENTO, Aires A. (1991), «Fr. Gil de Santarém, o Fausto Português», in *Colóquio Comemorativo de S. Fr. Gil de Santarém*. Actas. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- OLIVEIRA, João de (1973), *Fr. Gil de Portugal (Médico, Teólogo e Taumaturgo)*. Vouzela, Edição da Comissão do Centenário de S. Frei Gil.
- RAMALHO, Américo da Costa (1979), «A Conversão maravilhosa do Português D. Gil – um diálogo latino quase ignorado – da autoria de André de Resende»: *Revista da Universidade de Coimbra* 27 (1979) 239-262.
- RESENDE, André de (2000), «*Aegidius Scallabitanus*»: *Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*. Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- RESENDE, André de (1996), *Antiguidades da Lusitânia*. Edição, tradução, notas e introdução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RESENDE, André de (1988), *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira. Coimbra, I.N.I.C., Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- TAMAYO DE SALAZAR, Juan (1655), *Anamnesis siue Commemoratio Sanctorum Hispanorum* (...). Tomus III. Lugduni, Sumptibus Phil. Borde, Laur. Arnaud, et Cl. Rigaud, M. DC. LV.

- TIMPANARO, S. (1985), «Appunti per un futuro editore del *Liber Prouerbiorum* di Lorenzo Lippi»: *Tradizione classica e letteratura umanistica. Per Alessandro Perosa*. A cura di Roberto Carini, Eugenio Garin *et alii*. Vol. II. Roma, Bulzoni Editore, pp. 391-435.
- VITA B. AEGIDII Ord. Praedicatorum, in *Acta Sanctorum Maii collecta, digesta, illustrata, a Godefrido Henschenio et Daniele Papebrochio e Societate Iesu*. Tomus III. Antuerpiae, apud Michaellem Cnobarum, Anno MDCLXXX, pp. 403-438.

Linguística e Ensino da Língua: para uma definição da Gramática Escolar

ANTÓNIO CARVALHO DA SILVA
(Universidade do Minho)
acsilva@iep.uminho.pt

«A língua é um sistema, um mecanismo, um organismo, uma instituição, (...) a língua tem de ser estudada em si, nas suas articulações com outros sistemas, e a Linguística tem um papel extremamente importante na construção desse conhecimento. Não sei, porém, se terá sido benéfico para o ensino e para a aprendizagem da língua um certo imperialismo da Linguística nas últimas décadas...»

(...) Muitas vezes entre as linguagens e as metalinguagens há grandes espaços que são ocupados de múltiplos modos e que de um ponto de vista didáctico e pedagógico podem não ser as soluções mais adequadas. Eu julgo que um certo olvido, um certo esquecimento, senão até mesmo um certo desprezo da chamada gramática tradicional tem afectado muito negativamente as práticas de ensino / aprendizagem das línguas.»¹

VÍTOR AGUIAR E SILVA

ABSTRACT

In *Linguistics and Language Teaching: towards a School Grammar definition*, we want to question the relationship between Linguistics and Didactics as well as the connection between linguistic research and grammar teaching.

Thus, the following matters are discussed: grammar and traditional grammar; what grammar teaching *is not* and *what it should be*; the basis of grammar teaching at school; explicit language teaching in the *Portuguese* language classroom; from linguistic research to grammar teaching.

The main issue will then focus on *how Linguistics can contribute to the construction of a 'teachable' knowledge of language*: either through the *paths* of

¹ AGUIAR E SILVA, V., «Há um tempo para formar o leitor» (entrevista de João Pedro Aído). *Palavras*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 2002, N.º 21, p. 15.

(traditional) grammar or through *highways* of the new linguistic theories such as Textual Semiology.

Keywords: Linguistics, Didactics, Grammar; Applied Linguistics, Grammar Didactics, Language Teaching, Grammar Teaching; Types and Grammar Models (Traditional Grammar, School Grammar, Textual Grammar).

1. Introdução

No âmbito de uma *Didáctica da Gramática*, um assunto que repetidas vezes se tem debatido é o do papel da Linguística (estudo científico, teórico e descritivo, da linguagem humana e das línguas) no ensino de uma língua ou, em termos mais específicos, a rede de relações que será possível estabelecer entre a ciência da linguagem e o ensino da gramática de uma língua. E, de facto, o texto seleccionado para epígrafe tem já implícitas algumas das questões que tencionamos, directa ou indirectamente, aqui analisar²: *como deve a Linguística contribuir para a construção do conhecimento 'ensinável' sobre a língua?*; *por que razão poderá «um certo imperialismo da Linguística» ter gerado uma pretensa crise do ensino da gramática na escola?*; *é (mesmo) verdade que «um certo desprezo da chamada gramática tradicional tem afectado muito negativamente as práticas de ensino / aprendizagem das línguas»?*

Para estas interrogações, orientadoras deste trabalho, não encontraremos, com certeza, respostas claras, correctas e concisas como as que exigimos aos nossos alunos, nem uma resposta definitiva que seja *a solução da ciência*, mas elas ajudar-nos-ão, pelo menos, a questionar, agora e no futuro, os princípios, as metodologias e as práticas de ensino-aprendizagem da gramática portuguesa em contexto escolar.

Partindo do estudo das relações entre a Linguística (portuguesa), a Didáctica (do Português) e o ensino da gramática, que é um objecto de estudo da segunda e um dos objectivos da primeira, avaliamos então, em termos de discussão teórica, a (in)existência de uma continuidade e/ou permuta entre a construção de conhecimentos sobre a língua e o ensino efectivo dessa língua, isto é, entre o objecto da Linguística e uma das suas mais nobres finalidades – o ensino da gramática.

² As relações entre Linguística e ensino da gramática constituem-se como o objecto principal deste texto. Em todo o caso, também aqui são abordadas, porque implicadas com esse objecto, as questões do ensino da língua e do ensino escolar da gramática, tal como o próprio título já o sugere.

2. Gramática e gramática tradicional ³

Se não tivemos grandes dificuldades em definir a Linguística como a ciência que estuda a linguagem humana e as suas línguas ⁴, o mesmo não acontece com o já antigo e polissêmico termo *gramática* nem tampouco relativamente à clássica designação *gramática tradicional*, quer pelo peso histórico dos conceitos, quer sobretudo pela sua vasta abrangência semântica ⁵.

Apesar disso, verificamos haver um entendimento mais ou menos consensual do que seja a gramática tradicional: os estudos pré-científicos sobre as línguas que precederam a linguística moderna dos finais do século XIX e que se integraram, de pleno direito, na história da linguística. Assim, cremos ser aceitável a definição da gramática tradicional como um conjunto de saberes multisseculares feitos em torno da descrição das línguas e que foram sendo construídos desde Panini (gramático hindu do século IV a.C.) e Dionísio de Trácia (gramático grego dos séculos II-I a.C.), até aos finais do século XIX, altura em que se começou a desenhar a Linguística como ciência e, mesmo assim, ainda se pôde (e pode) notar a permanência daquele modelo gramatical.

A ciência das línguas teve como fundamento, muito naturalmente, os saberes gramaticais antigos, sendo possível, em todo o caso, descobrir diferenças essenciais entre a linguística moderna e a gramática tradicional. Antes do mais, a Linguística é descritiva e não prescritiva ou normativa ⁶, como o era a gramática tradicional. Entretanto, esta

³ Segundo XAVIER, M. F., e MATEUS, M. H., no *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa, Edições Cosmos, 1992, Vol. II, p. 197, «gramática tradicional» é um «Termo que se refere aos estudos sistemáticos das línguas realizados em fase pré-teórica».

⁴ Vejam-se, a título de exemplo, estas duas definições de Linguística: «A lingüística é o estudo científico da lingua(gem)» (LYONS, J., *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, p. 15); «A **lingüística** é geralmente definida como **o estudo científico da linguagem**. Mas esta disciplina que parte portanto do estudo da *linguagem*, acaba sobretudo por se ocupar do estudo das *línguas*» (BAYLON, C., e FABRE, P., *Iniciação à lingüística*. Coimbra, Livraria Almedina, 1990, p. 28).

⁵ Os conceitos de *gramática* e de *gramática tradicional* só são aqui explicados no sentido de melhor se determinar, nos capítulos seguintes, o que significa *ensino da gramática e ensino da língua*. Nenhum destes conceitos, porém, será aqui minuciosamente caracterizado, para não fugirmos ao objecto principal deste estudo – as relações entre Linguística e ensino da gramática.

⁶ Cf. LYONS, J., *ibidem*, em especial nos capítulos: «A lingüística é uma ciência?» e «A lingüística é descritiva, não prescritiva», pp. 45-53 e 54-60.

estudava a linguagem escrita e aquela tinha como objecto primordial dos seus estudos a realização oral da linguagem, por esta ser muito mais universal. Por fim, a gramática tradicional analisou quase sempre as línguas a partir do modelo latino, ao passo que a Linguística, considerando que não há línguas superiores nem perfeitas, pretende construir uma gramática universal que inventarie as características comuns a todas as línguas – os universais linguísticos.

Além disso, deve ainda acrescentar-se que a Linguística se instituiu como uma ciência empírica sincronicamente perspectivada, com um método descritivo/explicativo; ao passo que os estudos gramaticais seguiam, muitas vezes, a perspectiva diacrónica, também adoptada pelos estudos da filologia e da história da língua, tendo ainda um carácter especulativo e intuitivo: basta recordarmos, para tal, a tendência da Gramática Filosófica de Port-Royal⁷.

Em todo o caso e apesar das diferenças que permitiram a ruptura epistemológica no início do século XX, não podemos deixar de sublinhar, com John Lyons «(...) que a lingüística, como qualquer outra disciplina, [se] constrói sobre o passado, não só desafiando e refutando doutrinas tradicionais, mas também desenvolvendo-as e reformulando-as»⁸. Esta é, de facto, uma verdade (quase) indesmentível: a Linguística (moderna) é filha da Gramática (tradicional), havendo ainda quem considere esta última «a gramática empírica mais adequada»⁹. No entanto, é importante ressaltar que se, no contexto escolar, optarmos pelo modelo da gramática tradicional, devemos ter consciência de que assim estamos a assumir como válidos todos os princípios que a fundamentam e que atrás enunciámos.

⁷ Em Portugal, o grande precursor da Gramática Filosófica foi Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), cuja *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, publicada pela primeira vez em 1822, teve um grande sucesso editorial (sete edições) e uma recepção notável ao longo do século XIX. Sobre este autor, ver: CASTELEIRO, J. M., «Jerónimo Soares Barbosa: um gramático racionalista do século XVIII». Separata do *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1980/81, Tomo XXVI, pp. 101-108.

⁸ LYONS, *ibidem*, p. 47. (O pronome pessoal reflexo *se* foi introduzido no texto para lhe acrescentar o sentido de que *a linguística também se constrói a partir da gramática tradicional*.)

⁹ Cf. TORRES, A., «Arte ou Ciência, a Gramática?». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1987, N.º 2, pp. 64 e 65: «Ora, com a devida vénia de quantas sob o signo da linguística vieram à luz, julgo que em adequação satisfatória, sem embargo de lacunas e imperfeições sanáveis, *ainda nenhuma vence a gramática tradicional*». (Sublinhado nosso.)

Mais complexo ainda, porém, será delimitar a significação do termo *gramática*. Já noutra contexto, anunciámos a necessidade de determinar os vários sentidos desse conceito: «Muito em breve, pensamos poder apresentar um ensaio mais restrito exactamente sobre os (5?) sentidos da ‘gramática’ (...)»¹⁰. Todavia, rapidamente se verificou serem muitos mais os sentidos desse vocábulo, tendo em conta que, como ponto de partida, há que discutir, desde logo, duas vertentes desta questão: por um lado, definir os tipos de gramática – gramáticas teórica, científica, descritiva, normativa, pedagógica, escolar, etc.; e, por outro, caracterizar os modelos de descrição gramatical – quer a gramática tradicional, quer as teorias gramaticais distribucionalista, funcional, generativa, transformacional, de valências, de casos¹¹.

Mesmo assim, ficaria ainda por analisar uma outra faceta desta questão: a da caracterização dos manuais de gramática (também um lugar de expressão dos tipos e dos modelos gramaticais) de acordo com o objecto de descrição que privilegiam – a palavra, a frase, o texto, o discurso, a comunicação ou o uso –, já que são frequentes designações como *gramática da frase, do texto, do discurso*.

Não sendo ainda esta a ocasião para proceder à definição de tipos de gramática nem à caracterização de modelos gramaticais, indicaremos, no sentido de se identificar quais são, de facto, os sentidos mais comuns do termo, as acepções de *gramática* do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, salientando que nos interessam, em particular, estas três definições, pois são aquelas que representam as noções mais correntes (gramática descritiva, manual de gramática, gramática normativa): «Descrição dos princípios que organizam e regem (...) uma língua»¹²; «Manual, compêndio que contém regras de funcionamento (...) de uma língua»; «Uso correcto ou o bom uso de uma língua, tanto escrita como falada»¹³.

¹⁰ SILVA, A. C., «A formação linguística do professor de Português e o ensino da gramática». In AAVV, *Professores de Português: Quem somos? Quem podemos ser?*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 2001, p. 196.

¹¹ Apesar de fazermos, neste texto, algumas reflexões sobre a *gramática escolar* e acerca da *gramática tradicional*, não é de todo possível caracterizar em profundidade cada um destes tipos e modelos de gramática, para, mais uma vez, não nos desviarmos do âmbito do trabalho. Afirmamos, porém, que, em particular para o estudo da questão do ensino da gramática escolar, será essencial proceder a essa conceptualização.

¹² Em relação a esta primeira acepção, desenvolvem-se ainda os significados específicos das seguintes expressões: gramática comparada, gramática generativa, gramática normativa, gramática transformacional, gramática transformativa.

¹³ CASTELEIRO, J. M. (coord.), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001, Vol. II, p. 1923.

O *Novo Aurélio Século XXI*, por seu turno, inclui dez acepções para *gramática* e o mesmo número de sintagmas que indicam outros tantos modelos gramaticais: gramáticas descritiva, gerativa, gerativo-transformacional, histórica, normativa, pedagógica, prescritiva, tradicional, transformacional, universal¹⁴, não estando ainda, naturalmente, aqui incluído aquele tipo de gramática que pensamos ser o mais apropriado para o ensino – a gramática do texto.

Para comprovarmos que o vocábulo em causa é realmente polisémico, basta compulsarmos alguns dos dicionários de linguística mais conhecidos. Assim, o *Dicionário de Termos Linguísticos* regista 37 entradas diferentes para o termo *gramática*: desde gramática categorial e gramática da frase, passando por gramática de valências e gramática do discurso, até gramática pedagógica e gramática universal, entre muitos outros¹⁵. Se se fizer o mesmo com outros dicionários de linguística ou de didáctica, o panorama não é muito diferente: o *Diccionario de Lingüística* de Theodor Lewandowski apresenta 27 artigos¹⁶, incluindo uma boa definição introdutória do próprio conceito de *gramática*. Em todos eles já se verifica, porém, dada a quantidade de artigos e de acepções, a necessidade de se proceder a uma síntese e à categorização dos termos de acordo com algumas áreas ou campos específicos¹⁷, pois a compreensão vai-se tornando algo complexa.

Para efeitos desta análise e de um modo sumário, limitamo-nos a distinguir dois dos mais correntes sentidos da gramática e que mais directamente se relacionam com o seu ensino: a gramática implícita ou interiorizada (domínio de um sistema de regras linguísticas a que Noam Chomsky chamou *competência linguística*¹⁸); e a gramática

¹⁴ FERREIRA, Aurélio B. H., *Novo Aurélio Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999, 3.^a edição, p. 1003.

¹⁵ XAVIER e MATEUS, *ibidem*, Vol. II, pp. 191-198.

¹⁶ LEWANDOWSKI, T., *Diccionario de Lingüística*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1986, 2.^a edição, pp. 158-173.

¹⁷ Para iniciar essa categorização, como atrás sugerimos, há que distinguir, por um lado, os tipos de gramática dos modelos de descrição gramatical e há que agrupar, por outro, os manuais de gramática de acordo com o(s) objecto(s) de estudo privilegiado(s) (*gramática da palavra, gramática da comunicação, gramática universal*) e (ainda) com os fins a que se destinam, os contextos em que se usam e as perspectivas de análise que adoptam: *gramática pedagógica, gramática escolar, gramática comparativa e gramática histórica*, respectivamente.

¹⁸ Cf. XAVIER e MATEUS, *ibidem*, Vol. II, p. 89.

explícita, reflexiva ou teórica (objectivo da linguística teórica¹⁹) materializada, em contexto escolar, numa metalinguagem própria. A gramática explícita significa, pois, uma reflexão sobre a estrutura e o funcionamento interno de uma língua. É então evidente que os fins escolares da educação linguística e gramatical serão (ou, pelo menos, deveriam ser), por um lado, o de desenvolver a competência linguística e comunicativa dos falantes, dotando-os de conhecimentos reflexivos e de capacidades linguísticas (ouvir, falar, ler, escrever) que lhes permitam a plena realização como pessoas e como cidadãos (seres sociais que sentem, pensam e comunicam, usando e recriando a (sua) língua materna) e, por outro, o de contribuir para a sua formação cultural.

Definidos, assim, os conceitos de *gramática* e de *gramática tradicional* e indicado o seu papel escolar, voltamos à questão lançada na introdução: *é (mesmo) verdade que «um certo desprezo da chamada gramática tradicional tem afectado muito negativamente as práticas de ensino / aprendizagem das línguas»?*

Na realidade, a ausência não tanto da gramática tradicional, mas até do ensino da própria gramática (para além do erro que foi, nas palavras de Aguiar e Silva, «um certo imperialismo da Linguística»), terão contribuído para o desconhecimento escolar da língua, da sua gramática, da sua estrutura e do seu funcionamento, levando, em princípio (já que isso terá de ser empiricamente comprovado), a um menor domínio das competências linguísticas funcionais.

No fundo, em termos linguísticos e didácticos, a posição mais sensata e adequada em relação à gramática tradicional será, em nosso entender, a de Mário Perini, que defende: «A gramática tradicional tem sido alvo de críticas de dois tipos: critica-se tanto sua inadequação aos fatos da língua quanto sua falta de consistência lógica. Ambas as acusações são, a meu ver, justas. (...), a gramática tradicional é uma preciosa fonte de perguntas a respeito da língua. Muitas das questões levantadas são altamente pertinentes, e os lingüistas perdem por não as considerarem devidamente»²⁰. Assim, o que não se pode nem deve negar é a história e os contributos (da gramática), devendo, acima de tudo, aprender-se com algumas das suas imperfeições.

Portanto, uma questão prioritária a discutir no ensino da língua será a do ensino tradicional da gramática (esse sim discutível) que

¹⁹ Cf. IDEM, *ibidem*, Vol. II, p. 194.

²⁰ PERINI, M. A., *Sintaxe portuguesa. Metodologia e funções*. São Paulo, Editora Ática, 1989, p. 5.

analisamos a seguir, tentando definir, por um lado, a diferença entre gramática tradicional e ensino tradicional (algumas vezes, *contemporâneo*) da gramática, e estabelecer, por outro, a distinção fundamental entre *o que não é* (ou não deveria ser) e *o que será* (ou deveria ser) ensinar gramática.

3. *O que não é e o deverá ser ensinar gramática*

Na determinação do sentido da expressão *ensinar gramática* sentem-se as mesmas dificuldades (devido à existência de múltiplos entendimentos às noções) verificadas em relação aos desse conceito anteriores. Apesar disso, tentamos esboçar uma definição e uma caracterização do ensino escolar da gramática, tendo em vista o estabelecimento de alguns princípios sobre que tipo de gramática pretendemos que a Linguística construa para o ensino da língua. Desde já, temos de sublinhar que, no nosso entendimento pessoal, esse tipo é a gramática do texto (mesmo que antes os alunos tenham de compreender questões estruturantes da gramática da frase e da palavra, quase no

sentido daquilo que os programas oficiais defendem ser uma aprendizagem em espiral ou progressiva).

Como acabámos por sugerir na alínea anterior, as principais questões que, ao nível do ensino da gramática, nos devem preocupar são quer a manutenção de um ensino da gramática de tipo tradicional, quer a ausência quase total de ensino da gramática nas aulas de *Português*²¹. Essencial, neste momento, será, pois, tentar distinguir *o que não é e o que deveria ser*, na nossa perspectiva, ensinar gramática, definindo-se os objectivos desse ensino e apontando-se no sentido de algumas premissas ou princípios que, de modo algum, poderão ser esquecidos nas práticas e nos contextos de ensino da língua materna.

Nesse sentido, não podemos, antes do mais, aceitar como válida a aula-tipo de ensino tradicional (ou será já *clássico*?) de *Língua Portu-*

²¹ Apesar de não termos ainda muitos dados empíricos que confirmem esta afirmação, numa análise mais ou menos informal de um *corpus* de provas globais de língua Portuguesa do 9.º Ano de Escolaridade realizadas no ano lectivo de 2001/2002, verifica-se que aquilo que se avalia é o texto literário (maioritariamente *Os Lusíadas*) e pouco valor se atribui à gramática, seja ela da palavra, da frase ou do texto.

guesa (sobretudo ao nível da leitura e da gramática) cujo modelo a seguir apresentamos. Perguntar-se-á, desde logo, se essa aula conduzirá, na verdade, a um efectivo domínio dos processos de leitura dos textos, assim como ao desenvolvimento do saber gramatical que permita conhecer a estrutura e o funcionamento de uma língua e permitir o uso da língua em tarefas concretas de expressão e de compreensão oral e escrita e até de (re)conhecimento de todo o tipo de informação, em todo e qualquer texto.

Segundo Isabel Duarte: «O padrão de aula de Português que há que alterar pode resumir-se assim: há um texto que se lê mais ou menos (e depende do que se entende por ler...) e depois, utilizando os manuais (que, infelizmente, são o material de eleição e, às vezes, o único utilizado na aula de Português), o professor faz umas perguntas que não chegam a ser de interpretação; são umas paráfrases, são meras perguntas de compreensão (e, frequentemente, são ‘esotéricas’, nem sequer se entendem), para depois passar à identificação de umas figuras de estilo, que ficam desgarradas do sentido do texto, e, em certos casos, pede-se aos alunos que façam alguma classificação morfológica de palavras. Esta aula-tipo corresponde a uma prática muito enraizada e da qual tem resultado um produto final não muito feliz»²².

Esta é, a nosso ver, uma descrição mais ou menos fiel do ensino tradicional da leitura e da gramática. Já se começará, assim, a perceber o que não é o ensino da gramática. Pode dizer-se que também não constituem, pese embora a frequência com que se usam, estratégias válidas de ensino da gramática exercícios isolados que tenham a ver com pontuação, acentuação, ortografia, classificação morfológica de palavras, análise sintáctica de frases, trabalhos metalinguísticos de estudo de nomenclaturas gramaticais/linguísticas, sobretudo se aquilo que estiver em causa passar, simplesmente, pela memorização, sem a compreensão integrada da estrutura e do funcionamento da língua.

No entanto, como exercício intelectual, até é aceitável que os alunos memorizem não só a proposição, a invocação e a dedicatória

²² DUARTE, I. M., «O Português, na escola, hoje». *NOESIS*, Lisboa, Ministério da Educação, 2001, N.º 59, pp. 25-26. (O sublinhado é nosso.)

É deveras significativo que recorrentemente se discuta o que seja (ensinar) o «Português, na escola, hoje». Tal redefinição permanente indicará que o ensino do *Português* e da gramática portuguesa têm sempre de ser discutidos de acordo com o contexto, o âmbito e as finalidades desse ensino. Quem primeiro terá discutido este tema foi Odete Santos, no seu livro: *O Português, na escola, hoje. Contributos para uma pedagogia da comunicação em língua materna*. Lisboa, Editorial Caminho, 1988.

d'Os *Lusíadas* mas também preposições, interjeições e conjunções (classes fechadas de palavras), porque só usa as palavras (sejam elas lexicais ou gramaticais) quem as (re)conhece. E, mais ainda, se esse exercício de memória servir para que eles entretanto *vejam, claramente visto*, o que há de diferente entre uma *proposição* e uma *preposição*.

A nosso ver e no sentido de se afirmarem princípios gerais, é necessário alterar algumas dessas práticas, pois ensinar gramática só tem sentido se for o aluno a viver o prazer da descoberta, a compreender o funcionamento da língua, a tornar explícitos os seus conhecimentos linguísticos implícitos; se for o aluno a usar, a transformar e até a recriar a gramática da língua é possível fazer, como, por exemplo, através do uso do método ODAP proposto por Álvaro Gomes na sua *Gramática Viva*²³.

Para que isso aconteça, a principal condição é que o aluno possa ser ensinado por um professor cientificamente competente, didacticamente criativo e naturalmente apaixonado pela língua, pela literatura e pela cultura portuguesas²⁴, e que haja, acima de tudo, *bom senso pedagógico* para que as teorias linguísticas não sejam aplicadas sem o filtro didático nas práticas de ensino da gramática, a ponto de se perguntar a alunos do 7.º Ano de Escolaridade, numa aula de *Português*, a diferença entre conceitos como *significante* e *significado*.

E não deverá sequer acontecer que o ensino da gramática em geral e a análise sintática em particular se constituam como tarefas que anulem o prazer da leitura, tal como terá acontecido com o pedagogo Rubem Alves: «Mas os infinitamente variados nomes da análise sintática já existiam. A inventividade dos gramáticos não tem fim! Estudei muito a análise sintática. (...) A análise sintática me ensinou a ter raiva da literatura. Só muito mais tarde, depois de esquecer tudo que aprendera na análise sintática, aprendi as delícias da língua. (...). Lia e me entregava ao puro gozo de ler»²⁵.

²³ Cf. GOMES, Á., *Gramática Viva*. Lisboa, Didáctica Editora, 2000, pp. 4-5: «Apesar de conhecer (...) vários modelos (...), optei, (...), pela criação de um modelo próprio (ODAP – *Observação activa, Descoberta, Aplicação e Prática*, por entender que ele representa um percurso exequível e eficaz, (...)).»

²⁴ Esta premissa – *uma sólida formação científica e pedagógica é essencial para a eficácia no ensino da Língua Portuguesa* – foi por nós discutida no texto já citado: «A formação linguística do professor de Português e o ensino da gramática».

²⁵ ALVES, R., *Por uma Educação Romântica*. Famalicão, Centro de Formação Camilo Castelo Branco, 2000, p. 120.

Sobre a questão do prazer na / da leitura e os «direitos inalienáveis do leitor», ver: PENNAC, D., *Como um romance*. Porto, Edições Asa, 1995, 5.ª edição.

Parece-nos, pois, que o ensino da gramática também estará facilitado e conduzirá igualmente ao prazer da língua, se os professores adoptarem o princípio da *curiosidade intelectual* de Paulo Freire: «Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*. (...) O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos *cansam*, não *dormem*»²⁶.

Discutindo, agora, *o que deverá realmente ser* o ensino da gramática, há que assumir, antes do mais, um princípio essencial nesta questão: a gramática tem de ser entendida como um conteúdo primordial da aula de língua materna e como um saber escolar autónomo (apesar de integrado numa disciplina). O grande desafio será, pois, a integração desse conhecimento gramatical nas aulas de *Língua Portuguesa*, para que não haja cada vez mais dificuldade em reconhecer a estrutura dos textos, tal como se pode deduzir das afirmações de Aguiar e Silva: «A língua expande-se, mas a língua nas escolas está a retrair-se. Há um processo dramático de retracção. Utiliza-se muito a palavra *iliteracia*, de que alguns não gostam. Não sei se essa palavra dá a ideia da complexidade e da gravidade deste fenómeno, que é o da contracção das fronteiras da língua, de modo activo e de modo passivo. Na capacidade de produção de textos e de interpretação de textos. Parece-me que o fenómeno é bastante mais complexo e mais grave do que a palavra ‘iliteracia’ pode significar»²⁷.

É, assim, fundamental que, ao definirmos o contexto, o âmbito e as finalidades do ensino da gramática, se discutam igualmente questões actuais como a *literacia*. Em particular, os resultados obtidos pelos estudantes portugueses de 15 anos no estudo internacional *PISA 2000* que avaliou a literacia em leitura²⁸ constituem, na verdade, um dado

²⁶ FREIRE, P., *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 2000, 16.ª edição, pp. 95-96.

²⁷ AGUIAR E SILVA, *ibidem*, pp. 19-20.

²⁸ Os resultados do *PISA 2000* foram publicados, em Portugal, em Dezembro de 2001: *PISA2000. Resultados do Estudo Internacional: primeiro relatório nacional*. Lisboa, Ministério da Educação.

Neste estudo, Portugal ficou classificado em 26.º lugar entre 32 países, tendo-se avaliado sobretudo a literacia em leitura, «definida como a capacidade de cada indivíduo compreender, usar textos escritos e reflectir sobre eles, de modo a atingir os seus

que merece uma atenção muito especial dos professores, exactamente no sentido de se redefinirem os conhecimentos e as competências a desenvolver pelo ensino da língua materna e pelo ensino da gramática.

No fundo, a nossa convicção é que, ao nível do ensino da gramática, esta se trabalhe, cada vez mais, como gramática do discurso e como gramática do texto (na sequência de novas teorias linguísticas como a Semiologia do Texto), em vez de se fazer o ensino explícito da língua unicamente a partir de modelos de gramática da frase (sintaxe) ou de gramática da palavra (morfologia)²⁹. É esse também o parecer de Aguiar e Silva: «A esse respeito, as tipologias de texto têm de ser realmente diferentes. Todas as tipologias textuais, e o seu conhecimento é extremamente importante, em termos de capacidade de produção de textos e em termos de interpretação de textos, todas as tipologias contribuem, cada uma a seu modo, para o conhecimento mais apurado do funcionamento da língua»³⁰. E esta é, de facto, uma outra premissa fundamental para um ensino efectivo da gramática da língua: trabalhar textos de diferentes tipologias e usados nos mais diversos contextos, pois só assim se desenvolverão eficazmente as competências de produção e compreensão textual.

Finalmente, haveria que discutir ainda se ensinar gramática como uma mera reprodução de nomenclaturas é vantajoso, pois o ensino explícito da língua não se pode transformar naquilo que, por vezes, já foi (ou ainda é) – uma *nomenclaturite opressiva e depressiva*. Porém, facilmente se reconhece que a existência, para o ensino do *Português*, de uma nomenclatura gramatical evitaria muitos equívocos e ajudaria a fixar o saber gramatical escolar, como aliás defende Rui Vieira de Castro³¹.

Em síntese, a rejeição (absoluta) da gramática tradicional, a ausência do ensino explícito da gramática, um certo tipo de aulas de *Portu-*

objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade» (p. 9).

²⁹ Esta era, de facto, uma tendência e uma das imperfeições (justamente criticáveis) do ensino tradicional da gramática, que se constituía, quase exclusivamente, como um tratado de morfossintaxe.

³⁰ AGUIAR E SILVA, *ibidem*, p. 16.

³¹ Cf. CASTRO, R. V., «A elaboração e a recepção das nomenclaturas gramaticais: condições, princípios, efeitos». In AAVV, *A linguística na formação do professor de Português*, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001, pp. 201-202: «O que provavelmente significa que quando no quadro da disciplina de Português se discute a 'nomenclatura gramatical' se discute algo mais do que isso, e essa outra coisa será certamente a definição da própria disciplina».

guês, a falta de uma nomenclatura gramatical estável, assim como, sobretudo, a criação de princípios essenciais para o ensino da gramática são questões que urge discutir. Entretanto, para que se possa caracterizar melhor ainda o que se entende pelo ensino da gramática (ou da estrutura e do funcionamento da língua), discutiremos, de seguida, os fundamentos do ensino da gramática na escola (apontando razões que o justificam), para que, finalmente, se conclua que tipo de gramática deve a Linguística ajudar a construir – no fundo, a questão essencial em debate neste texto.

4. Fundamentos do ensino escolar da gramática³²

Procurando discutir os fundamentos do ensino-aprendizagem escolar da gramática, cremos poder sugerir que o conhecimento gramatical explícito, sobretudo desenvolvido na escola e na aula de língua materna, deve ser entendido, como construção do ser, aprendizagem instrumental e aquisição cultural.

Se o homem, enquanto ser social, se define pelo modo como desenvolve o seu pensamento e como manifesta os sentimentos na / pela linguagem, então, é natural que se entenda o estudo duma língua e da sua gramática, antes do mais, como parte da construção do ser humano. Entretanto, porque auxilia e melhora as capacidades de expressão escrita e de compreensão na leitura, a gramática constitui também um saber instrumental transversal, já que a competência linguística é, como os investigadores da especialidade o aceitam, a base das competências de leitura e de escrita³³. Além disso, estudar gramática possibilita o desenvolvimento das capacidades de compreensão e de expressão oral e até os conhecimentos lexicais, pois

³² Sobre esta questão, é imprescindível, pelo seu poder de síntese e pela profundidade das visões apresentadas, a leitura do texto de Rui V. de Castro, «Para uma (re)conceptualização da educação linguística. Objectivos, conteúdos, pedagogia(s), avaliação». *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia, 2000, Vol. 4 – 1/2, pp. 191-208.

³³ Ao nível da leitura, J. Giasson (Cf. *A compreensão na leitura*. Porto, Edições Asa, 1993, pp. 25-27) reconhece que, nas estruturas cognitivas do leitor, são fundamentais os conhecimentos sobre a língua – fonológicos, sintácticos, semânticos, pragmáticos. No âmbito da expressão escrita, José António B. S. Carvalho (Cf. *O ensino da escrita*. Braga, Universidade do Minho, 1999, pp. 64-66) salienta que, ao nível do processo de redacção textual, é preciso pôr em prática saberes relacionados com a textualidade (exactamente o objecto da chamada gramática do texto).

quem conhece a estrutura da língua mais rapidamente compreende e melhor usa a sua língua.

Por fim, conhecer a gramática, ou seja, a estrutura da própria língua ajuda a dominar a história, as tradições, a cultura e a literatura de uma dada língua, sendo um instrumento de acesso à cultura que a tradição escrita vai legando. Compreender a gramática de uma língua é, ainda, condição *sine qua non* para que se possa fruir as qualidades estéticas da literatura, pois o saber gramatical serve para descodificar o próprio texto literário.

Em termos mais práticos, saber gramática ou conhecer, a fundo, a estrutura e os recursos sintáticos e semânticos da língua é uma ajuda preciosa para interpretar as mensagens dos meios de comunicação social em geral, para evitar ser *iludido* por propagandas políticas agressivas ou induzido a acreditar, por textos publicitários ferozmente convincentes, numa ideia ou a adquirir aquilo de que nem precisamos, sobretudo quando essas mensagens nos tentam dizer, explicitamente, que oferecem, *provavelmente*, os melhores produtos do mundo³⁴.

Assim sendo, o saber gramatical, que é visto como um elemento socializador e de cultura, pelas funções que desempenha na formação escolar dos jovens, deve ser entendido como uma competência transversal fundamental, pois está ao serviço do desenvolvimento das competências linguísticas e de comunicação, da promoção da literacia e, de modo muito particular, da educação linguística.

Para além destes princípios gerais, cremos ser pertinente, entretanto, analisar as perspectivas de alguns estudiosos de linguística e de didáctica sobre o papel da gramática na escola e na formação linguística dos alunos³⁵, que justificam o ensino da gramática.

³⁴ Veja-se, por exemplo, o slógane publicitário *Carlsberg: provavelmente a melhor cerveja do mundo* (tradução da frase inglesa «Carlsberg: probably the best beer in the world», retirada, em 18.6.2002, do sítio da internet: <<http://www.carlsberg.com/forside.html>>). Neste caso, a questão será saber se esta asserção é ou não verdadeira, pois, em qualquer parte do mundo em que se fale Português, *provavelmente* é um advérbio de dúvida. Noutros termos: o que, à primeira vista, parece uma afirmação categórica da qualidade de um produto é, afinal, o reconhecimento implícito do seu valor incerto.

³⁵ De entre os trabalhos que discutem o valor do ensino da gramática na escola, destacamos, pela inovação de algumas das suas posições, as obras de quatro linguistas brasileiros: BECHARA, E., *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?*. São Paulo, Editora Ática, 1991, 5.^a edição; NEVES, M. H. M., *Gramática na escola*. São Paulo, Contexto, 1994, 3.^a edição; PERINI, M. A., *Para uma nova gramática do Português*. São Paulo, Editora Ática, 1991, 5.^a edição; POSSENTI, S., *Por que (não) ensinar gramática na escola?*. São Paulo, Mercado das Letras, 1999, 4.^a reimpressão.

Mário Vilela, no artigo «O ensino da gramática na escola: que saída e que justificação?», depois de reconhecer que «Os conhecimentos de gramática não ajudam directamente a resolver os problemas da vida humana (...). Daí ser muito fácil fazer afirmações acerca da utilidade ou inutilidade da gramática e do seu ensino»³⁶, enumera razões que explicam a importância do conhecimento linguístico e do ensino escolar da gramática: «Não é possível compor e interpretar textos escritos sem noções de pontuação, das regularidades ou irregularidades flexionais e derivacionais, das grandes linhas da sintaxe e das coerências textuais decorrentes da gramática. (...). O uso da língua pressupõe um sistema de regras – a gramática implícita – e a gramática deverá autonomizar simultaneamente o conhecimento e o reconhecimento das regras»³⁷.

Além disso, o autor indica outros fundamentos do ensino da gramática, que, de facto, justificam o valor dos conteúdos linguísticos e que não deixam grandes dúvidas sobre o papel da gramática na formação do aluno: «A gramática ensina o uso correcto da língua, ensina a pensar de modo lógico, forma o espírito, fornece um conjunto de conceitos para se compreender o fenómeno 'linguagem', problematiza a norma linguística, melhora a capacidade de expressão e escrita, serve de muleta para compreender textos difíceis, aprofunda e aperfeiçoa a capacidade de comunicação»³⁸.

Analisando, entretanto, os objectivos propostos para o ensino da gramática, podemos também chegar à conclusão do seu papel fulcral. Assim, Ana Maria Brito, no artigo «Que gramáticas ensinar?», considera que «o ensino da gramática deve ter como *objectivos*: (i) por um lado, dar a possibilidade de reflectir sobre uma parte fascinante do mundo e do homem – as línguas naturais –, tal como a escola está aberta à reflexão sobre a vida animal e vegetal, sobre o funcionamento do sistema solar, etc.. (ii) por outro lado, como um meio de a criança e o jovem melhorarem a expressão linguística, sobretudo escrita. (...). (iii) outro objectivo importante de 'aprender gramática' da língua materna é a aquisição de uma prática reflexiva e de uma metalinguagem fundamental que facilite a aprendizagem de línguas estrangeiras»³⁹.

³⁶ VILELA, M., «O ensino da gramática na escola: que saída e que justificação?». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1993, N.º 8, p. 143.

³⁷ IDEM, *ibidem*, p. 144.

³⁸ IDEM, *ibidem*, p. 144.³⁹ BRITO, A. M., «Que gramáticas ensinar?». In AAVV, *Actas do II Encontro Nacional da APP*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 1999, p. 256.

Afirma-se, assim, a tripla valia do saber gramatical: bem cultural, instrumento linguístico, metalinguagem reflexiva.

Por seu lado, Inês Duarte sublinha, em particular, a função do ensino da gramática na explicitação do conhecimento linguístico, considerando que a aula de *Português* tem por fim «melhorar o nível prático dos alunos no domínio da língua oral (...) bem como no domínio da língua escrita» e que «o conhecimento reflexivo é fundamental para o próprio desenvolvimento do conhecimento prático da língua»⁴⁰.

Finalmente, há até que aceitar uma certa função normativa da gramática (com a qual concordamos, sobretudo se se tratar de uma gramática escolar), como reconhecem os autores da obra *Gramática*: «Não há língua, nem falante de língua materna ou estrangeira, que possa prescindir da gramática como formulação explícita do seu funcionamento. Todo aquele que deseje estudar uma língua em profundidade terá que passar pela gramática, considerada como um conjunto de normas, reflexo de uma prática muito diversificada»⁴¹.

Em suma, a aprendizagem da gramática justifica-se por si própria, como saber declarativo e/ou aquisição cultural e, ainda, como uma metalinguagem que ajuda a compreender a estrutura e o funcionamento dos textos, dos discursos, da língua. Ao mesmo tempo, os saberes gramaticais são fundamento da aprendizagem das competências de leitura e de escrita, de expressão e de compreensão orais, sendo assim um saber instrumental ao serviço de todas as manifestações da comunicação. Saber gramática é, em suma, conhecer a linguagem e poder manifestar-se enquanto indivíduo falante e ser pensante que tem na sua língua uma porta de acesso ao conhecimento e uma via de participação na sociedade em que vive.

A inexistência do ensino escolar da gramática, culpada injustamente «de graves traumatismos ocasionados à juventude», conduziria à situação já, em tempos, descrita por Amadeu Torres: «inúmeros alunos ajoujados de inteira escolaridade liceal, mas incapazes de escrever e falar o português sem um pontapé na gramática (...)»⁴².

⁴⁰ DUARTE, I., «O ensino da gramática como explicitação do conhecimento linguístico». In AAVV, *Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa*, Leiria, Escola Superior de Educação, 1993, p. 52.

⁴¹ ASSUNÇÃO, C., e REI, J. E., *Gramática: material de apoio*. Lisboa, Ministério da Educação, 1998, p. 9, no capítulo intitulado «Da necessidade da gramática na escola».

⁴² Cf. TORRES, A., «Gramática da língua e gramática da comunicação». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1986, N.º 1, p. 26.

5. Ensino explícito da língua na aula de *Português*

Neste percurso em que caminhamos no sentido de definir as relações entre a Linguística e a sua reconfiguração em contexto escolar feita pelo ensino da língua e da gramática (objectos e objectivos da Didáctica), procede-se agora a uma caracterização do contexto onde esse ensino se realiza.

Para melhor percebermos como se relaciona a gramática com os outros domínios do ensino da língua materna (a escrita, a leitura, a expressão e a compreensão orais), temos de enquadrar o ensino explícito da estrutura e do funcionamento da língua na aula de *Português*. Sendo nossa intenção definir a gramática escolar por referência ao seu (sempre renovado) contexto de ensino e havendo embora outras vias de compreensão desse contexto, analisaremos, em particular, alguns dos documentos reguladores do ensino do *Português*: os programas de *Língua Portuguesa* do 3.º Ciclo do Ensino Básico ⁴³ (de 1991), os «Princípios orientadores do ensino da língua materna» ⁴⁴ (de 1997) e o *Currículo Nacional do Ensino Básico* ⁴⁵ (de 2001).

Em relação aos programas de *Português*, a opção de lançar apenas um olhar crítico sobre os do Ensino Básico prende-se com o facto de estes serem programas de língua, ao passo que os do Ensino Secundário são, predominantemente, programas de literatura, apesar de os seus objectivos apontarem também no sentido do desenvolvimento das competências linguísticas.

Nos programas do 3.º Ciclo, há, desde logo, um indício da dificuldade em assumir a gramática como um *saber ensinável*: o termo *gramática* está praticamente ausente. Não podendo afirmar que «A palavra *gramática* nunca aparece num programa de língua» ⁴⁶, verifica-se, porém, no programa em causa, que essa palavra é de uso muito restrito, sendo substituída pelos sintagmas «estrutura da língua /funcionamento da língua» (que retratam os aspectos funcional e

⁴³ Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico, 3.º Ciclo: «Língua Portuguesa»*. Lisboa, Ministério da Educação, 1991, Vol. I, pp. 47-72.

⁴⁴ Cf. SIM-SIM, I. *et alii*, *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa, Ministério da Educação, 1997, pp. 33-41, no capítulo «Princípios orientadores do ensino da língua materna».

⁴⁵ ABRANTES, P. (Coord.), *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais: «Língua Portuguesa»*. Lisboa, Ministério da Educação, 2001, pp. 31-36.

⁴⁶ ASSUNÇÃO, C. C., «A gramática e o ensino da língua portuguesa, LM/LE». *Palavras*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 1998, N.º 13, p. 38.

estrutural da língua). Há, em todo o caso, dois objectivos gerais do programa que remetem para o ensino da gramática: «• Descobrir aspectos fundamentais da *estrutura e do funcionamento da língua* a partir de situações de uso; • Apropriar-se, pela reflexão e pelo treino, de *conhecimentos gramaticais que facilitem a compreensão do funcionamento do discurso* próprio e de outros discursos»⁴⁷.

O mais curioso é que, no capítulo deste programa dedicado ao «Funcionamento da Língua – Análise e Reflexão», faz-se uma afirmação de princípio que parece dispensar o ensino explícito da gramática: «Qualquer falante revela um conhecimento implícito de regras gramaticais da sua língua», se não fosse a declaração seguinte (na qual aparece, pela única vez neste programa, a palavra proibida *gramática*): «No entanto, *a gramática, (...), permite regular e consolidar progressivamente a expressão pessoal nas suas realizações orais e escritas*»⁴⁸.

Em suma, se a gramática tradicional terá sido esquecida, a (designação) *gramática* foi substituída. De facto, o uso raro do termo nestes programas poderá significar quer uma menor importância atribuída ao ensino da gramática quer (e esperamos que seja só isto) uma mudança oficial do discurso relativo ao ensino formal da língua, uma reconceptualização do objecto do *Português*, colocando-se a tónica na aprendizagem da estrutura e do funcionamento da língua, tendo em vista o (re)conhecimento da língua em situações de uso.

Mas se os próprios programas são o local onde melhor se representa o equilíbrio dos domínios de ensino da língua materna (leitura, escrita, oralidade e funcionamento da língua), podemos admitir, apesar de tudo, com Angelina Rodrigues, que «A importância atribuída à gramática no ensino do Português tem a ver com o facto de se conceber a língua como um sistema considerado objecto legítimo de conhecimento» e, por essa razão, ela não deixará de ser o «núcleo duro» da disciplina de Português»⁴⁹.

Entretanto, se analisarmos os seis princípios orientadores do ensino do *Português*, verificamos que eles não só justificam o valor do

⁴⁷ Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico, 3.º Ciclo: «Língua Portuguesa»*. Vol. I, p. 54. (Os sublinhados são nossos.)

⁴⁸ Cf. *Ibidem*, pp. 60-61.

⁴⁹ RODRIGUES, A., «O 'funcionamento da língua': entre as orientações programáticas e as práticas pedagógicas». In AAVV, *Actas do Fórum Linguística e Didáctica das Línguas*, Vila Real, UTAD, 1998, p. 153.

ensino escolar da gramática como também demonstram quão interligado está o conhecimento explícito da língua com o desenvolvimento das competências nucleares do ensino básico – a compreensão oral, a leitura, a expressão oral, a expressão escrita e o conhecimento explícito⁵⁰. A nosso ver, são sobretudo o primeiro e o segundo princípios⁵¹ que apontam para o valor do conhecimento explícito da gramática. O quinto princípio – «Capitalizar o crescimento linguístico em língua materna na aprendizagem das línguas estrangeiras e das restantes disciplinas curriculares» –⁵² reconhece o *Português* como uma disciplina nuclear do sistema educativo, já que ter sucesso em língua materna é condição necessária (mas não suficiente) para o próprio sucesso educativo.

Por fim, os princípios subjacentes ao *Currículo Nacional do Ensino Básico* (um novo documento regulador das práticas de ensino) mostram as grandes opções pedagógicas e didáticas para o ensino da língua materna. Quando, ao nível das competências gerais da educação básica, se defende que o aluno deverá conseguir «(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio»⁵³, reconhece-se explicitamente que saber usar o Português é fundamental para poder comunicar e para saber pensar. Além disso, depois de declarar que «A língua materna é um importante factor de identidade nacional e cultural», enunciam-se as cinco competências específicas da disciplina de *Língua Portuguesa* (compreensão do oral, expressão oral, leitura, expressão escrita e conhecimento explícito ou «conhecimento reflectido, explícito e sistematizado das unidades, regras e processos gramaticais da língua»⁵⁴), onde, por conseguinte, a gramática continua a marcar uma clara presença.

No entanto, o espaço da gramática na aula de *Português* ficaria melhor definido ainda, se estudássemos ainda os manuais, já que «O conhecimento gramatical legítimo é, assim, em grande medida,

⁵⁰ Cf. SIM-SIM *et alii*, *ibidem*, pp. 43-91.

⁵¹ IDEM, *ibidem*, p. 35: «1. Contribuir para o crescimento linguístico de todos os alunos, estimulando-lhes o desenvolvimento da linguagem e promovendo a aprendizagem das competências que não decorrem do processo natural de aquisição»; p. 36: «2. Possibilitar a todos o acesso ao Português padrão e, simultaneamente, promover o respeito pelas restantes variedades».

⁵² IDEM, *ibidem*, p. 40.

⁵³ ABRANTES, P. *ibidem*, «Competências gerais», p. 15.

⁵⁴ Cf. IDEM, *ibidem*, «Língua Portuguesa», pp. 31-32.

circunscrito e definido, no contexto pedagógico, por esses textos [os livros de *Português*]. A sua presença, a par das actividades que em função deles ou de outros se promovem, permite-nos aferir a importância e o estatuto da gramática no âmbito do projecto da disciplina de Língua Portuguesa»⁵⁵.

Assim sendo, temos de aceitar que o conhecimento explícito, o funcionamento da língua ou a gramática continuam a marcar presença nos documentos reguladores do ensino do *Português*, pese embora a oscilação terminológica. Se os textos reguladores determinarem as práticas pedagógicas e a elaboração dos manuais, os fins últimos da gramática estarão, em princípio, a ser cumpridos.

6. Da investigação linguística ao ensino da gramática⁵⁶

Enquadrado o conhecimento explícito da língua na aula de *Português*, inicia-se agora a definição (do ensino) da gramática por referência à investigação teórica da Linguística, assumindo-se, desde já, que ela está implicada directamente na construção dos saberes gramaticais e sabendo-se, à partida, que os conteúdos linguísticos serão, muito naturalmente, objecto de uma recontextualização escolar.

Pelo título deste estudo, poder-se-ia até pensar que este ponto seria o mais desenvolvido, para que, assim, se analisassem as relações entre investigação linguística e ensino da gramática. No entanto, este acabará por constituir apenas o começo de uma reflexão sistematizada, em que se colocarão outras interrogações essenciais, procurando, em particular, avaliar se a investigação linguística determina, e em que escala, os conteúdos e os modelos de ensino da gramática ou se não serão os saberes escolares gramaticais construídos também num contexto autónomo que é o escolar.

Naquilo que à história da linguística portuguesa diz respeito, terá sido Adolfo Coelho (1847-1919), o *Saussure português*, quem, de modo

⁵⁵ SOUSA, M. L. D., «Condições escolares do ensino da gramática. Os livros de Português». In AAVV, *Actas do XV Encontro Nacional da APL*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, 2000, Vol. II, p. 526.

⁵⁶ Sobre esta questão, ver, em particular, as actas do colóquio *A Linguística na formação do professor de Português* (Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001) que incluem mesmo um texto cujo título quase coincide com o deste: «*Da linguística ao ensino da gramática: para uma reflexão sobre a coordenação e a subordinação*» (pp. 49-63; sublinhado nosso).

consciente, primeiro se preocupou não só com o desenvolvimento de uma teoria linguística, mas simultaneamente com a criação de uma prática didáctica cientificamente fundamentada, ao nível do ensino da língua, mas em particular no âmbito do ensino da gramática portuguesa. Num estudo intitulado «O ensino da língua (portuguesa) na visão do primeiro 'linguista' português», defendíamos já a existência, na obra do autor, de um «projecto científico-pedagógico» alicerçado em «duas tendências principais: por um lado e numa primeira fase, faz a divulgação da ciência da linguagem (...) em Portugal, através da publicação de obras inovadoras e de textos programáticos; por outro lado e entretanto, o linguista faz-se também pedagogo e inicia a publicação de obras fundamentais para o ensino da língua portuguesa: uma gramática descritiva, um dicionário manual e uma série de livros de leituras»⁵⁷.

Se, como se vê, esta preocupação é tão antiga como a própria Linguística portuguesa, interessa-nos agora ter uma visão actual deste problema, para que se perceba se o ensino da gramática está, como nas suas origens, próximo da investigação linguística ou se já dela diverge. Malaca Casteleiro, num texto intitulado «Formar professores de língua portuguesa: com que linguística?», depois de reconhecer que «As disciplinas de Linguística são, em geral, consideradas difíceis pelos alunos e pouco aliciantes, por demasiado teóricas e com pouca ligação à análise prática do funcionamento da língua»⁵⁸, considera ser necessário «repensar a função da Linguística na formação dos professores de português» e levanta sete questões, que ainda se mantêm bastante actuais, em particular a primeira: «Como é que a Linguística tem sido usada no ensino do português?»⁵⁹.

⁵⁷ SILVA, A. C., «O ensino da língua (portuguesa) na visão do primeiro 'linguista' português». In AAVV, *Actas do XV Encontro Nacional da APL*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, 2000, Vol. II, p. 427.

⁵⁸ CASTELEIRO, J. M., «Formar professores de língua portuguesa: com que linguística?». In AAVV, *Actas do Congresso sobre a investigação e ensino do Português*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989, p. 60.

⁵⁹ Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 60-61.

Algumas das outras questões que o autor debate são: «2) Tem a Linguística contribuído para a realização dos objectivos da disciplina do português?; 3) Como é que a Linguística tem sido ensinada na Universidade?; 4) Tem a Linguística contribuído para uma formação eficiente do futuro professor de português?; 5) Porque é que existe na Universidade um divórcio quase absoluto entre a Linguística e a Literatura? (...)». O texto de João Malaca Casteleiro é constituído pela resolução e debate das questões colocadas, sugerindo, em particular, o autor que a Linguística «deverá ser encarada como uma disciplina essencialmente prática» (p. 63).

Na análise desta relação entre Linguística e Gramática, Fernanda Irene Fonseca já avisara ser fundamental não incorrer «no erro pedagógico de transpor para a aula de Português as teorias linguísticas tal e qual, nem tão pouco no erro científico de as simplificar abusivamente, reduzindo-as a aspectos superficiais (...)»⁶⁰.

Assim sendo, é urgente, por um lado, repensar o tipo de associação que se estabelece entre teoria linguística e ensino da gramática e, por outro, verificar que relação reconhecem os linguistas existir entre a Linguística e as suas aplicações, em particular no que ao ensino da gramática diz respeito.

Ao discutir as ramificações da Linguística, John Lyons opõe a linguística geral à descritiva e a linguística teórica à aplicada, salientando que a descrição linguística pode ter por fim a criação de uma «gramática de referência ou um dicionário para fins práticos» e admitindo haver uma «interdependência» entre a linguística geral e a descritiva⁶¹. Ao distinguir a linguística teórica da aplicada, o autor acaba por afirmar que esta última está sobretudo próxima do «ensino de línguas»⁶². Por conseguinte, aceita-se que a Linguística, nas suas vertentes descritiva e aplicada, está ligada à questão prática do ensino da língua e da gramática.

David Crystal, na sua obra *A Linguística*, defende que o ensino das línguas é a mais corrente aplicação da Linguística, esclarecendo mesmo que «para algumas pessoas o ensino das línguas e a ‘linguística aplicada’ são uma e a mesma coisa»⁶³. Simultaneamente, este linguista adverte também para a necessidade de os professores possuírem uma formação linguística adequada para ensinar uma língua, já que «O factor mais importante do ensino das línguas é talvez o desconhecimento que os professores (...) têm da estrutura das línguas que ensinam»⁶⁴.

Ao contrário dos linguistas, que reconhecem uma ligação entre a Linguística e o ensino das línguas, outros investigadores há que defendem haver algum grau de autonomia entre a investigação linguística e os saberes gramaticais, sendo estes o resultado de uma construção escolar autónoma. Nessa linha de pensamento, Rui Vieira de

⁶⁰ FONSECA, F. I., «Algumas reflexões sobre o ensino do Português». *Cadernos da APP*, Lisboa, Associação de Professores de Português, N.º 7-10, 1979/1980, p. II.

⁶¹ LYONS, *ibidem*, p. 43.

⁶² IDEM, *ibidem*, p. 44.

⁶³ CRYSTAL, D., *A Linguística*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991, 2.ª edição, p. 30.

⁶⁴ IDEM, *ibidem*, p. 29.

Castro, ao analisar de que modo a informação linguística é pedagogicamente recontextualizada, conclui que «um dos aspectos provavelmente mais significativos neste âmbito é que a uma acentuada diversidade no domínio dos estudos linguísticos se contrapõe uma evidente consensualidade nas escolhas realizadas no campo pedagógico» e refere mesmo «a não incorporação significativa de produtos da investigação linguística com indiscutível potencial didático», o que comprova uma «insularidade contemporânea do discurso pedagógico»⁶⁵.

Os autores da obra *Grammaires et didactique des langues* admitem também que as descrições linguísticas são importantes para o ensino da língua, mas fundamentais serão as descrições pedagógicas: «L'objet de l'enseignement/apprentissage n'est pas constitué en soi par les descriptions des linguistes, mais par les descriptions pédagogiques (...), ce que nous appelons ici grammaire pédagogique»⁶⁶. É necessário, em todo o caso, salientar que o professor terá de ser, sempre, um bom linguista e um bom gramático, ou seja, um conhecedor das teorias linguísticas e das práticas gramaticais, porque «si le *grammairien* est moins théoricien que le *linguiste*, rien de ce qui relève de la linguistique ne lui est cependant étranger»⁶⁷.

Antes de apresentar as conclusões deste estudo e ainda sobre o percurso da linguística teórica ao ensino prático da gramática, devemos sobretudo sublinhar que, nessa relação, é fundamental, em termos ideais, que haja um equilíbrio entre a aplicação rápida das novidades linguísticas e a transposição pedagógica ponderada dessas alterações. É, por isso, natural que as inovações dos estudos da linguística textual só agora se notem no ensino do *Português*, materializados na gramática do texto. Entretanto, também os conhecimentos de áreas como a análise do discurso ou a pragmática linguística poderão igualmente influenciar o ensino da língua materna. Somos, pois, de parecer que a Linguística pode contribuir para o ensino da gramática, mas não deverá acontecer (nunca) que se transforme a Linguística num novo ensino formal da língua, mesmo que seja num ensino da gramática do texto – aquela que cremos ser o tipo de gramática mais próximo duma gramática escolar que naturalmente propomos para o ensino da língua materna.

⁶⁵ CASTRO, R. V., *Para a análise do discurso pedagógico*. Braga, Universidade do Minho, 1995, p. 442.

⁶⁶ BESSE, H., e PORQUIER, R., *Grammaires et didactique des langues*. S/l, Hatier/Didier, 1991, p. 185.

⁶⁷ FLAUX, N., *La grammaire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1993, p. 35.

7. Conclusões

No sentido de determinar as relações entre Linguística e Didáctica (ao nível da questão específica do ensino da gramática), o percurso seguido neste estudo de síntese foi, primeiro, fazer a delimitação do(s) sentido(s) de *gramática*, *gramática tradicional* e *ensino da gramática*. Entretanto, procedeu-se à fundamentação do ensino escolar da gramática e explicitaram-se as razões e as finalidades desse ensino, caracterizando-se o contexto em que ele ocorre. Por fim, iniciou-se uma reflexão em torno das implicações entre investigação linguística (teoria linguística) e ensino da gramática (linguística aplicada).

Deixámos bem claro, desde o início, que a nossa finalidade não era tanto dar respostas absolutas aos problemas levantados nas três questões da introdução, mas sobretudo iniciar uma análise de assuntos relacionados com o ensino da gramática. Serão, entretanto, os investigadores, como motores das mudanças teóricas, e os professores, como actores da inovação no ensino da língua, que avaliarão a justeza das posições aqui professadas.

Assim sendo, há que passar em revisão as principais ideias que foram sendo discutidas, no sentido de servirem de ponto de partida para futuras análises, tendo em vista estudos que determinem, com outra profundidade, a função do ensino da gramática na escola e o papel da Linguística na construção dos conteúdos gramaticais.

Na introdução, com Aguiar e Silva, discutimos tanto o «imperialismo da Linguística» como o «desprezo da chamada gramática tradicional». Entretanto, ao definir os termos *gramática* e *gramática tradicional*, demos a entender a complexidade duma definição única dos conceitos, ao mesmo tempo que colocávamos de parte a hipótese de uma rejeição pura e simples dos saberes gramaticais (tradicionalistas).

Assumimos, então, que o essencial seria distinguir *o que não é do que deverá ser* ensinar gramática, que não se poderá nunca limitar aos níveis da palavra, da frase e do texto, mas deve sempre potenciar as competências linguísticas, atender aos contextos de uso da língua e exercitar os diferentes tipos de discurso e de texto. Assim, aprender gramática não será apenas dominar uma nomenclatura gramatical (também ela importante para que haja uma metalinguagem comum a todos os níveis de ensino e para que não se chame *grito* a uma *interjeição*...), mas também adquirir competências linguísticas que são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades de leitura, de escrita, de oralidade; para a descoberta do prazer da língua e, por fim, para um *livre acesso* ao texto literário.

Se estas não forem ainda boas razões, e bastantes, para ensinar e aprender gramática, poderíamos invocar outros motivos, como aqueles que têm a ver com o facto de conhecer a gramática da língua materna ser uma via de acesso à cultura (porque, afinal, língua e cultura são duas faces diferentes de uma mesma realidade) e aos valores que constituirão a formação e a educação linguística da pessoa humana ⁶⁸.

Se aprender uma língua e a sua gramática é, pois, formar-se como pessoa que sente, pensa, comunica e intervém socialmente, temos de avaliar não só como se faz a formação linguística dos professores de *Português*, mas sobretudo como se realiza o ensino escolar da *Língua Portuguesa*. Para que isso aconteça, devemos respeitar, no ensino da gramática, a série de princípios e de premissas que fomos referindo e aos quais podemos acrescentar esta outra ideia: *os estudos de gramática não podem variar consoante a teoria linguística que lhes serve de referência*, apesar de o professor dever, em termos ideais, conhecer (todas) essas teorias linguísticas ⁶⁹.

Na construção de uma *Metodologia do Ensino da Gramática* há ainda que ter em conta, em nosso entender, estas condições essenciais: a aceitação de uma norma padrão da língua portuguesa (que sirva de referência e possibilite, assim, o ensino da língua, sempre no respeito pela variedade linguística); a criação de um manual teórico de gramática portuguesa mais ou menos fundamentado e estável ⁷⁰; a publicação da nomenclatura gramatical oficial, esperada há muitos anos ⁷¹, que ajudará a regular a metalinguagem didáctica. Além de tudo isso,

⁶⁸ Estas questões e, em particular, a relativa à educação linguística e a todas as suas implicações são abordadas no artigo já citado de Rui Vieira de Castro «Para uma (re)conceptualização da educação linguística. Objectivos, conteúdos, pedagogia(s), avaliação».

⁶⁹ No artigo «Será que a linguística generativa pode ser útil aos professores de Português?» (*In AAVV, II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002), João Costa, depois de descrever as gramáticas normativa, descritiva e generativa, conclui que «As várias perspectivas sobre a gramática podem complementar-se quando colocadas ao serviço de fins didácticos» (p. 242).

⁷⁰ Financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, está a ser desenvolvido um projecto por uma equipa de linguistas portugueses que visa a publicação de uma gramática teórica do Português em 2004.

⁷¹ Em relação à nomenclatura gramatical oficial, temos conhecimento de dois documentos de trabalho da nomenclatura que o Ministério da Educação ainda não lançou oficialmente: a) ASSUNÇÃO, C., «Nomenclatura gramatical para o ensino básico e secundário». Lisboa, Ministério da Educação, 1999, 16 pp.; b) VILLALVA, A. *et alii*, «Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário». Lisboa, Ministério da Educação / Associação de Professores de Português, 2000, 43 pp..

construa-se também um conjunto fundamental de «pré-requisitos para o ensino da língua materna», porque, no fundo, como advogou já José Teixeira, «Não interessa bombardear os alunos com teorias gramaticais, árvores, ramos ou mesmo com todas as flores da retórica gramatical ou literária se os mesmos alunos não tiverem conceitos básicos, primordiais, para poderem compreender os rudimentos do funcionamento de uma língua»⁷².

São todos estes sinais que nos fazem crer que, no contexto do ensino da língua, da literatura e da cultura portuguesas nas escolas básicas e secundárias, deverá adquirir cada vez mais valor a presença do ensino formal ou explícito da gramática portuguesa. Perguntar-se-á, então, se a saída estará no repensar da gramática tradicional ou se poderemos dizer que o problema foi tão-só o *apagamento* da gramática, em nome de uma moda chamada *competência comunicativa*. A solução será, em princípio, um regresso à gramática ou, melhor ainda, a *redescoberta* do *fascínio* da própria gramática, como se pode deduzir das palavras de David Crystal: «My own view is that the study of grammar is something that **everyone** can find fascinating, fruitful, and even entertaining»⁷³. De facto, é também nossa convicção que a gramática deverá estar presente no ensino do *Português*, desde que se consiga, com a ajuda das teorias didácticas e das teorias linguísticas, proceder, mais uma vez, à sua recontextualização e à sua reconceptualização.

Foram estas questões, e outras conexas que entretanto se levantaram, que pretendemos analisar neste texto. E foi intencionalmente que associámos a ciência da linguagem ao objecto de estudo da didáctica – o ensino da gramática, já que a hipótese de reflexão é esta: que pontos de contacto poderemos (ou não) estabelecer entre a Linguística e a Didáctica, em termos de objecto e de objectivos? Mesmo que não se possa afirmar peremptoriamente que a gramática de ensino ou escolar seja um objecto da Linguística, cremos ser aceitável considerar-se que um dos fundamentos da existência dessa ciência é o próprio ensino das línguas. Em suma, nesta relação entre Linguística e ensino da gramática, mais do que crise e conflito, deveremos ver convergência e convivência. – Quer a Linguística quer a Didáctica ajudam-nos, assim, a responder às questões que se nos colocam quando

⁷² TEIXEIRA, J., «Pré-requisitos para o ensino da língua materna». In AAVV, *Actas do X Encontro Nacional da APL*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1995, p. 569.

⁷³ CRYSTAL, D., *Rediscover grammar*. London, Longman, 1992, 7.^a reimpressão, p. 6.

pensamos em ensinar *Português*: Que gramática ensinar e que gramática aprender?; – Que teorias linguísticas queremos e que práticas gramaticais pretendemos?

Às relações entre Linguística descritiva e Didáctica da gramática poderão, em síntese, aplicar-se as palavras de Fátima Sequeira acerca da *Metodologia do Ensino do Português*: «É neste contexto que parece justificar-se, na formação inicial dos professores de Português, uma área disciplinar vocacionada para a descrição, experimentação e orientação do processo de ensino/aprendizagem do Português. (...) O estudo das práticas actualizadas e as propostas de experimentação e orientação serão realizadas e equacionadas partindo de quadros de análise e informação recolhidas num conjunto de disciplinas em que avultam a Linguística, entendida de forma bastante ampla, por um lado, e as ciências da educação em geral, por outro. (...) Uma área disciplinar assim concebida apresenta-se, pois, como instância de mediação entre a investigação sobre a língua e a prática do seu ensino/aprendizagem (...)»⁷⁴.

Mesmo que não tenhamos chegado a grandes e definitivas conclusões sobre o tema *Linguística e ensino da língua*, cremos que, mesmo assim, se desenha já um projecto vasto de reflexão acerca de uma definição da *gramática escolar*. Esperamos ter sugerido, *last but not least*, que a Linguística pode, de facto, contribuir para a construção do conhecimento 'ensinável' sobre a língua, desde que se acredite, simultaneamente, que a criatividade linguística também se aprende com a gramática e que, sem conhecimentos linguísticos e didácticos, dificilmente o professor conseguirá cumprir a sua função de levar os alunos à aprendizagem escolar da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁷⁵

ABRANTES, Paulo (Coord.), *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais: «Língua Portuguesa»*. Lisboa, Ministério da Educação, 2001, pp. 31-36.

⁷⁴ SEQUEIRA, M. F. *et alii*, «Da importância de uma área de Metodologia da Língua nos Cursos de Formação de Professores». In AAVV, *Actas do Congresso sobre a investigação e ensino do Português*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989, p. 605.

⁷⁵ Usámos, na elaboração desta bibliografia, o seguinte critério: referir apenas as obras citadas. Em nota de rodapé, indicámos outros importantes trabalhos, não referenciados no texto principal, mas que abordam também a temática em debate.

- AGUIAR E SILVA, Vítor, «Há um tempo para formar o leitor» (entrevista de João Pedro Aído). *Palavras*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 2002, N.º 21, pp. 7-21.
- ASSUNÇÃO, Carlos Costa, «A gramática e o ensino da língua portuguesa, LM/LE». *Palavras*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 1998, N.º 13, pp. 37-44.
- ASSUNÇÃO, Carlos, e REI, José Esteves, *Gramática: material de apoio*. Lisboa, Ministério da Educação, 1998.
- BESSE, Henri, e PORQUIER, Rémy, *Grammaires et didactique des langues*. S/I, Hatier/Didier, 1991.
- BRITO, Ana Maria, «Que gramáticas ensinar?». In AAVV, *Actas do II Encontro Nacional da APP*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 1999, pp. 255-261.
- CASTELEIRO, João Malaca, «Formar professores de língua portuguesa: com que linguística?». In AAVV, *Actas do Congresso sobre a investigação e ensino do Português*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989, pp. 60-66.
- CASTRO, Rui Vieira de, «A elaboração e a recepção das nomenclaturas gramaticais: condições, princípios, efeitos». In AAVV, *A linguística na formação do professor de Português*, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001, pp. 201-216.
- CASTRO, Rui Vieira de, *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga, Universidade do Minho, 1995.
- COSTA, João, «Será que linguística generativa pode ser útil aos professores de Português?». In AAVV, *II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002, pp. 225-243.
- CRYSTAL, David, *Rediscover grammar*. London, Longman, 1992, 7.ª reimpressão.
- CRYSTAL, David, *A Linguística*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991, 2.ª edição.
- DUARTE, Inês, «O ensino da gramática como explicitação do conhecimento linguístico». In AAVV, *Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa*, Leiria, Escola Superior de Educação, 1993, pp. 49-60.
- DUARTE, Isabel Margarida, «O Português, na escola, hoje». *NOESIS*, Lisboa, Ministério da Educação, 2001, N.º 59, pp. 24-26.
- FLAUX, Nelly, *La grammaire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1993.
- FONSECA, Fernanda Irene, «Algumas reflexões sobre o ensino do Português». *Cadernos da APP*, Lisboa, Associação de Professores de Português, N.º 7-10, 1979/1980, pp. I-V.
- GOMES, Álvaro, *Gramática Viva*. Lisboa, Didáctica Editora, 2000.
- LEWANDOWSKI, Theodor, *Diccionario de Lingüística*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1986, 2.ª edição, pp. 158-173.
- LYONS, John, *Linguagem e lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico, 3.º Ciclo: «Língua Portuguesa»*. Lisboa, Ministério da Educação, 1991, Vol. I, pp. 47-72.
- PERINI, Mário A., *Sintaxe portuguesa. Metodologia e funções*. São Paulo, Editora Ática, 1989.

- RAMALHO, Glória (Coord.), *PISA 2000. Resultados do Estudo Internacional: primeiro relatório nacional*. Lisboa, Ministério da Educação, 2001.
- RODRIGUES, Angelina, «O 'funcionamento da língua': entre as orientações programáticas e as práticas pedagógicas». In AAVV, *Actas do Fórum Linguística e Didáctica das Línguas*, Vila Real, UTAD, 1998, pp. 153-162.
- SEQUEIRA, Maria de Fátima; CASTRO, Rui Vieira de; SOUSA, Maria Lurdes, «Da importância de uma área de Metodologia da Língua nos Cursos de Formação de Professores». In AAVV, *Actas do Congresso sobre a investigação e ensino do Português*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989, pp. 603-610.
- SILVA, António Carvalho da, «A formação linguística do professor de Português e o ensino da gramática». In AAVV, *Professores de Português: Quem somos? Quem podemos ser?*, Lisboa, Associação de Professores de Português, 2001, pp. 191-197.
- SILVA, António Carvalho da, «O ensino da língua (portuguesa) na visão do primeiro 'linguista' português». In AAVV, *Actas do XV Encontro Nacional da APL*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, 2000, Vol. II, pp. 415-432.
- SIM-SIM, Inês; DUARTE, Inês; FERRAZ, Maria José, *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa, Ministério da Educação, 1997.
- SOUSA, Maria de Lourdes Dionísio de, «Condições escolares do ensino da gramática. Os livros de Português». In AAVV, *Actas do XV Encontro Nacional da APL*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, 2000, Vol. II, pp. 525-542.
- TEIXEIRA, José, «Pré-requisitos para o ensino da língua materna». In AAVV, *Actas do X Encontro Nacional da APL*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1995, pp. 569-581.
- TORRES, Amadeu, «Arte ou Ciência, a Gramática?». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1987, N.º 2, pp. 57-66.
- TORRES, Amadeu, «Gramática da língua e gramática da comunicação». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1986, N.º 1, pp. 23-29.
- VILELA, Mário, «O ensino da gramática na escola: que saída e que justificação?». *Diacrítica*, Braga, Universidade do Minho, 1993, N.º 8, pp. 143-166.
- XAVIER, Maria Francisca, e MATEUS, Maria Helena (org.), *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa, Edições Cosmos, 1992, Vol. II, pp. 191-198.

A informação sobre a categoria gramatical nos dicionários bilingues

ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN
(Universidade do Minho)
alvaro@ilch.uminho.pt

ABSTRACT

Will it be pertinent to include in a dictionary information about the grammatical category of the *lemma*? From the lexicographical point of view there are other ways of providing grammatical information for the average user. Information about verbal transitivity or regency can be supplied by means of examples. For some linguists, information about the grammatical category of the *lemma* is a must in order to apply the so called “lexicographical principle of substitution”.

Palavras-chave: Dicionários, categoria gramatical, regência, princípio lexicográfico de substituição.

A questão da pertinência da inclusão no artigo lexicográfico da informação sobre a categoria e subcategoria gramatical do lema (ou do sublema) é uma questão que está ainda por resolver.

Ao optar pela omissão da subclasse gramatical dos verbos, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Casteleiro (coord.), 2001) recolocou este assunto em discussão:

«O presente Dicionário não acompanha, neste caso, a tradição lexicográfica que consiste em classificar explicitamente o verbos em transitivos, intransitivos e pronominais (reflexos ou recíprocos), porquanto tal comportamento resulta do contexto sintáctico em que os verbos ocorrem.» (Casteleiro, 2001: XIX).

O facto contrasta, nomeadamente no que se refere aos verbos, com a rica informação regencial que apresenta o novo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* [Houaiss, (coord.), 2001] e, em geral, a tradição lexicográfica brasileira.

O lexicógrafo deverá, quando menos, pôr em causa a utilidade que as categorizações gramaticais podem vir a ter para os utilizadores. A informação sobre a categoria gramatical do lema muitas vezes não passa de um fim em si mesmo e torna-se pouco ou nada útil para a actividade de codificação e/ou descodificação do utilizador que não domina a terminologia gramatical¹. Desde logo porque não compreende verdadeiramente o sentido de termos como *transitivo*, *intransitivo*, *relativo*, *conjuntivo*, etc. O utilizador corrente (não linguista) de um dicionário salta normalmente este tipo de informação sobre a categoria gramatical da palavra que está a consultar, porque pouco lhe interessa saber, por exemplo:

- se os verbos *gostar*, ou *presidir* são transitivos ou intransitivos;
- se o verbo *dar*, nas combinações *dar um livro* ou *dar um passeio*, é um verbo transitivo ou um verbo operador, ou se uma coisa é compatível com a outra;
- se a construção *afinal de contas* é uma locução adverbial, nominal, adjectival, prepositiva, conjuntiva²
- etc.

O que pode interessar ao utilizador de um dicionário codificador é se a locução *afinal de contas* é sinónima de *afinal*, *por fim*, *finalmente*, e se é, ou não, sinónima de *concluindo*, *como conclusão*, como parece indicar a maior parte dos dicionários³, e em que contextos se usa (apenas no início da oração seguido de sujeito mais verbo?).

Para traducir para o espanhol frases como:

1. *Eu gosto de chocolate: Me gusta el chocolate;*
2. *Eu presidia à reunião: Yo presidía la reunión,*

¹ Neste sentido seria importante perguntarmo-nos por que será que um dicionário de língua espanhola da qualidade do *Diccionario de uso del español*, de María Moliner (Moliner, 1990), que se caracteriza precisamente pela abundante informação gramatical e sobre combinatória lexical, omite muita informação sobre a categoria gramatical do lema.

² Classificação que tem a ver, aliás, com a tradição que considerava que só faziam parte da fraseologia aquelas combinações de palavras que funcionavam como categorias gramaticais concretas, isto é, como palavras (vd. Coseriu, 1977).

³ Vd., neste sentido, a definição de «**al final**» no *Diccionario de Maria Moliner*:

final ... **AL FINAL**. (I) «Al fin». En el final: 'Al final de la guerra [del año, de la calle]'. (II) «Al fin. Después de todo». Como conclusión de todo lo hablado, ocurrido, etcétera. Implica frecuentemente que la conclusión de que se trata es absurda o inadmisibile: '¡No... si al final resultará que quien tenía razón era él...!'

pouca utilidade podem ter, para um utilizador corrente do dicionário, as categorizações gramaticais que encontraremos nos artigos de verbos como *gostar/gustar* ou *presidir/presidir*. Para além de que, como já indicamos, pode não compreender o sentido de termos como transitivo, intransitivo, etc., também porque não existe uma terminologia consensual, ou porque o sistema de etiquetagem pode ser excessivamente redutor, categorizando, por exemplo, um verbo que rege preposição como sendo intransitivo (cf. os termos *transitivo indirecto* e *transitivo directo* da Nomenclatura Gramatical Brasileira).

Pouca utilidade pode ter para um utilizador corrente do dicionário, um sistema de regras ou generalizações (uma gramática) sobre, por exemplo, o comportamento sintáctico e semântico dos verbos *dar* ou *fazer* como verbos transitivos ou como verbos *operadores*, enquanto poderá ser verdadeiramente útil do ponto de vista lexicográfico informar que é com algum destes verbos que determinadas palavras se combinam para exprimir um determinado sentido. Assim, para um utilizador do dicionário cuja língua materna seja o francês ou o inglês, será fundamental informar, na entrada **passeio** e não na entrada **dar**, que esta palavra utiliza a forma *dar* como verbo operativo (*dar um passeio*), enquanto nas outras duas línguas utilizam-se verbos diferentes (*take a walk, faire une promenade*)⁴.

Do ponto de vista lexicográfico, existem outras maneiras de fornecer informação gramatical útil para o utilizador. Assim, pode-se informar sobre a transitividade de uma acepção de um verbo por meio de exemplos (vd. Casteleiro, 2001: XIX). Desta maneira, a informação é útil para o utilizador comum (para quem a informação de que se trata de uma forma transitiva ou intransitiva pode ter pouco valor) e para o linguista ou o utilizador que conhece a terminologia gramatical

⁴ Para o utilizador do dicionário bilingue de Português-Espanhol será mais importante ser informado do facto de que em português há combinações lexicais construídas com *dar* que em espanhol não utilizam essa mesma palavra (e vice-versa):

Dar os parabéns: Felicitar
Dá-me licença que entre?: ¿Puedo entrar?
O bilhete só dá até aqui: El billete sólo sirve hasta aquí
Não dar por nada: No noté nada
Não dar por ela: No notar nada
Dar uma mão: Echar una mano
Dar um nó: Hacer un nudo
Dar o nó: Ø
Foi uma queda que dei há anos: Fue una caída que tuve hace años
Dar entrada no hospital: Ingresar en el hospital
Queres dar um salto comigo lá?: ¿Quieres ir un momento conmigo hasta allá?

(que de maneira ostensiva é informado de que se trata de uma acepção transitiva porque sabe identificá-la). Somos conscientes, contudo, que embora os exemplos ilustrativos possam ser muito ricos em informação de tipo gramatical, enciclopédico, combinatório ou pragmático, e possam ser muito úteis, como complemento do sistema de etiquetagem, também podem transformar-se perigosamente numa espécie de «caixote do lixo» para onde vai parar tudo aquilo que não sabemos como tratar lexicograficamente (vd. Blanco, 1995).

Ao explicitar as colocações típicas de um verbo ou, em geral, ao fornecer informação sobre a sua capacidade combinatória, ao mesmo tempo também se estará a informar a quem possa interessar (aos linguistas, por exemplo) sobre a transitividade ou intransitividade do mesmo (ou, se se quer, sobre os argumentos do mesmo, etc.):

Levantar [um processo] = 'interpor, entrar em juízo com'.

Levantar [ferro] = 'zarpar'.

Levantar [calúnias] = 'difamar'.

Deu-me na telha de ir a Lisboa: Se me antojó ir a Lisboa

Não sei se irá dar certo: No sé si funcionará

Não deu uma para a caixa: No acertó (ni) una.

Dar uma injeção: Poner una inyección

Estás a ver, pá, assim não dá!: Ves?, tío, así no vale!

A geada deu cabo das vinhas: La helada acabó con las vinhas

Dar como aberta a conferência: Consideró/declarar abierta la conferencia

Já lhe dei uma ajuda: Ya le eché una mano

O rádio dá um som desagradável: La radio hace un sonido desagradable

Por vezes dá ares da mãe: A veces tiene aires de la madre

O que te deu?: Qué venada te ha dado?

Os feridos deram entrada no hospital: Los heridos tuvieron alta en el hospital

Deu lugar à senhora: Cedió el sitio a la señora

Era só para dar nas vistas: Era sólo para llamar la atención

O professor deu-me negativa: El profesor me ha suspendido

O meu colega dá-me boleia: Mi compañero me lleva

Essa ligação não daria certo: Esa relación no resultaría

Faça como lhe der mais jeito: Haga como le venga mejor

Não tenho contas a dar-lhe: No tengo que prestarle cuentas

Dar uma corrida para o apanhar: Echar una carrera para cogerlo

Deu com o livro na estante: Se encontró con el libro en la estantería

Dar-se bem: Llevarse bien

Dar-se mal: Llevarse mal

Dar dois dedos de conversa: Echar una parrafada

Dar muitos erros no ditado: Tener muchas faltas en el dictado

Da muitos erros de gramática: Comete muchos errores gramaticales

A doença obriga-o a dar faltas: La enfermedad le obliga a faltar mucho

Ao ligá-lo, deu fásca: Al enchufarlo, echó chispas

E tu deste-lhe ouvidos?: ¿Y tú le hiciste caso?

Não deu pela tua falta: No se dio cuenta de tu ausencia.

Dar cabo das moscas: Acabar con las moscas.

Levantar [o moral] = ‘animar, encorajar’.

Levantar-se <o vento, a brisa> = ‘desencadear-se, começar’.

Levantar <as nuvens, o nevoeiro> = ‘aclerar’.

Esta prática encontramos-la já nas primeiras amostras lexicográficas peninsulares. Assim, tanto no *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (edição de 1562) como no *Vocabulario de romance en latin*, de Antonio de Nebrija (edição de 1516), para além de se registar, como lema, diferentes acepções do lexema provenientes da combinação com outros lexemas para, desta maneira, dar cabimento às diferentes acepções ou correspondências latinas, indica-se, com o mesmo intuito, o complemento directo ou o sujeito de alguns verbos, como por exemplo, no *Nebrija*: *cantar el tordo, cabestrar bestia*.

Os dois autores diferenciam formalmente nas entradas a forma em função de sujeito da forma em função de complemento. Assim, Nebrija faz acompanhar o sujeito do artigo definido, enquanto apresenta o complemento sem este determinante:

sujeito	complemento directo
Cantar el tordo o zorzal. trutilo.as.avi.	Cabestrar <u>bestia</u> . capistro.as.
Cantar el estornino. pisito.as.avi.	Caçar aves. aucupor.aris.
Cantar la perdiz. cacabo.as.avi.	Caçar fieras o montar. venor.aris
Cantar la tórtola o paloma. grino.is.	Capitanear gente. duco exercitum
Cantar la paloma torcaz. plausito.as.	(<i>et passim</i>).
(<i>et passim</i>)	

Do ponto de vista sintagmático é interessante a diferenciação formal que encontramos no *Dicionário* de Cardoso entre o sintagma nominal em função de sujeito e o sintagma nominal em função de complemento: as formas do artigo que acompanham os nomes em função de complemento directo vêm-se afectadas por um fenómeno de fonética sintáctica, produzindo-se a assimilação entre a terminação do infinitivo verbal e a forma do artigo característica dos textos medievais galego-portugueses, assimilação marcada no português escrito até ao século XVIII e ainda presente em alguns falares regionais de Portugal (Vázquez Cuesta & Mendes da Luz, 1983: 365), assim como na Galiza. Porém, as formas do artigo que acompanham o sujeito não se vêm afectadas por esta assimilação de tipo fonotáctico, mesmo quando este último aparece posposto por uma questão convencional de maior clareza lexicográfica:

sujeito	complemento directo
Casar o homem. Vxorem ducere.	casala molher.s.darlhe marido. Elo loco, as, donuptum
casar a molher. Nubo, is, nupsi.	casalo homem.s.darlhe molher. Vxorem do.
(<i>et passim</i>).	(<i>et passim</i>).

Como talvez já soubessem os autores destes primeiros dicionários bilingues, as possibilidades colocacionais (de combinação lexical) e combinatórias em geral (usos sintáctico-semânticos) assim como os usos pragmáticos das potenciais unidades lexicográficas são três tipos de informação de que não pode prescindir qualquer dicionário que pretenda ser uma ferramenta útil para a codificação linguística ⁵.

Para alguns lexicógrafos (ou talvez apenas para alguns linguistas), a informação sobre a categoria gramatical do lema será imprescindível nomeadamente para a aplicação na definição do chamado princípio lexicográfico de substituição, onde, como indica Alonso Ramos (1993: 70-71), se confunde muito frequentemente “equivalência de sentido” com “equivalência sintagmática” (*vd.* também Porto Dapena, 1988: 133-137).

Com efeito, não é difícil passar da exigência de “equivalência de sentido” entre o termo definido e a definição para a “equivalência gramatical”. Assim, segundo esta nova interpretação, este princípio lexicográfico vai exigir que a categoria gramatical do definido coincida necessariamente com a da sua definição, no sentido de que, por exemplo, se a palavra a definir for um substantivo, devemos utilizar na sua definição, outro substantivo ou uma construção substantivada, e não um verbo, por exemplo, de tal maneira que se possa substituir um pelo outro. São muitas as amostras que podíamos fornecer desta interpretação do princípio de substituição. Vejamos só uma, relativamente recente e de um texto de lexicografia teórica:

«Recordemos, por otra parte, que la vinculación arriba apuntada entre categoría gramatical del lema y definición resulta indispensable según el principio de sustitución, que exige que la definición sea susceptible de

⁵ A perda de importância das relações sintagmáticas na análise e descrição linguística é um processo que começa já a produzir-se, segundo Telmo Verdelho, nos glossários medievais:

«O que sobretudo nos interessa de momento, na consideração destes glossários, é o seu valor verdadeiramente genético, em relação à ciência lexicográfica. É o início de uma actividade metalinguística em que o significante se desprende completamente da relação e dos vínculos sintagmáticos, abandona as suas funções textuais e se integra em paradigmas artificiais para ser reinvestido em toda uma estratégia de alargamento da competência linguística do indivíduo e da comunidade.» (Verdelho, 1988: 228-229).

reemplazar al lema en un contexto dado, lo cual implica que debe respetarse el principio de identidad categorial entre ambas categorías de información lexicográfica.» (Blanco, 1995: 391) (o sublinhado é nosso).

Neste caso não só estamos perante a exigência de equivalência de categoria gramatical, mas também de equivalência sintagmática, e até contextual (linguística e situacional), como a que encontramos no seguinte exemplo:

«Para ver se a coisa funcionava, ou seja, para ver se o dicionário apresenta mesmo as equivalências de sentido das palavras, imaginei alguém a tentar comprar ovos, mas em vez de utilizar esta palavra, ovo, utilizar as respectivas equivalências dicionarizadas.

Se se procurasse o actualíssimo, de 1994, 7.^a edição, dicionário da Porto Editora, o pedido teria que ser assim: “*Faz favor: queria meia dúzia de ‘células que resultam da fecundação dos gâmetas’*”.» (Teixeira, 1996: 230)

O dicionário bilingue deverá informar sobre o funcionamento dos equivalentes em contextos (linguísticos e situacionais) reais, sem que a categoria morfo-sintáctica de uma unidade lexical da língua de partida tenha de coincidir necessariamente com a categoria da unidade lexical equivalente na língua de chegada, uma vez que o mesmo conceito poderá ser intensionalizado, verbalizado, nas duas línguas de forma diferente, ora lexicalmente, ora gramaticalmente (através de palavras, frases, sintagmas, etc.). Desta forma, um lexema na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada uma combinação de lexemas, e vice-versa, uma combinação de lexemas na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada um único lexema.

Esta questão tão evidente de que os equivalentes num dicionário bilingue não têm que coincidir quanto à categoria gramatical é muito frequentemente esquecida ao constringer a unidade lexicográfica dentro dos limites da palavra. Repare-se nos seguintes exemplos:

caer = cair, mas cf.: Caerse: Dar uma queda;
quitar = tirar, mas cf.: Quitarse las gafas : Tirar os óculos;
recurrir = recorrer, mas cf.: Recurrir la decisión : Recorrer da decisão;
presidir = presidir, mas cf.: Presidir la reunión : Presidir à reunião.

Na tradição linguística ocidental isto significa que não há lugar na linguística para tudo o que ultrapasse os limites das unidades tratadas pela morfologia (o monema, ou a palavra) e pela sintaxe (a frase). Neste contexto, tudo o que excede os limites das categorias

ou das unidades impostas por estes modelos linguísticos é adjectivado de extralinguístico.

Assim, contrariamente ao que se pode constatar na prática da tradução:

Trasnochar así acaba connigo: Estas noitadas dão cabo de mim;

La fruta está llena de magulladuras: A fruta está toda pisada;

Lleno (adjectivo): *Ateste* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina],

será novamente a má interpretação do chamado princípio lexicográfico de substituição de que falámos que leva ainda muitos autores de dicionários bilingues a afirmar a conveniência de que os equivalentes pertençam à mesma categoria gramatical que o lema, Assim, por exemplo, Blanco (1995) afirma:

«Dicho principio [de substituição] debe contemplarse igualmente en el caso de los diccionarios bilingües, que, por defecto, deben ofrecer equivalentes de traducción pertenecientes a la misma categoría gramatical que el lema.» (Blanco, 1995: 391).

Desta maneira, um dos maiores problemas com que se enfrenta o lexicógrafo se optar por construir exemplos *ad hoc* é o facto de ficar excessivamente preso à estrutura da frase na língua de partida, construindo equivalentes errados, pouco usados ou pragmaticamente inaceitáveis, como, por exemplo:

*La fruta está llena de magulladuras: *A fruta está cheia de pisaduras, ou*

Lleno (adjectivo): **Cheio* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Repare-se por exemplo nos casos da palavra espanhola *ladrillazo*, cujo equivalente em português poderia ser *tijolada*, mas que raramente funcionará num contexto real (*casi llevo un ladrillazo: *quase levo uma tijolada*), ou o adjectivo *lácteo*, cujo equivalente português será também *lácteo*, salvo nas colocações *#Productos lácteos, #Indústrias lácteas*, em que não se usa:

ladrillazo *s.m.* Tijolada, golpe de tijolo. • **Llevar un l-:** Apanhar com um tijolo; *Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo:* Ao passar por debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

lácteo, a *adj.* Lácteo (relativo ao leite ou a qualquer produto da indústria do leite); *Una dieta láctea:* Uma dieta láctea. *vd. lechero. 2.* Lácteo (que tem cor ou aparência de leite); *Aspecto lácteo:* Aspecto lácteo; *vd. lechoso.* • **Productos ~s:** Lactícínios. **Industrias lácteas:** Indústrias de lactícínios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO RAMOS, M. (1993): *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'chuk* (tese de doutoramento). Madrid: UNED.
- BLANCO ESCODA, X. (1995): *El ejemplo en el diccionario bilingüe. Tipología y funciones del ejemplo en el marco de la lexicografía bilingüe general contemporánea Francés-Español Español-Francés* (tese de doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.
- CARDOSO, J. [Hieronymi Cardosi] (1565): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*. Joannus Alvari Typographi []. [1562?].
- CASTELEIRO, J. Malaca (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.
- CASTELEIRO, J. Malaca (2001): «Introdução», em Casteleiro (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo, XIII-XXIII.
- COSERIU, E. (1977): *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos.
- FARIA, I. Hub & M. CORREIA (eds.) (1996): *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. II. Lisboa: APL./Colibri.
- HOUAISS, A. (coord.) (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- MOLINER, M. (1990a): *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.
- NEBRIJA, A. de (1516): *Vocabulario de romance en latín*. Sevilla. [ca. 1494, Salamanca?].
- PORTO DAPENA, J. A. (1988): «Notas lexicográficas: La información sintáctica en los diccionarios comunes», em *Lingüística Española Actual*, X, 1 (1980), 133-154.
- TEIXEIRA, J. (1996): «Branco é, galinha o põe», em Faria & Correia (eds.) (1996), 229-235.
- VÁZQUEZ CUESTA, P. e M. A. MENDES DA LUZ (1983): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VERDELHO, T. dos Santos (1988): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa.

Documentos do século XII¹

JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO
(Universidade de Santiago de Compostela)
fgsouto@usc.es

ABSTRACT

The aim of this paper is to offer an analysis of the presence of Galician-Portuguese in the documents of the 12th century kept at the Torre do Tombo Archive. Three different types were detected: Latin texts with romance segments, Latin texts (or of imprecise idiomatic statute) with vernacular elements and Romance texts. This last group is made up of four different writings, out of which are outstanding *Carta de foro da Benfeita*, because of its level of romancization, and, above all, *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*. The physical characteristics and contents of *Pacto* allow for the identification of its holders and chronologically place it between the years 1169 and 1173. Up to this moment it is, therefore, the oldest known document in Galician-Portuguese.

Key-words: Diachronic Linguistics, first Romance documents, palaeography and diplomacy, history of the Middle Ages

0. Introdução

O trabalho que se apresenta constitui uma das primeiras conclusões da pesquisa que, desde Novembro de 1999, levamos a cabo no IAN/TT, tendo como objectivo final o estudo e a edição, em diversas fases, da maior parte da documentação linguística galego-portuguesa

¹ Agradecemos vivamente a colaboração que, nos respectivos âmbitos científicos, me foi prestada por António Resende de Oliveira, Maria José Azevedo Santos e Leontina Ventura. Também quero exprimir a minha gratidão a todos aqueles que, de um ou de outro modo, contribuíram para tornar possível este estudo, entre eles a: Maria de Jesus Anjos, Teresa Brocardo, Ana Maria Martins, Benjamim Moreira, Susana Pedro, José Luís Rodríguez e Ana Maria Sanches Tarrío.

dos sécs. XII e XIII ². Pretende-se, neste caso, dar a conhecer alguns exemplos do séc. XII, com destaque para o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais* (cit. PG), e ainda para o *Escrito de Paio Soares, a Nómima de Pedro Viegas* e a *Carta de foro da Benfeita*, além doutras presenças parcelares do vernáculo em diplomas maioritariamente latinos.

1. Panorâmica geral

Como se sabe, falar nos primeiros textos romances galego-portugueses implicava, até não há muito tempo, referência imprescindível ao *Testamento de Afonso II* e à *Notícia de Torto*, ambos pertencentes à segunda década do séc. XIII. Estes dois testemunhos apareciam cronologicamente isolados, já que o seguinte vinha constituído por duas cartas de foro de 1255, outorgadas por D. Afonso III aos moradores de Telões de Aguiar e Condudo (Duarte 1986: 68-84). Sucessivas pesquisas levadas a cabo nos últimos anos permitiram preencher esse hiato cronológico e fazer recuar à segunda metade do século XII os primeiros registos escritos do galego-português ³.

Estes mesmos estudos não apagaram o sentido da data de 1255 ⁴, vieram dotá-la de uma significação renovada. Com efeito, verificamos

² Na actualidade foram já apresentados três trabalhos (Souto Cabo 2002a, 2002b, [no prelo]).

³ Para além da documentação pertencente ao séc. XII, uma parte da qual é analisada neste trabalho, a pesquisa mencionada permitiu exumar diversos escritos romances da primeira metade do séc. XIII (Souto Cabo [no prelo]). Entre estes últimos –ordenados sequencialmente pela sua (provável) cronologia – encontramos: a *Notícia de Dona Toda Soares do Casal* (IAN/TT, *Most. de S. S. da Junqueira*, m. 6, n.º 35), a *Manda de Dona Fruilhe Rodrigues de Pereira* (IAN/TT, *Most. de S.ª M.ª da Tarouquela*, m. 9 [8], s. n.), a *Partição de Mor Martins e Durão Martins de Riba de Vizela* (ca. 1240) (IAN/TT, *Most. de S. P. de Arouca*, gav. 4, m. 2, n.º 6) e a *Manda de Mendo Ermigues [de Baião?]* (IAN/TT, *Cabido da Sé de Viseu*, m. 9, n.º 35). No caso da Galiza, até ao momento, localizei duas cartas de compra-venda de 1231 e 1233 pertencentes ao extinto mosteiro ourensano de Santa Maria de Melom (AHN, *Clero*, m. 1441, docs, 4 e 11). Trata-se, portanto, dos mais antigos diplomas dispositivos da nossa área linguística (cf. infra).

⁴ Como fiz notar recentemente (Souto Cabo [no prelo]), talvez fosse melhor adoptar como fito cronológico a data de 1257, ano em que se plasmou por escrito a ratificação das partilhas de Dordia Gil e Gonçalvo Gil de Soverosa (IAN/TT, *Most. de S. P. de Arouca*, gav. 5, m. 10, n.º 6). De facto, este é, em Portugal, o primeiro documento dispositivo (no fundo e na forma) na nossa língua conservado em versão original, e também porque, como veremos, as cartas de foro aparecem desde o séc. XII como permeáveis ao vulgar (cf. infra), o que pode, entre outros aspectos, sugerir proximidade com a documentação de prova.

que essa baliza temporal separa dois conjuntos documentais de índole diversa. Antes de ca. 1255 a presença do vernáculo é exígua, ocasional e, no caso, aparece fortemente condicionada (cf. infra). Pelo contrário, a partir de meados do séc. XIII o uso da escrita galego-portuguesa é expansivo, passando a ocupar aqueles espaços até ao momento monopolizados pelo latim.

Quando falamos, implícita ou explicitamente, de textos latinos vs. galego-portugueses, no período cronológico ocupado pela produção primitiva, estamos a projectar uma distinção conceptual que não existia como a entendemos na actualidade. Essa aparente dicotomia encobre uma situação muito mais complexa em que não há limites precisos entre o modelo scripto-gráfico (hoje qualificado como) latino, ou se quisermos latino-romance, e outro com maior grau de oralização, tendencialmente autónomo galego-português. Traços muito diversos deste último estão presentes desde a documentação mais antiga, mas sempre convivendo com o latim. Isto quer dizer que entre o código romance e um texto determinado a relação é sempre gradual e não privativa. Em rigor, esta última aparece, pela primeira vez, no *Testamento de Afonso II* (1214).

Faltam estudos pormenorizados integrando todas as variantes pertinentes, mas é igualmente possível que a cronologia seja um elemento a tomar em conta e que se tenha verificado uma aproximação crescente da escrita à oralidade ao longo do séc. XII. Assim, na primeira metade parece limitar-se a marcas fundamentalmente sintácticas, lexicais e, em menor medida, morfológicas, enquanto que na segunda se passa a traduzir, mais nitidamente, por traços de tipo grafo-fonémico. Cumpre ter em conta que a carência de um modelo institucional que orientasse a presença do vernáculo, pela própria natureza dos espaços diplomáticos em que este se manifestava (cf. infra), inviabilizou uma progressão e estabilização do mesmo⁵, detectando-se uma considerável escala de oscilação.

2. Espaços para uma *scripta* galego-portuguesa no séc. XII

Como está amplamente estabelecido em diversos estudos (Martins 2001, Souto Cabo 2002b), essa *scripta* que podemos qualificar de

⁵ Notemos, contudo, que esses desenvolvimentos foram positivamente provados na primeira metade do séc. XIII, portanto, mesmo antes da adopção institucional do vernáculo. Cf. Souto Cabo ([no prelo]).

«inovadora» surge de preferência nos âmbitos menos submetidos e/ou menos submetíveis aos formulários jurídico-literários latinos. Isto pode acontecer, por um lado, nos documentos de prova (por oposição aos dispositivos ⁶), modalidade a que pertencem fundamentalmente as notícias e outras tipologias análogas como fintos e testamentos (Martins 2001: 30-33); por outro, em determinados segmentos do discurso diplomático de conteúdo variável, sobretudo na parte dispositiva ⁷.

Faremos uma análise dessas várias possibilidades de ocorrência do romance, através da selecção de alguns exemplares significativos, editados na última parte deste trabalho. Em articulação com o que anteriormente se disse, estabelecemos, do ponto de vista scripto-linguístico, três grupos:

- a) Textos latinos com segmentos compactos em vernáculo.
- b) Textos latinos, ou de adscrição idiomática imprecisa, caracterizados por uma presença geral, mas difusa, de elementos vernáculos.
- c) Textos romances, contendo em maior ou menor grau resultados exclusivamente latinos.

2.1. *Grupo A*

O primeiro grupo é constituído por diplomas de tipo dispositivo com fragmentos de nítido romaneamento. Estes concentram-se naquele segmento do corpo do documento conhecido como «dispo-

⁶ Riesco (1987/2: 162-163) afirma: «La diferencia entre uno y otro está en su mayor o menor relación con la acción o hecho jurídico que encierra la pieza documentada y las consecuencias de aquella. Así, cuando dicha relación se limite a consignar y perpetuar el puro recuerdo de tal hecho y a servir, si llegara el caso, de testimonio sobre el mismo, tenemos un documento de prueba. Al contrario, si el documento, además de consignarlo y perpetuarlo, ha concurrido a la realización del hecho en cuestión, de tal suerte que si no hay documento tampoco habrá efectos jurídicos, tenemos un documento dispositivo.»

⁷ Cf. Frank & Hartmann (1997: 19): «Pour la rédaction des parties initiales et finales des actes, qui contenaient essentiellement des clauses et des tournures qui revenaient, avec peu de variations, dans tous les documents du même genre, les notaires auraient puisé dans leur mémoire des formules latines toutes faites où il ne restait plus qu'à insérer les noms des parties contractantes. La partie centrale, par contre, dont le contenu variait davantage d'un document à l'autre et qui, de ce fait, admettait beaucoup moins les formules figées, aurait été prise sous la dictée, en langue vulgaire, des clients lors de la confection de l'acte.»

sitio»⁸ e em particular na definição da(s) matéria(s) objecto de transacção. Assim acontece quando se procede à delimitação ou descrição de espaços geográficos ou na referência e enumeração de elementos materiais concretos como, por exemplo, espécies de pagamento ou tributo. Para além dos topónimos, amiúde coincidentes com substantivos, os elementos romances mais assíduos são os substantivos, os adjectivos, os artigos, as preposições e os advérbios. Em muito menor medida ocorrem formas verbais ou pronomes. O contraste que se estabelece entre esses trechos e as partes formulísticas em latim possui um interesse notável, pois vem demonstrar que a ausência do vernáculo não é devida a qualquer falta de habilidade escriptural, antes é atribuível às regras do discurso diplomático.

Os três textos deste grupo reflectem claramente a situação descrita. Como se pode observar (cf. infra), o registo mais vernacularizado ocupa o espaço central do documento. Em A2 estamos perante a demarcação de espaços⁹, enquanto que em A1 e A3 se trata da enumeração de propriedades concretas¹⁰:

A1

[...] in queimado ī amplo duas aguiladas de singulis passibus & ī longo .cct^{is}. minus .x. & ī cabo. & ī amplo .iiiiior. & ño pedaco de trasilla lagona similiter unã lareã de lxxx^a. & iii^{es}. passibus ī lōgo & duos ī amplo. & ī illo forno qui uocāt aliã lareã . de .xxx^a. & .v. passibus ī lōgo. & ī amplo. ī & palmo & ī illo linar de pedragal mea. sexta. & ī illo linar de domno salute .viii^a. & de illa quintana que fuit de illo dono donero .vi^a.

A2

[...] cõtra asnelas. perla foz das caldas ãde. ou ualle das perdices. & inde ou ualle de exudriu. & ãde ou moledo Contra moreira. per cima do ualle do padrõ. & ãde per cima da lonba & inde per cima de môte caures. & ãde per cima das aguieiras. Contra beiaioos per cima da Lanpaza. Contra cabanas. per cima de ualle couo. & inde ou quatro. Contra ulueira. per la soueireira do bispo. & ãde perla anta & perla corcada. & ãde a Mondego ou saidoiros. & inde perla uena de mondego usque ad fõte das caldas.

⁸ Parte principal do documento em que se concretiza e especifica o acto jurídico.

⁹ É interessante notar que outro documento do mesmo núcleo (IAN/TT, *Cab. da Sé de Viseu*, m. 4, n.º 39 = DS 15), redigido em Novembro de 1186, decalca literalmente o trecho em questão para, de novo, estabelecer os limites da vila de Canas de Senhorim.

¹⁰ Na transcrição dos excertos que se reproduzem a seguir, simplificamos alguns elementos da edição íntegra dos diplomas incluída no final deste trabalho.

A3

[...] *quantū* habet ī ipssa senara de pelagius caldes e o uale do pereiro cū ipsse linar do barreiro & iij *tres* leiras ī *sancta* marina & quanto li cadia da *quintana* de parte de sua mater & seu quinō da uinea de pelagius truitesēdiz & seu quinō da uinea de *gõtina iohannis* & quanto habet ī o uilar siue de suo pater *quomodo* de sua mater & de cōparadea & quanto houē ī o castello de uisej. pro pretjo *quod* de uobis accepimus .xx^{ti}. mbrs & i°. modio de pã.

O grau de desvinculação do modelo latino não é homogéneo nos três, sendo bastante débil em A1 (o mais antigo), quando comparado com os restantes. Estes últimos registam uma notável multiplicidade de resultados romances, com especial destaque para A3, onde o contexto parece ter favorecido inclusivamente a ocorrência excepcional de formas pronominais e verbais de configuração galego-portuguesa: **cadia, houē, li**. Fora desses âmbitos precisos, a expressão latina é geral e não admite excepção no protocolo e escatocolo.

Evidentemente, estes três exemplos são apenas uma amostra dessa presença parcelar do vernáculo em documentos maioritariamente latinos, já abordada por outros autores. Entre esses textos não podemos deixar de referir, pela sua singularidade linguística, a *Notícia de Mendo Viegas*¹¹, localizável na segunda metade do séc. XII¹². O exemplar regista, além de formas romances de adscrição idiomática imprecisa, uma série considerável de elementos indubitavelmente castelhanos. Estes intensificam-se progressivamente de tal modo que as últimas cláusulas apresentam um discurso romance altamente homogéneo:

Mando a filj's meis quantū habeo enamaral et en baroso. extra .i°. casal que mado ad al (sic) archidiachono dō pedro ī uita sua et quãdo obierit a *sancto* xpforo extra lo casal de fabarel et quãta hereditate ei en penas mādola a filijs meis E quãta hereditate e en lamazales extra dos casales que *sunt* de particiō de dona maria mādola a filia mea semena extra (p)el pan et el uino que de *pro* anima mea et meos porcos et meos carnelos. faciāt ende misas et de (Et) el uaso de la prata el medio ala obra de uiseo et el medio ad *episcopo*. Et *pro* illo uaso et *pro* illas uacas que mādēt a *sancto* iohanni suas uacas et suas

¹¹ IAN/TT, *Most. de S. J. B. da Pendorada*, m. 13, n.º 28.

¹² Mendo Viegas poderia ser filho de Egas Mendes Espinha (1111-1142) e irmão de Sarracino Viegas (Mattoso 1982: 60). Aparece documentado em 1150 (IAN/TT, *Most. de S. J. B. da Pendorada*, m. 10, n.º 5), 1156 (*Id.*, m. 19, n.º 13, 14), 1162 (*Id.*, m. 10, n.º 21) e 1167 (*Id.*, m. 10, n.º 41; marido de Maria Gonçalves). Temos algumas dúvidas sobre a identificação do mesmo com o sobrinho de Aragunte Mendes a quem esta doa uma herdade em 1189 (*Id.*, m.12, n.º 8).

oueias quãtas que habet en gouuea mãdolas a dõna maria en sua particion a dõna maria sua mula enfrenada et enselada

Como se sabe, o aparecimento do modelo scripto-gráfico romance em Castela e Leão é muito precoce, relativamente aos usos observados na nossa área linguística. Não descartamos que esse documento possa sugerir a existência de um influxo do reino vizinho nas práticas escriturais observadas ao longo da nossa pesquisa. Fica, contudo, fora das pretensões deste trabalho aprofundar esse tema.

2.2. Grupo B

Este grupo integra aquelas cartas em que o romanceamento é extenso, não parcelário; quer dizer, impregna, de algum modo, a totalidade do texto. Isto é possível porque se trata de documentos de prova em que as partes mais formalizadas, por desnecessárias, ou não ocorrem ou ficaram limitadas a uma breve identificação inicial do acto diplomático. No entanto, a intensidade e extensão da oralização não atingem aquele limiar que nos permitiria classificá-los como documentos galego-portugueses. É precisamente essa avaliação do estatuto idiomático que distingue o grupo B do grupo C, mais à frente abordado (cf. infra).

Os três escritos em questão aparecem respectivamente auto-nominados como *Notitja*, *fintũ* e *mãda*, o que nos remete claramente para a documentação de natureza probatória. É interessante notar que o primeiro dos rótulos, além de designar um espécimen pelo conteúdo, parece sinalizar também o carácter menos formal do mesmo. De facto, a *Notícia de Vermudo Guterres (B1)* seria propriamente uma «manda» assim como a de Pedro Alvites (*B3*). Isto evidencia que se tinha consciência da possibilidade de as tipologias próximas dos testamentos poderem apresentar a configuração de documentos de prova. Por sua vez, o *Finto da Sé de Viseu (B2)*, como finto, constitui uma relação de objectos e é também um dos modelos que, pelo carácter e conteúdo, se revela mais propício à presença do vernáculo.

Dos três diplomas que integram esta classe só no último consta a data. O principal elemento que autoriza a inclusão da *Notícia de Vermudo Guterres* no séc. XII, provavelmente na primeira metade do mesmo, é a letra, um exemplar de visigótica de transição já notavelmente evoluída¹³. Se tivermos em conta que no núcleo do Cabido da

¹³ Não conseguimos localizar no mesmo fundo as personagens principais do documento. Devemos ter em conta que, por diversas circunstâncias, a (traíçoira) homo-

Sé de Viseu esse tipo gráfico se esgota em meados da década de 40 (Santos 1994, fig. 1), é decerto possível que fosse lavrada ca. 1125-1145¹⁴. Quanto à *Manda de Pedro Alvites*, foi de maneira recorrente, mas imprecisa, incluída no séc. XII, quer nos diversos instrumentos de classificação documental do IAN-TT, quer na edição que dela fez Ramos (1991: 159). Para além do tipo de letra, a localização de algumas das personagens referidas¹⁵ permite-nos propor com maior segurança a integração da mesma na segunda metade do séc. XII.

A *Notícia de Vermudo Guterres* exhibe sintaxe e léxico vernáculos, junto com o abandono maioritário da flexão nominal latina. No nível grafo-fonémico há algumas unidades contendo traços gráficos exclusivamente reinterpretáveis como galego-portugueses. Entre elas, podemos destacar: *a* (prep.), *hirmana*, *cabiada*, *casal*, *palombeiro*, *que*, *uenduda*. A frase inicial é a que conserva marcas mais nítidas de latinidade, mesmo no que diz respeito à ordem de constituintes: *Notitja feci ego uermudus goteriz de sua ereditate*. Essa mesma sequência OVS, com um SN objecto descontínuo, reaparece na *Notícia de fiadores*, tendo sido debatido o estatuto idiomático da mesma (cf. infra)¹⁶. Para nós, a questão central não é que tal estruturação possa ser, em termos abstractos, «tão latina quanto portuguesa»¹⁷ (Martins [no prelo]); o que nos parece pertinente para a classificar é que não ostenta sinais específicos galego-portugueses, portanto, sendo neutra, será em princípio latina (cf. infra). Aliás, como está provado com inúmeros exemplos,

nímia conta com uma muito alta frequência nessa altura. É por isto que neste caso e em situações similares ao longo deste trabalho restringimos as referências documentais àquelas cuja pertinência ofereça algumas margens de segurança.

¹⁴ Segundo essa mesma fonte, os últimos exemplares portugueses da visigótica de transição pertencem à década de 70.

¹⁵ D. Moço: 1140 (*LF* 520); Maria Dias: 1217 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 6, n.º 17); Martinho Dias: 1219 (*Id.*, m. 6, n.º 14); Martinho Peres Alvites: 1202 (*Id.*, m. 5, n.º 9 e 13); Mendo Dias: 1145 (*Id.*, m. 1, n.º 41), 1152 (*Id.*, m. 2, n.º 3), 1167 (*Id.*, m. 2, n.º 30), 1196 (*Id.*, m. 4, n.º 23), 1197 (*Id.*, m. 4, n.º 28); Pedro Alvites: 1174 (*Id.*, m. 3, n.º 1); Pedro Mouro: 1162 (ADB, *Prop. part.*, n.º 50), 1173 (*LF* 793), ca. 1171-1177 (IAN/TT, *Most. de S. M. da Tarouquela*, m. 5, n.º 34), 1176 (Ramos 1991, n.º 112), 1192 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 12, 13) e 1202 (IAN/TT, *Most. de S. S. da Junqueira*, m. 5, n.º 2, morto?); D. Rogel: 1182 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 29, presbítero).

¹⁶ Cf. Emiliano (2001) e Martins ([no prelo]).

¹⁷ O que é mais do que duvidoso, em termos de frequência, e ainda está por provar em exemplares de características similares e num âmbito cronológico coeso, cujo limite deveria ser, no máximo, o séc. XIII. Do mesmo modo, a disparidade das tipologias textuais e até os diferentes contextos sintácticos e discursivos dos exemplos que a estudiosa oferece dificilmente servem o propósito de demonstrar o galego-portuguesismo dessa estrutura.

ainda em textos nitidamente romances, o segmento inicial é aquele em que se conservam em maior medida marcas de latinidade (cf. *infra*)¹⁸. O próprio facto da reiteração dessa estrutura nos dois documentos aludidos acusa o carácter formulístico da mesma.

O *Finto dos tesouros de Viseu* é constituído por dois inventários, velho e novo, de objectos litúrgicos. A ocorrência de verbos flexionados é muito limitada e quando se produz é sob feição exclusivamente latina: *adquisiuit, dedit, est, fecit*. Pelo contrário, é o âmbito nominal, sobretudo na menção de objectos materiais, que concentra os resultados romances, a nível lexical, morfológico ou grafémico: **boo, boa, cãdeleiros, corporaes, fazergéés, facergéés, frontal, lio, obradeiras, oraes, plata, rotas, sauuaas, sauáás, uedros, uedras**, etc. Notemos finalmente a presença do particípio **andados** na cláusula cronológica, o que supõe uma escolha galego-portuguesa, alheia às fórmulas latinas.

É relativamente maior a variedade de elementos vernáculos na *Manda de Pedro Alvites*. Em primeiro lugar, apesar de a quase totalidade das formas verbais apresentarem formato latino, notemos que a P3 do Presente do Indicativo do verbo *morar* é sistematicamente **mora** (lat. *moratur*). Artigos e preposições, sós ou em combinação, além de alguns substantivos, também se registam com forma exclusiva galego-portuguesa: **a, aus** (prep. + art.), **casal, deuída, das** (prep. + art.) **dous, o**.

2.3. Grupo C

Chegamos agora ao assunto primordial deste trabalho, isto é, à análise de quatro escrituras cuja *scripta* patenteia, em diversas proporções, uma importante autonomia a respeito do modelo latino. Na maior parte dos casos, ou mesmo na totalidade, tais documentos poderão passar a formar parte do grupo de primeiros textos da nossa língua. Mantendo a metodologia, o primeiro aspecto a abordar seria o dos critérios que permitem qualificar um texto como galego-português ou latino. Como ponto de partida, estamos de acordo com a declaração de Emiliano (2001: 5):

[...] a questão dos mais antigos textos em português é de ordem scripto-linguística, e toda a discussão acerca dos mesmos deve em primeiro lugar centrar-se em factos de escrita e na sua organização enquanto sistema. Ou seja, a atribuição do rótulo de «português» ou «latino (i. e. latino-português)» a um texto medieval produzido em

¹⁸ Amiúde identificável com o protocolo. Veja-se Souto Cabo ([no prelo]).

Portugal até meados do séc. XIII dependerá, não das características da oralidade subjacente ao texto ou da consciência linguística subjacente ao texto, mas sim das características da escrituralidade que o texto evidencia.

Também nos parece adequado o desenvolvimento dessa formulação com uma série de condições de tipo grafo-lexémico, grafo-sintático, grafo-morfémico e grafo-fonémico. No entanto, o carácter excessivamente teórico da mesma, sem fundamentação suficiente na realidade dos textos, faz com que seja imprescindível matizá-la e acrescentar algumas reflexões para possibilitar a aplicação prática desses princípios, como se expõe a seguir:

1. Um texto galego-português não poderá ser definido de maneira negativa, isto é, por aquilo que não deve apresentar. Pensamos que é da maior importância exigir a ocorrência explícita de um conjunto suficiente, em número e variedade, de elementos romances, sem que a tipologia ou o tamanho do texto possam servir de escusa (cf. *infra*).
2. Tendo em conta que a escrita de base latina é preexistente e contígua, toda a unidade em aparência neutra, isto é, sem marcas romances, sejam estas endógenas ou, no caso, exógenas, derivadas do contexto, será, em princípio, qualificada como «latina».
3. Apesar de Emiliano (2001) declarar que «mais do que absolutos estas condições devem ser entendidas como tendências» (quando se refere aos critérios concretos – gráficos, sintáticos, morfológicos e fonémicos – que permitem classificar idiomáticamente um texto), cremos que se deve sublinhar essa concepção. A presença num escrito de elementos com estatuto exclusivamente latino não deve, à partida, comprometer o seu possível galego-portuguesismo. Existem numerosos textos plenamente romances com resultados ou segmentos latinos.
4. Concordamos com Martins ([no prelo]) quando diz que «as grafias latinas prestavam-se a ser reanalisadas de acordo com a fonologia portuguesa», porém, é discutível que essa constatação tenha como corolário a seguinte afirmação: «os traços grafo-fonémicos são em larga medida irrelevantes». Mesmo admitindo um alto grau de flexibilidade, pensamos que os traços grafo-fonémicos para além de serem relevantes, pois em muitos casos só com eles é que se visualiza o romanceamento,

chegam a ser basilares para demonstrar o carácter galaico-português de um documento. Por outro lado, podem e devem ser estabelecidos limites e categorias na análise dos mesmos.

5. Finalmente, da mesma maneira que a definição do grau de romanceamento de uma unidade, seja de que tipo for, deve ser uma avaliação relativa, também a atribuição da etiqueta de texto «galego-português» ou texto «latino(-romance)» fica dependente, em boa medida, de uma análise contrastiva com o conjunto de escrituras produzidas num período determinado. Para isto é imprescindível a existência prévia de um levantamento sistemático das presenças do galego-português na documentação. Uma pesquisa desse teor, que até agora não fora levada a cabo, é a base sobre a qual assenta o presente estudo.

Nesta conformidade, não duvidamos em qualificar como textos galego-portugueses (cf. *infra*) o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais* (C4) e a *Carta de foro da Benfeita* (C3). O *Escrito de Pai Soares* (C1) e a *Nómina de Pedro Viegas* (C2) manifestam um estatuto idiomático mais ambíguo, já que a representação latina tem, em termos percentuais, um peso significativo. Todavia, numa concepção mais flexível, poderão também ser definidos como diplomas galego-portugueses pela relevância qualitativa do elemento romance (cf. *infra*).

Não podemos deixar de fazer aqui uma alusão à *Notícia de Fiadores* do ano 1175 editada por Martins (2001) como o mais antigo texto romance da nossa área linguística. Este (micro)texto está composto por aquelas duas secções claramente diferenciadas que observamos nos documentos de prova (cf. *supra*). Em primeiro lugar a clássica definição do acto: *Noticia fecit pelagio romeu de fiadores*. A essa segue-se a relação dos fiadores e quantidades monetárias correspondentes que conclui com uma cláusula temporal: *Istos fiadores atan .V. annos que se partia de isto male que li avem*. Em rigor, portanto, só essa última frase é que apresenta uma configuração maioritariamente galego-portuguesa. O resto do escrito, em termos idiomáticos, ou é inexpressivo: a lista de nomes¹⁹ e montantes pecuniários, ou é claramente latinizante: a frase inicial.

¹⁹ O código onomástico pessoal apresenta um notável grau de autonomia a respeito do código linguístico, podendo-se dizer que se trata propriamente de um «código semiótico não linguístico» (Diéguez González 2000: 37). À partida, não é pertinente para determinar o estatuto idiomático de um texto.

O tamanho reduzido do mesmo ²⁰ (cf. supra) faz com que precisamente essa última sequência venha a ter um peso decisivo na concessão de um rótulo idiomático para o texto. Na discussão que se gerou, Emiliano (2001) nota que, entre outros elementos, essa frase é fundamentalmente latina, quer pela sintaxe (cf. supra), quer pela ocorrência da forma verbal *fecit*. Contudo, Martins ([no prelo]) defende a possibilidade de os considerar tão latinos quanto galego-portugueses. Pois bem, devemos lembrar que, nessa altura, o modelo scriptográfico mais claramente latino domina largamente as partes de maior formalismo, como reiteradamente se demonstra e explicita neste trabalho, estando amplamente constatado em estudos anteriores:

Dès le X^e siècle, beaucoup de scribes des chartes latines hésitent entre un registre plus ou moins latin pour les parties formelles des chartes (protocole initial et final) et un registre plus ou moins vernaculaire pour les parties centrales des chartes, plus particulièrement pour les noms de personnes et de lieux. Il s'agit là d'un glissement progressif vers la langue vulgaire qui finit par l'emporter sur le latin». Dans de nombreux cas, une application exacte de nos critères de choix [...] s'est avérée très difficile. En principe, nous avons exclu les documents qui ne contiennent que quelques noms propres ou de courtes descriptions de lieux. (Frank & Hartmann 1997: 38)

É fácil concluir que a predição sobre o galego-portuguesismo da sequência inicial, para além de injustificável, é também inverosímil ²¹. Finalmente, visto que o grau de romanceamento é um conceito relativo que só pode ser estabelecido a partir de uma avaliação contrastiva com textos do mesmo período, um elementar confronto com outros situados no séc. XII, como os aqui apresentados, é suficiente para evidenciar que a representatividade de *Notícia de fiadores*, como exemplo da emergência da escrita romance no nosso âmbito linguístico, é equiparável à das cartas examinadas no grupo A deste trabalho ²².

²⁰ A extensão do texto como causa de indefinição idiomática foi abordada por Frank & Hartmann (1997: 17-18): «Indiquons d'abord deux aspects communs à tous les documents d'attribution linguistique controversée: Il s'agit toujours de textes relativement courts et qui comptent parmi les plus anciens pris en considération par les philologues. Il est évident, en effet, que les possibilités d'ambiguïté linguistique diminuent au fur et à mesure que les langues romanes s'éloignent du latin. D'autre part, même pendant les phases les plus anciennes, une telle ambiguïté ne pouvait se prolonger au-delà de quelques phrases au maximum.»

²¹ Parafraseamos López García (2000: 177) que se refere à hipótese de R. Wright quando este supõe que «los textos más normativos se leían de manera protorromance».

²² Dissentimos radicalmente no concernente à possibilidade (Martins [no prelo]) de ligar a origem da escrita literária e da escrita notarial romances com base na proxi-

A nossa discordância sobre a avaliação do galego-portuguesismo desse documento em nada diminui o inestimável valor que reputamos para os trabalhos publicados por Ana Maria Martins, cujo carácter pioneiro faz com que este estudo possa ser considerado como uma continuação da via de pesquisa, até certo ponto, por ela (re)inaugurada.

Todos os diplomas que integram este grupo possuem as características das escrituras de prova. Isto evidencia-se documentalmente pela ausência geral do escatocolo, em que se incluem a data – que só consta na *Nómina de Pedro Viegas* – e os meios de validação ou autenticação, ausentes em todas elas. Porém, salvo em *PG*, nas restantes identificamos, mesmo se de modo sintético, alguns dos elementos formulísticos próprios do segmento inicial, o que normalmente se traduz num predomínio da expressão latina (cf. supra). Precisamente a falta dessa «apresentação» no *PG* poderia sugerir que o preservado é uma minuta ou nota preparatória da carta definitiva.

C1. Escrito de Paio Soares

Como dissemos, este diploma carece de datação, mas pode perfeitamente situar-se na segunda metade do séc. XII, em concordância com o que já apontara Ramos (1991: 159-160)²³ e como consta nos instrumentos de classificação do IAN/TT. Para além da letra, a localização das personagens citadas noutros originais desse período apoia esse postulado cronológico²⁴, sendo bastante significativos aqueles em

midade «familiar» de Paio Soares de Paiva (titular da *Notícia de Fiadores*) e João Soares de Paiva (autor do sirventês «Ora faz ost’o senhor de Navarra»). Por um lado, o conhecimento dos princípios e características da linguagem literária e da linguagem notarial rejeita qualquer tipo de aproximação. Por outro, devemos notar que a lírica galego-portuguesa transcende, em quaisquer das suas dimensões, o que a figura concreta deste último poeta pôde representar e que Paio Soares de Paiva não foi certamente o autor material daquele inventário de fiadores.

²³ «Inventário das quantias que pagou Paio Soares por terras que adquiriu (c. Fafe e c. Celorico de Basto) [sd. séc. XII]».

²⁴ Os irmãos Paio Soares e Elvira Soares aparecem em 1144, IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 1, n.º 38 (Maria Nunes e seus filhos: Nuno Soares, Paio Soares e Elvira Soares vendem a Guterre Guilhifonses uma herdade em S. Gens, Fafe). Paio Soares está amplamente documentado desde a década de 50 até aos primeiros anos do séc. XIII, em muitos casos pela aquisição de numerosas propriedades, o que se corresponde com o conteúdo do documento em foco. Cf. IAN/TT, *Most. de S. P. de Roriz*, m. 1, n.º 5; IAN/TT, *Most. de S. M. de Vilarinho*, m. 1, n.º 9; IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2, n.º 8, 10, 13, etc. Sobre este personagem veja-se o que será dito a respeito do *PG* (cf. n. 136). Paio Oriz ocorre com frequência desde 1155 até 1194 (1155, IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2,

que se consignam transacções económicas entre indivíduos mencionados no próprio *Escrito* ²⁵.

Talvez seja o exemplar que melhor reflecte a relação inversa que se estabelece entre a prática romanceadora e o discurso formulístico, e como este último costuma concentrar-se na sequência inicial (cf. supra). Assim, nesse segmento surgem soluções exclusivamente latinas no léxico (*hec*), na flexão nominal (*dominus, pelagius, scriptū, hereditatē, ipsū, quod*) e em formas concretas (*ad*), não usuais no resto do escrito, onde predominam resultados mais próximos da oralidade (*pelagio, hereditate, ipso, que, a*, etc.). Com essa ressalva, o documento, no conjunto, manifesta um notável romanceamento, até naquele âmbito menos permeável ao mesmo como é o da morfologia verbal (nomeadamente os verbos irregulares): *deu, dado, era, fer, tenia*. Esta aproximação da oralidade atinge um expoente máximo na última frase: *Et ipso casal do barrio que tenia gomez nuniz deu a pelagio suariz as quinze quintas por .v. morabitanos. & isto auer fuit dado de ianeiro in ianeiro.*

C2. *Nómina de Pedro Viegas*

A auto-nominada *nomina de petro uenegas* está constituída, segundo se declara, por uma «manda» e uma relação de dívidas: *de sua manda & de suas debitas* ²⁶. Trata-se de dois actos diplomáticos amplamente representados sob a modalidade dos documentos de prova. O escrito, para o qual foi aproveitada uma tira comprida e estreita de pergaminho (572 × 76-49 mm), manifesta claros indícios de ter sido utilizado como guia para o pagamento das dívidas, visto que algumas delas foram riscadas, de certeza à medida que eram satisfeitas. Apesar de a rudeza material e expressiva ²⁷ poderem sugerir que estávamos

n.º 9, 10; 1159, *Id.*, m. 2, n.º 20; 1175, *Id.*, m. 3, n.º 5; 1179, *Id.*, m. 3, n.º 21; 1185, *Id.*, m. 3, n.º 37, 1194 (Ramos 1991, n.º 160). Sabemos que já perecera em 1195 quando os filhos se reúnem para vender uma propriedade (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 19).

²⁵ 1155, IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2, n.º 13, Gomes Nunes vende a Paio Oriz uma herdade em Campo; 1155, *Id.*, m. 2, n.º 8, Paio Soares compra a Maior Moniz uma herdade em Lordelo; 1155, *Id.*, m. 2, n.º 9 e 10, Gomes Nunes vende a Paio Oriz terras em Fafe; 1172, *Id.*, m. 2, n.º 34, Pedro Moniz vende a Paio Oriz herdades em Campo e Ruivães.

²⁶ Entre as diversas personagens citadas, notemos a presença de Ramiro Viegas de Ortigosa (marido de Ouroana Nunes Vida) bisavô de Rui Garcia de Paiva (conselheiro régio de 1263 a 1274).

²⁷ Motivo pelo qual uma mão anónima e de época posterior anotou no verso: «Não tem pes nem cabeça».

perante uma nota preparatória, o que foi dito afasta esta última possibilidade.

É a única carta deste grupo em que consta a data, concretamente a da era de 1222, o que nos leva ao ano de 1184²⁸. Isto tem alguma relevância, já que, independentemente do rótulo idiomático que lhe for atribuído, é inegável o facto de estarmos perante um dos textos do séc. XII com maior presença de elementos galego-portugueses.

O código latino e o galego-português convivem, mas sem que se possam delimitar claramente, fazendo apelo às diferentes partes do discurso diplomático. O primeiro, em sentido mais ou menos estrito, aparece como fossilizado, designadamente, em diversas expressões: *Hec est nomina, in uita sua, post obitū suū benedictū adeo, E quiquid remādauerit sid maledictus Escomunicatus e cū iudas traditore ī inferno danatus, quando fuerint fratribus meis occidere, ad obitū suū*, etc. Podemos dizer que o resto é um texto galego-português com formas que podem oferecer, em diversos graus, uma aparência gráfica alatinada, como se evidencia no excerto seguinte: ***Jsta hereditate dortigosa laxo a mia mater que soluat mias debitas. istas debitas soltas fique a hereditate a mia mater.***

É pela interacção que se produz entre os múltiplos resultados exclusivamente vernáculos que o escrito se constitui num discurso claramente romance. Além de não se verificar, como dissemos, uma limitação estrutural, a presença desses elementos abrange os vários âmbitos morfológicos: art.: **os** (cf. infra); subs.: **capa, casal, cōlaco, conlacos, dinarios, iermanos, ospital, pã, pam, soldos**; pron. pes.: **li, migu**; pron. pos.: **mia, mias**; pron. rel.: **que**; num.: **dous**; verb.: **de, fique**²⁹, **iactados, ipeniorare, morar, parti**; prep. (+ art.): **a, cō, de, da, dos, jno**; conj.: **e, que**. Note-se também a perífrase romance com vestimenta latina: **habet dare**. O referido anteriormente, somado à quase inexistência da flexão nominal latina, permite postular em muitos outros casos estatuto romance para formas graficamente ambíguas: *casale, filio, filios, filias, hocto, illa, inferno, manda, mater, meo, meos, una, uno*, etc.

²⁸ Não é logicamente preciso utilizar outros elementos para estabelecer a cronologia do escrito. Apontemos, contudo, a ocorrência de algumas personagens noutros documentos: Pedro Viegas, 1189 (IAN/TT, *Most. de S. P. de Roriz*, m. 1, n.º 9), 1195 (IAN/TT, *Most. de S. J. B. da Pendorada*, m. 12, n.º 32) e 1196 (*Id.*, m. 12, n.º 34); Pedro Alvites, 1198 (*Id.*, m. 12, n.º 38); João Moniz, 1195 (*Id.*, m. 12, n.º 28). A letra apresenta uma similitude realmente notável com a de um documento de 1176 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 8).

²⁹ Esta seria a mais antiga abonação do verbo «ficar», cf. Machado (1993, s. v.).

Ressalvando alguns dos termos citados (cf. supra), é sobretudo a morfologia verbal que se mostra mais inacessível às formas vernáculas, predominando maioritariamente o latim: *debet, facit, fecit, fuerint, habea, iactēt, laxo, occidere, remãdauerit, seruiat, soluat, uoluerint*, etc. Curiosamente é nesse âmbito que se registam alguns resultados de configuração estranha. Por um lado temos *sid*, que supomos forma latina errada pelo normal «sit». Maior dificuldade encerra a interpretação de *héént* e *hééron*, a começar pelo seu próprio estatuto, visto não ser claro se são formas plenas, o que não parece provável, ou abreviaturas de *hessent* e *hesseron*, respectivamente.

C3. Carta de foro da Benfeita

Em princípio, a maior parte das cartas de foro conservadas poderão ser identificadas como diplomas dispositivos. Contudo, a outorgada por Susana Fernandes aos povoadores da Benfeita aparece desprovida de quaisquer das partes do escatocolo. Apesar de não contarmos com dados a esse respeito, poderíamos pensar que o acto subjacente não requeria de modo imprescindível a plasmação num escrito de características formais. Isto é, estaríamos portanto perante as condições que dão origem aos documentos de prova, situação que, como vemos, ocasionalmente veio acompanhada de um registo mais próximo da oralidade. Esta constatação é de facto importante já que pode explicar o uso cronologicamente excepcional do galego-português em dois exemplares desse género com data de 1255 reproduzidos na *Chancelaria de D. Afonso III* (cf. supra).

Nesse período, esta tipologia costuma encerrar um interesse linguístico relevante, sobretudo pela presença de numerosos elementos galego-portugueses na descrição dos tributos e delimitação de espaços (cf. supra). A *Carta de foro da Benfeita* supõe um salto qualitativo, em virtude de o código romance não aparecer limitado diplomática nem linguisticamente. Isto evidencia-se ao comprovarmos que as formas verbais interpretáveis como galego-portuguesas são largamente maioritárias, atingindo 75% do total, com 15 exemplos: **de** (3), **destes, fazer** (2), **laborar, mãdei, parti** (3), **quiser, toler, uai, uaj**. Face às anteriores, apenas três são exclusivamente latinas: *fecistis*³⁰,

³⁰ A frequente utilização na altura de <i> para /e/ e de <c> para /dz/ tornaria possível incluir esta forma no grupo que se segue.

haberet, sunt; podendo ser contempladas as duas restantes como idiomáticamente neutras: *est*³¹, *mãdo*.

Em termos de estrutura textual, só a invocação é latina: *In dei nomine*. A expressão galego-portuguesa quase não admite excepção quando são definidos topograficamente os limites da vila da Benfeita³². O resto do documento regista convivência dos dois modelos com claro predomínio do romance. É bastante significativo que essa circunstância se mantenha na definição do acto diplomático: *Hec est carta qui ego mãdei fazer Xusana Fernãdiz a uobis meis homines de bẽfeita de foro qui mihi destes senper*. Note-se, mais uma vez, que esse segmento é de norma, pelo seu carácter formulístico, um dos menos susceptíveis ao vernáculo.

Ao que parece, o tipo de letra foi o motivo que levou a situar este diploma entre os não datados do séc. XII, segundo se faz constar na caderneta (313-A-4) correspondente do IAN/TT. A escrita, bastante rude e singular, e as soluções gráficas apresentam correspondência noutros da segunda metade do séc. XII e inícios do séc. XIII³³. Essa inserção do texto na segunda metade do séc. XII vê-se apoiada pela documentação da outorgante nesse mesmo período. Com efeito, Susana Fernandes e o marido, Egas Soares, compram a Paio Pires

³¹ O resultado *est* (~*este*) está amplamente atestado ao longo dos sécs. XII e XIII e durante a primeira metade do séc. XIV em escrituras romances da Galiza e de Portugal. Para além da documentação notarial, ocorre, por exemplo, na poesia trovadoresca, *Cantigas de Santa Maria*, *Foro Real*, *Crónica Geral Galega*, etc. Cf. Maia (1986: 814-817).

³² Mathias (1940, XXXV) identifica os topónimos citados no texto com os actuais. Apenas *seixu de bilido* e *aquã de sakalina* (cf. infra) levantam alguns problemas. A explicação oferecida por este autor para eles é a seguinte: «Assim, a cavaleiro da ribeira de Demieiro, fronteiro à Ramalhosa, encontra-se um sítio denominado *Seixo*, onde houve, segundo João Maria Baptista, um casal ou logarejo. Por cima da Dreia existe uma propriedade, com oliveiras e pinheiros mansos, a que o povo chama *Debolido*. Ora a reunião destas palavras dá *Seixo Debolido*. Também na margem direita do ribeiro da Dreia há umas propriedades denominadas *Scalina* ou *Escalina*. Sabendo-se que a palavra “água” foi e é ainda usada para significar “curso de água”, lógico é, aproximando as duas expressões, concluir que *água da Sarralina* e ribeiro da Dreia são nomes diferentes dum mesmo curso de água, e que a palavra antiga perdura, corrompida, na designação daquelas propriedades marginais. Sendo assim, a *Scalina* de hoje deve ser a corruptela da antiga *Sarralina*.» Note-se que Mathias utiliza a versão do documento copiada num cartulário do Cabido da Sé de Coimbra (cf. infra). Subsistem algumas dificuldades para saber se a forma do texto é *sakalina* ou *saRalina*. Para além de outros factores, a continuidade do topónimo citado aconselha a adopção da primeira.

³³ Entres estas, destaca-se pela grande proximidade uma de 1171 (IAN/TT, *Cab. da Sé de Viseu*, m. 4, n.º 10).

uma herdade «in territorio cogia» segundo consta em diploma de 1187³⁴. A filiação ao mesmo núcleo arquivístico, a proximidade geográfica entre a Benfeita e Coja além da relativa singularidade do antropónimo permitem com razoável segurança postular que estamos perante a proprietária dessa vila³⁵. Por outro lado, a realidade da carta que comentamos condiz com o apontado por Mattoso (1982: 94): «Como se sabe, houve durante o séc. XII várias concessões de forais por parte de particulares, quer fossem eclesiásticos, quer leigos ou das ordens militares.»

C4. *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*

Chegamos finalmente àquele que nos parece ser o documento galego-português mais significativo deste período. A primeira singularidade prende-se desde logo ao seu carácter de «pacto». Como tal, parece tratar-se de um diploma muito pouco vulgar. É provável que tenham existido muitos acordos contratuais do mesmo tipo, mas o seu enquadramento natural seria o da oralidade, sem atingirem a fronteira da escrita. Entendemos assim que não deve ter vigorado em Portugal um modelo jurídico-literário para esta variante textual, sob a forma de exemplares anteriores ou formulários. A ausência desses modelos é um factor que naturalmente favorece de modo directo e positivo a presença do vernáculo.

Por outro lado, podemos-nos perguntar se foi uma escritura definitiva ou apenas uma minuta. Esta última possibilidade aparece contemplada no instrumento de descrição documental correspondente do IAN/TT: «Carta de empraçamento duma herdade, cujas confrontações indica. Senhorio: Gomes Pais. Enfiteuta: Ramiro Pais, seu irmão. É uma

³⁴ IAN/TT, *Cab. da Sé de Coimbra*, m. 7, n.º 4.

³⁵ Outro dado documental poderia ainda reforçar a datação proposta com o estabelecimento do limite cronológico superior. Referimo-nos a dois diplomas, um de 1196 (IAN/TT, *Cab. da Sé de Coimbra*, m. 8, n.º 4) em que Pedro Salvadores, presbítero e capelão da Sé de Coimbra, compra «medietate» da Benfeita a Paio Airas e Loba Soares, e outra de 1200 (Mathias 1960: 6) em que o presbítero faz doação dessa propriedade ao Cabido da Sé de Coimbra. Isto permitiria considerar que a *Carta de foro da Benfeita* foi anterior à primeira das datas. Além disso, se pensarmos que em 1196 metade da vila já não pertencia a Susana Fernandes, temos de supor a existência de um período intermédio entre a elaboração da carta de foro e esta última transacção. Mantemos, contudo, algumas reservas sobre esta última hipótese, pois não é possível assegurar que se trate da mesma entidade territorial.

minuta e está incompleta. Opistógrafo.»³⁶ Para além dos elementos de índole material (cf. infra), a falta de algum indício de protocolo e, sobretudo, a omissão da data num acordo a prazo permitiriam, sem a confirmarem, dar algum apoio a essa conjectura³⁷.

Face aos documentos anteriores, transparentes do ponto de vista do significado, deparamos agora com algumas dificuldades, sobretudo no que é, digamos, a parte central do mesmo. Eis aquilo que do seu conteúdo nos é possível apurar. Gomes Pais estabelece um pacto³⁸ com o irmão Ramiro Pais pelo qual o primeiro se compromete a que o seu mordomo não exerça pressão sobre as terras e os homens do irmão³⁹, num espaço geográfico que se delimita. Ramiro fica obrigado a prestar-lhe ajuda seja contra quem for, salvo o rei e seus filhos, chegando a citar de forma personalizada algumas forças opostas. Ao mesmo tempo, o PG parece estar associado à definição de direitos senhoriais e dominiais, referidos a propriedades de Ramiro Pais. A seguir, é mais problemática uma possível alusão às funções de cada um no pacto, sendo imposta uma multa de 500 soldos pela inobservância. Finalmente uma cláusula temporal estabelece o início do acordo no mês de Maio seguinte e a duração do mesmo durante dois anos: *jsto pleito est taliado de isto maio que uenit ad .ijs. anos.*

Estamos perante o documento com scripta mais nitidamente romance dos até agora analisados. Assim, só 22 elementos (10%) do mesmo apresentam uma conformação que, aplicando critérios muito rigorosos, não seria susceptível de ser interpretada como galego-portuguesa: *ad* (2), *abere*, *abet*, *adiuderis*⁴⁰, *ego*⁴¹, *exierit*, *habet*, *hodie*, *ibi*,

³⁶ IAN/TT, caderneta n.º 302/1.

³⁷ Pelo contrário, outros elementos apontam para uma certa solenidade do escrito (cf. infra).

³⁸ São utilizadas as formas *plazo* e *pleito*; sobre os sentidos deste termo veja-se Ventura (1992: 237, n. 4).

³⁹ O *maiordomo* é um mandatário do rico-homem para receber as rendas (Ventura 1992: 50).

⁴⁰ Esta forma estranha é provavelmente um híbrido resultante do cruzamento entre o latim e o galego-português.

⁴¹ Esporadicamente encontramos este pronome ainda no séc. XIII em textos e contextos romances, o que poderia sugerir a sobrevivência ocasional dessa variante conservadora durante o período. Cf. IAN/TT, *Most. de S. P. de Arouca*, gav. 4, m. 2, n.º 6 (1235-1245); IAN/TT, *Most. de S. M. Lorvão*, m. 10, n.º 12 (1259); IAN/TT, *Most. de S. P. de Cete*, m. 2, n.º 5 (1268); IAN/TT, *Most. de S. Clara do Porto*, m. 60, n.º 2 (1272); IAN/TT, *Ordem de Avis*, m. 2, n.º 137 (1273); *Id.*, m. 2, n.º 160 (1274).

intret, isto (3), *quomodo, suo, suos, tibi, ut, uenit, uobis, uoluerit*. Evidentemente, alguns deles são latinos apenas na aparência gráfica, já que pela função e/ou pelos morfemas flexivos só podem ser avaliados como romances. Pelo contrário, um total de 134 são exclusivamente interpretáveis como galego-portugueses, isto é, aproximadamente 60% do total. As formas restantes (66 = 30%) apresentam-se como não marcadas (v. g. **contra, de, facio, filios, foro, maio, me, non, nos, torto, uos**, etc.), isto, mais uma vez, só se as considerarmos isoladamente, já que, quando integradas no seu contexto, a maior parte delas perde essa ambiguidade idiomática a favor de um estatuto indubitavelmente vernáculo.

Esse mesmo nível de romanceamento pode ser conferido ao analisarmos em pormenor as formas verbais do texto, âmbito que, como sabemos, se tornava especialmente refractário à oralização. Segundo se comprova na apresentação que se segue, as formas galego-portuguesas (grupo «a») atingem 70% com 21 ocorrências, as latinas (grupo «b») 26% com 8 e as neutras (grupo «c») 6,5% com 2.

- a) *auer, aiudarmonos, caber, coregelo, dar* (2), *dou, entrar, erar, fezer, for* (3), *ganar, morar, peitar, quiser, seiades, taliado, tenia, uenia*.
- b) *abere, abet/habet, adiuderis, exierit, intret, uenit, uoluerit*.
- c) *facio, est* ⁴².

Do ponto de vista morfémico, somente em alguns verbos (cf. supra) e nos pronomes pessoais *tibi* e *uobis* (resultado da expansão de abreviaturas ⁴³) é que se registam morfemas latinos ausentes no sistema galego-português. Já a flexão de substantivos e adjectivos responde sem excepção ao modelo romance. A situação é similar no que diz respeito à ordem das palavras, pois em nenhum caso se detectam estruturas alheias à sintaxe da nossa língua naquele período.

O texto: «Tem o documento 26 e no verso deste há outro documento sem data, mas do séc. XII-XIII, em português, parecido com o

⁴² Sobre esta forma, veja-se o que foi dito na n. 31.

⁴³ Este facto é importante porque, como está amplamente demonstrado, o sistema abreviativo apresenta um notável conservadorismo linguístico, mantendo muitos elementos de tradição exclusivamente latina.

da “Notícia de Torto.”» aparece notado na capilha que protege o pergaminho (certamente por um arquivista da própria Torre do Tombo) e é a única indicação de ordem cronológica que consta no IAN/TT. Para além da sugestiva aproximação à *Notícia de Torto* (cf. infra), esse comentário sobre o *Pacto* pôde ter certamente como base as características gráficas do mesmo. O autor da nota achou exequível estabelecer, de acordo com elas, como quadro cronológico a segunda metade do séc. XII e as primeiras décadas do séc. XIII. Outros elementos ajudar-nos-ão a apurar com maior precisão a situação do documento. Por um lado, através da análise daqueles aspectos materiais que permitem estabelecer uma prioridade temporal a respeito do diploma que ocupa a outra face do pergaminho; por outro, pela interpretação de alguns dados do seu conteúdo que podem remeter para um determinado contexto histórico.

Face do suporte

O suporte pergamináceo aparece utilizado nas duas faces⁴⁴. O *PG* ocupa uma delas, enquanto que a outra foi aproveitada para plasmar a compra-venda de uma herdade em Cabreiros (cit. *CV*), efectuada entre Elvira Mides e Alvito Moniz, no dia 15 de Abril de 1175. Apesar de inicialmente não termos reparado, logo notámos que o *PG* ocupava a face mais habitual em termos codicológicos: o lado da carne, isto é, a hipoderme. O confronto superficial entre ambos os textos evidencia a motivação dessa escolha, a textura da tinta é muito mais homogénea no *PG* do que na *CV*, pois a epiderme, além de conter restos da raiz, constitui uma superfície menos permeável. A constatação citada levou-nos a consultar a obra mais completa sobre o assunto, a dissertação de doutoramento na área de Paleografia e Diplomática de António J. R. Guerra (1996). Este autor, a partir da análise de originais dos séculos XI e XII, conclui que: «Pelos observações efectuadas podemos, desde já, afirmar que era prática corrente escrever-se sobre o lado da pele, correspondente à hipoderme, o lado da carne.» (Guerra 1996: 121-122). De facto, a utilização do lado da carne atinge 96,63%. A atitude divergente, representada em 3,37%, responde em muitos casos a uma série de motivações lógicas. António Guerra (1996: 126) identifica concretamente a causa que levou a utilizar a epiderme para a *CV*: «Outros há que podem ser explicados

⁴⁴ Trata-se de um pergaminho de 135-141 × 222-231 mm.

como a única opção possível, uma vez que já tinham sido escritos na face oposta. Estão incluídos neste grupo, dois diplomas de S. Salvador de Moreira [...]; um diploma da Mitra de Braga, m. 1, n.º 26.»⁴⁵ O próprio António Guerra tinha assim estabelecido indirectamente a prioridade do *PG*, que não cita como tal, a respeito da *CV*.

Permanece contudo a pergunta: por que foi reutilizado o pergaminho para plasmar a *CV*? Os documentos possuem, como se demonstra pela prática quase sistemática, uma grande independência material. Neste caso, a explicação está no carácter caduco do *PG*. Segundo consta na cláusula temporal com que finaliza, a duração do acordo foi estabelecida em dois anos. Pode-se admitir que, quando se redige a *CV*, o pacto já não estava em vigor, mas a grande qualidade do suporte permitia a reutilização. Notemos que a escassa grossura da pele tornava inviável a raspagem do escrito prévio, pois esse acto poderia prejudicar seriamente a capacidade operacional do pergaminho⁴⁶.

Portanto, à partida, somos levados a crer que a confecção do *PG* foi, no mínimo, anterior a 15 de Abril de 1175. Mas, por outro lado, se aceitarmos, como parece, que a *CV* só foi lavrada depois de a validade do acordo ter decaído, podemos estabelecer neste momento como limite superior o mês de Abril de 1173⁴⁷.

Regramento

Para além da relação entre o uso de cada uma das faces, outros dados apontam convergentemente para a prioridade do documento

⁴⁵ Esta última escritura é *CV*.

⁴⁶ Outro aspecto cuja importância é difícil de avaliar tem a ver com a existência do que parece ser uma contracção das fibras de colagénio (vestígio de axilas) numa área situada na base de um dos lados maiores, correspondente ao quarto inferior da face que ocupa a *CV* ou, o que é o mesmo, a margem esquerda do *PG*. Este facto pode ser, em parte, responsável pela diferença de 9mm no comprimento dos dois lados maiores, sendo menor o afectado. A escrita do *PG* foi certamente posterior a essa circunstância, pois o traçado da letra não aparece interferido pelas micro-rugas que se originaram. No caso da *CV* não é tão fácil chegar a uma conclusão, já que precisamente a área afectada fica no pé do diploma, em boa medida, livre de escrita (o que poderia sugerir que essa zona foi evitada). No entanto, no início da l. 15 do mesmo, várias letras do segmento «& in super» sofreram o efeito de ter como suporte uma superfície já irregular. O espaço correspondente na face ocupada pelo *PG* fica livre de texto, pelo qual não é possível o confronto concreto.

⁴⁷ Não podemos descartar que alguma circunstância pudesse ter precipitado o fim do acordo.

incluído na hipoderme. O primeiro tem a ver com o regramento programado para receber o texto. Uma observação atenta permite observar que a mancha gráfica correspondente ao *PG* aparece distribuída sobre um suporte regrado. Isto quer dizer que houve uma marcação prévia das linhas, facto que tem várias implicações. A escritura foi tratada com uma certa solenidade, o que seria contraditório se tivesse carácter secundário. Aliás, não parece lógico que a delineação fosse posterior à existência da *CV*; isto suporia certamente a possibilidade de danificar esse texto, pois as linhas podiam ficar marcadas no outro lado (de facto alguns pergaminhos eram delineados na epiderme e escritos na hipoderme). Mas a planificação não se limita ao texto do *PG*, na metade inferior da mesma face encontramos regramento, mas num sentido inverso ao do *PG*. A única interpretação consequente é que durante algum tempo também se pensou utilizar a outra metade. Esta face do suporte fora, portanto, acondicionada para ser segmentada em dois fragmentos⁴⁸, o que, afinal, não veio a acontecer. Este último argumento é apoiado pela compressão da letra, o que indicia um intuito de evitar que se ultrapassasse o espaço que lhe fora atribuído⁴⁹.

Piques

A pele apresenta-se perfurada por três piques que ajudaram a segurar esse material ao suporte⁵⁰. Os pergaminhos eram fixados com pequenas tachas metálicas (pinos) para os esticar e evitar que escorregassem⁵¹. A situação e a direcção dos orifícios, com arestas no lado da hipoderme, asseguram, sem lugar para dúvidas, que pertencem à *CV*. Sabemos que os piques foram em muitos casos aparados para evitar que derivassem em focos de rotura, isto explicaria a ausência dos correspondentes ao *PG*. A situação do manuscrito induz a pensar que o último acto foi a escrita da *CV*. Os piques já não puderam ser removidos por terem ficado muito próximos da mancha gráfica desta última.

⁴⁸ De facto, o regramento não ocupa o espaço central.

⁴⁹ O texto, contudo, acabou por invadir ligeiramente a outra metade do suporte.

⁵⁰ Sobre este aspecto, veja-se Guerra (1996: 198-200).

⁵¹ Lembremos que o suporte pergamináceo era colocado em plano inclinado sobre uma prancheta.

Dobragem

Quanto aos dados que nos pode oferecer a dobragem, em primeiro lugar temos de observar que as marcas (dobras e vincos) sobre o pergaminho são posteriores a qualquer um dos escritos. Por outro lado, a dobragem identificada por Guerra (1996: 409) (tipo «2.3») aparece referida ao texto da *CV*, ou seja, foi este documento que se pretendeu proteger. Na sequência do anterior, a face da hipoderme ficou mais facilmente exposta à luz e ao manuseamento, o que acabou por lhe alterar a textura e por lhe conferir uma tonalidade ligeiramente mais escura ⁵².

Letra

Apesar de não fazer referência explícita, António Guerra terá tomado certamente na devida conta as características gráficas dos dois documentos para estabelecer a posterioridade da *CV* relativamente ao *PG*. De acordo com a generosa análise efectuada por Maria José Azevedo Santos para este trabalho (comunicação pessoal), a letra desse último é uma «carolino-gótica arcaica». Esta estudiosa qualifica como «gótica bem traçada» a correspondente à *CV*. A origem da carolino-gótica em Portugal situa-se no ano 1111 e foi a modalidade gráfica predominante entre as décadas de 40 e 60 do séc. XII. Quanto à letra gótica, o primeiro original data de 1123, tendo passado a constituir o tipo mais usado só a partir da década de 70 ⁵³. Embora haja sempre lugar à coexistência de grafias, o dado é consentâneo, mais uma vez, com a prioridade cronológica do *PG* sobre a *CV*. De facto, o já apontado carácter arcaico da modalidade gráfica utilizada no *PG* permitiria, por si só, postular uma antiguidade considerável a respeito da *CV* ⁵⁴.

⁵² Aliás, a existência de pequenas manchas de tinta atribuíveis à impressão deixada por algumas letras da *CV* leva a crer que se procedeu à dobragem pouco depois de ter sido escrito esse documento e quando a tinta ainda não era totalmente sólida (sobretudo no caso de alguns traços/tilas). O caso mais claro parece estar no fim da linha terceira do *PG* onde uma pequena mancha de tinta pode ser o espelho do til de *salutē* da *CV*. De facto, este elemento gráfico apresenta no seu traçado um pequeno segmento em que falta tinta.

⁵³ No concernente a usos e percentagens dos diferentes tipos de letra seguimos Santos (1994: 178, 188 e fig. 2, *Global*).

⁵⁴ Com efeito, a letra e diversas soluções gráficas aproximam o *PG* de documentos situados, aproximadamente, entre 1115 e 1145. A título de exemplo, podemos citar um diploma de 1134, do mesmo núcleo bracarense (IAN/TT, *Mitra de Braga*, m. 1, n.º 13), em

Conteúdo

Chegamos agora à interpretação daqueles aspectos do conteúdo do *PG* que possam estar dotados de algum sentido para o situar cronologicamente. A nossa análise estender-se-á dos dados de significado genérico àqueles que podem permitir uma maior precisão. O *PG*, pela sua própria índole, oferece informações de ordem sócio-política que remetem para coordenadas geográficas e temporais bastante concretas. Parece, portanto, factível algum tipo de aproximação entre a situação que transparece no texto e a característica do extremo noroeste de Portugal ⁵⁵ durante a maior parte do séc. XII, tal como foi definida por José Mattoso (1982: 73):

A Norte, para além do Cávado, a situação é muito diferente: os nobres que aqui vivem possuem as suas honras patrimoniais transmitidas pelos antepassados, não estão inseridos em nenhuma organização autónoma, e exercem os poderes estatais por sua conta e risco, sem qualquer intervenção do rei. Este tem de se limitar a administrar os seus domínios hereditários ou aqueles que, por pertencerem a proprietários não nobres, por serem bens alodiais, não chegaram a ser reclamados por nenhum senhor até à época das Inquirições do século XIII.

De facto, como se deduz da leitura do texto, observamos a existência de um espaço em que exercício e confronto do poder senhorial não se subordinam à autoridade régia. A isenção explícita que se outorga a esta última, no hipotético auxílio entre os irmãos: *que adiuderis me contra toto homine fora el rei & suos filios*, se bem que lhe reconheça uma carga simbólica, acaba por situá-la ao mesmo nível das

que se consigna a compra-venda de uma herdade em Esporões (Braga) redigida por Soeiro. A similitude genérica a nível gráfico torna-se ainda mais expressiva pela coincidência em três aspectos concretos: a letra *z* (de tradição visigótica); a existência de *a* sobrescrito como abreviatura sem alteração da forma e a utilização de *ñ* com o valor de «non».

⁵⁵ Essa suposição conta com o apoio fundamental da procedência arquivística do pergaminho. Salvo casos excepcionais, existe uma conexão directa entre o(s) titular(es) de um documento e a instituição que o custodiou, sendo a relação mais frequente a da simples proximidade geográfica. Temos de pensar que o *PG* foi confiado aos responsáveis do arquivo da Sé de Braga por pessoas que, de algum modo, estavam ligadas ao espaço mais directamente vinculado a essa instituição, o que aponta para os actuais distritos de Braga e Viana do Castelo. Foi certamente nesse arquivo que se procedeu à reutilização, com a permissão dos primeiros proprietários.

restantes forças na partilha do poder⁵⁶. Do mesmo modo, de acordo com a informação que o documento oferece, a configuração interna do poder senhorial responde claramente às pautas do período (Mattoso 1982: 86-94).

Essa menção concreta a *el rei & suos filios* poderia conduzir-nos a delimitar com maior precisão a datação. Em primeiro lugar, possibilita, mesmo que de modo pouco preciso, estabelecer um limite cronológico inferior: Afonso Henriques (1110-1185) teve onze filhos⁵⁷. Por descendentes legítimos, do casamento com a rainha Mafalda, são tidos: Henrique (1147-1155), Urraca (1148 – ca. 1212), Teresa (1151-1218), Mafalda (1153-ca. 1164), Sancho (1154-1211), João (1156-1163) e Sancha (1157 – ca. 1167) (Castro 1997: 297). Entre os ilegítimos citam-se: Fernando Afonso (1140-1202), Afonso, Teresa Afonso e Urraca Afonso⁵⁸. A primeira ocorrência oficial dos filhos data de 1155; contudo, a possibilidade de eles exercerem algum tipo de actividade bélica⁵⁹, postulada de modo hipotético no texto, leva-nos a datas posteriores. Se o que se enuncia não é simples recurso retórico, como não parece, somente a partir de ca. 1167-1170 é que essa referência poderia ter feito algum sentido. Com efeito, se Fernando Afonso já ultrapassara a maioridade⁶⁰, D. Sancho encetou em 1167 a carreira militar com apenas 13 anos de idade, vindo a ser armado cavaleiro em 1170. É aquele o período mais recuado em que podemos supor a existência de dois filhos varões com forças militares.

A alusão acima citada poderá ainda descortinar um cenário histórico mais concreto. Com efeito, em situação normal, parece suficiente

⁵⁶ Lembremos igualmente a rivalidade que ocasionalmente caracterizava as relações entre Afonso Henriques e as grandes famílias do norte (Mattoso 1982: 50).

⁵⁷ Sobre os filhos de Afonso Henriques e os problemas sucessórios seguimos Castro (1997) e Amaral (2002).

⁵⁸ Segundo Castro (1997: 307-309), é possível que Sancho fosse gerado fora do casamento, tendo sido adoptado pelo rei e a rainha e tornado legítimo. Pelo contrário, «a ilegitimidade de Fernando Afonso resultou de casamento anulado mas feito de boa fé e é confirmada pelo tratamento que lhe deu o pai até 1172, e, implicitamente, pela ascensão do príncipe ao grão-mestrado da Ordem dos Hospitalários, equivalente a bispado e privativo de religiosos de nascimento legítimo.» (Castro 1997: 317)

⁵⁹ Tendo em conta que a validade do pacto se estabeleceu em dois anos, a cláusula temporal não pode ter carácter projectivo, mas é certamente referida ao presente.

⁶⁰ Este aparece pela primeira vez entre os confirmantes dos actos do rei em 1158, passando a figurar em 1166 como filho do soberano, em igualdade com os irmãos Sancho e Teresa. Em Setembro de 1169 é nomeado alferes-mor.

uma referência singular ao rei, já que ele constitui o representante máximo do conjunto da sua família. Seria muito importante tentar apurar se alguma circunstância pôde ter motivado a dupla exclusão do rei e da sua prole entre os objectivos de defesa mútua. Consideramos plausível associar esse facto à situação que se vive em Portugal após o desastre de Badajoz, na sequência do qual Afonso Henriques ficou parcialmente inabilitado para dirigir o reino. De 1169, ano em que se produz esse acontecimento, a 1173, quando os filhos legítimos assumem a governação, o reino vive um período de indefinição no que se refere à sucessão. Com efeito, entre 1169 e 1172, Fernando Afonso, como alferes-mor e principal magnate do reino, atinge o topo da sua afirmação vindo a concorrer com Sancho e Teresa ⁶¹. A situação muda em Setembro de 1172 quando Fernando Afonso deixa de ser «signifer» do rei para o ser de D. Sancho, cargo de que é demitido definitivamente em meados de 1173 ⁶². Isto quer dizer que na luta política pela sucessão, este último foi preterido em favor dos descendentes legítimos, vindo a retirar-se temporariamente para a corte do rei galaico-leonês Fernando II ⁶³. É provável que após uma hesitação momentânea, D. Sancho tenha passado a ser o herdeiro único e oficial ⁶⁴.

Julgamos que só entre 1169 e 1173 é que se verificaram condições para explicar essa alusão plural aos filhos e ao monarca contida na *PG*. Por outro lado, o desastre de Badajoz tornou visíveis as clivagens no interior da nobreza, tendo sido assinalados nesse quadro o começo dos exílios nobiliárquicos. Essa conjuntura poderia vir a explicar o conflito que se vive entre os irmãos Pais e os seus adversários, à cabeça dos quais se cita Paio Soares.

Definido esse contexto possível, o passo seguinte deve ser necessariamente o reconhecimento histórico dos indivíduos envolvidos no *PG*. Este objectivo enfrenta algumas dificuldades derivadas designada-

⁶¹ «Fernando era apoiado pelos próceres da Maia e da família dos Sosas bem como pelo rei de Leão, enquanto Sancho e Teresa eram defendidos por Pedro Fernandes, Vasco Fernandes e próceres a eles ligados» (Castro 1997: 317).

⁶² A última presença é do mês de Abril. Esse posto aparece já ocupado por Mendo Gonçalves de Sousa em Outubro (Ventura 1992: 991, n. 7)

⁶³ Só em 1198 reaparece em Portugal na condição de mestre dos Hospitalários e emissário de Sancho I (Castro 1997: 301),

⁶⁴ Amaral (2002: 174) supõe que essa é a situação a partir de 1173, segundo deduz da expressão «conregnante», atribuída ao futuro rei no documento de trasladação de S. Vicente.

mente do problema da homonímia e da ausência do apelido linhagístico⁶⁵. Como contrapartida, a identificação das personagens conta com um importante elemento orientativo: as características sociais que sobre as mesmas se deduzem do próprio documento. Parece lógico supor que se trata de indivíduos significativos no quadro da nobreza portuguesa, segundo se depreende do poder militar, fundiário e senhorial de que dispõem⁶⁶. Ao mesmo tempo, a já citada referência aos elementos da realeza poderá igualmente ser interpretada no sentido de (certa) proximidade à mesma, pelo menos no caso da pessoa de que emanou o diploma: Gomes Pais. Finalmente, a excepcional existência do pacto, enquanto escrito, só tem sentido se referida aos estratos sociais superiores. Devemos ter em conta que precisamente essa camada foge amiúde à documentação tabeliônica mais abundante⁶⁷. Felizmente, os estudos sobre a nobreza medieval portuguesa facilitaram consideravelmente a nossa pesquisa.

Não foi possível, até ao momento, localizar directamente, como irmãos, o dueto Gomes Pais e Ramiro Pais. Indivíduos com o nome do primeiro ocorrem com alguma assiduidade na documentação do séc. XII e da primeira metade do séc. XIII⁶⁸ e nos livros de linhagens.

⁶⁵ Este último facto não é, como se sabe, excepcional, antes pelo contrário.

⁶⁶ Note-se igualmente o tratamento por *dō* atribuído aos irmãos Pais.

⁶⁷ É assim que o sublinha Mattoso (1982: 76): «Com efeito, enquanto que possuímos por vezes um número muito considerável de títulos de aquisição de propriedades por parte dos senhores de segunda e terceira, categoria, chegaram até nós muito menos documentos do mesmo género para os ricos homens do século XII, e para os seus ascendentes. Este fenómeno explica-se facilmente se nos dermos conta de que a maior parte das terras dos segundos lhes advém por herança (numa época em que a maioria das transmissões hereditárias não era escrita), enquanto que os segundos, tendo sido dotados de bens patrimoniais reduzidos, conseguem assegurar a sua posição económica e social à custa de numerosas aquisições.»

⁶⁸ Eis os anos e os fundos documentais em que se registam alguns deles: 1101 (IAN/TT, *Most. de S. C. de Rio Tinto*, m. 1, n.º 9; DMP/DP 71, marido de Dulce Gomes), 1166-1185 (LS 223), 1175 (DS 2), 1176 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 9, marido de Maria Osores), 1181 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 26, parente de Pedro Amarelo), 1182 (DMP/DR 347), 1188 (DS 31, morto?), 1188 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 4, marido de Aragunte Gonçalves), 1195 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 19), 1197 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 29), 1202 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 91, marido de Aragunte Gonçalves), 1206 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 143), 1212 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 254, marido de Aragunte Gonçalves), 1215 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 261, marido de Teresa Peres), 1216 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 268), 1220 (IAN/TT, *Mitra de Braga*, m. 2, n.º 55, marido de Urraca Gualdim), 1221 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 400; marido de Urraca Gualdim), 1248 (LF 916, marido de Teresa Peres), 1251 (LF 917, marido de Teresa); 1252

Ao invés, a presença de «Ramiro Pais» conta com uma frequência mínima (cf. *infra*). Tomando como ponto de partida as possibilidades de identificar algum dos irmãos com personagens históricas que possam satisfazer as exigências que subjazem ao texto, esboçamos três hipóteses, das quais a última é aquela que se nos afigura mais firme ⁶⁹.

A primeira suposição é que poderíamos estar, em essência, perante um pacto entre dois filhos de um casamento de Paio Ramires – dos Ramirões ⁷⁰ – contra filhos de outro casamento. Paio Ramires foi primeiro casado com Ouroana Martins de Caldelas da Galiza de quem teve Vasco Pais alcaide de Coimbra (1179-1186); e uma segunda vez com Gontrode Soares Correia de quem teve o Mestre do Templo Gualdim Pais e Gomes Pais de Piscos, que poderia ter sido o tenente do castelo de Santa Eulália (antes de 1166) (cf. *infra*) ⁷¹. Ficaria explicada a comparência de Gomes Pais e a de Vasco Pais, mas não a de Ramiro Pais.

Se tomarmos como elemento focalizador principal a presença deste último, Ramiro Pais, dada a escassa abonação desse nome na altura, situar-nos-íamos no âmbito familiar dos Cunha ⁷². De facto, o único indivíduo desse nome – pertinente para a nossa pesquisa – aparece registado em *LC* (55A2) entre os descendentes de Paio Guterres da Cunha (1131-1141). Seria, portanto, filho do anterior e de Mor Randulfes (1132) e irmão, entre outros, de Fernão Pais (1132-a. 1171) ⁷³. Segundo será desenvolvido mais pormenorizadamente (cf. *infra*), a coincidência no património territorial que pertenceu a esse Ramiro Pais, alegadamente, «da Cunha» com o que aparece atribuído a Ramiro Pais

(*LF* 901, marido de Teresa), 1252 (*LF* 918, 919), 1253 (*LF* 920, marido de Teresa). Mattoso (1981: 241) cita um Gomes Pais casado com Elvira García (1098-1144) filha de Garcia Gonçalves.

⁶⁹ Neste ponto concreto, queremos agradecer as sugestões que, através de comunicação pessoal, me foram oferecidas por António Resende de Oliveira e Leontina Ventura.

⁷⁰ Esta família vivia na região do baixo Ave e Cávado e aparece ligada ao mosteiro de S. Simão da Junqueira (Vila do Conde). Cf. Mattoso (1982: 214-215; 1985/2: 180).

⁷¹ Os dados foram obtidos de L. Ventura (comunicação pessoal) e Mattoso (1982: 214-215).

⁷² Cf. Mattoso (1985/1: 180-181).

⁷³ Cf. Ventura (1992: 353-359 e «Esquema genealógico dos Cunha») e Pizarro (1997: 978).

no *PG* permite uma certeza razoável sobre a identificação histórica de ambos no mesmo indivíduo⁷⁴. Neste caso, o único meio para fazer entrar em cena Gomes Pais seria postular a existência não documentada do mesmo como irmão de Ramiro Pais. Essa possibilidade viria sugerida pela menção em *LD* (22D3) de um «Gomes Paes que fez o mosteiro de Souto»; sendo a fundação deste mosteiro atribuída a Paio Guterres da Cunha em *LC* (55A2), poder-se-ia pensar que foi um filho do anterior de quem não ficaram rastros documentais⁷⁵.

A hipótese que outorga uma mais expressiva conformidade com a realidade histórica assenta na consideração de Gomes Pais da Silva como promotor da escritura que nos ocupa. Esta terceira via explicativa não colide com a anterior, antes pode ser contemplada apenas como uma variante complementar (cf. *infra*).

Os livros de linhagens registam de modo unânime um indivíduo desse nome⁷⁶ como filho de Paio Guterres da Silva. No caso do pai, a ocorrência de vários indivíduos homónimos, num período coincidente, e a pluralidade de casamentos contraídos por este(s) dificultam notavelmente a reconstrução do perfil histórico dele(s) e dos seus descendentes, constituindo um dos aspectos mais complexos e conflituosos dos estudos linhagísticos (cf. *infra*). Contudo, não existem problemas para identificar esse último com Paio Guterres da Silva, também conhecido como Paio Guterres de Froiã, que aparece na corte em 1129-1130 (Ventura 1992: 190, 642, n. 2). Este indivíduo, tenente de Froiã (1134) (cf. *infra*), parece ter conseguido manter a grande influência política do pai, D. Guterre, agora junto de Afonso Henriques que o denomina «vassalus fidelis». Poderia ter sido igualmente tenente no castelo de Santa Eulália (Montemor-o-Velho), de Alhadas e depois alcaide de Leira (1135-1140) (Ventura 1992: 353-354)⁷⁷.

Precisamente o cargo de tenente do castelo de Santa Eulália foi ocupado, posteriormente e antes de 1166, por Gomes Pais [da Silva],

⁷⁴ As dúvidas dos estudiosos sobre a definição linhagística da família em que se integra levam-nos a contemplar este aspecto mais à frente (cf. *infra*).

⁷⁵ Lembremos que, também neste caso, esse hipotético Gomes Pais [da Cunha] pode ter sido tenente do castelo de Santa Eulália. Ora, Paio Guterres [da Cunha] é tido por alguns estudiosos como tenente desse mesmo baluarte (Pizarro 1997: 976-977), o que implicaria a continuidade no cargo de membros da mesma família (cf. *infra*).

⁷⁶ Em *LC* (36BB9, etc.) figura como «Gomes Pais da Silva, o Velho», por oposição ao neto do mesmo nome.

⁷⁷ Pizarro (1997: 976-977) considera que se trata de Paio Guterres da Cunha ou de um terceiro indivíduo (cf. *infra*).

provavelmente filho dele, a quem Afonso Henriques denomina «Meus vassalus»⁷⁸ (Ventura 1992: 32). Este aparece em 1175, expressamente denominado «da Silva», num documento do infante D. Sancho (*DS* 2) e, talvez, ainda em 1182 (*DR* 347). É possível que tenha falecido entre essa última data e 1188 já que nesse ano registamos uma referência a «Pelagio filio de Gomes Pelagii», no *Codicilo ao primeiro testamento de D. Sancho* (*DS* 31), a quem o rei lega um «caballo», um «runcino» e «mantum et sagiam de scarlata uermelia». Com efeito, entre a prole de Gomes Pais da Silva e Urraca Nunes Velho, os livros de linhagens (*LD* 18A3, *LC* 58E3) citam Paio Gomes⁷⁹ e com ele: Maria Gomes⁸⁰, Martinho Gomes e Urraca Gomes⁸¹.

Mais complexa se afigura a identificação de Ramiro Pais como irmão do anterior, quer dizer, como Ramiro Pais da Silva. Como dissemos, a única referência a um personagem desse nome figura no *LC* como filho de Paio Guterres da Cunha. Como primeira hipótese, podemos pensar que se trata de um indivíduo de quem, salvo no *PG*, não ficaram rastros diplomáticos, ou que estamos perante uma atribuição errada de paternidade do *LC* com base na coincidência de nome do Silva e do Cunha. De facto, a documentação só oferece certezas sobre a filiação de Pero (1132-1162), Simão (1132-1162) e Justa Pais (1132-1151)⁸² a respeito de Paio Guterres e Mor Randulfes (1132), e de

⁷⁸ Nesse documento (*DR* 290, Dezembro de 1166), Afonso Henriques doa a Santa Cruz de Coimbra o castelo de Santa Eulália que era préstamo de Gomes Pais. Este recebe em compensação, também a título de préstamo, diversas terras do mosteiro em Serem (Águeda), Eirol, Verdemilho (Aveiro), Loure e Angueja (Albergaria-a-Velha), e Balthasares em Riba Minho. Note-se que esse último topónimo é o equivalente actual da freguesia de Âncora (Caminha), o que pode reforçar a identificação com Gomes Pais da Silva, já que os da Silva tiveram o solar originário no actual concelho de Valença, portanto, numa área muito próxima.

⁷⁹ Segundo os livros de linhagens, casou com Maria Fernandes de Dura-Zobra (Duvra?), sendo os seus filhos: Gonçalvo Pais, Estêvão Pais e Gomes Pais. Cf. Mattoso (1981: 347-348).

⁸⁰ Segunda mulher de Paio Soares Correia e mãe de Pero Pais e Maria Pais (Ventura 1992: 370 e «Esquema genealógico dos Correia»).

⁸¹ Foi casada com Gomes Mendes de Briteiros (1222-1223), de quem teve Rui Gomes de Briteiros (1220-1248), Gonçalvo Gomes (1224-1225) e Marinha Gomes (1220-1271). Cf. Oliveira (1994: 431-432), Pizarro (1997: 757-758), Ventura (1992, «Esquema genealógico dos Briteiros»).

⁸² A ela deverá pertencer um testamento não datado em que, entre outros, é beneficiado o mosteiro de S. S. da Junqueira (IAN/TT, *Most. de S. S. da Junqueira*, m. 4, n.º 14). Cf. Lira (1993/1: 69; 1993/2: 154)

Álvaro Pais relativamente a Paio Guterres e Urraca Rabaldes (1136), a sua segunda ou terceira mulher (Ventura 1992: 197, n. 5; 642, n. 2) ⁸³.

Existe ainda uma possibilidade real de identificar os irmãos citados, hipótese que logicamente se vê apoiada pelo próprio PG. Segundo foi adiantado, subsistem notáveis dificuldades para determinar e discriminar historicamente as personalidades dos indivíduos de nome «Paio Guterres». Com efeito, tomando como ponto de partida os diversos estudos genealógicos ⁸⁴, entre o último quartel do séc. XI e o segundo do XII poderíamos chegar a isolar, como simples construção teórica, sete: (i) Paio Guterres («vicarius regis» de Afonso VI) ou Paio Guterres da Silva (I) (1078-1085); (ii) Paio Guterres da Silva (1074-1134); (iii) Paio Guterres da Silva (II) (1129-1130); (iv) Paio Guterres de Froião (1134); (v) Paio Guterres da Cunha (1130--1143); (vi) Paio Guterres Ramirão (1123-1136); (vii) Paio Guterres, alcaide de Leiria (1135-1140) ⁸⁵. Entre os diversos agrupamentos propostos, Leontina Ventura (1992: 353-359, 641-642) avançou a hipótese de o da Silva e o da Cunha serem uma só pessoa. Os Cunhas seriam um «ramo secundário dos da Silva» ⁸⁶, «provenientes de um segundo (ou terceiro casamento) de Paio Guterres» ⁸⁷. Assim sendo, Gomes Pais da

⁸³ É igualmente possível a existência de mais dois filhos: Fernão Pais (1132-1180) e Maria Pais (1151). Cf. Ventura (1992: 642, n. 2) e Pizarro (1997: 977-978). Segundo Ventura («Esquema genealógico dos Cunha») seria Fernão Pais, casado com Mor Uzbertiz, quem deu origem aos Cunha.

⁸⁴ Cf. Costa (1992: 187, n. 31), Gomes (1995: 301, n. 20), Mattoso (1982: 276; 1985/1: 140, 143-145, 180; 1993: 395-396), Pizarro (1997: 975-977), Ventura (1992: 353-354, 642).

⁸⁵ Note-se que, salvo no caso do(s) Silva e Froião, a atribuição do apelido linhagístico não consta nas fontes documentais contemporâneas desse(s) indivíduo(s).

⁸⁶ A utilização de «Cunha» como cognome só está documentada a partir de 1171 com Lourenço Fernandes da Cunha (Ventura 1992: 355, n. 1). Do mesmo modo, a zona que viria a constituir o solar por excelência dessa linhagem não aparece associada à mesma ao tempo de Afonso Henriques (Ventura 1992: 355, n. 1). Por outro lado, devemos notar que uma freguesia denominada «Cunha» (Paredes de Coura) está muito próxima da torre de S. Julião da Silva (Valença), local a que a família dos Silva é associada (cf. infra).

⁸⁷ Pizarro (1997: 975-977) levanta diversas objecções que decorrem da equiparação de Paio Guterres da Silva/Froião (1129-1134) com Paio Guterres representante do rei Afonso VI em terras do Cávado (1078-1085), o que dificulta, por motivos de ordem cronológica, identificá-lo com o Paio Guterres (1130-1143) origem dos Cunha e com o alcaide de Leiria (1135-1140) (cf. supra). A possibilidade de Paio Guterres da Silva ser também o *vicarius regis* de Afonso VI foi adoptada por Mattoso (1985/1: 143-144) após ter considerado com anterioridade que se tratava de pessoas diferentes (1982: 276), a que denominava «Paio Guterres da Silva (I)» e «Paio Guterres da Silva (II)». Porém,

Silva e Ramiro Pais da Cunha foram irmãos, ou mais propriamente meio-irmãos⁸⁸, o que pode oferecer uma causa para o contencioso patrimonial que, segundo o *PG*, existia entre eles. Logicamente, poderemos agora reinterpretar o dado do *LD*, referido antes, segundo o qual a origem do mosteiro de Souto (Guimarães) é devida a um Gomes Pais; origem que em *LC* aparece atribuída a Paio Guterres da Cunha. De acordo com a proposta que explanamos, essa personagem seria o próprio Gomes Pais da Silva que, com o pai, pode ter favorecido aquela instituição monástica, o que explicaria a informação dos livros de linhagens⁸⁹.

Não se detecta, salvo no próprio *PG*, a presença de Ramiro Pais na documentação coetânea. Os dados de que se dispõe provêm do *LC* (cf. supra) e das *Inquirições de D. Dinis* de 1288-1290. Por estas últimas sabemos que tivera propriedades em Santa Maria de Arnosó⁹⁰ (Vila Nova de Famalicão) (cf. infra), S. Paio de Figueiredo (Guimarães)⁹¹ e provavelmente também em Tebosa (Braga)⁹².

é certamente pouco verosímil, de acordo com os parâmetros vitais da época, que um indivíduo que em 1074 já alcançara uma considerável notoriedade política pudesse continuar vivo – e provavelmente activo – sessenta anos depois. Poderá ser um indivíduo dessa linhagem, mas anterior ao Paio Guterres da Silva documentado no segundo quartel do séc. XII.

⁸⁸ A própria necessidade de reafirmar explicitamente a ligação familiar de Gomes e Ramiro que observamos no *PG* (*irmano meo, que sejadés amico bono & irmano bono*) apoia claramente esta conjectura.

⁸⁹ A *CV* para que se utilizou o lado do pêlo refere uma venda efectuada por Elvira Mides a Alvito Moniz. Há diversos elementos que aproximam os Mides(-Curutelo) dos Silva. Por um lado, a família aparece aparentada nos livros de linhagens com Paio Pais «Caminhão», membro secundário da família dos Silva. Por outro, na altura em que Paio Guterres e Gomes Pais foram tenentes do castelo de Santa Eulália os Mides estavam pela mesma zona. Paio Mides (1127-1172) foi alcaide de Montemor-o-Velho em 1128-1134. Irmãos do anterior foram o *dapifer* João Mides (1123-1161), Paio Mides (1137) e Nuno Mides (1144-1206), fundador da linhagem dos Curutelos. Cf. Mattoso (1982: 212-214) e Ventura (1992: 648 e «Esquema genealógico dos Curutelo»). Existem algumas divergências entre esses estudiosos. É, contudo, difícil desvendar as circunstâncias concretas que expliquem a proximidade material entre *PG* e *CV* e que, em princípio, levariam a pensar numa cedência de uso do pergaminho dos Silva aos Mides.

⁹⁰ No antigo julgado de Penafiel de Bastuço (o castelo do mesmo nome situa-se em Tadim, no extremo sudoeste do concelho de Braga) onde fora tenente Paio Guterres da Silva (I) em 1080 (Ventura 1992: 1005). Este indivíduo também ocupou o de Neiva (no litoral, entre o Lima e o Cávado) pelos anos 1090 (Mattoso 1982: 140; Ventura 1992: 1004).

⁹¹ IAN/TT, *Inquirições de D. Dinis*, Livro I, fols. 36r-36v: «Vimieiro. S. P. de Figueiredo. Stevam Perez, jurado e preguntado sse em esta freguisya ha casa de caualeyro ou de dona que sse deffenda per honrra, disse que a hi hũa cassa que chamam Fyguey-

Podemos passar agora a efectuar uma análise dos espaços geográficos a que se alude no *PG*, o que, ao mesmo tempo, nos permitirá coligir novos dados em que alicerçar mais solidamente a identificação dos personagens principais. O pacto entre os irmãos tem como ponto de partida o compromisso adquirido por Gomes Pais no sentido de o seu mordomo ⁹³ não intervir sobre os *homines* ⁹⁴ de Ramiro Pais, num território cujos limites se especificam: *ut non intret meo maiordomo in illa uilla super uostros homines deslo mormuiral. & de inde âtre as casas dousenda grade & deluira grade. & ãde pora pena lôga & de ista parte per illa petra cauada de sueiro ramiriz*. Por outro lado, na sequência desse primeiro acordo, ambos prometem auxílio mútuo a respeito de uma série de indivíduos que se citam e, provavelmente, numa área delimitada de modo conciso: *Des illo mormoiral ata en frojom* ⁹⁵.

No primeiro dos casos alude-se a uma *villa* do domínio de Ramiro Pais, cujo contorno é estabelecido pela sequência de três componentes: um padrão: *mormuiral* ⁹⁶, diversos imóveis: *as casas de ousenda grãde*

redo *que* he de dom Gomez Lourenço de Cûya. E disse *que* a vyou ssenpre honrada dos seus dias. E disse *que* ouvyou dizer *que* o foy de longe *quanto* he o corpo da quyntãa. E disse *que* foy esta quyntãa de dom Ramiro & ganhou dom Joham Lourenço & er áa don Gomez mais *nom* foy dessa auoenga. *Preguntado* sse entra hi moordomo de Vymieyro disse *que nom* mais entra hi o juiz na cassa e penhora hy *quanto* he na casa. E disse aynda esta testemunha *que quando* dom Ramiro avya esta cassa *nom* era ssenom casa palhaça pequena, e despois que a gaanhou dom Joham Lourenço & dom Gomez ffezerom grandes paaços e grandes ssearas». João Lourenço (1211-1223) e Gomes Lourenço (1225-1293) foram filhos de Lourenço Fernandes da Cunha (1171-1225) e netos de Fernão Pais (cf. infra), um dos irmãos de Ramiro Pais.

⁹² Cf. Mattoso (1985/1: 181), Costa (1992: 192-193), Pizarro (1997: 978). Mattoso (1985/1: 181) nota que os seus descendentes «exerceram também direitos sobre a honra de Cunha». Tebosa encontra-se também no julgado de Penafiel de Bastuço (cf. supra).

⁹³ A vinculação do mordomo ao cumprimento do pacto poderia ser interpretada no sentido de ausência de Gomes Pais da área em questão. Lembremos que Gomes Pais aparece associado à corte (cf. supra).

⁹⁴ Sobre o possível significado desse termo, Mattoso (1982:42) aponta: «a palavra *homo*, que na Europa central pode designar o vassalo nobre, não tem, em Leão e Castela, tal significado. Só se usou para o servo ou colono, e, por outro lado, para os ministerialis, isto é, o dependente que executa serviços auxiliares e administrativos de qualquer senhor.»

⁹⁵ Entendemos que essa circunstância geográfica é referida ao verbo *ajudarmo(nos)*. Repare-se, contudo, que o entendimento desse segmento depara com algumas dificuldades.

⁹⁶ Este vocábulo, mais do que topónimo, poder-se-á tratar ainda de um substantivo, comum no período, com o significado de «padrão, marco» (Machado 1997, s. v. *Marmoural*) de características singulares.

Descrição da «honra» de Ramiro Pais, em Santa Maria de Arnoso
IAN/TT, *Inquirições de D. Dinis*, Livro I, fól. 32r

e *delvira grãde* e dois elementos fisiográficos: *pena lōga* e *petra cavada*. Ora, quer as referências concretas, quer a descrição topográfica, em sentido abstracto, induzem a considerar, com notável certeza, que nos encontramos perante o mesmo espaço que nas *Inquirições de D. Dinis* aparece adjudicado à «honra» que possuía Ramiro Pais em Santa Maria de Arnoso ⁹⁷:

Sancte Marie dArnoso

Viçente, juiz de Penaffiel, jurado e *preguntado* sse em esta freguisya ha honrra algũa ffecta per rrey disse *que nom que* o el ssoubesse. Mais disse que a hi hũa honrra *que* foy de Ramiro Paez e he ora de Ffernand de Ssandy & de seu linhagem. E disse *que* ouvyou dizer *que* fora esta honrra ffecta de longe. E disse *que* ouvyou dizer *que* os termhos desta honrra foram de vedro pella maçeeira dArnoso, e ende a pedra liaçeira *que* esta contra Arenti, e ende aa pena rredonda, & ende perante a porta de Gomez Ssoariz, & ende aos carualhos e aos mormoyraes da agra dArnoso, & ende perante a porta de Joham Rramirez hu chamam Quyntheela, e ende a pena longa, e ende aa arca *que* chamam descontra Soiuffrey & ende aa maçeeira hu sse começou de susso dicta e diserom *que* per aquy ouvyoum *que* era de uelho & *nom* mais. ⁹⁸

Para além dos casos em que a correspondência é evidente no *PG*, como são os *mormoyraes* ⁹⁹ e a *pena longa*, noutros podemos supor que se trata da mesma entidade física, embora não se ateste uma coincidência literal absoluta. No que diz respeito aos proprietários dos imóveis a motivação é evidente. Quanto à *petra cavada* de *PG* poderá estar representada por *pedra liaçeira* ou, mais provavelmente, por *pena redonda* (cf. infra). A distância cronológica e a índole díspar de ambas as descrições poderão ser responsáveis por essas e outras divergências, sobretudo pela menor particularização do excerto contido no *PG*.

⁹⁷ Essa freguesia, actualmente integrada no concelho de Vila Nova de Famalicão, situava-se no julgado de Penafiel de Bastuço (cf. supra). Alguns elementos toponímicos (v. g. *Arentí* = Arentim) remetem para o extremo sudoeste do concelho de Braga, área em que se situam as freguesias de Arentim, Cunha e Tebosa.

⁹⁸ IAN/TT, *Inquirições de D. Dinis*, Livro I, fól. 32r. Na actualidade, só nos foi possível detectar *in situ* continuidade dos topónimos correspondentes às povoações de Agra, Arentim, Quintela e Jesufrei (= *Soiufrei*). Perto do núcleo de Santa Maria de Arnoso regista-se o topónimo de Penedo Redondo. A configuração fisiográfica do espaço corresponde aos dados do *PG*.

⁹⁹ A variação relativamente à forma de singular do *PG* é perfeitamente compreensível de acordo com o significado desse termo (cf. n. 96).

Notemos finalmente como evidência significativa que a posição relativa dos quatro elementos presentes e/ou identificáveis em ambos os textos é a mesma: *mormuiral-mormoyraes* → imóveis (*casas de – porta de*) → *pena longa* → *petra cavada-pedra liaçeira/pena redonda* → *mormuiral-mormoyraes* ¹⁰⁰.

O dado que analisamos constitui um elemento fulcral para elucidar o perfil biográfico dos titulares do *PG*, permitindo-nos, em primeiro lugar, identificar o Ramiro Pais do texto com aquele Ramiro Pais a que o *LC* e diversos historiadores acrescentam o apelido «da Cunha». Por outro lado, ao demonstrar a existência de um Gomes Pais como irmão do anterior, reforça a possibilidade de associar a origem dessa família à dos Silva, uma vez que um indivíduo desse nome aparece apelidado como «da Silva» em diversas fontes coetâneas e posteriores ¹⁰¹.

Não podemos deixar de retomar aqui a indicação sobre a proximidade entre a *Notícia de Torto* e o *PG* que alguém advertia na capa que protege este último texto. Em primeiro lugar, porque relativamente ao assunto que estamos a abordar ambos os textos remetem para zonas próximas ou ainda coincidentes ¹⁰². Esta vizinhança geográfica será apenas o reflexo de uma contiguidade muito mais significativa. Por um lado, Lourenço Fernandes da Cunha, vítima das violências referidas na *Notícia de Torto*, foi filho de Fernão Pais, um dos irmãos de Ramiro Pais e também, portanto, de Gomes Pais. Por outro, de acordo com a interessante conjectura colocada por Pizarro (1997: 945, 978), foram provavelmente os filhos e netos de Ramiro Pais – e não os Ramirões ¹⁰³ – com direitos na honra da Cunha aqueles que exerceram as violências contra Lourenço Fernandes. Um dos indícios mais expressivos é a localização das honras da família a que Gonçalvo Ramires ¹⁰⁴ pertencia nas freguesias de Santa Maria de Arnos e S. Salvador de Tebosa (Costa 1992: 191), locais a que, como vimos, aparecia estreitamente vinculado Ramiro Pais. Portanto, o contencioso entre Gomes Pais e Ramiro Pais, a que se pretendeu dar solução no *PG*, seria um episódio de confronto interno, na mesma linhagem, de que a

¹⁰⁰ No *PG* o ponto de referência inicial é o *mormuiral* enquanto que no texto das *Inquirições* é a *pedra liaçeira-pena redonda*.

¹⁰¹ Isto se não se preferir supor, como dissemos, a existência não documentada de um Gomes Pais da Cunha, o que parece uma hipótese mais arriscada.

¹⁰² Cf. Cintra (1990: 27-35).

¹⁰³ Há consideráveis dificuldades para discriminar, quanto às origens, os Ramirões dos Silvas e/ou dos Cunhas. Cf. Mattoso (1985/2: 180).

¹⁰⁴ Este seria, portanto, filho de Ramiro Pais.

Notícia de Torto nos oferece outro exemplo posterior, mantendo-se continuidade familiar numa das facções litigantes.

A segunda das referências geográficas diz respeito à área na qual os irmãos pactuam ajuda recíproca. Nesta ocasião mencionam-se apenas os dois limites extremos, sendo o ponto de partida, pelo menos nominalmente, o mesmo: *mormoiral*, enquanto que *frojom*¹⁰⁵ parece ser a região ou o ponto mais distante. Este topónimo conta com uma alta frequência em todo o noroeste, tendo sido registado com diversas variantes nos concelhos de Baião¹⁰⁶, Barcelos¹⁰⁷, Braga¹⁰⁸, Guimarães¹⁰⁹, Penafiel¹¹⁰, Ponte de Lima¹¹¹, Póvoa de Varzim¹¹² e V. N. de Famalicão¹¹³. Sem descartar que algum deles possa ter sido o segundo elemento localizador citado no *PG*, consideramos possível avançar uma hipótese precisa. Se no caso da *villa* o que se está a definir é um território de dimensões reduzidas (dentro de determinados parâmetros), no segundo caso, o mais lógico é que se trate de uma região muito mais extensa. Esta deve, logicamente, ter incluído uma parte importante do património territorial de ambos os irmãos, sobretudo do pertencente a Gomes Pais, pois a contrapartida que este recebe é unicamente a de ser receptor de auxílio: *dou uobis isto que seiades meo amico bono & irmano bono & que adiuderis me contra toto homine fora el rei & suos filios*. Ora bem, entre as propriedades deste último, certamente algumas estariam situadas na terra de Silva¹¹⁴, pois consta que

¹⁰⁵ As formas medievais e galegas actuais junto com as hipóteses etimológicas (Machado 1993, s. v. *Fraião*, *Freião*, *Frião*, *Frijão*, *Froião*) apontam quase sistematicamente para *Froiam*~*Frojām*. O tipo *Froiom* é muito escasso, aparece, por exemplo, registado na freguesia do Couto em Samos (Lugo). O resultado do texto, portanto, se não é erro, poderá ter constituído variante talvez só gráfica do modelo geral. Outra hipótese levaria a relacionar essa forma com as que actualmente caracterizam grande parte do falar minhoto, decorrentes da extensão da antiga terminação *-om*, cf. Maia (1986: 586-587).

¹⁰⁶ Forjão (Machado 1997, s. v.).

¹⁰⁷ Forjão, Fraião, Freião e Frijão (Machado 1997, s. v.).

¹⁰⁸ Fraião e Frijão (Machado 1997, s. v.). Existe também uma elevação orográfica com esse nome na freguesia de Arentim.

¹⁰⁹ Froião e Frijão (Machado 1997, s. v.).

¹¹⁰ Freião (Machado 1997, s. v.).

¹¹¹ Frajão e Frijão (Baptista & Fernandes 2001, s. v.).

¹¹² Fraião (Machado 1997, s. v.).

¹¹³ Fraião (Machado 1997, s. v.).

¹¹⁴ Relembramos que entre as terras recebidas em préstamo por Gomes Pais (alcaide do castelo de Santa Eulália), para além de algumas situadas no centro do país, figura *Balthasares*, topónimo correspondente à actual Âncora (*DR* 290) (cf. n. 78).

o seu primogénito, Paio Gomes, teve a quintã de Silva (Ventura 1992: 354) ¹¹⁵. Precisamente, a terra de Silva (com a torre de S. Julião da Silva, Valença), solar originário dessa linhagem ¹¹⁶, situa-se na antiga terra ou julgado de Froiã ¹¹⁷, como vimos, dominado na primeira metade do séc. XII por essa linhagem (cf. supra). Esse topónimo, que poderíamos identificar com o *frojom* do PG, teve origem concreta no antigo castelo do mesmo nome (Mattoso 1985/2: 144-145), situado na vertente norte da serra da Boulhosa. É credível interpretar esse Froiã, ponto concreto ou área, como sendo uma das referências geográficas utilizadas no texto. Em conclusão, como hipótese mais plausível, a zona geográfica em que ambos os irmãos se comprometem a defesa recíproca estendia-se da freguesia de Santa Maria de Arnoso (Vila Nova de Famalicão) até à área de Froiã ¹¹⁸.

No tocante às forças hostis, Paio Soares (*Pelagio Soariz*) encabeça o elenco daqueles quatro indivíduos contra os quais se pactua a defesa: *ajudarmonos contra illos*. A primazia de que é objecto poderá espelhar o relevo desse personagem no conflito, o que certamente implicaria a posse de um notável poder militar. Este dado, que se veria reforçado pela hipótese de o topónimo *frojom* designar a terra de Froiã (cf. supra), junto do rio Minho, leva-nos a propor a identificação do mesmo com Paio Soares de Valadares ¹¹⁹ (1183-1204 ¹²⁰), rico-homem da corte

¹¹⁵ IAN/TT, *Inquirições de D. Dinis*, Livro IV, fól. 85r: «Johan Martinz da Silva .P. per sobrela Silva sse a hi onrra algũa feyta per rrey, disse que nom que o el soubesse, mays disse que hi a quinta da Silva que a virom senpre onrrada & foy de dom Pááy Gomez da Silva.»

¹¹⁶ O apelido Alderete que aparece normalmente atribuído a D. Guterre, origem dos Silva, remete para a quinta de Alderete em Cerdal, freguesia contígua à de Silva, no concelho de Valença.

¹¹⁷ Território do mesmo nome coincidente, de forma aproximada, com os actuais concelhos de Paredes de Coura, Valença e parte de Monção. O topónimo pode apresentar as variações *Fraião*, *Freiõ*, *Freiam* e *Freião*.

¹¹⁸ A presença do complexo *ata en* referido a *frojom* sugere que não se está a indicar apenas um dos limites, mas também a localizar espacialmente o âmbito de aplicação. Esta possibilidade apoia a identificação do topónimo com esse antigo julgado.

¹¹⁹ A aproximação doutros indivíduos à personagem citada no PG revela-se muito menos praticável por motivos de ordem geográfica e/ou cronológica. Esse é o caso de Paio Soares de Paiva (1171-1176), Paio Soares de Grijó (1126), Paio Soares da Maia (1094-1129) e Paio Soares de Azevedo (1292). Paio Soares Correia, avô de João Peres Correia (1253-1261), poderia reunir algumas condições favoráveis do ponto de vista cronológico e territorial (cf. Pizarro 1997: 989), mas devemos ter em conta que ele próprio foi casado com Maria Gomes da Silva, filha de Gomes Pais da Silva, identificado

de Sancho I como tenente na região de Riba de Minho ¹²¹. Os de Valadares ¹²² impuseram-se e faziam-se reconhecer como linhagem mais eminente e dominaram essa terra, pelo menos desde a década de 70 do século XII ¹²³. O pai de Paio Soares, Soeiro Aires de Valadares ¹²⁴, ocupou a tenência de Riba de Minho talvez já antes de 1173 ¹²⁵. É lógico pensar que o exercício dessa tenência tenha contribuído para favorecer a posição da família nos julgados de Valadares, Caminha, Valdevez e Ponte de Lima ¹²⁶. Ao mesmo tempo, tem-se observado uma tendência deste grupo familiar para alargar o seu património às bacias do Homem e Cávado (Pizarro 1997: 785, 789). Não podemos descartar que esse intuito os tenha levado a colidir com outros senhores da terra, entre os quais se poderiam encontrar Gomes Pais e Ramiro Pais. Logicamente, numa altura em que podemos supor uma idade já muito avançada para Soeiro Aires, a iniciativa expansionista poderá ter sido conduzida pelo primogénito, Paio Soares, cujos bens foram, ao que

neste trabalho como o Gomes Pais do documento, o que não condiz com a existência do contencioso.

¹²⁰ Ventura (1992: 1006) e Pizarro (1997: 788) oferecem as datas de 1185 a 1190, porém, a documentação do *Tombo de Fiães* permite alargar esse âmbito cronológico (TF 8, 18, 23, 48, 54, 149, 172, 273, 275).

¹²¹ Os limites dessa *terra* foram tratados por Ventura (1992: 272-273): «Um documento (embora falsificado) de Abril de 1185, dá-nos uma ideia das pequenas *terras* ou castelhanias que fariam parte da de Riba de Minho quando diz que nesse tempo Paio Soares [de Valadares] *tenebat a rege* os castelos de Pena da Rainha, Froião, Lanhoso (?), Santa Cruz [do Lima] Valadares e Castro Leboeiro. À excepção de Lanhoso (?) e de Santa Cruz que fica já no limite Sul da região, no Lima, as outras *terras* situam-se efectivamente na riba do Minho.»

¹²² Sobre os Valadares, seguimos o estabelecido por Ventura (1992: 337-338, 724-726, 1006) e Pizarro (1997: 783-789).

¹²³ A antiga terra de Valadares situava-se «entre as margens do rio Minho, junto a Melgaço, e as serras da Peneda, do Soajo e de Castro Leboeiro» (Pizarro 1997: 783).

¹²⁴ Aparece referido na corte de Afonso Henriques entre 1169 e 1179. Do seu primeiro casamento com Elvira Nunes Velho teve Paio Soares, Lourenço Soares e Rui Soares.

¹²⁵ Segundo Ventura (1992: 337, 1006), é provavelmente por essa condição de tenente (não explicitada) que confirma documentos régios desde 1169. Notemos que no *Tombo de Fiães* aparece documentado como tenente de Valadares entre 1162 e 1183, ano a partir do qual foi substituído pelo filho (TF 7, 11, 21, 24, 33, 43, 45, 174, etc).

¹²⁶ A extensão dos Valadares à zona de Froião parece estar na origem dos Homem-Froião. Com efeito, foi da união de Pero Rodrigues de Pereira (1180-1183) com uma Gravel (Maria Pires Gravel), ramo secundário dos senhores de Valadares, que surge essa linhagem, cujo fundador foi Pero Pires Homem (1253-a. 1272), filho dos anteriores. Cf. Pizarro (1997: 901-902).

parece, reduzidos (Ventura 1992: 337-338 ¹²⁷). Um episódio referido nas *Inquirições de D. Dinis* de 1288-1290 poderia ser um interessante indício da intromissão perpetrada pelos Valadares nas terras mais setentrionais dos Silva. Trata-se da informação segundo a qual Paio Soares de Valadares, quando «tivera a terra (de Valença), tinha poucado em Gondelim (fg. de S^a Eulália de Cerdal, j. e couto de Valença), razão porque desde então honraram esse lugar» (Pizarro 1997: 788) ¹²⁸. Esse local situa-se no coração da área primigénia dos Silva e próximo da quinta de Alderete (Cerdal, Valença), vinculada a D. Guterre, origem dos Silva (cf. supra). O dado poderia ser, afinal, sinal do fracasso de D. Gomes e D. Ramiro na tentativa para evitar a ameaça que sobre o seu património representavam os opositores citados, à cabeça dos quais se situava Paio Soares.

A identificação dos outros três indivíduos citados nesse grupo (*Menendo Pelaiç, Velasco Pelaiç e Petro Martiniz*) revela maiores incertezas. Relativamente ao primeiro, notemos que entre os filhos de Paio Guterres [da Silva] figura um Mendo Pais [da Silva] (LV 2A5) que, tendo em conta as relações conflituosas no seio da família ¹²⁹, poderia ser a figura citada no texto. Por outras palavras, seria um irmão de Gomes Pais e de Ramiro Pais envolvido na facção contrária a estes ¹³⁰.

Quanto a Vasco Pais, já anteriormente nos referimos a um personagem com esse nome cuja cronologia e origem familiar tornariam exequível a sua identificação com o indivíduo citado no PG. Tratar-se-ia de Vasco Pais Ramirão/Carpinteiro (1179-1186), filho da família nortenha dos Ramirões, que chegou a ser alcaide de Coimbra em 1180-1186 ¹³¹. Lembremos que esta família, situada historicamente nas regiões do Cávado e do baixo Ave ¹³², poderá ter estado intimamente ligada nas suas origens com os da Silva e os da Cunha ¹³³.

¹²⁷ Leontina Ventura refere-se nesse ponto a «Soeiro Pais», mas é evidente que se trata simplesmente de um lapso por «Paio Soares», como já notara Pizarro (1997: 786, n. 12).

¹²⁸ IAN/TT, *Inquirições de D. Dinis*, Livro IV, fols. 84-84v: «Gonçalo Rodriguez disse que hũu logar que a nome Gondelim disse que ouyou dicer que pousara hi dom Pay Soariz quando tiia a terra & orra fazem ende onrra».

¹²⁹ Lembremos que o próprio estabelecimento do pacto implica necessariamente a existência de uma situação prévia de conflito entre Gomes e Ramiro.

¹³⁰ Mais difícil resulta identificá-lo com Mendo Pais Bofinho de Azevedo, documentado entre 1108 e 1163 (Mattoso 1985/1: 146-157).

¹³¹ Casou com Ermesenda Martins, filha de Martim Anaia.

¹³² Segundo Mattoso (1982: 73, 214; 1985/180) a origem estaria na área do Cávado, vindo a situar-se posteriormente na margem direita do Ave inferior.

Não foi possível localizar, entre os membros da alta nobreza portuguesa, nenhum indivíduo que possa ter reunido as condições para nele descobrir o Pedro Martins (*Petro Martiniz*) citado como último elemento do grupo hostil ¹³⁴.

Uma proposta diferente, no que diz respeito à identificação do último grupo, permitirá considerar que os integrantes não foram necessariamente membros da cúspide nobiliárquica ¹³⁵. Neste caso, somos levados a analisar a documentação notarial do contexto bracaraense no período que vai da segunda metade do séc. XII às primeiras décadas do séc. XIII ¹³⁶. Paio Soares poderia ser identificado com uma personagem amplamente representada no contexto bracaraense durante a segunda metade do séc. XII ¹³⁷. Tal indivíduo parece dotado de uma notável fortuna, segundo se deduz da aquisição de

¹³³ Veja-se Mattoso (1985/1: 180-181) e Ventura (1992: 357, n. 5). Mattoso (1985/1: 180) aponta: «Como vimos a propósito da família dos Silva, com a qual, de resto esta [Ramirões] podia estar aparentada, o seu primeiro representante Paio Guterres, dificilmente se pode distinguir do seu homónimo, patrono do mosteiro de Tibães».

¹³⁴ Os diversos indivíduos desse nome registados aparecem na segunda metade do séc. XIII. Este é o caso de Pedro Martins Alcoforado (I) (Pizarro 1997: 615-616), Pedro Martins [de Cabreira] da Torre (Pizarro 1997: 820), Pedro Martins Petarinho (Ventura 1992: 820), Pedro Martins Dade (Pizarro 1997: 1059).

¹³⁵ Julgamos, contudo, que esta segunda hipótese global oferece sérias dificuldades de adequação às características sociais que, a partir da existência do próprio documento, se podem atribuir aos indivíduos citados.

¹³⁶ Evidentemente não há contradição com a pesquisa prévia, pois alguns dos indivíduos citados com anterioridade poderiam coincidir com os que se referem a seguir. No entanto, neste caso, não é possível ter a certeza de estarmos perante a mesma figura histórica.

¹³⁷ Existem, contudo, algumas dificuldades para o individualizar, já que em datas aproximadas viveu outra personagem homónima, talvez o próprio sobrinho político citado no *Escrito de Paio Soares* (cf. supra). Tendo em conta o anterior, oferecemos as datas e as referências documentais em que ocorre(m) o(s) indivíduo(s) desse nome: 1144 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 1, n.º 38, filho de Maria Nunes, irmão de Nuno e Elvira), 1151 (*LF 777*), 1155 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2, n.º 8, 10, 13), 1164 (IAN/TT, *Most. de S. P. de Roriz*, m. 1, n.º 5, marido de Maria Peres), 1169 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2, n.º 31), 1172 (IAN/TT, *Most. de S. M. de Vilarinho*, m. 1, n.º 9), 1174 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 2, n.º 40), 1176 (Ramos 1991, n.º 112, patrono de S. Gens), 1177 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 156), 1178 (IAN/TT, *Col. Guimarães*, m. 3, n.º 15), 1186 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 40), 1202 (ADB, *Propr. Part.*, n.º 73, marido de Maria Peres), 1209 (IAN/TT, *Mitra de Braga*, m. 2, n.º 44), 1219 (IAN/TT, *Col. de Guimarães*, m. 6, n.º 19). No segundo dos documentos, Paio Soares oferece uma doação à Sé de Braga em satisfação pelo sacrilégio cometido no mosteiro da Lagoa (Famalicão). É possível que o mencionado nos dois últimos documentos seja um indivíduo diferente (cf. supra).

património efectuada nessa altura, e pode ser identificado com a figura homónima de que emanou o, já citado, *Escrito de Paio Soares* (cf. supra).

Entre os vários «Mendo Pais», podemos notar a existência de um que ocorre com relativa frequência na documentação procedente do mosteiro de S. Simão da Junqueira, pelo menos, entre 1163 e 1206¹³⁸. Também neste caso, os dados apontam para a posse de um avultado património.

Só num caso registamos a presença de um Pedro Martins em 1186 nos fundos procedentes da Colegiada de Guimarães¹³⁹. No âmbito que foi definido, não foi possível apurar nenhuma informação sobre Vasco Pais.

Para concluir, sublinhamos a indubitável importância do *PG* para a história da língua e, designadamente, para a história da expressão escrita galego-portuguesa. Por um lado, pelo grau e natureza do romanceamento, sem paralelos no século XII; por outro, pela possibilidade de lhe ser atribuída prioridade sobre os restantes documentos romances do período¹⁴⁰. Quanto ao primeiro aspecto, o texto apresenta uma *scripta* claramente galego-portuguesa o que unido à extensão e multiplicidade argumental fazem com que, tomando

¹³⁸ Lira (1993: 127) aponta: «Mendo Pais viveu nos finais do século XII, início do seguinte. Acompanhámos a sua actividade ao longo de trinta anos, mas apenas lhe conhecemos sete actos escritos. Distribuem-se estes desde 1186 até 1216». Indivíduos desse nome aparecem registados em: 1131 (*TF* 32), 1154 (*IAN/TT, Most. de S. P. Roriz*, m. 1, n.º 3, marido de Ximena Pais), 1162 (*IAN/TT, Mitra de Braga*, m. 1, n.º 21, marido de Adosinda Pelaiz), 1163 (*LF* 489), 1163 (*IAN/TT, Most. de S. S. da Junqueira*, m. 3, n.º 11), 1182 (*Id.*, m. 3, n.º 36), 1183 (*TF* 48), 1186 (*IAN/TT, Most. de S. S. da Junqueira*, m. 3, n.º 40), 1189 (*ADB, Propr. Part.*, n.º 194, marido de Ausenda Peres), 1190 (*TF* 10, 13), 1192 (*IAN/TT, Most. de S. S. da Junqueira*, m. 4, n.º 5), 1195 (*Id.*, m. 4, n.º 11), 1195 (*IAN/TT, Col. de Guimarães*, m. 4, n.º 19, filho de Paio Oriz, irmão de um Gomes Pais, etc.), 1202 (*ADB, Propr. Part.*, n.º 79, marido de Aragunte Fromarigues), 1203 (*Id.*, n.º 101), 1204 (*Id.*, n.º 115), 1206 (*IAN/TT, Most. de S. S. da Junqueira*, m. 5/9), 1211 (*IAN/TT, Col. de Guimarães*, m. 5, n.º 40), etc.

¹³⁹ *IAN/TT, Col. de Guimarães*, m. 3, n.º 39, marido de Teresa Nunes. Um Pedro Martins Freire ocorre num documento bracarense de 1228 (*IAN/TT, Mitra de Braga*, m. 2, n.º 66).

¹⁴⁰ Além dos documentos editados no grupo C, consideramos que só caberá o rótulo de texto galego-português à *Notícia de haver* publicada inicialmente como da primeira metade do séc. XIII (Martins: 1994, 1) e posteriormente transferida para a segunda metade do séc. XII (Martins 1999: 518-519). Para fundamentar mais solidamente a alegada integração desse documento no séc. XII seria necessário complementar os dados paleográficos e antroponímicos, que se aduzem, com outras evidências mais tangíveis, como poderá ser a identificação dos indivíduos nele citados.

logicamente em consideração a distância temporal, possa ser situado, pela qualidade linguística, ao nível do *Testamento de Afonso II* e da *Notícia de Torto*. Do ponto de vista cronológico, concebemos como enquadramento mais plausível para a redacção do *Pacto* o período que vai de 1169 a 1173 e a antiga capital da Gallaecia como palco desse evento.

O documento, que também reveste um notório interesse para a história sócio-política do período, reflecte o acórdão a que chegaram Ramiro Pais e Gomes Pais – na actualidade – apelidados respectivamente «da Cunha» e «da Silva». Ele institui formalmente a conciliação e a aliança entre ambos, comprometendo-se Gomes Pais a não intervir na propriedade que a título de «honra» Ramiro Pais detinha em Santa Maria de Arnoso. Ao mesmo tempo, ambos ficam obrigados a ajuda recíproca contra outras forças num espaço geográfico que, possivelmente, se estendia dessa última freguesia até ao antigo julgado de Froião no Minho.

3. Documentos ¹⁴¹

Na edição dos documentos limitamos a nossa intervenção à expansão moderada das abreviaturas ¹⁴² e, ocasionalmente, à aplicação dos critérios actuais de união e separação de palavras.

Fazemos uso dos símbolos editoriais citados a seguir como meio de reflectir as características da transcrição bem como a situação material dos documentos.

<texto> leituras duvidosas

<...> texto ilegível

<---> suporte mutilado

¹⁴¹ O documento *A1* foi editado por Lira (1993). Ramos (1991) publicou *B3* e *C1*. Mathias (1949), segundo declara, reproduz *C3* a partir de uma cópia, certamente apógrafa, do Cartulário da Sé de Coimbra, vol. II, fl. 231v. que lhe fora fornecida por António Gomes da Rocha Madahil. Aquele autor aponta que se trata de «parte da charta original, que até agora não foi possível encontrar, apesar das diligências feitas, tanto em Coimbra como na Torre do Tombo». Como foi dito, este último trabalho, entre outros aspectos, inclui um estudo pormenorizado sobre a correspondência dos micro-topónimos desse escrito com as formas actuais.

¹⁴² Não são desenvolvidas se existem anfibologias interpretativas ou quando a forma em questão não se regista por extenso no próprio exemplar.

/texto/ texto incluído na entrelinha superior
 #texto# texto anulado legível
 #...# texto anulado ilegível
 texto texto resultado de correcção autoral
 ^texto^ texto de configuração infrequente (= sic)
 (texto) texto desnecessário (repetições)
 [texto] texto faltoso reconstituído
 {texto} abreviatura não expandida
 {texto} abreviatura de conteúdo impreciso expandida

Grupo A

A1

1139 – *Pedro Onoríguez e Guntinha Nunes fazem um escambo de terras com Mendo Nunes e clérigos de Santa Eulália.*

IAN/TT, Mosteiro de São Simão da Junqueira, maço 2, n.º 33.

Ego petrus honoriguiz & uxor mea gontina nunides damus uobis menêdo nunides. una cū clericis *sancte* eolalie. alias lareas que sūt *prenominate* ¹² in queimado ã amplo duas aguiladas de singulis passibus & ã longo .cc^{tis}. minus .x. & ã cabo. & /i/ amplo .iiii^{or}. & ão pedaco de trasilla lagona simi³liter unã lareã de lxxx^a. & iii^{es}. passibus ã lôgo & duos ã amplo. & ã illo forno qui uocãt aliã lareã . de .xxx^a. & .v. passibus ã lôgo. & ã amplo. ã & palmo ¹⁴ & ã illo linar de pedragal mea. sexta. & ã illo linar de domno salute .viii^a. & de illa *quintana* que fuit de illo dono donero .vi^a. cū suis exitibus ¹⁵ cū omni sua *prestatione* pro que accipimus de uobis medietatē de ipsa mea *quintana* & de ipso linare qui est tras ipsa *quintana* tātū nobis bene ¹⁶ cōplacuit. ER^a. M^a.C. LXX^aVII^a. ¹⁷ petrus. *testis*. ¹⁸ Menêdus. *testis*. ¹⁹ Gōdisaluus. *testis*. ¹⁰ Suerius notuit

A2

1184, Outubro – *Soeiro Fromarigues e Mónia Mendes vendem a D. João, bispo de Viseu, a herdade de Vila de Canas em Senhorim (Viseu).*

IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 4, n.º 30.

In dei *nomine*. hec est karta uēditionis & firmitudinis quam iussi facere Ego ¹² Suerius fromariguiz & vxor mea Monia menendiz. vobis domino iohannj uil³sensi episcopo de tota illa nostra hereditate quam habemus ã territorio de

seniorĩ ¹⁴ & est pernominata villa de canas. vēdidimus uobis /totā/ ipsam uillā per suis terminis ¹⁵ nouis & antiquis. excepto unū casalē de Mariília. & unū mediū casalē ¹⁶ de petro eriz. Jsti autem sūt terminj eius. cōtra asnelas. perla foz das caldas ¹⁷ ĩde. ou ualle das perdices. & ĩnde ou ualle de exudriu. & ĩde ou moledo ¹⁸ Contra moreira. per cima do ualle do padrō. & ĩde per cima da lonba & ĩn¹⁹de per cima de mōte caures. & ĩde. per cima das agueiras. Contra beiaioos ¹⁰ per cima da Lanpaza. Contra cabanas. per cima de ualle couo. & ĩde ou ¹¹ quastro. Contra ulueira. per la soueireira do bispo. & ĩde perla anta & perla cor¹²cada . & ĩde a Mondego ou sa<i>doiros. & ĩnde perla uena de mondego. usque ¹³ ad fōte das caldas. Vendidimus uobis ipsam hereditatē. per suis terminis cū terras ¹⁴ ruptas. & ĩruptas. cū aquis. & pascuis. cū exitus & regressus. & cū quantū ad pres¹⁵titū hominis est pro pretio quod a uobis accepimus. scilicet .c. morabitinis quod tatum nobis & uobis ¹⁶ bene conplacuit. & de pretio apud uos nichil remāsīt ĩ debitū. Jgitur ab hac die ¹⁷ de iure nostro sit abrasa. & ĩ uostro dominio sit tradita & cōfirmata usque ĩ perpel¹⁸tuū. Et si aliquis homo uenerit tā de nostris propinquis quam de extraneis qui hoc ¹⁹ nostrum factum irrūpere tēptauerit nō sit ej licitum per ullā assertionē. sed pro ²⁰ sola tēptacione quantū ĩquiserit tātū ĩ duplū conponat. & domino terre aliud tātū ²¹ & iudici suū iudicatū. & quantū fuerit meliorata. facta karta mēse october ²² E^a. m^a. cc^a.xx^a.ij^a. Nos supra nominatj Suerius. & Monia qui hāc kartā iussimus facere corā ²³ idoneis testibus roborauimus & hoc signū fecimus. Qui presentes fuerunt ²⁴ hĳ sūt. Menendus presbiter testis. Fernādus de Lageosa presbiter testis. Abade de senorĩ presbiter ²⁵ testis. Gundisaluus petri testis. dō ero testis. Suerius pelagĳ testis. Suerius mareco testis. martinus ²⁶ testis. Gundisaluus testis. Pelagius testis. Johannes testis. fernandus suarĳ gener ipsius suerĳ fromaril²⁷guiz. roboro & confirmo. Beniamin presbiter notuit.

A3

1188, Julho–Paio Caldes e Loba Pais vendem a Fernando Pais e a Urraca Viegas um casal em Prime (Viseu).

IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 6.

In dei nomine ego pelagius caldes & uxor mea loba [pelaez] facimus tibi fernādus [pelaez] & uxor tua orraca uenegas carta ¹² uenditjonis & firmitudinis de uno casalem que habemus ĩ territorio uisej ĩ uilla qui dicitur prime & est perno¹³minatū ĩpsse qui fuit de [glz] uimariz. Damus uobis ĩpsse casal cū mōtis & fōtis & arboris cū quantū prestabile est per ubi pol¹⁴tueritis ĩuenire exetes quantū habet ĩ ĩpsa senara de pelagius caldes e o uale do pereiro cū ĩpsse linar do barreiro & ĩj ¹⁵ tres leiras ĩ sancta marina & quanto li cadia da quintana de parte de sua mater & seu quinō da uinea de pelagius truitesēdiz & seu quinō ¹⁶ da uinea de gōtina iohannis & quanto habet ĩ o uilar siue de suo pater quomodo de sua mater & de cōparadea & quanto houē ĩ o castello de uisej. ¹⁷ pro pretjo quod de uobis accepimus .xx^{ti}. [[^]mbrs[^]] & i^o. modio de pã. quia tātū nobis & uobis bene cōplacuit & de pretjo aput uos nichil rel¹⁸māsīt ĩ

debitum *pro* dare. habeatis uobis illā hereditatē firmiter & omnis posteritas uostra. Et si aliquis homo uenerit uel uenerimus ¹⁹ tã nos *quam* alius homo & istū factū nostrū rūpere uoluerit & nos ī cōcilio hoctorizare noluerimus aut nō potuerimus ut pariamus ¹¹⁰ ipsa hereditate duplata & quantū fuerit meliorata & iudicato. facta carta mēsse iulj. e^a.m^a.xx^a.vj^a. Nos supranomina¹¹¹ti qui hãc cartã iussimus facere corã idoneis testibus manus nostras roboramus qui presētes fuerūt hi sūt. *petrus testis*. ¹¹² {Glz} *testis* ¹¹³ *Menēdus testis*. ¹¹⁴ *Garsea testis*. ¹¹⁵ *petrus testis*. ¹¹⁶ *Pelagius testis* ¹¹⁷ *Suerius testis*. ¹¹⁸ *fernãdus testis*. *Johannes* [subdiaconus] *notuit*

Grupo B

B1

s. d. – *Notícia de Vermudo Guterres*

IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 28.

Notitja feci ego uermudus goteriz de sua ereditate que dat post ¹² obitū suū a *sancta maria* de uiseo #tercia# /medietate/ de quanta ereditate abemus in ¹³ magarelas. inter *sancta maria* & *sancti* ^micahelis^ de uiseo. Et mando #me# ad ¹⁴ [I]herusalem medietate de quanta ereditate abemus in uilla coua. & me¹⁵dietate de illo casal que abemus in quintanela /a *sancta maria*/. #&# Et mando a pelal⁶gio oquiz illo terreno de illa fracta de illo muro ue(r)tero ¹⁷ et ipsa ereditate non sedeat uenduda neque cabi#. #/a/da neque in presta⁸mo ad omnes laici data sed seruiat ut ego uermudus mando ¹⁹ *pro* remedio anime mee & parentorum meorum et mando. a *Iherusalem* illo ¹¹⁰ casal que tenet pelagio candano de barreirus et que dedi ¹¹¹ ego uermudo goteriz & madreona a *sancta maria* illo casal ¹¹² de uilla coua que tenet pelagio tinea et quanta parte abeo ¹¹³ inilla casa que fuit madreona siue de parentela quom/o/do de ¹¹⁴ cōparadela et illa ereditate que ganauit de felice in qui¹¹⁵lifonsi a mea hirmana adosinda et a mea hirmana trui¹⁶ illa casa de illo palonbeiro & illa almonia cū suas uitis que ¹¹⁷ tenet froila froiaz et illa maura nomine fatima cū suo filio ¹¹⁸ *pro* filio meo nomine menēdo

B2

1188, Outubro, 3 – *Finto dos tesouros da Sé de Viseu*

IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 7.

Era .M^a.cc^a.xx^a.vj^a. Feria .ij^a. iij. dies andados de october. dedit dominus ¹² *iohannes episcopus uisensis*. & prior .{F}. & omni cōuentu. ad sueriu menēdiz. ¹³ thesaurū *ecclesie sancte marie*. In primis de uetero thesauro .iij. dalmati¹⁴cas. & .j. roca. & .ij. casulas de sirico. & .vij. capas de sirico. & .i. frōtal. ¹⁵ de anamader. & .ij. stolas uedras. & .iij. manipulos. uedros. & .iij.

Notícia de Vermudo Guterres, IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, nº 28

acil⁶taras. & .j^a. bona de pallio. & .ij. rotas. & .vj. cītas de sirico. & .vi. de lino
⁷ & .v. camisas. & .x. amictos. & .vij. fazergéés. & .j^a. casula de fustā. & ⁸ .iij.
 sauaas. & .iiij. oraes uedros. & . & .ij. almageres. & .j. turibulu. & .ij. ⁹ arcas.
 de uirtutibus. de almafi. & .j^a. petra de cristallo. & .iiij. corporaes. & .j^a. ar¹⁰ca
 frācisca. & .j. biblioteci ī duos volumes. & .j. comitū. & .j. moraliū. ¹¹ & .j.
 ātifonariū. & .ij. officiales. & .j. flores martyrurum. & .j. sacramentorum. ¹² & .j.
 euangeliurum. & .j. epistolarū. & .j. missaio. & .j. costume. & .ij. ¹³ proces-
 sionarios. & .j^a. crux de plata. & .j^a. de lignū domini. & .ij. ¹⁴ calices de plata.
 & .ij. cādeleiros. de ferro. & .iiij. de ere ¹⁵ & .ij. amitras uedras. ¹⁶

Et istud est fintū de thesauro nouo. quod fecit dominus iohannes
 uil¹⁷ensis episcopus. & ī diebus suis adquisiuit cū adiutorio cleri. ī primis
¹⁸ .iiij. dalmaticas. & . viij. casulas de sirico. & .j. de fu<---> ¹⁹ & .viij. capas de
 sirico. & .j. frontal de auro. & .j. de <---> ²⁰ & .ij. de sirico. & .j. de lio nigro . &
 .viij. stolas. & .vij. mal²¹nipulos. & .ij. cītas de sirico. & .j. de ex<--->ga. & .iij.
 camisas. ²² & .viij. amictos. & .viij. facergéés. & .xviij. sauáás. & .j. ²³ turibulo
 de plata. & .ij. arcas de esmaldo. & .j. de almaf<i> ²⁴ & .j. de aurada. & .ij.
 amictas. & .vj. palas. & .iiij. corpol²⁵raes. & .v. arcas frāciscaas. & .j. crux

de plata. & .iiij.²⁶ de esmaldo .& .j. de lignū domini. & .iiij. calices de plata ²⁷ & .j. de plata. cū pede de stagno .& .ij. cādeleiros de plata ²⁸ & .iiij. de esmaldo. & .ij. ditagos de esmaldo. & .iiij. lâpadas ²⁹ de plata. & .ij. cātarios de plata. & .j. boa taza .& .ij. aquas ³⁰ manil. & .j. ceruelio. & .j. bacia. & .j. tabula de super altare ³¹.& .j. obradeiras. & .ij. sacramentorum libros. & .ij. euangeliarum ³² & epistolarum. & .ij. officiales. et. .j. breuiariū. ī duos uol³³lumes. & .j. psalteriū. & .j. passionariū. & .j. sētēcias ³⁴ & .j. decretos. & .j. boo missal. misticu. & .v. signos ³⁵ & cāpanas. iiiij^{or}. & .j. baculo de auratu. & .j. de almafi ³⁶ & .iiij. volumes de biblioteca noua. & .j. castizal ³⁷ grande de ferro. & .j. plumazo. ³⁸

Et est ī troncoso .i^o. calice de plata. & tota uestimenta cū ³⁹ stola. & manipulo. & .j. frontal de sirico. & .j. sauua.

B3

s. d. – *Manda de D. Pedro Alvites*

IAN/TT, Colegiada de Guimarães, maço 4, n.º 46

Hec est mada de domino petro aluitiz ī primo ad sanctam mariā ² de uimaranis ipsū casale de trepecido quod iacit pro xxx. /iiij/ mr. /ad priorē de uimaranis & meū lectū/ ³ aus clericos de uimaranis .v. {mr}. a dō rogel .v. {mr}. a buiru ⁴ dous casales #a# laias quod fuerunt de sächola. ad hospitalē de uimaranis ⁵ unū casale j laias quod fuit de domino mozo ī quo mora pelagio. ⁶ ad gafos de uimaranis ipsū aliū casalē quod teneo de dō mozo ī quo mora ⁷ petrus maurus <&> sua mater de petro mauro. a menēdū diaz unū ⁸ casale de morteira de duobus o melior. a martino diaz aliū casal⁹lē ī mortaria. a dona uida ipsū casale quod fuit de petro reinaldiz ¹⁰ & teneat illū ī uita sua & post mortē suā reliquat illū meis filiís ¹¹ de dona anaix. a caluo de rua de gatos .j. {mr}. de deuida. a <Pel nuu> ¹² das <p.uadas> .ij. {mr}. de deuida <ad sanctum pelagiū .j. {mr}. ad sanctum iacobū ¹³ de uimaranis .j. {mr}. ad pōtē de limia .v. {mr}. a mea suprina maria diaz ¹⁴ .v. {mr}. īter illā & suo filio. a <oleiro> .iiij. {mr}. a bragáa .ij. {mr}. a filia. ¹⁵ de <egio> .j. {mr}. & non teneo ¹⁶ illā pro filia. a ^fuprina^ a unā que iponebant mihi ī lobaria .j. {mr}. & non teneo ¹⁷ illā per filia ad meū filiū martino petri. & ad suā germanā maria petri. ¹⁸ quanta herdade habeo ī arones & quantū habuit maria petri ī casamento ¹⁹ det īde totā medietatē <a g> martino petri. & quantū departj filíjs meis de dona ²⁰ anaix ī uita mea corā priore & corā bonos hominibus ita cōcedo ad meam mortē. ²¹ a hospitalē de iherusalem .j. casal. j laias j quo mora petrus mauro. ad oneguina ²² quantū habeo ī sãdi & post mortē suā relinquat eā suis filiís scilicet petro ²³ menēdi. & lobo menēdi. & orraca menēdi. & non habeat potestatē uēdēdi ²⁴ nec ipignorandi eā. ad costā mediū de uno #quod# molino quod habeo cū illis ī ripa de selie ²⁵ ad lobo menēdiz unū casale ī caidi j quo mora martinus menēdiz. ad petrus ihoannes. & a ih{oannes} ²⁶ ouequiz unū casale ī astrufi ī quo mora petrus porrina. #petro sordelino e su.<> g.<> ²⁷ ii. {mr}.#

Nómina de Pedro Viegas

IAN/TT, São João Baptista da Pendorada, maço 12, n.º 3

Escrito de Pato Soares,

IAN/TT, Colegiada de Guimarães, maço 4, n.º 45

Grupo C**C1**

s. d. – *Escrito de Paio Soares*

IAN/TT, Colegiada de Guimarães, maço 4, n.º 45.

Hec est scriptū quod fecit dominus pelagius suariz. de auer que dedit super hereditatē. Jn primo ad sua germana elui²ra suariz & suo marido pelagio ^huariz^ super hereditate de laurdelo per ipsū casal da nugeira que era inde sua a sesta dedit .iiij. morabitinos. & per ipsa octaua do casal dantoina .viiiij. moRabitinos³ & super hereditate de eluir suariz in ruuianes por tercia de uno casal .iiij. moRabitinos & super a peza do câpo da presa que fer ī lama darca .ij. moRabitinos. Et super ipsa quintana de ruuianes dedit pelagio suariz⁴ a suos sobrinos. egas pelaiz. & martinus pelaiz. & s/v/eiro pelaiz .xv. moRabitinos. Et super ipsa hereditate de maior moninz in ruuianes quanta ibi habebat .xx. Morabitinos. Et super ipso casal⁵ de campo que fuit de gomez nuniz dedit pelagio suariz a pelagio oriz .xx. moRabitinos. Jn ribas per ipsos casales da torre dedit pelagio suariz a pelagio óriz .xx. moRabitinos. Et super

ipsa hereditate de ribas ^{l6} de sancta maria de biadi per quanta ibi habebat biadi. dedit pelagio suariz a petro moninz .xviiiij. moRabitinos. Super hereditate de golodo gomez ī ribas .viiij. moRabitinos por quanta ibi habebat. Et ipso casal ^{l7} do barrio que tenia gomez nuniz deu a pelagio suariz as quinque quintas por .v. morabitinos. & isto auer fuit dado de ianeiro in ianeiro.

C2

1184–Nómina de Pedro Viegas

IAN/TT, São João Baptista da Pendorada, maço 12, n.º 3

Hec est nomina de petro uenegas que facit de sua manda & de suas debitas uno casale ī eruilaes a santa maria de taroucela cū hocto morabitinos qui ibi debet dare. uno casal ī uilar ^{l2} dau. ad santus ihoannes. habet dare: VIII. morabitinos. ad petrus n/o/geira. Mādo que se soluat dos casalels dortigosa. a goāne moniz. I. morabitino. a mendus petriz de casal de gimara .i. morabitino. Menendus ^{l3} pelagiz filio de pelagio mouro .j. morabitino. a petrus aluitiz .x. libras de pã. A maria bela .iii. soldos de pam. Dous soldos de dinarios a me#.no cōlaco petrus uermuiz. Jhoane petrici que fecit ^{l4} petrus uenegas. ^crisxtiano^, que li seruiat ī uita sua. post obitū suū benedictū adeo. E quiquid remādauerit sid maledi/c/#l#tus Escomunicatus. E cū iudas traditore ī inferno danat</us/>. ^{l5} Jsta hereditate dortigosa laxo a mia mater que soluat mias debitas. ist(t)as debitas soltas. fique a hereditate a mia mater. ī uita sua. ad obitū suū. mādo a fratribus meis. que nūquã habeat ^{l6} potestatē. ne/c/ uendere nec īpeniorare. nec hereditare filioS nec filias qua*n*do fuerint fratribus meis occidere. #d# Mando duos casales. a santo ihoanne. Os que mig/u/ [hæsséron] da quintana ^{l7} jno casale que parti cō ramiro uenegas. ī ortigosa. Mando ospital. A dona toda de barios .x. libras de pam. Era M^a CC XX .II. ^{l8} A iohanne michaeiz .i.º. morab. ^{l9} Jnista hereditate que ego mando pro anima mea & a meos iermanos. meo #s# amo & meos conlacos si illa uoluerint morar. que nūquam [éssént] de illa iactados sed iactēt alios de illa pro illos <a uermudusoriz L solido/s/> ^{l10} a mea mater que de a meo amo una capa per singulos annos

C3

s. d.–Carta de foro da Benfeita.

IAN/TT, Cabido da Sé de Coimbra, maço 8, n.º 42

* Este estudo insere-se no projecto *Primeiros textos românicos* subsidiado pelo MCYT (cód.: PB97-0520).

In dei nomine. hec est carta qui ego mãdei fazer Xusana Fernãdiz. a u/o/bis /meis/ homine/s/ |² de bẽfeita. de foro qui mihi destes senper mãdo uobis inde toler quinta |³ de pã e de uino propter amorem dei & per bonum seruicium qui me fel⁴cistis senper. qui n[on] haberet panẽ aut uinũ de suis laboribus de iugada |⁵ de bouuis. de /III/ quarteiros. sine quinta. de sua uinea {quẽ} laborar. de /I./ puzal de uil⁶no sine quinta quẽ si quiser fazer uinea nouua de .I. #...# foro. de |⁷ <.I.> puzal de uino. Termini de bẽfe<i>ta sunt isti. da portela du tral⁸uazu cumu uai a turrĩ & per lus algares. & la cabeca de |⁹ mõte redũdu. & per la cabeza de argaraz & cumu parti per |¹⁰ padruzelus. & ãde per la lũba de moura en prono. & ãde cumu |¹¹ parti perla cabeza de chamua. & per lu se/i/xu de bilidu & parti |¹² per la aquã de sa<k>alina & ãde ala Foz du trauazũ cumu |¹³ uaj ala purtela

C4

s. d. – *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*

IAN/TT, Mitra de Braga, maço 1, n.º 26/A

Ego gomenze pelaiz facio a tibi irmano. meo ramiru pelaiz |² isto plazo ut non intret meo maiordomo inilla uilla |³ super uostros homines deslo mormuiral. & de inde ãtre as cal⁴ sas dousenda grade & deluira grade. & ãde pora pena lõga |⁵ & de ista parte perilla petra cauada de sueiro ramiriz |⁶ dou uobis isto que seiades meo amico bono. & irmano bono |⁷ & que adiuderis me contra toto homine fora el rei & suos |⁸ filios. Et si pelagio soariz. ou menendo pelaiz. ou uelas⁹co pelaiz. ou petro martiniz. Daquele que torto fezer a dõ |¹⁰ ramiru. ou a don gomeze si quiser caber en dereito & se |¹¹ non aiudarmonos contra illos. Des illo mormoiral ata |¹² en frojom non lauer [iure] malaDos ergo illos que abet hodie |¹³ fora se ganar herdade de gaualeiros ou de engeoida. Et ã |¹⁴ uostra herdade habet tal foro quale dóspital. Et herdade |¹⁵ for de penores & ibi morar suo dono dar calupnia & fosadei|16ra & si se for dela abere tal foro quomodo ^uostros^ herdades. |¹⁷ Se [homenem] entrar enaquela uila que torto tenia a dõ go|¹⁸meze dar dereito dele si seu for de don ramiro {quen} de fora ue|¹⁹nia. Et {quen} isto plazo exierit ad uos ramiro pelaiz se erar |²⁰ coregelo & se non #q# uoluerit peitar quinientos soldos. |²¹ jsto pleito est taliado de isto maio q[ue] uenit ad .ijs. anos

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

SIGLAS

- ADB = Arquivo Distrital de Braga.
- AHN = Archivo Histórico Nacional (Madrid).
- DP = *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares*. Volume IV. Tomo I. A. D. 1116-1123. Edição de Rui Pinto de Azevedo e Avelino de Jesus da Costa. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1980.
- DR = *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Volume I. *Documentos dos Condes Portugueses e de D. Afonso Henriques A. D. 1095-1185*. Edição de Rui Pinto de Azevedo. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958-1961.
- DS = *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*. Edição de Rui P. de Azevedo, Avelino de Jesus da Costa e Marcelino Rodrigues Pereira. *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*. Vol. I. Universidade de Coimbra: Coimbra, 1979.
- IAN/TT = Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo (Lisboa).
- LC = *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição por José Mattoso. In *Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série*. Vol. II (Tomo I e II). Lisboa: Academia das Ciências, 1980.
- LD = *Livro de Linhagens do Deão*. Edição por Joseph Piel e José Mattoso. In *Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série*. Vol. I. Lisboa: Academia das Ciências, 1980.
- LF = *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*. Edição por Avelino de Jesus da Costa. 3. vols. Braga: Assembleia Distrital, 1965-1990.
- LS = *Livro Santo de Santa Cruz (cartulário do séc. XIII)*. Edição por Leontina Ventura e Ana Santiago Faria. Coimbra: INIC, 1990.
- LV = *Livro Velho de Linhagens*. Edição por Joseph Piel e José Mattoso. In *Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série*. Vol. I. Lisboa: Academia das Ciências, 1980.
- TF = *Tumbo de Fiães*. Edição por Xesús Ferro Couselo. Introducción, edición e índices de Aser Angel Fernández Rey. *Boletín Avriense*, Anexo 20. Ourense: Museo Arqueológico Provincial, 1995.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Diogo Freitas do. 2002. *D. Afonso Henriques. Biografia*. Lisboa: Bertrand Editora [2000].
- CASTRO, José Ariel. 1997. Sancho e Teresa entre seus irmãos e na política de Afonso Henriques após o desastre de Badajoz. In *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimaraes*.

- rães. A política portuguesa e as suas relações exteriores* (2 vols.). Guimarães-Braga: Câmara Municipal de Guimarães – Universidade do Minho, vol. 2, pp. 289-317.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. 1990. Sobre o mais antigo texto não-literário português: a Notícia de Torto (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico). *Boletim de Filologia*, 31: 5-20.
- COSTA, Avelino Jesus da. 1992. *Estudos de Cronologia. Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*. Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.
- BAPTISTA, António José & Fernandes, A. de Almeida. 2001. *Toponímia de Ponte de Lima*. I. Levantamento Toponímico. II. Estudo Toponímico. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- DIÉGUEZ GONZÁLEZ, Júlio. 2000. *O patronímico na onomástica pessoal dos documentos notariais galegos e portugueses da Baixa Idade Média (1250-1500)*. Tese de doutoramento (inédita). Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.
- DUARTE, Luís Fagundes. 1986. *Documentos em português da Chancelaria de D. Afonso II (Edição)*. Dissertação de Mestrado (inédita). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- EMILIANO, António H. de Alburquerque. 2001. Sobre a questão d' «Os mais antigos textos escritos em português». In I. de Castro e Inês Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos oferecida a Maria Helena Mateus pela sua jubilação*. Lisboa: FLUL (www.fl.ul.pt).
- FRANK, Barbara & Hartmann, Jörg. 1997. *Inventaire systématique des premiers documents des langues romanes* (5 vols.). Tübingen: Gunter Narr Verlag, vol. 1.º
- GOMES, Saul António. 1995. A população e o povoamento de Leiria do séc. XII ao XVI. Separata de *Leiria-Fátima*.
- LIRA, Sérgio. 1993. *O Mosteiro de S. Simão da Junqueira (dos primórdios a 1300)* (2 vols.). Dissertação de Mestrado (inédita). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LÓPEZ GARCÍA, Ángel. 2000. *Cómo surgió el español. Introducción a la sintaxis histórica del español antiguo*. Madrid: Gredos.
- MACHADO, José Pedro. 1993. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte [1984].
- MAIA, Clarinda de Azevedo. 1986. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC.
- MARTINS, Ana Maria. 1994. *Clíticos na História do Português. Apêndice Documental*. Dissertação de Doutoramento (inédita). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria. 1999. Ainda «os mais antigos textos escritos em português». Documentos de 1175 a 1252. In Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 491-534.
- MARTINS, Ana Maria. 2001. Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis. In M. H. Mira Mateus (org.). *Caminhos do Portu-*

guês. *Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas. Catálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 23-71.

MARTINS, Ana Maria. [no prelo]. A emergência do português escrito na segunda metade do século XII. In R. Alvarez Blanco, A. Santamarina, orgs. – [Homenagem a Fernando Tato Plaza]. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega.

MATHIAS, Mário 1940. *Subsídios. A Comarca de Arganil [1939-1940]*. <http://benfeita.plane-tacliix.pt/sbsidios.htm>.

MATHIAS, Mário 1961. *A Benfeita na documentação medieval. Notas históricas*.

MATTOSO, José. 1981. *A nobreza medieval portuguesa – a família e o poder*. Lisboa: Estampa.

MATTOSO, José. 1982. *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores.

MATTOSO, José. 1985. *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325*. Vol. I-oposição. Vol. II-composição. Lisboa: Estampa.

MATTOSO, José. 1993. Grupos sociais na Fronteira Portuguesa. Séculos X a XIII. In *Aragón en la Edad Media. La sociedad de frontera en la España medieval. Sesión de trabajo. II Seminario de Historia Medieval*. Zaragoza.

PIZARRO, José Augusto Sotto Mayor. 1997. *Linhagens Medievais Portuguesas. Genealogias e Estratégias (1279-1325)*. Dissertação de Doutoramento em História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras do Porto.

RAMOS, Cláudia Maria Novais da Silva. 1991. *O Mosteiro e a Colegiada de Guimarães: ca. 950-1250*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras.

RIESCO, Ángel. 1987. *Paleografía y diplomática*. 2 vols. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.

SANTOS, Maria José Azevedo. 1994. *Da visigótica à carolina. A escrita em Portugal de 882 a 1172*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

SOUTO CABO, José António. 2002a. Fixação e evolução dos usos romances no séc. XIII: a documentação de S^a M^a de Alcobaça. Separata da *Homenaxe a Fernando Tato Plaza*. Santiago: Faculdade de Filoloxía – Universidade de Santiago de Compostela.

SOUTO CABO, José António. 2002b. Usos romances na documentação galego-portuguesa do séc. XIII. In B. Head, J. Teixeira, A. S. Lemos, A. Barros, A. Pereira (orgs.).

História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro. Braga: CEHUM – Universidade do Minho, pp. 435-448.

SOUTO CABO, José António. [no prelo]. Dinâmicas da escrita romance na primeira metade do séc. XIII: âmbitos diplomáticos e modelos scripto-gráficos. *XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, 2-4 de Outubro de 2002)*.

VENTURA, Leontina. 1992. *A Nobreza de Corte de Afonso III*. Dissertação de Doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Faculdade de Letras.

O q é q é + importt n1 msg?

(Mensagens SMS e novos usos da escrita)

JOSÉ TEIXEIRA
(ILCH – Universidade do Minho)
jsteixeira@ilch.uminho.pt

ABSTRACT

Given that SMS writing truncates words, uses multiple and different abbreviations for messages, makes use of half-Portuguese and half-English words, how can language teachers deal with this kind of junk?

We propose the possibility of using the notion of «language register», now commonly used (almost always) for oral contexts, for writing skills. The concept of **writing register** can turn out to be didactically useful, to the point of allowing the teacher of language not to exclude from the class room context one of the modes of writing that students nowadays most often use and to take advantage of the fascination and use of SMS to work in one of the areas that apparently students most often «violate»: formal writing. Instead of exorcising the most diverget (or creative?) mode of writing it would be better to show that the different contexts of communication admit different procedures and that for tradicional **language registers** technology imposes different **registers of writing**.

Key words: standard language; writing (forms and registers); oral language; language registers; SMS (messages)

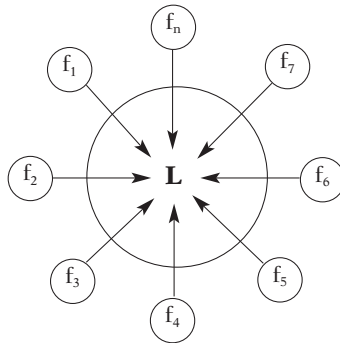
1. A língua que tem interessado à Linguística

«A *linguística* tem por único e verdadeiro objecto a *língua encarada em si mesma e por si mesma*.» É com este celebérrimo epitáfio (vincado em itálico) que termina o último parágrafo da última página do último capítulo da obra que costuma ser apresentada como o (ou um dos) pilar(es) da Linguística moderna: o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Pretenderam os autores materiais da obra fornecer a linha de orientação geral que haveria de mudar os vectores de

estudo e os rumos da nova ciência a constituir-se: a Linguística teria de crescer como uma ciência social, já que o fenómeno linguístico que deveria abordar deveria ser perspectivado como actividade social. A individualidade e particularidades do(s) uso(s) concreto(s) – a *parole* – ficariam fora da verdadeira Linguística – a Linguística da «*langue*».

O estruturalismo linguístico parte precisamente daqui como base inquestionável. De todas as fatias que ficaram, depois de Saussure ter dividido dicotomicamente o fenómeno da linguagem verbal, só uma foi praticamente expulsa na quase totalidade: poderá haver uma linguística da sincronia e uma linguística da diacronia; as relações associativas interessam tanto à Linguística como as sintagmáticas. Mas à fala, à *parole* saussureana não é atribuível papel de verdadeiro objecto da nova ciência a construir. O que interessa é o modelo que é suposto todos seguirem. Desta forma, os usos concretos são vistos como tentativas de uso/imitação do modelo colectivo e assim sendo, à ciência interessará descrever o modelo e não as tentativas individuais diferenciadas.

Num esquema ilustrativo, o círculo central «**L**» representará a idealização do modelo «Língua», enquanto as figuras que o cercam representam as tentativas cheias de «imperfeições» das várias «falas» (f_1 - f_n) em imitarem **L**:



Assim, à língua da Linguística interessarão apenas os mecanismos padronizados que no seu conjunto constituem as regras da norma da língua-padrão.

Como é evidente, o estruturalismo aceitava que não era possível observar o modelo **L** (língua) e que só lá se conseguiria chegar através das várias «falas». Só que isto traz um problema metodológico: se se quer elaborar **L** a partir de f_1 - f_n , tem que se decidir o que é que em f_1 - f_n faz

ou não faz parte de **L**. Por outras palavras, se em f_1-f_n se encontrarem duas regras alternativas uma da outra, qual é que deve ser considerada a de **L** e qual a que deve ser vista como particularidade não pertencente ao modelo colectivo mas devida à especificidade individual da fala? E a resposta tendia a identificar o modelo da Língua com a tradição da norma. A pressuposição de que o critério era o estatístico (do género «é da norma o que a maioria dos falantes utiliza») é uma falácia que não resiste a uma simples análise superficial: em que língua se fizeram estatísticas para decretar as regras da norma? E assim, por muito que a linguística estruturalista sempre se tenha reclamado não subservente em relação à norma linguística, as suas finalidades sempre foram desaguar na língua enquanto «estrutura»/modelo colectivo padrão. As noções de «erro», «desvio», «variantes» comprovam-no.

À primeira vista, o generativismo ao valorizar a competência e o desempenho do falante pode parecer ter recuperado a «fala» que o estruturalismo europeu arrumara. No entanto, na prática, a chamada «intuição linguística do falante» paradoxalmente só era válida se o linguista a aceitasse como tal. Caso contrário, punha-lhe um asterisco (uma espécie de estrela de David em ponto pequeno...) e a forma era «não-gramatical» ou «não-aceitável». O ideal era ainda o mesmo: construir um modelo (generativo) das formas aceitáveis¹.

Por estas e outras razões, a Linguística nunca se interessou especificamente pela língua enquanto uso real, pelos actos linguísticos mais fundamentais, mais comuns e os únicos que verdadeiramente todos os falantes utilizam: a comunicação verbal na oralidade. Na prática foi a escrita a matéria de que a Linguística se serviu, quase em exclusivo, para as suas buscas, as suas análises e as suas teorias. O exemplário que serve de base de análise (ou *o/s corpus/corpora* que se vai vendo) é invariavelmente constituído por frases habitualmente de contexto não real, mas inventadas pelo linguista e inevitavelmente obedientes aos códigos do registo escrito. Por isso, como alguém disse, a Linguística tem sido uma espécie de Botânica que se tem dedicado a estudar ... flores de plástico.

Deste modo, a língua que tem interessado à Linguística tem sido sobretudo a língua padronizada, a língua enquanto modelo, o algoritmo de cada língua particular e, idealmente, até, na perspectiva generativista, um possível sistema universal. Os actos linguísticos

¹ Recorde-se que o ideal da Gramática Generativa e Transformacional (pelo menos na sua fase clássica) era construir um modelo de geração de frases que gerasse todas as frases aceitáveis de uma língua e não gerasse frases «inaceitáveis».

concre-tos, apenas se filtrados pela normatividade (identificada com normalidade) da escrita. E se não se pode questionar que estes são os âmbitos mais nobres e mais atractivos do fenómeno linguístico, também não deixa de ser verdade que uma ciência deve estar aberta à totalidade da realidade que investiga e não apenas a uma parte, por muito aristocrática que seja. Não se podem idealizar os fenómenos: a ciência tem que, na medida do possível, observar o observável e não observar o que antes idealizou.

2. A língua que a escrita espelha

Embora a escrita possa ser vista como o retrato da língua, é sempre um retrato retocado, que limpa os actos orais de muita, muita coisa que os caracteriza. Por isso é que quando a escrita pretende representar verdadeiramente a oralidade, dificilmente o consegue. O texto fica esquisito, «feio», menos «nobre» que o texto escrito habitual. Fica mesmo repleto de incorrecções linguísticas. Acabará sendo um texto semeado de estrelinhas ou asteriscos da agramaticalidade. Veja-se, a título exemplificativo, um excerto da transcrição de um registo oral (o entrevistado tem 20 anos e possui o bacharelato):

→ portanto, pertences a um... grupo de futebol, tens os treinos mais ou menos diários, é?

→ sim. normalmente. depende de, vá, da qualidade do clube, do cal[...], da qualidade do campeonato que está a disputar.

→ hum, hum, hum, hum. e esse treino, portanto há uma parte que é mesmo igual para todos, então, não é?

→ é. há o treino conjunto que é

→ ah, pois. [...]

→ pois, futebol. e há o treino técnico específico, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos, e depois há outro treino técnico mas... de, da própria técnica em si, tipo aquilo que eu lhe disse há bocado

(Nascimento, «Jogar futebol», CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*)

Mas nem esta transcrição retrata fielmente o registo oral, estando já ela normalizada e simplificada ². Ora isto não é um «defeito» da

² Como se pode comprovar nas «Normas de Transcrição Utilizadas» publicadas no próprio CD-ROM (Nascimento 2001)

escrita. A escrita não existe para espelhar a nossa comunicação linguística. Sendo esta essencialmente oral, só a própria oralidade é a oralidade. A escrita é uma sublimação da oralidade. É a oralidade refletida, trabalhada sempre, mais ou menos, artisticamente.

A própria história da escrita é, sobre isso, sintomática. O sagrado («hieroglífico», no sentido primitivo) e o artístico estão desde as origens indissociavelmente ligados à escrita, tanto egípcia, como chinesa ou árabe. Ainda hoje, as centenas de tipos de letra que podemos ter à nossa disposição num qualquer processador de texto não existem só por razões práticas, mas estéticas.

A escrita é o espelho que olha para a língua e que lhe apara as imperfeições. E só neste âmbito é que deixamos que ela exista. As repetições, os truncamentos, as não concordâncias, as elisões e todos os «defeitos» da oralidade não podem reflectir-se na escrita.

3. A dessacralização da escrita

Assim sendo, a língua da escrita não se poderia comparar à língua real. E se a esta a tradição pedagógico-gramatical admitia variações e níveis, conformo os contextos situacionais e pessoais do falante (assim os conceitos de linguagem coloquial, linguagem familiar, linguagem formal, etc...), à escrita não é admissível que não esteja sempre na forma ideal. Isto levou a que a escrita fosse sempre identificada com as realizações ideais dos actos linguísticos e por isso, ela própria, teria que estar no mesmo patamar de exigência. Não seriam possíveis, por isso, «níveis de escrita», já que ao contrário do que acontece na oralidade, no processo gráfico não são admissíveis os «defeitos da oralidade (cortes, repetições, não concordâncias, elisões, ...). Por isso, se numa mensagem oral é sobretudo no conteúdo comunicativo que reside a motivação primária, num texto escrito a forma pode contar tanto ou mais do que o conteúdo. Aliás, usualmente é isto mesmo que acontece. Não é por acaso que o domínio das técnicas e das formas da escrita sempre foi um sinal de prestígio social e que a tradição cultural sempre fez da literatura (que assenta na(s) forma(s) da linguagem escrita) o alicerce da educação escolar.

Consequentemente, mais do que espelhar a oralidade da linguagem verbal, o processo gráfico destinou-se a ser um meio excepcional de comunicação. Ao princípio dominado e exclusivo de elites reduzi-díssimas. No percurso de três a quatro mil anos que já leva, só nos últimos duzentos é que começou a ser popularizado. E nestes últimos

duzentos anos tem servido exactamente para marcar a diferença entre o não escolarizado e o escolarizado e dentro deste grupo hierarquizar os níveis, graus ou patamares de escolarização, que o mesmo é dizer o escalão e estatuto social.

O processo altera-se radicalmente nas últimas dezenas de anos.

A primeira causa reside no facto de praticamente todos os falantes actualmente dominarem a técnica da escrita. O carácter «hieroglífico»/sagrado da grafia vai, pouco a pouco, sendo relegado para segundo plano. Este facto é visível, por exemplo, no decréscimo de importância que a escola (que reflecte a sociedade) dá ao desenho das letras da escrita. A «Caligrafia» (literalmente «escrita bonita») que era uma disciplina e um aspecto fundamental para o mestre-escola avaliar a qualidade do estudante vai gradualmente perdendo importância. O «não ter letra bonita» deixa de ser, na escola, altamente penalizador (mas ainda há poucas dezenas de anos o era!). A escola desinteressou-se do aspecto gráfico na comunicação escrita, de tal forma que mesmo aspectos fundamentais, como a legibilidade da mesma, são secundarizados. Mesmo em situações formais de escrita, como por exemplo num teste na Universidade, muitas vezes o aluno escreve com o mesmo tipo de letra com que tira apontamentos. É mais a-minha-letra do que letra-para-o-outro. Repare-se, a título meramente exemplificativo, numa palavra ³ que neste caso até não é difícil de conseguir ler:



«nomeadamente»

O que o leitor faz é «adivinhar» as letras: a segunda letra, embora sendo um «c» invertido é para ser lido como um «o», o que deveria ser o primeiro e o terceiro «m» são pequenos prolongamentos da primeira ou da segunda «perna» do «e», o «m» que inicia a sílaba tónica não existe, o «d» também poderia representar «cl» e no «t» o travessão característico é substituído por uma curva.

Aceitar a normalidade deste processo gráfico (normalidade aceite quer por quem escreve, quer pelo leitor) significa exactamente que na grafia tudo é permitido desde que se atinja a finalidade da comunicação. Por isso é que o próprio sistema gráfico pode ser bastante alte-

³ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002).

rado e a escola «nem dar por ela»! Por exemplo, quando não se diferenciam maiúsculas e minúsculas. Há alunos que fazem todo o seu percurso escolar (ou pelo menos a última fase pré-universitária) escrevendo apenas em maiúsculas ⁴:

PARA O LINGUISTA COMPREENDER MELHOR A IMPORT
LÍNGUA, DEVE APONTAR A SUA ANÁLISE PARA
O DESTAQUE, POIS SÓ ASSIM INDEPENDENTE D
COMPREENDE O SISTEMA LINGUE DE CADA FALAN

Esta escrita nunca conseguirá representar oposições que a grafia oficial considera importantes, tais como a diferença entre nomes comuns e próprios (*o coelho* e *o [Sr.] Coelho*), a diferença entre realidades objectuais e entidades sociais (*a igreja branca* e *a Igreja*), a diferença entre a globalidade e a particularidade (*a linguística do autor x* e *a Linguística*) e tantas outras oposições que, por muito que se possa duvidar da sua utilidade fazem parte das regras do código escrito. Para além disso, ao não informar onde começa cada frase (uma das funções visuais mais importantes das maiúsculas na grafia manual), dificulta bastante o processo de leitura. E talvez seja por isso que, neste caso concreto, o escrevente faça coincidir frase e parágrafo, já que, por norma, não usa duas frases num mesmo parágrafo.

Ora se o aluno fez (com sucesso) todo o seu percurso escolar com esta escrita, é porque a escola a considerou adequada.

Desengane-se quem pensa que é apenas na contemporaneidade que as simplificações e as abreviaturas acontecem. Basta, por exemplo, uma visão, que nem é preciso ser muito profunda, aos pergaminhos medievais. É sintomático que na *Notícia do Torto* (o – ou um dos – documento(s) que inicia(m) a escrita conhecida em português) uma grande parte das palavras apareça abreviada. Só nas primeiras quatro linhas: ⁵

D[e] noticia d(e) torto que fecer(ũ) a laurēci(us) fernãdiz por plazo que
 fec(e) gōcauo
 ramiriz antre suos filios e lourēco fernãdiz q(ua)le podedes saber: e oue
 au(e)r d(e) erd[ade]

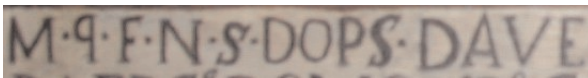
⁴ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002).

⁵ *Tempo da Língua – Imagens da História da Língua Portuguesa*, Instituto Camões (s/ data), pág. 19.

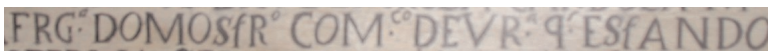
e d au(e)r tâto q(uo)me uno d(e) suos filios d aq(uã)to podese au(e)r de
 Bona d(e) seuo pater; e fio li os seu
 pater e sua mater. E d(e)pois fecer(ũ) plazo nouo e cõuẽ uos a saber
 q(ua)le: in ille seem

É curioso notar também que, tal como hoje acontece em muitas mensagens SMS, no *Testamento de D. Afonso II* (1214) todos os *que* aparecem abreviados em *q*.

Já mais próximo da actualidade, podemos encontrar na escrita popular dos ex-votos (quadros icónica e graficamente descritivos de um milagre atribuído a uma entidade religiosa) o mesmo princípio: o espaço da mensagem era curto (a quarta parte inferior do quadro) e por isso as palavras que pudessem ser abreviadas, eram-no muitas vezes. Aqui sim, podemos quase falar do advento das SMS: o número de caracteres era sensivelmente idêntico aos 160 das actuais SMS; era uma escrita nitidamente popular, com erros, registos regionais e linguagem muito próxima da oralidade; na mensagem, o conteúdo sobrepõe-se a quaisquer aspectos formais ou normativos; as fórmulas conhecidas e as palavras que se adivinhavam eram substituídas por abreviaturas:



M(ilagre) *q*(eu) *F*(ez) *N*(ossa) *S*(enhora) *DO* *P*(orto) *D*(e) *AVE* ... ⁶



FR(e) *G*(uesia) *DO* *MOS*(eiro) *COM*(elho) *DE* *V*(iei) *R*(a) *q*(ue) *ESTANDO*...

Mas o principal factor da actual dessacralização da escrita prende-se com o facto de se terem alterado os processos físicos da mesma escrita. Esta deixou de ser constituída por materiais físicos sólidos (sulcos na pedra, na madeira, na argila, tinta no papiro, no pergaminho ou no papel) e passou a ser constituída pela diferença de luminosidade apresentada por um ecrã: ao princípio a televisão, depois o computador e finalmente (por agora) o telemóvel.

⁶ Museu de Arte Sacra de N.ª Sr.ª de Porto D'Ave, Taíde, Póvoa de Lanhoso. O aparente «S» em *P*(orto) corresponderá à abreviatura *Pt* (=Porto) por um pintor talvez pouco alfabetizado.

É pacificamente aceite que os materiais que se utilizam na escrita acabam por influenciar todo o processo. Se o material é raro, de difícil execução (pedra, argila) ou caro (papiro, pergaminho) escrever-se-á menos, com mais cuidado, muito mais formalmente, já que o acto da escrita é especial, fica dispendioso e é apenas destinado a celebrar grandes momentos. Como é evidente, a simplificação do processo físico acaba por se reflectir na própria escrita. No entanto, esta simplificação nunca atingiu a vulgarização. Nem sequer com o computador, onde o texto escrito cumpre essencialmente as mesmas funções e se destina aos mesmos fins da forma clássica em papel. Aliás, a escrita normal num processador de texto destina-se habitualmente a ser impressa em papel.

O processo só se altera quando o texto escrito não se destina a ser imprimido. Isto começa com a troca de mensagens por correio electrónico, mas sobretudo com as mensagens de troca instantânea em tempo real em sítios da Internet (*chat(es)*). Mas será o telemóvel, em pouquíssimo tempo, a causar uma verdadeira revolução na área das comunicações interpessoais. Ao início, na área das comunicações orais, mas nos últimos anos no âmbito das comunicações escritas.

4. A especificidade das mensagens SMS

O telemóvel, que foi vulgarizado tendo por finalidade a comunicação oral, vem multiplicar por milhões uma nova dinâmica da escrita individual, constituída apenas por mensagens curtas com um máximo de 160 caracteres e designadas mensagens SMS ⁷. E por que razão este tipo de texto escrito se impôs tão generalizada e rapidamente, sobretudo entre a camada mais jovem, conhecida até aí pela sua aversão à

⁷ O surgimento das mensagens SMS (*Short Messaging System*) fica a dever-se a uma particularidade secundária das comunicações móveis. Para o bom funcionamento do sistema, é necessário saber sempre o paradeiro de cada aparelho. Assim, os engenheiros puseram cada telemóvel a emitir, segundo a segundo, um determinado sinal informativo sobre si próprio. A antena que melhor captasse esse sinal ficaria encarregada de fazer as ligações a esse aparelho. No entanto, a informação relativa a cada telemóvel ocupa poucos caracteres, restando a possibilidade de o mesmo ficar com cerca de 160 caracteres livres ainda para enviar. Foi a possibilidade de uso desses 160 caracteres que não acarretava praticamente nenhum custo para a operadora de telecomunicações que levou à divulgação generalizada (e lucrativa) das mensagens SMS. A título exemplificativo, refira-se que só num dia (24 de Dezembro de 2002) em Portugal foram enviadas 51 milhões de mensagens SMS!

escrita? Essencialmente porque a escrita SMS é radicalmente diferente da escrita tradicional que a mesma geração está a aprender na escola. E talvez seja por isso que a geração do predomínio da imagem e do oral se está a transformar naquilo que alguns sociólogos já chamam a «generation text»⁸. E são precisamente as características novas e diferentes que fazem das mensagens SMS uma das principais formas de comunicação social e mesmo a principal forma de comunicação escrita de uma determinada faixa etária.

A primeira diferença reside na instantaneidade do efeito comunicativo. Numa sociedade de mudanças frequentes e vertiginosas, a instantaneidade é um valor altamente atractivo. As mensagens SMS têm esta particularidade, sendo quase simultâneo o processo de escrita e a sua recepção. A escrita tradicional, ao contrário, demora muito tempo a atingir o receptor.

A regra de ouro de o processo de comunicação linguística assentar no máximo de eficácia com o mínimo de esforço favorece as mensagens SMS: quase não dão trabalho, não necessitam de elementos materiais físicos (papel, caneta) para além do próprio telemóvel e todo o processo é muito rápido, já que a escrita de uma mensagem gasta muitíssimo pouco tempo, ao invés da actividade custosa e demorada da escrita tradicional.

Com as SMS atinge-se facilmente o receptor pretendido. Não é necessária a «direcção» ou qualquer outro conhecimento sobre a localização de quem queremos que receba a informação escrita.

Um outro grande factor de sucesso das mensagens SMS prende-se com o cerne do funcionamento do próprio fenómeno linguístico: facilitar as interacções sociais. Sendo o discurso oral a forma clássica de interpelação pessoal, ele implica determinados códigos sociais ou sócio-linguísticos que restringem a possibilidade de comunicação. Não é «normal» e por isso não é muito bem aceite socialmente, alguém fazer declarações de amor, tentar meter conversa ou mandar piropos a pessoas com as quais não se tem algum conhecimento ou familiaridade. Muito menos se o emissor o tenta fazer com várias pessoas simultaneamente. Mesmo apenas entre duas pessoas mais ou menos desconhecidas, as tentativas de aproximação, através da interacção verbal, envolvem sempre uma componente de pudor que o face-a-face físico acentua. Eu, para saber a receptividade que o outro pode ter para comigo, tenho que me expor à sua presença. Ora as mensagens SMS alteram radicalmente isto tudo. Pode-se falar com o outro(a) sem

⁸ Ver *Expresso (Vidas)* de 20/7/2002, pág. 42-43.

nos expormos fisicamente; pode-se ocultar a identidade de quem envia a mensagem e podem-se contactar várias pessoas (quase) simultaneamente. Ou seja, as mensagens SMS embora escritas, não possuem as inaceitáveis limitações do clássico processo de escrita, possuindo todas as vantagens da oralidade sem os riscos da exposição pessoal. Assim como o catolicismo inventou, através da confissão onde o confessor e o confessando não se vêem, um processo em que o penitente expõe a sua interioridade a alguém sem o face-a-face físico, as mensagens SMS também permitem «confissões» íntimas sem o pudor da exposição física. Daí uma das causas do seu grande sucesso, sobretudo entre os adolescentes.

Uma outra possibilidade que as mensagens SMS oferecem é a de permitirem que o seu autor tenha acesso a meios de comunicação tão apetecíveis e com tanto prestígio social como as estações de televisão. Inúmeros programas de televisão (sobretudo os voltados para o público juvenil) passam em rodapé mensagens SMS. Ora «aparecer» na televisão é extremamente aliciante, mormente numa idade em que o dar nas vistas é prioritário. Conseguir que uma sua mensagem, com a sua identificação, passe num programa de televisão é ter a certeza que será lida por muitos milhares ou milhões de pessoas. Por isso é que são tão frequentes declarações de amor em mensagens SMS televisivas: o adolescente considera um enorme prestígio social «aparecer» na televisão e aproveita a oportunidade para cativar quem mais deseja.

Por estes motivos, porque são na sua essência diferentes das formas de escrita tradicional é que as mensagens SMS não sentem obrigação de cumprir os cânones normativos clássicos da língua. A única função é comunicar e não, como na escrita escolar, mostrar que se sabe comunicar através da escrita. A forma é totalmente secundária em relação à finalidade e ao conteúdo.

5. A Linguística e as mensagens SMS

Na continuidade de uma longa tradição em que à língua estudada na aula não interessa a língua da rua, o escrevente juvenil sente que a escola não tem nada a ver com a forma como ele escreve SMS. E então, nesta forma que considera própria, investe os sinais que considera de maior prestígio no acto de comunicar, entre os quais, frequentemente, a informação que domina (muitas vezes mais aparente do que realmente) a língua que está omnipresente nas suas actividades preferidas: o inglês. E assim, enquanto as SMS inglesas são escritas apenas em inglês, muitas das escritas na língua portuguesa acabam

por adquirir um hibridismo mais snobe do que criativo e que desfigura qualquer tentativa de uma construção morfo-sintáctica num português aceitável.

Perante este fenómeno, a escola pode tomar a atitude tradicional de considerar que a sua missão, no domínio linguístico, é a de apenas ensinar a linguagem escrita padronizada e que o verdadeiro fenómeno linguístico da comunicação do dia a dia não tem qualquer interesse. Mas talvez fosse uma atitude mais inteligente aproveitar a realidade para fazer pensar e entender o funcionamento das línguas em todos os seus aspectos: quer a língua formal das comunicações escritas tradicionais, quer a língua de comunicação não formal, habitualmente apenas oral mas que agora já começa a aparecer em tipos e formas especiais de escrita de que as mensagens SMS são um dos exemplos.

E se muitos adolescentes escrevem mais SMS do que tudo o que escrevem na escola, como é que o professor de língua poderia aproveitar a situação?

Pode objectar-se sempre que este fenómeno talvez seja passageiro e que outras formas imporão outras modas. Ora a ideia que se quer transmitir parte precisamente daqui: a língua arranja várias estratégias de comunicação e todas essas estratégias são «nobres». Se não no aspecto literário e normativo, em múltiplos outros aspectos através dos quais podemos compreender melhor e reflectir sobre o processo de comunicação das línguas desde a vertente interpessoal até à perspectiva sociolinguística.

Mas em concreto, se a escrita SMS trunca as palavras, usa abreviaturas múltiplas e diferentes de mensagem para mensagem, utiliza palavras meio portuguesas meio inglesas, como é que o professor de língua há-de tratar este entulho?

Apresentam-se numeradas, a seguir, como base exemplificativa, algumas mensagens SMS ⁹:

1. Oi Sol. És a melhor companhia. ... Bjo
2. OI SOL! ADORAVA Q ACTUASSEM EM PORTUGAL BRYAN ADAMS E BONJOVI, HÁ MUITO QUE NÃO VEM CÁ.BJOS
3. ... Sou maluka pelo clip e pela musica ...
4. oi ppl!! Eu curtia bue de ver o EMINEM actuar em Portugal. fikem bem! AMO-TE DIANA!
5. GOSTO MUITO DO SOL GOSTARIA QUE FIZESSE UM PROGRAMA DE MUSICA DE DISCOTECA AMO-TE MT VANDA.

⁹ Recolha feita em Agosto e Setembro de 2002 em dois canais de televisão por cabo. As reticências (...) indicam que a mensagem não foi totalmente transcrita.

6. Oi voces são os melhores ... Um jinho para ...
7. (Kika, Estoril) Nunca tive muito tempo separada de qq namorado meu...
8. Tudo bem pple?passem um special...
9. Oi ppl do sol! Gostava mt k passacem cenas d smoke city! Um bj mt grand pa td o ppl d telheiras!
10. O melhor vidio-clip do momento é korn, pf passem mais sobre eles. Parabéns a sol musica, 1 abraço p/todos vos.Amo-t liliana
11. ... odeio-t zezao, odeio-t duarte! Bedzos
12. Boas ppl do sol, ...
13. UM GRANDE BEIJO PRA TI ... ADORO-TE XAU
14. oi ppl!a minha banda preferida é ... podiam passar mais cenas deles. quero mandar um big kiss pro ANGELBOY e para o ppl do candal
15. ... tou com vontade de ouvir a musica ...
16. (Bé,Guimaraes) boas pobo!! So passei por aki pa mandar um beijinho a todas as girls k kurtem SLIPKNOT.. AMO-TE NOKAS!!
17. ... JINHOS ADORO-TE
18. ...a todos os motards ke estão...
19. ...o vosso canal é muito fixe...Bjos para o Mac
20. Oi ppl de coimbra...
21. GOSTO MT DO VOSSO PROGRAMA.ABRAÇOS PARA A UNIVERSIDADE DA CERVEJA.CURTO BUE DA WEASEL.
22. Oi ppl!o melhor video...
23. ... Bjx para todos os mkos e mkas que conheço!
24. ... jinhos silvy e um ola migos albertina mario
25. Oi malta, td bem, gostava ... Amo-te mt,mt,mt,mt ...
26. p mim a melhor banda ... bjs escaldantes p a catia
27. EI PESSOAS!
28. OI PPL DO SOL MUSIKA. MELHOR KLIP ...
29. APPOCALYPTICA FOI O MELHOR CONCERTO Q VG NA MINHA 1 QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA.MANDEM MSG MULHERES
30. até aqui no SOL MUSICA (17/8/02)
31. Oi ppl do c 21! por onde anda o ppl do xat, ... ? fikem bem. SLB4EVER
32. FCP 4 EVER. SLBS NÃO FALEM MAL DO FCP ... BJ P FCPS.
33. (CrAzYmAc amo te mto!jinhos fofos para o ppl da gaf.encarnação.
34. Ois o canal está excelente...
35. kika vê-se mesmo que não pensas. Desde quando é ke 1 jogador ...
36. OI PESSOAL DE PORTUGAL! O MELHOR VIDEO CLIP ..., PA MIM ...
37. Tass, curto mil o vosso canal mas era fixe que passassem bandas como... Abraços po ppl d covas!
38. Olá gosto mt de celin dion, adorava vela em portugal. A sol musica é baril, um beijo pra vos...
39. ... ELES ROKAM MEMO A FORÇA TODA!ABRAÇOS E JINHOX PO PPL DA AMUROSOSA
40. parabéns granda canal!Bj para o meu mor ...

41. OI PESSOAL DO SOL TD FIXE!GOSTAVA BUE VER UM ESPECIAL «SPLIPKNOT» PLEASE.
42. Oi people do sol, tudo bem?
43. Oi sol, ... adorei ve-los em paredes de coura.Beijos para todo o ppl k lá teve. 1 especial ...
44. OI PPL DO SOL! MANDO ESTA MSG PARA VOS PEDIR K PASSEM ...
45. KERIA DIZER AH FILIPA KE A ADORO!UM OLA PO PPL DE ALMADA
46. Oi ppl do Sol ! curto bués o vosso canal! curtia k passassem ...
47. O vosso canal é altamente...
48. Hail! ... Punk e grunge foreva... Ñ comercializem o punk.
49. ACHO Q ACIMA D QUALQUER SENTIMENTO ESTA A MUSICA POIS ELA ENVOLVE TODOS ELES.JÁ Q FUI INFELIZ N AMOR Ñ M PREOCUPO AINDA TENHO A VOSSA MUSICA
50. (Pika,Braga) oix ppl do Sol!passem... tou mesmo a precisar!passem-na hj.fiko a espera! AMO*TE MARIA JOAO!, 1 grande bj pra ti
51. Quanto aos 4-0 só tenho ama coisa a dizer-SCP 4EVER!!!podia ter levado 20 k eu NNK mudava pa SLB ou FCP!ser SCP é lindo!jinhox pás leoas
52. SLB's, FCP, SLB e SCP jogaram contra o CELTA!e so 1a ekipa ganhou!kem foi?kem havia de ser?SCP RULLEEZZZ!!!fikem bm e parem de tc mal do SCP!

Esta forma de escrita pode parecer estranha ao professor de língua, mas é altamente atractiva e prestigiante no seio do grupo no qual o adolescente se integra. Em vez de ignorar isto, a aula de língua poderia aproveitar a ocasião para fazer ver que uma língua tem mais do que um estrato ou nível e que cada um dos níveis tem a sua função comunicativa e social. Ninguém melhor do que o aluno para saber por que é que usa aquele tipo de comunicação linguística e não escreve como os autores dos textos que lhe apresentam na aulas. O professor deve, então, fazer-lhe ver que há contextos e finalidades sócio-linguísticas diferentes e que por isso mesmo devemos dominar mais do que um registo ou nível linguístico. Quando a escola não traz para a sala de aula os registos que realmente o aluno usa por os considerar sem interesse de análise e lhe apresenta apenas o registo ideal, quase sempre através do texto literário, faz com que o aluno fique com a ideia que a disciplina de língua da escola não tem nada a ver com a verdadeira língua que ele usa ¹⁰.

¹⁰ A ideia de que a língua real de comunicação do dia a dia não tem grande interesse, quer para a escola, quer para a ciência permanece nos alunos até à entrada na

É certo que a didáctica da língua, no percurso escolar do aluno, vai fazendo referências aos vários níveis de língua. Só que se entende sempre este conceito como referindo basicamente o nível da oralidade. Até ao aparecimento e uso generalizado das mais recentes formas de comunicação escrita (a chamada «conversa *on line*» e as mensagens SMS) o registo escrito coincidia com situações dotadas sempre de alguma formalidade e não presenciais entre emissor-receptor. Estas últimas formas de escrita alteraram o processo. E por isso talvez seja justificável que a noção de «nível de língua» com tendência a ser (quase sempre) identificado com certas situações da oralidade se possa aplicar à escrita. O conceito de **nível de escrita** poderá ser didacticamente útil na medida em que permite que o professor de língua não escorrace para fora da sala o tipo de escrita que os seus alunos mais utilizam. Só assim terá oportunidade não apenas de fazer com que se possa admitir dentro da sua especificidade este «nível de escrita», como, a partir dele, mostrar alguns dos aspectos do funcionamento da próprio sistema linguístico e mesmo até (embora talvez alguns puristas considerem isso escandaloso) corrigi-lo para o melhorar.

Por que não, para começar, tentar aportuguesar este sistema de escrita? Tal como existe, é uma miscelânea estranha, quer para o inglês quer para o português. O aportuguesamento poderia começar por um grupo de pronomes muito utilizado (*que, quem, qualquer, quando, qual*) e que enxameiam as mensagens de «kk», uma letra ainda um pouco estranha ao nosso alfabeto. Como se pode constatar nas mensagens recolhidas, ainda não há uniformização, chegando a mesma mensagem (35) a apresentar formas diferentes (entre parêntesis o número da mensagem):

que= k (9,16,43,44,46,51), ke (18,35,45), q (29,49,49), que (23,35,37)

qualquer= qq (7)

quem= kem (52,52)

Não seria melhor usar as formas *q=que, qq=qualquer, qm/qem=quem* graficamente muito mais ligadas ao processo normal da escrita?

Universidade, mesmo naqueles que vão estudar línguas vivas! Num pequeno teste diagnóstico feito aos alunos do 1.º ano dos cursos de letras da Universidade do Minho, em Outubro de 2002, perante a questão «O que pensa que a Linguística deve estudar?» diante de três opções, só cerca de 20% escolheu a opção «O funcionamento normal da língua do dia a dia». A maioria de 80% repartiu-se entre «A língua portuguesa correcta» (60%) e «A língua portuguesa correcta sobretudo a dos textos literários» (20%)!

Note-se o «prestígio» do «k» nas palavras *maluka* (3), *kurtem* (16), *Nokas* (16) e *KLIP* (28). Aqui não foi utilizado por uma questão de economia de caracteres, mas apenas para dar um ar mais atractivo (segundo uma determinada perspectiva, claro!) à mensagem.

É ainda a noção de prestígio linguístico que o inglês possui que leva a que, por exemplo, a forma mais frequente de tratamento seja *ppl* (= *people* 16 vezes) ou as variantes *ppl* ou por extenso *people*. As formas portuguesas *peçoal* e *malta* surgem apenas duas vezes e uma vez, respectivamente. As criações que usam números a valerem apenas pelo seu valor fonético e que o inglês internacionalizou são particularmente apreciadas: *SLB4EVER* (= *Benfica para sempre*, 31), *FCP 4 EVER* (= *Porto para sempre*, 32). Mesmo quando o conhecimento da língua inglesa é pequeno é grande o desejo de se mostrar a usá-la (*Punk e grunge foreva*).

Talvez a língua portuguesa não possibilite tanto como o inglês o processo de abreviatura. Veja-se um pequeno exemplo retirado de uma página da internete (www.transl8it.com) dedicada a fazer traduções automáticas entre SMS-inglês e inglês-SMS:

LO. Do U wnt 2 hav dinr w me 2nt? I'll buy som fresh, gud vegetablers & cook dem 4 U.	Hello. Do you want to have dinner with me tonight? I'll buy some fresh, good vegetablers and cook them for you.
wit a GSOH we wil b frNs 2gethR 4evR	with a good sense of humour we will be friends together forever
CUL8R @ 9 kul? Should b a gr8 mvie 2 c! l8r.	See you later at nine cool? Should be a great movie to see! later

É indubitável que este processo (simultaneamente criativo e simplificador da escrita), mais ou menos adaptado ao português, cativa uma faixa etária específica. O professor de língua não tem qualquer possibilidade de impedir o seu uso. Quanto mais mal disser dele, mais ele se torna atractivo como forma de identificação do grupo. Por isso, poderia ser uma atitude mais inteligente aproveitar o processo para explicar que a escrita das mensagens SMS não pode ser a escrita de um romance, de um artigo científico ou de um jornal: que uma língua procura sempre o equilíbrio entre um mínimo de «esforço» e um máximo de eficiência. Quanto mais se abrevia o sinal (neste caso a escrita) maior terá que ser o esforço de descodificação/compreensão e maiores as possibilidades de erro. Assim, se se escrever *td* (SMS25)

terá que ser quem lê a descobrir se é *tudo, todo, toda, todos* ou *todas*. E que se nas mensagens SMS isto não é um problema, noutro tipo de textos o é. É mais útil convencer o aluno que pode haver formas diferentes de escrita para situações diferentes de comunicação do que pura e simplesmente excomungar todas as formas que não se enquadrem no cânone tradicional.

Poderão as SMS serem um bom pretexto para se ensinar a relação (que parece óbvia mas não é) entre o plano gráfico e o plano fonético; que a escrita tradicional não tem como finalidade única representar os sons; que cada letra não representa um som e que cada som não é representado sempre pela mesma letra. Pode parecer incrível, mas mais de 90% dos alunos (de letras!) à entrada da Universidade não tem o conceito de consoante enquanto som da língua, mas apenas enquanto letra do alfabeto ¹¹.

A criatividade da abreviatura das SMS poderá ser também utilizada para referir processos morfológicos característicos do português. Apesar de no processo normal de abreviatura lexical o radical ser a parte estável e intocável, é curioso como uma das formas mais habituais de saudação de despedida (*beijinhos*) aparece várias vezes abreviada: *Um jinho* (6), *jinhos* (33), *jinhoz* (39). Por que não aproveitar para analisar a importância dos sufixos e o papel especial que tem o sufixo *-inho* em português? A noção de «diminutivo» que aparece tradicionalmente é —como as SMS o comprovam— muito pobre e redutora. A sua frequência, os seus valores semântico-pragmáticos são um caso especial no português europeu actual.

O professor de língua deverá fazer com que o aluno distinga, dentro das alterações feitas à escrita canónica, os processos criativos voluntários que uma escrita como a de SMS envolve, dos erros cometidos por ignorância. A SMS 38 poderia servir para exemplificar que *adorava vela em portugal* é diferente de *adorava vê-la em Portugal*. O contraste poderia servir ainda para referir a homonímia e a homofonia, por exemplo. Não será que a aula de língua se tornaria mais atractiva se se servisse dos materiais e dos interesses dos próprios adolescentes e os levasse a reflectirem mais e melhor sobre a totalidade do processo de escrita?

¹¹ Inquérito referido na nota anterior. Por exemplo, dizem que **pronunciam** duas consoantes na palavra *asso* e outras duas na palavra *acho*.

6. Torpedos e táticas

A característica metaforização do português do Brasil levou a que a palavra *torpedo* designasse um «bilhete enviado a uma pessoa determinada, em recinto público»¹². Hoje em dia aplica-se igualmente às mensagens SMS.

Na verdade, mais do que ser torpedo pela instantaneidade na comunicação, esta forma de escrita torpedeia o processo e o cânone gráfico tradicional. E não vale a pena fazer de conta que ela não existe ou que é um fenómeno insignificante. As operadoras de comunicações móveis sabem que um adolescente não precisa de muitos dias para escrever mil mensagens. No entanto, os professores também sabem a dificuldade que, por vezes, têm, em fazer com que os mesmos adolescentes, na escola, escrevam meia dúzia de frases.

A sabedoria oriental diz que para nos impormos a um inimigo não precisamos de ter mais força ou armas mais fortes do que ele, desde que consigamos usar a força e as armas que ele tem. O judo baseia-se neste mesmo princípio. Assim sendo, por que não aproveitar o fascínio, o interesse e o uso das SMS para trabalhar a faceta que aparentemente as mesmas mais «atacam»: a escrita formal? Em vez de exorcizar para fora da aula de língua a forma da língua escrita mais divergente (ou criativa?) seria talvez melhor mostrar que contextos de comunicação diferentes admitem processos diferentes e que para os tradicionais **níveis de língua** a tecnologia vai impondo diferentes **níveis de escrita**. Estas novas formas de escrita podem ser explicadas e orientadas pela escola ou então crescerem e desenvolverem-se caoticamente. A mesma escola pensar que as impede, é pura ilusão. Até porque as mensagens SMS são a resposta mais evidente àquelas teorias que duvidam que o que é mais importante numa mensagem é comunicar.

¹² Dicionário Aurélio.

FONTES REFERIDAS

AURÉLIO (Buarque de Holanda Ferreira), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (2.^a ed.).

NASCIMENTO, Maria F. Bacelar, 2001, (Coord.) «Jogar futebol», CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões, Lisboa.

QUERIDO, Paulo, 2002, «SMS, a nova categoria literária», in *Expresso-Vidas* (20/7/2002), pp. 42-43.

www.transl8it.com

A Escola tradutológica de Leipzig: testemunho de um colaborador não directamente envolvido ¹

GERD WOTJAK
(Universidade de Leipzig)

RESUMO

O artigo esboça os princípios mais importantes da «Escola traductológica de Leipzig» (que, aliás, nunca se tem proclamado como tal), através da perspectiva dum ‘acompanhante’. Focaliza, sobretudo, as contribuições de O. Kade, de G. Jäger e de A. Neubert, os representantes mais proeminentes desta escola, mas também de investigadores mais jovens que se juntaram em volta deles, ao desenvolvimento da traductologia, inserido nas teorias preponderantes da teoria linguística, disciplina-mãe para esta traductologia, entre os anos 60 e 90 do século passado. Baseia-se em trabalhos representativos desta escola, confrontando-os com desenvolvimentos mais recentes, em especial a «teoria skopos» e a «traductologia funcional», onde se salienta o carácter interdisciplinar e accional da tradução e a sua interrelação com a cultura. O artigo pretende mostrar que já nas investigações traductológicas da escola de Leipzig, baseadas no conceito fundamental duma equivalência comunicativa não obstante a divergência nos pressupostos de recepção entre os destinatários do texto original e os da tradução, se reconheceu a importância de aspectos socioculturais e cognitivos para a descrição do processo traductológico.

Palavras-chave: comunicação bilingue mediada; conhecimentos prévios; sozio-kulturelles Differenzial; equivalência comunicativa; kommunikative Angemessenheit; tradução; teoria de tradução.

0. Creio poder informar sobre esta corrente da teoria da tradução pouco conhecida em Portugal na medida em que, até à data, pouco ou quase nada se tem publicado sobre ela nem em português nem noutras

¹ Versão portuguesa de uma conferência proferida no âmbito do Centro de Estudos Humanísticos do Instituto de Letras da Universidade do Minho, em 26 de Novembro de 2001.

línguas, inclusive a alemã. O cenário mudou, em 2000, com a publicação do livro de L. Jung sobre esta Escola e temos conhecimento da conclusão, em 1999, de uma importante tese sobre as correntes tradutológicas apresentada por Ana Maria Bernardo na Universidade Nova de Lisboa. Creio que o posso fazer porque, ao longo de 25 anos, acompanhei os autores no seu percurso, participando nas reuniões de trabalho e nas discussões teóricas sem, no entanto, formar parte directamente do triunvirato dos autores que, com justa razão, configuram aquilo a que se tem chamado a Escola Tradutológica de Leipzig ².

0.1 O núcleo da Escola de Leipzig, como vamos chamar este grupo de linguistas interessados na descrição dos complexos e complicados fenómenos da tradução/interpretação, é formado principalmente pelos três seguintes investigadores:

Otto **Kade** ³, que defendeu em 1964 a sua tese de doutoramento sobre problemas fundamentais da teoria da tradução ⁴. Desenvolveu a sua concepção alargando-a fundamentalmente numa perspectiva comunicativo-semiótica da tradução, concebida como **comunicação bilingue mediada** destacando-se nos aspectos puramente linguísticos. Kade expôs o seu credo especialmente na sua segunda tese (Habilitation), concluída e publicada em 1980 ⁵, o mesmo ano da sua prematura morte.

Albrecht **Neubert**, anglicista, é sem dúvida o representante mais conhecido e internacionalmente mais reconhecido da Escola de Leipzig; acaba de completar os 70 anos e continua em plena forma, fazendo conferências, proferindo palestras e viajando pelo mundo inteiro; nos últimos tempos compareceu, junto a dois grandes nomes da tradutologia cujos apelidos começam pela letra «N»: Nida e Newmark, num colóquio organizado em Maastricht.

² Posso então tributar a minha homenagem sem me sentir envolvido, sem ter que falar *pro domo*; contrariamente ao que poderia parecer e a como muito elogiosamente considera o colega Jung no seu livro, sempre me mantive um tanto afastado deles, centrando-me nos aspectos linguísticos preliminares, dado que sempre me fascinou a semântica léxica (e obviamente a semântica textual).

³ Especialista em língua russa com experiência na interpretação simultânea: a sua aproximação teórica foi relativamente tardia e baseou-se na sua longa prática profissional.

⁴ Publicada em 1968 como número 1 dos anexos a «Fremdsprachen», dos *Beihefte*.

⁵ Ver para mais pormenores o número 3 das «Contribuições à translato-logia / traductologia» = *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*.

Neubert tentou sempre vincular a teoria com a prática da tradução e soube integrar nas suas investigações quer aspectos socioculturais e pragmáticos, quer as mais recentes descobertas da teoria textual.

Gert **Jäger**, que se reformou prematuramente em 1991, desvinculando-se, desde então, da vida académica e científica. Ele é, sem dúvida, o representante mais rigorosamente linguístico do grupo e, muito provavelmente, o responsável pelo facto de que alguns tradutores, que sublinham o carácter trans- ou interdisciplinar da tradução, como por exemplo Snell-Hornby em alguns dos seus trabalhos, ou Vermeer e os seguidores da *teoria de escopo (skopos)*, tenham silenciado os postulados de Leipzig ou os tenham rejeitado ou criticado (cf., por exemplo, R. Stolze 1994). Não é por acaso que os actualmente pouco partidários de uma aproximação linguística ao fenómeno da tradução, por exemplo Werner Koller na sua introdução à tradutologia, na versão actualizada de 1992, tenham em Jäger o ponto de referência: nomeadamente na definição da tradução como o resultado de uma transferência da língua L1 à língua L2, equivalente comunicativamente, distinguindo-se de uma adaptação sempre heterovalente.

Poderíamos acrescentar a este triunvirato o nome de Heide Schmidt, também especialista em russo, que se perfila como seguidora do pensamento de Kade e que tem sabido integrar aspectos novos. A nossa colega segue o enfoque teórico de Holz-Mänttari 1984, sublinhando o carácter processual e dinâmico da tradução considerada como uma acção que persegue um determinado objectivo. Schmidt desenvolveu também os aspectos didácticos da tradução e demonstrou ter não apenas uma excelente formação linguística, mas também um subtil olfacto para os aspectos interdisciplinares envolvidos. Não pôde desenvolver devidamente as suas ideias, que lhe mereceram o reconhecimento internacional, devido à sua morte em 1995 com 52 anos de idade.

0.2 Pensamos que os trabalhos de Leipzig não foram tidos em conta como mereciam no seu tempo, devido a uma conjuntura de infelizes inconvenientes.

- (i) Foram escritos quase exclusivamente em alemão, língua que não se lê com tanta frequência nem no mundo anglo-saxão nem no hispânico. Alguns artigos foram publicados em russo e, salvo os escritos por Neubert, muito poucos em inglês ⁶.

⁶ A publicação de um manuscrito mais extenso demorava aproximadamente três anos; não havia suficiente espaço para a publicação devido à necessidade de economizar

- (ii) As teses de doutoramento, todas em alemão, apenas podem ser consultadas, na sua maioria, como manuscritos dactilografados num número muito reduzido de bibliotecas universitárias da ex-RDA, onde se conservam até à data. No entanto, alguns extractos de teses foram publicados em «Fremdsprachen» ou então – a título de excepção e apenas duas vezes – nos *Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen* III/IV e *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, n.º 2.
- (iii) Não era fácil ter informação sobre a existência de tais publicações, sendo bastante complicada a sua compra porque as relações comerciais entre a antiga RDA e o resto do mundo não facilitavam a sua aquisição. No que respeita ao reconhecimento do trabalho alheio, é possível existirem algumas reservas entre ambas as partes, dadas as fronteiras ideológicas e as barreiras comunicativas levantadas no período da guerra fria. As viagens ao estrangeiro (Europa ocidental) eram muito limitadas. Finalmente dominava a orientação para Leste, em especial para a União Soviética e os países socialistas, nomeadamente a Checoslováquia com a conhecida Escola de Praga, onde Jäger como polonista e bohemista havia recebido parte da sua formação ⁷.

1. Para podermos apreciar melhor o contributo dos estudiosos de Leipzig no desenvolvimento desta jovem e pujante teoria da tradução, mesmo nos primórdios da sua fundação, e percebermos melhor as suas limitações, parece-nos oportuno, mesmo indispensável, esboçar rapidamente o panorama da tradutologia e da disciplina que parecia ser a mais directamente ligada aos fenómenos da tradução: a linguística.

O nascimento da tradutologia, como ciência e disciplina que ainda hoje continua a lutar pela igualdade junto do resto de disciplinas

papel. Alguns artigos apenas puderam ser publicados na nossa revista «Linguistische Arbeitsberichte/LAB» que editou 73 volumes de 80 páginas cada um que apenas podiam ser solicitados directamente à Sektion TAS. O mais simples era conhecer alguém em Leipzig e solicitar um volume ou então estabelecer uma troca de publicações, bastante proveitoso porque dava-nos acesso a revistas que não podíamos adquirir por falta de divisas; não tínhamos acesso a fotocopiadoras, etc.

⁷ Para os colegas que queiram ter uma ideia da situação, um tanto especial, nesta parte da Alemanha, podemos recomendar as notas, pessoais e subjectivas, que W. Koller publicou em 2000 onde recolhe as suas impressões durante o primeiro congresso de tradutologia que decorreu em Leipzig no Outono de 1965.

académicas, costuma ser situado nos inícios dos anos 60, embora se possam destacar importantes contributos teóricos à tradutologia muito antes de os famosos tradutores da história formularem os seus postulados. Durante o resto da década, até meados dos anos 70, com a denominada viragem pragmática, imperava na linguística a descrição sincrónica e sistemática de acordo com os preceitos de Saussure. Podia-se apreciar um incipiente interesse pelos aspectos semânticos (preferencialmente oracionais, mas também léxicos), mas continuava a dominar a sintaxe centrada na oração. Eram reforçadas as análises lógicas e o interesse por obter descrições «algoritmizáveis» e, conseqüentemente, úteis para a tradução automática ⁸.

Até metade da década de 70 não havia análise de textos nem metodologias desenvolvidas nessa área, a sociolinguística ainda não tinha avançado muito e não se pode falar de estudos pragmáticos *stricto sensu*; tinha-se, todavia, aumentado o interesse pela semiótica e pela teoria da comunicação, ainda maioritariamente orientada a aspectos técnicos da comunicação através da rádio, TV, etc.

1.1 O interesse pela teoria da tradução pairava nos inícios dos anos 60; já em finais dos anos 50, Fyodorov (1958, 1968) na Rússia tinha desenvolvido ideias na área, sem grande repercussão além da então União Soviética e de alguns países da Europa do Leste, desconhecimento que provavelmente se deve menos a preconceitos ideológicos do que à falta de domínio do russo no mundo científico ocidental.

Todavia, não surpreende que Kade se tenha inspirado em Fyodorov tendo sempre muito em consideração o pensamento da Escola Tradutológica de Moscovo com Barjudarov, Kommissarov, Shveitser, Kolshanskiy et al. (cf. Lvovskaya, 1998); os tradutólogos de Leipzig mantiveram contactos estreitos com a Escola de Moscovo; os colegas de Moscovo participaram nos nossos congressos e em 1975 foi organizado em conjunto um grande congresso sobre tradutologia que teve lugar em Moscovo onde participaram especialistas de todas as repúblicas da União Soviética e 10 colegas de Leipzig (as actas em dois volumes encontram-se escritas em russo).

Por outro lado convém referir também os trabalhos de G. Mounin «Les Problèmes Théoriques de la Traduction», Paris 1963; de J. C. Catford «A Linguistic Theory of Translation», London 1965 e de E. A.

⁸ Cf. por exemplo, o livro de Ljudskanov, traduzido por Jäger, que mostrava um interesse particular pelas linguagens formais e pela linguística computacional.

Nida «Toward a Science of Translating», Leiden 1964 – os três foram concebidos e escritos independentemente e não puderam ser tidos em consideração por Kade, que defendeu a sua tese em 1964, devido ao lento fluxo da informação e às dificuldades para conseguir livros da área da divisa forte, e também em parte, por não dominar a língua francesa.

1.2 Kade, que trabalhava com Neubert e Jäger no Instituto Universitário de Tradutores e Intérpretes fundado em 1956, com a sua tese de doutoramento teve influência para além de Leipzig, despertando nos seus colegas o interesse por aspectos tradutológicos. Estes decidiram organizar, no Outono de 1965, o primeiro Congresso Internacional sobre «Aspectos Fundamentais da Teoria da Tradução» na Universidade de Leipzig. Depois do primeiro congresso tradutológico à escala mundial, seguiram-se em intervalos de cinco anos os congressos de 1970 em Leipzig, 1975 em Moscovo, 1981 (com um ano de desfaseamento por causa da morte de Kade), 1986, 1991, 1996 e 2001, todos eles em Leipzig.

Recordo o primeiro congresso de 1965, que juntamente com os seguintes até entrados os anos 90, segundo temos conhecimento, foi, em todo o mundo, o único foro internacional para a incipiente tradutologia. Leipzig transformou-se durante mais de dois decénios no ponto de encontro entre tradutólogos de ambos os lados da cortina de ferro. Nas actas do primeiro congresso foi publicado um resumo de todas as discussões sobre as comunicações, tarefa imensa que me foi encarregue durante o primeiro ano de trabalho na minha tese.

1.3 É sobejamente conhecido como mudou a situação. Desde há mais de um decénio organizam-se congressos em diversos países, por vezes sobre temas muito específicos (por exemplo sobre «quality management») e, sobretudo, em intervalos cada vez mais curtos, a um ritmo vertiginoso e com um público cada vez mais numeroso. Neste contexto destaca-se a Espanha que já possui pelo menos três actividades tradutológicas consagradas:

- (i) os congressos de León, centrados na história da tradução;
- (ii) os encontros sobre tradutologia na Universidad Complutense e
- (iii) os congressos sobre tradutologia organizados pela UAB.

2. Não pretendo poder tratar todos os aspectos relevantes nos escritos dos integrantes da Escola de Leipzig que, não constituindo

um bloco metodológico ou temático monolítico concordaram, por exemplo, no conceito de equivalência comunicativa. Lembro os anos entre 1965 e 1975, que tantas implicações inclusive filosóficas e epistemológicas tiveram, como sendo para nós, os mais jovens nesta fascinante e preocupante disciplina, os mais frutíferos e proveitosos. Ao longo destes 10 anos reuníamos periodicamente num grupo de investigação tradutológica em que se discutiam as teses em curso, as comunicações para os congressos e outras publicações e os trabalhos sobre o tema publicados noutros centros e países. Tínhamos um vasto temário e procurávamos respostas a múltiplas questões ainda hoje debatidas, algumas das quais continuam sem uma solução unanimemente reconhecida.

Jäger e Kade contribuíram muito neste período com as suas segundas teses em curso (equivalentes à *Habilitation* na Alemanha), desenvolvendo opiniões bastante divergentes sobre o objecto de estudo e sobre qual a melhor forma de obter uma descrição acertada e cabal dos fenómenos implicados na tradução.

2.1 Relendo as publicações da Escola de Leipzig, podemos afirmar que não se justifica o estigma de ser uma teoria total ou exclusivamente linguística (em tom de rejeição por parte de Stolze em 1994 e de simpatia pela de Koller em 1994). Nem sequer no caso de Jäger é correcta a recriminação visto terem sido tomados em consideração outros aspectos. Jäger, no seu livro de 1975, esclareceu que, como linguista, só lhe interessa ou pode interessar, do ponto de vista científico, aquilo que há de linguístico na tradução; no entanto, não pretende abranger a totalidade de aspectos implicados na tradução para além dos linguísticos. Jäger, tem de se reconhecer, dedica a maior atenção aos fenómenos linguísticos, sintácticos e semânticos (incluindo a estrutura tema-remata e aspectos de relevância comunicativa) procurando uma possibilidade para descrever a tradução como produto textual comunicativamente equivalente através de recursos disponíveis na linguística, preferentemente modelos algoritmizáveis (cf. no entanto, Jäger / Müller, 1982 com considerações que poderíamos chamar cognitivas). Não nos convencem os postulados de Jäger direccionados a delimitar dois resultados de um processo de tradução, chamados tradução e tradução-resumo, o primeiro considerado como *tradução* e o segundo como *adaptação*, por serem comunicativamente heterovalentes. Talvez tenha exagerado um pouco na delimitação do objecto de estudo, mas Jäger – como linguista – deixa outros aspectos para outras disciplinas que não domina.

Também não é exacto, relativamente a Kade que, explicitamente na sua segunda tese (Kade, 1980), pormenoriza aspectos comunicativos, socioculturais e pragmáticos, para além dos económicos, etc... Na sua tese de 1964 incorporou aspectos da teoria da comunicação, incluindo a noção de intenção comunicativa e do efeito comunicativo intencionado e/ou realizado. Deve-se-lhe a descrição da tradução como comunicação bilingue mediada, embora se deva admitir que também Kade, de acordo com o seu tempo, até aos anos 70, erroneamente exagera a noção semiótica de código linguístico e fala em codificar e decodificar, reduzindo assim, aparentemente, a tradução a uma mudança de código, a uma transcodificação (quase técnica).

Neubert, por sua vez, sublinhou sempre os aspectos pragmáticos (já na sua plenária de 1965), as diferenças socioculturais e comunicativas (1970) existentes entre duas comunidades linguísticas, a importância do texto, etc.

2.2 Visto ainda hoje persistirem reservas ou críticas (em nosso entender consequência, em grande parte, de interpretações deficientes) ao conceito básico da Escola de Leipzig, isto é a noção de *equivalência comunicativa* por ela desenvolvida com base na linguística, na semiótica e na teoria da comunicação, não podemos deixar de lhe dedicarmos um parágrafo. Teremos, assim, a possibilidade de mostrar como é concebido o que é comunicativamente equivalente e aquilo que não o é, isto é, quando um texto traduzido, do ponto de vista comunicativo, não se pode considerar como equivalente e consequentemente como «tradução», mas antes como adaptação heterovalente.

Tem que se reconhecer que o próprio Jäger, num artigo escrito em 1982 com D. Müller, destaca a importância dos conhecimentos prévios que possuem o emissor e o receptor, entre os quais inclui também os conhecimentos socioculturais. Neste artigo salienta as divergências que costuma haver entre os conhecimentos socioculturais se o emissor e o receptor não pertencem a uma mesma comunidade linguística (e sociocultural), e deixa entrever as necessidades que de tal facto se desprendem para compensar um eventual défice de pré-informação por parte do destinatário do comunicado, da mensagem transmitida. Isto demonstra claramente que mesmo Jäger, o mais linguista dos protagonistas da Escola de Leipzig, admite a existência e a importância de aspectos e estudos socioculturais e outros, relativamente à consecução de uma equivalência comunicativa.

2.2.1 Aquilo que despertou maior polémica nos novos enfoques dentro da tradutologia em finais dos anos 80 e inícios dos 90 foi o

conceito de equivalência (veja-se a teoria do *skopos* de Vermeer e a afirmação do carácter interdisciplinar da tradutologia). Cabe reconhecer que os tradutores de Leipzig, de facto, nunca deram a devida importância nem a quem encomenda a tradução nem mesmo ao *skopos*, aparentemente tão necessário dentro de um modelo funcional e abarcador da tradução. Nos esquemas do processo de tradução desenvolvidos por Kade já em 1964 e posteriormente levemente modificados, apenas aparece o emissor do texto de L1, o receptor desse texto de origem/fonte que é o tradutor, ao mesmo tempo produtor do texto traduzido, da tradução para L2 para receptores de uma outra comunidade linguística e sociocultural. Faz-se finca-pé na importância da adequação do texto de L2 aos conhecimentos prévios disponíveis nos receptores meta (cf. Wotjak 1985). H. Schmidt nos anos 90 sublinhou a necessidade de adequar o texto L2 às convenções estilístico-pragmáticas do tipo de texto em questão ⁹.

2.2.2 Não posso dizer se esta atitude reflectia a recusa perante uma decisão alheia que poderia ser imposta ao tradutor, único responsável por determinar a função do texto que devia ser conservada na tradução, ou se antes era devido ao conceito teórico de que traduzir significa conservar/salvaguardar a função do texto fonte na tradução, ou às duas juntas. É óbvio que ao falar da tradução todos os tradutores de Leipzig se referiram sempre a uma tradução onde é conservada intacta e constante a função do texto de origem, produzindo-se um texto meta comunicativamente equivalente, ou seja, fiel ao texto de origem cuja função se conserva na tradução ¹⁰. Ao interessarem-se pela tradução como comunicação bilingue mediada comunicativamente equivalente, ficou praticamente fora de consideração qualquer *skopos* alheio não deduzível do texto fonte, não se questionando a ideia de que semelhante *skopos* pudesse mudar o rumo da translação de forma a produzir um texto em L2 com uma função distinta à veiculada pelo texto original.

A função comunicativa do texto original e da tradução figurava nos escritos de Leipzig sob a denominação de *efeito comunicativo reali-*

⁹ Schmidt fala neste contexto de «Kommunikative Angemessenheit», ou seja adequação comunicativa, que complementaria, segundo a autora, a equivalência comunicativa propriamente dita.

¹⁰ Cf. o conceito de lealdade proposto por Nord 1988 como compromisso entre equivalência e *skopos*; cf. Hurtado Albir 1990 e o seu conceito de fidelidade e o que diz Rabadán 1991 ao respeito.

zado consensualmente pelos receptores respectivos ou então deduzido pelo tradutor como sendo o sentido comunicativo do texto original que tinha que ser reproduzido no texto meta, postura esboçada em Kade 1964. Kade refere que pode haver discrepâncias entre o efeito comunicativo intencionado pelo autor original e o efeito comunicativo actualizado pelos receptores da comunidade de falantes de L1 a partir da mensagem transmitida. Podem também existir discrepâncias entre o sentido comunicativo interpretado pelos receptores fonte e pelo tradutor que deveria agir como receptor experimentado de L1. Quando o tradutor reproduz o sentido comunicativo em L2 deve ter em conta os conhecimentos prévios e as expectativas dos receptores de L2 que vivem numa realidade sociocultural marcadamente diferente, a fim de garantir um efeito comunicativo actualizado tão próximo quanto possível ao efeito intencionado pelo tradutor além do intencionado pelo autor do original. Podem sempre acontecer perdas inevitáveis entre o efeito intencionado e o realizado e vale a pena perguntarmos se pode ser assumida a existência de uma interpretação suficientemente socializada (efeito comunicativo médio para os receptores de L1 e L2 respectivamente) ou bem se estamos expostos sempre a uma interpretação subjectiva e única que fornece o receptor em questão à mensagem recebida nas circunstâncias enunciativas únicas e irrepetíveis (cf. Wotjak 1986b).

Podemos também perguntarmo-nos que critérios seguir para estabelecer uma equivalência comunicativa entre a mensagem em L1 e a mensagem em L2:

- a intenção comunicativa do autor;
- o efeito comunicativo intencionado pelo autor ou efeito comunicativo que realmente deduzem os receptores do seu comunicado (incluindo o tradutor competente). Relativamente à interpretação dos textos literários, os poemas em particular, é sabido que o leque de interpretações subjectivas admissível pode ser muito vasto, não sendo possível decidir categoricamente qual das múltiplas interpretações possíveis é a mais acertada ou a equivalente àquela intencionada pelo autor.

2.2.3 A noção de equivalência comunicativa como critério definidor da tradução na Escola de Leipzig baseia-se na máxima coincidência (não se exclui que possa haver perdas) entre os efeitos comunicativos actualizados no texto fonte e no texto meta. Nesta perspectiva, o texto fonte contém a indicação da função comunicativa e

interaccional que junto com as informações temáticas devem ser salvaguardadas na tradução, o qual corresponde ao conceito de tradução com preservação/constância da função ilocutiva e perlocutiva do texto fonte no sentido de Nord 1988, 1993. Proceder à produção de um texto meta cuja função não coincida com a do original, ou seja onde intencionalmente, regra geral por encargo explícito ou a consequência de mudar o grupo de receptores em L2 perante L1, equivale a duvidar do critério constitutivo da tradução, isto é, a equivalência comunicativa corre o risco de passar de um texto ainda equivalente para um outro manifestamente heterovalente, tratando-se então de uma adaptação.

2.3 Penso que, em boa medida, se pode atribuir à Escola de Leipzig o facto de ter precisado bastante o que se entende por sentido comunicativo ou efeito comunicativo realizado: sendo assim, antes de mais, há que ter em conta, da perspectiva do ouvinte/leitor/receptor, aquilo que o emissor *quis dizer*, ou seja, a sua intenção comunicativa, a função ilocutiva perseguida com a enunciação, com o acto comunicativo que se integra em actos interaccionais mais genéricos e serve a intenções interaccionais ou perlocutivas superiores. Tais considerações requerem uma atenção particular quando não se trata de actos comunicativos que satisfazem as necessidades informativas de designação/referência a eventos ou sucessos do mundo real ou às suas conceptualizações na nossa mente. A função ilocutiva é muito pertinente se os textos/enunciados perseguem a intenção de persuadir o receptor, de actuar de acordo com aquilo que se insinua, ou seja, quando se trata de actos comunicativos indutivos, directivos ou apelativos, regra geral, sobretudo, estimulando os clientes para comprarem alguma coisa (textos publicitários).

O querer dizer, o intencionado, a intenção comunicativa e interaccional abrange outros factores textuais, opera sobre elementos linguísticos e extralinguísticos comunicativo-semióticos que constituem a mensagem em si, aquilo que se transmite com o texto em questão aos seus receptores, sempre que eles compartilhem os recursos comunicativos utilizados.

2.3.1. Embora se admitam elementos extralinguísticos como os símbolos, os desenhos, as fotografias, etc., não pode ser esquecido que, na sua maior parte, a mensagem é composta por elementos linguísticos que, tal como é concebido, traduzir implica, então, aspectos linguísticos, e que uma translatoologia trans- ou interdisciplinar não deveria renunciar a um fundamento disciplinar linguístico que serve

para descrever a sua evidente interligação com outras disciplinas cognitivas, sociológicas, culturais, etc.

A *mensagem* abrange, em nosso entender, não só aquilo que se diz, o que aparece textualizado/o dito ou o posto (cf. *le posé* de Ducrot 1972), o representado por *lexias*: as palavras utilizadas permitem também activar determinados conceitos ou partes seleccionadas do nosso conhecimento enciclopédico armazenado, como aparecem sememizados no plano do conteúdo das próprias *lexias*. Assim, não há que ter em conta apenas o *dito*, o textualizado mediante *lexias*, mas também o *suposto* (*supposé* em Ducrot). Este último abarca aquilo que os receptores, como membros de uma comunidade comunicativa (sociocultural), costumam poder activar nas entrelinhas como pressuposições, como conhecimento implícito activado. É muito provável que a parte suposta do conhecimento implícito activado, ou pelo menos activável em caso de necessidade comunicativa, possa não coincidir nos receptores fonte e nos receptores meta obrigando o tradutor a textualizar, a explicitar aquelas informações implícitas no texto fonte, embora constitutivas da mensagem fonte, para os receptores meta que não dispõem do mesmo conhecimento implícito (por exemplo que não atribuem as mesmas conotações ou apreciações aos eventos/estados de uma coisa mencionadas/referenciadas). É obvio que a passagem do que está implícito no texto fonte ao explícito no texto meta, assim como as explicitações de aspectos não partilhados no conhecimento sociocultural, têm repercussões na tradução e podem complicá-la quando aquilo que está implícito se refere maioritariamente a alusões políticas e funciona como indicador lúdico ou de ironia/paródia. Completam a mensagem as inferências que, a partir do conhecimento enciclopédico adquirido e/ou do conhecimento da situação comunicativa discursiva *hic et nunc* concreta, possam fazer os receptores da mesma comunidade comunicativa. No entanto, essas inferências não divergem forçosamente entre comunicantes de L1 e L2 pois depende da sua divergência do conhecimento do mundo a que ambos se referem e que, no caso de estados de coisas químicas, físicas, etc. por exemplo, não devem discrepar entre especialistas na matéria.

2.3.2 A equivalência comunicativa inclui múltiplos e subtis factores linguísticos, comunicativos e situacionais e ainda aquilo que o emissor quer dizer, ou seja, factores locutivos, ilocutivos (até perlocutivos) e comunicativo-interaccionais. Trata-se, por conseguinte, de um conceito bastante complexo que não se pode reduzir àquilo que Kade, em 1964, nas suas considerações sobre as correspondências/

equivalências a nível de lexia e de sistema, tinha desenvolvido nesse sentido. A equivalência semântica sistémica apenas abrange uma parte mínima do conhecimento enciclopédico disponível e requerido para poder traduzir textos e deve completar-se quer com descrições semânticas do texto, incluindo a relação tema/rema no sentido de Jäger, quer com outros factores: aquilo que é subentendido, o que se infere a partir do conhecimento enciclopédico armazenado partilhado, sem esquecer os aspectos ilocutivos-pragmáticos que se sobrepõem aos semânticos (cf. Wotjak 1995).

A situação complica-se à volta do conceito de equivalência comunicativa pelo facto do próprio Koller, que o adopta como elemento importante para a descrição, faz uma interpretação da equivalência diferente àquela que expusemos atrás.

Coincidimos com ele se postularmos que não é suficiente dizer que existe uma relação de equivalência entre os textos de L1 e a sua tradução em L2; há que explicar a natureza multifacetada desta relação e definir com que níveis possíveis do enunciado/texto se relacionam:

- (1) Com os estados de coisa extralinguísticos designados pelo texto em questão (= **equivalência denotativa**);
- (2) Com a forma como se textualiza, isto é, com as chamadas conotações que segundo Koller 1992, 215 ss. abrangem marcas estilísticas, sociolectais, diatópicas incluindo a frequência de uso, etc. (= **equivalência conotativa**);
- (3) Com as convenções do uso da linguagem e do género do texto (= **equivalência normativa textual**);
- (4) Com os receptores/destinatários (leitores) do texto, tendo em conta os seus conhecimentos prévios divergentes (= **equivalência pragmática**);
- (5) Com as características formais, estéticas do texto (= **equivalência formal-estética**).

Não nos parece que possam ser conciliadas ambas as descrições apenas aparentemente discrepantes entre si. Pensamos que, por exemplo, a equivalência denotativa de Koller, a equivalência pragmática e mesmo a conotativa, se sintetizam, na nossa perspectiva, no conceito da mensagem, onde diferenciamos mais entre o dito (onde aparecem aspectos semânticos, referenciais, denotativos e conotativos, no sentido de rasgos apreciativos, valorativos, mas também aspectos estilísticos que caracterizam as lexias sistémicas), o pressuposto (que talvez

abranja os aspectos denotativos de Koller, apesar de não o manifestar explicitamente, mas também os pragmáticos se tivermos em conta a divergência sociocultural existente no saber que serve de referência para as inferências) e o comunicativo-estilístico (pormenorizado em Wotjak 1995 onde se podem encontrar os detalhes da perspectiva aqui resumida).

Não nos parece muito clara a relação entre a equivalência formal-estética e a conotativa nem a essência da primeira, também não nos parecem bem assinaladas as funções ilocutiva e a perlocutiva textual em Koller 1992. A sua equivalência normativa textual não está incluída na noção de equivalência comunicativa, embora seja tomada em consideração com o termo de adequação às normas textuais do género do texto por produzir, termo útil introduzido por Schmidt que se poderia adicionar a um conceito mais abrangente de equivalência ¹¹.

3. Deixaremos às gerações vindouras a tarefa de avaliar o contributo de Escola de Leipzig no desenvolvimento da tradutologia; mas, creio não pecar por imodéstia ao sublinhar a importância deste contributo nos inícios desta jovem disciplina e parece-me que alguns dos seus postulados conservam hoje o seu valor. Penso que poderia ser interessante e útil sacar à luz do dia as questões abordadas nos escritos da Escola de Leipzig desde há três décadas, demonstrando que alguns dos seus postulados continuam em vigor, entre os quais gostaria de destacar o da base linguística da tradução como fenómeno multidisciplinar e objecto de estudo de uma interdisciplina (cf. Snell-Hornby 1988). Muitas das surpreendentes corroborações iniciais da Escola de Leipzig devem-se mais ao facto de se ter investigado com mais minúcia um objecto bastante descuidado até então e cujas características eram tão óbvias que não podiam deixar de saltar à vista, e menos a uma especial perspicácia dos seus integrantes.

Todos coincidiram em sublinhar que ao traduzir deparamo-nos com textos, ou seja, com actos de fala e, por conseguinte, com aspectos bastante descuidados pela linguística sistémica na altura. Lembramos que a linguística do texto ainda estava nos seus inícios e que se iria

¹¹ De facto se nos basearmos num conceito mas alargado do potencial comunicativo da unidade léxica, como o apresentei em espanhol em *Voz y Letras* (1994), podemos incluir como comunicativos aspectos estilístico-pragmáticos, como as marcas diatópicas, diastráticas, diafásicas e diageneracionais, etc. incluindo características prototípicas para determinadas esferas comunicativas e géneros de texto, etc.

impor a descrição da competência com a incipiente linguística «mainstream» da gramática generativo-transformacional, quando a tradutologia – e ainda de forma mais clara a descrição dos fenómenos de interpretação – reclamavam uma linguística da *performance*, da fala e do uso situacional-discursivo conversacional oral da linguagem com os aspectos paralinguísticos de gestos, mímica, etc. que o acompanham e dão o seu contributo ao sentido comunicativo. As descrições dos actos de fala propostas por Austin e Searle, datam de quase uma década depois, para não referir as análises conversacionais e discursivas, as descrições pormenorizadas da linguagem oral, etc. que apenas começarão nos anos 80 e 90.

Os tradutólogos de Leipzig sublinharam, desde o início, a importância de um enfoque comunicativo e destacaram alguns dos integrantes importantes nos actos comunicativos, tanto na perspectiva monolingue como na perspectiva da comunicação bilingue mediada. Nisto não se referiram à fórmula de Lasswell divulgada por Nord e reproduzida por Pilar Elena em 1991; contudo aparecem o emissor, o receptor, o tradutor como receptor e como mediador entre comunidades comunicativas e linguísticas diferentes (encontra-se virtualmente presente também a noção de mediador entre culturas); os recursos comunicativos e os linguísticos como os primordiais, o canal de transmissão (forma oral ou escrita), a mensagem. Posteriormente em Kade 1980, aparecem descrições detalhadas da situação comunicativa e o transfondo sociocultural, das comunidades comunicativas e linguísticas, da intenção comunicativa presente já na sua tese de doutoramento.

3.1 Já nos anos 60 se trataram deficiências na recepção/produção da mensagem. Se bem que os estudos de Leipzig se centraram maioritariamente na comparação do texto traduzido com o seu original, preferindo, assim, uma visão estática a uma outra dinâmica-processual que teria implicado considerações psicolinguísticas e aspectos menos generalizáveis e objectiváveis àqueles puramente linguísticos, também é verdade que aparecem considerações sobre este mesmo processo, nomeadamente quando se destacam três fases no processo da tradução vista da perspectiva do tradutor:

- 1) A análise do texto fonte para decifrar/descodificar/perceber a mensagem (=o dito e o suposto) e o que quer dizer o emissor.
- 2) A fase de identificação, ou seja, a procura de equivalentes textuais e discursivos a partir dos equivalentes que oferece o dicionário que

preferentemente dá informações do sistema. Nesse sentido insiste-se na necessidade de serem elaborados novos dicionários destinados aos tradutores.

- 3) A fase de síntese, ou seja, a produção do texto meta que deve adequar-se ao género do texto e aos conhecimentos prévios dos receptores meta presumivelmente divergentes dos conhecimentos prévios dos receptores do texto fonte a fim de compensar o défice de informação e poder garantir um texto meta que produza aproximadamente o mesmo efeito comunicativo sobre os receptores que provoca o texto fonte sobre os seus.

3.2 Há que ter em conta que nos trabalhos de Leipzig não se tratam apenas aspectos do processo de tradução, que parece um logro metodológico com vistas ao predomínio de uma conceição estático-resultante que apresenta factos linguísticos de uma perspectiva sincrónica silenciando os aspectos dinâmico-comunicativos; também é tido em conta o que acontece na mente dos participantes na comunicação (nomeadamente no que diz respeito aos conhecimentos prévios armazenados pelos receptores). Neste sentido, além dos aspectos comunicativos, os aspectos cognitivos também foram tidos em conta nos trabalhos de Leipzig, estando sempre subjacente a convicção de o facto da comunicação servir para transmitir informações e não constituir um contraste invencível perante a cognição. Daí apenas há um passo – que não se deu em Leipzig até fins da década de 80 (não é por acaso que na segunda tese de W. Kutz são tratados aspectos cognitivos implicados na interpretação) – a descrição da competência tradutora propriamente dita (cf. o famoso trabalho de Krings em 1986 «O que é que acontece na mente dos tradutores?»).

Algo de semelhante ocorre com a descrição do processo de tradução concebido como uma acção onde se procura uma determinada finalidade (Holz-Mänttari – reflectida por Schmidt em finais dos anos 80). A noção de processo, presente, já, nos escritos não se desenvolveu nem se precisou mais.

3.3 Podemos sublinhar um outro logro: contrariamente aos inícios duma descrição do texto que partia da competência do falante/autor e descurava a perspectiva do receptor, as análises da tradução tinham que ter em conta tanto a perspectiva do produtor como a do receptor unidas na própria pessoa do tradutor.

Além disso, os tradutólogos de Leipzig, insistiram no facto de agrupar os fenómenos da tradução e da interpretação sob o hiperó-

nimo genérico de tradução. Há trabalhos que aprofundam as divergências entre ambos e tematizam aspectos específicos da interpretação assim como as armadilhas e os erros tanto subjectivos como objectivos do processo de tradução. Dada a diferenciação entre as duas realizações do processo de tradução e a existência de duas disciplinas distintas que actualmente não se interessam por aquilo que têm em comum, merece a pena interessar-se pelas opiniões expressadas sobre este facto nos escritos dos colegas de Leipzig (para aqueles que estejam interessados indicaremos a publicação iminente Wotjak 2003, com vários anexos dos numerosos trabalhos publicados por esta Escola, teses de doutoramento, etc.).

3.4 Em resumo: os tradutores de Leipzig que marcaram decisivamente a tradutologia quando apenas tinha começado a nascer, formam um grupo pequeno e flutuante com um triunvirato estável e ostentam posições bastante heterogéneas, nunca se arrogaram o título de escola com que habitualmente têm sido designados. Podemos testemunhar que, pelo menos durante uma década, existia um grupo de investigação um pouco maior e mais estável onde se desenvolvia um frutífero intercâmbio de ideias. Devido à quantidade de trabalhos relacionados com a tradutologia, a sua importância e novidade, parecemos justificado falarmos em Escola, algo que nunca fizeram os seus próprios protagonistas. Por diversas razões os logros, acertos e desacertos desta Escola nunca se promulgaram muito no mundo da tradutologia e não apenas pelo domínio limitado da língua alemã e pela conjuntura nacional e internacional. Esperamos ter podido destacar que os escritos sublinham os aspectos comunicativos e linguísticos, mas não permitem que sejam estigmatizados como exclusivamente orientados a aspectos linguísticos. Aparecem reflexões sobre aspectos cognitivos, culturais e até processuais, ainda que centrados numa comparação do resultado com o original. São tematizadas as perspectivas do produtor e do receptor e é elaborado o conceito de equivalência comunicativa que precisa de ulterior especificação.

Optamos por não considerarmos inconciliável este conceito com a noção do *skopos* e de quem encomenda a tradução, que os cientistas de Leipzig não incluíam entre os critérios que regem o processo de tradução.

Os tradutores de Leipzig, atentos às peculiaridades do seu objecto de estudo, a tradução complexa e multifacetada, abriram uma porta para uma linguística da fala, reclamaram a importância de uma descrição científica do texto como entidade semiótica. Contribuíram para

que a tradutologia se possa transformar naquilo que Coseriu chamou uma ciência-piloto de suma importância atendendo ao seu carácter interdisciplinar e novo, repleto de sugestões inclusive para uma descrição do sistema linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALBRECHT, J., 1990: Invarianz, Äquivalenz, Adäquatheit. Em: Arntz, R./ Thome, G. (Hgg.): Übersetzungswissenschaft. Festschrift für W.Wilss zum 65. Geburtstag. Tübingen: Narr, 71-81.
- BARJUDAROV, L. S., 1975: *Yazyk i perevod*. Moskva.
- BARCHUDAROV, L. S., 1977: *Übersetzungstheorie als vergleichende Textlinguistik*. Em: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge, I*. Leipzig: Enzyklopädie, 7-13.
- BASTIAN, S., 1974: *Die Rolle der Präinformation bei der Analyse publizistischer und belletristischer Texte im Französischen und Deutschen*. Diss. (Ms.), Universität Leipzig.
- BEYLARD-OZERDOFF, A./KRÁLOVA, J./MOSER-MERCER, B. (eds.), 1996: *Translator Strategies and creativity*. Amsterdam (=Benjamins Translation Library, 27).
- BÜHLER, K., 1934: *Sprachtheorie*, Jena.
- CARY, E., 1960: *La traduction dans le monde*, Genève.
- CHESTERMAN, A., 1995: *Communication and learning strategies for translators*. Em: *AILA Review*, no. 12 1995/96, 79-86.
- CHESTERMAN, A., 1997: *Memes of Translation*. Amsterdam (=Benjamins Translation Library, 22).
- DUCROT, O., 1972: *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann.
- DRESCHER, H. W., 1997: *Transfer Übersetzen – Dolmetschen – Kulturtransfer*, Frankfurt: Lang.
- ELENA GARCÍA, P., 1990: *Aspectos teóricos y prácticos de la traducción*, Univ. Salamanca (=Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos 231).
- FYODOROV, A. V., 1958: *Vvedeniye v teoriyu perevoda*. Moskva.
- FYODOROV, A. V., 1968: *Osnovy obschej teorii perevoda*. Moskva.
- FLEISCHMANN, E., 1971: *Die Übersetzung lexikalischer Substandardismen*. Em: *Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen»*, H.III/IV. Leipzig: Enzyklopädie, 67-98.
- FLEISCHMANN, E., 1978: *Zu einigen Fragen der Erarbeitung eines Katalogs von Übersetzungsproblemen*. Em: *Linguistische Arbeitsberichte, LAB*, H. 14. Leipzig: Universität/Sektion TAS, 14-29.
- FLEISCHMANN, E./KUTZ, W./SCHMITT, P. A. (Hgg.), 1997: *Translationsdidaktik*. Tübingen: Narr.

- GALISSON, R., 1991: De la langue à la culture par les mots, Paris: CLE international.
- GRUCZA, F., 1993: Interkulturelle Translationskompetenz: ihre Struktur und Natur. Em: A.P.Frank/Maaß, K.-F./ Paul,F./Turk,H. (eds): Übersetzen, verstehen, Brücken bauen. Geisteswissenschaftliches und literarisches Übersetzen im internationalen Kulturaustausch, Berlin: Schmidt (=Göttinger Beiträge zur internationalen Übersetzungsforschung, 8, Teil 1+2).
- GUTT, E.-A., 1991: Translation and Relevance. Cognition and Context. Oxford: Univ.Press.
- HATIM, B./MASON, I., 1990: Discourse and the Translator, London.
- HENSCHELMANN, K., 1993: Zur Beschreibung und Klassifizierung von Übersetzungsverfahren. Travaux du Centre de traduction littéraire: Univ. de Lausanne, no. 17.
- HERNÁNDEZ SACRISTÁN, C., 1994: Naturaleza del traducir. Traducción natural/traducción profesional, Centro de Semiótica y teoría del espectáculo. Universitat de València, Eutopías 2a época, documentos de trabajo, vol. 68.
- HÖNIG, H., 1995: Konstruktives Übersetzen, Tübingen: Stauffenburg.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, J., 1984: Translatorisches Handeln. Theorie und Methode, Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- HURTADO ALBIR, A., 1990: La notion de fidélité en traduction, Paris.
- HURTADO ALBIR, A. (ed), 1996: La enseñanza de la traducción, Universitat Jaume I, Castelló (=Col·lecció estudis sobre la traducció, 3).
- HURTADO ALBIR, A., 1996a: La enseñanza de la traducción directa «general». Objetivos de aprendizaje y metodología. En: Hurtado Albir, A. (ed.): La enseñanza de la traducción. Universitat Jaume I, Castelló (=Col·lecció estudis sobre la traducció, 3), 31-56.
- JÄGER, G., 1968: Elemente einer Theorie der bilingualen Translation. Em: Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen», II. Leipzig: Enzyklopädie, 35 ff.
- JÄGER, G., 1975: Translation und Translationslinguistik. Halle: Bibliographisches Institut.
- JÄGER, G., 1976: Zum Problem von «Lücken» und «Umschreibung» bei der Translation. Em : Beiträge zur Konfrontierenden Sprachwissenschaft. Halle: Bibliographisches Institut, 42-57.
- JÄGER, G., 1977: Zu Gegenstand und Zielen der Übersetzungstheorie. Em: Übersetzungswissenschaftliche Beiträge, I. Leipzig: Enzyklopädie, 14-26.
- JÄGER, G., 1986: Die sprachlichen Bedeutungen – das zentrale Problem bei der Translation und ihrer wissenschaftlichen Beschreibung. Em: Übersetzungswissenschaftliche Beiträge, IX. Leipzig: Enzyklopädie, 5-66.
- JÄGER, G./MÜLLER, D., 1982: Kommunikative und maximale Äquivalenz von Texten. Em: Übersetzungswissenschaftliche Beiträge, V. Leipzig: Enzyklopädie, 42-61.
- KADE, O., 1968: Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung. Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen», H.1. Leipzig: Enzyklopädie.
- KADE, O., 1971: Das Problem der Übersetzbarkeit aus der Sicht der marxistisch-leninistischen Erkenntnistheorie. Em: Linguistische Arbeitsberichte. LAB, H.4. Leipzig: Universität/Sektion TAS, 13-27.

- KADE, O., 1977: Zu einigen Grundpositionen bei der theoretischen Erklärung der Sprachmittlung als menschliche Tätigkeit. *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, I. Leipzig: Enzyklopädie, 27-43.
- KADE, O., 1980: Die Sprachmittlung als gesellschaftliche Erscheinung und Gegenstand wissenschaftlicher Untersuchung. Em: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, III. Leipzig: Enzyklopädie.
- KELLETAT, A. F. (ed), 1996: *Übersetzerische Kompetenz. Beiträge zu einer universitären Übersetzerausbildung in Deutschland und Skandinavien*, Frankfurt: Lang.
- KOLLER, W., 1992: *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, Heidelberg: Quelle (4.^a ed.).
- KOMISSAROV, V. N., 1973: *Slovo o perevode*. Moskva.
- KOMISSAROV, V. N., 1980: *Lingvistika perevoda*. Moskva.
- KRINGS, H. P., 1986: Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung der Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern. Tübingen: Narr.
- KURMAUL, P., 1994: Möglichkeiten einer empirisch begründeten Übersetzungsdidaktik. Em: M. Snell-Hornby/Pöchhacker,F./Kaindl,K. (eds) 1994: *Translation Studies: An Interdiscipline*. Philadelphia/New York: Benjamins, 377-385.
- KURMAUL, P., 2001: *Kreatives Übersetzen*. Tübingen: Stauffenburg.
- KUTZ, W., 1988: *Translatorisch-interpretative Kompressionen beim Simultandolmetschen, dargestellt an Beispielen deutscher Redetexte zu industrieller Thematik – eine Studie zu einem Kompetenzmodell des Dolmetschens*. Diss. B (Habil.), Universität Leipzig.
- LJUDSKANOV, A., 1972: *Mensch und Maschine als Übersetzer*, Halle: Bibliographisches Institut.
- MALMKJAER, K., 1995/96: Translation and language learning. Em: *AILA Review*, no. 12, 56-61.
- MUÑOZ MARTÍN, R., 1995: *Lingüística para traducir*. Barcelona: Teide.
- NEUBERT, A., 1968: Pragmatische Aspekte der Übersetzung. Em: Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen», H.II. Leipzig: Enzyklopädie, 21-33.
- NEUBERT, A., 1973: Invarianz und Pragmatik. Em: Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen», V/VI. Leipzig: Enzyklopädie, 13-26.
- NEUBERT, A., 1977: *Übersetzungswissenschaft in soziolinguistischer Sicht*. Em: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, I, Leipzig: Enzyklopädie, 52-59.
- NEUBERT, A., 1985a: *Text and Translation. Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, VIII. Leipzig: Enzyklopädie.
- NEUBERT, A., 1985b: *Translation across languages or across cultures?* Em: Janowsky, K.R. (ed.): *Scientific and Humanistic Dimensions of Language*. Festschrift für Robert Lado. Amsterdam.
- NEUBERT, A./SHREVE,G., 1992: *Translation as Text*. Kent, Ohio and London: University Press.

- NEUBERT, A., 1992a: «Lingüística del texto y traducción» *Sendebare* No.3, Univ. de Granada, 13-25.
- NORD, C., 1988: *Textanalyse und Übersetzen*. Heidelberg: Quelle.
- NORD, C., 1993: *Einführung in das funktionale Übersetzen. Am Beispiel von Titeln und Überschriften*. Tübingen/Basel: Francke.
- PÖCHHACKER, F., 1994: *Simultandolmetschen als komplexes Handeln*, Tübingen: Narr (=Language in Performance, 10).
- RABADÁN, R., 1991: *Equivalencia y traducción. Problemática de la equivalencia translé-mica inglés-español*. Universidad de León.
- RISKU, H., 1998: *Translatorische Kompetenz*, Tübingen: Stauffenburg.
- SÁEZ HERMOSILLA, T., 1994: *El sentido de la traducción: reflexión y crítica*. Univ. de León: Secretariado de Publicaciones, Univ. de Salamanca.
- SCHÄFFNER, C., 1977: *Die Wiedergabe zentraler Begriffe der sozialistischen Wirtschafts- und Sozialpolitik im Englischen*. Diss. A. Universität Leipzig.
- SCHÄFFNER, C., 1997: «Where is the Source text?». Em: G. WOTJAK/SCHMIDT, H. (eds): *Modelle der Translation/Models of Translation*, Frankfurt: Vervuert (=Leipziger Schriften zur Kultur-, Literatur-, Sprach- und Übersetzungswissenschaft, 2), 193-211.
- SCHMIDT, H., 1973: *Textinhalt, Stil und Übersetzung*. Diss. A. Universität Leipzig.
- SCHMIDT, H., 1982: *Zur Beschreibung der Äquivalenzbeziehungen bei Kompressionen in Übersetzungen aus dem Russischen ins Deutsche*. Diss. B (Habil.). Universität Leipzig.
- SCHMIDT, H., 1984: *Zur Beschreibung der Äquivalenzbeziehungen bei Kompressionen in Übersetzungen aus dem Russischen ins Deutsche*. Em: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge, VII*. Leipzig: Enzyklopädie, 7-62.
- SCHMIDT, H., 1985: *Welchen didaktischen Wert hat die Katalogisierung von Übersetzungsverfahren für die Übersetzungslehre?* Em: *Linguistische Arbeitsberichte (LAB)*, H. 47. Leipzig: Universität/Sektion TAS, 31-38.
- SCHMIDT, H., 1992: *Übersetzungsverfahren – Metamorphosen eines traditionellen Begriffs*. Em: Salevsky, H. (ed.): *Wissenschaftliche Grundlagen der Sprachmittlung: Berliner Beiträge zur Übersetzungswissenschaft (Otto Kade zum Gedenken)*. Frankfurt: Peter Lang, 129-139.
- SCHMITT, P. A., 1994: *Die 'Eindeutigkeit' von Fachtexten: Bemerkungen zu einer Fiktion*. Em: M. Snell-Hornby (ed): *Übersetzungswissenschaft – eine Neuorientierung*. Tübingen: Francke, 252-283.
- SCHREIBER, M., 1993: *Übersetzung und Bearbeitung. Zur Differenzierung und Abgrenzung des Übersetzungsbegriffes*. Tübingen: Narr.
- SÉGUINOT, C., 1991: *A Study of Student Translation Strategies*. Em: S. Tirkkonen-Condit (ed): *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*, Tübingen. Narr, 79-88.
- SNELL-HORNBY, M., 1988: *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins.

- SNELL-HORNBY, M./PÖCHHACKER, F./KAINDL, K. (eds.), 1994: *Translation Studies: An interdisciplinary*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins.
- SNELL-HORNBY, M./HÖNIG, H. H./KUBMAUL, P./SCHMITT, P. A. (eds), 1998: *Handbuch der Translation*, Tübingen: Stauffenburg.
- STOLZE, R., 1992: *Hermeneutisches Übersetzen. Linguistische Kategorien des Verstehens und Formulierens beim Übersetzen*, Tübingen: Narr (TBL 368).
- STOLZE, R., 1994: *Übersetzungstheorien – eine Einführung*. Tübingen: Narr.
- TIRKKONEN-CONDIT, S./LAFFLING, J. (eds.), 1993: *Recent Trends in Empirical Translation Research*. Joensuu: Universität.
- TOURY, G., 1995: *Descriptive Translation Studies – and beyond*. Amsterdam/ Philadelphia.
- VERMEER, H. J., 1989: *Skopos und Translationsauftrag*. Heidelberg: Quelle (=Translatorisches Handeln, 2).
- VERMEER, H. J./WITTE, H., 1990: *Mögen Sie Zistrosen? – Scenes & frames & channels im translatorischen Handeln*, Heidelberg: Groos (TEXTconTEXT, Beiheft 3).
- VERMEER, H. J., 1996: *A skopos theory of translation. (Some arguments for and against)*, Heidelberg: Groos (TEXTconTEXT).
- WANDRUSZKA, M., 1969: *Sprachen vergleichbar – unvergleichlich*, München: Pieper.
- WILSS, W., 1992: *Übersetzungsfertigkeit. Annäherung an einen komplexen übersetzungspraktischen Begriff*, Tübingen: Narr.
- WILSS, W., 1996: *Übersetzungsunterricht. Eine Einführung. Begriffliche Grundlagen und methodische Orientierungen*, Tübingen: Narr.
- WITTE, H., 1999: *Die Kulturkompetenz des Translators*. Tübingen: Stauffenburg (=Studien zur Translation, 9).
- WOTJAK, G., 1973: *Zur Wahrung der semantischen Invarianz beim Übersetzen*. Em: Beihefte zur Zeitschrift «Fremdsprachen», No. 5/6, Leipzig: Enzyklopädie, 71-79.
- WOTJAK, G., 1981: *Técnicas de traslación*. Em: Caballero et al. (eds.): *Aspectos fundamentales de teoría de la traducción*. La Habana: Pueblo y Educación, 197-230.
- WOTJAK, G., 1985: *Illokution und Perlokution in translationslinguistischer Sicht*. Em: *Linguistische Arbeitsberichte (LAB)*, H. 47. Leipzig: Universität/Sektion TAS, 38-48.
- WOTJAK, G., 1986a: *Zu den Interrelationen von Bedeutung, Mitteilungsgehalt, kommunikativem Sinn und kommunikativem Wert*. Em: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge IX*. Leipzig: Enzyklopädie, 67-127.
- WOTJAK, G., 1986b: *Acerca de la adecuación de la traducción al receptor*. Em: *Revista de Filología Románica*; No. IV. Universidad Complutense Madrid, 369-376.
- WOTJAK, G., 1991: *Kommunikatives Wissen in interlingualer und interkultureller Sicht*. Em: *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, vol. 44, H.1, 111-125.
- WOTJAK, G., 1993a: *Interkulturelles Wissen und Sprachvergleich*. Em: G. WOTJAK/ROVERE, G. (eds): *Studien zum romanisch-deutschen Sprachvergleich*. Tübingen: Niemeyer, 55-68.

- WOTJAK, G., 1993b: Interkulturelles Wissen und Übersetzen. Em: Revista de Filología germánica, no.1, Madrid:Univ. Complutense, 181-196.
- WOTJAK, G., 1995: Equivalencia semántica, equivalencia comunicativa y equivalencia translémica. Em: Hieronymus Complutensis, no.1, Univ. Complutense, 93-112.
- WOTJAK, G., 1997a: Äquivalenz und kein Ende? Nochmals zur semantischen und kommunikativen /translatorischen Äquivalenz. Em: G. WOTJAK/H. SCHMIDT (Hgg.): Modelle der Translation/Models of Translation. Festschrift zum 65. Geburtstag von Albrecht Neubert. Frankfurt: Vervuert, 133-170.
- WOTJAK, G., 1997b: Reflexiones acerca de un diccionario para traductores. Em: M. A. Vega/R. Martín-Gaitero (eds.): La Palabra Vertida (Actas del VI Encuentros Complutenses en torno a la traducción). Madrid: Univ. Complutense , 111- 124.
- WOTJAK, G., 1997c: Kommunikative und kognitive Aspekte des Übersetzens. Em: FLEISCHMANN, E./KUTZ, W. /SCHMITT, P. A. (Hgg.): Translationsdidaktik. Grundfragen der Übersetzungswissenschaft. Tübingen: Narr, 46-53.
- WOTJAK, G., 1997d: Problem-Solving Strategies in Translation. Em: Hg. W. Lörcher (ed.): Translation Studies in Germany , Ilha do Desterro, no. 33 (Jul/Dez 1977). Florianópolis (Brasilien), 99-114.
- WOTJAK, G., 1998a: Meaning and Concept. Em: B. Lewandowska-Tomaszczyk (ed.): Lexical Semantics, Cognition and Philosophy. Lodz University Press, 139-158.
- WOTJAK, G., 1998b: Zum Beitrag der Bilder zum kommunikativen Sinn der Äußerung. Em: V. Fuchs (Hg.): Von der Unklarheit des Wortes in die Klarheit des Bildes? (Festschrift für Johannes Thiele). Tübingen: Stauffenburg, 89-106.
- WOTJAK, G., 1998c: En torno a la traducción de unidades fraseológicas (con ejemplos tomados del español y del alemán). Em: M. Hummel/C. Ossenkop (Hgg.): Lusitanica et Romanica. Festschrift für Dieter Woll. Beiheft 1 zu Romanistik in Geschichte und Gegenwart. Hamburg: Helmut Buske, 227-244.
- WOTJAK, G., 1998d: Zur Übersetzung als Mittlerin zwischen den Kulturen im Westen und Osten Europas. Em: Atti del Convegno «Verso un'Unione Europea allargata ad Est: Quale ruolo per la traduzione? (Trieste, 27. /28.5.1996); Quaderni di Libri e Riviste d'Italia, no. 37. Trieste, 93-135.
- WOTJAK, G., 1998e: ¿Cómo tratar las unidades fraseológicas en el diccionario? Em: G.Wotjak (ed.): Estudios de fraseología y fraseografía del español actual. Frankfurt: Vervuert (=Lingüística Iberoamericana, 6), 307-322.
- WOTJAK, G., 1998f: Acerca del potencial comunicativo de las unidades fraseológicas (UF) idiomáticas y no-idiomáticas. Em: Cicle de conferències 97-97. Institut de Lingüística Aplicada. Univ. Pompeu Fabra, 155-180.
- WOTJAK, G., 1998g: Aspectos cognitivos de la traducción. Em: Actas del III Congreso Internacional de traductología. Univ. Autònoma de Bellaterra/Barcelona, 259-278.
- WOTJAK, G., 1999a: Welches Wissen braucht der Übersetzer? Em: A.Gil/ J. Haller/ E. Steiner/ H.Gerzymisch-Arbogast (Hrsg.): Modelle der Translation. Peter Lang, Frankfurt et al., 543-561.

- WOTJAK, G., 1999b: Algunas consideraciones acerca de estrategias y técnicas traduccionales. Em: Alberto Álvarez Lugrís/Anxo Fernández Ocampo (eds.): *anovar/anosar estudios de traducción e interpretación*; vol. 1. Universidade de Vigo: Servicio de Publicacións (= Actas del Ier Congreso de traductología), 331-344.
- WOTJAK, G., 2000: War das die Leipziger Übersetzungswissenschaftliche Schule? Em: P.A.Schmitt (ed.): *Paradigmenwechsel in der Translation. Festschrift für Albrecht Neubert zum 70. Geburtstag*. Tübingen: Stauffenburg, 279-304.
- WOTJAK, G., 2002: *La Escuela traductológica de Leipzig*. Universidad Complutense (no prelo).

ÍNDICE

NOTA DE APRESENTAÇÃO.....	3
DIATHÈSE ET ASPECT EN FRANÇAIS CONTEMPORAIN Sílvia Lima Gonçalves Araújo	5
IS 'MEANING' PUBLIC PROPERTY OR INTERNAL? AN EXAMINATION OF PUTNAM'S (1975) ARGUMENTS AGAINST A PSYCHO-INDIVIDUALIST CONCEPTION OF MEANING Pilar P. Barbosa	39
AS PALAVRAS E O TEMPO: EMPRÉSTIMOS LEXICAIS NO INGLÊS MÉDIO Isabel Ermida.....	55
O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS COMPARATIVAS CONDICIONAIS INDEPENDENTES Joaquim Fonseca	81
O REGISTO DE VARIANTES LINGUÍSTICAS NO <i>DICTIONARIUM LUSITANICOLATINUM</i> (1611) Brian F. Head.....	127
TEXTOS DE PROSA LITERÁRIA ESCRITOS EM PORTUGUÊS DO SÉCULO XV: A EDIÇÃO DO <i>TRACTADO DAS MEDITAÇÕES</i> DO PSEUDO-BERNARDO Aida Sampaio Lemos	163
RENOVAÇÃO DOS DISCURSOS – NOVAS FORMAS DE INTERACÇÃO E LEGITIMAÇÃO DOS INTERLOCUTORES Maria Aldina Marques	189
COMPOSICIONALIDADE, ASSIMETRIAS E DUALIDADE DE FUNÇÕES Vítor Moura	221
APELIDOS PORTUGUESES (CONCELHO DE BRAGA). « <i>Vá pelos seus dedos</i> » António Pereira.....	235

<i>EXCESSOS DE/(A)LINGUAGEM: O MANIFESTO ESTÉTICO COMO DISCURSO PANFLETÁRIO</i>	
M. Emília Lopes Pereira	251
<i>PROBLEMAS DE CRÍTICA TEXTUAL NO AEGIDIUS SCALLABITANUS DE ANDRÉ DE RESENDE</i>	
Virgínia Soares Pereira	269
<i>LINGUÍSTICA E ENSINO DA LÍNGUA: PARA UMA DEFINIÇÃO DA GRAMÁTICA ESCOLAR</i>	
António Carvalho da Silva	289
<i>A INFORMAÇÃO SOBRE A CATEGORIA GRAMATICAL NOS DICIONÁRIOS BILINGUES</i>	
Álvaro Iriarte Sanromán	319
<i>NAS ORIGENS DA EXPRESSÃO ESCRITA GALEGO-PORTUGUESA. Documentos do século XII</i>	
José António Souto Cabo	329
<i>O Q É Q É + IMPORTT N1 MSG? (Mensagens SMS e novos usos da escrita)</i>	
José Teixeira	387
<i>A ESCOLA TRADUTOLÓGICA DE LEIPZIG: TESTEMUNHO DE UM COLABORADOR NÃO DIRECTAMENTE ENVOLVIDO</i>	
Gerd Wotjak	407
RECENSÕES	431